TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Do Desenho Sentimental à “Platea Urbs”

Stefani Mihaela Roman

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2020

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Do Desenho Sentimental à “Platea Urbs”

Stefani Mihaela Roman

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Doutora Paula Cristina André dos Ramos Pinto, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Agradecimentos

Este trabalho é o reflexo de uma longa viagem. Uma viagem de descoberta, onde não só foi possível encontrar novas paisagens como também um percurso de inúmeros desafios, incertezas, alegrias e alguns percalços pelo caminho. Contudo, apesar do processo solitário a que qualquer estudante em quarentena está destinado, este reúne vários contributos indispensáveis. Desta forma a realização deste trabalho só foi possível com o apoio de várias pessoas, aos quais dedico o projeto. Assim, só me resta expressar os meus agradecimentos aos:

- Um agradecimento especial aos meus orientadores Paula Cristina André dos Ramos Pinto e José Luís Possolo de Saldanha quer pela disponibilidade, como simpatia, compreensão, conhecimento e perseverança demonstrados ao longo do decorrer do trabalho. Principalmente toda a confiança, paciência e encorajamento à autonomia, que me incentivaram a procurar e descobrir o meu percurso. Assim como pelo apoio teórico com que sempre me acompanharam. Com eles tive o privilégio de aprender e a ter sempre um elevado e rigoroso nível científico, um interesse permanente, uma visão crítica e oportuna, um empenho inexcedível, saudável e exigente, contribuíndo para enriquecer, com grande dedicação o trabalho realizado.

- À minha família, por me terem acompanhado não só durante este ano mas ao longo de todo o meu percurso académico. Contei com o apoio e interesse em todas as decisões que tomei (boas ou más) e que sempre compreenderam algumas das minhas ausências e maus-humores. Aos meus pais, mais especificamente, pelo esforço e por me incentivarem a seguir o sonho de me tornar arquiteta. À minha mãe pela sensibilidade, por me saber tranquilizar nos momentos mais difíceis. Ao meu pai pela paciência e confiança incansáveis. Ao meu irmãozinho por me proporcionar momentos de diversão e brincadeiras mesmo nas alturas mais críticas deste percurso. À minha avó por escutar horas a fio as minhas divagações sobre os projetos. Por fim, à Silvia e Rafael, um agradecimento especial, que mesmo à distância, sempre me incentivaram a ultrapassar os desafios e alcançar sucesso nos meus trabalhos.

- Aos funcionários do Arquivo do Museu do Desporto, Anne Stroobant e equipa, pela simpatia e disponibilidade. Agradeço incansavelmente a disponibilização das fotografias referentes ao Estádio Nacional.

- Aos funcionários do Arquivo do Forte de Sacavém e de Oeiras, especialmente a João Nuno Martins Reis, pela paciência e disponibilidade demonstrada sempre que me dirigi a estes organismos para realizar pesquisas referentes ao trabalho.

- As funcionárias do Estádio Nacional por “nos abrirem as portas”, a visita guiada e apoio quer nas críticas construtivas face às nossas apresentações como também aos vários materiais que nos cederam.

- Aos funcionários da Biblioteca Nacional e de Oeiras, que mesmo em época de pandemia sempre me auxiliarem nas descobertas das diversas referências bibliográficas.

Resumo

O conceito de paisagem enquanto gerador de projeto tem conduzido a uma ambivalência contextual, entre o seu carácter mais visual e o sistema de relações que a constituem. Analisou-se o território como ponto de partida para o projeto, numa tentativa de solucionar as rupturas urbanas e por oposição criar continuidade. A investigação surge na sequência do estudo do Complexo Desportivo do Vale do Jamor, área com características muito peculiares em relação à sua paisagem e topografia.

Uma paisagem caracterizada um cenário povoado por reminiscências de paisagens de outrora, que o plano do Estádio Nacional absorveu. Assume-se a paisagem como uma construção cultural, um palimpseto, resultante de uma concepção temporal na qual os diversos elementos estão interligados no espaço e no tempo. O (re)-olhar para as pré-existências, como fragmentos de uma realidade de outrora, é reavivar os seus valores, as suas memórias e a sua função urbana na articulação entre o complexo, a envolvente e a cidade, como um todo. Entende-se a paisagem do Jamor como um meio que estabelece um profícuo diálogo entre passado e presente, enquanto nos aponta os caminhos para o futuro. A paisagem é o produto complexo resultante das diversas metamorfoses, e não apenas de uma imagem. Desta forma a área de intervenção acopla dois conceitos-chaves: paisagem e território. Ambos são complementares, na medida em que, a concepção da paisagem resulta da construção do território. Entende-se o território como um sistema, formado por elementos inter-relacionados que o configuram, como um conjunto de componentes interdependentes que constituem um todo, ao invés de uma mera soma de partes. Põe-se em evidência uma visão unitária do território, através do estudo da implantação de uma constelação de mirantes que pretende valorizar pontos de vista privilegiados sobre a paisagem. Pretende-se assim, uma continuidade com a cidade, uma topografia sentimental, ou seja, um sistema que interligado com a memória crie uma paisagem do tempo.

Os Miradouros são construções que possibilitam um conjunto de pontos de vista (mirantes) sobre o território. Construções que funcionam como um momento suspenso no tempo, onde se revelam os vários estratos temporais do território. Imagens de um tempo ambíguo e elemento de leitura territorial evocado por um dispositivo que enaltece o carácter multi sensorial da sua percepção, promovendo o cruzamento do cenário observado com a própria experiência física do observador, onde os fragmentos visuais, sonoros, olfativos e tácteis se fundem num todo. A proposta de projeto procura uma re-interpretação e re-invenção da paisagem tal como se tratasse de uma geografia afectiva. Do desenho sentimental à "Platea Urbs" advém do observar e interpretar a arqueologia da paisagem do Vale, de forma a enaltecer o seu carácter multi-sensorial.

Palavras-Chaves: Miradouro; Território; Palimpsesto; Paisagem; Vale do Jamor;

Abstract

The concept of landscape as a project generator has led to a contextual ambivalence, between the visual character and the system of relations that constitute it. The territory was analysed as a starting point for the project, in an attempt to resolve urban ruptures and by opposition to create continuity. The research emerges from the analysis of Jamor Valley Sports Complex, an area of very peculiar characteristics in relation to its landscape and topography.

The landscape is characterised by a balance between past and present. A scenery populated by reminiscences of former landscapes, which the National Stadium plan has absorbed. Considering the concept of Landscape as a cultural concept, a palimpsest, resulting from a temporal construction in which the various elements are interconnected in space and time. By (re)-looking at pre-existences, as fragments of a former reality, is to revive values, memories and urban function in the articulation between the complex, the surroundings and the city as a whole. Jamor's landscape is understood as a mean of establishing a fruitful dialogue between past and present, while pointing to the future. The landscape is the complex result attainded from various metamorphoses and not just an image. In this way the area of intervention combines two key concepts: landscape and territory. Both are complementary, because landscape results through the construction of the territory. The territory is understood as a system, made up of interrelated elements that configure it, a set of interdependent elements that constitute the whole, rather than a mere sum of parts. A unitary vision of the territory is attained through the study and implementation of a constellation of viewpoints that aim to enhance privileged views of the landscape. The proposal is intended to provide continuity with the city by developing a sentimental topography, a system that interconnected with memory creates a landscape of time.

The Viewpoints as constructions allows a set of points of view over the territory. Constructions that function as a moment suspended in time, where the various time layers of the territory are revealed. Images of an ambiguous time and an element for territorial reading evoked by a device that enhances the multi-sensorial character of its perception, which promotes the crossing between the observed scenario and the observer's own physical experience, where the visual, sound, olfactory and tactile fragments merge into a whole. The project proposal seeks a re-interpretation and re-invention of Jamor landscape as if it were an affective geography. From sentimental drawing to "Platea Urbs" comes from observing and interpreting the archaeology of the valley's landscape in order to enhance its multi-sensorial character.

Keywords: Viewpoint; Territory; Palimpsest; Landscape;

Paisagens, quero-as comigo
Paisagens, quero-as comigo
Paisagens, quadros que são...
Ondular louro do trigo,
Faróis de sóis que sigo,
Céu mau, juncos, solidão...

Umas pela mão de Deus,
Outras pelas mãos das fadas,
Outras por acasos meus,
Outras por lembranças dadas...

Paisagens... Recordações,
Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
Algures foi o que é,
No ciclo das sensações.

Paisagens... Enfim, o teor
Da que está aqui é a rua
Onde ao sol bom do torpor
Que na alma se me insinua
Não vejo nada melhor.[1]

1 PESSOA, Fernando - **Poesias Inéditas (1930-1935).** Lisboa: Ática, 1955. p.35. (Consultado em 16/4/2020). Disponível em: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3460.pdf

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Índice

Agradecimentos.....V
Resumo.....IX
Abstract.....X

I| Introdução
tema - problema - objetivos.....17
recorte temporal.....33
metodologia.....35
estado da arte.....39
bibliografia específica.....39
quadro conceptual.....42
estrutura do ensaio.....57
contributos.....59

II| Composição de um tema.....**61**
Área de Intervenção.....63
Trabalho de grupo.....89
Transcender barreiras.....97
Concepção da paisagem através da construção do território.....109

III| Concepção da paisagem.....**115**
Análise morfológica do lugar.....117
Lugar, paisagem e identidade.....127
Arqueologia da paisagem.....139
Paisagem actual.....177
Cidade dos Mirantes.....181

IV| Construir a paisagem na paisagem.....189
Mirantes como revelação da Paisagem.....191
Mirantes e eixos visuais.....211
Percurso e a experiência dos sentidos.....219

V| Memórias descritivas de uma Constelação de Mirantes...**233**

VI| Bibliografia.....**267**

VII| Cronologia.....**283**

VIII| Índice e Créditos de Imagens.....**417**

IX| Anexos.....**445**

X| Apêndices.....**457**

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Fig.1. Construção do Estádio Nacional e Colina de Santa Catarina, 1940. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 52-a);

I| Introdução

No âmbito da Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, no presente ano letivo de 2019/2020, do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, e com base num enquadramento teórico de realização dos Jogos Olímpicos 2020 nesta cidade, foi solicitado a adequação do atual Complexo do Jamor a este novo pressuposto. Perante este enquadramento foram analisados diversas competições desportivas internacionais, em que se evidenciou que existe um aumento desmesurado da escala construtiva dos complexos necessários para albergar o crescimento exponencial destes eventos e da logística associada. Estes complexos por vezes não são proporcionais ao próprio local de intervenção. Um exemplo disto foi a "(…) escolha do Qatar como palco dessa competição, que obrigará à realização dessa prova, pela primeira vez, no fim do ano civil, entre 21 de novembro e 18 de dezembro. O Qatar é um estado absolutista e hereditário, com a área de 11.437 km2 (ligeiramente maior que o Distrito de Beja (…) a população qatari não alcança 2 milhões de habitantes: número muito aquém do total de ingresso para as partidas dessa prova (…)"[1]. Desta forma torna-se claro a importância do desenho destes complexos e como os mesmos se devem integrar na própria lógica da cidade. Neste contexto considerou-se o alargamento da realização das provas à escala da cidade, mantendo como epicentro o Vale do Jamor[2] (Anexo A), e assim desenvolver um plano de intervenção e adaptação quer das acessibilidades bem como dos seus equipamentos e espaços públicos. Numa primeira fase do projecto abordou-se em grupo uma estratégia de intervenção, tendo como objetivo a articulação dos sistemas de acessibilidades e a implantação de equipamentos.

Nesta primeira fase efectuaram-se em grupo visitas ao local, nas quais foram pesquisados, identificados e compreendidos os elementos mais pertinentes para uma proposta de intervenção geral. Esta investigação originou uma síntese cronológica que assinala e interliga os acontecimentos internacionais, os Jogos Olímpicos, o Estado Novo, a evolução urbana de Lisboa e por

1 SALDANHA, José - Projecto Final de Arquitectura. 2019/2020. (Anexo A).
2 SALDANHA, José - Projecto Final de Arquitectura. 2019/2020. (Anexo A).



Fig.2. Projeto Estádio Nacional de Jacobetty Rosa. 1939. Exposto na Exposição Permanente do Museu do Desporto;

fim, evolução do vale do Jamor[3]. Isto permitiu contextualizar o vale e a cidade de Lisboa na atualidade em relação à sua evolução no tempo, como também, identificar nesse passado, acontecimentos que poderão ser reinventados de modo a responder às atuais necessidades da cidade. Assim, a abordagem em grupo procurou não só responder a uma estratégia para os Jogos Olímpicos, mas principalmente no que aconteceria no pós-jogos. Esta proposta teve como base o caso de Estocolmo de 1912, onde foram utilizadas as instalações já existentes, construídas no início do século XX, de modo a que os Jogos Olímpicos não fossem apenas realizados num único complexo, mas que pudessem ser espalhados por toda a cidade. Esta análise potenciou a ideia de que as instalações desportivas a utilizar não se localizassem apenas no Complexo Desportivo do Jamor, mas pudessem ser utilizados equipamentos existentes na cidade de Lisboa de modo a proporcionar uma transformação urbana. Dentro deste panorama foi necessário não só apenas pensar onde colocar as diferentes provas, mas também repensar as acessibilidades da cidade tendo em conta as necessidades atuais, mas também, as ligações ao complexo.

O desenho destas acessibilidades pretende vencer as barreiras que confinam os terrenos do Complexo do Estádio Nacional (delimitados a norte pela auto-estrada (A5), a sul pela estrada marginal e linha férrea, e a oeste, a estrada de ligação entre a A5 e a marginal), permitindo que o Complexo seja parte constituinte da cidade. Assim, baseando-se no estudo desenvolvido sobre a evolução da cidade de Lisboa, incidindo principalmente nas antigas estradas de circunvalação foram projectados novos percursos de transportes públicos, reforçando a memória da cidade com um crescimento delineado. Isto porque recuperar a memória dos limites do crescimento de Lisboa, é aproveitar estrategicamente este esquema articulado de eixos radiais e concêntricos de modo a criar um sistema interligado.

Foi tido em consideração o que acontecerá após a realização dos Jogos Olímpicos. Deste modo a proposta visou a criação de oportunidades de conexão com os bairros periféricos ao Jamor (Linda-a-Pastora e Linda-a-Velha). Assim, assinalaram-se as escolas existentes no bairro e desenharam-se uma série de percursos pedonais concêntricos que procuram desbloquear as barreiras existentes. Estes percursos estão conectados ao eixo verde-azul e a uma nova circulação de vai-e-vem. As novas interligações com

3 GRUPO I - Cronologia. 2019/2020. (Apêndice A).

as referidas instituições e bairros permitirão que os equipamentos do complexo possam ser por eles utilizados.

Considerando-se que a teoria da arquitetura deverá auxiliar e traduzir-se numa aplicação prática em projeto. Este trabalho tem como ponto de partida as questões abordadas em grupo, prodondo-se complementa-lo através da investigação já numa fase individual. Com o intuito de desmantelar as barreiras que constringem o Complexo do Jamor apresentadas no trabalho de grupo, e uma posterior análise dos espaços públicos qualificados inexistentes, escolheu-se como projeto individual a construção de uma série de miradouros que se interligam visualmente e de um conjunto de percursos que os unem, criando um cenário de sistemas.

A proposta de investigação está estritamente ligada à análise da área de intervenção, que tem características muito peculiares em relação à sua paisagem e topografia. Assim, a investigação aborda o tema "paisagem", não com a finalidade de chegar a um entendimento conceptual deste, mas sim com o intuito de desenvolver uma intervenção que construa paisagem, na paisagem. A proposta de intervenção nasce e tem como referência o projeto do miradouro do Alto de Santa Catarina, desenhado em 1943 por Jacobety Rosa. Contudo, a demarcação dos restantes locais resultará de um estudo que identifica espaços que outrora foram marcos importantes no contexto do Vale, mas que atualmente não o são. A segregação do tecido urbano do Jamor, relativamente à sua envolvente, fez com que se perdessem relações de continuidade com o seu entorno. Isto deve-se a uma ausência de elementos articuladores entre espaços e à implantação de diversas barreiras construídas nos seus limites[4]. O sentido do Complexo do Estádio Nacional como um lugar efectivo de encontros e partilha entre indivíduos desvaneceu-se, pois embora estes espaços estivessem contemplados no projeto da construção do Estádio, muitos deles não chegaram a ser concretizados. Espaços públicos, tais como o Miradouro de Santa Catarina, o Miradouro do Grande Estádio, o espaço da Pira Olímpica, parte da Praça de Atletismo, entre outros.

Assim sendo, a proposta individual procura enaltecer a paisagem do Vale tirando partido da sua topografia. Foram demar-

4 JESUS, António - Construção de vedação gera polémica **in Notícias de Amadora.** Amadora: Semanário Popular, 13 de Março de 1999. p.8

NEVES, António - Estádio ergue muro da discórdia **in Jornal A Capital.** Lisboa: M.Guimarães, 7 de Junho de 1999. p.5

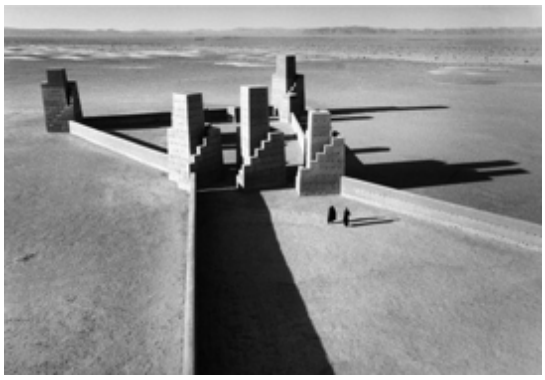


Fig.3. Projeto La Cité d'Orion de Hannsjörg Voth. 1998-2003.

cados os pontos altos das colinas que servem ou já serviram como pontos geodésicos, de modo a criar intervenções que servem como platôs com ligações visuais, unidos por percursos, como se tratasse de uma constelação tridimensional. Na figura 3, apresenta-se a referência do projeto La Cité d'Orion de Hannsjörg Voth que desenha uma constelação de estruturas que comunicam entre si.

Estes mirantes situados em pontos estratégicos na morfologia do território, serão estruturas propostas que pela sua localização irão integrar, transformar e marcar a topografia - reforçando a ideia de pertença a um lugar. Esta ideia de elementos que pontuam a paisagem relaciona-se também com a ideia dos "menires" que "(…) aparecem pela primeira vez na era neolítica e constituem os objetos mais simples e mais densos de significados de toda a Idade da Pedra. O seu seguimento representa a 1ª acção humana de transformação física da paisagem"[5]. Estes espaços servem como lugares de encontro, repouso e contemplação da paisagem proporcionando uma nova circunstância urbana e potenciando uma nova experiência do lugar, revelando-se "espaços para a espera, dispositivos visuais que nos prepararam para encontrar o outro. Cenários dispostos a favorecer a compreensão contemplativa do mundo (…)"[6]. O desenho destes mirantes pretende proporcionar experiências diferentes em cada perspetiva que a cidade oferece, enaltecendo o carácter multi-sensorial da percepção da paisagem, propiciando o cruzamento do cenário observado com a própria experiência física do observador, na qual se fundem os diferentes fragmentos sensoriais: visão, som, cheiro e a textura. Em síntese, o desenho destes pontos pretende funcionar como uma constelação, onde os mirantes criam percursos a diferentes cotas que focam diferentes paisagens.

Por paisagens no contexto do Vale do Jamor, entende-se que a "paisagem de "hoje", corresponde a um produto do passado, constitui um registo de memória coletiva"[7]. O desenho dos pontos

5 CARET, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.52

6 MARÍ, Carlos - **La cambra y el arco.** Barcelona: Fundación Caja de Arquiteto, 2005. p.69

7 RIBEIRO, Orlando - **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.** Coimbra: Coimbra Editora, 1945. (Consultado em 27/2/2020). Disponível na internet: http://purl.pt/421/4/#/9.

propostos busca uma intervenção no território integrado com a paisagem, interpretando-o como um Palimpsesto - "The land, so heaveily charged with traces and with past readings, seems very similar to a palimpsest"[8]. Este conceito pretende demonstrar o facto de que a cidade é feita de várias camadas de tempo. "After two centuries during which land management had know no other formula than that of the tabula rasa, a development concept was designed which no longer considered the land as a quasi-abstract field of operation, but as the result of a very lengthy and very slow transformation which should be understood before acting"[9]. Esta noção de Palimpsesto, permitirá um processo analítico das diversas mutações da paisagem, que possibilite uma intervenção prospectiva e compreensiva do território de modo a criar continuidade. Desta forma permite-se uma relação com a memória que se interligada à paisagem, estabelece relações sensoriais com o espaço.

Assim, torna-se fundamental compreender as relações de paisagem que sempre existiram no contexto do Jamor. Inicialmente nestes terrenos localizavam-se diversos conventos e fortificações, quer no Alto de Santa Catarina de Ribamar, como na colina oposta, e interligadas através de pontes existentes sobre o rio. Já no decorrer do século XVIII e inicio do século XIX surgem implantações de diversos "chalés"[10], também conhecidos como casas de veraneio associados à aristocracia. Apesar de ser conhecido, através de documentação disponível, que a área verde do Vale foi plantada apenas no século XX, a existência destes chalés e quintas possibilita a caracterização destes terrenos como uma paisagem pitoresca, com jardins e pomares, e ainda um conjunto de sons e cheiros associados à natureza, tal como por exemplo, o rio, as aves, as flores, entre outros… "Cruz Quebrada. É uma pequena povoação composta de algumas poucas casas à beira da estrada (…) Tem duas fabricas de cortumes, e um forte denominado da Cruz Quebrada. Está construído este logar na extremidade de um valle, onde corre a ribeira de Jamor, que ahi entra no Tejo por baixo de uma ponte de pedra. Descobrem-se d'este logar para

8 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto **in Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.33

9 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto **in Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.32

10 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963. p.177

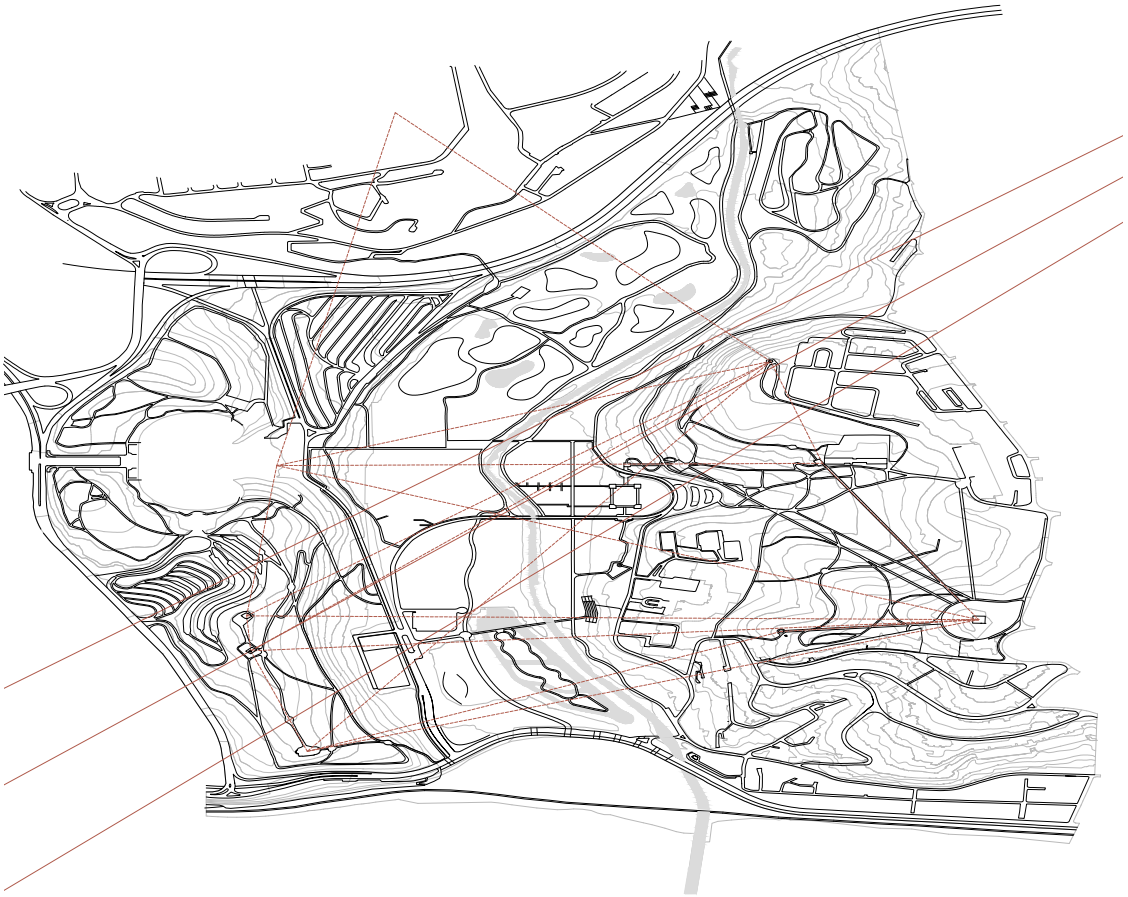


Fig.4. Desenho Mirantes. Desenho elaborado pela autora.

o norte Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide; todas as três mui graciosa e pitorescamente sentadas em terreno accidentado, e cercadas de pomares, prados e collinas bem cultivados”[11].

Ou até mesmo as cores associadas a vários elementos que compunham este quadro pitoresco - “(…)até à Cruz Quebrada à beiramar, sendo atravessado pelo rio Jamor, e formando um trato de terreno preciosissimo; (…) o de Linda Velha, apertado entre elevados montes de um terreno argillocalcareo, muito bem cultivado e de uma prodigiosa fecundidade ; o Valle de Cano, quasi da mesma natureza do de Linda Velha, e que, também apertado entre montes, vae terminar à Boa Viagem.(…) Aves tem muitas esta freguesia em suas ribeiras, sendo as mais notáveis entre as que por ahi adejam, a arvoela de peito amarello, enquanto a commum o tem branco, e o picapeixes, talvez no nosso pais a ave de mais linda plumagem; em seus bosques, povoados de muitas especies, que com seus gorgeios fazem na primavera passar horas de doce enlevo a quem as escuta; e em seus montes, em que também diversas especies alegram com seus cantos mais simples, mas de algumas temem muito estendidos e variados. Em vegetação abundantíssima esta freguezia, cujo terreno feracissmo (…) sendo admirável a quantidade de variadissimas flores de que na primavera se matizastes campos (…) fazer ampla colheita n’esses jardins naturaes, que também muito enlevam os estrangeiros que ás vezes com suas famílias por aqui vem folgar”[12].

A chegada da linha de comboio em 1889, ocasiona melhor acesso e possibilita o transporte de mercadorias influenciando a industrialização da zona. Desta forma aparecem unidades fabris, tal como a antiga Fábrica da Sola - “Luís Godinho construíra uma fábrica de curtumes, na margem direita do Jamor, que lhe empestava os ares” [13]. Esta fábrica foi posteriormente substituído pela Lusalite e a Fábrica dos Fermentos Holandeses.

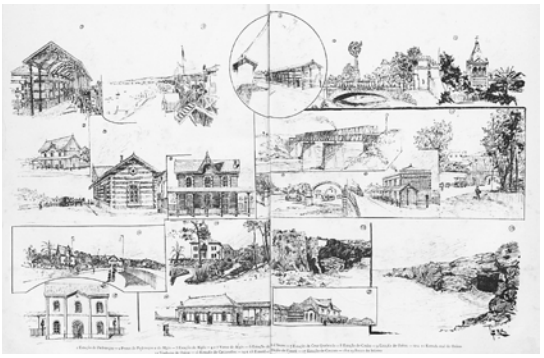


Fig.5. Caminhos de Ferro Portugueses. Fonte: COSTA, L.de Mendonça - Caminhos de Ferro Portugueses **in Revista O Occidente.** Vol.XII. Nº392. Lisboa: Empreza do Occidente, 11 de Novembro de 1889. p.393.

11 BARBOSA, L. de Viliena - Fragmentos de um roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa **in Arquivo Pittoresco: Seminário Ilustrado.** Lisboa: Typ. de Castro & Irmão. Vol.6, nº47 (1863). p.371 e 372

12 FIGUEIRA, Francisco da Silva - **Os Primeiros Trabalhos Literarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. p.49

13 ASCHER, Branca de Conta Colaço - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943. p.23

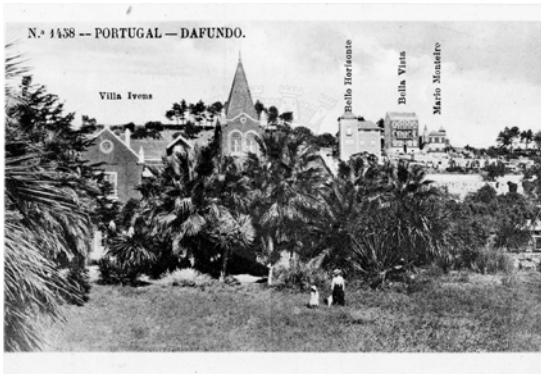


Fig.6. Chalet Ivens. Fonte: Postais Ilustrados Coimbra e Filhas. 1915.



Fig.7. Dafundo, Avenida Ivens. Fonte: Postais Ilustrados Coimbra e Filhas. 1926.



Fig.8. Paisagem junto ao Jamor. Fonte: Carnaxide: Paisagem junto ao Jamor. Union Postale Universelle. 1900.



Fig.9. Praia da Cruz Quebrada. Fonte: Cruz Quebrada 1, Praia. Union Postale Universelle, 1906.



Fig.10. Rio Jamor. Fonte: Pap. Typ. de Paulo Guedes & Saraiva. Portugal: Cruz Quebrada - Rio Jamor in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Editorial Caminho. 1997;

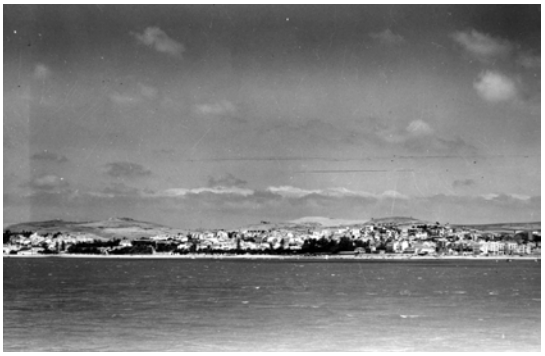


Fig.11. Panorâmica sobre Algés e Dafundo. Autor: FERRARI, Amadeu. 1940.

No século XX, inicia-se a cons-trução da Estrada Marginal, e em meados de 1933, surge a necessidade de construção de um Estádio Nacional para o desenvolvimento do desporto. Salazar anuncia no seu célebre discurso (fig.12) proferido no terreiro do paço:

"Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio!

Com estas palavras terminou o Sr. Dr. Oliveira Salazar o seu discurso quando, numa apoteótica parada em que tomaram parte todos os agrupamentos desportivos da capital, o Terreiro do Paço se encheu de uma verdadeira multidão de atletas devidamente uniformizados e medalhados que iam pedir ao chefe do Governo aquilo que todos os países civilizados já possuem e sem o que não pode preparar-se convenientemente a mocidade no que respeita à educação física: um Estádio (…)"[14].

O Complexo do Estádio Nacional foi integrado numa das mais importantes acções urbanísticas realizadas pelo Estado Novo[15]. Com o intuito de celebrar o duplo centenário e albergar os Jogos Olímpicos, em 1935 foi aberto um concurso para a sua construção. Apesar da proposta de António Varela e Jorge Segurado para a implantação do estádio na atual Cidade Universitária[16], o concurso visava a construção deste no Vale do Jamor sendo a implementação neste local importante, pois contribuiu para a consolidação do eixo turístico e de expansão da "Linha do Estoril". No regulamento a Comissão Administrativa do Estádio solicitava a articulação do complexo com a marginal e a futura auto-estrada, ou alternativamente através das linhas do elétrico e do comboio permitindo que o projeto estivesse conectado ao centro da cidade[17].

O resultado do concurso adjudicou o projeto ao arquiteto Jorge Segurado, todavia após um estudo/crítica de Caldeira Cabral relativo à inadequação do projeto em diversos aspetos (tais como

14 CRUZ, Luís - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p.11.

15 Comissão Administrativa das Obras do Estádio de Lisboa. Programa do Concurso. Retirado Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 3

16 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p.542.

17 Comissão Administrativa das Obras do Estádio de Lisboa. Programa do Concurso. Retirado Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 3



Fig.12. Discurso de Salazar. Fonte: **O Notícias Ilustrado.** Nº287. Lisboa: Diário de Notícias, 10 de Dezembro de 1933.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

os ventos predominantes, solos, circulações, entre outros…), este último é convidado para desenvolver o projeto em detrimento do primeiro. Apesar do contraste que se pode verificar nestes dois projetos, é possível compreender que ambos se preocuparam com a questão da paisagem de modo muito distinto. Na proposta de Jorge Segurado, "é visível pelos traçados das avenidas ajardinadas articuladas em forma de tridente uma formulação classicista, que é reforçada pelo seu papel de "espinhas dorsais" da composição e da circulação. Criando assim um forte sentido de atualidade perpétuo sobre o Estádio. (…) apresenta uma importante preocupação com a paisagem, o que não obstou a que esses traçados se apresentassem sob uma formulação classicista"[18]. Enquanto que a proposta de Caldeira Cabral procura "ter o carácter de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida da natureza através da vegetação do parque. Além desta razão fundamental a favor da criação de uma zona de vegetação em torno do Estádio outras se poderiam aduzir como protecção contra o vento, ensombramento, etc."[19]. Em 1939, o projeto passa ao cargo de Jacobetty Rosa que o conclui, sendo autor de diversos equipamentos e nomeadamente dos Miradouros no Alto de Santa Catarina e no Alto da Boa Viagem.

Em 1940, a construção do estádio exigiu a expropriação de várias quintas localizadas ao longo do vale, provocando mais uma vez uma alteração significativa da paisagem da mesma. Com a morte de Duarte Pacheco, esta paisagem idealizada acabou por nunca ser construída na sua totalidade ficando por se edificar uma série de espaços públicos, equipamentos e eixos de ligação concêntricos que permitiam que o rio não se torna-se uma barreira.

Por fim, entre 1998 e 1999 procede-se à demolição da estação de comboio para dar lugar à construção do edifício referente às piscinas olímpicas.

Este trabalho tem como objetivo principal reforçar a importância do estudo do "lugar"[20] para o projeto, reconhecendo a

18 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade da Lusíada, 2003. Tese de doutoramento. p.546 e 547.
19 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. Tese de Mestrado. p.62.
20 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jaco-**

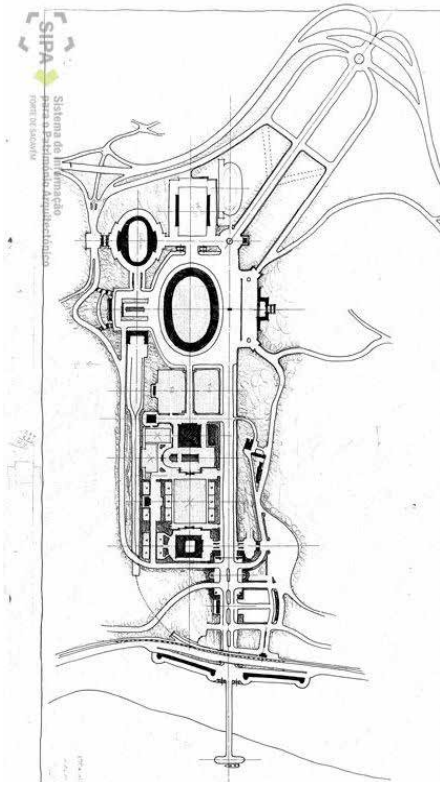


Fig.13. Proposta de Jorge Segurado. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.



Fig.14. Proposta de Calderia Cabral. Exposto na exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

sua memória de modo a poder valorizá-la, não com o objetivo de uma mímese que recupera ambientes perdidos, mas para desenhar um projeto de vivências atuais que reaviva as qualidades perdidas desse espaço no tempo. Tendo como objectivo desenhar o sistema de miradouros, desenvolveu-se um estudo aprofundado do local de intervenção de modo a compreender e analisar a dinâmica da paisagem *in locus*. Desta forma, tal como no filme *Power of Ten* (Fig.15) de Charles and Ray Eames, a análise partiu de uma escala abrangente fazendo zoom-ins progressivos quer a nível temporal como espacial.

O objetivo desta investigação incidirá na análise de diferentes apropriações da paisagem interligadas com o desenho da cidade, baseado num enquadramento teórico para o desenvolvimento do projeto. Pretende-se chegar a uma proposta que enquadre uma continuidade compreendendo e desenvolvendo uma topografia sentimental, um sistema na qual se interliga a memória do lugar, uma paisagem do tempo. Uma intervenção onde se procura valorizar a importância do espaço público/coletivo na sua dimensão experimental e relacional.

betty Rosa e a sua época. Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. Tese de Mestrado. p.62.

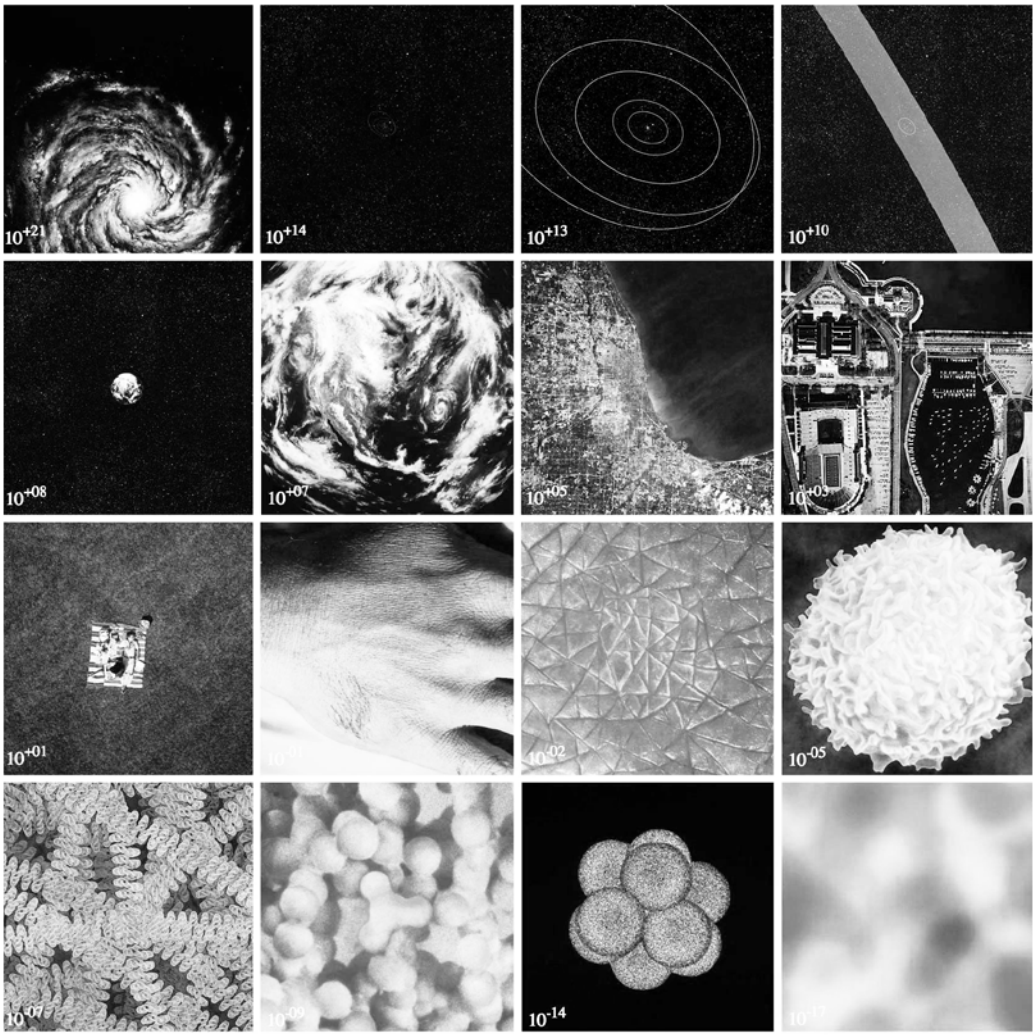


Fig.15. Imagens retiradas do filme "Power of Ten". Fonte: EAMES, Charles and Ray - **"Power of Ten"**. 1968.

Recorte Temporal

O ensaio incidirá essencialmente entre o Período Calcolítico e 1987. Apesar do estudo do Período Calcolítico provir de levantamentos arqueológicos realizados no século XIX[21], este torna-se relevante pois permitiu descobrir as grutas ao longo do rio Jamor, e indícios de povoações no alto de Santa Catarina. Nos séculos XVI a XVII, centra-se a atenção sobre a implantação do Convento de Santa Catarina de Ribamar e a Ponte de Cruz Quebrada. Já entre o século XVII e XVIII, o foco será na implantação dos fortes pertencentes à linha de defesa marítima de Lisboa e o Convento da Boa Viagem. No que diz respeito ao século XVIII e XIX, os factos mais relevantes prendem-se com a implantação de diversos "chalés" também conhecidos como casas de veraneio e fábricas. Por fim, no século XX, será a construção do Estádio Nacional (1939), e o estudo posterior de transformação no Complexo do atual Estádio Nacional (1987-1992).

O estudo estende-se igualmente à contemporaniedade como base de projeto.

21 CARDOSO, João - Materiais Arqueológicos inéditos das Grutas de Carnaxide (Oeiras) **in Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.5. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1995. p.71

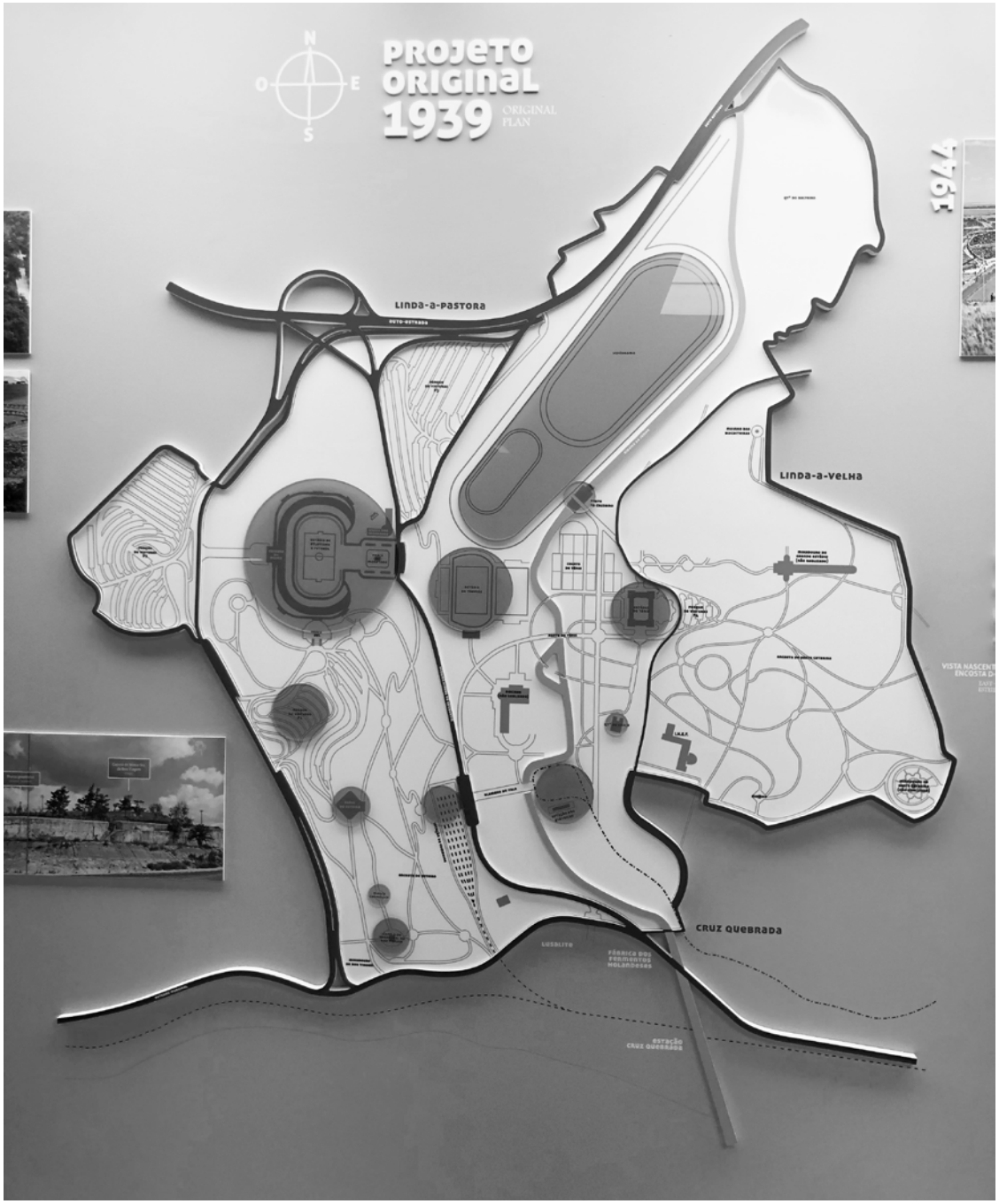


Fig.16. Planta do Projeto Original, 1939. Exposto na exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Metodologia

Com o intuito de concretizar os objectivos acima apresentados, elege-se uma abordagem ao tema em estudo através de uma leitura que tem subjacente um processo analítico. Numa primeira fase, após a construção de um quadro teórico e de enquadramento através de fontes bibliográficas de diversos autores apresentados no estado da arte, a investigação realiza um estudo aprofundado sobre as diferentes metamorfoses da paisagem no Vale do Jamor. Assim sendo, esta análise resultou da consulta de fontes primárias e secundárias.

No que diz respeito às fontes primárias, foi dada primazia à leitura do próprio local, e não obstante foi consultada documentação nos arquivos do Forte de Sacavém (SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Direcção Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura), da Câmara Municipal de Oeiras, a Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Geral do Ordenamento e Território, Cinemateca Portuguesa, Museus do Desporto e Nacional do Azulejo, Bibliotecas do ISCTE-IUL, Municipal de Oeiras, Biblioteca Nacional, Municipal de Mafra e Fundação Calouste Gulbenkian.

A documentação encontrada é diversa, englobando desenhos de projetos, peças de teatro, bibliografias escritas, iconografia, cartografia, notícias de jornais, pinturas, fotografias e filmes que possibilitaram a construção de uma cronologia (no capítulo VII) que serviu de fio condutor para a compreensão da paisagem da área de estudo. De entre esta diversidade de fontes, destacam-se os documentos encontrados no SIPA, referentes aos Espólios de Caldeira Cabral e Jacobetty Rosa. Nestes estão integrados não só desenhos dos projetos do Estádio Nacional que foram concretizados, como também as propostas não concretizadas, anotações e correspondências que permitem compreender o processo e evolução do projeto. Foi também consultado no Arquivo Municipal de Oeiras desenhos de projeto anteriores ao Estádio Nacional.

A cartografia, foi um instrumento fundamental para os processos de análise, e foi inicialmente retirada da obra "Cartografia de Oeiras: 4 Séculos de Representação do Território"[22] da autoria

22 BOIÇA, Joaquim - Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara

de Joaquim Manuel Ferreira Boiça. Todavia, a cartografia e cartas militares pertinentes foram consultadas presencialmente e no arquivo on-line da Biblioteca Nacional e Arquivo Militar. Fizeram parte da investigação fontes bibliográficas, nas quais destacam-se tanto os autores de época tal como diversos recortes de notícias de várias épocas que em conjunto com as restantes documentações proporcionaram a compreensão das paisagens no decorrer dos séculos. Através destas referências bibliográficas foi possível descobrir outras fontes, tal como por exemplo, a peça de teatro de Almeida Garrett[23], referências literárias nas obras de Eça de Queiroz, ou ainda, o pintor Emérico Nunes que pintou inúmeros quadros representativos do Vale do Jamor, inclusivamente vistas no Caracol de Santa Catarina[24] (fig.18), onde se pretende implantar o miradouro. Além destas, foram encontradas várias outras pinturas representativas do Vale do Jamor, nomeadamente do Mario Augusto[25] (fig.17).

A consulta no Museu do Desporto proporcionou a descoberta de fotografias e vários quadros de plantas aguareladas que representavam o Vale antes, durante e depois da construção do Estádio Nacional, de acordo com o plano proposto em 1939. No arquivo do Museu foi possível recolher diversas fotografias de época, desenhos e memórias descritivas referentes aos projetos de Jacobetty Rosa.

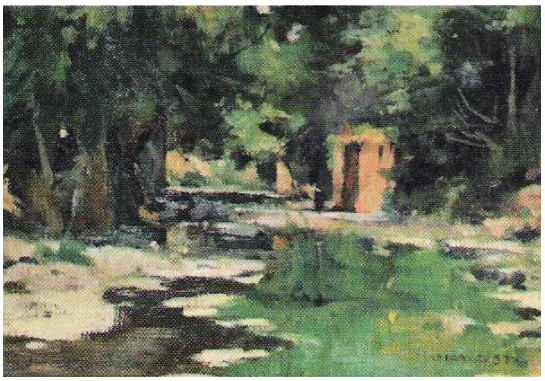


Fig.17. Quadro "O Rio Jamor" de Mario Augusto. 1926.

Também foi possível recolher informações da evolução e projeto do Estádio Nacional na exposição de iniciativa do Museu presente no Centro Interpretativo do Jamor, onde destaco a maquete de 198- da autoria do Arquiteto José Roxo, referente ao Vale pré Estádio Nacional (fig.19). Já a visita ao Museu Nacional do Azulejo e à Biblioteca Nacional permitiu recolher material iconográfico referentes ao local de intervenção.

Também foram utilizadas fotografias pertencentes ao Arquivos Municipais de Oeiras e Lisboa, fotografias aéreas consul-

Municipal de Oeiras, 2003.

23 GARRETT, Almeida - O Noivado no Dáfundo ou cada terra com seu urso, cada rosa com seu fuso **in Theatro.** Vol.5. Lisboa: Escriptório do Theatro Moderno, 1858.

24 NUNES, Emérico - **Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no Alto de Santa Catarina.** 1888-1968.

25 AUGUSTO, Mário - **O rio Jamor.** 1926.

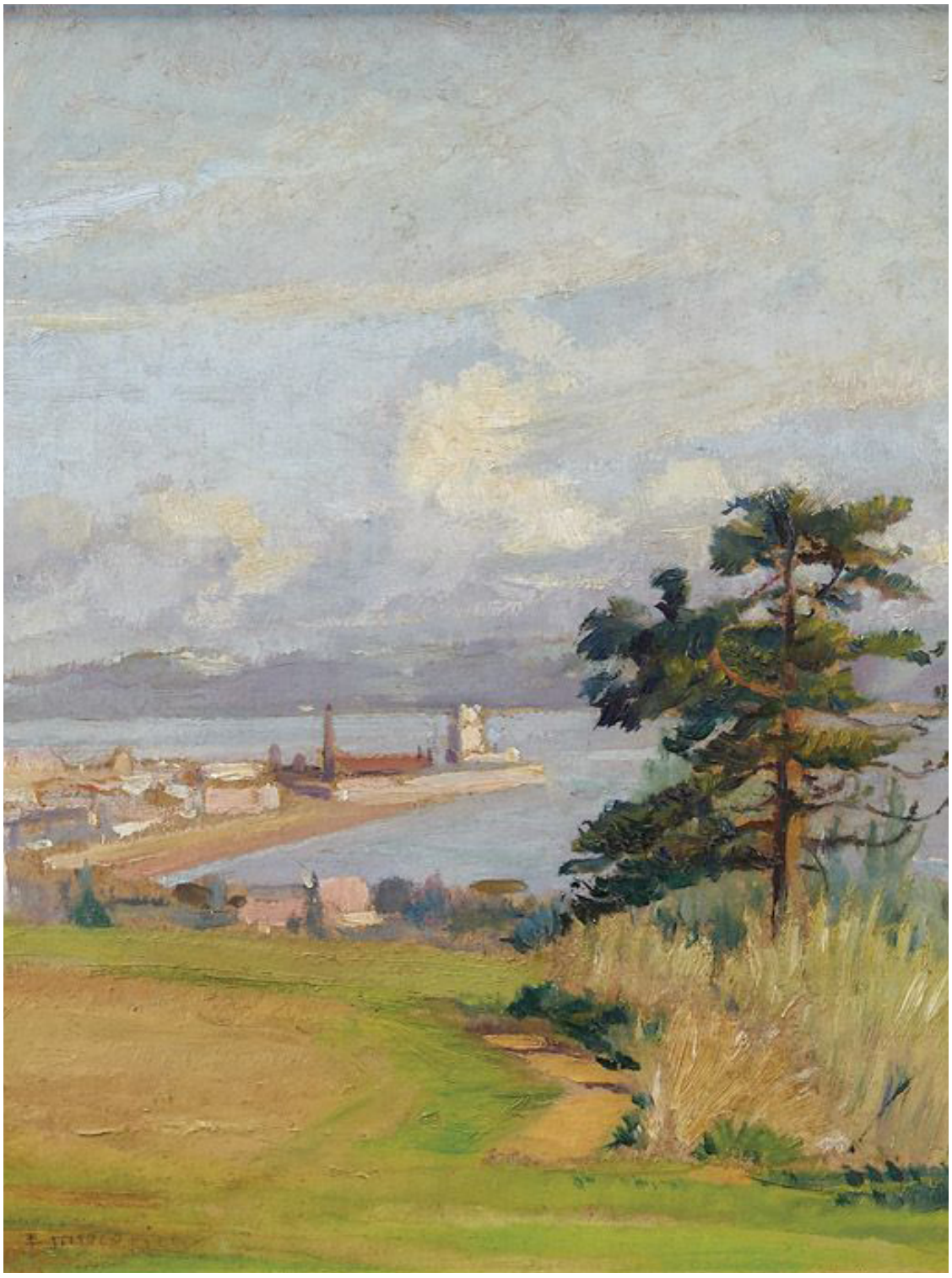


Fig.18. Quadro Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no alto de Santa Catarina de Emmerico Nunes. 1888-1968.

tadas na Direcção Geral do Ordenamento e Território e uma fotografia aérea retirada da obra "Elucidário de alguma Oeiras" de Jaime Casimiro. Destaca-se também a utilização como objeto de estudo e comparação de imagens atuais capturadas pela autora. É de salientar, o recurso a postais antigos retirados dos Arquivos Municipais de Lisboa e Oeiras, como também de diversificadas fontes bibliográficas.



Fig.19. Vale do Jamor pré-Estádio Nacional. Maquete do Arquiteto José Roxo. 198-.

A consulta no arquivo-digital da Cinemateca permitiu reunir uma colectânea de filmes de época que retratam a paisagem do local de intervenção. Estas fontes em conjunto com as anteriormente apresentadas possibilitaram a construção da análise das diferentes camadas da paisagem do Vale do Jamor.

As fontes secundárias são resultantes de diversas investigações com base em teses de mestrado, doutoramento, artigos científicos, livros e uma conferência com o intuito de construir um quadro de bibliografia crítica. Estes documentos auxiliaram na estrutura e elaboração do ensaio e na aquisição de informação e conceitos operativos.

Por fim é de salientar, que o ensaio segue a "Norma Portuguesa 405" para a referenciação bibliográfica. Já nas citações transcritas optou-se por apresentar conforme o original para um melhor entendimento do mesmo.

Durante o desenvolvimento do ensaio, foram identificadas várias obras sobre o contexto do Vale do Jamor, contudo a informação disponível encontra-se dispersa e muitas vezes incide apenas na construção do Estádio Nacional. Das fontes referidas gostaria de realçar as obras que tiveram mais importância para a contextualização da área de intervenção:

-*O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época*[26], dissertação de mestrado de Luís André Salgueiro Freire da Cruz, onde é apresentado um enquadramento do Estádio Nacional, uma interpretação da tramitação dos diferentes projectos e construções que permitiram a concretização do Complexo, com enfoque nos projetos do arquiteto Miguel Jacobetty Rosa.

-*Património desportivo e musealização: Elementos para um projeto de musealização do Estádio Nacional*[27], dissertação de mestrado de Anne Philip Rita Stroobant Santos. Neste trabalho apesar de o enfoque ser o estudo das potencialidades museológicas do Estádio Nacional, é apresentado no Capítulo III um diagnóstico do contexto histórico do Estádio, que vai desde a sua génese até à atualidade.

-*Do Lugar à Obra: cinco equipamentos desportivos portugueses*[28], dissertação de mestrado de José João Cruz Dias Mendanha, resultou de uma análise a diversos estádios nacionais, onde num dos capítulos é referenciado brevemente a contextualização da evolução da construção do Estádio Nacional, nomeadamente as diferentes propostas apresentadas em concurso.

-*Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A*

26 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua época**. Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. Tese de Mestrado.
27 SANTOS, Anne - **Património desportivo e musealização: Elementos para um projeto de musealização do Estádio Nacional.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011. Tese de Mestrado.
28 MENDANHA, José - **Do Lugar à Obra: cinco equipamentos desportivos portugueses.** Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013. Tese de Mestrado.

Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado[29], dissertação de doutoramento de Andreia Galvão, resultou de uma investigação sobre os inúmeros projetos e propostas do Jorge Segurado. Entre eles encontra-se a proposta do arquiteto para a construção do Estádio, vencedor do concurso que posteriormente foi substituído, ficando o desenho do complexo no encargo de Caldeira Cabral. Destaca-se uma análise significativa às subsequentes propostas de Jorge Segurado desde o plano geral de uma Cidade Olímpica, Lisboa/Campo Grande (1934)[30] apresentado por ele e António Varela até ao plano geral do Complexo do Estádio Nacional no Vale do Jamor (1935)[31]. O estudo demonstra "a sua visão mecânica e funcional do planeamento, combinada com uma perspetiva monumental e artística da cidade"[32].

-*Elucidário de alguma Oeiras*[33], obra de Jaime Casimiro que apresenta uma compilação de crónicas associadas ao município de Oeiras. Entre eles destaco no âmbito da investigação, o texto "Quando a Ribeira de Algés foi até Belém" que em conjunto com uma fotografia aérea de 1944 demonstra o percurso do Rio Jamor que desaguava em Belém. Ou ainda, textos como "Fortificações do litoral oeirense", "A memória dos moinhos", "As pontes de Frei Rodrigo", "Boa Viagem, o que era e se pretende venha a ser", "O Forte de Santa Catarina, na Cruz Quebrada" e "Santa Catarina de Ribamar" que permitem identificar construções existentes e paisagens no Vale antes da construção do Estádio Nacional.

-*O Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História*[34], de Gilberto Monteiro é uma compilação de artigos publicados du-

29 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento.
30 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p.542.
31 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p.549.
32 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p.562.
33 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010.
34 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963.

rante dez anos, nos folhetins para o jornal da Fábrica de Fermentos Holandeses. Em 1963, a Direcção da fábrica decidiu patrocinar a edição do referido volume, em agradecimento aos serviços prestados como médico nas instalações. O livro retrata "micro-universos" da Cruz Quebrada, que no seu conjunto nos permitem obter uma visão mais abrangente da evolução histórica do Jamor. Esta obra é relevante para a pesquisa na medida em que narra um forte sentido de identidade e de recuperação de vivências locais e pessoais.

-*Os Primeiros Trabalhos Literários*[35], do Padre Francisco Figueira é descrito a topografia, história e ainda, uma análise estatística da freguesia de Carnaxide. Destaco para trabalho a descrição da ambiência pitoresca do Jamor.

35 FIGUEIRA, Francisco - **Os Primeira Trabalhos Litterarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865.

Este trabalho relaciona-se fundamentalmente com a paisagem e a topografia. Deste modo, para a compreensão dos conceitos operativos primordiais do ensaio, nomeadamente a paisagem e o seu desenho sentimental salientam-se as seguintes obras:

-*A Sentimental Topography*[36], neste texto de Dimitri Pikionis relata um breve e intenso encontro com uma pedra que "fala" por todos os poros, a descrição cresce na imaginação do arquiteto até converter-se numa metáfora da paisagem[37]: "Me agacho y cojo una piedra. La acaricio con la mirada, con los dedos. Es un trozo de piedra caliza. El fuego forjó su forma divina. El agua la esculpió y la dotó de un fino revestimiento de arcilla, con manchas alternas de blanco y amarillo rojizo ferruginoso. Le doy vueltas entre mis manos, estudio la armonía de sus contornos. Me emociona la manera en que los entrantes y salientes, la luz y la sombra se equilibran en la superficie…Sus superficies laterales se convierten en laderas de colinas, en crestas en nobles precipicios. Sus huecos en grutas de cuyas grietas fluyen hilillos de agua. Ella configura los contornos del paisaje. Ella es el paisaje"[38]. A pedra considerada como a matéria principal para projetar a paisagem torna-se a protagonista absoluta desta, que posteriormente trespassou para o projeto do percurso para a Acrópole. "Es bastante si la mirada atenta a lo que hay ayuda a poner de manifiesto el principio que la naturaleza quiere enseñarnos: nada existe por si mismo, todo es parte de una armonía total. Todas las cosas están conectadas pues todas están afectadas y cambiadas las unas por las otras. Podemos aprehender una cosa sólo con la intermediación de todo lo demás"[39]. Destaca-se a importância do texto para a compreensão da interligação da paisagem com a topografia e a memória do lugar.

36 PIKIONIS, Dimitri - A Sentimental Topography **in Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: a sentimental topography.** London: Architectural Association, 1989.
37 ÁLVAREZ, Darío - El Paisaje como obra de Arte total: Dimitris Pikionis y el entorno de la Acrópolis **in Revista de Arquitectura.** Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2011. p.38 e 39
38 PIKIONIS, Dimitri - A Sentimental Topography **in Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: a sentimental topography.** London: Architectural Association, 1989. p.82
39 PIKIONIS, Dimitri - A Sentimental Topography **in Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: a sentimental topography.** London: Architectural Association, 1989. p.82

-*The Land as Palimpsest*[40], publicado no livro, *Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio* de André Corboz. Este conceito operativo deriva do pensamento de um território mutável: "The land, so heavily cherged with traces and with past readings, seems very similar to a palimpsest. To set up new developments, to expoli more rationally certain lands, it is often necessary to modify their substance in an irreversible manner"[41]. A sua designação surge dos pergaminhos, onde por necessidade, eram apagados os escritos para se poderem escrever de novo. Contudo, quando se rescreviam, permaneciam presentes vestígios, ainda que muitas vezes imperceptíveis. O palimpsesto é uma metáfora que se justapõe à noção de território, na qual também se sobrepõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis. Refere-se a importância de ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não é visível: o transformado, o desaparecido e o ausente. Como já foi referido anteriormente, este texto foi fundamental para a percepção e interpretação do território como um Palimpsesto. Por sua vez, orien-tou a intervenção como um elemento de continuidade temporal e espacial.

-*A invenção da Paisagem*[42], obra de Anne Cauquelin traz uma investigação em relação aos principais aspetos que circundam essa invenção. A autora afirma que a paisagem advém da "elaboração das leis da perspectiva"[43] que empregues à pintura, vão originar e legitimar o conceito de paisagem. "Parece que se deu um salto que leva mais longe que a mera possibilidade de representação gráfica dos lugares e dos objetos, que é um salto de outra espécie: uma ordem que se instaura, a da equivalência entre um artifício e a natureza. Para os ocidentais que somos, a paisagem é, com efeito justamente "da natureza". A imagem, construída sobre a ilusão da perspectiva, confunde-se com aquilo de que ela seria, a imagem. Legítima, a perspectiva também é chamada de artificial. O que, então, é legitimado é o transporte da imagem para o original, uma valendo pelo outro. Mais até: ela seria a única imagem-realidade possível, aderiria perfeitamente ao conceito de natureza, sem distanciamento. A paisagem não é uma metáfora para

40 CORBOZ, André - **Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2015.
41 CORBOZ, André - **Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Argentina: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.33
42 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008.
43 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008. p.35

a natureza, uma maneira de evocá-la; ela é de fato a natureza"[44]. Deste modo, valida-se a ideia de que a paisagem foi pensada e construída como o equivalente da natureza. Todavia, a sua percepção depende da representação que se fez na pintura a partir do século XV, que com a vontade de representar o natural recorre-se a um artifício permanente. Outro aspeto importante abordado no texto é a percepção de que os olhos captam a luz, mas a imagem formada é um processo complexo que deriva de indivíduo para indivíduo, e que o entendimento advém de vários processos mentais, principalmente a memória. "Só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto"[45]. É essencial destacar na obra o entendimento da paisagem e da percepção da mesma.

-*Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*[46], obra de Orlando Ribeiro é fundamental para o ensaio, pois narra uma relação entre a topografia e as diversas paisagens de Portugal. É também importante, este estudo, pois o autor salienta a cultura e memória relacionada com a topografia. É apresentada uma perspetiva que Portugal é moldado por duas influências - o Mediterrâneo e o Atlântico - que diferem tanto no seu aspeto físico, como também cultural. Deste modo, designa a divisão de três regiões, duas claramente influenciadas por relações marítimas (Atlântica e Mediterrânea), e uma terceira que corresponde a uma faixa interior de proximidade ao centro da Península Ibérica. Orlando Ribeiro identifica cada uma destas regiões com uma paisagem própria, decorrente de uma imagem construída ao longo de vários séculos.

-*A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos*[47], livro de Camillo Sitte onde se descreve a cidade como uma obra de arte, e não apenas um conjunto de espaços que atendem a necessidades técnicas. Ao retratar a cidade, Sitte baseia-se na teoria Aristotélica, em que se defende que a cidade deve ser construída para tornar o "homem seguro e feliz", e que para tal deve-se utilizar os princípios da técnica e da estética da construção urbana[48]. Sitte define a praça como o elemento mais importante da cidade onde decorrem os acontecimentos públicos. Todavia,

44 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008. p.38
45 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008. p.96
46 RIBEIRO, Orlando - **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.** Coimbra: Coimbra Editora, 1945. (Consultado em 27/2/2020). Disponível na internet: http://purl.pt/421/4/#/9.
47 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965.
48 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965. p.3

critica as funções desta na sua época, como meros espaços de circulação de ar e luz. Existindo apenas como uma interrupção no construído, ou um vazio com o único intuito de criar um campo de visão mais amplo para a contemplação de um edifício monumental[49]. "Today we designate as a "plaza" (or "public square") even the empty space which is formed when a building lot bordered by four streets remains unbuilt. This might hold true for hygienic and other technical considerations, but from the artistic point of view a merely unbuilt piece of ground in not yet a city plaza"[50]. Outro conceito importante apresentado por Sitte é a noção de pitoresco onde valoriza a assimetria, a irregularidade, a espontaneidade e a perspectiva. "Straight roads are necessary today and are often of very imposing effect. What we condemn is their mechanical employment of the terrain or other local circumstances. If the meandering line is more picturesque, the straight one is more monumental"[51]. Derivada desta noção o modelo progressista de ruas retas causa monotonia e não valoriza a beleza e a espontaneidade, sendo assim a irregularidade das ruas é essencial.

-*Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional de Gorongosa: Paisagem Natural versus Cultural - análise critica do território*[52], dissertação de doutoramento de Pedro Jorge Marques de Lemos Cordeiro, contextualiza a relevância da intervenção do arquiteto no território, apontando definições do conceito de paisagem, e a diferença entre a "paisagem cultural" ou "natural".

-*Para a Critica da Paisagem*[53], dissertação de doutoramento de Maria Teresa Lencastre de Melo Breiner Andresen, na especialidade de Ciências Aplicadas ao Ambiente. Apresenta uma investigação densa sobre a diferença entre natureza e paisagem, nomeadamente, a origem e evolução do termo - paisagem. "Por paisagem, embora sendo um termo etimológicamente originado na pintura, entende-se a resultante da interacção espacial e temporal

49 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965. p.5
50 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965. p.32
51 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965. p.67
52 CORDEIRO, Pedro - **Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional de Gorongosa: Paisagem Natural versus Cultural - análise critica do território.** Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2015. Tese de Doutoramento.
53 ANDRESEN, Maria - **Para a Critica da Paisagem.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992. Tese de Doutoramento.

da relação entre um dos seus componentes bióticos - o ser humano - e os restantes componentes, que é o repositório da expressão da evolução da relação entre os seres humanos e a natureza"[54]. Este estudo têm como objetivo a caracterização da paisagem recorrendo às metodologias e critérios da ecologia ponderando os problemas ambientais da atualidade.

-*Construir sobre o Palimpsesto: A importância da compreensão da arquitetura como um processo para o desenho de projeto, aplicado ao território de Alenquer*[55], dissertação de Mestrado de Jéssica Gouveia Morgado. Neste ensaio é dado uma continuidade ao conceito de Cidade Palimpsesto apresentado por André Corboz na sua obra "Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio", onde é considerada a cidade contemporânea como uma composição de várias cidades, sobrepostas umas sobre as outras. A autora da tese procura desenvolver um estudo que demonstre que é necessário uma interpretação do tempo presente como uma "contribuição à cidade, as intervenções como modo, não de refazer ou apagar o passado, mas de recuperar o valor deste, numa atitude progressista do mesmo"[56].

-*Eroding the Palimpsest: Landscape, cinema and the site of history*[57], dissertação de Mestrado de Ian Jacob Soroka, na especialidade de Arte, Cultura e Tecnologia. Apesar do ensaio ter o enfoque em cinematografia, com a procura de capturar um lugar através da lente assumindo noções do que este lugar já foi, o autor aborda a compreensão do tema da paisagem como um palimpsesto. - "found his paradigm of clues to be a means to articulate my practice in relation to a landscape that is dynamic and palimpsestic"[58]. Interpretação da paisagem existente como um ciclo incompleto, com apenas vestígios do que existia antes. Não é apenas um ponto de vista que se afirma no espaço, também possui um significado na sua essência como um "objeto revelado" que é ape-

54 ANDRESEN, Maria - **Para a Critica da Paisagem.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992. Tese de Doutoramento. p.4.

55 MORGADO, Jéssica - **Construir sobre o Palimpsesto: A importância da compreensão da arquitetura como um processo para o desenho de projeto, aplicado ao território de Alenquer.** Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2017. Tese de Mestrado.

56 MORGADO, Jéssica - **Construir sobre o Palimpsesto: A importância da compreensão da arquitetura como um processo para o desenho de projeto, aplicado ao território de Alenquer.** Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa, 2017. Tese de Mestrado. p.4.

57 SOROKA, Ian - **Eroding the Palimpsest: Landscape, cinema and the site of history.** Boulder: University of Colorado, 2009. Tese de Mestrado.

58 SOROKA, Ian - **Eroding the Palimpsest: Landscape, cinema and the site of his-**

nas revelado por quem o experiência: “My ideas about landscape shifted in the filming process somehow from the more traditional view of landscape, that much like the map, landscape is a view that claims and locates space; to a belief that landscape has meaning in its essence as an object revealed, but only through who is experiencingit, how, and with what clues, as echoed by Fischinger in 1927”[59].

-*The concept of the Outlook Tower in the work of Patrick Geddes*[60], dissertação de Pós-graduação de Michael Cuthbert. Embora, o autor apresente uma vasta investigação sobre a importância de Patrick Geddes na cultura da Escócia, apresenta também no Capitulo II - O regionalismo de Patrick Geddes, e no Capitulo IV - um estudo sobre o “Outlook Tower” desenhado pelo mesmo. Este ensaio é importante para o desenvolvimento do tema na medida em que a relata o projeto da mesma, que detém um extremo interesse como pedagogia e contemplação do território e paisagem urbana. “Geddes recommended that on entering the visitor should proceed at once to the terrace roof where the immediate, the dramatic panorama of the city and its surrounding countryside, could be viewed in all directions. From the vision of the empirical world of man and natura in its unity and seen in natural light (…)”[61].

-*Lugar y arquitectura. Reflexión de la esencia de la arquitetura a través de la nóción de lugar*[62], artigo de Laura Gallardo Frías. A autora desenvolve uma investigação sobre a noção de “lugar” e a sua importância para a concepção da arquitetura, apresentada através de um diálogo entre diversos autores de diferentes disciplinas como a filosofia, a antropologia, a literatura e a arquitectura. Neste texto “se propone la reflexión acerca de la esencia de la arquitectura, revisando para ello el concepto de Lugar, afín de revalorizar el dónde nos encontramos, dónde estamos: el ser-ahí-en lugar. Así, se pone de manifiesto la importancia del compromiso ético de una investigación continuada sobre la significación de la arquitectura, entendiendo la ética como necesidad de reflexión acerca de la fuente, del fundamento, y para ello se propone la mi-

tory. Boulder: University of Colorado, 2009. Tese de Mestrado. p.22.

59 SOROKA, Ian - **Eroding the Palimpsest: Landscape, cinema and the site of history.** Boulder: University of Colorado, 2009. Tese de Mestrado. p.20.

60 CUTHBERT, Michael - **The concept of the Outlook Tower in the work of Patrick Geddes.** St Andrews: University of St Andrews, 1987. Tese de Pós-graduação.

61 CUTHBERT, Michael - **The concept of the Outlook Tower in the work of Patrick Geddes.** St Andrews: University of St Andrews, 1987. Tese de Pós-graduação. p.127.

62 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, nº2 (2013).

rada desde el lugar, considerándolo una de las finalidades de la arquitectura(…)"[63]. Para tal é construída uma síntese de quatro características principais que se relacionam com o lugar e a arquitectura. São estas: o ser humano, totalidade, limites e identidade. Ainda que o artigo no seu todo tenha extrema relevância para o ensaio deve-se salientar dois aspetos. A referência do quadro "S. Jerónimo" de Dürer, que ao colocar as mãos sobre ambos os crânios, revela uma relação evidente entre o "lugar tátil" e "lugar do pensamento"[64]. Outro aspeto é a importância de conhecer aprofundadamente o território de intervenção. A autora cita Paul Valéry[65] dizendo que "el autor señala que mientras una pintura o una escultura se encargan de cubrir una porción del espacio, la arquitectura es una "magnitud completa", tanto su interior como sus alrededores.[66] Denota la presencia de los límites, que los compara con la orilla del mar: siempre cambiante y con olas, pone como ejemplo un navío al que debería crearlo el conocimiento del mar y modelarlo las mismas olas"[67]. Evidencia-se assim que enquanto a pintura/escultura se relaciona com uma porção do espaço, a arquitetura, por outro lado, abrange uma "magnitude completa", sendo necessário conhecer o território minunciosamente.

-*Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage*[68], tese de doutoramento de Carolina Prieto de la Viesca. Este ensaio aborda a intervenção na paisagem referindo que esta independentemente da sua escala deve analisar e compreender as diferentes camadas que a compõem. A paisagem é "composta por uma multiplicidade de visões"[69], todavia muitas tornam-se invisíveis ao contemplarem apenas as suas primeiras camadas e ao ignorarem as suas con-

63 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, nº2 (2013). p.161
64 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, nº2 (2013). p.162
65 VALÉRY, Paul - **Eupalinos o el arquitecto: el alma y la danza.** Madrid, Editorial La Balsa de la Medusa, 2004.
66 VALÉRY, Paul - **Eupalinos o el arquitecto: el alma y la danza.** Madrid, Editorial La Balsa de la Medusa, 2004. p. 38
67 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar**. Arquiteturarevista. Vol.9, nº2 (2013). p.164
68 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento.
69 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

figurações mais profundas[70]. Esta abordagem está diretamente relacionada com o tema deste ensaio, pois a proposta surge e procura trabalhar com as diversas camadas do território criando um projeto de arquitetura de continuidade. A autora esclarece que quando falamos de "territorio consideramos además de la base geológica, el suelo y su relieve, la estructura organizada de una sociedad donde los sistemas se entremezclan para hacer posible el desarrollo social"[71], sendo que a paisagem "es el reflejo y el resultado de la unión del hombre y la naturaleza"[72]. Apesar do ensaio elaborar uma análise aprofundada do percurso genealógico e conceptual que influenciou a visão contemporânea da paisagem, a autora apresenta uma comparação da intervenção territorial com o trabalho desenvolvido por um restaurador. O restaurador que coloca "las variables sobre la mesa de trabajo y analizar el estado de cada una de ellas por separado y en conjunto. La mayoría de las veces, una nueva relectura de la vinculación de los fragmentos mejora el conjunto(…)"[73]. Esta perspetiva é importante para o desenvolvimento do projeto, na medida em que se considerarmos que a paisagem é uma junção de vistas e cada vista corresponde a um fragmento. O projeto terá de procurar com que esses fragmentos possam ser lidos separadamente e em conjunto. Deste modo, procura-se uma multiplicidade de pontos de vista sobre o Vale do Jamor, que por sua vez são partes constituintes de um conjunto de pontos altos que miram o território. Estes geram um novo olhar sobre o Jamor que procura dialogar com a restante cidade.

-*Imortal*[74], manuscrito constituinte de uma colectânea de contos presentes no livro "O Aleph" de Jorge Luís Borges. Este texto apesar de não estar diretamente relacionado com arquitetura, e se tratar de um texto literário que reflete sobre a imortalidade, torna-se pertinente nesta investigação. Saliento em primeiro lugar a epígrafe, "Solomon saith: There is no new thing upon the earth". So that as Plato had an imagination, "that all knowledge

70 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

71 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.15

72 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.15

73 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

74 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007.

was but remembrance"[75]; so Solomon giveth his sentence, "that all novelty is but oblivion", tornando perceptível que não existe nada de novo e tudo se repete, e o se pensa que é novo, na verdade é esquecimento. Se o compararmos com a evolução do território, percebemos que isto se aplica, e este é composto por camadas e processos projectais que por vezes são repetitivos. Outro aspeto do texto é a ideia de limite e descontinuidades - "Disse que a Cidade estava construída sobre uma meseta de pedra. Essa meseta comparável a um alcantilado, não era menos árdua que os muros. Em vão esgotei meus passos; o negro embasamento não registava a menor irregularidade, os muros invariáveis não pareciam consentir uma única porta"[76]. As galerias e labirintos criam a sensação de infinitude. Apenas quando se perde a noção temporal é que "no fundo do corredor, um não previsto muro me barrou os passos, uma remota luz caiu sobre mim"[77], dando a entender o "auge" após a monotonia das galerias que se repetiam, uma arquitetura "pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim"[78]. Verifico de certo modo, uma analogia entre esta percepção e os percursos dos mirantes propostos, que também procuram estabelecer uma relação de arquitetura platónica. O percurso que vai revelando fragmentos da paisagem e quando se chega ao topo "auge" destas estruturas é que se atinge o apogeu e se revela a paisagem no seu todo. Por fim, a impressão de infinitude e a ideia que o tempo congela, "já não posso saber se esse ou aquele traço é transcrição da realidade ou das formas que desatinaram minhas noites"[79], se poderá relacionar com a sensação de ao contemplar a paisagem tudo o resto perde importância, incluindo a noção de tempo.

-*Metodología de análisis del contexto: Aproximación interdisplinar*[80], artigo de Laura Gallardo Frías. O ensaio demonstra uma análise da importância do estudo do contexto para poder estabelecer um diálogo com o projeto, de modo a que este esteja integrado com a envolvente. O ensaio é estruturado segundo um método de análise sintetizado em sete pontos: *genius loci*, relação movimento-sossego, análise sensorial, elementos construtivos existentes, áreas verdes, estudo etnográfico e síntese. "Así, un proyecto arquitectónico debe integrar en su esencia el reposo y el movimiento,

75 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.5
76 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
77 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
78 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
79 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
80 FRIAS, Laura - Metodología de análisis del contexto: Aproximación interdisciplinar **in Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo.** Barcelona, 2015.

permitir la permanencia y la serenidad, y ofrecer la posibilidad de un lugar de sosiego desde donde se aprecie el movimiento del existir, para producir desde la quietud la inquietud del admirar"[81].

-*As Cidades e as Políticas da Memória*[82], tese de mestrado de João Carlos Gomes. Nesta investigação é apresentada uma análise de como as cidades e o seu desenvolvimento se relacionam com as políticas do património e a sua relação com a memória. O autor tal como alguns dos autores anteriormente apresentados, defende que a cidade é uma justaposição de "várias camadas de informação que expressam o seu panorama social, cultural, político e económico"[83]. Apesar do ensaio apresentar um grande enfoque na análise patrimonial é o estudo do conceito de memória que é relevante para a investigação a ser desenvolvida. A relação entre a cidade e a memória é retratada como um "disco rígido de armazenamento de informação. Ela suporta linguagens, registos, que a definem a si e aos seus habitantes. Este tipo de informação, para ser acedido, necessita de um leitor ou descodificador habilitado, o qual geralmente consiste no sujeito, cidadão ou usuário da própria cidade"[84]. Assim, a cidade na sua relação com o indivíduo torna-se numa "produção histórica"[85], constituindo essa relação a base para a identidade do espaço.

-*Portugal o Sabor da Terra*[86], livro de José Mattoso, Suzanne Daveau e Duarte Belo resulta duma investigação que explora os aspetos geográficos do território português e a forma como estes influenciaram as vivências do povo ao longo dos tempos. O livro aborda as seguintes áreas geográficas: Norte, Centro e Sul, sendo que descrevem estas aéreas de modo a evidenciar a diversidade a nível geográfico, paisagístico e tradicional. Para o tema em estudo foi de extrema relevância o prefácio do livro que nos apresenta o conceito de "identidade" do território. "Em termos de <identidade>, nada é simples. (…) O território é o elemento per-

81 FRIAS, Laura - Metodología de análisis del contexto: Aproximación interdisciplinar **in Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo.** Barcelona, 2015. p.2
82 GOMES, João - **As Cidades e as Políticas da Memória.** Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2013. Tese de Mestrado.
83 GOMES, João - **As Cidades e as Políticas da Memória.** Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2013. Tese de Mestrado. p.2
84 GOMES, João - **As Cidades e as Políticas da Memória.** Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2013. Tese de Mestrado. p.34
85 GOMES, João - **As Cidades e as Políticas da Memória.** Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2013. Tese de Mestrado. p.56
86 MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte - **Portugal o Sabor da Terra.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p.5

manente na identidade (…)"[87]. Outro aspeto importante é a recolha fotográfica que é revelada no decorrer do texto e que nos informa acerca da progressiva alteração das paisagens. Entre estas realço, formas de ocupação e domínio do território, aspectos das cidades e da suburbanidade, lugares arqueológicos, arquitecturas e transformações recentes do espaço habitado. Este processo fotográfico procurou contribuir de modo a que seja revelada a "identidade" do país, para a redescoberta das suas regiões e a multiplicidade de paisagens e arquitecturas. "Por isso acentuados a presença da terra e procurámos, por meio da fotografia de paisagens em monumentos, representamos sinais de permanência (…)"[88].

-*Miradouros de Lisboa*[89], um texto de João Vidal publicado na Revista Municipal, aborda uma reflexão sobre os miradouros de Lisboa e a forma como estes surgiram na cidade. Apresenta a cidade com uma orografia bastante complexa. Uma cidade com tais características acidentadas tal como Lisboa "(…) tinha forçosamente de multiplicar-se em miradouros"[90]. É também abordado o conceito de panorama que mira a cidade e sua importância de uma leitura "in loco", "(…) cremos muito fácil a existência <in loco> de <leitores panorâmicos>, isto é, da representação gráfica da silhueta da cidade"[91].

-*Walkscapes: o Caminhar como Prática Estética*[92], de Francisco Careri que narra a evolução da percepção da paisagem através do ato de caminhar: do nomadismo primitivo (menires) às vanguardas artísticas do começo do século XX (do minimalismo à Land Art). O mais pertinente tendo em consideração esta investigação, é não só a perspetiva do ato de caminhar como uma forma de ver paisagens, mas também, do caminhar como modo criativo da paisagem. O autor defende, o "caminhar como forma de inter-

87 MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte - **Portugal o Sabor da Terra.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p.5
88 MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte - **Portugal o Sabor da Terra.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p.5
89 VIDAL, João - Miradouros de Lisboa **in Revista Municipal**. Vol.88, 1º trimestre (1961).
90 VIDAL, João - Miradouros de Lisboa **in Revista Municipal**. Vol.88, 1º trimestre (1961). p.42
91 VIDAL, João - Miradouros de Lisboa **in Revista Municipal**. Vol.88, 1º trimestre (1961). p.45
92 CARERI, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013.

venção urbana"[93] e a "errância como arquitetura da paisagem"[94] ou, como o título do livro revela, o caminhar como uma forma de arte, como uma prática estética. Reflete o ato de "deambular" não só como uma ferramenta de configuração da paisagem, mas também como uma forma autónoma de arte. A efetivação de um "percurso exploratório" é proposto como um instrumento de conhecimento e de modificação física do lugar. O livro estrutura-se em três capítulos, sendo que nestes o autor traça uma análise sobre ação de caminhar, relacionando o seu caráter de prática urbana com as vanguardas artísticas. Todavia é o segundo capítulo que correlaciona com o tema de investigação deste ensaio, na medida em que, aborda a importância do caminhar na Land-Art, através da trajetória de artistas como Richard Long, Walter de Maria, Bruce Nauman e Tony Smith e do debate sobre a confluência entre arte e arquitetura na segunda metade do século XX. Em conjunto com o epílogo auto-titulado de "Transurbância"[95] concluímos a necessidade de pensar num modo de produzir conhecimento enquanto se percorre determinada paisagem, motivando experiências sensíveis que perpassam o estatuto da arte sem, contudo, ancorar-se nele. Ressalto que o conceito de "transurbância" é inventado pelo autor mediante a problemetização sobre os espaços vazios da cidade, propondo uma prática com este nome que prevê a utilização de instrumentos e técnicas para intervir nestes através da identificação dos aspectos efêmeros da paisagem, que atualizam o significado do espaço. "Além dos sistemas de assentamento, dos traçados, das ruas e das casas, existe uma enorme quantidade de espaços vazios que compõem o pano de fundo sobre o qual a cidade se autodefine. São diferentes dos espaços vazios tradicionalmente entendidos como espaços públicos – praças, bulevares, jardins, parques – e formam uma enorme porção de território não construído, utilizada e vivida de modos infinitos e que às vezes resulta absolutamente impenetrável. Os vazios são parte fundamental do sistema urbano e são espaços que habitam a cidade de modo nômade, deslocam-se sempre que o poder tenta impor uma nova ordem"[96].

-*Caminhar e Parar*[97], de Francisco Careri é uma obra que

93 CARERI, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.159
94 CARERI, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.159
95 CARERI, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.156
96 CARERI, Francesco - **Walkscapes: O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.157
97 CARERI, Francesco - **Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

engloba uma coletânea de diversos escritos num longo período de tempo. Este livro é uma continuação da sua obra Walkscapes: o caminhar como prática estética, todavia esta introduz a experiência do parar, uma prática do percurso, recorrendo à metáfora do navegar à deriva e aos portos para pausar. Mais uma vez é retratado o ato de caminhar como instrumento de criação, comparação e transformação do espaço físico. O caminhar não só como forma de aprendizagem de uma realidade que desconhecemos por falta de prática, mas também como uma forma de transgressão que conforma a curiosidade de saber o que existe além dos limites. Contudo para tal é necessário o "parar", isto pois o ato de caminhar só se estabelece quando se coloca numa posição de complemento ao ato de parar, "encara o parar como parte do caminhar, como uma acção que continua querendo ainda ser nômade, uma longa pausa em um percurso que não pode parar"[98] - um deambular pelo território.

Uma "ponte"[99] entre ambos como partes constituintes do mesmo ato, pois parar é perceber durante o percurso a possibilidade de relação e pertença com o lugar. Este "deambular" pelo terrritório apresentado no ensaio "Do Navegar e do Parar"[100] consubstancia a relação com a paisagem no projeto, "(…) em perpétuo movimento - e, portanto, um território do "aqui e agora", como tantas vezes são os fenómenos urbanos (…)"[101].

Outro conceito importante para a investigação deriva do ensaio "De cabeça para Baixo"[102], onde o autor apresenta a relação do caminhar com a paisagem citando Benedetto Croce - "a natureza em si não é paisagem, mas torna-se tal passando a cabeça por baixo das penas, com uma ação cultural do olhar e com uma ação sobre próprio corpo"[103]. Uma paisagem é derivada da interpretação cultural do observador, "é justamente a ação sobre o próprio corpo que permite transformar a natureza em paisagem, o

98 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.7
99 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.7
100 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.31-38
101 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.32
102 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.126-127
103 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.127

espaço em lugar (…) se cria um novo estado das coisas, em que se veem coisas de outra forma invisíveis e ralações entre as coisas, que antes não existiam(…)"[104]. São portanto paisagens "(…) todos aqueles espaços que ainda não conseguimos ver, que se esgueiram de nosso olhar (…)"[105], e para se desvendarem é necessário o ato de caminhar nestes. A única forma de percepcionar a paisagem é através da imersão e experiência direta, "a paisagem nasce abrindo seu caminho na floresta, interpretando os vazios do deserto, caminhando <passando da cabeça por baixo das penas>"[106].

-*Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal*[107], tese de doutoramento de Amanda Marques Conduto. A investigação demonstra uma análise sobre a identidade e as qualidades particulares de cada território que devem "ser objecto de um esforço de preservação, não apenas no sentido de conservação, mas acima de tudo, de (re)interpretação"[108]. O trabalho revela a identificação dos elementos identitários da paisagem urbana da cidade do Funchal como um modo de entender e de praticar arquitectura. Análise e leitura dos mirantes permitiu traçar uma continuidade no fazer e praticar a cidade. "Esta manifestação evoca o desejo de, recorrendo ao passado, equacionar-mos a construção do futuro"[109]. O estudo de relação destes mirantes com a cidade revelou a "narrativa que estes elementos imprimem no território oferece uma (nova) visão sobre a paisagem, um (novo) modo de a percebermos e de nos envolvermos nela, e potencia a criação de uma identidade colectiva capaz de modificar a relação espacial do homem com o seu contexto"[110]. A paisagem do Funchal conjuga a complexidade dos elementos que a constituem num diálogo simbiótico entre natureza e arquitectura, convocando aspetos como a memória, o corpo e a arquitectura. Identifica os mirantes e os respetivos percursos associados como processos de apropriação e mapeamento do território que possibilitam o "reconhecimento,

104 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.127
105 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.127
106 CARERI, Francesco - **Do Navegar e do Parar in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.126
107 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado.
108 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado. p.17
109 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado. p.7
110 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado. p.19

interpretação da paisagem e da perspectiva como um valor cultural"[111]. Deste modo, assume-se a topografia como um instrumento de trabalho de concepção do projecto "potenciando a criação de uma linguagem de espaços mais dialogantes com as características do lugar reforçando, desta forma, a experiência do mesmo"[112].

111 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado.p.19
112 CONDUTO, Amanda - **Memórias de uma cidade-mirante: Pela valorização da paisagem urbana do Funchal.** Porto: Faculdade, 2019. Tese de Mestrado. p.79

Estrutura do Ensaio

De modo a alcançar os objectivos propostos anteriormente, foi delineada uma estrutura de trabalho que se divide-se em três capítulos:

Composição de um tema, com o qual pretende-se contextualizar a área de intervenção e apresentar o trabalho efetuado em grupo. Neste capítulo são manifestadas as premissas que posteriormente originaram a investigação individual.

Concepção da Paisagem, onde se estabelece, com recurso às bibliografias apresentadas, o tema em estudo sobre a leitura do território e da paisagem como processo contínuo de intervenção. Salienta-se primeiramente a leitura do território, seguido pelo estudo da sua paisagem evidenciando as diversas metamorfoses e transformações da mesma com o intuito de reconhecer os vários tempos e ambiências que a cons-tituem. A análise desta evolução é traçada através da análise das fontes primárias, assim como também referências de bibliografia escrita.

Construir a paisagem na paisagem, propõe-se expor as conclusões resultantes da investigação, sendo que o trabalho teórico pretende culminar num projeto concreto que desenvolve os temas enunciados, permitindo que a teoria e a prática contribuam para a mesma finalidade. Assim sendo, apresenta-se a proposta de intervenção que engloba os miradouros e os percursos associados.

Os instrumentos de trabalho essenciais para o desenvolvimento deste estudo são a cronologia das fontes recolhidas nas quais se incluem os documentos dos diversos arquivos, peças de teatro e notícias de jornais encontradas, imagens referentes às iconografias, cartografias, pinturas, fotografias e filmes.

Contributos

A relação da arquitetura interligada à paisagem, de modo a estabelecer relações sensoriais com o espaço é uma área de investigação valorizada mais recentemente. Assim sendo, o tema procura contribuir para o alargamento dessa problemática através da investigação de diversas fontes e as respetivas análises e conclusões.

Também se pretende completar os estudos existentes sobre o Vale do Jamor, principalmente, anterior à construção do Estádio Nacional, com o intuito de que futuras intervenções no território possam ter uma base de informação sobre o desenvolvimento do território. Já a proposta tenciona sensibilizar para a importância da criação de espaço público de modo a que seja possível vencer as barreiras que atualmente delimitam os terrenos do Complexo Nacional do Estádio Nacional.

II| “Composição de um tema”[113]

113 MENEZES, Eleni - **Poemar.** (Consultado em 16/4/2020). Disponível na internet: https://www.pensador.com/frase/MTcxMTMyNw/

Área de Intervenção

"(…) E como o sítio é bonito, lavado de ares. alegres de vistas, cenários de campo com porta para a cidade, muita gente que ali passou ali tornou e ali ficou"[114].

A área de intervenção é referente aos terrenos do Centro Desportivo Nacional do Jamor, actualmente é um grande parque que conjuga diversas atividades físicas e que serve a área metropolitana de Lisboa, sendo um símbolo do desporto nacional. Situada geograficamente no limite leste do Concelho de Oeiras, insere-se, quase na sua totalidade, na Freguesia da Cruz Quebrada, restando uma pequena área na zona poente que se situa na Freguesia de Caxias. Este espaço é actualmente ocupado pelo Complexo Desportivo do Jamor (CDJ) que ocupa uma área com cerca de 250 hectares do Concelho e acolhe um conjunto diversificado de atividades desportivas. Apesar do Vale ser utilizado exclusivamente para as atividades desportivas mencionadas, os concelhos limítrofes acoplados são possuidores de um conjunto de espaços públicos utilizados como espaços de lazer. Esta dualidade de utilizações, ou se quisermos, esta segregação não faz sentido sendo pois o espaço deveria ser considerado como um todo. Um espaço multifuncional que funcionasse como ponto de encontro entre pessoas e comunidades, um ponto de união e não de segregação. A área de estudo encontra-se limitada a Poente pelo estrada de ligação entre a auto-estrada e a Marginal, a Norte pela auto-estrada (A5), assim como a Este até à área de moradias de Santa Catarina, seguindo paralelamente à Ribeira da Junça até encontrar a Estrada Nacional N.º 117-1 e, deste ponto, segue até ao rio, numa linha perpendicular à Estrada Marginal. Deste modo, é ladeada a Poente pela Freguesia de Caxias, a Norte



Fig.20. Carta Militar (2009). Fonte: Carta Militar, Folha 430 Oeiras: 2009.

114 ASCHER, Branca de Conta Colaço - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943. p.104

pelas Freguesias de Queijas, Carnaxide, a nascente por Linda-a-Velha, e a Sul o limite é a margem direita do Rio Tejo.

Os terrenos da área de intervenção são atravessadas pelo Rio Jamor, em que a sua bacia "tem uma forma alongada no sentido norte/sul e na parte norte encontra-se sobretudo distribuída pelos conselhos de Sintra e Odivelas. O conselho da Amadora como que faz a transição para o concelho de Oeiras, a sul. A ribeira nasce na serra da Carragueira, a cerca de 300m de altitude, e na sua parte superior é conhecida por ribeira de Belas. É constituida por vários pequenos afluentes como a ribeira de Carenque ou a ribeira de Venda Seca. A serra de Carnaxide com as <aldeias/cidades> alcandoradas de Linda-a-Pastora e Carnaxide delimita duas unidades distintas: a norte polarizada por Queluz e Belas e a sul vale amplo assente sobre o complexo vulcânico de Lisboa onde predominam largamente os basaltos assentes sobre calcários amargosos"[115].

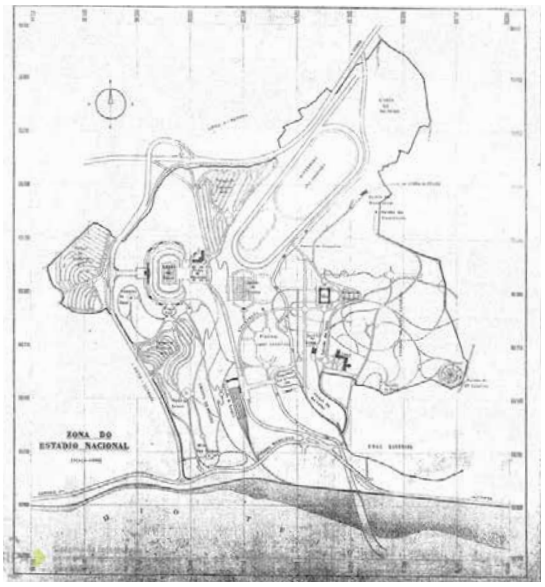


Fig.21. Planta do Vale do Jamor (1939). Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa.

O atual panorama do Vale apesar de ser o reflexo das atividades desportivas fomentadas pela construção do Estádio Nacional, detém diversos fragmentos culturais que revelam a importância do Vale de outrora - "(…) tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa te-rra"[116]. Deste modo a paisagem atual do complexo integra elementos que são remanescências de paisagens de épocas anteriores, tal como por exemplo a passagem do rio Jamor, junto à Cruz Quebrada que beneficiou da construção de uma ponte com o mesmo nome.

"Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pon-

115 ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] **- Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.64

116 GARRETT, Almeida - Linda-a-Pastora **in Romanceiro.** [s.n.]: Edições Vercial, 2014. p.201. Consultado (27/5/20). Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Romanceiro. html?id=gnGAAgAAQBAJ&redir_esc=y

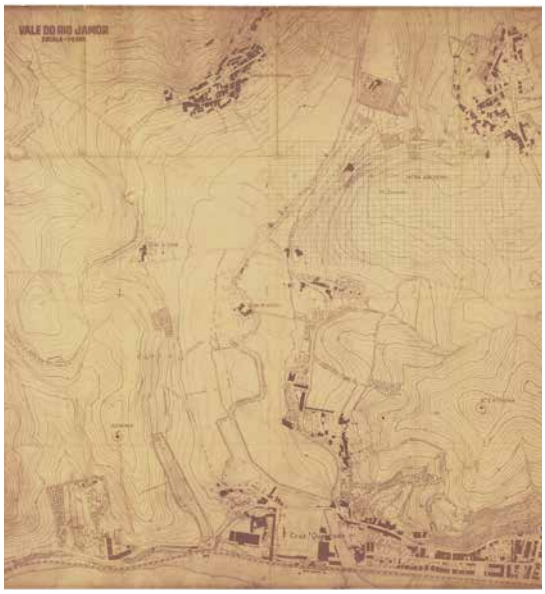


Fig.22. Planta do Vale do Jamor (193-). Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.

tos que tenho nomeado; mas chegando à ribeira do Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em redor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até aos altos onde velejam centenas de moinhos (…)" Estes moinhos, objetos de estudo do projeto individual, oferecem[117] vislumbres de um outro tipo de paisagem de um tempo diferente. Da mesma forma, quer a Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, como a Ermida de Santa Catarina simbolizam vestígios de uma época representativa de uma paisagem conventual. Já as Quintas da Graça, das Biscoiteiras e do Balteiro que em conjunto com os chalés localizados no Dáfundo simbolizam as ruínas de uma época de "vilegiatura"[118].

Mas se continuarmos este percurso temporal e espacial damos mais "uns passos (…) - e é o deslumbramento. O estádio está ali na pureza da pedra branca e viva, na harmonia das linhas regulares e sóbrias, no conjunto forte e sereno. As bancadas descem em hemiciclo até ao tapete verde da pista, onde vão desenrolar-se os combates de velocidade e destreza, os jogos em que há força e agilidade. Aí tremularão, ao vento, bandeiras e insígnias; galhardetes e guiões. Aí desfilarão, em passo ginástico, rapazes novos, homens novos, corpos fortes e sãos. E tudo será, necessariamente, jovem e belo…"[119].

Assim sendo, o Estádio Nacional faz parte de um conjunto de obras construídas durante o regime Salazarista. Com o objectivo de afirmação de uma identidade nacional representa a camada mais contemporânea das metamorfoses da paisagem do Vale.

117 ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.66

118 ANTUNES, Alexandra - **O Veraneio da Família Anjos.** Oeiras : Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.12

119 AUGUSTO, José - Estádio Nacional **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº7. Vol.2. Lisboa: Redação e Administração, 1942. p.3 e 4

Isto pois, a construção do estádio nacional neste espaço "(…) preenchido pela atividade agrícola de subsistência de umas quantas famílias, a construção do Estádio Nacional, no Jamor, transformaria um vale, como qualquer outro, num lugar. Isto é, o espaço onde o vale fluía para o rio, deixaria de ser um espaço indiferente, como tantos outros, para se tornar um local distinto, significativo, a partir do qual se haviam de forjar práticas e representações fundamentais à edificação subtil da própria identidade nacional"[120]. Os equipamentos resultantes deste plano foram o Estádio de Atletismo, a Praça da Maratona, o Miradouro da Boaviagem, os Campos de Treinos, o Complexo de Tennis, o INEF, a Carreira de Tiro. Mas mais importante que os projetos construídos destacam-se os que ficaram apenas propostos, nomeadamente, a Pira Olímpica, o Complexo das Piscinas e os sucessivos Miradouros ao longo das colinas abordados mais aprofundadamente no decorrer dos próximos capítulos.

A implantação do Estádio no Vale do Jamor veio a reforçar o crescimento da cidade de Lisboa para o Oeste. "Situado no Vale do Jamor, (…), constituiu um espaço eleito à ilharga da capital para localizar um dos mais importantes e simbólicos equipamentos do regime. Articulado com a criação do Parque Florestal de Monsanto conforma o "lugar" dos grandes equipamentos nacionais de lazer e desporto. Referenciado à estratégia de desenvolvimento da capital, surge no quadro de expansão privilegiada para poente coordenada com os novos eixos viários vocacionados para infra estruturar a rede do lazer, do turismo, do desenvolvimento privilegiado: da Marginal da Costa do Sol à primeira auto-estrada portuguesa"[121].

É importante salientar a sua articulação com o projeto do Parque Florestal de Monsanto, pois ambos simbolizam o crescimento da importância da arquitetura paisagista enquanto motor para o desenvolvimento de uma cidade que propicia espaços de saúde pública. Este modo de pensar a cidade era relativamente recente na época, tendo surgido poucos anos antes da construção do Estádio Nacional. "O concei-

120 HASSE, Manuela - A Pedra e a Água: O desporto e o Estádio Nacional no processo de Re-significação do espaço e da Natureza, no Estado Novo **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.92

121 TOSTÕES, Ana - A Crítica do Lugar **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.41

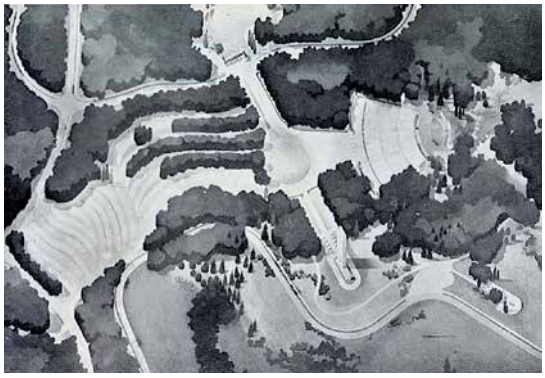


Fig.23. Planta do Parque Florestal de Monsanto (1944). Fonte: TELMO, Cottinelli - Um grande Homem de Acção **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº19. Vol.4. Lisboa: Redação e Administração, Fevereiro de 1944. p.38.

to de espaço verde é recente, na história da evolução urbana. É na proposta elaborada pela Carta de Atenas (1933), associado ao modelo de cidade e como conjunto de espaços com formas, usos e funções variadas, que surge este conceito" [122]. Contudo já em 1868 surge um relatório que expõe a ideia de rearborizar a serra Monsanto, *Relatório acerca da arborização geral do País*, que apontava a necessidade de arborizar a serra de Monsanto de modo a abastecer a cidade de madeira, amenizar o clima e contribuir para a salubridade urbana. "Poderia mesmo lembrar a V.Ex.ª as imediações de Lisboa, toda a Serra de Monsanto que muito conviria arborizar, para mais tarde abastecer a cidade de lenhas e madeiras, amenizando, ao mesmo tempo, a aridez que nota o viajante quando entra no Tejo, vendo de um e outro lado montanhas escalvadas. Seria mesmo para desejar que dentro de Lisboa se fizessem plantações, como são a Costa do Castelo, o Monte, a cêrca do Quartel da Graça onde algumas enfezadas oliveiras poderiam ser substituídas por verdes maciços de arvoredo, que dariam à cidade um aspeto mais risonho e modificariam favoravelmente o clima, contribuindo eficazmente para a salubridade pública"[123].

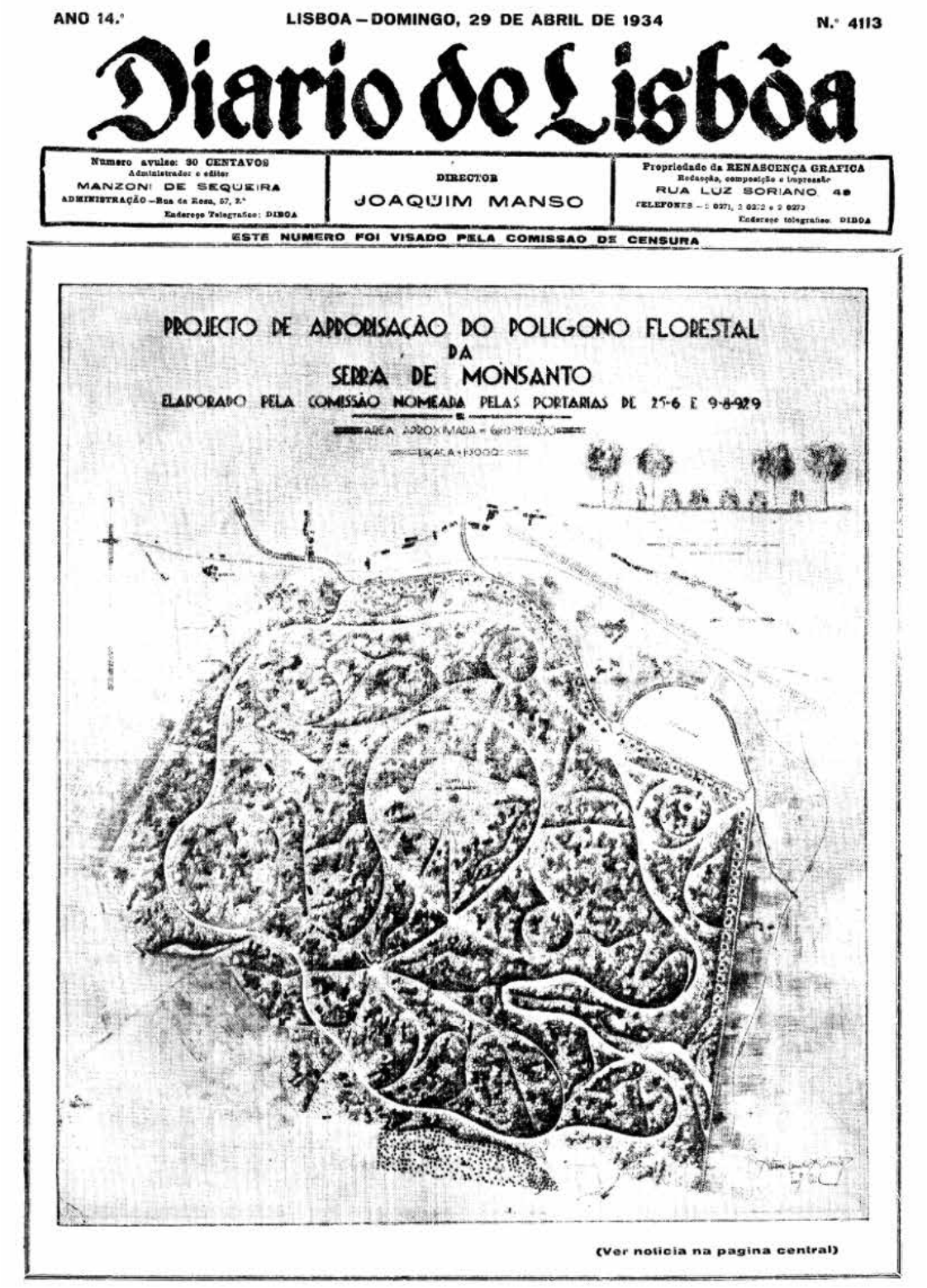
Apesar das diversas propostas para a rearborização de Monsanto, este é apenas posto em execução sob a alçada de Duarte Pacheco numa época onde os estudos da "Eugenia" [124] ganhavam destaque no panorama europeu. Deste modo, é derivado do culto pelo corpo que surge tanto o projeto de Monsanto como o do Estádio Nacional.

"Lisboa é uma das raras cidades da Europa que não possui um bosque onde os seus habitantes possam, nas horas que lhes sobram dos seus labores, oxigenar os pulmões envenenados com os fumos das fábricas e poeiras das oficinas e escritórios, ao mesmo tempo que o seu espirito é delicado com distrações do seu agrado e o seu físico fortificado com exercícios proveitosos.

122 FADIGAS, Leonel - **A Natureza na Cidade: Uma perspectiva para a sua integração no tecido urbano.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 1993. Tese de doutoramento. p. 116

123 DIAS, Jaime - A Serra de Monsanto: Parque Florestal da Cidade **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº20. Lisboa: Redação e Administração, Abril de 1944. p.6

124 GILBERT, Martin **- História do Século XX.** Lisboa: Dom Quixote, 2010.



ANO 14.º LISBOA – DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 1934 N.º 4113

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO 49
TELEFONES – 2 027), 2 02?2 e 2 027?
Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROJECTO DE APPORISAÇÃO DO POLIGONO FLORESTAL
DA
SERRA DE MONSANTO
ELABORADO PELA COMISSÃO NOMEADA PELAS PORTARIAS DE 25-6 E 9-8-929

(Ver noticia na pagina central)

Fig.24. Projeto de Arborização do Poligno Florestal da Serra de Monsanto. Fonte: MANSO, Mário - **Diário de Lisboa.** Nº4113. Ano.14º. Lisboa: Fundação Mário Soares, 29 de Abril de 1934. p.1.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Um parque

na serra de Monsanto

Foi o sr. tenente-coronel Linhares de Lima que, em 1929, sendo ministro da Agricultura, nomeou a comissão encarregada de estudar o plano-geral de arborização a que recentemente nos referimos. Agora, e apenas na sua qualidade de presidente da comissão administrativa do Municipio, está o sr. tenente-coronel Linhares de Lima interessado num plano-geral da cidade que inclui o da arborização da Serra de Monsanto, como adiante se verá das declarações que nos fez o realizador das campanhas do trigo e da hidraulica.

—Quando tomei conta da presidencia do municipio, e me apercebi das suas posibilidades financeiras, limitei-me a anunciar uma administração honesta em que não cabiam promessas de milagres. Este regime cauteloso não podia, porem, excluir o desejo de cuidar da cidade e do seu futuro alargamento.

«E iniciou-se um, com todos os modernos processos, que incluem o levantamento aereo, um plano-geral da cidade, que não existia e que deve estar concluido em julho proximo. No alargamento da cidade entendemos procurar a direcção indicada pelo Tejo, aproveitando a beleza das suas margens e estendendo-a para os lados salubres de Santo Amaro e da Ajuda, sem duvida preferiveis aos das chamadas avenidas novas. Estas nasceram em seu tempo da impossibilidade de galgar o vale de Alcantara, mas, hoje quasi realizada a terra-planagem do caneiro e conhecidos os novos materiais de cimento-armado que permitem faceis viadutos, não ha motivo para não tomarmos a direcção indicada para a cidade.

«Assim, chegando com a avenida da India até Belem, e passando mais alem, começaremos por desafogar a preciosa torre, abrindo á sua volta um amplo largo que será acesso para uma larga e comprida avenida que irá desembocar no centro do poligono florestal de Monsanto.

«E assim — continua o sr. tenente-coronel Linhares de Lima—se junta mais um motivo para a realização da necessidade exposta pelo «Diario de Lisboa»: a da arborização da serra de Monsanto, melhorando o clima da cidade, protegendo-a dos ventos e beneficiando-a com um parque monumental que será o nosso bosque de Bolonha. Para tal utilizaremos o plano da comissão nomeada em 1929 e da qual fez parte o engenheiro da Camara sr. Antonio Abrantes.

«Toda a serra será arborizada, respeitando apenas em torno do posto semaforico uma zona indispensavel á garantia da sua eficiencia. Os moinhos que abundam na serra serão aproveitados para pequenas casas de chá, independentemente da construção dum ou mais pavilhões, á maneira dos que existem no citado bosque de Bolonha, restaurantesw em que cabem até elegantes salas de dansa. E em torno deste grande parque, de acidentado terreno e belos horizontes, haverá uma avenida de onze quilometros de extensão e vinte e dois metros de largura, permitindo quatro pistas para automoveis e, nas laterais, duas para cavaleiros e outras tantas para peões. Esta avenida ligará com o futuro Estadio Nacional e terá comunicação com a outra já referida que do largo da torre de Belem irá ao centro da serra.

«E á volta da serra, ou seja em redor do Parque, continuaremos as edificações da nova Lisboa, aproveitando e seguindo as indicações do Tejo, as desejadas por tantos cronistas e amigos da cidade.


Um parque
na serra de Monsanto

O Sporting Club de Portu

Belenenses, União e Carcavelinhos venceram, respectivamente, Barr

Começaram hoje as

Fig.25. Um parque na Serra de Monsanto. Fonte: MANSO, Mário - **Diário de Lisboa.** Nº4113. Ano.14º. Lisboa: Fundação Mário Soares, 29 de Abril de 1934. p.4.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Foi para remediar este mal que os autores deste projeto conceberam a ideia de rasgar a Avenida da Liberdade prolongando-se atravez do Parque Eduardo VII por uma avenida que fletindo ligeiramente para Oeste o seu eixo sobre o daquela vá até á Luz, o que vai constituir por assim dizer a espinha dorsal do bosque e que cortada por duas outras avenidas que vão, respetivamente, do Casal da Pimenteira ao Campo Grande e da Buraca (Qt.a do Sampaio) ao Campo Pequeno, se cruzam sobre uma grande rotunda em Sete Rios e formam o esqueleto do referido Parque, tendo por limite exterior de NE a NO passando por N, o Campo Grande, Telheiras, Carnide, Benfica, Buraca, e estrada de Monsanto"[125].


O que será o bosque de Lisboa

Um passeio interessantissimo

Fig.26. Notícia sobre o bosque de Lisboa com as fotografias dos Irmãos Mc Bride. Fonte: MANSO, Mário - Diário de Lisboa, , 4 de Fevereiro de 1925

Em 1939, Francisco Keil do Amaral recém regressado a Lisboa após uma viagem pelos parques da Europa, assume o projeto do novo parque urbano, onde pretendia criar "um bosque natural e selvagem com centros de interesse para todas as classes da capital na Serra de Monsanto"[126].

Tal como a localização do Estádio Nacional, a implantação do Parque Florestal de Monsanto é estratégica na medida em que esta se encontrava integrada "no contexto de desenvolvimento da saída ocidental da cidade de acordo com o novo Plano Diretor (Plano de Gröer), do Plano da Costa do Sol que se planeava fazer, integrando a auto-estrada para o Estádio Nacional e a Marginal da Costa do Sol para contentamento dos portugueses e turistas" [127].

O desenho de ambos os projetos simbolizam o crescimento da cidade para o Ocidente, um alargamento da cidade que procura "a direcção indicada pelo Tejo estendendo-a para os lados salubres de Santo Amaro e Ajuda, sem dúvida preferíveis aos das chama

125 Bosque de Lisboa: Memória justificativa e descritiva in ROSETA, Filipe. MORAIS, João - **Os planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p.27

126 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.49

127 TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.80


O bosque de Lisboa

DIARIO DE NOTICIAS – 18 MAIO-1927

A CIDADE

MELHORAMENTOS CITADINOS

Expropriação necessaria á abertura da rua Domingos Sequeira

Fig.27. Notícia sobre O Bosque de Lisboa. Fonte: C, A. - Jornal A Época, 1925.

das Avenidas Novas (…) agora que o betão armado permitia grandes pontes e viadutos ultrapassava-se facilmente o vale de Alcântara pelo que não havia motivo para não tomar a direcção indicada para a cidade"[128].

O projeto "(…) previa a arborização total da serra baseada num desenho de caminhos curvos e labirínticos, de sentido pitoresco, aproveitando os moinhos para casas de chá e construindo pavilhões e restaurantes. Em torno do bosque, uma grande avenida ligava a cidade ao projectado Estádio Nacional" [129]. Salienta-se a importância do desenho do conjunto integrado na lógica da cidade relacionando-se com as suas linhas de crescimento - estradas de circunvalação. "(…) ampliava-se a 1ª zona de modo a envolver o traçado definitivo da auto-estrada, puxada que foi mais para Sul, estendendo-se então o parque numa faixa ao longo da estrada de circunvalação (…)"[130].

O projeto do Parque Florestal de Monsanto iria trazer a "recriação da natureza"[131], uma ideia de um "bosque natural e selvagem"[132] que se opõe à ideologia de concepção do Estádio Nacional, na medida em que, este último, não pretende recriar a natureza mas sim concilia-la com o desporto. "Deverá o Estádio de Lisboa a construir no Vale do Jamor, ter o caracter de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo

128 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.50

129 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.50

130 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.52

131 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.53

132 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.53

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida da natureza atravez da vegetação do parque" [133]. Não obstante, o desenho do Estádio Nacional têm como base enaltecer a paisagem do Vale, tornando o projeto parte integrante do lugar. "Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e do qual se pudesse estar em contacto com ele. Concebêmo-lo por isso aberto e localizamo-lo de modo a que de dentro se pudesse ver todo o Vale do Jamor. (…) A abertura do estádio constitui enquadramento da paisagem e limita ao mesmo tempo o recinto do estádio. Não devemos considerá-la unicamente em relação ao recinto das bancadas mas devemos ter em vista que ela é o remate do recinto natural formado pelos montes. O edifício foi levado até onde o permitia o terreno e rematado por uma parede. Desta forma o recinto edificado mantem-se me contacto direto com a forma do terreno e a plantação, e o todo constitui o primeiro plano que enquadra a paisagem"[134].



Fig.28. Auto-estrada e parque Florestal de Monsanto vistos da avenida Duarte Pacheco. Autor: FERNANDES, Salvador. 1944.

No projeto do Parque Florestal de Monsanto "o lema parecia ser o do bosque despretensioso e, por isso, autêntico como as "serras" que se opunham à cidade"[135], porém os miradouros desconstroem esta ideia na medida em que pelas suas ligações visuais dotam o espaço com uma continuidade à restante cidade. Neste sentido, o projeto individual surge desta vontade de criar um sistema de miradouros que complemente o Vale do Jamor de forma a poder transcender as suas barreiras, e assim una as outrora "Serras" à "Cidade".

Em oposição ao projeto de 1927 da autoria de Forrestier, de "um traçado monumental" [136] que propunha "uma solução mais centralizada de um grande bosque com jardins e campos de

133 **Memória descritiva do Novo Estádio de Lisboa.** 8 de Outubro de 1937. Retirado do Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 2

134 CABRAL, Francisco. WIESNER, Konrad - **Memória Descritiva do Projecto Definitivo das Bancadas do Estádio de Atletismo.** 14 de Outubro de 1939. Consultado no Forte de Sacavém.

135 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.54

136 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.50

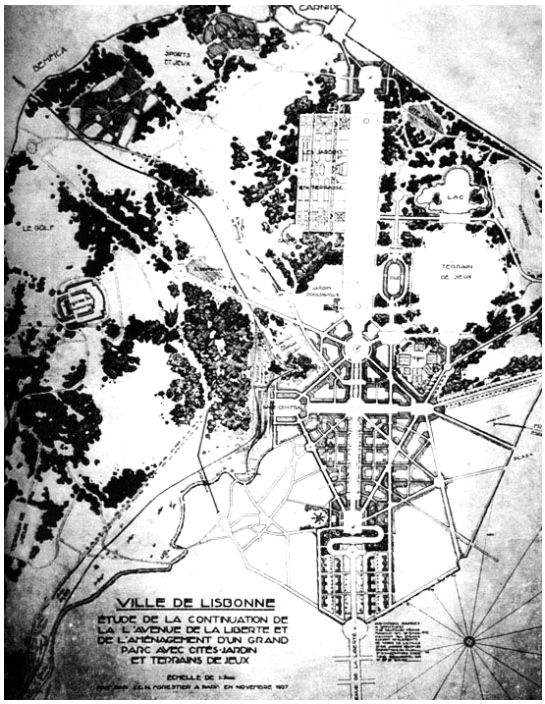


Fig.29. Proposta de rearborização do Parque Florestal de Monsanto de Forrestier, 1927. Fonte: MORAIS, João. ROSETA, Filipa - **Os Planos da Avenida da Liberdade e seu prolonfamento.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p.31

jogos"[137], a proposta de Keil do Amaral resulta de uma análise da área de intervenção, de modo a que o projecto se adapte às condições do lugar. Assim sendo, o projeto idealiza uma imagem de bosque selvagem com percursos que pontualmente são interrompidos para que se aproveitem as vistas da paisagem envolvente. A topografia e os caminhos existentes serviram de base e é sobre estes que são desenhados os novos caminhos. "Os antigos fortes e moinhos existentes foram mantidos, explorando as privilegiadas vistas sobre a cidade e o rio na construção dos equipamentos, dos miradouros e das zonas de estar ao ar livre"[138]. A configuração acidentada da área de intervenção permitiu tirar partido "à forma e à natureza do terreno e à existência de admiráveis pontos de vista"[139], por forma a aproveitar o que "ali havia de mais característico e de mais mais belo"[140]. Estas vistas foram exploradas com a implantação de "diversos miradouros, zonas de estar e de usufruto da paisagem" que "pareciam a solução para o arquiteto, aproveitando algumas pré-existências dos fortes, construídos no século passado, ou dos moinhos que povoam a serra. Por toda a área, uma situação privilegiada sobre a cidade e o estuário do Tejo, proporcionando panoramas inesquecíveis"[141].

A povoação dos moinhos ao longo da Serra de Monsanto é um fator comum e importante no entendimento da paisagem do Vale do Jamor pré-Estádio Nacional. Ao longo do ensaio é descri-

137 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.50

138 TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.200

139 [s.n.] - Parque Florestal de Monsanto **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.55. (Consultado em 09/2/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

140 [s.n.] - Parque Florestal de Monsanto **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.55. (Consultado em 09/2/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

141 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.55

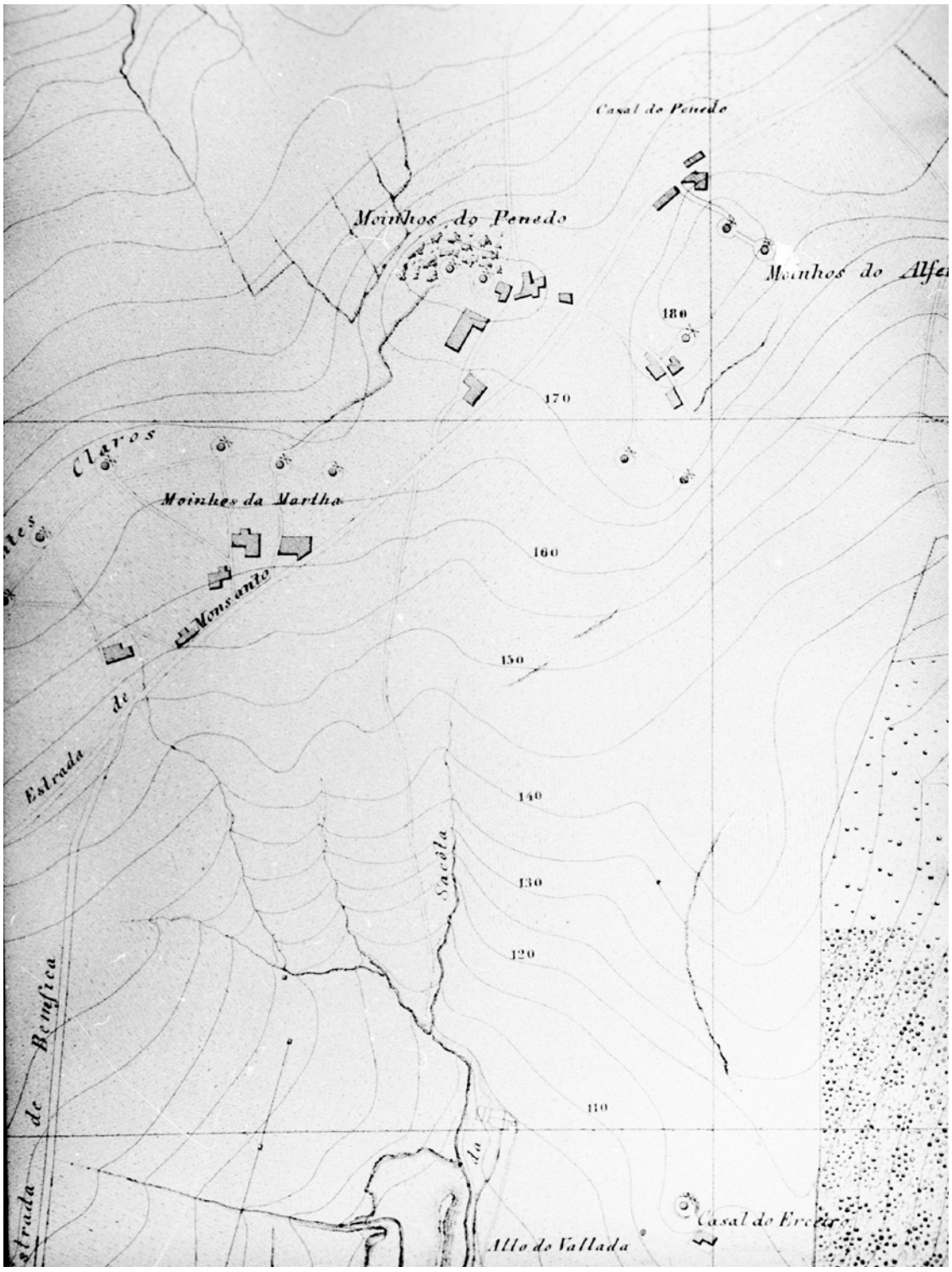


Fig.30. Parque Florestal de Monsanto, planta topográfica da estação pré-historica, (ant.) a 1944. Autor: CUNHA, Fereira.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

to e analisado a paisagem dos múltiplos moinhos que povoavam os terrenos dos arredores da cidade muralhada de Lisboa. Mais especificamente, na Serra de Monsanto encontravam-se na cumeeira mais de setenta moinhos de vento dos quais 17 ainda existem atualmente[142].

Os pontos altos aliados ao desenho dos maciços arbóreos que deixavam evidente os movimentos orográficos da Serra de modo a que se pudessem construir mirantes que "se distribuíssem por forma a constituem molduras oura as extraordinárias paisagens"[143]. Assim, estes miradouros dispersos pelo parque são: o Miradouro de Montes Claros, Miradouro dos Moinhos do Mocho, Miradouro da Luneta dos Quartéis, o Miradouro do Moinho dos Alferes e o Padrão Miradouro (não construído). Projetos que previam o re-aproveitamento de moinhos e plataformas dos fortes pré-existentes, camadas de uma paisagem de outrora. Assim sendo, o projeto é determinado pela "integração dos edifícios, tanto no terreno, como na relação que estabelecem com a vegetação delineada. O predomínio do uso da pedra nas construções, transmite a ideia de uma complementaridade natural entre o construído e o local"[144].

O desenho do Miradouro de Montes Claros cria um jardim de uso lúdico, na qual os espaços de permanência e os seus percursos criam uma maior relação com a Natureza. Este projeto define a nascente e poente dois espaços de permanência numa cota mais elevada em relação ao jardim, de forma a tirar partido da morfologia do forte pré-existente e propiciar uma vista sobre o rio Tejo. O desenho de composição clássica, traça um eixo de simetria que culmina numa pérgula circular. Esta pérgula em curva cria um percurso deambulatório marcado por uma composição de sombra e luz de enquadramento à paisagem envolvente. Todavia, atualmente este percurso encontra-se envolto por uma massa arbórea que erradicou a sua relação com a paisagem.

142 CRUZ, Souto – Algumas Considerações sobre o Parque Florestal de Monsanto in Revista Florestal. Lisboa: [s.n.], 1988. Cit. por GRILO, Teresa - **O Parque florestal de Monsanto: Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado. p.11

143 [s.n.] - Parque Florestal de Monsanto **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.56. (Consultado em 09/2/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

144 HENRIQUES, Susana - **Keil do Amara: urbanista, tradição e modernidade na sua obra.** Lisboa: Instituto Superior Ciências do Trabalho e da Empresa, 2000. Tese de doutoramento. p.144



Fig.31. Fotografia aérea do Parque Florestal de Monsanto, 195-. Autor: NUNES, Abreu.



Fig.32. Fotografia do Parque Florestal de Monsanto, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio.



Fig.33. Paisagem do Parque Florestal de Monsanto, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador.



Fig.34. Paisagem do Clube de Ténis de Monsanto, 1952. Fotógrafo: Autor, Salvador.



Fig.35. Paisagem da Serra de Monsanto, 1939. Autor: PORTUGAL, Eduardo.



Fig.36. Parque florestal de Monsanto, encosta poente da serra de Monsanto, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio.



Fig.37. Vale de Alcântara, avenida de Ceuta, viaduto Duarte Pacheco e o parque florestal de Monsanto, 1941. Autor: OLIVEIRA, Mário.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

O Miradouro dos Moinhos do Mocho é como uma clareira aberta no bosque que busca "o sentido cripta-mágico do jardim português" [145], de modo a recriar "um espaço de magia e serenidade, construindo estadias sombreadas segundo o desenho tradicional: latada sobre espelho de água, bancos em tijolo contidos no espaço entre os dois moinhos existentes e agora recuperados "[146]. Interligado por um percurso, a partir do Miradouro dos Moinhos do Mocho, encontra-se o Miradouro da Luneta dos Quartéis. Este miradouro, apropriou-se do traçado do forte existente criando um conjunto de bancos que direcionam visualmente para a Serra de Sintra e estuário do Tejo. "O espaço é assinalado por um padrão em tijolo maciço tão ao gosto das explorações "holandesas" de Keil"[147].



Fig.38. Miradouro dos Moinhos do Mocho, 198-. Autor: NOVAIS, Horácio. Fonte: TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições salamandra, 1992. p.57.

O Miradouro do Moinho do Alferes, também conhecido como Miradouro do Moinho do Penedo, configura uma grande varanda que mira a zona Sul de Lisboa. Este miradouro integra o antigo moinho do Alfere e cria uma panorâmica do Parque Florestal de Monsanto a descer até ao Rio Tejo.

O desenho do Clube de Ténis à semelhança dos miradouros deriva da interpretação e análise do lugar e da sua topografia, facto evidenciado tanto no modo como as plataformas são trabalhadas, como também na exploração dos pontos de vislumbre da paisagem do Estuário do Tejo e restante cidade. "A abordagem clara e funcionalista de Keil na organização do espaço propõe como apoio aos courts de ténis um pavilhão, espaço coberto pensado com a amplitude de um espaço aberto, peça rectangular desenvolvida em dois pisos aproveitando o desnível e articulada com a marcação de uma entrada que confirma as influências holandesas patentes na sua obra. (…) Muros de pedra, com a estereofonia de Keil articulam a definição de planos tectónicos e a ligação à terra em embasamento

145 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.56

146 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.56

147 TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992. p.56

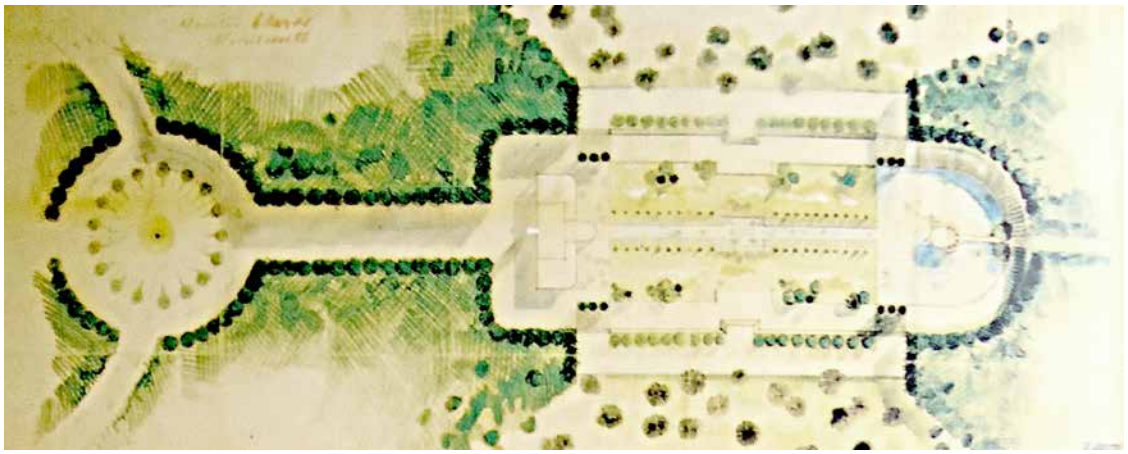


Fig.39. Planta Geral do Miradouro de Montes Claros da autoria de Keil do Amaral e Faria da Costa. Fonte: TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.204.

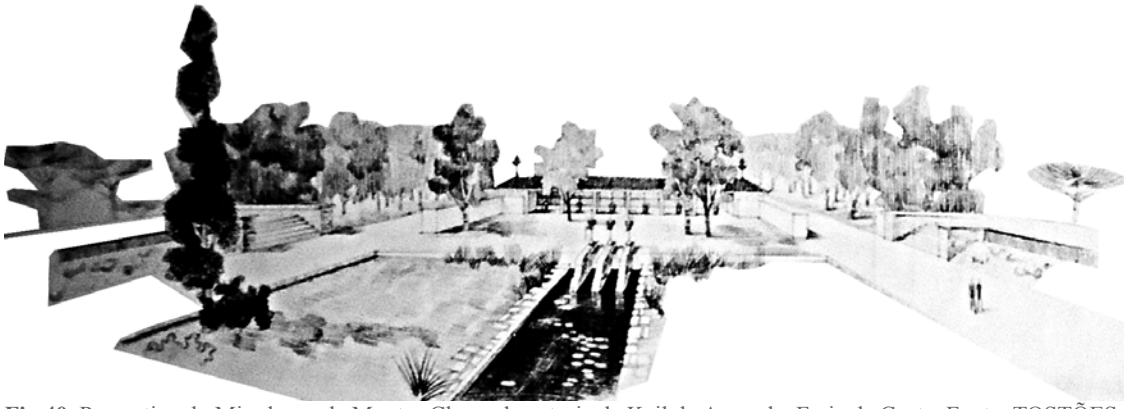


Fig.40. Perspetiva do Miradouro de Montes Claros da autoria de Keil do Amaral e Faria da Costa. Fonte: TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.205.



Fig.41. Pérgula e lago do miradouro de Montes Claros, 1952. Autor: [s.n].



Fig.42. Paisagem do Miradouro de Montes Claros, 198-. Autor: PASTOR, Arthur.



Fig.43. Planta Topográfica de Lisboa 4J, 1908. Autor: PINTO, Júlio.



Fig.44. Miradouro da Luneta dos Quartéis, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador.



Fig.45. Miradouro da Luneta dos Quartéis, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio.



Fig.46. Miradouro dos Moinhos do Mocho. Autor: [s.n]. Fonte: [s.n.] - Parque Florestal de Monsanto **in Revista Municipal**. Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.54.



Fig.47. Miradouro dos Moinhos do Mocho, 194-. Autor: NOVAIS, Horácio.

e muros de grande horizontalidade"[148].

O projeto do Padrão miradouro foi um dos projectos que não chegou a ser concretizado. Na planta do projeto pode-se observar o desenho do teatro, do miradouro e da plantação, na qual esta última confere um grau de interioridade e acolhimento ao espaço do teatro. No limite da estrada praticamente não existem árvores, possibilitando criar um percurso enquadrado com vista panorâmica.

A relação entre ambos os projetos, quer o do Parque Florestal de Monsanto, como o Estádio Nacional, é notória na medida em que ambos os projetos advém de uma análise "*in situ*" que serviu como base metodológica do processo projetual procurando um entendimento do lugar. Deste modo, ambos conjugam a complexidade dos elementos que constituem a paisagem num diálogo simbiótico entre natureza e arquitectura, potenciando um imaginário singular que nos transporta para além dos seus limites físicos. Os miradouros são os potenciadores da transposição dos limites, fazendo parte da identidade de Monsanto e da concepção projetual do Estádio Nacional.

O projeto do Parque de Monsanto valorizou os pontos de vista privilegiada sobre a paisagem e adoptou uma abordagem funcional de desenho dos espaços tendo em vista a sua relação com o território, nomeadamente o aproveitamento das construções pré-existentes. Deste modo, pode-se considerar que as características de Monsanto inserem-se na tradição lisboeta do miradouro.

"Lisboa - ela mesma - é um grandioso miradouro de beleza. A si própria constantemente se mira, no dobrar de uma esquina, do alto de uma escadaria, das trapeiras floridas, dos muitos pontos elevados de que se avistam nesgas de rio, verdes de jardins, aglomerados de casaria, fitas de ruas formigantes, longas de campo e serra, onde a vista se perde - à míngua de maior alcance (…).

Lisboa é, assim, com as suas altas colinas e os seus numerosos relevos, uma cidade de encanto, a prender a cada passo o olhar inquieto do turista, e a fazer, até, de cada um dos seus habitantes, enamorado dela. E ver a ternura com que, pelas tardes calmas e pelas noites luarisadas, a olham, dos seus amáveis mira-

148 TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.210



Fig.48. Panorâmica tirada de Montes Claros sobre a parte sul da cidade, 1961. Autor: SERÔDIO, Armando.



Fig.49. Miradouro do Moinho do Alferes, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio.



Fig.50. Miradouro do Moinho do Alferes, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador.



Fig.51. Perspetiva do Club de Ténis de Monsanto de autoria de Keil do Amaral. Fonte: TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições salamandra, 1992. p.59

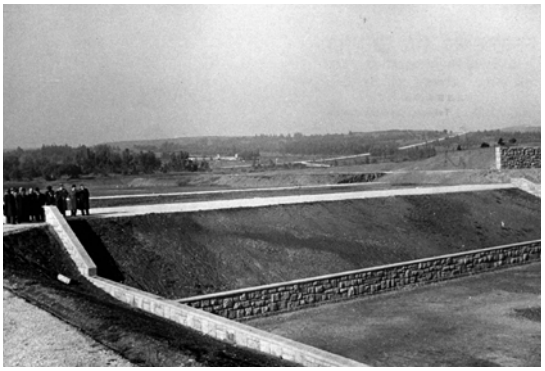


Fig.52. Visita às obras municipais: Campo de Ténis, 1947. Autor: [s.n].

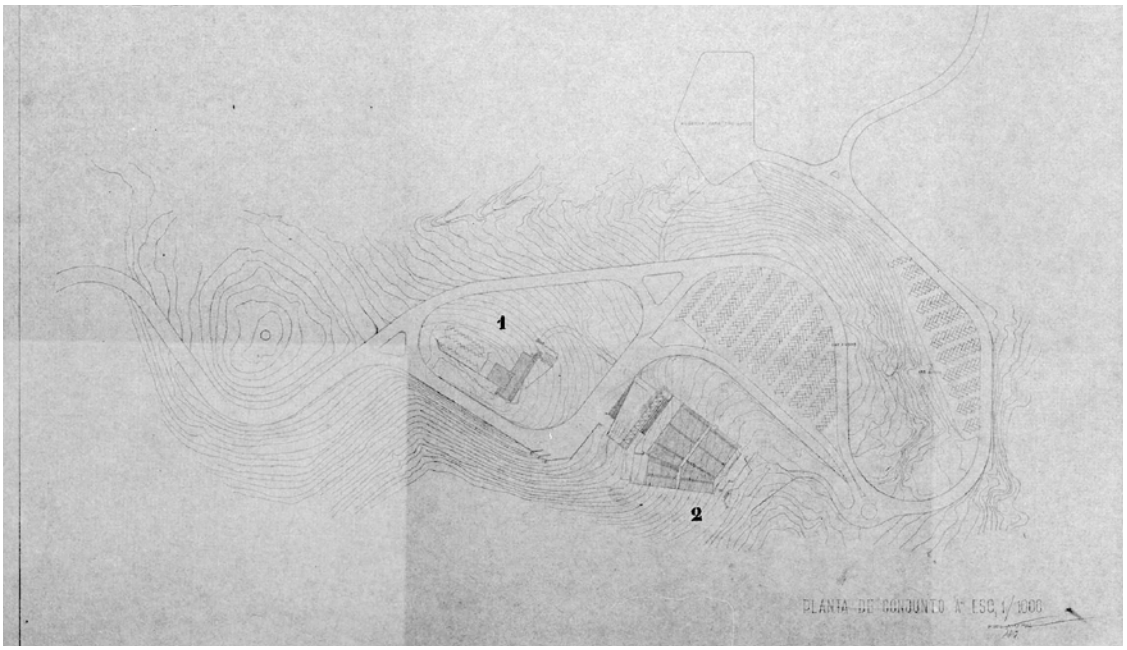


Fig.53. Planta do Conjunto do Padrão miradouro e Teatro ao Ar-livre da autoria de Keil do Amaral.

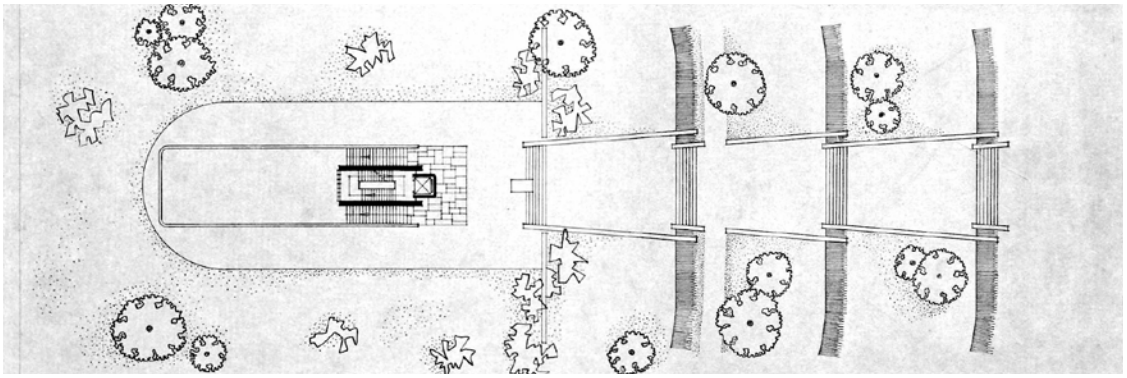


Fig.54. Planta de Implantação do Padrão miradouro da autoria de Keil do Amaral.



Fig.55. Perspetiva do Padrão miradouro da autoria de Keil do Amaral.

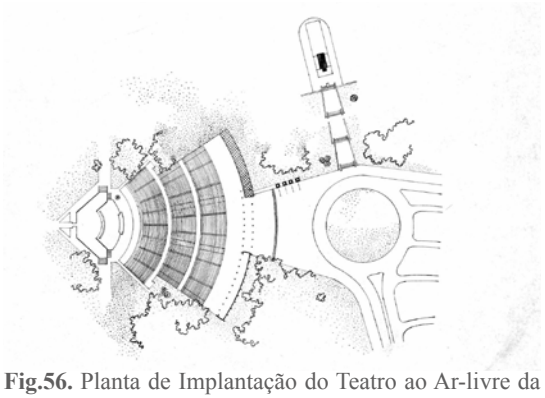


Fig.56. Planta de Implantação do Teatro ao Ar-livre da autoria de Keil do Amaral.

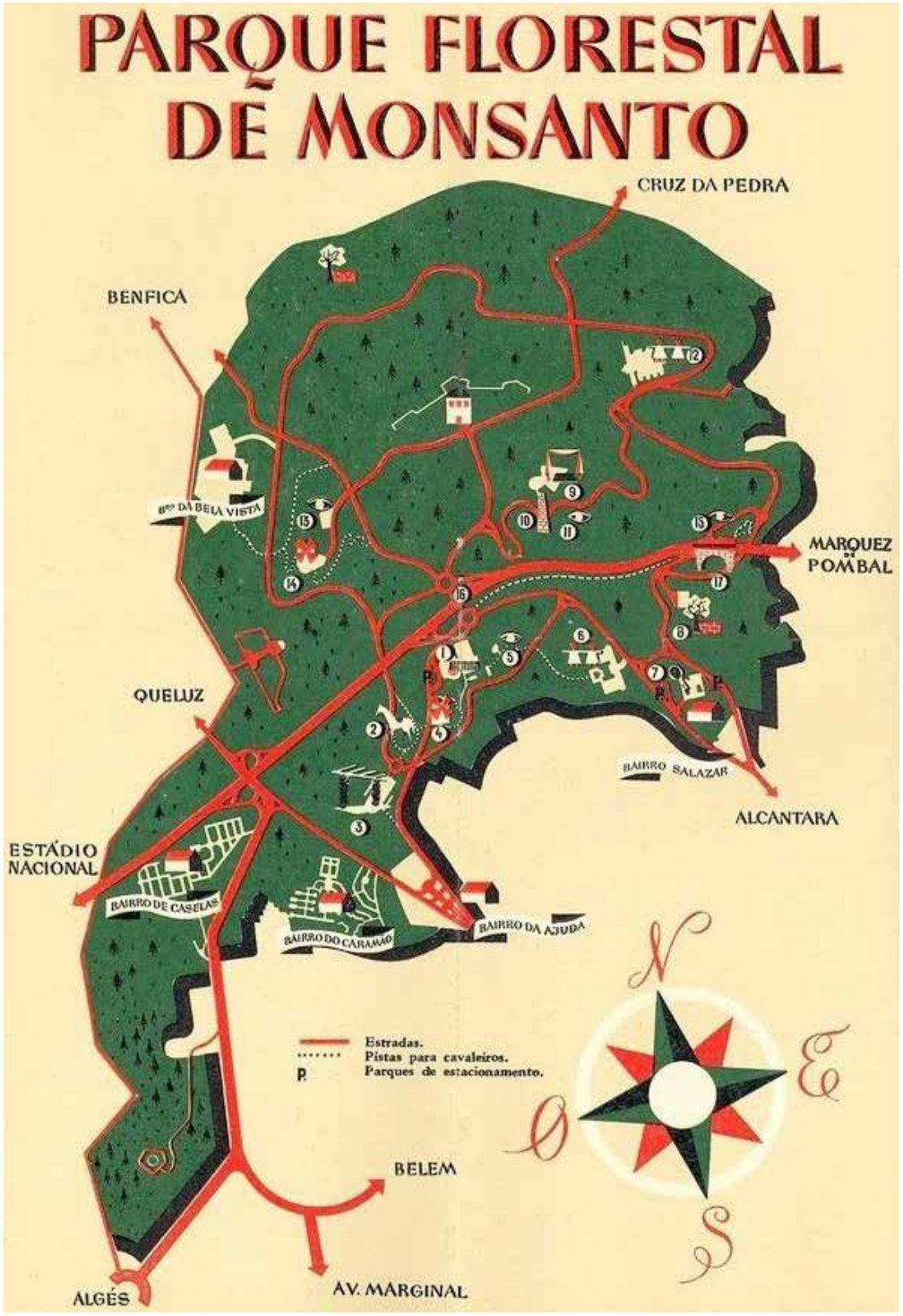


Fig.57. Planta Parque Florestal de Monsanto. Fonte: [s.n] - **Guia do Parque Florestal de Monsanto.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1949.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Fig.58. Trecho da parte Sul da Baixa, visto da esplanada do Castelo. Fonte: OLIVEIRA, Raposo - Guia de Portugal Artístico: Lisboa. Tomo I. Vol.I. Lisboa: M. Costa Ramalho, 1933. p.83

douros, os centos de lisboetas que a êles acorrem, enlevadamente se demorando na contemplação da cidade, que a diversas horas forma variadas expressões, fonalidades sempre renovadas, contrastes de luz e sombra - como quando os altos da Graça se incendeiam e a encosta de S. Pedro de Alcântara se cobre de cinza!

Entre os miradouros de Lisboa avulta, como o mais belo, o da esplanada do antigo forte de Monsanto: é o panorama da cidade, com o seu casario a perder-se de vista, a escalar o Castelo, a Graça, o Monte e a Penha; o Tejo, tão belo e imponente, ladeado à esquerda pelos montes escalvados da Outra-Banda e à direita pela linha flexuosa das areias das praias da Costa do Sol; a Barra sentinela pela Tôrre do Bugio; a cordilheira da serra de Sintra coroada de Castelos; e a matizada alfombra de hortos e pomares, que se desenrolam de Benfica a um ilimitado horizonte.

(…)

Cidade dentro, os miradouros que dominam a terra, são tão imponentes como os que dominam as águas.

(…) Mas o miradouro de todos estes miradouros, mirando-os de frente e desvendando a cidade inteira, por colinas e vales, e rio e serra (…) Lisboa! Lisboa cidade dos miradouros! Que formoso, que grandioso miradouro és tu mesma Lisboa!"[149].

Todavia, atualmente o encanto da paisagem a partir dos miradouros de Monsanto está escondida pelas massa arbórea e assim, a sua função de miradouro, por descuido do tempo, foi-se perdendo. Deste modo, considerando que o projeto está a perder progressivamente o seu sentido poderá se antecipar a sua ruína. Por exemplo, no Miradouro da Luneta dos Quartéis a vista sobre a Serra de Sintra e o estuário do Tejo, só se observa pontualmente, por entre a folhagem. Assim sendo, o conjunto apresenta-se num estado de degradação bastante avançado, o que nos leva a questionar se tal facto aconteceu por este ter perdido a função de mira-

149 OLIVEIRA, Raposo **- Guia de Portugal Artístico: Lisboa.** Tomo I. Vol.I. Lisboa: M. Costa Ramalho, 1933. p.80

douro, devido à falta de vistas. O Parque Florestal de Monsanto é também condicionado por barreiras existentes entre o parque e o tecido urbano que o envolve.

Por último, a relação entre o Parque Florestal de Monsanto e o projeto do Estádio Nacional é retratado na Memória Descritiva da proposta do Miradouro de Santa Catarina de Jacobetty Rosa. "(...) Finalmente a encosta da Ajuda levanta-se ao nascente e continua-se de ondulação em ondulação até à Serra do Monsanto, onde se descortinam o Miradoiro de Montes Claros, e outros logradoiros e surge, encosta abaixo, a Auto-Estrada Lisboa – Cascais – a caminho do Estádio Nacional"[150].

Em 1944, na revista *Panorama: Revista Portuguesa de arte e turismo*[151], era realçada a importância destes dois projetos, pois a cidade "é uma capital pobre de parques e jardins, e tem, contudo, condições naturais excelentes para o estabelecimento de parques desta espécie, pois que o escalvado agreste e monótono de algumas colinas que a rodeiam só espera que o homem lance à terra a semente criadora da vegetação que as embeleze, amenizando o clima da cidade"[152].

A análise da área de intervenção à escala da cidade revela ainda mais a importância destes espaços verdes, que procuram "desempenhar nos aglomerados urbanos, (…) a regularização microclimática (…); a purificação da atmosfera urbana; a proteção de locais contra ruídos exteriores; (…) o controlo da erosão aumentando a biodiversidade; redução nas necessidades energéticas no meio urbano; melhoramento do ambiente químico e físico; contribuição para o bem-estar psicológico dos cidadãos; participação na composição plástica dos espaços urbanos; a integração do aglomerado urbano no conjunto da paisagem; a ligação entre o homem e a natureza-mãe; a valorização

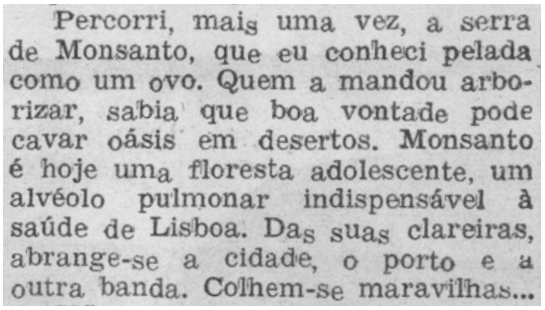

Percorri, mais uma vez, a serra de Monsanto, que eu conheci pelada como um ovo. Quem a mandou arborizar, sabia que boa vontade pode cavar oásis em desertos. Monsanto é hoje uma floresta adolescente, um alvéolo pulmonar indispensável à saúde de Lisboa. Das suas clareiras, abrange-se a cidade, o porto e a outra banda. Colhem-se maravilhas...

Fig.59. Carta de Lisboa. Fonte: CORREIA, João - Carta de Lisboa in O Comércio do Porto**.** Porto: [s.n], 25 de Setembro de 1965.

150 ROSA, Jacobetty - Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa. Consultado no arquivo do Museu do Desporto. p.1

151 DIAS, Jaime - A Serra de Monsanto: Parque Florestal da Cidade **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº20. Lisboa: Redação e Administração, Abril de 1944. p.49

152 DIAS, Jaime - A Serra de Monsanto: Parque Florestal da Cidade **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº20. Lisboa: Redação e Administração, Abril de 1944. p.49

da estética e sócio-económica da cidade”[153]. Os espaços verdes são por estas razões fundamentais no meio urbano, sendo que tanto o Parque Florestal de Monsanto, bem como o do objeto de estudo: o Vale do Jamor, têm um papel vital na cidade de Lisboa.

153 GRILO, Teresa - **O Parque Florestal de Monsanto: Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado. p. 3



Fig.60. Logo dos Jogos Olímpicos, 2020. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Trabalho de Grupo

Com o pretexto da realização dos jogos olímpicos em Lisboa, foi desenvolvido em grupo uma estratégia para a sua realização. De acordo com a metodologia definida na qual foram efectuadas visitas in locus e investigações bibliográficas, desenvolveu-se uma estratégia que opera em duas escalas distintas: em primeiro lugar é abordada a escala do Vale do Jamor e em segundo lugar a escala da cidade de Lisboa, procurando sempre que os mesmos estivessem interligados. Tendo em conta as exigências dos Jogos Olímpicos e os investimentos necessários, a metodologia deriva das necessidades atuais quer da cidade como do próprio Complexo Desportivo do Jamor.

Para o desenvolvimento da estratégia mencionada foi elaborada uma investigação histórica que resultou posteriormente, numa linha cronológica relativamente vasta (inicia nos finais do século XIX prolongando-se até à atualidade). Esta linha engloba diferentes espectros espaciais e temáticos, partindo de um contexto geral à escala internacional até uma escala mais próxima onde o enfoque é o espaço de intervenção principal; o próprio Vale. Desta forma são respectivamente apresentadas: datas internacionais, datas dos Jogos Olímpicos, do Estado Novo, da evolução urbana de Lisboa e por fim, da evolução do Vale do Jamor (Apêndice A). Este estudo permitiu contextualizar quer a área de intervenção, bem como a cidade de Lisboa na atualidade em relação à sua evolução no tempo. Deste modo identificam-se nesse passado, acontecimentos que podem ser reinventados de maneira a responder às atuais necessidades da cidade, dos Jogos Olímpicos e do complexo Desportivo. Assim sendo, a abordagem desenvolvida em grupo, procurou não só fornecer uma solução para a questão da elaboração dos Jogos Olímpicos, mas acima de tudo definir uma estratégia relativamente ao que aconteceria a estes espaços e equipamentos após os mesmos.

A investigação da linha relativa aos Jogos Olímpicos permitiu analisar o caso de estudo de Estocolmo referente ao ano de 1912. Para a realização dos Jogos Olímpicos, a cidade utilizara algumas instalações já construídas, com o intuito de desenvolver

e incentivar a prática de desporto no início do século XX[154]. Desta forma definiu-se que os Jogos não seriam apenas realizados num único complexo, mas espalhar-se iam por diversos equipamentos ao longo da cidade. Este exemplo serviu como mote da estratégia definida no trabalho de grupo, que por analogia, propõe que as instalações desportivas não se localizem apenas no Complexo Desportivo do Jamor, mas passem a ser espalhadas por Lisboa, nomeadamente sob a forma de reutilização de instalações já existentes, podendo em algumas delas ser necessário a sua requalificação. Dentro deste panorama foi necessário não só refletir acerca da localização das diferentes provas, como também repensar as acessibilidades e circulações urbanas.

Tendo como pretexto o advento dos jogos olímpicos, a estratégia visa não só reforçar a circulação em Lisboa, mas também a sua ligação com a periferia. Assim sendo, o projecto proporcionou uma transformação urbana que procura colmatar as fragilidades existentes na cidade, como também permitir que o Complexo seja parte constituinte desta. O desenho da implantação das novas instalações e a análise das existentes permitiu repensar os transportes da cidade, a disposição das diversas modalidades ao longo da cidade e as respetivas ligações, tal como se pode observar no folheto.

O desenho destas ligações derivou da análise da evolução urbana de Lisboa, incidindo principalmente nas antigas estradas de circunvalação. Isto pois, desde épocas remotas a jurisdição da Câmara Municipal de Lisboa não se limitava só à sua área citadina, mas também se estendia por um vasto território definindo o Termo de Lisboa[155]. Assim sendo, a área urbanizada foi assinalando os seus limites ao longo dos tempos através de eixos concêntricos, situação que se verificava na delimitação do termo no século XVI. Se recuarmos ao momento em que o rei D. Afonso Henriques conquistou a cidade, no século XII, deparou-se com a cerca velha [156]. O foral dado à cidade de Lisboa em 1179 faz

154 HANS, Bolling. YTTERGREN, Leif - **The 1912 Stockholm Olympics, Essays on the competition, the people, the city.** EUA: McFarland & Company, Inc., 2012. p.12 e 13. (Consultado em 17/1/2020). Disponível na internet: <https://books.google.pt/books?id=EpsGxfMMpUgC&pg=PA14&lpg=PA14&dq=Ostermalms+IP+architect&source=bl&ots=FH_txKwC_Y&sig=ACfU3U0OWFVHpx7dcokgJdWpTS1XgHqbYg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiW55Wm44XlAhWk2uAKHTQ1BMYQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&q=Ostermalms%20IP%20architect&f=false>

155 SILVA, Augusto Vieira da - Dispersos i**n Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa.** Vol.1, 2ª ed. Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1968. p.35

156 SILVA, Augusto Vieira da - Dispersos **in Publicações culturais da Câmara Mu-**

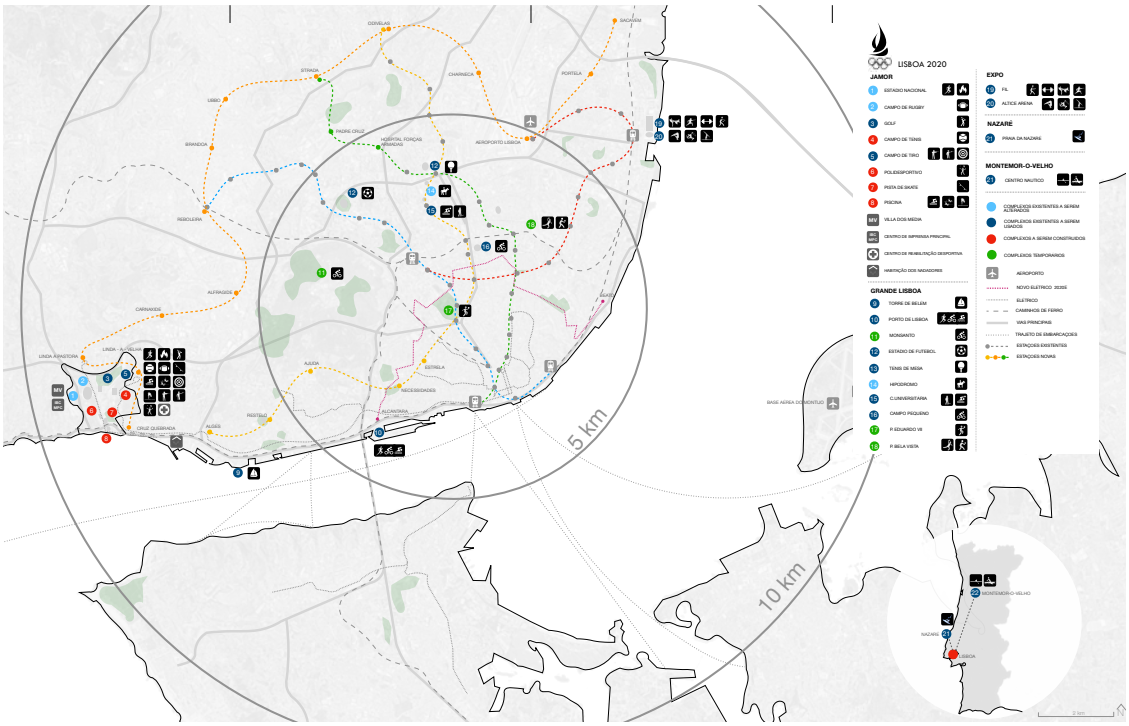


Fig.61. Desenho da intervenção retirado do Folheto. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

referência a artigos sujeitos ao imposto de consumo ou portagem, havendo, já nessa altura, locais para a cobrança[157]. Em 1373, D. Fernando ordena a construção da cerca nova, que aumentava a área da cidade em 6,5 vezes, tendo esta nova Lisboa 6 das 16 portas de terra destinadas à fiscalização e cobrança do imposto de portagem.

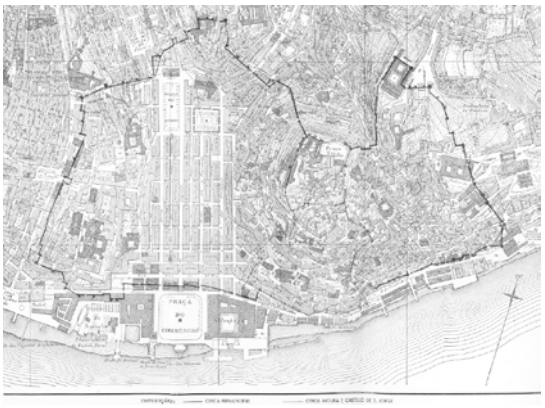


Fig.62. Planta da cerca Fernandina e Moura (1856/58).

Com a passagem dos séculos e com a evolução do crescimento da cidade, foi necessário desenhar novos limites. É através dessa necessidade que surgem as estradas de circunvalação. No ano de 1852, extingue-se o Termo de Lisboa de 1527. A cidade expande os seus limites, passando estes a ter como extremo ocidental a ribeira de Alcântara e extremo oriental a Rua da Cruz da Pedra[158].

Já em 1885 era promulgada a lei que reformava o Município de Lisboa, delimitando-o através de uma nova estrada de circunvalação, com limite oriental no vale de Chelas e com limite ocidental na ponte da ribeira de Algés. Delimitação esta, que, durante o seu projeto e construção foi sofrendo algumas alterações[159].

Em 1922 é abolida a circunscrição fiscal, extingue-se o imposto real da água e os direitos de consumo [160], bem como a existência de uma barreira física fiscal que deixara de fazer sentido.

No entanto, estas estradas marcam dois momentos importantes no crescimento da cidade e na definição da geometria dos seus limites, sobretudo na delimitação de entradas e saídas de

nicipal de Lisboa. Vol.1, 2ª ed. Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1968. p.57 e 58

157 SILVA, Augusto Vieira da - Dispersos **in Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa.** Vol.1, 2ª ed. Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1968. p.60

158 SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.12 e 13. (Consultado em 17/1/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/Rev-Municipal/RevMun.htm

159 SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.14 e 15. (Consultado em 17/1/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/Rev-Municipal/RevMun.htm

160 SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica in Revista Municipal. Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.20. (Consultado em 17/1/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/Rev-Municipal/RevMun.htm



Fig.63. Planta de Lisboa, com os limites da circunvalação (1940). Fonte: SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.18.

um território definido num plano fiscal e simbólico, que remete para as portas de Lisboa. Com estes eixos concêntricos, cruzam-se os restantes eixos radiais de crescimento da cidade, criando uma espécie de teia que nos associa à Lisboa que hoje conhecemos.

O desenho dos novos percursos de transportes públicos que derivam deste estudo, permitem reforçar e recuperar a memória dos limites do crescimento da cidade. Deste modo a aproveita-se estrategicamente um esquema articulado de eixos radiais e concêntricos, criando assim um sistema interligado, tendo em vista a melhoria da circulação dentro da própria cidade. Assim, tendo como referência a estrada de circunvalação exterior, é criada uma nova linha de metro subterrânea – linha laranja – que tem como principal objetivo unir as antigas e novas estações terminais da atual rede do metropolitano de Lisboa. Mantendo a mesma lógica e, tendo como base o mapa da rede de elétricos de 1950, é proposta é proposta uma reativação dos carris que demarcavam a estrada de circunvalação interior, criando o novo elétrico 2020E, que partiria do Beato e iria em direção a Alcântara, possibilitando um maior contacto entre a atual rede de transportes que serve as radiais da cidade.

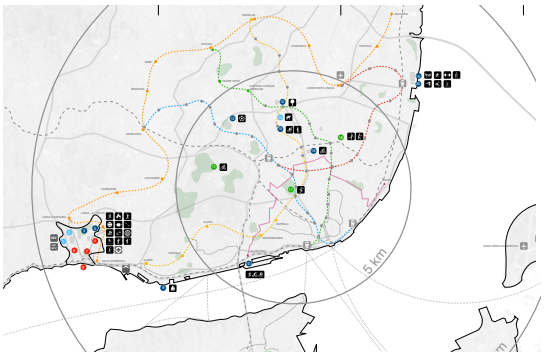


Fig.64. Desenho dos novos percursos de transportes públicos. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Um acontecimento como os jogos olímpicos, marca um ponto de viragem na cidade de Lisboa. Nesse sentido, o objetivo é, não só possibilitar aos habitantes um maior conforto na sua mobilidade, apresentando uma solução à necessidade que se encontra cada vez mais evidente, como é o caso do tráfego na cidade, como também a criação de habitações num raio de 500 metros destas duas novas infra-estruturas, reaproveitando edifícios devolutos para a criação de novos edifícios habitacionais. Olhar para o passado para projetar o futuro. Segundo esta linha de raciocínio procurou-se estruturar a intervenção no Vale propriamente dito de forma torná-la novamente parte de um todo e não um elemento isolado do seu entorno. Tendo em consideração tanto a preocupação das barreiras que confinam o Complexo,

como também o que acontecerá após a realização dos Jo-gos Olímpicos idealizou-se uma estratégia que visou a criação de oportunidades de conexão com os bairros periféricos (Linda-a-velha e Linda-a-Pastora) através das suas escolas. Para tal, estas escolas foram assinaladas de modo a criar um série de percursos pedonais concêntricos que se interligam com os diversos equipamentos do Jamor e por sua vez com o eixo verde-azul. Estes percursos articulam as referidas instituições com os equipamentos do complexo para dar uso aos espaços que devido à escala Olímpica ficariam obsoletos. A demarcação das escolas respeitou uma distância de aproximadamente 500 metros e foi desenhado inclusive uma nova circulação vai-e-vem. Este vai-e-vem durante os Jogos Olímpicos reforça a linha de comboio de Cascais e o prolongamento proposto da linha de Metropolitano, de modo a levar os passageiros das estações diretamente ao Estádio de Atletismo. Todavia, após os Jogos Olímpicos este vai-e-vem fomenta a ligação com o bairro de Linda-a-Pastora ultrapassando a barreira que a A5 constitui entre ambos. As novas interligações do Vale do Jamor com as escolas, criam uniões com os bairros periféricos de Linda-a-Pastora e Linda-a-Velha. Estes bairros ficam assim conectados com o eixo verde-azul, com o novo vai-e-vem, com o Metropolitano (2020E), com a linha de comboio de Cascais e as novas ligações dos elétricos (2020I) e autocarro (2020E). Unifica-se desta forma o complexo com a cidade, contribuindo assim para a criação de um único sistema, de uma única Lisboa, ao invés de um conjunto de bairros.



Fig.65. Demarcação das Escolas. Desenho elaborado pela autora.

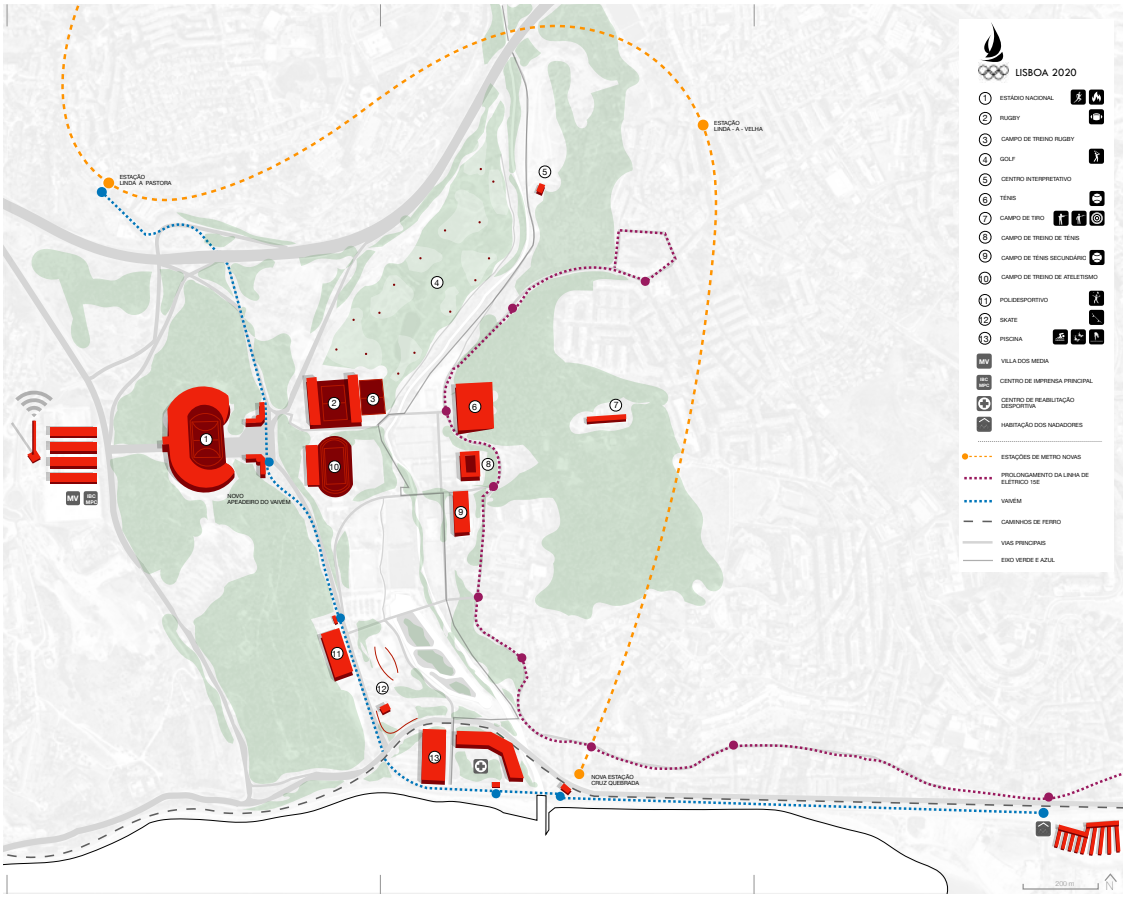


Fig.66. Desenho da intervenção no Vale do Jamor retirado do Folheto. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.



Fig.67. Artigo: *Estádio Nacional: Opções para um Milénio*. Publicado pelo Jornal, *O Correio da Linha*. Fonte: LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 26 de Julho de1999. p.4 e 5

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Transcender as Barreiras

"(…) Todos os caminhos vão dar ao Estádio Nacional. (…) Vamos agora passar para outra vertente. Vamos falar das relações com os municípios envolventes a este complexo, e estou a falar dos municípios de Oeiras, Cascais, Sintra, Amadora e Lisboa. Pergunto se existe uma relação continuada. Manuel Miranda, reflete um momento, como que a calcular e a medir as palavras: Existe. Estamos a tentar também e com tempo, que estejam criadas todas as condições físicas de modo a atrair debato um grande número de utentes, enquanto se institucionalizam as relações tanto quanto possível. Agora, penso que não há dúvidas neste momento para ninguém, que este, é um espaço para uso público, com potencialidades de facto, enormes, para uma prática desportiva, seja ela ao nível do alto rendimento, seja ela ao nível mais informal, ou se quisemos, não orfanizada. Portanto, essa capacidade de uso e esse estatuto de espaço público tem encontrado resposta na afluência, que tem vindo a ser cada vez mais em todos os domínios. (…) Vamos agora, mudar de campo. Era usual ouvir-se dizer que não havia segurança no Estádio Nacional, e aqui, é óbvia a referência a todo o Complexo. Essa situação foi alterada para melhor, ou tudo continua na mesma? O Arquiteto Manuel Miranda, volta a não responder de imediato. Acontece uma vez mais, um breve lapso de tempo, que ele utiliza para medir muito bem o que pretende dizer. Ele sabe que essa foi uma questão muito badalada e muito criticada, e depois, também não pretenderá ferir susceptibilidades. Mas, acaba por responder: A esse respeito, posso dizer que a situação melhorou substancialmente. Até agora, não tenho a indicação de ocorrências nem com a frequência, nem com a gravidade que existiam há poucos anos atrás. Também pode ter acontecido, que alguma alteração no contexto urbano na envolvente imediata do Estádio poderá ter tido alguma influência nesse domínio. Mas existe um projeto que tem vindo a ser concretizado ao longo dos anos e de uma forma faseada, e que diz respeito à vedação do perímetro exterior do Complexo. Esse projeto está em curso, mas com todas as precauções para que não se perca o que para nós é intocável, que é o estatuto de uso público do espaço. Isto significa que terão de continuar a existir acessos que sejam necessários. Por outro lado, a questão da segurança coloca-se ao nível dos actos, e aqui,

tem de se evitar a procura deste complexo para fins que são laterais, como o hábito de despejar entulho. Isto, temos vindo a combater ao longo do tempo, mas não nos podemos distrais. À medida que toso o sistema vai sendo alterado, também as condições de segurança vão melhorando, colocando-se ainda a possibilidade de se melhorar o sistema de controlo. A procura deste Complexo para fins laterais ao fim a que se destina, acaba por provocar danos na qualidade de todo este espaço, e isso tem de ser evitado. (…)"[161].

O excerto apresentado corresponde a um artigo publicado pelo "O Correio da Linha" em 1999 da autoria de Gilberto Lopes, onde é apresentado uma entrevista ao Diretor do Complexo Desportivo do Jamor da época, o arquiteto Manuel Miranda. Esta entrevista adveio das polémicas geradas à volta das sucessivas intervenções que levaram à colocação de vedações à volta do Complexo. No arquivo municipal de Oeiras foi possível fazer uma leitura de diversos jornais que publicaram sucessivos artigos entre Fevereiro e Julho, sobre a polémica construção destas barreiras. Alguns dos exemplos mais notáveis correspondem ao artigo "Construção de vedação gera polémica"[162] publicado pelo jornal Notícias da Amadora, "Estádio ergue muro da discórdia"[163] publicado pelo Jornal A Capital e "Linda-a-Velha não aceita Jamor vedado: Vedação metálica do Estádio Nacional foi instalada junto a edifícios vizinhos"[164] publicado por Jornal de Notícias de Lisboa.

A análise destes documentos posiciona-nos temporalmente no impacto que esta intervenção desencadeou nos utentes que utilizavam os espaços referentes ao complexo. Este espaço era considerado um parque urbano que conjugava tanto as atividades desportivas como outras de um caracter mais informal - "No entanto, pensamos nós, e salvo melhor e mais abalizada opinião, a grande maioria, continua a ir dar uma voltita com os miúdos, porque eles também precisam. Então, aos fins de semana, começa a romaria, faça sol ou faça chuva. Destino, Estádio Nacional"[165]. Ou mesmo,

161 LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições Lda., 26 de Julho de1999. p.4 e 5

162 JESUS, António - Construção de vedação gera polémica **in Notícias da Amadora.** Amadora: Semanário Popular, 13 de Março de 1999. p.8

163 NEVES, António - Estádio ergue muro da discórdia **in Jornal A Capital.** Lisboa: M.Guimarães, 7 de Junho de 1999. p.5

164 NEVES, António - Linda-a-Velha não aceita Jamor vedado: Vedação metálica do Estádio Nacional foi instalada junto a edifícios vizinhos **in Jornal de Notícias.** Lisboa, 6 de Junho de 1999. p.13

165 LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições Lda., 26 de Julho de1999. p.4

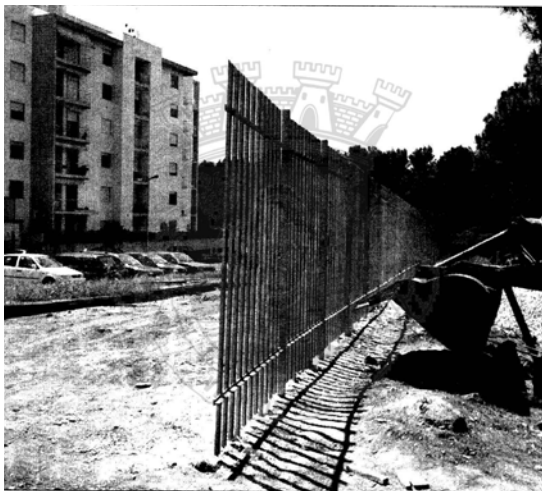


Fig.68. Construção das vedações na Rua Bernardo Santareno. Fonte: Sem autor - Linda-a--Velha: Vedação do Estádio Nacional é muro da discórdia **in 24 Horas.** Oeiras: 7 de Junho de1999. p.13.

no artigo "Construção de vedação gera polémica" surge a descrição do espaço próximo ao Alto de Santa Catarina, um dos pontos de intervenção individual, "numa zona estão mesas para piqueniques, um moinho. <Faziam ali festas de aniversário, as escolas iam para ali passear, os idosos descansavam, os escuteiros…Uma zona agradável. Um espaço mais humanizado para não ser uma zona dormitório.> Mas esse terreno para brincar e espairecer ficou inutilizado pela construção da vedação"[166].

A implantação destas vedações levantou na época uma série de protestos e preocupações, tais como, "Para além de haver a transposição dos limites, a população está preocupada com a questão do acesso a este bem público"[167]. Ou por exemplo, "Os moradores de Linda-a-Velha estão descontentes com a vedação do complexo do Estádio Nacional, no Jamor, que além de acharem inestética, receiam lhes corte o acesso à mata, que já faz parte das suas vidas. Na rua Bernardo Santareno as pessoas estão especialmente desgostosas porque a pouco mais de vinte metros de suas casas foi colocada uma vedação metálica com 2,5 metros, que excede a altura de todas as outras já colocadas"[168].

É de recordar que o projeto inicial não contemplava a existência destas barreiras, e apesar da sua implantação procurar prover os espaços de uma maior segurança, a sua existência segrega o tecido urbano do complexo relativamente à sua envolvente, perdendo-se assim, as suas relações de continuidade. Estas sucessivas barreiras construídas ao longo dos tempos colocam em causa a própria génese do Estádio Nacional, ou seja, o desenho desta extensão da cidade pretendia criar uma afinidade entre desporto, natureza e metrópole. "Pensando-se na construção duma cidade desportiva destinada à aplicação e às grandes provas de competição de carácter espetacular é indispensável que ela

166 JESUS, António - Construção de vedação gera polémica **in Notícias de Amadora.** Amadora: Semanário Popular, 13 de Março de 1999. p.8
167 JESUS, António - Construção de vedação gera polémica **in Notícias da Amadora.** Amadora: Semanário Popular, 13 de Março de 1999. p.8
168 NEVES, António - Estádio ergue muro da discórdia **in Jornal A Capital.** Lisboa: M.Guimarães, 7 de Junho de 1999. p.5



Fig.69. Representação da Planta referente ao projeto de 1940.

seja prevista dentro de uma vasta reforma de urbanização"[169]. O próprio Caldeira Cabral descreve na Memória Descritiva depositada no Forte de Sacavém, que o propósito do projeto revela uma intenção de integração na paisagem, defendendo a ideia de um estádio Olímpico grego que pressupõe abertura, em oposição à noção do anfiteatro romano que é delimitado. "Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e do qual se pudesse estar em contacto com ele. Concebêmo-lo por isso aberto e localizamo-lo de modo a que de dentro se pudesse ver todo o Vale do Jamor. (…) A abertura do estádio constitui enquadramento da paisagem e limita ao mesmo tempo o recinto do estádio. (…) Desta forma o recinto edificado mantem-se me contacto direto com a forma do terreno e a plantação, e o todo constitui o primeiro plano que enquadra a paisagem"[170]. Não foi possível observar as fotografias que acompanhavam a memória descritiva, todavia no texto de Teresa Andersen surge a referência destas com a seguinte citação de Caldeira Cabral: "O estádio grego é aberto, (…) Assim os jogos e concursos realizam-se, tendo como fundo a paisagem (…) O anfiteatro é rigorosamente fechado e marcadamente arquitetónico"[171].

Estas vedações marcam a composição de ruptura no tecido urbano, não apenas física, mas também duma forma psicológica, que por vezes, é tão forte quanto uma barreira material. "Apesar de a Direcção do Estádio Nacional afirmar que a vedação está a ser colocada por razões de segurança. Helena Simões considera que as grades não dão garantias nesse domínio: Ainda se torna mais assustador"[172]. Actualmente estas barreiras geraram um conjunto de espaços não aproveitados, desertificados, com acessos difíceis e insuficientes. Desta forma, as margens entre o Complexo e os bairros habitacionais converteram-se em espaços intersticiais que as pessoas não usam, pois além de não existirem quaisquer quali-

169 ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: a sua génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras : Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.13

170 **Memória descritiva e justificativa do projeto do Novo Estádio de Lisboa.** 16 de Março de 1938. Retirado do Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 2

171 ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: a sua génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras : Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.18

172 NEVES, António - Linda-a-Velha não aceita Jamor vedado: Vedação metálica do Estádio Nacional foi instalada junto a edifícios vizinhos **in Jornal de Notícias.** Lisboa, 6 de Junho de 1999. p.13

dades espaciais, também não tem ligações de continuidade.

Assim sendo, o sentido do Complexo do Estádio Nacional como um lugar efectivo de encontros e partilha entre indivíduos desvaneceu-se. No projeto inicial estes espaços foram pensados com inúmeros miradouros que procuravam construir uma relação mais informal com o Vale do Jamor. Embora estes espaços estivessem contemplados no projeto da construção do Estádio não chegaram a ser concretizados. Espaços públicos, tais como o Miradouro de Santa Catarina, o Miradouro do Grande Estádio, o espaço da Pira Olímpica, parte da Praça de Atletismo, entre outros.

No projeto individual, com a finalidade de poder intervir e desmantelar as barreiras, realizou-se o seu levantamento, que culminou num desenho analítico e num story board fotográfico, apresentados nas figuras 32 a 34. Como resultado desta análise verificou-se que os espaços públicos qualificados são inexistentes, à excepção dos que estão associados diretamente aos equipamentos, como por exemplo o Complexo de ténis. Todavia, não podemos considera-lo inteiramente público, pois encontra-se delimitado por barreiras.

Assim sendo, o projeto individual procura colmatar esta debilidade do complexo, com a construção de uma série de miradouros que se interligam, criando um sistema que transcende as barreiras impostas.



Fig.70. Desenho de levantamento e análise das barreiras existentes no Complexo Desportivo. Desenho elaborado pela autora.



Fig.71. Story Board fotográfico das diversas vedações que limitam os espaços ao longo do Vale, 2020. Fotografias da autora.



Fig.72. Continuação do Story Board fotográfico das diversas vedações que limitam os espaços ao longo do Vale., 2020. Fotografias da autora.



13

Fig.73. Continuação do Story Board fotográfico das diversas vedações que limitam os espaços ao longo do Vale, 2020. Fotografias da autora.

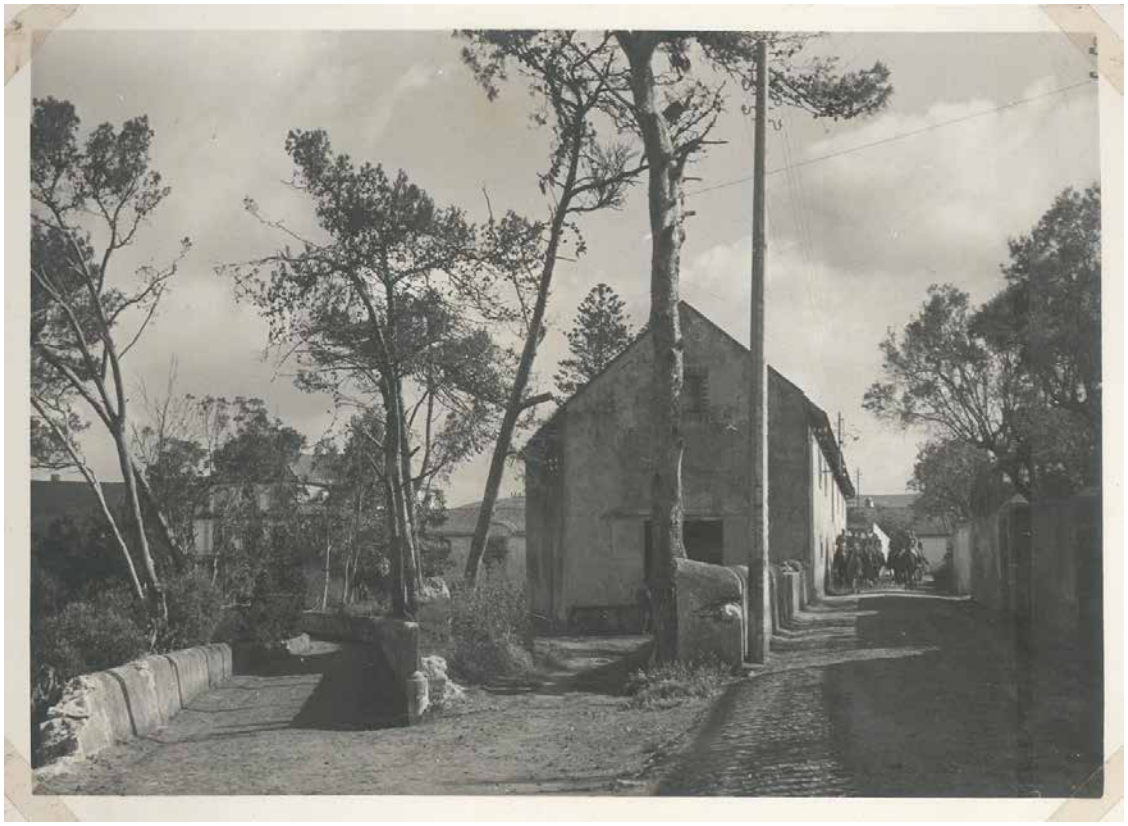


Fig.74. Quinta das Biscoteiras. Autor e data desconhecidos.

A concepção da paisagem através da construção do território

"Verde. Muito verde. Mais verde. Lindo de se olhar. Óptimo para se sentir. Espaços enormes, cheios de tons verdes, alí, à nossa espera. Como se o tempo estivesse parado numa qualquer esquina do espaço. Como se o espaço fosse adquirido ao longo do tempo, uma dimensão muito própria, criada apenas e só, para deleite doloso prazer. Como se fôssemos os únicos neste ponto do sistema solar. Não somos. Mas temos, apenas e só para nós, algo demito particular. Alí, podemos vislumbrar um ponto de fuga, para lá do que se afigura como mentalmente integrado num circulo vicioso colocado fora do que para nós teria de ser considerado o mais normal dos mundos. (…) A verdade, é que acabamos por necessitar cada vez mais, de algo que nos transmita alguma paz de espirito, mesmo que por breves momentos. (…) No entanto, pensamos nós, e salvo melhor e mais abalizada opinião, que a grande maioria, continua a ir dar uma voltita com os miúdos, porque eles também precisam. Então, aos fins de semana, começa a romaria, faça sol ou faça chuva. Destino, Estádio Nacional. Todos os caminhos vão dar ao Estádio Nacional. (…)"[173].

A proposta de investigação está estritamente ligada à análise da área de intervenção, uma vez que esta possui características muito peculiares em relação à sua paisagem e topografia. Uma paisagem que cria um equilíbrio perfeito quer entre natureza e homem, tal como entre o passado e presente. Um cenário povoado por reminiscências de paisagens de outrora, que o plano de Estádio Nacional absorveu e respeitou "(…) algumas reminiscências culturais, históricas e paisagísticas do local, (…) os núcleos das antigas Quintas senhoriais, as pontes seiscentistas, os antigos moinhos, os faróis e capelas (…) desenha e constrói uma Paisagem ideal e coloca essas reminiscências no contexto de cenários e espaços de recreio e lazer, integrados em jardins e amplas manchas arborizadas"[174]. Estas reminiscências à beira da ruína tem-

173 LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 26 de Julho de1999. p.4

174 DIAS, Rodrigo Alves – Estádio Nacional: O Grande Parque sem luxos dos anos 30, Séc. XX. Uma Unidade Paisagística e ambiental do Séc. XXI. Intervenção na Conferência: O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer, inserida nas Jornadas Europeias do Património, 17 Setembro 2005. Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e**

poral, “destroços do passado, feridas numa paisagem que chega a roçar o paradisíaco, tal é a profusão de vegetação e o silêncio que domina o vale”[175].

Por paisagem entende-se o resultado de uma combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. Estes elementos de uma forma dialética conjugam-se uns com os outros constituindo a paisagem como um conjunto indissociável, em perpétua metamorfose.

O conceito de Paisagem é uma construção cultural, sendo este a percepção daquilo que nos cerca, seja ela natureza ou idealização[176]. É o que vemos, a forma como vemos e o significado que atribuímos a essa visão. Deste modo, a paisagem é uma concepção cultural, pois resulta de uma construção temporal nos quais os diversos elementos estão interligados no espaço e no tempo. Após a análise da paisagem do Jamor entende-se este como um meio que estabelece um profícuo diálogo entre passado e presente, enquanto nos aponta os caminhos de futuro. A paisagem é o produto complexo resultante das diversas metamorfoses, e não apenas de uma imagem.



Fig.75. Vista da ponte sobre o rio Jamor, 1925. Autor desconhecido.

Desta forma, as paisagens têm uma “espessura antropológica” [177], uma construção temporal de várias memórias que revelam as diversas sedimentações ou marcas deixadas por sucessivas transformações. “O estudo da Paisagem era quase um exercício de sedução: desmontar para perceber, relacionar, encontrar as marcas do tempo, as vicissitudes da história, as estações, os campos, as formas de povoamento, as construções, os

a sua Época. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.77

175 PINCHA, João - Vale do Jamor. O último pulmão verde de Oeiras está em risco? **in Observador.** Lisboa, 14 de Abril de 2016. (Consult.2020.07.17) Disponível em: <https://observador.pt/especiais/vale-do-jamor-ultimo-pulmao-verde-oeiras-esta-risco/>

176 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008. p.96

177 DOMINGUES, Álvaro - A Paisagem revisitada **in Revista Finisterra.** XXXVI. nº72. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2001. p.56



Fig.76. Ponte do Cruzeiro sobre o rio Jamor. Autor e data desconhecidos.

materiais"[178].

Nesta sequência o entendimento da área de intervenção acopla dois conceitos-chaves: paisagem e território. Ambos são complementares, na medida em que, a concepção da paisagem resulta por meio da construção do território. O território corresponde a um espaço geográfico socialmente construído, ou seja, "centrando a explicação do Território como um produto/construção social, lugar de confronto, tensões, de conflitos de uso e de apropriação e transformação"[179]. Desta forma, entende-se o território como um sistema, formada por elementos inter-relacionados que a configuram, como um conjunto de elementos interdependentes que constituem um todo, ao invés de uma mera soma de partes.

Ao estipular que o território é um sistema, composto por sub-sistemas e elementos, propõe-se que a intervenção procure um sentido de maior aproveitamento na ordenação do próprio território. Considerando o "territorio es mucho más que un escenario, porque es un sistema. A diferencia de los actores de un escenario, que actúan según un guión escrito por alguien, en un sistema, los agentes de la vida real improvisan la acción, aunque algunos se ponen de acuerdo para una mayor optimización de las acciones"[180]. Se considerarmos a concepção da paisagem através da construção do território como um elemento de continuidade temporal e espacial, este relaciona-se com a metáfora do Palimpsesto. O texto que desaparece mas que deixa marcas sobre o pergaminho quando é apagado, e o outro texto que ainda não foi construído, uma incógnita, pois ainda não foi desvendado. Deste modo, mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas as paisagens. Mas é a partir desta leitura que é possível



Fig.77. Paisagem junto à ribeira do Jamor, 1900. Autor e data desconhecidos.

178 DOMINGUES, Álvaro - A Paisagem revisitada **in Revista Finisterra.** XXXVI. nº72. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2001. p.56
179 DOMINGUES, Álvaro - A Paisagem revisitada **in Revista Finisterra.** XXXVI. nº72. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2001. p.57
180 FOLCH, Ramon - El Territorio como Sistema **in Conceptos y Herramientas de Ordenación.** Barcelona: Diputació de Barcelona, 2003. p.13

reinventar o futuro.

Por consequência o projeto individual procura desenhar e estabelecer ligações entre o existente, cozendo as partes para formar um todo. Apesar de "imperceptível a dificuldade de controlar a contraditória relação entre interior e exterior, entre proteção e abertura, entre luz e penumbra (…) Desenvolver um projeto consiste em ultrapassar a perene oposição entre natureza e criação humana. Tudo deverá surgir inevitavelmente evidente"[181].

O projeto define-se na relação que a arquitetura estabelece com a envolvente, reforçando a importância da análise do "lugar"[182] para o projeto, reconhecendo a sua memória de modo a poder valorizá-la. Tendo como objectivo desenhar o sistema de miradouros, desenvolveu-se um estudo aprofundado do local de intervenção de modo a compreender a dinâmica da paisagem in locus. Estes miradouros situados em pontos estratégicos na topografia do Vale, reforçam a ideia de pertença a um lugar. Esta ideia de pertença, define o lugar como abrangente dos dois elementos que o constituem – o projeto e a envolvente. Este conceito sublinha uma relação de inclusão e não de oposição. Deste modo na relação que se estabelece entre o edifício e a envolvente, o projeto que se cria é formado essencialmente pela relação intrínseca com o lugar. "O espaço exterior não é um mero espaço residual do edificado mas sim o seu complemento orgânico, lógico, prático"[183].

A implantação do projeto está relacionada com a concepção da paisagem, de forma a que os espaços intersticiais que actualmente não são utilizados, e tem potencial para gerar uma constelação de miradouros se relacionem com o seu contexto topográfico e paisagístico.

181 SIZA, Vieira - **01 textos.** Porto: Civilização Editora, 2009. p. 329
182 FRIAS, Laura - Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar **in Arquiteturarevista.** Vol.9, nº2 (2013). p.161
183 TAINHA, Manuel - **Textos do Arquitecto Manuel Tainha.** Lisboa: Estar Editora, 2000. p.86

III| A concepção da paisagem

Análise Morfológica do Lugar

"Quem desde Tejo abaixo... e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de agosto a princípios de novembro é que tudo ali corre (…)"[184].

184 GARRETT, Almeida - Linda-a-Pastora in Romanceiro. Edições Vercial, 2014. Consultado (27/5/20). Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Romanceiro.html?id=gnGAAgAAQBAJ&redir_esc=y

O presente sub-capítulo recai na análise morfológica e urbana da área de intervenção em estudo: o Vale do Jamor. Esta análise procura servir como base metodológica do processo construtivo da investigação e de projeto procurando um entendimento do lugar - uma investigação que advém da análise "*in situ*".

A área de intervenção localiza-se no Concelho de Oeiras, entre as urbanizações de Caxias, a poente, Linda-a-Pastora, a norte, Linda-a-Velha/Cruz-Quebrada/Dafundo, a nascente, e tem como limite sul o rio Tejo.

O Complexo do Estádio Nacional foi integrado numa das mais importantes acções urbanísticas realizadas pelo Estado Novo. Parte constituinte de um conjunto de obras construídas durante o regime Salazarista com o objectivo de afirmar uma identidade nacional, "assente numa certa ideia mítica de nação e de interesse nacional (...) definida e aplicada pelos aparelhos de propaganda e inculcação do regime e de acordo com o ideário da revolução nacional"[185].

A localização da implantação do Estádio Nacional debateu-se entre duas alternativas: os terrenos do Vale do Jamor e os terrenos da atual Cidade Universitária. Todavia, pretendia-se que a sua construção se afastasse do centro da cidade e se integrasse numa zona verde. Segundo o relatório de Godinho de Oliveira, membro da Comissão Administrativa das obras do Estádio Nacional[186], pretendia-se pensar "(…) na construção de uma cidade desportiva destinada à aplicação e às grandes provas de competição de carácter espectacular é indispensável que ela seja prevista dentro de uma vasta reforma de urbanização. Considerando este problema no sentido geral pode dizer-se que estes campos devem ocupar a zona mais limpa e saudável das cidades e em local, tanto quanto possível, de fácil acesso. É de uso moderno situá-los fora dos aglomerados urbanos"[187].

185 ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo **in Análise Social.** Vol. XXXV (157). 2001. p.1032

186 ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: A sua Génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.13

187 OLIVEIRA, José - Estádios e Velódromos. Relatório da Missão Oficial de Estado no Estrangeiro. 1935- 36. Cit. por ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: A sua Génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.13

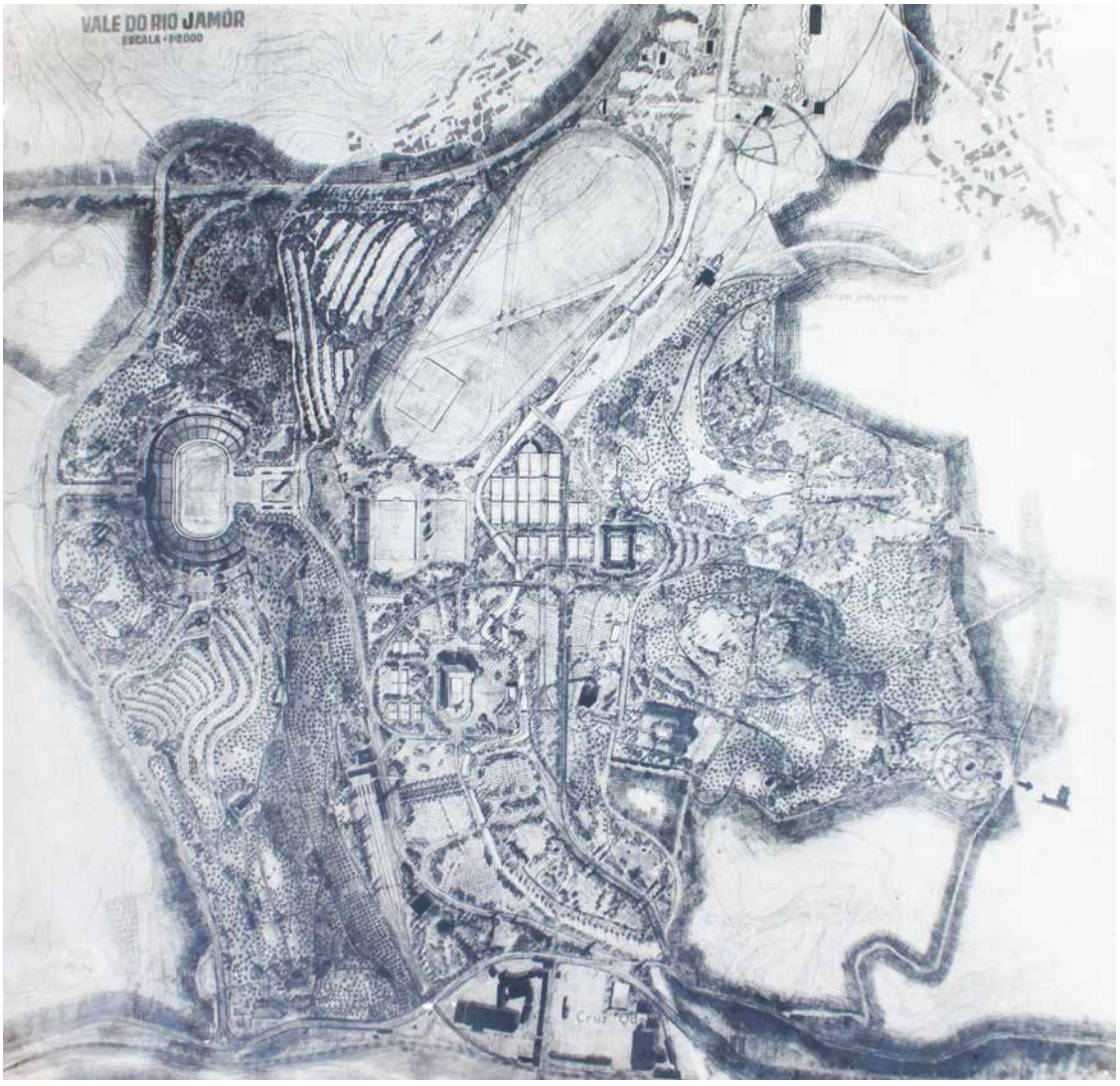


Fig.78. Planta da proposta do Estádio Nacional, 1939. Autor desconhecido.

"Situado no Vale do Jamor, concelho de Oeiras, constituiu um espaço eleito à ilharga da capital para localizar um dos mais importantes e simbólicos equipamentos do regime. Articulado com a criação do Parque Florestal de Monsanto conforme o "lugar" dos grandes equipamentos nacionais de lazer e desporto. Referenciado à estratégia de desenvolvimento da capital, surge no quadro da expansão privilegiada para poente coordenada com os novos eixos viários vocacionados para infra estruturar a rede do lazer, do turismo, do desenvolvimento privilegiado: da Marginal da Costa do Sol à primeira auto-estrada portuguesa"[188].



Fig.79. Proposta de Calderia Cabral, 1937.

Os terrenos são delimitados a norte pela auto-estrada proposta no Plano da Costa do Sol, a sul pela estrada marginal e linha férrea e a oeste, a estrada da Costa que interliga a A5 e a marginal. A sua implementação neste local foi importante, pois contribuiu para a consolidação do eixo turístico e de expansão da "Linha do Estoril". O território do complexo é trespassado pelo rio Jamor, ficando as infra-estruturas desportivas dispersas em ambos os lados das margens do rio de modo a que se proporcione quer espaços de prática desportiva ao ar livre como espaços de lazer. O projeto do Estádio Nacional baseia-se no princípio estruturador de libertar o vale de qualquer construção monumental, desta forma pretende-se que seja parte integrante da paisagem.

A topografia do território permite implantar o estádio numa cota superior adoçado à encosta poente do vale. Esta implantação permite que o estádio se relacione com a envolvente, e estabeleça relações visuais quer de proximidade como de distância (com diversos pontos do vale e colina oposta).

Ao libertar o vale da edificação do estádio, mantém-se o curso original do rio Jamor de forma a criar condições para a expansão do complexo desportivo. Este aspeto é referido nas críticas

188 TOSTÕES, ANA - A Crítica do Lugar **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.42

feitas por Francisco Caldeira Cabral à proposta apresentada pelo Jorge Segurado.

"As construções não devem ser colocadas numa baixa mas sim num ponto donde se domine a paisagem. Assim o edifício fica livre e para quem o vê adoçado a uma encosta ou coroando um cabeço, forma um conjunto harmónico com a natureza"[189].

Morfologicamente o Estádio implanta-se a partir da definição de um eixo central que acompanha o sentido da pendente da encosta. Deste modo, define-se um desenho assente numa hierarquia funcional e espacial que organiza os elementos estruturadores do conjunto. A sua construção na encosta permite realçar o carácter de integração e diálogo com a morfologia do terreno.

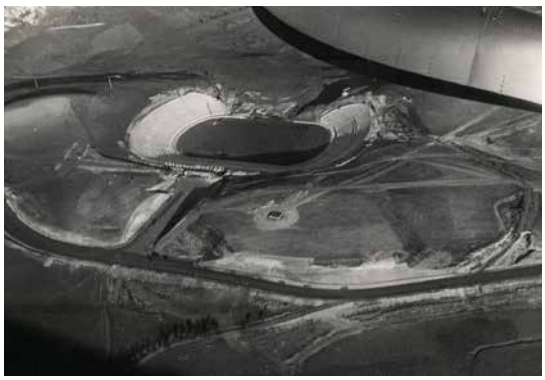


Fig.80. Fotografia Aérea do Estádio de Atletismo. Autor desconhecido.

O projecto inicial proposto por Caldeira Cabral para o complexo e por consequência para o Estádio Nacional atende a noção que os seus próprios limites se integram na paisagem, não sendo necessário barreiras físicas que os reforcem. Isto pois valoriza-se o contacto com a natureza na prática desportiva.

"Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e do qual se pudesse estar em contacto com ela. Concebemo-lo por isso aberto e localizámo-lo de modo a de dentro se pudesse ver todo o vale do Jamor. O estádio fica situado na encosta poente, no ponto de inflexão do vale. Do lado sul vêem-se para norte as aldeias de Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha e Carnaxide e os montes de Barcarena, e do lado norte vê-se o Tejo e a Trafaria. Não desejamos apenas integrar o estádio na paisagem afastada mas ligando-o aos montes e árvores próximas conseguimos alargar-lhe o âmbito estreitando o seu contacto com a natureza. Criamos assim um recinto natural formado pelas encostas e que nos permite apreciar verdadeiramente a grandeza do vale. Devia, além disso, ser possível a entrada de formações no campo do estádio. Nas festas da Mocidade Portuguesa e outras de carácter nacional, será possível ver, não só a entrada das formações, como o desfile

189 CABRAL, Francisco - **Memória Descritiva e Justificativa do Projecto do Novo Estádio de Lisboa.** 16 de Março de 1938. Consultado no Forte de Sacavém.

das mesmas no vale. Assim como na paisagem tudo se subordina às grandes linhas, também no estádio estas devem dominar todo o pormenor (…)"[190].

O Estádio Nacional articula espaços de feição urbana com as zonas destinadas aos eventos desportivos com um desenho morfológico hierarquizado, evidente e simples. É composta por avenidas que se ramificam em ruas com uma escala mais humanizada consoante as funções das zonas. O desenho das avenidas é marcada por alinhamentos de árvores que desempenham funções quer de delimitação como também de enquadramento e qualificação visual dos campos desportivos. A malha urbana é composta por curvas de forma a adaptar-se ao território e também desenhar um percurso que nega o "aspeto monótono de longas filas de árvores, porque nunca nos proporcionam uma vista de conjunto ou um aspeto de paisagem"[191].

Assim sendo, o uso da vegetação revela-se pertinente na re-interpretação das árvores existentes como elementos volumétricos, que definem o limite do estádio e permitem, ao mesmo tempo, criar um princípio de continuidade entre edificado e não-edificado que enfatizam a relação com o vale e com a envolvente.

"Privilegiou tanto as potencialidades do sítio como soluções consentâneas com as restrições do meio, prevendo eventos naturais críticos inerentes à proximidade de uma linha de água, delineando uma estrutura viária flexível adaptada ao terreno, integrando equipamentos nas encostas, propiciando a modelação climática, criando cenografias e aproveitando panorâmicas, potenciando as aptidões do vale do Jamor enquanto espaço de eleição para a prática de desporto e lazer - o complexo desportivo do Jamor que se rege por um programa predefinido compreende áreas e equipamentos para distintas práticas desportivas, tendo sido concebido de forma consentânea com os valores naturais e até culturais em presença (…)"[192].

A edificação actualmente presente no Vale revela a com-

190 CABRAL, Francisco. WIESNER, Konrad - **Memória Descritiva do Projecto Definitivo das Bancadas do Estádio de Atletismo.** 14 de Outubro de 1939. Consultado no Forte de Sacavém.

191 ANDRESEN, Teresa - **Três décadas de Arquitetura Paisagista em Portugal, 1940-1970: Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 35

192 ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: A sua Génese e a sua Construção **in O**



Fig.81. Fotografia do Estádio de Atletismo, 2014. Autor desconhecido. Exposto na Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.



Fig.82. Fotografia do Vale, 2006. Autor desconhecido. Exposto na Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.



Fig.83. Fotografia do Vale, 2014. Autor desconhecido. Exposto na Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.



Fig.84. Imagem do Vale, 1941. Autor desconhecido.



Fig.85. Construção do Estádio de Atletismo, 1940. Autor desconhecido.

plexidade do projeto, pois estabelece uma relação de continuidade temporal e cultural. Isto é, apesar do Vale do Jamor se encontrar em constaste mutação (como se poderá verificar no sub-capítulo da "Arqueologia da paisagem"), o seu desenho urbano permitiu criar uma relação de continuidade entre os recintos desportivos e as quintas de recreio bem como os moinhos, que são remanescencias de outras camadas temporais.

Contudo, a dinamização do complexo está dependente da reformulação e atualização de equipamentos e infra-estruturas para a prática do desporto competitivo, sendo que ao longo dos tempos aconteceram sucessivos acrescentos e demolições. Com o advento das privatizações surgem também acrescentos de barreiras e vedações metálicas que segregam o tecido urbano relativamente à sua envolvente, fazendo com que exista uma clara perda de relações de continuidade.

"Constata-se de intervenções profundas que condicionam os propósitos do passado e os valores culturais em presença: a dispersão de construções e equipamentos nas zonas planas de vale compromete a vasta clareira em tempos pensada; vários obstáculos construídos e plantados condicionam panorâmicas; a estrutura verde pouco consistente e degradada acentua a entropia local; a polarização unidades em torno de edifícios autónomos e díspares compromete a unidade e coesão do centro desportivo; alterações viárias condicionam a estrutura funcional"[193].

A proposta de intervenção surge precisamente desta sequência, ou seja, da ausência de elementos articuladores entre espaços e da implantação das referidas barreiras, procurando criar espaços públicos que enaltecem e preservam a identidade, autenticidade e integridade cultural da paisagem do Vale do Jamor.

Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer. Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.18

193 Direcção Geral do Património Cultural - **Proposta de abertura do procedimento de classificação do Estádio Nacional.** 14 de Outubro de 1939. Consultado (10/5/20). Disponível na internet: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2019/estadionacional/er3.pdf



Fig.86. Desenho Síntese da demarcação das barreiras existentes. Desenho elaborado pela autora.

Lugar, paisagem e identidade

"(...)Paisagens, quero-as comigo
Paisagens, quero-as comigo
Paisagens, quadros que são...
Ondular louro do trigo,
Faróis de sóis que sigo,
Céu mau, juncos, solidão...(...)" [194]

194 PESSOA, Fernando - **Poesias Inéditas (1930-1935).** Lisboa: Ática, 1955. p.35. Consultado (16/4/2020). Disponível em: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3460.pdf

"Sobre um mundo que fomos compreendendo no decurso de um tempo longo, erguemos construções, modelos, desenhos de arquitectura onde se joga no intervalo sensível entre espaço e tempo, desenhos, fotografias, textos. Projectos. Imagens de representação do território, rastos deixados por um olhar reflexo e perplexo de quem não pode deixar de se surpreender com o seu próprio labor na construção da grande cidade infinita"[195].

Tal como já foi mencionado, partiu-se da análise objetiva do território para se chegar à sua identidade e por consequência definir assim a própria proposta. Desta forma, a investigação visa dotar o projeto de uma análise da importância do lugar de modo a estabelecer um processo de continuidade e diálogo entre ambos. Na obra de Paul Valéry torna-se evidente que para se fazer arquitetura é fundamental conhecer o território minunciosamente[196]. Pois ao contrário da pintura/escultura que se relaciona com uma porção do espaço, a arquitetura abrange uma "magnitude completa"[197], o autor "(…)señala que mientras una pintura o una escultura se encargan de cubrir una porción del espacio, la arquitectura es una "magnitud completa", tanto su interior como sus alrededores[198]. Denota la presencia de los límites, que los compara con la orilla del mar: siempre cambiante y con olas, pone como ejemplo un navío al que debería crearlo el conocimiento del mar y modelarlo las mismas olas"[199].

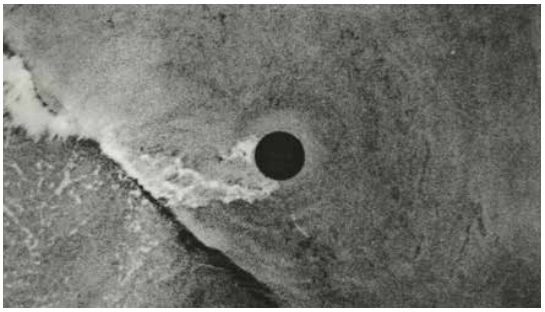


Fig.87. "The hole in the sea", filme de Barry Flanagan. Fonte: FLANAGAN, Barry - "The hole in the sea", 1970.

A investigação procura estudar a importância do lugar para o ato de projetar e criar relações entre o construído e a envolvente. Revela-se, por isso, o papel fundamental da identidade do lugar, não só do ponto de vista físico e material, mas também cultural e poético[200].

195 BELO, Duarte - Uma cidade desenhada por um rio: Superfície **in Lisbon Ground.** Lisboa: Direção Geral das Artes, 2012. p. 21
196 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, no2 (2013). p.164
197 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, no2 (2013). p.164
198 VALÉRY, Paul - **Eupalinos o el arquitecto: el alma y la danza.** Madrid: Editorial La Balsa de la Medusa, 2004. p. 38
199 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, no2 (2013). p.164
200 MONEO, Rafael - Inmovilidad substancial **in Contra la indiferencia como norma.** Chile: Ediciones ARQ, 1995. p. 35 a 37.

A leitura poética do lugar resulta da compreensão intuitiva e subjectiva das qualidades intrínsecas distintivas deste. Estas premissas culturais e identitárias, apesar de subjectivas permitem uma leitura poética por forma a possibilitar a valorização e relação entre lugar e envolvente.

Tal como é referido no texto *Inmovilidad Substancial*[201] de Rafael Moneo, para fazer a análise do lugar deve-se aprender a escutar o seu murmúrio, distinguindo quais as características a preservar e os que devem ser substituídos pela construção de uma nova realidade[202].

A atual paisagem da área de intervenção é a camada mais recente da complexidade deste, assim o "el territorio se extiende posponiendo lo que sé de él, lo percibo, lo veo"[203]. Deste modo, "(…)el territorio es objeto de una construcción. Es una especie de artefacto. En primer lugar, también es un producto"[204]. Tal como no filme *The Power of Ten*, anteriormente referido, apresenta-se uma análise que inicia a narração numa escala abrangente fazendo zoom-ins progressivos quer a nível temporal como espacial. Reconhece-se assim o lugar enquanto uma composição contínua de diversas camadas mutáveis, ao nível da paisagem, percepção e conhecimento. Desta forma, a análise mais pormenorizada do lugar, permite através do diagnóstico das suas metamorfoses, identificar e desenhar melhor os espaços, de modo a tornar visível o invisível.

A importância deste estudo para o projeto, centra-se no facto de se reconhecer a memória do seu contexto de modo a poder valorizá-la, não com o objetivo de uma mimese em que se recupera ambientes perdidos, mas como oportunidade de criar um projeto de vivências atuais que reaviva as qualidades perdidas no tempo. Assim sendo, o projeto procura definir o construído como uma caixa de ressonância que amplifica a leitura do território e da paisagem, "la arquitectura se podría concebir a modo de una

201 MONEO, Rafael - Inmovilidad substancial **in Contra la indiferencia como norma.** Chile: Ediciones ARQ, 1995. p. 31 a 45.
202 MONEO, Rafael - Inmovilidad substancial **in Contra la indiferencia como norma.** Chile: Ediciones ARQ, 1995. p. 35 a 37.
203 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto **in Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.30
204 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto **in Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.33

caja que filtra o amplifica los hilos del "tejido continuo y abarcador". Aunque como aclara el autor, al igual que la música no es el instrumento, tampoco la arquitectura es la caja. Define el Lugar construido como una caja de resonancia que transforma señales ajenas a ella adaptándolas a las condiciones de una recepción sensible para su apreciación"[205].

Torna-se difícil definir ou qualificar o lugar através de um só critério, pois como foi referido, é constituinte de um processo complexo onde a sua relação temporal camuflou e misturou as suas componentes. "El territorio es un "proyecto" la relación entre una superficie topográfica establecida en él, nos permite afirmar que "no hay sin la imaginación del territorio, sin embargo como proyecto, adquiere un significado (…)"[206], a interpretação do território advém de uma construção cultural.

"Cuando hablamos de territorio consideramos además de la base geológica, el suelo y su relieve, la estructura organizada de una sociedad donde los sistemas se entremezclan para hacer posible el desarrollo social" [207].

A referência de Laura Frias ao quadro "S. Jerónimo" de Dürer, onde está representada uma figura que coloca as mãos sobre ambos os crânios, revelando uma relação evidente entre o "lugar tátil" e "lugar do pensamento"[208]. Do mesmo modo, podemos relacionar metaforicamente esta perspetiva com a noção de paisagem, pois esta corresponde não apenas ao espaço físico que se percepciona, mas também ao espaço conceptual construído através da memória e experiência pessoal



Fig.88. Quadro "S. Jerónimo" de Dürer. Fonte: FRIAS, Laura - Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar **in Arquiteturarevista.** Vol.9. Nº2. São Leopoldo: Unisinos, 2013. p.162.

205 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura através de la noción de lugar.** Arquiteturarevista. Vol.9, no2 (2013). p.164

206 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto **in Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015. p.30

207 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.15

208 FRIAS, Laura - **Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura através de la noción de lugar**. Arquiteturarevista. Vol.9, no2 (2013). p.162

de cada indivíduo.

A noção de paisagem cultural desde da sua génese é uma construção cultural que se afirmou progressivamente no campo artístico, que posteriormente o impulsionou para a ideia da paisagem [209].

Tal como Anne Cauquelin, diversos autores, tais como Maderuelo[210], Honckney[211], Maria Andersen[212] e Joan Nogué[213] defendem o conceito de Paisagem como uma construção cultural. Paisagem é então a percepção daquilo que nos cerca, seja ela natureza ou idealização. É o que vemos, a forma como vemos e o significado que atribuímos a essa visão. "El paisaje no es [...] lo que está ahí, ante nosotros, es un concepto inventado o, mejor, una construcción cultural. El paisaje no es un mero lugar físico, sino el conjunto de una serie de ideas, sensaciones y sentimientos que elaboramos a partir del lugar y sus elementos constitutivos. La palabra paisaje (...) también reclama algo más: reclama una interpretación, la búsqueda de un personaje y la presencia de una sensibilidad. (...) La idea de paisaje no se encuentra tanto en el objeto que se contempla como en la vista de quien lo contempla. No es lo que está delante de ti, sino lo que ves" [214]. A paisagem "se compõe por uma multiplicidade de visões"[215] sobre o território complexo, formado por diversas camadas.

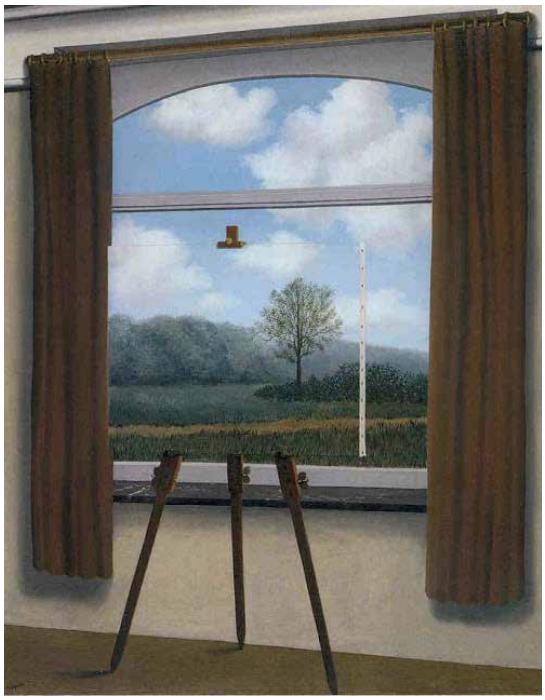


Fig.89. Quadro "A Condição Humana" de René Magritte, 1933.

209 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008.
210 MADERUELO, Javier - **El Paisaje: genésis de un concepto.** Madrid: Abada Editores, 2005.
211 HOCKNEY, David - **O conhecimento secreto.** São Paulo: Cosac Naify, 2001.
212 ANDRESEN, Maria - **Para a Critica da Paisagem.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992. Tese de Doutoramento.
213 NOGUÉ, Joan - La valoración cultural del paisaje en la contemporaneidad in El paisaje en la cultura contemporánea. Col. Paisaje y Teoria. Madrid: Biblioteca Nova, 2008.
214 MADERUELO, Javier- **El Paisaje: génesis de un concepto.** Madrid: Abada Editores, 2005. p.38
215 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

Deste modo revelar a paisagem traduziu-se numa investigação que possibilitou não só conhecer algumas das variáveis deste conceito, como também colocou a descoberto algumas problemáticas que surgem na tentativa de estabelecer a sua definição. Assim sendo, diversos autores apresentam diferentes pontos de vista, todos válidos que representam nuances e variações que demonstram a impossibilidade de definir o conceito, sendo diverso, distinto e utilizado com diferentes significados.

"El paisaje no existe per se, es una construcción, ya sea de una persona o de una masa social, una cultura o una civilización. Cualquiera de las definiciones o descripciones del concepto de paisaje son válidas, todas significan lo mismo y a la vez todas se complementan en sus diferencias"[216]. Por conseguinte o objetivo da investigação não é definir o conceito de paisagem, mas traçar uma narrativa que permita compreender a sua complexidade tal como diagnosticar o território através da sua interpretação. Anne Cauquelin aborda este aspeto importante na sua obra afirmando que apesar da percepção ser o que os olhos captam da luz, a imagem é formada através de um processo mental complexo que deriva de indivíduo para indivíduo, e subsiste principalmente da memória. "Só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto"[217].

Segundo Joan Nogué, paisagem é a "proyección cultural de una sociedad en un espacio determinado (...) con dos dimensiones intrínsecamente relacionadas: una física, material y objetiva, y otra perceptiva, cultural y subjetiva. (...) Puede interpretarse como un dinámico código de símbolos que nos habla de la cultura de su pasado, de su presente y también la de su futuro"[218]. Deste modo, podemos associar a paisagem a uma dimensão temporal, "por paisagem, embora sendo um termo etimológicamente originado na pintura, endente-se a resultante da intercepção espacial e temporal (…)"[219]. Fundamenta-se assim a ideia de que a paisagem e o território são como entidades mutáveis e compostas por camadas,

216 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.27

217 CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008. p.96

218 NOGUÉ, Joan - La valoración cultural del paisaje en la contemporaneidad in El paisaje en la cultura contemporánea. Col. Paisaje y Teoria. Madrid: Biblioteca Nova, 2008. p.10-11. Cit. por VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage**. Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

219 ANDRESEN, Maria - **Para a Critica da Paisagem.** Aveiro: Universidade de Avei-

tal como um "palimpsesto"[220]. O termo referente ao conceito abordado por André Corboz, alude à escrita de pergaminhos, ou seja, estes eram reciclados na medida em que os textos que foram rescritos sucessivamente sobre os mesmos. Isto cria numerosas camadas de informação, nas quais existe o potencial de reencontrar e reinterpretar o passado por forma a melhor desenhar o futuro. Comparando metaforicamente o processo de escrita do pergaminho com a paisagem, esta é composta por uma sucessão de diferentes camadas subscritas por outras novas alterando a sua morfologia.





Fig.90 e 91. Imagens retiradas do filme "Ruínas" de Manuel Mozos, 2009.

Todavia, as camadas que a compõem não são meras sobreposições, elas estabelecem relações que apesar de sofrerem por vezes rupturas ou modificações são constituintes de um processo contínuo. Um conjunto de inúmeros fragmentos que podem ou não estar dotados de sentido. "Os objetos formam uma trama. A paisagem não é uma acumulação de coisas, um simples recipiente. Os objetos compõem um todo e valorizam-se mutuamente pelas relações que instauram entre eles, e não por sobreposição recíproca. Se ocorre deslocarem-se, a trama modifica-se. Uma paisagem é uma imagem unívoca com múltiplos elementos; uma imagem com a sua especificidade, com o seu caráter específico, uma ima-gem determinada pela relação paisagista, é formada pelo lugar que cada objeto tem com base nos outros elementos" [221].

"Paisagens... Recordações,
Porque até o que se vê
Com primeiras impressões

ro, 1992. Tese de Doutoramento. p.4

220 CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto i**n Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015.

221 FERRIOL, Massimo - Jardins, nouveaux paysages: la puissance du regard, in Neo-Landscapes - Évora Meetings. Évora: Edições Eu é que sei, 2006. p. 83. Cit. por MONTEIRO, Luís - **Reinventar a Paisagem na Era Digital.** Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016. Tese de Doutoramento. p.37

Algures foi o que é,
No ciclo das sensações"[222]

Esta ideia de compreender o modo como as camadas temporais se acumulam na área de intervenção é abordado no sub-capítulo seguinte, intitulado de "Arqueologia da Paisagem", onde se apresenta uma narrativa das diversas metamorfoses do Vale do Jamor. Traça-se um paralelo entre esta metodologia de compreender o lugar e o filme Ruínas de Manuel Mozos, que apresenta um conjunto de "ruínas". Todavia, é a forma de interpretar a ruína que é relevante para a investigação, na medida em que as cenas apresentam imagens do edifício atual (no seu estado ruinoso) acompanhadas pelas memórias que são trazidas através de palavras. As ruínas não são romantizadas, mas levantam inquietações no espectador. Também a organização cénica não condena os edifícios à morte, mas apresenta as diversas fazes da sua utilização, como se o edifício estivesse espectante de se libertar do seu estado cadáver para se restituir com outra função.

A divergência em relação à escala de abordagem no território e percepção da paisagem não têm de ser limitativa. Apesar do território ser um elemento vasto e contínuo, enquanto a paisagem é uma relação fixa de um determinado ponto no espaço, o projeto procura transcender estes limites. O projeto tenta evitar uma imagem fixa, pois a cidade e a paisagem transformam-se constantemente, consoante o lugar e o momento de onde a observamos. Isto é, a paisagem não se reduz apenas a um enquadramento onde vislumbramos o lugar, mas funciona como um elemento que possibilita a leitura imersiva do território. Deste modo no capítulo seguinte ir-se à desenvolver este conceito, recorrendo à ligação dos pontos mirantes através de percursos. Cria-se assim uma deambulação que redesenha o Vale do Jamor.

"Para compreendê-la é necessário abandonar outro grande equívoco, o de que estético nada mais é do que o panorama, a vista, e que se reduza ao subjetivo. É necessário chegar a pensar-se a paisagem como identidade estética dos lugares, como valor certamente não objetivo (...), mas não meramente subjectivo no sentido da arbitrariedade. É necessário reivindicar para a paisagem o estatuto de todos os valores estéticos, e que é o de serem valores intersubjetivos, culturais e históricos, isto é, de serem meios de

222 PESSOA, Fernando - **Poesias Inéditas (1930-1935).** Lisboa: Ática, 1955. p.35. (Consultado em 16/4/2020). Disponível em: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3460.pdf



Moinho



Alto de Santa Catarina



Alto de Santa Catarina



Quinta da Graça



Jardins Quinta da Graça



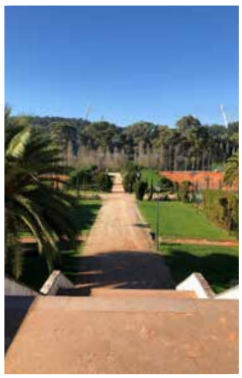
Rio Jamor



Alto de Santa Catarina



Alto de Santa Catarina



Centro de Ténis



Centro de Ténis



Centro de Ténis



Alto de Santa Catarina

Fig.92 a 104. Fotografias do Complexo, 2020. Fotografias da autora.



Vista do Terraço da Quinta da Graça

identificação cultural a paisagem em sentido para uma comunidade, para um povo"[223].



Fig.105. Fotografia da Paisagem do Alto de Santa Catarina, 2020. Fotografia da Autora.

Os diferentes fragmentos da paisagem que compõem o território, tornam-no detentores de características especificas daquele espaço: uma identidade própria. A identidade significa a paisagem nunca pode ser independente por se encontrar intimamente ligada com a experiência do lugar. Assim, esta influencia o desenho de qualquer intervenção que deverá procurar "crear desde las raíces como un árbol que se abre, afín de coser las distintas piezas en un orden nuevo, pues hacer arquitectura es hacer arte"[224]. A identidade contribui significativamente para o desenho do projeto, pois para a sua execução é necessário conhecer atentamente o contexto de intervenção. Na medida em que é fundamental identificar as particularidades daquele lugar, tanto as suas continuidades como também as suas rupturas, não só o fio condutor, mas os seus fragmentos.

223 D'ANGELO, Paolo - Os limites das teorias actuais da paisagem e a paisagem como identidade estética dos lugares in Filosofia e da Paisagem - Uma Antalogia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012. p.340. Cit. por MONTEIRO, Luís - **Reinventar a Paisagem na Era Digital.** Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016. Tese de Doutoramento. p.22

224 SIZA, Álvaro - **Revista El Croquis,** 95: 1995-1999. 1999. p.6-56

A arqueologia da Paisagem

"(…) Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
Algures foi o que é,
No ciclo das sensações(…)"[225]

225 PESSOA, Fernando - **Poesias Inéditas (1930-1935).** Lisboa: Ática, 1955. p.35. Consultado (16/4/2020). Disponível na internet: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3460.pdf

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

A arqueologia da Paisagem é entendida como o estudo das composições e metamorfoses desta, onde se procura conhecer a sua formação tanto numa perspectiva sincrónica como diacrónica. A sua designação deriva do conceito de palimpsesto anteriormente referido, que alude às camadas de informação, na qual se pretende descobrir a possibilidade de reencontrar e reinterpretar rupturas e continuidades. Deste modo, questiona-se qual a contribuição destas memórias no contexto do Vale do Jamor, e de que forma se pode desenhar uma nova realidade projetual. A análise, demonstra que o Jamor foi palco de diversas mutações, onde ao longo dos tempos a sua evolução esteve estreitamente associada à dinâmica e transformação da cidade (desenvolvido no sub-capítulo da "Cidade dos Mirantes").

A paisagem do Vale é um elemento diferenciador da região, pois conjuga a complexidade dos elementos que a constituem num diálogo simbiótico entre natureza e arquitectura. A idealização de miradouros no Vale do Jamor não é uma novidade relativamente à forma como se utilizavam estes espaços, pois são frequentemente referenciados em diversas obras literárias (tais como, *Elucidário de alguma Oeiras*[226], *Os primeiros trabalhos literários*[227] e *Sitío da Cruz Quebrada*[228]), como áreas de contemplação e veraneio. Estes pontos são igualmente de grande simplicidade e quase transcendentais, pois convocam por si só uma experiência sensorial, sem que seja necessário grande intervenção.

"Numa tarde primaveril, desejando vislumbrar o mais longínquo horizonte, enxergar a realidade e regredir ao passado, tudo porque tive um sonho a concretizar, fui até ao Alto da Boa Viagem, sentei-me junto à arriba, talvez onde tenha existido o Forte altaneiro e não longe do que foi o Convento dos Arrábidos de Nossa Senhora da Boa Viagem. Olhando ao redor, admirei quanto é belo tudo o que avistava até à Torre de S.Julião da Barra, ao Bugio, às terras distantes embaciadas pela neblina e a um mar sem fim; mais perto,



Fig.106. Vista para o Alto da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos.

226 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010

227 FIGUEIRA, Francisco - **Os Primeira Trabalhos Litterarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865.

228 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963.

a bela margem esquerdo do Tejo até ao Cristo-Rei e à majestosa Ponte. (…) Deste passeio visual à distância e, em parte, virtual, seguido noutra ocasião de um percurso real e de observação (…)"[229].

Também Almeida Garrett que habitava na Quinta do Rodízio, descreve no excerto do Romanceiro - XXXII a paisagem deste lugar. "Quem desce Tejo abaixo…e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitando os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos de mar povoam aqueles belos ermos (…) Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. (…) À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastoado na verdura viçosa e florida da Primavera (…)[230] ."



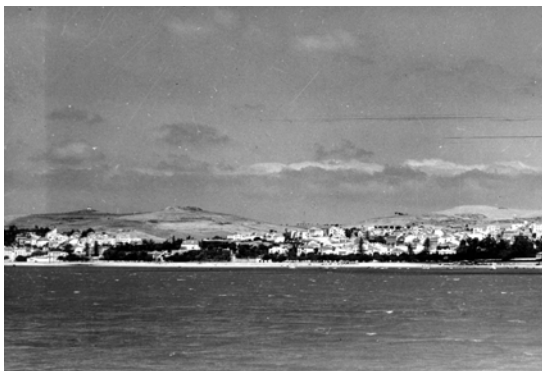


Fig.107. Praia da Cruz Quebrada, 19--. Fonte: FERRARI, Amadeu.
Fig.108. Panorâmica sobre Algés e Dafundo, 1940. Fonte: FERRARI, Amadeu.

A topografia do território apresenta o Vale ladeado por colinas que não só constituem espaços de contemplação, mas também simbolizam pontos de assentamento pré-históricos. O Alto de Santa Catarina com a sua "elevação isolada"[231]. proporcionava "boas condições naturais de defesa"[232].

Os poucos testemunhos desta ocupação advém de artefactos e alguns vestígios do período Paleolítico e Calcolítico, que foram descobertos em escavações arqueológicas do século XIX,

229 GOMES, Levy - **Cruz-Quebrada - Dafundo: Património e Personalidades.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2006. p.9 e 10
230 GARRETT, Almeida - Linda-a-Pastora **in Romanceiro.** Edições Vercial, 2014. p.201. Consultado (27/5/20). Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Roman- ceiro. html?id=gnGAAgAAQBAJ&redir_esc=y
231 CARDOSO, João. Cardoso, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.108
232 CARDOSO, João. Cardoso, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.108



Fig.109. Desenho Síntese do Vale no Período Paleolítico e Calcolítico. Desenho elaborado pela autora.

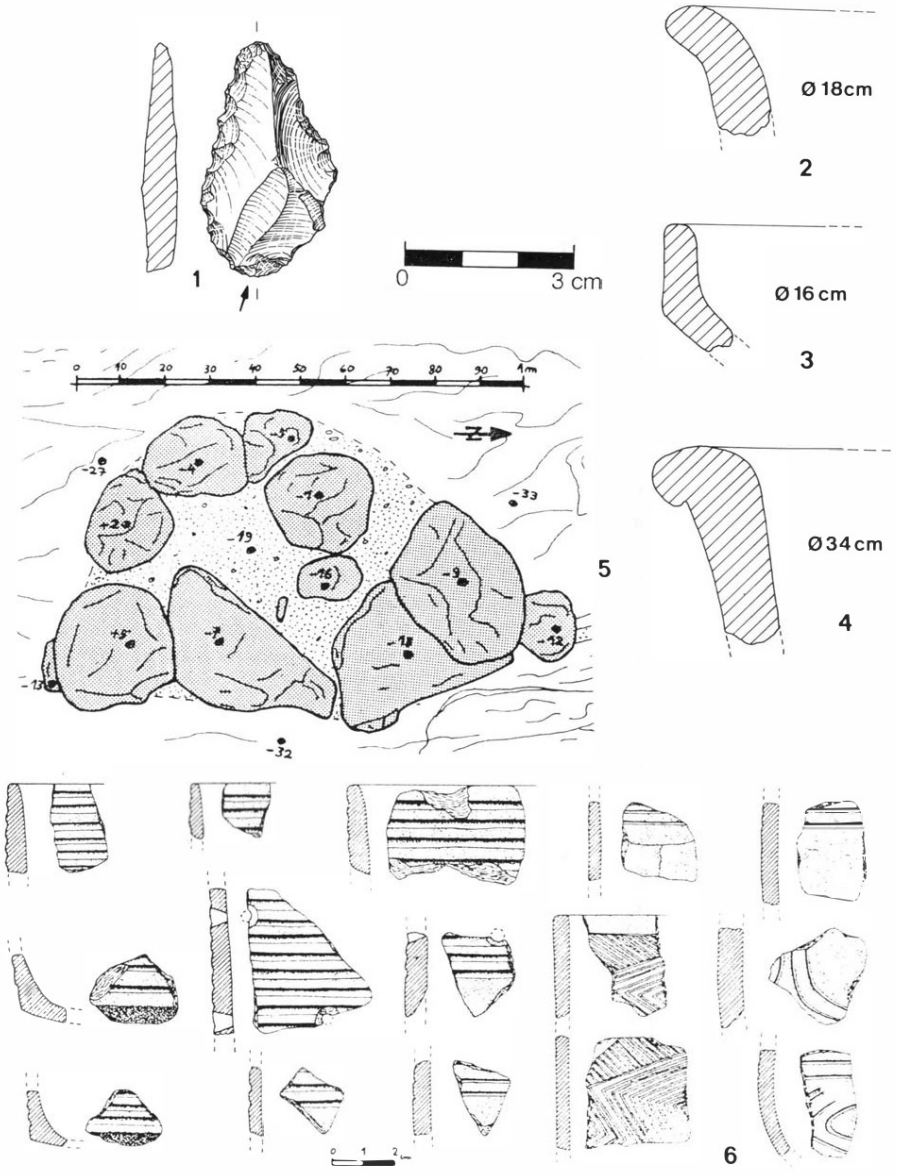


Fig. 38 — *Linda-a-Velha:* 1 — Ponta. Mustierense. Sílex. *Alto de Santa Catarina:* 2 e 4 — Bordos de recipientes lisos, em aba (2), taça carenada (3) e espessado exteriormente (4). Clcolítico inicial. Cerâmica. 5 — Buraco de poste estruturado, de carácter habitacional. Calcolítico inicial; 6 — Conjunto de cerâmicas com decoração canelada, aplicada a "copos" e taças. Calcolítico inicial. Cerâmica (1, *in* CARDOSO *et al.,* 1992, Est. 26, n.º 1; 5 e 6, *in* GONÇALVES & SERRÃO, 1978, Fig. 7 e 10; 2 a 4, inéditos).

Fig.110. Vestígios encontrados nas escavações arqueológicas. Fonte: CARDOSO, João. Cardoso, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.107.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

ao longo da praia do Dafundo, junto à margem esquerda do Rio Jamor e no Alto de Santa Catarina.

É precisamente no alto da colina de Santa Catarina que no século XVI surge a implantação do Convento de Santa Catarina de Ribamar. O seu aparecimento deu origem à "Lenda de Nossa Senhora da Salvação"[233]. Esta representa a primeira referência bibliográfica sobre a área de intervenção, encontrada no decorrer desta investigação, posteriormente transcrita para a cronologia. Em 1571, o Convento de Santa Catarina de Ribamar surge representado pela primeira vez no Plano de Fortificação da Barra do Tejo[234]. A única representação iconográfica encontrada referente a este convento, está exposto no Museu do Azulejo, no "Grande Panorama de Lisboa".



Fig.111. "Grande Panorama de Lisboa". Autor e data desconhecidos.

Durante anos pensou-se que este Panorama terminava no edifício referente ao Convento de São José de Ribamar, todavia ao se reaver este troço do painel original "agora descoberto vem aumentar aquela vista com o trecho da margem cistagana, entre o Convento de Santa Catarina de Ribamar e uma ponte que se observa na banda da esquerda e que julgo ser a que ainda existe sobre o ribeiro que desce de Linda-a-Pastora junto à moderna estrada marginal, na Cruz Quebrada. No alto da colina cujas abas desciam abruptamente sobre as rochas, vemos, à direita, o conjunto das edificações do Convento de Santa Catarina e do palácio que o 2.º Conde de Miranda, D.Diogo Lopes de Sousa, começou a edificar e que foi notavelmente ampliado por seu filho, D.Luís de Sousa - por antonomáxia O Cardeal - 19ºArcebispo de Lisboa e Capelão-mor de D.Pedro II. Foi também este magnífico prelado quem mandou reedificar o Convento de Santa Catarina na forma em que o vemos nos azulejos (…)"[235].

Outro aspeto atribuído ao Convento é a construção da ponte

233 MIRANDA, Jorge. Lenda de Nossa Senhora da Salvação do Convento de Santa Catarina de Ribamar **in Viagem pelas Lendas do Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1998. p.28

234 HOLANDA, Francisco - Plano de Fortificação da Barra do Tejo **in Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984. fl. 12v

235 SIMÕES, João - Iconografia Olisiponense em Azulejos **in Olisipo.** Lisboa: Direcção Gráfica de Luís Moita, 1961. p.125 a 127



Fig.112. Desenho Síntese do Vale no Século XVI. Desenho elaborado pela autora.

de Cruz Quebrada, na época designada como ponte de Santa Catarina. "Frade Frei Rodrigo de Deus do Convento dos Arrábidos de Santa Catarina de Ribamar. Este bom frade, sentindo o perigo que corriam os viajantes ao atravessarem as ribeiras, foi ele pessoalmente ao senado da Câmara de Lisboa e na presença do Presidente e Senadores expôs a situação, resolvendo o senado mandar executar as obras de construção"[236]. A obra de Jaime Cassimiro, *Elucidário de alguma Oeiras*[237], também aborda este assunto afirmando que antes da ponte a passagem recorria "a homens postados nas margens, prontos a passar as pessoas às costas, mediante um pagamento, mas que abusavam por vezes, tirando partido das circunstâncias (…)[238]. Todavia, segundo um documento datado de 1575 referente à Chancelaria Régia, presente no Arquivo Municipal de Lisboa, comprova-se a existência de uma ponte anterior a esta data que teria sido levada pelas cheias do rio Jamor. "(…) acerca da necessidade que há de se fazerem duas pontes, uma em Santa Catarina de Ribamar, luterana ribeira de Barcarena junto da quinta que foi do contador mór, e que a cidade fez de novo a de Santa Catarina por se levar com as cheias e haver outras muitas obras (…) a acudir, senão podiam agora fazer à custa das rendas dela, se devia passar permissão para se fazerem à custa do povo de Cascais e dos mais lugares daquela parte que tem serventia continua pelas ditas pontes; informar-vos-ei do que ambos as ditas pontes podem custar e dos lugares que para elas devem pagar portagem e serventias por elas e a custa se fizeram já outras vezes, e escrever mais o que nisso achardes com vosso parecer[239]. Este documento refere a re-construção de uma ponte em Santa Catarina de Ribamar, 33 anos antes da data que consta na lage presente nesta ponte: "A Cidade Mandou fazer esto ponte



Fig.113. Ponte da Cruz Quebrada. Autor e data desconhecidos.

236 GOMES, Levy - Cruz-Quebrada - **Dafundo: Património e Personalidades.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2006. p.35 e 36

237 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010.

238 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010. p.193

239 **Chancelaria Régia, Livro 1º de consultas e decretos de D.Sebastião.** Doc. 87, f.144 a 145 do ano 1575 - Lisboa, CML, PT/AMLSB/CMLSBAH/CHR/010/0001/0088



Fig.114. Desenho Síntese do Vale no Século XVIII. Desenho elaborado pela autora.

e as mais obras a custa do Real Povo no Ano de 1608"[240], comprovando assim que existiria uma travessia por ponte do rio Jamor anterior a 1575. Associado à inscrição surge a representação de uma caravela, símbolo tradicional da autarquia de Lisboa que deve ter patrocinado a edificação tendo em conta as vantagens económicas da passagem de pessoas e de mercadorias que afluíam à cidade vindas do Ocidente. A ponte é constituída por três arcos de volta perfeita iguais, sendo que o seu sistema de reforço compõe-se por talhamares triangulares delgados, ane-xos aos pilares. O tabuleiro é horizontal protegido por guardas em cantaria.

No século XVII, próximo à colina de Nossa Senhora da Boa Viagem surge representado na cartografia de 1607 intitulada "Planta de la Barra de Lisboa", um "Caño Viejo". Apesar de não ter sido possível encontrar informação sobre o que era efetivamente esta estrutura, assume-se que seria um espaço de alguma importância urbana. Isto pois, nesta planta apenas se encontram representados conventos, fortes, palácios e pontes.

Outro aspeto fundamental a salientar acerca da paisagem desta época, é a presença dos múltiplos moinhos que povoavam os terrenos dos arredores da cidade muralhada, nomeadamente, na área de estudo. "O território do atual Conselho de Oeiras foi sendo, ao longo dos tempos, afectado pela proximidade de Lisboa. O moinho de vento é um dos elementos cuja história testemunha os efeitos desta influência, que conduziu sucessivamente ao seu desenvolvimento, apogeu e declínio. Ele constituiu, ao seu tempo, a resposta adequada às necessidades de moagem locais e regionais em face da tecnologia disponível. A sua estrutura mecânica e funcional põe em evidência um conjunto de soluções técnicas que revelam as potencialidades e limitações do fundo tecnológico tradicional das comunidades que aqui viviam". É possível verificar-los quer na representação iconográfica "Lisboa Amplissima lusitana civitas totius india orientalis et occidental, emporium celeberrium"[241] quer nas representações de Luís Serrão Pimentel. Algumas referências bibliográficas referem estes moinhos "erguidos em pontos bem expostos, no cimo das elevações, ou nas encostas de vales sobranceiros às ribeiras que atravessam no sentido Norte/Sul o território Oeirense.

240 Inscrição presente na Ponte da Cruz Quebrada.

241 **Lisboa Amplissima lusitana civitas totius india orientalis et occidental, emporium celeberrium.** Retirado de: Biblioteca Nacional da Suécia da colecção de Count Magnus Gabriel De la Gardie. Consultado (5/1/20). Disponível em: https://www.wdl.org/en/item/14396/view/1/1/

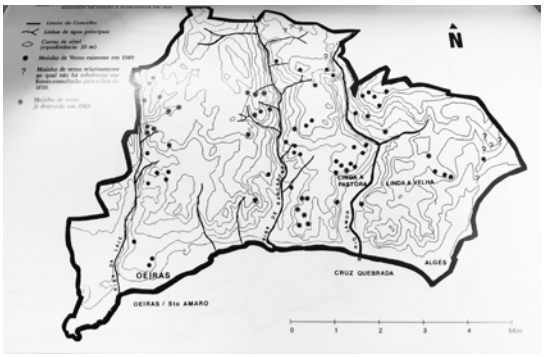


Fig.115. Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras anteriores a 1989. Fonte: MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997. p.101

Moinhos de vento que chegaram a ser uma centena (…)"[242] . Mais uma vez, é de realçar a importância do uso dos pontos altos das colinas circundantes ao vale. É possível inclusivamente, referenciar os sons desta paisagem, "(…) essa música, contínua e tão características, que também informa o moleiro da intensidade do vento"[243].No arquivo municipal de Oeiras foi possível identificar os moinhos existentes na área de intervenção, anteriores a 1989, através da obra *Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras*[244], de Jorge Miranda e João Viegas. Através da comparação desta planta com outras de diferentes épocas é possível comprovar a existência neste espaço dos referidos moinhos. Todavia, ao longo dos tempos estes perderam a sua função e consequentemente desapareceram. Apesar de se terem tornado obsoletos, outrora "nesta região, sobretudo nas zonas mais próximas de Lisboa, o panorama moageiro atingiu níveis impressionantes no início do século XIX, quase não havendo monte que não estivesse aproveitado. Verifica-se mesmo que, em torno daquela cidade, se procedeu a uma construção massiva de moinhos de vento, definindo-se uma verdadeira cintura moageira pré-industrial de bases tecnológicas tradicionais"[245].

Estes moinhos sinalizavam a paisagem da cidade, devido ao fato de propiciarem pontos referenciais de orientação perceptiva no espaço. Mais especificamente, no Vale do Jamor, "na vertente fronteira, a dominar o vale, um moinho branco com um rodapé vermelho, cantava nos seus búzios de barro. Paz e quietação envolvia tudo (…) O moinho já não anda com as suas velas doninhas sempre às voltas, entontecidas de vento e de sol. Está mais para o interior, noutra colina, que, aquela em que estava antes, desapareceu.

- Roubaram uma colina! pensará o leitor"[246].

242 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010. p.191

243 CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010. p.191

244 MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997. p.101

245 MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997. p.109

246 AUGUSTO, José - Estádio Nacional **in Panorama Revista Portuguesa de arte e**

Em 1939, já só existiam três moinhos dentro dos limites da área de intervenção, sendo que o plano do Estádio Nacional veio a contemplar o restauro do moinho no alto de Santa Catarina, como um miradouro, enquanto as restantes foram enquadradas nos percursos entre os equipamentos do complexo. Em 1999, resultante do abandono da construção dos equipamentos e espaços públicos propostos no plano de 1939, anteriormente referidos, demoliu-se o moinho do Alto de Santa Catarina de modo a construir o atual depósito de água[247].



Fig.116. Monhos da colina de Santa Catarina. Autor e data desconhecidos.

Antes da construção do moinho no alto de Santa Catarina, este ponto alto era, tal como anteriormente referido, ocupado pelo convento de Santa Catarina. Segundo os documentos presentes na Torre do Tombo[248], em 1618 este é demolido, transferido para o lugar da Boa Viagem e passando a ser designado por convento de Santa Catarina a Nova. Em 1636, após nova edificação agora na área referente ao Dafundo, a cota mais baixa, foi novamente renomeado o convento edificado em 1618, de convento de Santa Catarina a Nova, para convento da Nossa Senhora da Boa Viagem. Na implantação de ambos os conventos embora seja privilegiadas cotas mais baixas nas suas localizações topográficas, estas ainda assim apresentam espaços de contemplação da paisagem.

Apesar de ambos terem sido demolidos, atualmente ainda é possível confirmar estas relações visuais. No Dafundo, na encosta de Santa Catarina de Ribamar, é possível encontrar edificada na arriba uma pequena ermida, remanescência do antigo convento. "A reedificarão do velho cenóbio dos franciscanos Arrábidos resultou das muitas andanças que envolveram o convento fundado na Ermida de Santa Catarina por D. Isabel e que não será inútil recordar. No utilíssimo Claustro Franciscano, do olisipógrafo Fr. Apolinário da Conceição, resume-se a história do convento da seguinte forma: <S.Catharina de Ribamar, distante da Cidade de Lisboa Occidental legoa e meia, sito em hum levantado monte sobre as margens do Rio Tejo, ao qual se deo principio no anno de

turismo. Nº7. Vol.2. Lisboa: Redação e Administração, 1942. p.3 e 4

247 Inaugurado reservatório de água do Alto de Santa Catarina **in Dia: Jornal Municipal de Oeiras.** Oeiras, 19 de Junho de 1999. p.7

248 **Convento de Santa Catarina de Ribamar.** 1636 a 1825 - Lisboa, Torre do Tombo, PT/TT/CSCR.



Fig.117. Ermida de Santa Catarina, 1986. Autor desconhecido.

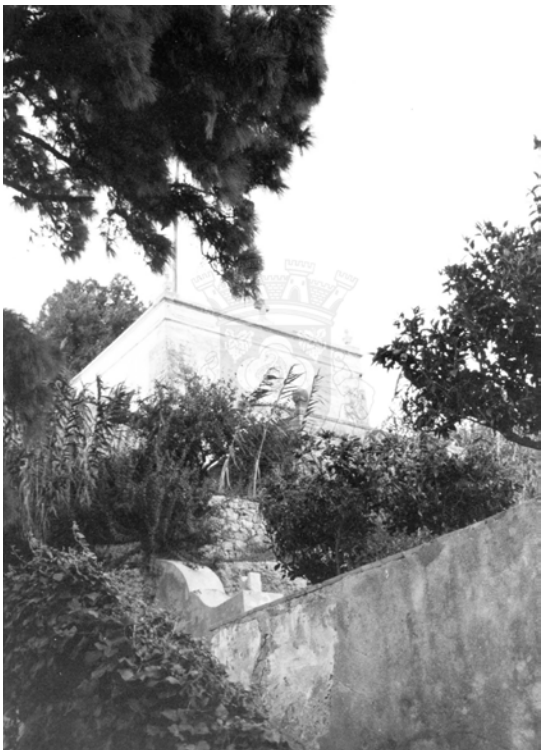


Fig.118. Ermida de Santa Catarina, 2000. Autor desconhecido.



Fig.119. Estrada marginal e Alto da Boa Viagem, 195-. Autor: PASSAPORTE, António.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

1551. na Ermida de Santa Catharina, cujo Convento habitado até o de 1618. como este se demolisse, e sua Cõmunidade se trasladasse para o da Boa Viagem, só lhe assinamos o de 1634. em que aos 18. dias do meu do Mayo se lançou a primeira pedra ao que existe, fundado para Convalecença, e ainda que no de 1639. se deo a dignidade de Guardiania ao Prelado, pouco depois tornou a ter só o titulo de Vigario em que permanecerão até o anno de 1657. gozando desde até o presente o de Guardiaens.>"[249].

Esta ermida encastrada na topografia, vislumbra a parte baixa do Dafundo e o do Rio Tejo. Já referente ao Alto da Boa Viagem, após a demolição do convento e a construção da marginal, edificou-se um restaurante panorâmico com enquadramento paisagístico da autoria do arquiteto João Faria da Costa.

Entre os séculos XVII e XVIII, edificam-se dois fortes próximos do rio Jamor, o forte de Boa Viagem apresentado na "Planta do Forte de Nossa S. da boa viagem que casa sobre Eum monte alto"[250], e o forte de Santa Catarina de Ribamar presente na "Planta do Forte de Santa Catarina do monte sinal"[251] e "Planta e Alçado do Forte da Cruz Quebrada"[252]. É também possível entender a implantação destes no território através de diversas cartografias, entre elas "Plan du Port de Lisbonne et des Costes Voisines"[253], "Carta Geral que comprehende os Planos das Principais Barras da Costa de Portugal"[254], "Carta Topográfica Militar"[255] e "Planta da Barra de Lisboa"[256], entre outras representadas na cronologia.

249 SIMÕES, João - Iconografia Olisiponense em Azulejos **in Olisipo**. Lisboa: Direcção Gráfica de Luís Moita, 1961. p.125 a 127

250 CORREIA, Jorge Tomás - Planta do Forte de Nossa S. da boa viagem que casa sobre num monte alto **in Livro de varias plantas deste Reino e de Castela.** 1699-1743. f.34 - Lisboa, BN, Cota: D.A. 7 A.

251 CORREIA, Jorge Tomás - **Planta do Forte de Santa Catarina do monte sinal in Livro de varias plantas deste Reino e de Castela.** 1699-1743. f.33 - Lisboa, BN, Cota: D.A. 7 A.

252 COUTINHO, Baltazar - Forte da Cruz Quebrada **in Fortificações do Algarve.**1798 - Lisboa, Torre Tombo, Cod: PT/TT/CRT/211.

253 BELLIN, M. **Plan du Port de Lisbonne et des Costes Voisines - Dressé au Depot des Cartes, Plans et Journaux de la Marine.**1756 - Lisboa, IGP, Cota: CA 339

254 FRANZINI, Marino Miguel - **Carta Geral que comprehende os Planos das Principais Barras da Costa de Portugal Aqual se refere à Carta Reduxida da mesma Costa Construída por Marino Miguel Franzini - Major do Real Corpo de Engenheiros.** 1811 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 1075 A.

255 BOIÇA, Joaquim Manuel. Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. 2003 - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7

256 FRANZINI, Marino Miguel - **Plano que comprehende huma parte do Rio Tejo e**

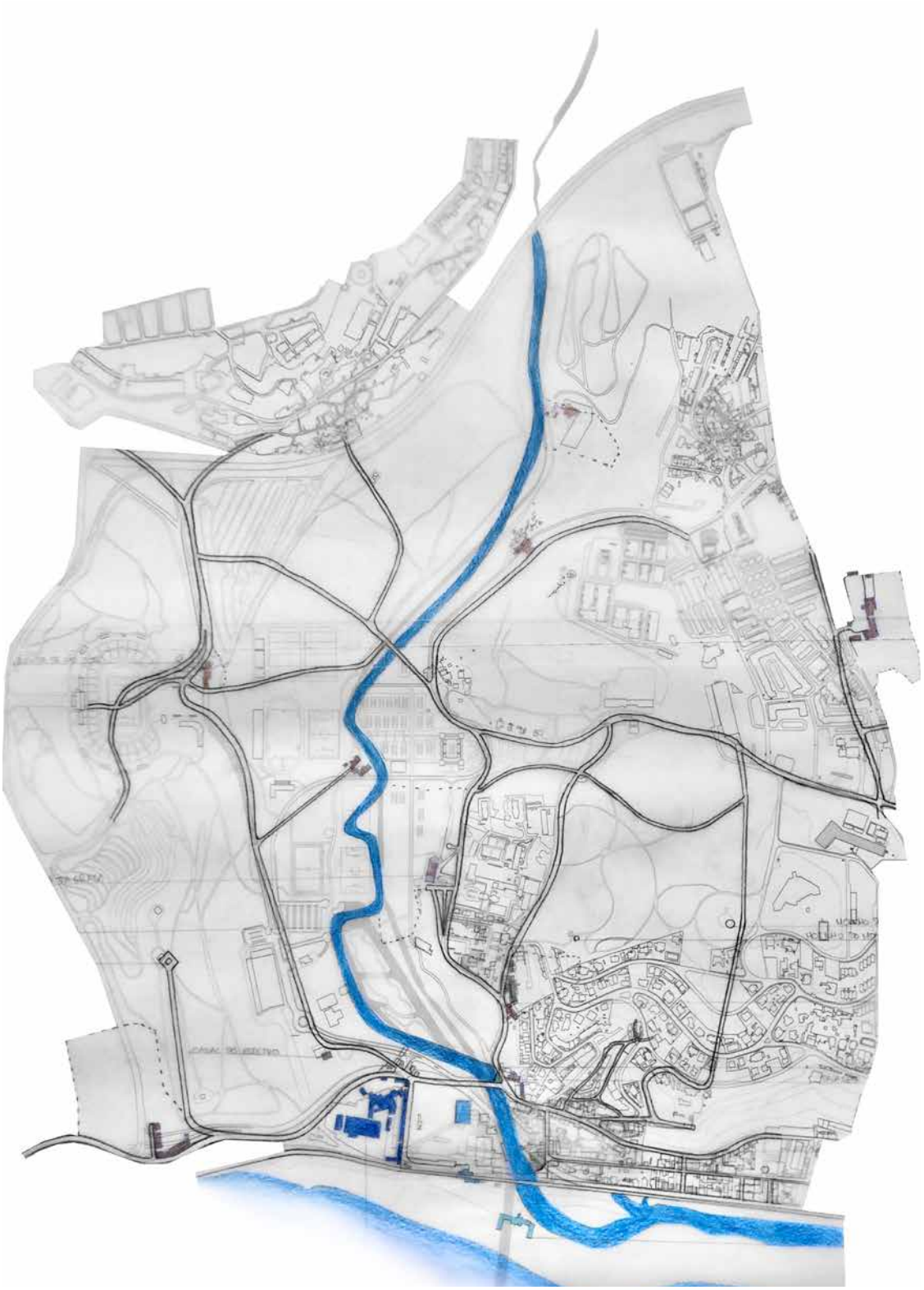


Fig.120. Desenho Síntese do Vale no Século XX. Desenho elaborado pela autora.

Até aos finais do século XVII, nestes terrenos localizavam-se essencialmente conventos, fortificações e algumas habitações das quais não existe muita informação. Contudo no decorrer do século XVIII e inicíos do século XIX surgem implantações de diversos "chalés" também conhecidos como casas de veraneio associados a aristocracia. "Quando ainda neste nosso sítio a Estrada Nacional nº67, de Lisboa a Cascais, era ladeada por muros ou pelos sapais da praia, casa aqui, casa ali, restos de quintas nas encostas de Santa Catarina e no estreito do Jamor, propriedades relativamente recentes de neo-fidalgotes do constitucionalismo em cruzamento mais ou menos perfeito com os <vieille roche>"[258]. Estas residências não se relacionavam com o seu contexto apesar de terem um relação cenográfica com a paisagem. Isto é, o limite era muralhado e apenas se criava uma relação entre o edifício e os jardins que a circundavam. "Todas estas residências, como dissemos em número catorze, chalés ou achalezados, têm quatro fachadas. Rodeia-as um espaço ajardinado (…)"[259]. A construção da Avenida Marginal, roubou áreas ajardinadas mas dotou estas edificações de relações visuais que amplificam a sua relação com a sua envolvente e respetiva paisagem. A "avenida estreita, acanhada, poeirenta e tortuosa transformou-se em Estrada Marginal, ampla, franca e monumental, e do passado resta, a quem pode saudade e o sereno respeito pelos que passaram e fizeram da Cruz Quebrada ribeirinha o esboço do belo quadro voltado para o Tejo como ele é hoje"[260].

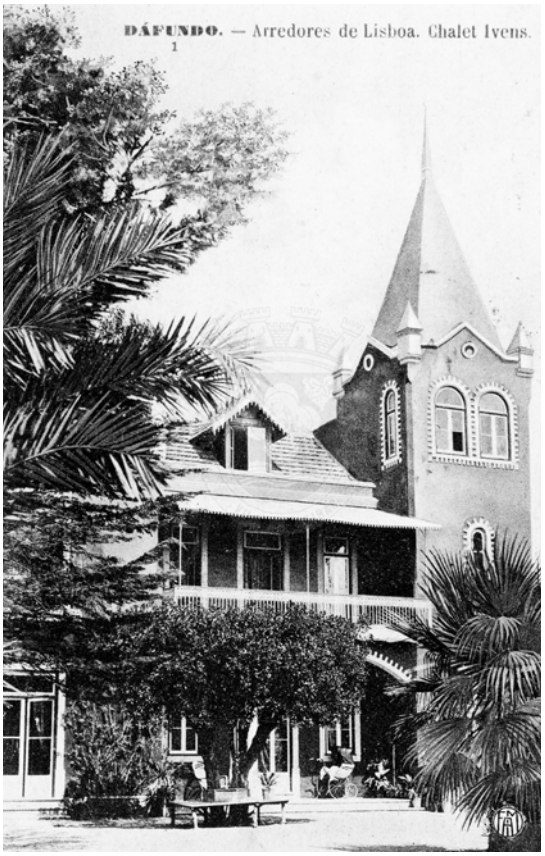


Fig.121. Chalet Ivens. Autor e data desconhecidos.

Esta paisagem bucólica do vale ocupada por quintas de

a Barra de Lisboa. 1816 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 816//2 V.

257 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963. p.177

258 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963. p.178

259 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963. p.180

260 MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963. p.180



546 GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO 547

A propósito da Estrada Marginal LISBOA-CASCAIS

Variante na linha férrea

Inserimos hoje um notável estudo do distinto engenheiro António Belo acêrca da variante por êle proposta para o tôço da linha de Cascais até à Cruz Quebrada.

Com a modificação proposta para a linha assegurem-se as relações do pôrto comercial com a cidade, sem a sujeição de passagens de nível e dá-se à avenida marginal situação inconcebível.

Esta variante deve ser estudada antes que tome resolução acêrca do traçado da estrada marginal entre Caxias e Belém.

Vai ser iniciada brevemente a construção do tôço entre Santo Amaro de Oeiras e Cascais, segundo traçado marginal.

O tôço restante até à Avenida da Índia ou melhor até ao Cais do Sodré, apresenta sérias dificuldades de árdua solução.

Com êle se ligam outros problemas de urbanização, da mais alta importância para a cidade de Lisboa, como a ligação da estrada ao novo Estádio na Cruz Quebrada, aproveitamento dos terrenos marginais da 2.ª Secção do Pôrto de Lisboa entre Alcântara e Belém, necessidade imperiosa de suprimir as passagens de nível da linha de Cascais, nas ruas de acesso aos cais do pôrto, desobstrução dos terrenos à frente da Igreja dos Jerónimos até à margem do rio, deixando livre e desimpedida a sua perspectiva do lado do mar, a valorização e realce da Tôrre de Belém, etc.

Quando, em 1928, na qualidade de membro de uma comissão oficial, estudei os melhoramentos da Estrada de Lisboa a Cascais, previ o prolongamento da Avenida da Índia até às Portas de Algés e o seguimento da estrada pela Alameda de Algés e Avenida Ivens, que seria alargada entre o Dafundo e a Cruz Quebrada.

Pelo Eng.º ANTÓNIO DE ALMEIDA BELO

Previa-se então uma largura de 8^m,0 para a estrada, em vista das fracas disponibilidades do Tesouro público nessa época.

A largura adoptada no projecto já parcialmente em execução é, porém, de 10 metros, sendo 12 para faixa de rolagem e 4 para passeios.

Com tal largura já não é possível o traçado exacto proposto sem o recurso à ringem da linha férrea para o lado do mar entre Dafundo e Cruz Quebrada. A sua continuação ao Norte da linha férrea até Caxias, com alargamento do leito da actual estrada, torna-se igualmente muito difícil.

Apresenta-se então como solução a considerar a localização da estrada ao Sul e por fora da linha férrea, apesar das graves dificuldades resultantes dos seus atravessamentos para ligação da estrada ao Estádio na Cruz Quebrada, e à Avenida da Índia em Belém, só possíveis em passagens superiores, obras estas que, pelo menos em Belém, junto à Tôrre, não são de admitir.

Ficam de pé os graves inconvenientes de falta de ligação da estrada às diferentes povoações do trajecto, até Cruz Quebrada, situadas ao Norte da linha férrea, pois que não são de aconselhar novas passagens de nível.

Não se apresenta assim solução satisfatória para o problema, cujas dificuldades resultam principalmente das sujeições derivadas da linha férrea.

Por outro lado há que ter em conta as seguintes circunstâncias:

A) Foram recentemente adquiridos pelo Govêrno à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os terrenos conquistados ao Tejo entre Alcântara e Belém, e fazendo parte da chamada 2.ª Secção do Pôrto de Lisboa. São terrenos marginais de notável beleza, planos próximos do centro da cidade e de grande valor, para a sua expansão.

Mapa da Variante na linha de Cascais entre Alcântara e Cruz Quebrada

Fig.122. Estrada Marginal e variante da linha férrea - Lisboa/Cascais. Fonte: BELO, António. A propósito da Estrada Marginal Lisboa-Cascais **in Gazeta dos Caminhos de Ferro.** Nº 1224. Dezembro de 1938.



Fig.123. Estação da Cruz Quebrada, 1961. Autor: GOULART, Artur João.



Fig.124. Praia da Cruz Quebrada, 1931. Autor desconhecido.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

recreio ou de veraneio é também retratada por Maria Branco dos pelos saloios, uma ponte onde de quando em quando, passam seges de posta, leiteiras, cadeirinhas, caleches, dos fidalgos de Oeiras, de Caxias, de Paço de Arcos, dos marqueses de Cascais, a sua criadagem, os seus guardas de corpo, ou então os governantes dos fortes costeiros, os seus oficiais, os seus correios, a tropa vistosamente fardas que guarnece os fortins, as bateiras, as vigias, ao longos rio e da costa até Cascais - eis o que seja a Cruz Quebrada do século XVII, do século XVIII"[261].

Em 1863, é publicado um artigo de L. de Viliena Barbosa no *Arquivo Pittoresco*[262], sobre a Cruz Quebrada a descrever a paisagem da época: "Cruz Quebrada. É uma pequena povoação composta de algumas poucas casas à beira da estrada (…) Tem duas fabricas de costumes, e um forte denominado da Cruz Quebrada. Está construído este logar na extremidade de um valle, onde corre a ribeira de Jamor, que ahi entra no Tejo por baixo de uma ponte de pedra. Descobrem-se d'este logar para o norte Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide; todas as três mui graciosa e pitorescamente sentadas em terreno accidentado, e cercadas de pomares, prados e collinas bem cultivados (…) Há aqui uma curiosidade natural, a que veio juntar-se uma lenda religiosa, (…) a gruta onde appareceu a pequenina imagem da Virgem (…) Desde então a concurrencia foi cada vez a mais, não só dos logares visinhos, mas também de Lisboa, e de muitas outras terras da Estremadura. Aquele sitio deserto transformou-se n'um immenso povoado, onde se viam representadas diária e promiscuamente todas as classes da sociedade. Era um grande arraial permanente, composto de operarios, artistas, lavradores, desembargadores, militares, padres, bispos, prelados das ordens religiosas, titulares e ministros de estado"[263]. Outro texto de época que retrata a paisagem é um excerto da obra Os Primeiros Trabalhos Literários do Padre Francisco da Silva Figueira. "Aves tem muitas esta freguesia em suas ribeiras, sendo as mais notáveis entre as que por ahi

261 ASCHER, Branca de Conta Colaço - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943. p.103 e 104

262 BARBOSA, L. de Viliena. Fragmentos de um roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa **in Arquivo Pittoresco: Seminário Ilustrado.** (Vol.6). Lisboa. Typ. de Castro & Irmão. 1863. p.371 e 372. Consultado em (03/01/2020). Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N47/N47_item1/index.html

263 BARBOSA, L. de Viliena. Fragmentos de um roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa **in Arquivo Pittoresco: Seminário Ilustrado.** (Vol.6). Lisboa: Typ. de Castro & Irmão, 1863. p.371 e 372. (Consultado em 03/01/2020). Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N47/N47_item1/index.html

adejam, a arvoela de peito amarello, enquanto a commum o tem branco, e o picapeixes, talvez no nosso pais a ave de mais linda plumagem; em seus bosques, povoados de muitas especies, que com seus gorgeios fazem na primavera passar horas de doce enlevo a quem as escuta; e em seus montes, em que também diversas especies alegram com seus cantos mais simples, mas de algumas temem muito estendidos e variados. Em vegetação abundantíssima esta freguezia, cujo terreno feracissmo (…) sendo admirável a quantidade de variadissimas flores de que na primavera se matizastes campos (…) fazer ampla colheita n'esses jardins naturaes, que também muito enlevam os estrangeiros que ás vezes com suas famílias por aqui vem folgar"[264].

Além da construção da Estrada Marginal, a chegada da linha de comboio em 1889, passou a possibilitar com que o Vale do Jamor fosse procurado também pelas classes médias e populares. "Mais adiante as estações do Dáfundo e Cruz Quebrada servem estas localidades, sempre junto ás principaes avenidas, coloque a convidar as famílias que, de braço dado, passeiam nas estradas ou pela praia, a tomarem o comboio para Caxias, onde é a 3.ª estação, entre a quinta real e o forte do Bruno. Até aqui a via é dupla, como nas linhas estrangeiras de grande affluenciá, e a concorrencia dos passageiros também se vae encaminhando a dar uma ideia do que é um caminho de baulieue, lá fóra"[265]. Posteriormente, estas infra-estruturas influenciaram a industrialização da zona, implementando-se as industrias da antiga Fábrica da Sola, "Luís Godinho construíra uma fábrica de curtumes, na margem direita do Jamor, que lhe empestava os ares"[266], posteriormente substituído pela Lusalite e a Fábrica dos Fermentos Holandeses. Salienta a relação visual com a paisagem que se estabelece a partir do comboio, pois apesar deste passar nas traseiras das fábricas o seu percurso é frente ao rio.

Em 1899 no poema *O Mensageiro de Fez* da autoria de Thornaz Ribeiro, é evidenciado a importância e relação do Rio Jamor com a restante paisagem do Vale, retratada como:

264 FIGUEIRA, Francisco da Silva - **Os Primeiros Trabalhos Literarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. p.49

265 MENDONÇA E COSTA, L. de. Caminhos de Ferros Portuguezes **in O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro.** Lisboa. Empreza do Occidente. 11 de Novembro de 1889. p.251 a 253. Consultado em (09/11/2019). Disponível em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1889/N392/N392_master/N392.pdf

266 ASCHER, Branca - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943. p.23

“São dois de Maio; do mez festivo;
do mez das nupcias, do mez do amor.
Prados, tão longos que a vista os perde,
vestem seus mantos de seda verde,
bordados todos de esmalte vivo
de tanto ouro! de tanta flôr!
de quantos lyrios! de quanta côr!…
azul e roxo, branco e escarlata…
uma loucura de tons e flores!
côres que cegam, cintas de prata,
vozes que riem, vozes que adoram…
uns desafios! - uma bravata!…
O’Maio! ó doido mez dos amores,
de ti no rio re-se a cascata.

Dos brandos trigos, dos cevadaes
compraz-se a briza nas verdes ondas.
Na encosta agreste cantam pastôres
bandos de moças cantam nas mondas;
cantam nas hortas as lavadeiras;
o arrais, na barca e o pescador;
no rio, as aves e as lavadeiras.

As verdes margens d’esse Jamor,
que são viveiros de tantas aves,
que são canteiros de tanta flôr,
beijae-as muito, brizas suaves!…

Abraçando o jardim corre o Jamor,
o rumoroso rio,
collar de per’las finas, e brilhantes,
côro ás aves, no brando murmurio.
De montante uma ponte ampla e formosa
seus braços descançando em dura penha,
a solidão contempla e ouve os segredos
das aves e do rio. Do outro lado…
vê-se e ouve-se… - Ó Deus! Sitio encantado!
a faiscante cascata d’uma azenha
entre uma densa moita de arvoredos.

De Ribamar subindo a encosta árida, Íngreme
erguida entre os marneis d’Algés e do Jamor,
no tempo em que regia o povo lusitano

e o seu encantador, prosperrimo paiz,
Sua Mercê El-Rei D.João, mestre d'Aviz,
- grande pae, grande rei, grandíssimo senhor,
nas batalhas - leão, na paz - honrado e
humano,
encontrava-se ao topo da inhospita collina
um palácio vetusto a ameaçar ruina.
D'ali via-se o Tejo, a barra e o largo oceano…

De Queluz, o Jamor, à Cruz Quebrada
deriva entre rochedos cavernosos
e, mais do que se pensa, numerosos.
No ponto mais visinho
do curral do rebanho, e da morada
da Pastora, Pacheco achou seu ninho
difficil d'encontrar, por ter entrada
só de rastos possível; irriçada
de farpados pedrões na extensa via.
E na margem do rio a brenha irsuta,
um tufo de silvedos e salgueiros,
tapava a estreita bocca d'essa gruta"[267].

Já no século XX, em 1910 é publicado na Revista Serões[268] um artigo de Vitor Ribeiro, que descrevia a paisagem contemporânea à aquela data. Este artigo é particularmente importante, pois é um dos últimos retratos do Vale do Jamor antes da intervenção monumental do Estádio Nacional. Adicionalmente, as fotografias encontradas no arquivo do Museu do Desporto contribuem igualmente para compreender a paisagem pré-Estádio Nacional, permitindo identificar as relações de continuidade e rupturas que o plano proporcionou. "(…) dos campos desarborizados que se estendem em volta da linda cidade do Tejo (…) surgem de longe em longe uns pequenos oásis, formosos e pittorescos, onde a árvore vetusta, o choupo de folhas ondulantes ao sopro da viração, uma ou outra quinta de vicejantes e frondosas sombras, um regato, uma fonte, uma aldeola, põem na paisagem, em geral desoladora e triste, uma nota encantadora, pittoresca e poética. (…) deliciosa Linda-a-Pastora, que se reclina n'um amphiteatro ridente, até ás sombras amenas da Cruz Quebrada (…) A estrada é boa, alegra,

267 GUIA, Diogo [et.al.] - Jamor: O palco maior do desporto nacional. Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.67

268 RIBEIRO, Vitor - Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada **in Serões Revista Mensal Ilustrada.** Nº62. Lisboa: Livraria Ferreira, Agosto de 1910. p.83 à 87

soalheira, sem uma árvore, subindo sempre, até se deparar, à esquerda do caminho, com a pequena ermida e o seu adro (…). A industria fabril assentou arraiais na pittoresca aldeola (…). Chegando o passeante ao alto d'este cabeço, mal transpõe o fim do pequenino povoado, que panorama surprehendente se lhe depára! E um vasto horizonte, coroado ao longe pelos cabeços e lombas escalvadas (…) em baixo, o curso sinuoso do Jamor, que no verão e quasi enxuto e pantanoso, serpeando entre arvores e quintas magnificas, como as da Graça e do Rodízio, coroado por singelas e velhas, e no meio a grande egreja nova da Senhora da Rocha, com sua fonte de magnifica agua, e jardimsinho tão sorridente e ameno. (…) mas chegando á ribeira do Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d'ahi se entende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até aos altos onde velejam centenares de moi-nhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n'esta província dendroclasta, rodeavam melancolicamente no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodízio. (…) suas ruas em socalcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grande massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, pareiraes, jardimsitos, quasi pensís, e uma graça, uma simplicidade alpina. (…) na Cruz Quebrada, além da antiga ponte havia outra, sobre que passava o comboio, e que ruiu desastrosamente levada por uma impetuosa cheia do Jamor; acha-se ao presente substituída por uma magnifica e extensa ponte de ferro (…) uma formosa vista panoramica, que de longe lhe mostra n'um saudoso e rapido perpassar, a ultima perpetiva daquelles lindos e pittorescos arrabaldes da nossa capital (…) Garrett, com o seu fino sentir de artista, dizia que quem desce a margem norte do Tejo, de Lisboa a Belem, Algés, Dafundo e Cruz Quebrada - <tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas visinhanças da capital>" [269].

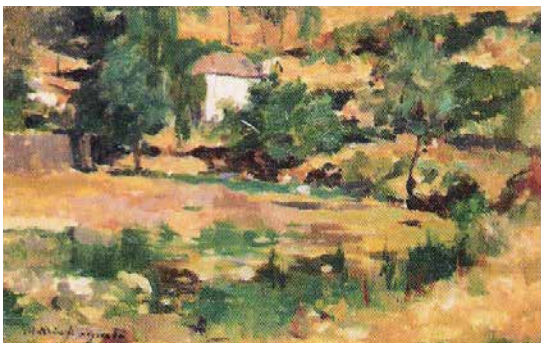


Fig.125. Quadro "Rio Jamor", 1926. Autor: AUGUSTO, Mario.

As pinturas de Mario Augusto e Émerico Nunes são cruciais, pois retratam visualmente a paisagem narrada. Estas representações pictóricas encontra-

269 RIBEIRO, Vitor - Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada **in Serões Revista Mensal Ilustrada.** Nº62. Lisboa: Livraria Ferreira, Agosto de 1910. p.83 à 87



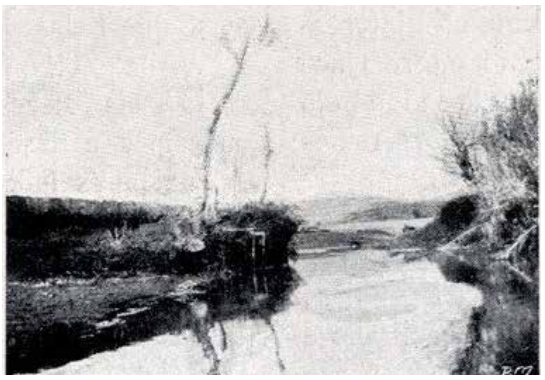





Fig. 126 a 131. Imagens do artigo publicado na Revista Serrões. Fonte: RIBEIRO, Vitor. Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada **in Serões Revista Mensal Ilustrada. Nº62.** Lisboa. Livraria Ferreira. Agosto de 1910. p.83 à 87.

das são referentes à mesma época e assim ajudam a complementar a visualização da paisagem. Saliento a importância do quadro "Vista de Torre de Belém a partir da casa do pintor no Alto de Santa Catarina", que em conjunto com o projeto de Jacobetty Rosa serviram como impulsionadores para o corrente projeto, na medida em que desvendaram as potencialidades daquele espaço.

Em meados de 1933, surge a necessidade de construção de um Estádio Nacional para o desenvolvimento do desporto prometido por Salazar no célebre discurso proferido no terreiro do paço:

"Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio!"[270].

O Complexo do Estádio Nacional foi integrado numa das mais importantes acções urbanísticas realizadas pelo Estado Novo[271]. Com o intuito de celebrar o duplo centenário e albergar os Jogos Olímpicos, em 1935 foi aberto um concurso para a sua construção. A Comissão Administrativa do Estádio solicitava que as propostas apresentadas articulassem o complexo com a marginal e a futura auto-estrada, ou alternativamente através das linhas do elétrico e do comboio permitindo que o projeto estivesse conectado ao centro da cidade. Anteriormente à decisão da localização do Estádio, António Varela e Jorge Segurado desenvolveram um estudo e proposta para a sua implantação na atual Cidade Universitária [272]. Todavia, o concurso posteriormente lançado obriga à construção do Estádio Nacional no Vale do Jamor, por contribuir para a consolidação do eixo turístico e de expansão da "Linha do Estoril". A ideia subjacente à alteração da localização prende-se "na construção de uma cidade desportiva destinada à aplicação e às grandes provas de competição de carácter espectacular é indispensável que ela seja prevista dentro de uma vasta reforma de urbanização. Considerando este problema no sentido geral pode



Fig.132. Proposta do Estádio Nacional na Cidade Universitária, 1934. Autores: Jorge Segurado e António Varela. Exposto na Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

270 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p.11

271 Comissão Administrativa das Obras do Estádio de Lisboa - **Programa do Concurso**. Retirado Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 3

272 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p.542.

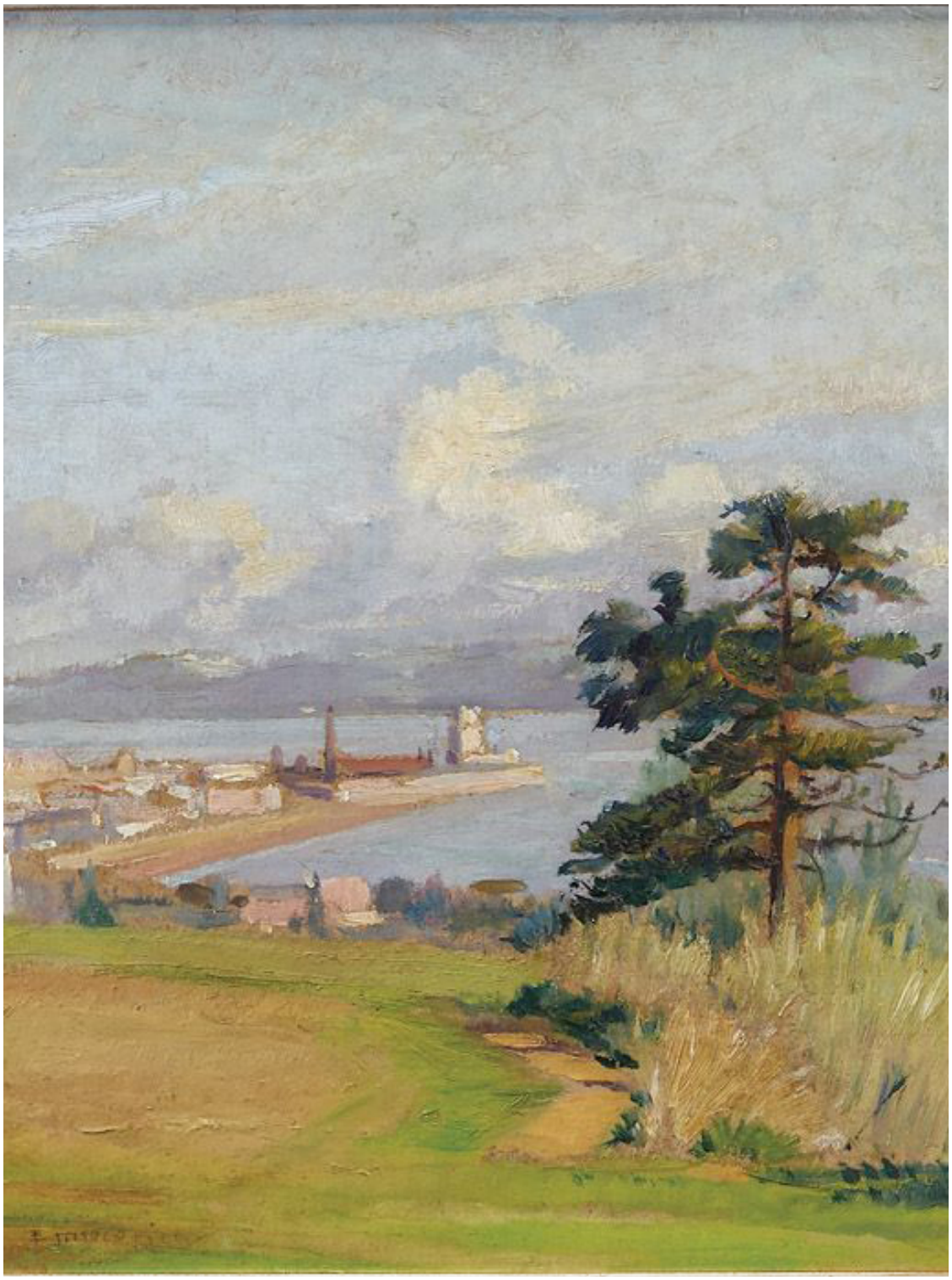


Fig.133. Quadro Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no alto de Santa Catarina, 1888-1968. Autor: NUNES, Emmerico.

dizer-se que estes campos devem ocupar a zona mais limpa e saudável das cidades e em local, tanto quanto possível, de fácil acesso. É de uso moderno situá-los fora dos aglomerados urbanos"[273].

O concurso que se desenvolveu em duas fases apresentou uma variedade de soluções que retratava de uma forma mais ou menos homogénea as políticas do regime e o urbanismo português desta época. Participaram equipas sobre as direcções dos arquitetos Cristino Silva, Carlos Ramos e Jorge Segurado. As três propostas propunham a implantação do Complexo Desportivo na cota mais baixa do Vale, sendo que ao edificarem à mesma cota que o rio impediam a sua passagem. Eram marcadas pela construção de avenidas que ligavam o complexo à estrada marginal, como uma peça monumental, sem tirar partido da topografia do lugar. Segundo Ana Tostões, os projetos apresentados são "eloquentes confirmações de uma inabilidade topográfica, já que todos eles implantam o equipamento na linha de água e de cheia, em pleno vale do Jamor" [274]. Mostram assim uma incapacidade de lidar naturalmente com a topografia acentuada da área de intervenção, uma vez que preferiam recorrer sistematicamente a uma simetria compositiva de grande monumentalidade [275] .



Fig.134. Proposta de Jorge Segurado, 1938. Exposto na Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

O projeto vencedor do concurso foi a proposta do arquiteto Jorge Segurado. Mas após um estudo, Caldeira Cabral elabora uma crítica ao projeto devido à inadequação deste em diversos aspetos, (tais como os ventos predominantes, solos, circulações, entre outros…) e Jorge Segurado foi afastado da execução do pro-

273 OLIVEIRA, José Godinho – Estádios e Velódromos. Relatório da Missão Oficial de Estado no Estrangeiro. 1935-36. Cit. por ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: A sua Génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007. p.13

274 ANDRESEN, Teresa – Lisboa, Arquitectura e Urbanismo: do Passeio Público ao Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. p.103. Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p.56

275ANDRESEN, Teresa – Lisboa, Arquitectura e Urbanismo: do Passeio Público ao Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. p.103. Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p.56

jeto. “O projeto do estádio apresentado mostra um formalismo rígido que não toma em linha de conta nem se adapta à paisagem grandiosa do vale do Jamor. Construindo exclusivamente no vale, obstruiu-se este e perderam-se todos os pontos de vista possíveis. Eliminou-se o rio Jamor sem o qual toda a formação do vale se torna incompreensível. Os caminhos e estradas, todos asfaltados, oferecem sempre o mesmo aspeto monótono de longas filas de árvores, porque nunca nos proporcionam uma vista de conjunto ou um aspecto de paisagem.

Como demonstramos a seguir a construção progressiva é impossível sem dar um aspecto de mutilação, de obra incompleta. A ordenação dos vários núcleos desportivos é defeituosa e o espaço desaproveitado ou mal aproveitado é enorme. Não será nunca possível alargar no futuro as instalações desportivas. A resolução do problema do trânsito é escusadamente complicada e imperfeita, tanto para os automóveis como para os peões. Não é possível ter uma vista de conjunto de qualquer desfile ou grande parada. Feita a critica do projecto anterior resta-nos apresentar como trabalho positivo a solução que entendemos deve ser dada ao problema”[276]. Deste modo, Caldeira Cabral é posteriormente convidado para desenvolver o projeto referente ao Estádio Nacional.

Na época, Caldeira Cabral estudava Arquitetura Paisagista na Universidade de Berlim, e consequentemente pediu a colaboração dos seus professores, Conrad Wiesner, Wiepking e Werner March (pertencendo estes dois últimos à equipa que projetou o Estádio Olímpico de Berlim), para a realização do projeto do Estádio Nacional. O envolvimento de Caldeira Cabral surge no âmbito de uma visita a Lisboa nos meses de setembro e outubro de 1937. Esta viagem surge no seguimento das orientações de Wiepking com o objetivo de recolher elementos sobre os problemas da paisagem portuguesa para os poder estudar no ano seguinte, em Berlim[277]. Enquanto investigava a paisagem da região situada entre os lugares de Mem Martins e Abrunheira, recebeu o convite de João Belard da Fonseca, para analisar o projeto do Estádio Nacional. João Belard da Fonseca era engenheiro e professor no Instituto Superior Técnico e, simultaneamente, diretor da Sociedade de

276 **Memória descritiva e justificativa do projeto do Novo Estádio de Lisboa.** 16 de Março de 1938. Retirado do Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral: Caixa 3, Pasta 2

277 CABRAL, Caldeira - 4º Relatório para o IAC, setembro a novembro de 1937 in ANTUNES, Ana - **A influência na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal.** Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento. p.134

Empreitadas e Trabalhos Hidráulicos Lda[278]. "O assunto de que se trata é o seguinte: estou tratando dum importante projecto em que seria muito interessante utilizar os seus conhecimentos adquiridos no seu curso e na especialização a que se tem dedicado (…)"[279]. Estes conhecimentos adquiridos em Berlim transpõem-se no projeto por ele proposto para o Estádio Nacional. Fato que se pode verificar através da correspondência de 1937, enviada a Raul Lino. Compreendem-se as premissas que serviram de base ao projeto, nomeadamente importância da leitura do lugar e da paisagem para o desenho da arquitetura. "Estou muito satisfeito com o meu curso. A orientação é inteiramente no sentido arquitectónico. Tudo o resto são cadeiras subsidiárias. As fundamentais são: Gartengestattung (Paisagismo), Hochbau (Construção) e Urbanismo"[280].

Entre 1937 e 1940, o projeto desenvolve-se sucessivamente entre Lisboa e Berlim, sendo possível traçar o seu progresso e evolução, através das sucessivas correspondências (transcritas na cronologia a partir do Espólio do próprio). Em 1939, Caldeira Cabral regressa definitivamente a Lisboa após a conclusão da sua formação. Tal podemos aferir numa das últimas correspondências trocadas com o seu amigo Godinho de Oliveira, membro da Comissão Administrativa das obras do Estádio Nacional, onde afirma: "Resta-me agora fazer aqui em Portugal o trabalho final (Diplomarbeit) que tenho estado a preparar. De acordo com o Prof.Wiepking escolhi para tema do meu trabalho o estudo das grandes manchas de verdura na cidade de Lisboa. Disponho para este trabalho de três meses, a contar de 1 de Setembro até 1 de Dezembro, data em que deverá ser entregue em Berlim. Nessa altura terei de ir novamente a Berlim para a discussão do trabalho e exame da cadeira de arquitectura paisagista"[281].

No arquivo do Forte de Sacavém, outras destas correspondências revelam ainda as intenções e génese da proposta: "(…) Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e

278 ANTUNES, Ana - **A influência na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal.** Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento. p.134

279 FONSECA, João - Carta para Francisco Caldeira Cabral, setembro de 1937 in ANDRESEN, Teresa - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 31.

280 CABRAL, Caldeira - Carta para Raul Lino, 13 de maio de 1937 in ANTUNES, Ana - **A influência na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal.** Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento. p.134

281 CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 Anos Depois.** Lisboa: Sete Caminhos, 2006. p.32

do qual se pudesse estar em contacto com ele. Concebêmo-lo por isso aberto e localizamo-lo de modo a que de dentro se pudesse ver todo o Vale do Jamor.

O estádio fica situado na encosta poente, no ponto de inflexão do vale. Do lado sul vem-se para norte as aldeias de Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide e os montes de Barcarena, e do lado norte vê-se o Tejo e a Trafaria.

Não desejamos apenas integrar o estádio na paisagem afastada mas ligando-o aos montes e arvores próximas conseguimos alargar-lhe o Âmbito estreitando o seu contacto com a natureza. Criamos assim um recinto natural formando pelas encostas e que nos permite apreciar verdadeiramente a grandeza do vale.

Devia além disso ser possível a entrada de formações no campo do Estádio. Nas festas da Mocidade Portuguesa e outras de caracter nacional será possível ver não só a entrada das formações como o desfile das mesmas no vale.

Assim como na paisagem tudo se subordina às grandes linhas também no estádio estas devem dominar todo o pormenor (…) Resumindo o que dissemos podemos apontar como principal características do Estádio de Lisboa as seguintes:

I - É o primeiro grande estádio moderno situado em plena natureza e que se abre sobre uma paisagem grandiosa.

II - Pela primeira vez nos tempos modernos se constroem um estádio segundo a concepção grega isto é edificação integrada na paisagem e todo de pedra.

III - É o primeiro grande estádio completamente construido em escavação numa depressão natural do terreno.

IV - Diremos ainda que o único estádio moderno na Europa que só tem lugares sentados”[282].

A construção do Complexo desportivo no Vale de acordo com as propostas anteriores, implicava uma expressiva transformação da paisagem. Foi por isso que a influência de Caldeira

282 **Memória descritiva e justificativa do projeto do Novo Estádio de Lisboa.** 16 de Março de 1938. Retirado do Arquivo do Forte de Sacavém. Espólio de Caldeira Cabral:

Cabral e da arquitetura paisagista no seu desenho foi fundamental para que isto não sucedesse. Apesar deste contraste, nas propostas de Caldeira Cabral e de Jorge Segurado, é possível compreender que ambos revelam interesse na paisagem embora o façam de modo muito distinto. Na proposta de Jorge Segurado, "é visível pelos traçados das avenidas ajardinadas articuladas em forma de tridente uma formulação classicista, que é reforçada pelo seu papel de "espinhas dorsais" da composição e da circulação. Criando assim um forte sentido de atualidade perpétuo sobre o Estádio. (…) apresenta uma importante preocupação com a paisagem, o que não obstou a que esses traçados se apresentassem sob uma formulação classicista"[283]. Também as construções "de menor porte, estão enquadradas pela arborização e pelos espaços ajardinados"[284]. Por outro lado, a proposta de Caldeira Cabral não pretende que a paisagem seja um elemento adicional para o projeto. Muito pelo contrário, este procura que o desenho da proposta advenha da sua análise. Um projeto que esteja completamente integrado com a paisagem, "ter o carácter de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida da natureza através da vegetação do parque. Além desta razão fundamental a favor da criação de uma zona de vegetação em torno do Estádio outras se poderiam aduzir como protecção contra o vento, ensombramento, etc..." [285].



Fig.135. Planta do Vale, 193-. Autor desconhecido. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.

O desenvolvimento do projeto exigiu a expropriação de várias quintas localizadas ao longo do vale, processo ini-

Caixa 3, Pasta 2

283 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade da Lusíada, 2003. p.546 e 547. Tese de doutoramento.

284 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade da Lusíada, 2003. p.558. Tese de doutoramento.

285 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. p.62. Tese de Mestrado.

ciado em 1936 [286], provocando mais uma vez uma alterações significativas da paisagem. A expropriação e consequente demolição da Quinta S. José para a construção do Estádio de Atletismo. A Quinta das Biscoiteiras, que atualmente ainda existe mas com profundas alterações. A Quinta do Balteiro, hoje em ruínas, junto à pista de crosse. A Quinta do Rodízio demolida para possibilitar a construção do Complexo de Ténis. A Quinta da Graça, cujos terrenos serviram em parte para instalar o INEF.

Todavia, este edifício preservou-se e foi integrado com o objetivo de servir como instalações da Comissão Administrativa.

Em 1939, inicia-se a construção do Estádio e Caldeira Cabral é progressivamente afastado do projecto até que este passa a cargo de Jacobetty Rosa que o conclui. Jacobetty Rosa foi autor de diversos equipamentos e alterações à Tribuna de Honra, que passou a ter um aspecto monumental de inspiração clássica, com "claras analogias com a arquitectura nazi alemã"[287]. Em oposição à proposta inicial de Caldeira Cabral, a sua proposta "assentava numa linguagem mais ao gosto da dita "casa portuguesa", inspirada nos modelos de Raul Lino, revelando uma tendência mais regionalista com recurso aos beirados e ao telhado em águas"[288].

Embora Caldeira Cabral e Konrad Wiesner não tenham conseguido concluir o projeto, a sua marca naquilo que é hoje o vale do Jamor é incontornável[289]. O projeto é o desfecho da leitura e análise por eles elaborada do lugar, paisagem e identidade do Vale. Uma simbiose entre arquitetura e paisagem que refuta a proposta de Jorge Segurado, assente nas premissas de uma arquitetura monumental que iria obliterar completamente a sua identidade e paisagem.

No espólio do Caldeira Cabral depositado no Forte de Sacavém, foi possível consultar os desenhos da sua autoria. Embora, a maioria seja sobre a implantação do complexo e áreas a florestar,

286 Decreto-lei n.o 26 874, de 11.08.1936 (DG n.o 187, I Série).

287 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. Tese de Mestrado. p.81

288 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua época.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2005. Tese de Mestrado. p.81

289 ANDRESEN, Teresa. [et.al.] - Três décadas da Arquitectura Paisagista em Portugal (1940-1970) in ANDRESEN, Teresa - **Do Estádio Nacional ao Jardim da Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p.60

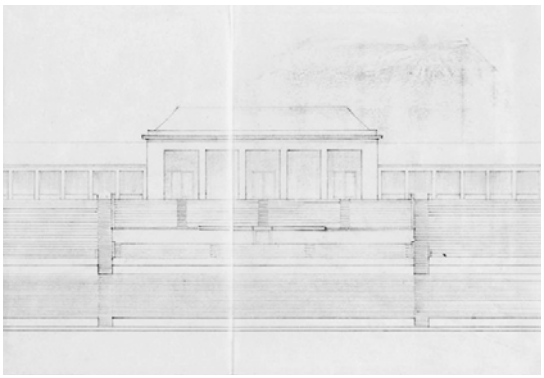


Fig.136. Proposta da Tribuna de Honra de Caldeira Cabral. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.

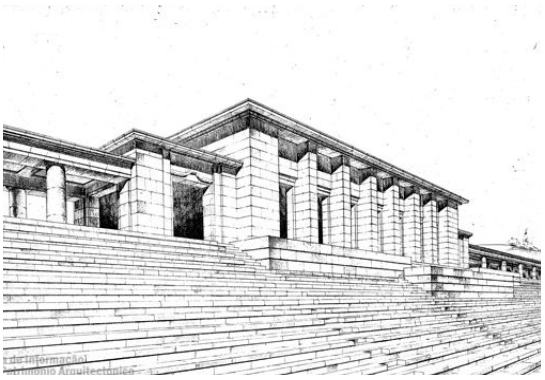


Fig.137. Proposta da Tribuna de Honra de Jacobetty Rosa. Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa.

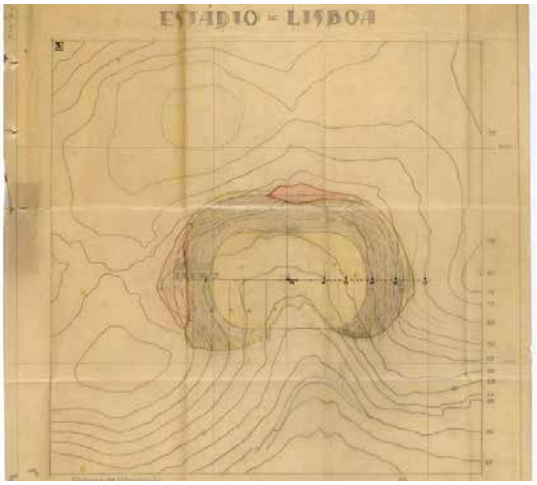


Fig.138. Esboço de Implantação do Estádio. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.



Fig.139. Estudo da proposta de implantação e desenho do Complexo. Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa.

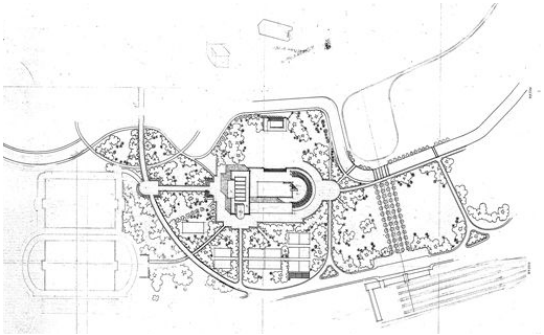


Fig.140. Proposta de Caldeira Cabral para a implantação das Piscinas. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.

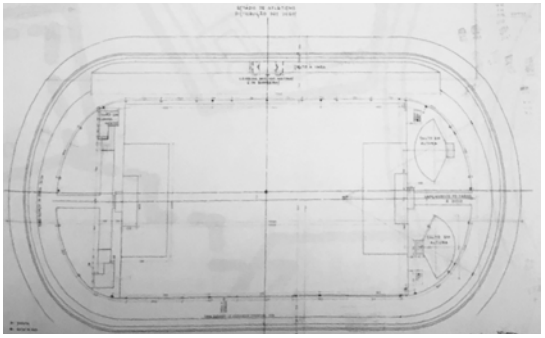


Fig.141. Proposta de Caldeira Cabral da organização desportiva do Estádio de Atletismo. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral.

entre eles estão os desenhos do Estádio de Atletismo com diversas variações da Tribuna de Honra, proposta para os campos de treino, implantação da piscina e campo de ténis. Realço os esquiços sobre uma extensão do estádio. Posteriormente Jacobetty Rosa também desenvolve um projeto semelhante.

O desenho das praças envolventes, o edifício Anexo dos Jogadores e as instalações sanitárias foram desenvolvidas posteriormente por Jacobetty Rosa. Destaco o desenho da Praça da Maratona que previa a construção de uma torre, um Monumento ao Olimpismo e ao Desporto, que não foi construído. Este implantava-se no centro desta praça num eixo transversal ao Estádio o que permitiria ter uma visão abrangente do mesmo, bem como da paisagem do restante vale. Neste ponto é possível traçar um paralelo entre a proposta de Jacobetty Rosa e a de Jorge Segurado, já que este último também propunha uma torre, a "Torre da Maratona"[290], localizada no centro do terreiro virado a nascente do estádio. Esta torre ao contrário da proposta de Jacobetty Rosa desempenha apenas um valor simbólico, na medida em que, o percurso que conduzia ao estádio era perspectivado sobre um eixo que era apontado pela própria torre[291] de modo que a sua localização não a tornava dominante na paisagem.

Jacobetty Rosa foi igualmente responsável por diversos outros projetos do complexo, tais como, o Centro de Ténis, a Estação de Comboios, a Pira Olímpica (não construída), o INEF, e a residência do Diretor do Estádio Nacional que serviu como protótipo da proposta de urbanização de Linda a Nova, que nunca chegou a ser construída.

Também propôs diversos miradouros, tais como o Miradouro de Santa Catarina, o Miradouro do Grande Estádio e o Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem. A posição dos espaços urbanos propostos correspondem a estes miradouros, anunciado as potencialidades espaciais destes pontos altos. O Miradouro do Caracol de Santa Catarina ocuparia "uma posição privilegiada sendo um dos pontos altos dos arredores de Lisboa (…) dado o

290 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade da Lusíada, 2003. Tese de doutoramento. p.560.
291 GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade da Lusíada, 2003. Tese de doutoramento. p.560.

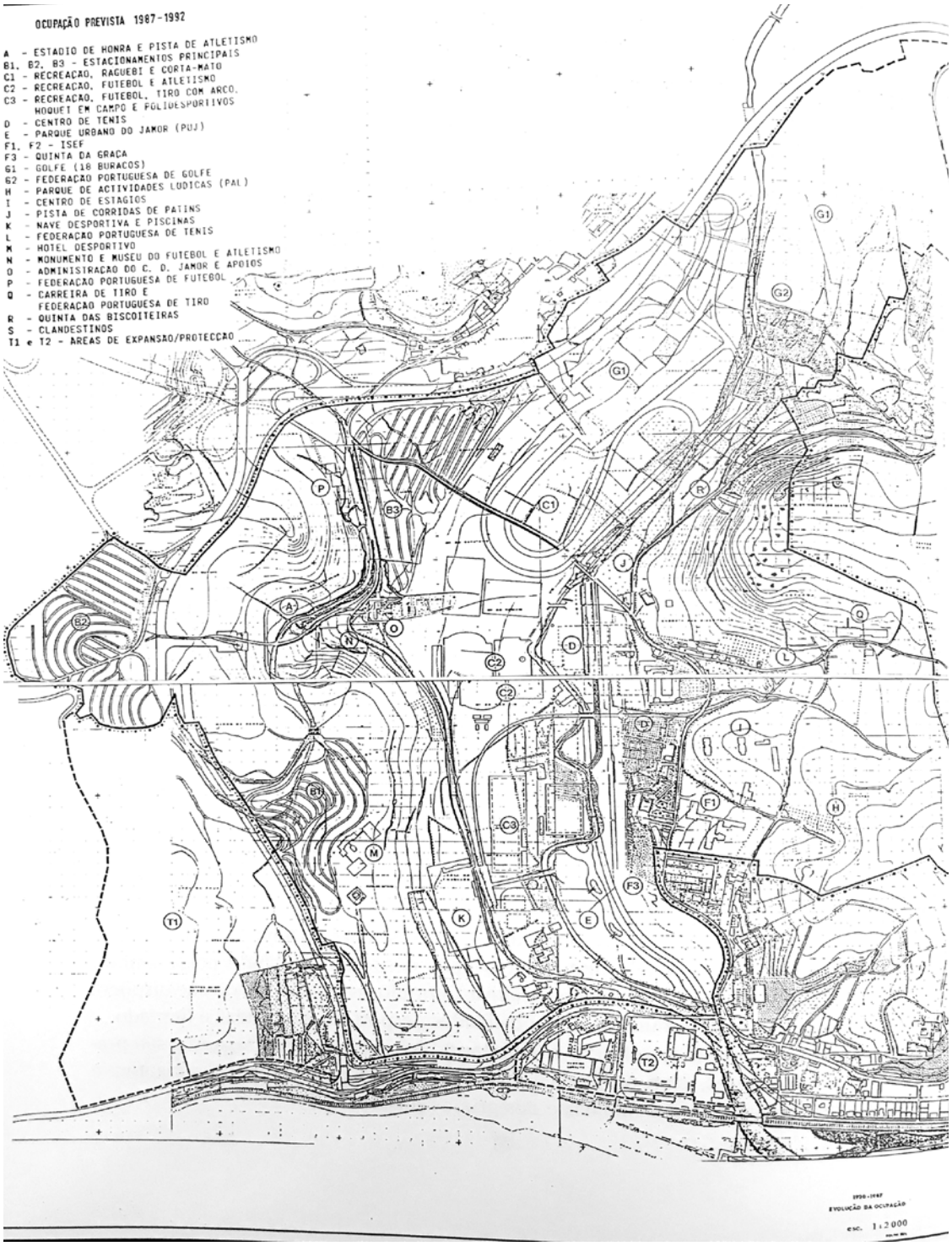


Fig.142. Plano de 1987-1992. Fonte: CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 anos depois.** Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.72.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

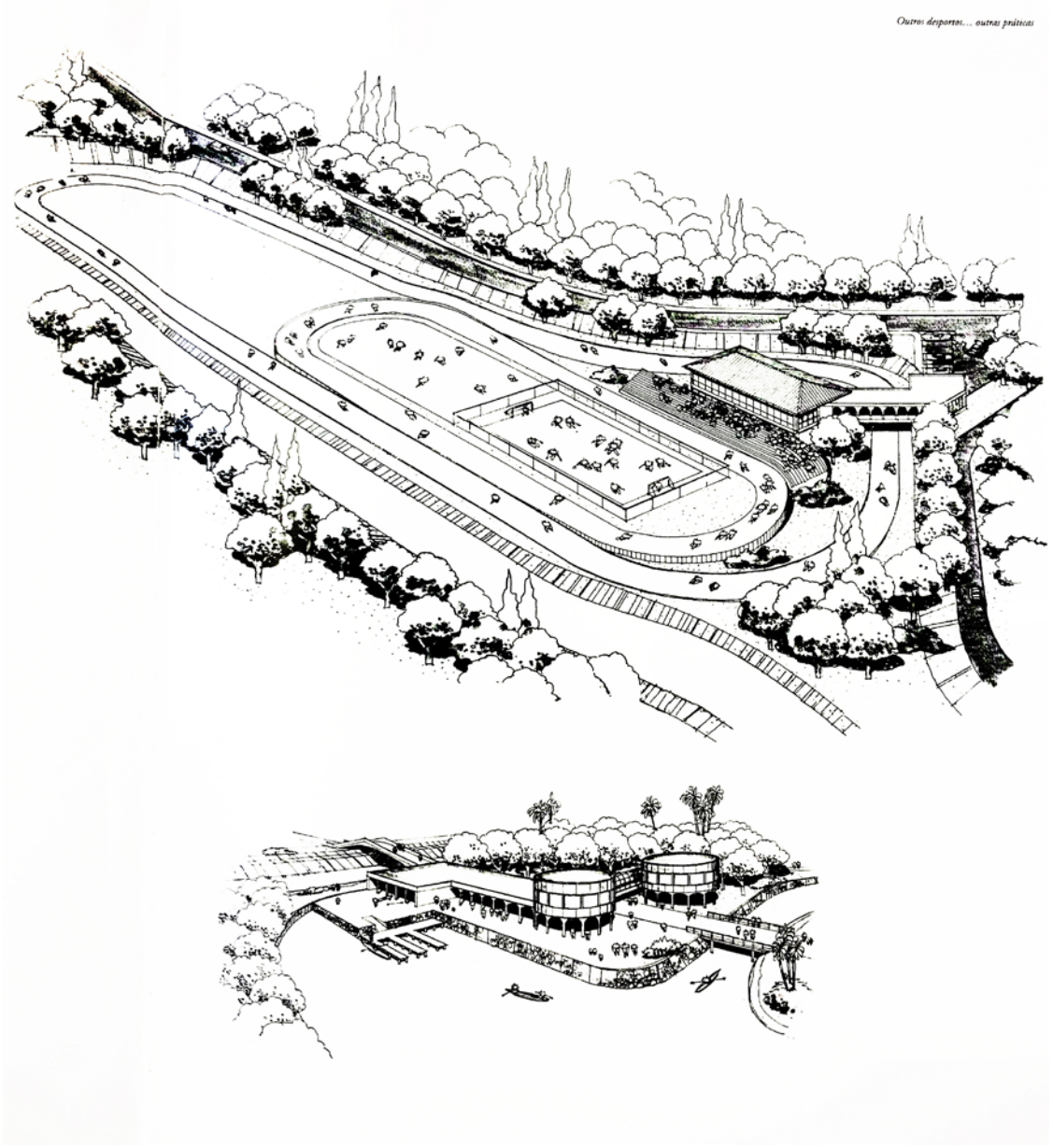


Fig.143. Projeto do Parque Urbano do Jamor: o centro, as pistas de patinagem e centro de canoagem. Fonte: ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.329

excepcional panorama que dele se divisa"[292]. Este projeto contemplava a reabilitação de um velho moinho inutilizado e construção de um pequeno equipamento de restauração encastrado na topografia. Já o Miradouro do Grande Estádio, pela sua situação topográfica proposta a nascente do Estádio de Atletismo na encosta do outro lado do vale, permitiria uma comunicação visual entre este e o Estádio. Por fim, o Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem, o único a ser construído, estabelecia a ligação entre a Capela com o mesmo nome e a cota da marginal. Todavia, devido a alterações na Estrada Marginal, este miradouro foi parcialmente demolido.

Outro projeto não realizado é o referente à área da praia da Cruz Quebrada que também estava incluída no projecto onde se propunha a implantação de uma marina, um clube náutico e um cais fluvial. Este projeto não foi realizado em parte devido ao fato da Lusalite e a Fábrica de Fermentos Holandeses não terem sido expropriadas como previsto, mantendo-se ambas em laboração.

Em 1944, é inaugurado o Estádio Nacional, quatro anos após a data definida no concurso que previa a inauguração para o ano de 1940, no contexto do centenário português. "A morte prematura de Duarte Pacheco impediu a conclusão do projecto e deixou por concluir espaços como a Piscina Olímpica, Centro Náutico, Parque Público e Ribeira do Jamor"[293]. Subsequentemente em 1948, é extinta a Comissão Administrativa das Obras do Estádio de Lisboa que era responsável por administrar as obras de construção do Estádio, ficando por concretizar numerosas instalações previstas: as piscinas, o hipódromo, os courts de ténis, os campos de futebol, o voleibol, o basquetebol, o ringue de patinagem, o de ténis e o de tiro para a Mocidade Portuguesa.

Em 1979, é executado o Plano de Ordenamento do Vale do Jamor a cargo dos arquitetos Vasco Croft e Nuno Bartolo. Este plano dividiu-se em 3 fases: Programa-Base, Ante-Plano e Plano.

O estudo referente à primeira fase criou algumas divergências, pois os arquitetos responsáveis defendiam que o Vale deveria ser um espaço de "oportunidade livre de escolha de actividades

292 ROSA, Jacobetty - **Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa.** Consultado no arquivo do Museu do Desporto. p.1
293 CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.110

a nível cultural, recreativo e desportivo dirigido ao maior número possível de sectores e grupos sociais" no sentido de garantir a criação de um "espaço variado, vivo e dinâmico, verdadeiro centro de actividade social"[294]. Por outro lado, a Direcção Geral dos Desportos, considerava que o complexo deveria ser "um grande centro de estágio e formação para actividades estritamente desportivas e ligadas à competição"[295]. Pretendia-se que este espaço se tornasse numa "zona vocacionada para apoiar o desporto federado, que exige uma atenção e um investimento especial (…)"[296].

O Ante-Plano, realizado em 1982, desenvolve uma proposta que procura que o complexo crie "condições para poder funcionar como centro das principais actividades desportivas definindo 4 áreas de desenvolvimento: Alta competição e apoio ao treino de alta competição; Média competição; Educativa; Recreio e lazer, actividades livres"[297].

Em 1989, é aprovado o Plano Geral para o Complexo Desportivo, que propunha dinamiza-lo através de re-funcionalização dos espaços.

Por fim, entre 1998 e 1999 procede-se à demolição da estação de comboio para dar lugar à construção do edifício referente às piscinas olímpicas.

294 Direcção Geral dos Desportos. p.22 Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.111

295 Direcção Geral dos Desportos. p.22 Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.111

296 Direcção Geral dos Desportos. p.22 Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.111

297 Direcção Geral dos Desportos. p.25 Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.112

A Paisagem Atual

"(…) Futuro e passado: ei-los
Numa folha - frente e verso;
Quem aprende a conhecê-los
No final vê o começo (…)"[298]

298 EMINESCU, Mihai - **Revedere.** Castelo Branco: Evoramons Editores Lda., 2005. p.33.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

O projeto inicial do Vale apresentava "um corte com a paisagem rural que ocupava na época o Vale do rio Jamor, com as suas Quintas de Recreio e produção, o plano do Estádio Nacional absorve e apesar de tudo respeita algumas reminiscências culturais, históricas e paisagísticas do local, preserva os núcleos das antigas Quintas senhoriais, as pontes seiscentistas, os antigos moinhos, os faróis e capelas, mas revolve e destrói totalmente a estrutura fundiária e a sua articulação com os núcleos urbanos envolventes, desenha e constrói uma Paisagem ideal e coloca essas reminiscências no contexto de cenários e espaços de recreio e lazer, integrados em jardins e amplas manchas arborizadas"[299].

Atualmente a paisagem do Vale resulta que uma série de intervenções executadas nos últimos anos.

Em 1993 um incêndio deflagrou na Quinta da Graça, que consumiu o edifício principal, que como ainda não foi recuperada, apresenta os seus jardins ao abandono. Posteriormente em 2009 ocorreu a construção do complexo de Ténis coberto. Na sua implantação grande parte dos laranjais e terrenos pertences à Quinta foram destruidos.

Em 1999, foram colocadas no Estádio de Atletismo cadeiras plásticas brancas sobre as bancadas[300] que vieram descaracterizar o Estádio. Nesse mesmo ano foi demolido o moinho do Alto de Santa Catarina de modo a possibilitar a colocação do atual depósito de água, e procede-se à demolição da Estação de Comboios, projetada por Jacobetty Rosa, para se poder construir e inaugurar o atual Complexo de Piscinas. Apesar de ter dinamizado o Jamor, o seu desenho não apresenta harmonia com a abundante herança arquitectónica e paisagística do Vale.

Muitas destas intervenções estão desintegradas da realidade arquitectónica onde se inserem e acumulam às descontinuidades. Estas são também resultantes das constantes barreiras que confinam os edifícios das diferentes modalidades que provocam

299 DIAS, Rodrigo Alves – Estádio Nacional – O Grande Parque sem luxos dos anos 30 – Séc. XX. Uma Unidade Paisagística e ambiental do Séc. XXI. Intervenção na Conferência: O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer, inserida nas Jornadas Europeias do Património, 17 Setembro 2005. Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.77

300 REIS, Jorge - "Novo" Estádio Nacional custou 730 mil contos: Jamor de cara lavada **in 24 Horas**. Oeiras, 19 de Junho de 1999. p.23

desconecções espaciais e fazem com que os edifícios sejam elementos fechados sobre si mesmo contraditoriamente à génese do projeto do Complexo do Estádio Nacional.

De forma a vencer estas barreira é necessário desenhar um plano ordenador e paisagístico para o Vale que tire partido das suas potencialidades espaciais, e que procure interligá-lo com a sua envolvente, isto é aos centros urbanos envolventes.

Este processo foi iniciado pelo projeto do Eixo Verde-Azul que cria um percurso entre os concelhos de Sintra, Amadora e Oeiras com o objetivo de proporcionar um percurso pedonal e uma ciclovia entre a Serra da Carregueira e a foz do rio Jamor. Este eixo concretiza uma estratégia integrada de requalificação do rio e respetivas margens, proporcionando espaços verdes e uma ligação que une as diversas urbanizações ao Estádio Nacional.

"(...) O actual Complexo Desportivo do Jamor, herdeiro do grandioso Plano do Estádio Nacional, surge no contexto do planeamento urbanístico e paisagístico, como uma das importantes unidades paisagísticas e Ambientais da Região de Lisboa e Vale do Tejo, e ainda que prevaleça hoje uma gestão e um planeamento Desportivo, é impossível escamotear a urgência da sua integração num contexto de Planeamento e Gestão urbanística, Paisagística e Ambiental, como oferta de um território consagrado à Cultura, ao Património, ao Ambiente e ao usufruto da Paisagem"[301].

Tendo em conta, a permeabilidade visual do Vale, este permite não só a integração do estádio na paisagem, mas também uma continuidade visual com a cidade. A vegetação define um princípio de integração que funciona não só como um filtro, mas também como um elemento aglutinador do conjunto.

301 DIAS, Rodrigo Alves – Estádio Nacional – O Grande Parque sem luxos dos anos 30 – Séc. XX. Uma Unidade Paisagística e ambiental do Séc. XXI. Intervenção na Conferência: O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer, inserida nas Jornadas Europeias do Património, 17 Setembro 2005. Cit. por CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. p.140

Cidade mirante, Princípios de Continuidade

"Cidade disposta em anfiteatro,
Em sucessivos terraços…
Ora perdendo-se lá longe,
…ora avançando sobre o rio
Como o estreito tombadilho duma nau.
(…)como aproveitou o lisboeta estas condições
naturais tão singulares,
esta dádiva do céu e da água?
Que partido tirou ele do Tejo?
Voltou-lhe as costas,
simplesmente"[302].

- Raúl Proença, 1924

302 DIONISIO, Santana. PROENÇA, Raul - **Guia de Portugal.** Biblioteca Nacional, vol. 1, Lisboa, 1924.

"Em termos de <identidade>, nada é simples. Vamos abandonar o nosso território? Vamos esquecer a terra? É nela que nos apoiamos, (…) ela que configura o nosso espaço (…) Nela moraram os nossos antepassados. Marcados pelo território, transmitiram-nos as estruturas sociais com que nos organizamos (…) O território é o elemento permanente na identidade. Por isso acentuados a presença da terra e procurámos, por meio da fotografia de paisagens em monumentos, representamos sinais de permanência (…)"[303].

A proposta individual deriva da análise das diferentes apropriações da paisagem interligadas com o desenho da cidade. Deste modo, conceptualmente o projeto é uma continuidade do modo de pensar a cidade de Lisboa, sendo que a preocupação de um sistema de vistas na cidade não é de todo uma novidade.

As relações visuais entre as colinas e o rio definem espaços de grande importância na cidade de Lisboa. Os vários platôs (terraços) que se desenvolvem ao longo das encostas criam alinhamentos visuais muito diversificados com o rio definindo uma identidade muito própria da cidade de Lisboa.

"A sua orografia caprichosa de declives rápidos, vales estreitos e outeiros irregulares, opõe-se naturalmente aos alinhamentos e, consequentemente, às perspectivas resultantes, oferecendo, em troca lucrativa, o inesperado dos panoramas, que surgem teatralmente ao desembocar de uma travessa estreita entre altas fachadas de prédios, ou da surpresa das avenidas arborizadas que aparecem como a um "tam-tam" de mágica ao sair-se de um beco escuro"[304].

A implantação da cidade está relacionada com a sua importância geoestratégica quer geográfica, comercial bem como militar. Os pontos mais altos que serviam funções de defesa, com a evolução da cidade foram perdendo grandualmente a sua importância ao nível militar passando a incorporar miradouros urbanos a ser utilizados como zonas de lazer. Assim no projecto aproveita-se este conceito de que os pontos altos podem ser adaptados como mirantes da paisagem. "Ao longo dos séculos, a cidade guarda memórias do seu convívio com o rio, memórias que modelaram, definiram e revelaram através de diferentes vivências, a presença do rio e de espaços que adquiriam valores históricos,

303 MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte - **Portugal o Sabor da Terra.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2011. p.5
304 RAMALHO, Robélia - **Guia de Portugal Artístico**. Tomo I, Volume I, Lisboa.



Fig.144. Miradouro da Senhora do Monte, 1959. Autor: MADUREIRA, Arnaldo.



Fig.145. Miradouro de Santa Luzia, 194-. Autor: NOVAIS, Horácio.



Fig.146. Alto de Santa Catarina, 194-. Autor: GUEDES, Paulo.



Fig.147. Panorâmica de Alfama tirada a partir do miradouro de Santa Luzia, 1890-1945. Autor: BARCIA, José.



Fig.148. Panorâmica tirada do miradouro da Senhora do Monte, 1946. Autor Desconhecido.



Fig.149. Panorâmica tirada do Miradouro de Santa Luzia sobre o casario de Alfama, 1944. Autor: PORTUGAL, Eduardo.



Fig.150. Miradouro de Santa Luzia, panorâmica sobre o Tejo e Santo Estevão. Autor e data desconhecidos.



Fig.151. Panorâmica tirada do miradouro da Senhora do Monte para a Costa do Castelo, 194-. Autor: PINTO, Kurt.



Fig.152. Castelo de São Jorge visto do jardim de São Pedro de Acântara, 1949. Autor: Estúdio Mário Novais.



Fig.153. Panorâmica da cidade tirada do miradouro do Monte Agudo, 195-. Autor: FERNANDES, Salvador.



Fig.154. Miradouro de São Pedro de Alcântara, 194-. Autor: BENOLIEL, Judah.

paisagísticos e simbólicos: as ruas, as praças, os pátios ou os miradouros"[305].

Isso significa que Lisboa dispõe de variados pontos a partir dos quais se constrói uma visão panorâmica da cidade. A relação visual não é apenas da cidade em relação a um ponto (monumento, torre), ela é múltipla. Como que se tratasse de um jogo de espelhos, um caleidoscópio. As imagens são cruzadas, recíprocas e geradas a partir de variados pontos construindo um panorama.

Muitos autores fazem referência a Lisboa como uma Cidade Miradouro, não só pelos enquadramentos visuais que vão surgindo, mas também pelos percursos que se desenham entre esses pontos e que criam vistas diferentes da cidade que permitem conhece-la sempre de modo muito singular criando memórias diversificadas que nos orientam no espaço.

No texto *Miradouros de Lisboa*[306], de João Pina Vidal, aborda-se uma visão geral sobre os miradouros de Lisboa e a forma como estes surgiram na cidade. Como o autor reflecte nesta sua obra, uma cidade tão acidentada como Lisboa tinha de forçosamente ser multiplicada por espaços de contemplação, miradouros - "Cidade tão acidentada tinha forçosamente de multiplicar-se em miradouros. E essas janelas, rasgando aos olhos do turista ignorante das suas belezas as mais diversas panorâmicas, desvendam autênticas surpresas: ora descobrem os mais curiosos contrastes de luz num mesmo horizonte, ora permitem o recreio maravilhoso dos mais surpreendentes horizontes"[307]. Estes pontos são considerados anfiteatros, que são ao mesmo tempo palco e plateia dos cenários desta paisagem urbana, "(…) pontos obrigatórios para todo o visitante estes naturais e magníficos anfiteatros de que Lisboa dispõe para se deixar descobrir nos seus múltiplos pormenores e segredos"[308]. Estes cenários abarcam "um panorama de sonho, de tamanha irrealidade, que chega a dar a impressão tratar-se duma tela de pintor bafejado por inspiração divina"[309].

305 BAPTISTA, Inês - **Cenário Urbano- A cidade e o rio como condição plástica e visual.** Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2012. Tese de Mestrado. p. 83

306 VIDAL, João - **Miradouros de Lisboa.** Revista Municipal. Vol.88, 1º trimestre. (1961).

307 VIDAL, João - **Miradouros de Lisboa.** Revista Municipal. Vol.88, 1º trimestre. (1961). p.42

308 VIDAL, João - **Miradouros de Lisboa.** Revista Municipal. Vol.88, 1º trimestre. (1961). p.43

309 VIDAL, João - **Miradouros de Lisboa.** Revista Municipal. Vol.88, 1º trimestre. 1961. p.43

Estas relações das particularidades com o modo de desenhar o espaço público da cidade com a topografia são o ponto de partida do projecto. O ponto de onde se observa a cidade, permitindo assim uma nova leitura sobre o território e a paisagem. "Paisaje como la proyección cultural de una sociedad en un espacio determinado (...) con dos dimensiones intrínsecamente relacionadas: una física, material y objetiva, y otra perceptiva, cultural y subjetiva. (...) Puede interpretarse como un dinámico código de símbolos que nos habla de la cultura de su pasado, de su presente y también la de su futuro"[310]. Pretende-se assim que a proposta enquadre uma continuidade com a cidade desenvolvendo uma topografia sentimental, um sistema que interligado com a memória crie uma paisagem do tempo.

310 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.17

IV| Construir a paisagem na paisagem

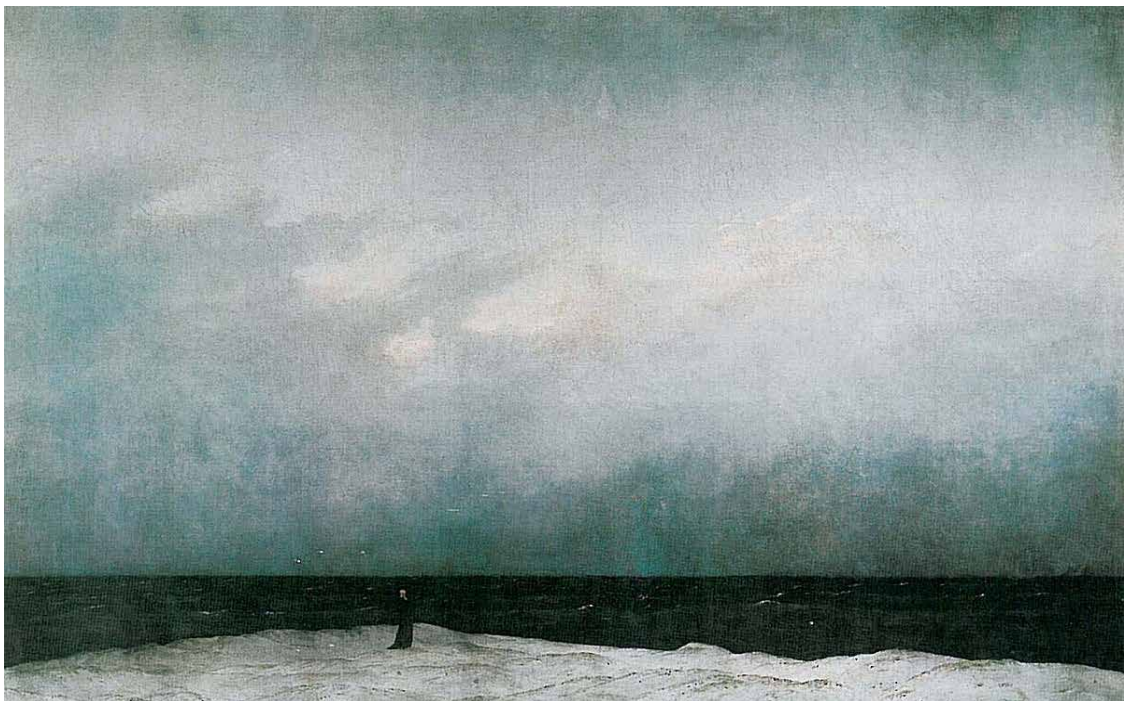


Fig.155. Monge junto ao mar, 1810. Autor: FRIEDRICH, Caspar.

Nota: A escolha desta pintura está relacionada com uma citação de Michael Jacob, que refere que nas obras de Caspar Friedrich se assiste ao vazio da natureza ou como o autor explicíta, "a natureza esvaziada do homem, rompe brutalmente os códigos e os hábitos da leitura da paisagem"[1].

1 JACOB, Michael - Le paysage. Paris: Infolio, 2013. p.78.

Os Mirantes como revelação da Paisagem

A materialização das imagens espaciais é obtida a partir dos eixos visuais dados pela sua implantação, ou seja, enquadramentos, ângulos e distâncias são consubstanciados pelo desenho do mirante.

Os mirantes irão marcar a paisagem e propiciar pontos de referência e orientação no espaço. Deste modo, são estruturas que contribuem significativamente para a construção de uma "imagem do lugar". A imagem, para Kevin Lynch, é a "qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis"[311]. Além de projectarem uma "imagem do lugar", transmitem também o teor cultural do lugar, contracenando com elementos da natureza, da arquitetura, sons, e outros sentidos que contribuem para percepção da paisagem. Um exemplo claro deste é o Mirante Gijón de Eduardo Chillida, localizado em Espanha. Apesar de funcionar isolado sem estabelecer relações com outras estruturas, o entendimento desta em conjunto com a obra "Cidades segundo seus princípios artísticos"[312] foram fundamentais para o desenvolvimento da proposta que almeja a qualificação do meio urbano do Jamor. "(…) na arte do espaço tudo depende das relações mútuas, e não das dimensões absolutas"[313].

Também a perspetiva de Kevin Lynch em *A Imagem da Cidade*[314] sobre a percepção que as pessoas experimentam ao viver o espaço da cidade, mais especificamente através dos conceitos de imaginabilidade e legibilidade. A legibilidade "facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente"[315] - num sistema. Também o conceito de imagina-

311 LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Coimbra: Edições 70, 2009. p.9
312 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965.
313 SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965. p.60
314 LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Coimbra: Edições 70, 2009.
315 LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Coimbra: Edições 70, 2009. p.20



Fig.156. Mirante Gijón. Data desconhecida. Autor: CHILLIDA, Eduardo.



Fig.157. Mirante Gijón, 2015. Autor: CHILLIDA, Eduardo.



Fig.158. Mirante Gijón, 2015. Autor: CHILLIDA, Eduardo.

bilidade relacionado com as diferentes imagens que são evocadas num percurso e nos miradouros, orientando as pessoas no espaço e invocando memórias na relação com a cidade. "(…) aquela qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa mesma forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente"[316].

Esta noção de estruturas que pontuam a paisagem relacionam-se com os "menires" que surgem "(…) pela primeira vez na era neolítica e constituem os objetos mais simples e mais densos de significados de toda a Idade da Pedra. O seu seguimento representa a 1ª acção humana de transformação física da paisagem"[317]. Quando se ergueu o primeiro menir criou-se uma nova relação com a paisagem. A transformação humana da paisagem deixou de ser apenas o resultado de um uso quotidiano, da necessidade de abrigo, passou a ser uma intenção de criar um marco, iniciando o nosso percurso de construtores da paisagem. Estes marcos conceptualizaram a realidade geográfica, transformando-a e humanizando-a, pois a partir daí e pela primeira vez na História o homem assina a sua presença na paisagem, e assim dá inicio ao longo processo da sua modelação.

"Como a língua ou a história, a paisagem é um poderoso marcador identitário, uma casa comum. Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços. Ao mesmo tempo, se muda a paisagem, os referentes estáveis que as imagens da paisagem produzem entram numa atrapalhação, num acelerar de diferenças onde, frequentemente, se reconhece melhor o que se perde do que o que se ganha"[318].

Moldada pela análise do local de intervenção, o projeto conjuga a complexidade dos elementos que constituem a paisagem do Vale do Jamor num diálogo simbiótico entre natureza e ar-

316 LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Coimbra: Edições 70, 2009. p.20
317 CARET, Francesco - **Walkscapes - O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013. p.52
318 DOMINGUES, Álvaro - **Vida no Campo.** Porto: Dafne Editora, 2011. p.15

quitectura, potenciando um imaginário singular que nos transporta para além dos seus limites físicos.

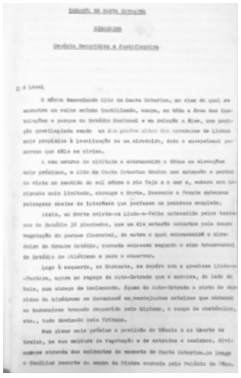
Estes espaços servem como lugares de encontro, repouso e contemplação, proporcionando uma nova circunstância urbana e potenciando uma nova experiência do lugar, "espacios de espera, dispositivos visuales que nos prepararon para encontrar al otro. Escenarios dispuestos a fomentar la comprensión contemplativa (…)"[319]. O desenho destes mirantes pretende proporcionar experiências diferentes em cada perspetiva que a cidade oferece, enaltecendo o carácter multi-sensorial da percepção da paisagem. Cada ponto corresponde uma solução própria onde se estabelece um diálogo mútuo entre a arquitectura e paisagem. "The formal relationship of three-dimensional objects in space is visible as a scene (tafereel) on the retina (Hoogstad, 1990). A scene refers to an extensive piece of the (urban) landscape that can be seen from a single (or multiple) point of view as in a painting or as a stage of a theatre with a foreground, middle ground and background"[320]. Deste modo, as estruturas, apesar de muito distintas morfologicamente, partilham um carácter comum de intimidade e harmonia com a natureza. São lugares de simplicidade, de emoção, quase transcendentais, que convocam uma experiência sensorial pautada. Construídas de forma dispersa e estratégica pelo território, permitem a descoberta de pontos perspéticos de grande interesse.

A narrativa que estes elementos criam no território procura oferecer uma nova visão sobre a paisagem, de modo a nos envolvermos nela, e potenciar a relação espacial do observador com a envolvente. Contudo o desenho deste sistema de miradouros propostos ao longo do Vale procura não só a leitura do contexto que se entende por "paisagem de hoje", mas correspondem a um resultado de uma investigação do "passado", das diferentes metamorfoses do território."El paisaje como construcción cultural frente a los territorios que ya existen. Serán entonces los paisajes los que se inventan, se experimentan y se observan"[321].

319 MARÍ, Carlos - **La cambra y el arco.** Barcelona: Fundación Caja de Arquiteto, 2005. p.69

320 HELMREICH, Anne. KRYDER-REID, Elizabeth. O'MALLEY, Therese - Keywords in American Landscape Design in NIJHUIS, Steffen. **Visual Research in Landscape Architecture.** Research in Urbanism Series. Vol.2 (2011). p.115

321 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.18



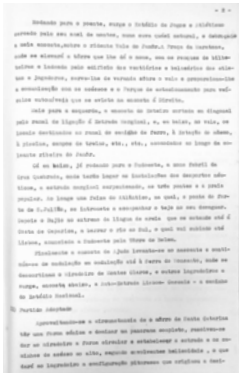


Fig.159. Memória Descritiva do Miradouro do Caracol de Santa Catarina, 1943. Fonte: ROSA, Jacobetty.

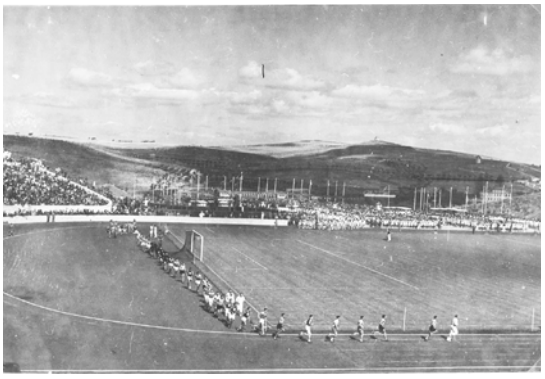


Fig.160. Fotografia da Inauguração do Estádio Nacional com os moinhos existentes em 2ºplano. Autor e data desconhecidos.



Fig.161. Paisagem do Vale do Jamor com o Moinho do Caracol de Santa Catarina em 2º plano. Autor e data desconhecidos.



Fig.162. Um outro moinho próximo ao moinho no Alto de Santa Catarina. Autor e data desconhecidos.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Fig.163. O Vale e Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-g);

Neste sentido, a proposta individual deriva de uma reativação do projeto de miradouro do Alto de Santa Catarina, desenhado por Jacobety Rosa. No projeto do Estádio estava contemplada a construção de diversos miradouros, tais como o Miradouro de Santa Catarina, o Miradouro do Grande Estádio, o espaço da Pira Olímpica e parte da Praça de Atletismo, todavia a maior parte não chegou a passar da fase de projecto. A cem metros de altitude, o miradouro do Caracol de Santa Catarina ocuparia "uma posição privilegiada sendo um dos pontos altos dos arredores de Lisboa (…) dado o excepcional panorama que dele se divisa"[322]. O projeto contemplava a reabilitação de um velho moinho inutilizado e construção de um pequeno equipamento de restauração encastrado na topografia. Baseando-se na forma cónica de implantação do alto de Santa Catarina, projectou-se um miradouro de forma circular, que em conjunto com a estrada e os caminhos de acesso helicoidais, dariam a este uma configuração que posteriormente originou a designação de "Caracol de Santa Catarina"[323]. O moinho reabilitado seria adaptado a um mirante e ocuparia o centro geométrico do conjunto, sendo rodeado por uma esplanada, de onde partiriam quatro escadarias cruciais, que conduziriam a uma segunda esplanada ligadas com uma praceta onde se localizaria uma sala de chá e Bar com esplanada.

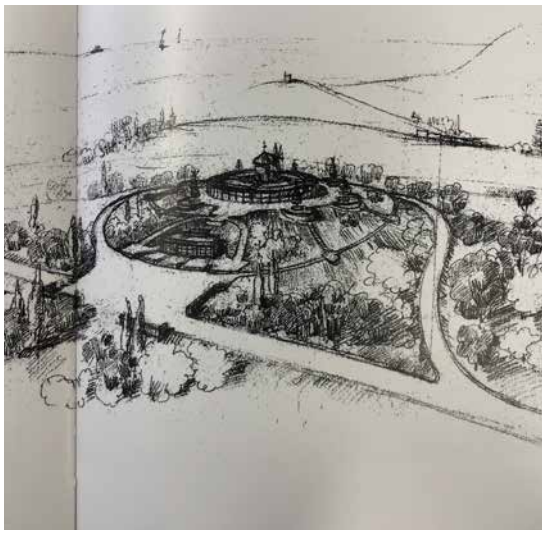


Fig.164. Esboço da implantação do Miradouro de Santa Catarina. Fonte: GUIA, Diogo. [et. al.] - **Jamor: O palco maior do desporto Nacional.** Lisboa: Imprensa Nacional, 2014. p.191

O Miradouro do Grande Estádio [324], pela sua situação topográfica proposta a nascente do Estádio de Atletismo na en-

322 ROSA, Jacobetty. **Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa.** Consultado no arquivo do Museu do Desporto. p.1
323 ROSA, Jacobetty. **Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa.** Consultado no arquivo do Museu do Desporto. p.2 e 3
324 ROSA, Jacobetty. **Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa.** Consultado no arquivo do Museu do Desporto. p.?

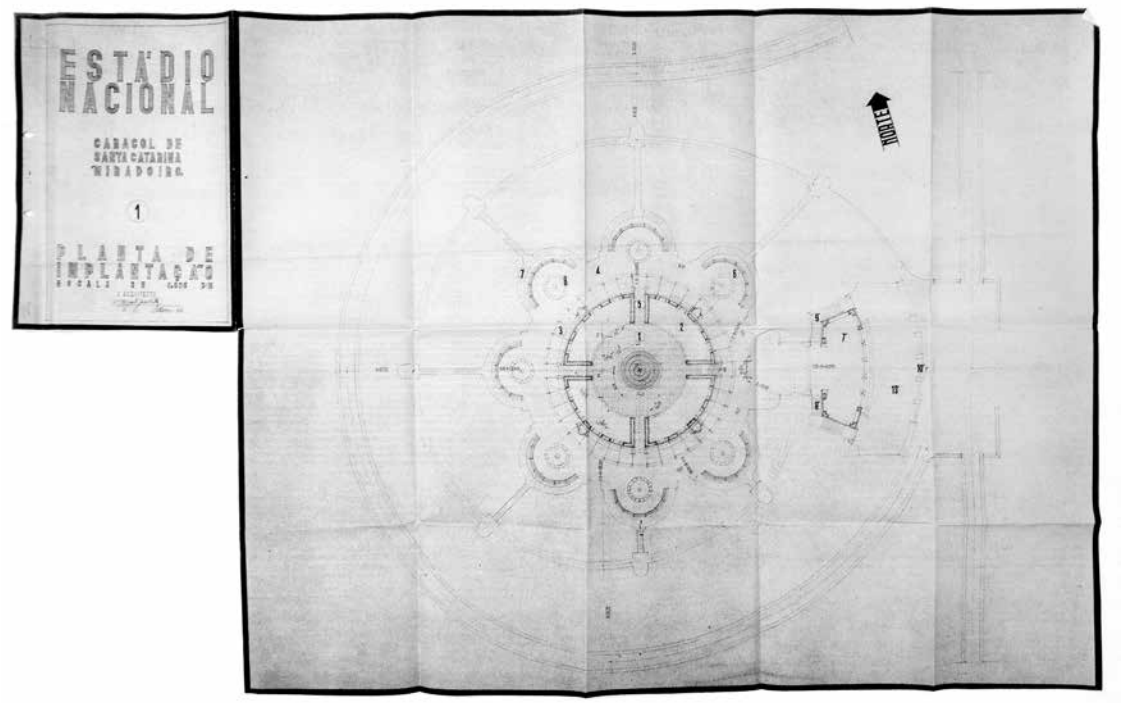


Fig.165. Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Planta de Implantação, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

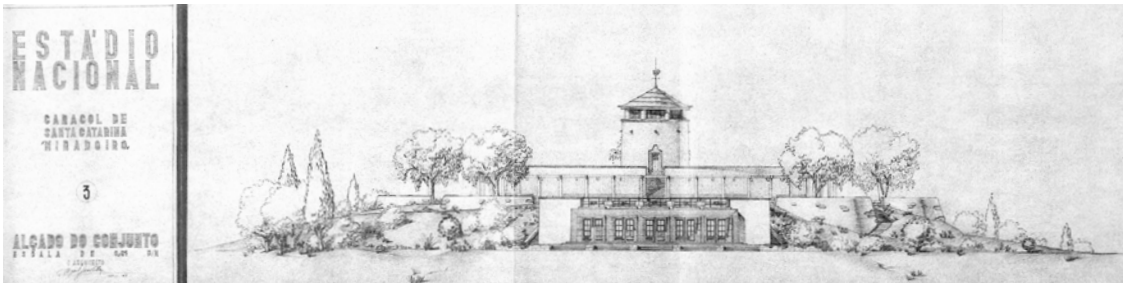
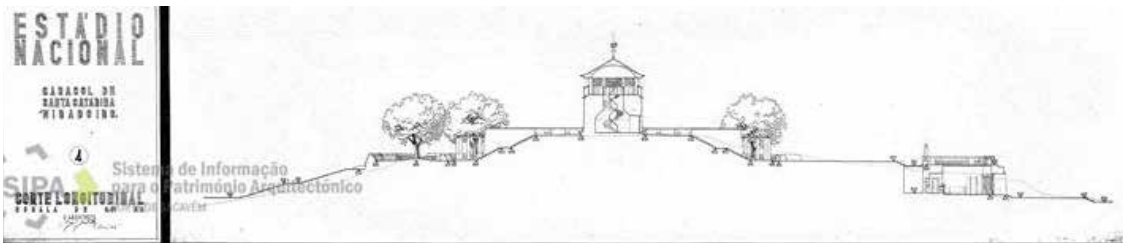


Fig.166. Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Alçado do Conjunto, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.



SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

Fig.167. Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Corte Longitudinal, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

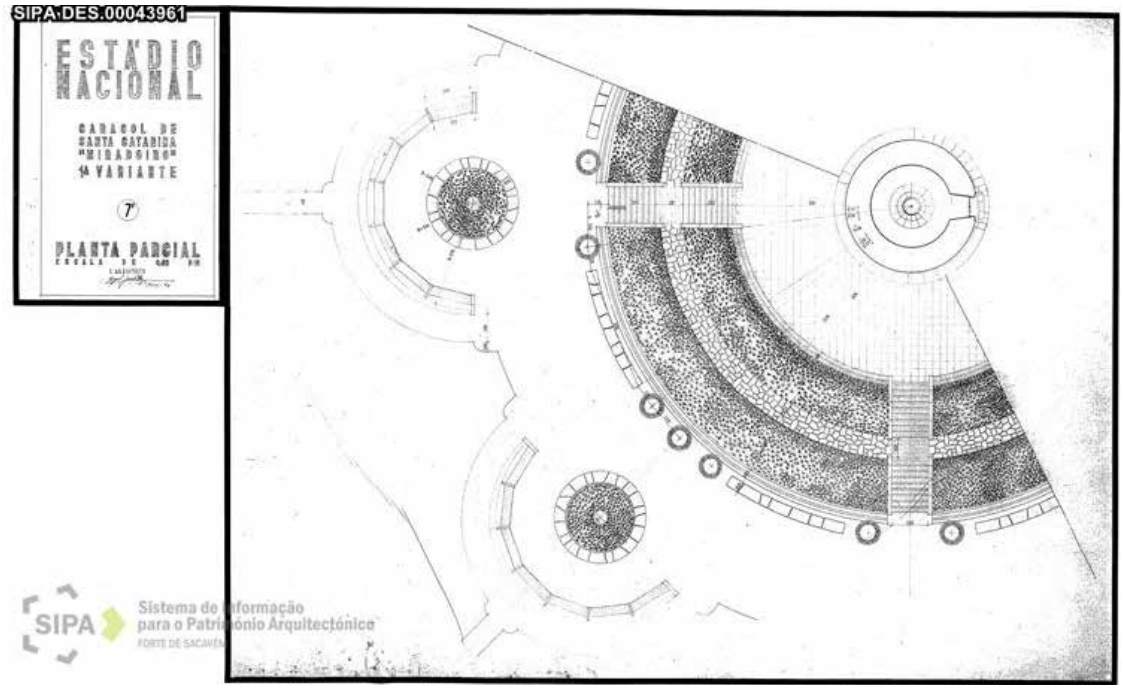


Fig.168. Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Planta Parcial 1ªVariante, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

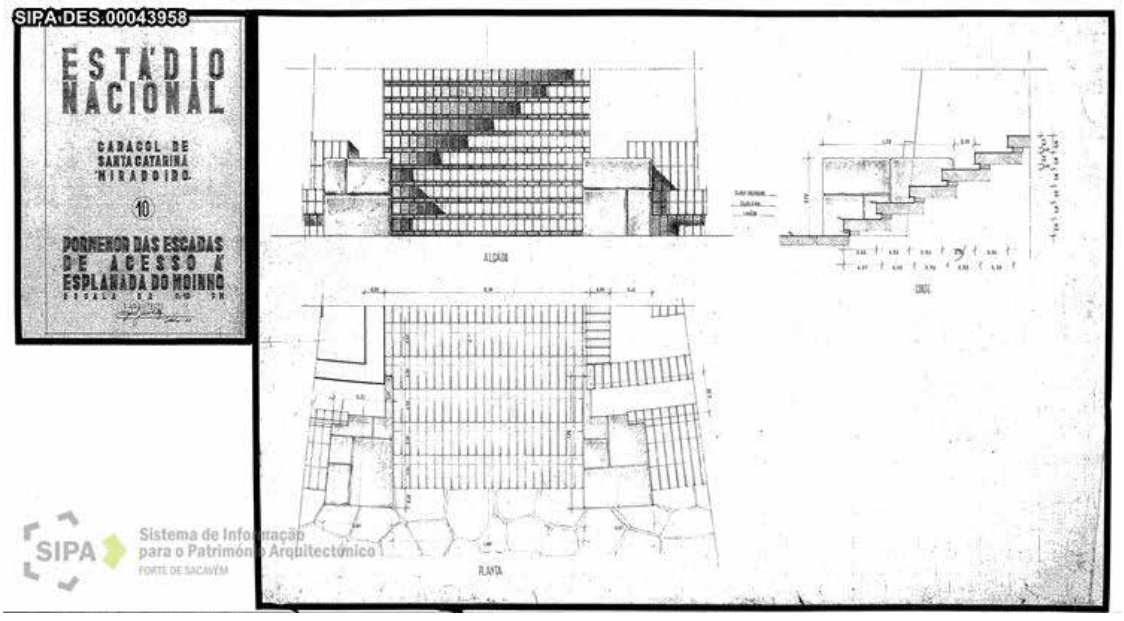


Fig.169. Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Promenor das Escadas de Acesso à Esplanada do Moinho, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

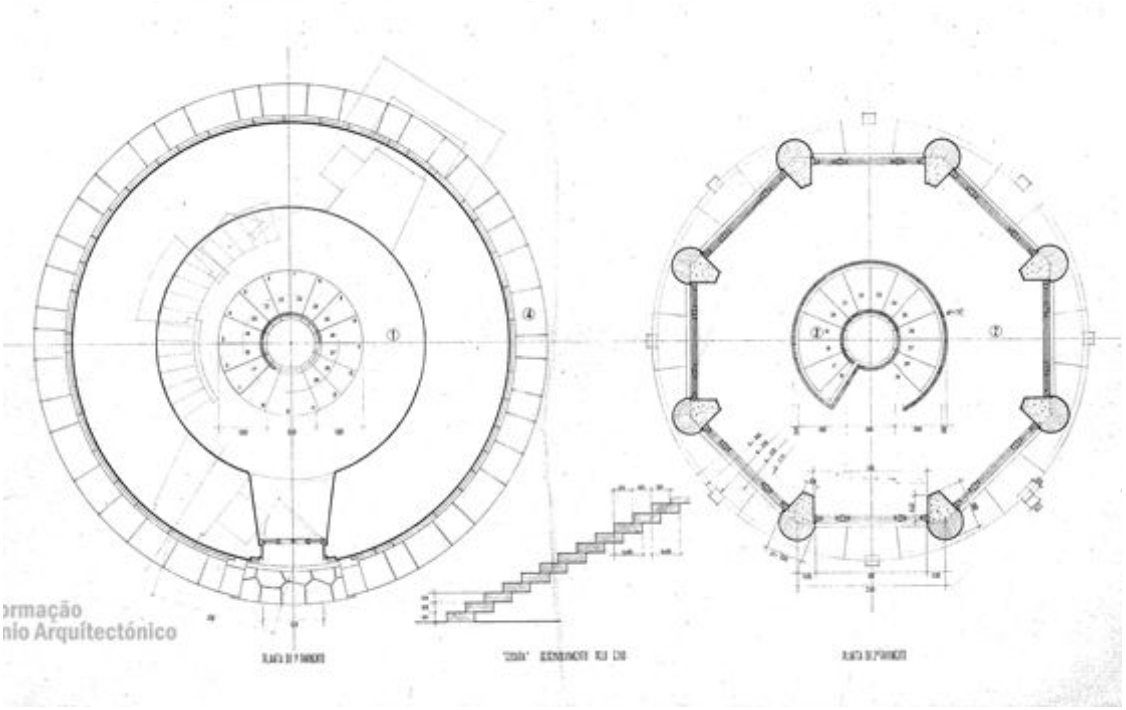


Fig.170. Caracol de Santa Catarina "Moinho" - Plantas, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

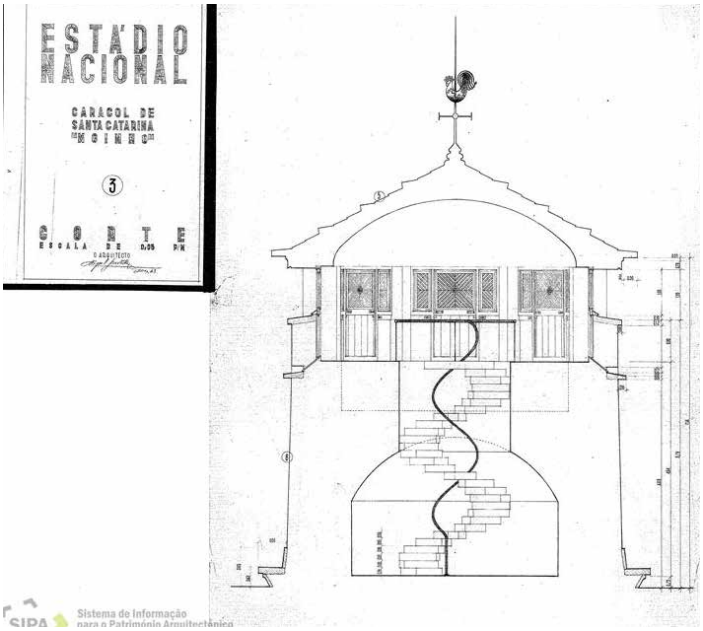
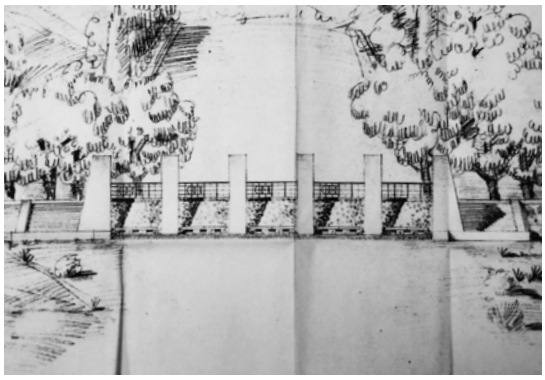


Fig.171. Caracol de Santa Catarina "Moinho" - Corte, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



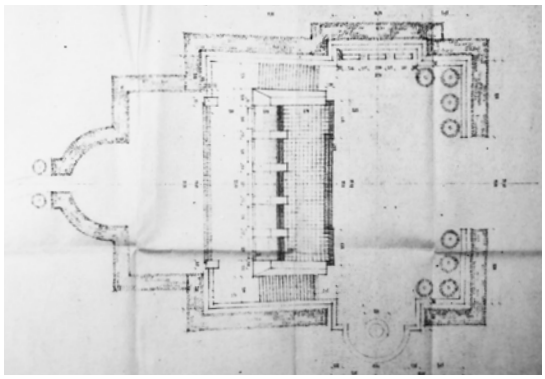


Fig.172 Miradouro do Grande Estádio - Alçado, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.
Fig.173. Miradouro do Grande Estádio - Alçado e Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.

costa do outro lado do vale, permitiria uma comunicação visual entre o Estádio e o Miradouro.

Já o Miradouro da Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, o único a ser construído, estabelecia a ligação entre a Capela com o mesmo nome e Casa de Chá da Boa Viagem. O projeto vencia a diferença de cotas através de uma escadaria que unia a pérgola à cota da marginal e o espaço de contemplação próximo à capela.

Apesar do desenho dos miradouros projectados por Jacobetty Rosa, não pretenderem estabelecer relações de continuidade diretas entre eles, são um reflexo de uma procura de evidenciar e enaltecer a paisagem do Vale. Esta vinculação à natureza é também um processo de continuidade da génese do projeto iniciado por Caldeira Cabral. Este pretendia que o "Estádio de Lisboa a construir no Vale do Jamor, ter o caractér de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida da natureza através da vegetação do parque"[325](ver cronologia p.336).

O projeto proposto nesta investigação, apesar de ser indissociável da memória dos mirantes anteriores, procura claramente ser contemporâneo de modo a que não se trate apenas de uma leitura redutora, estereotipada e insuficientemente aprofundada do território, ou seja, um pastiche. "A obra do passado, constituindo um valor cultural do espaço e porque é irreversível, não podendo vir a ser o que já foi, não deverá ser actualizada pela utilização de pastiche, solução que denuncia apenas a incapacidade de encontrar aquela e outra que, por contemporânea, possa ombrear — sem ofuscar nem ser ofuscada — com o valor que o passado nos legou"[326].

325 CABRAL, Francisco. **Novo Estádio de Lisboa.** Lisboa, 1937. Correspondência consultada no Forte de Sacavém.
326 TÁVORA, Fernando. **Da Organização do Espaço.** Porto: FAUP Publicações,

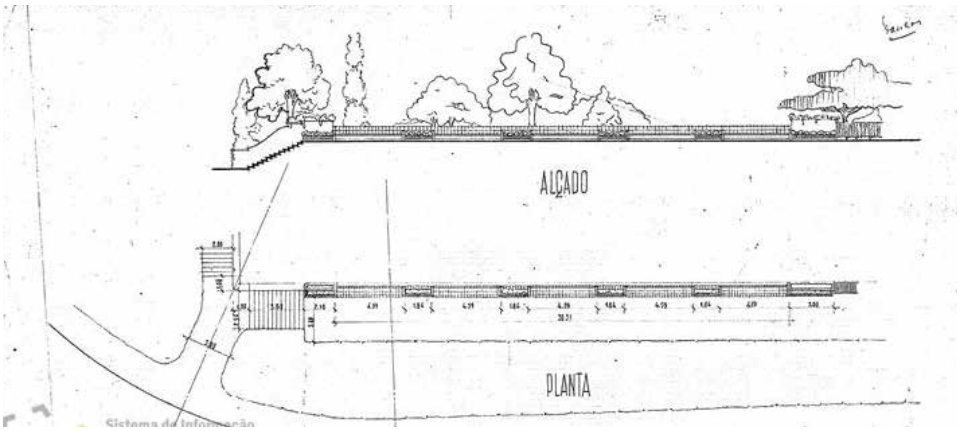


Fig.174. Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Alçado e Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.

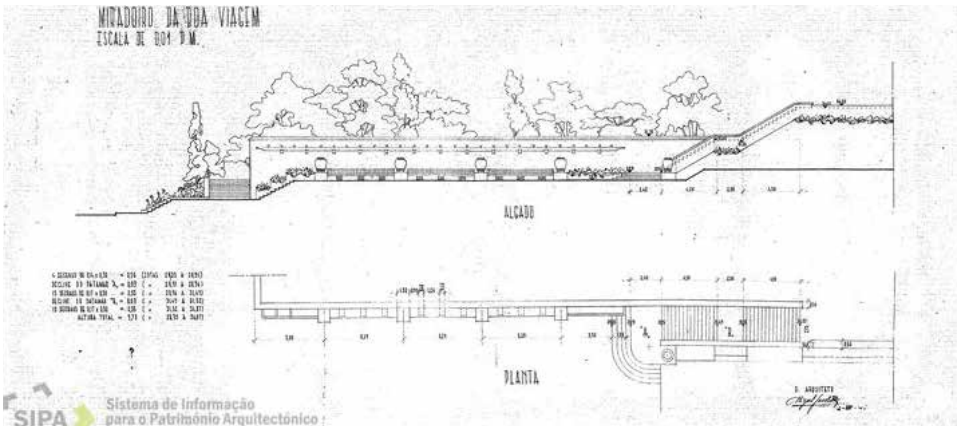


Fig.175. Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Alçado e Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.

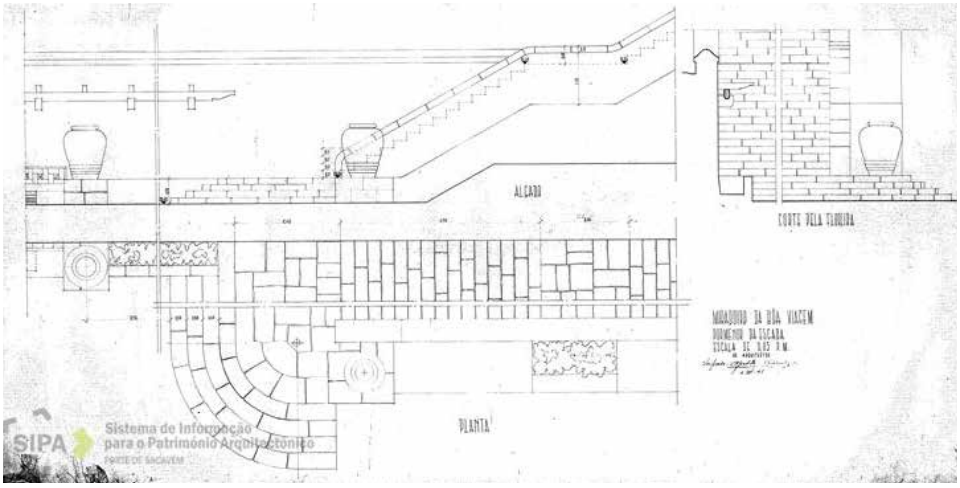


Fig.176. Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Promenor da Escada, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

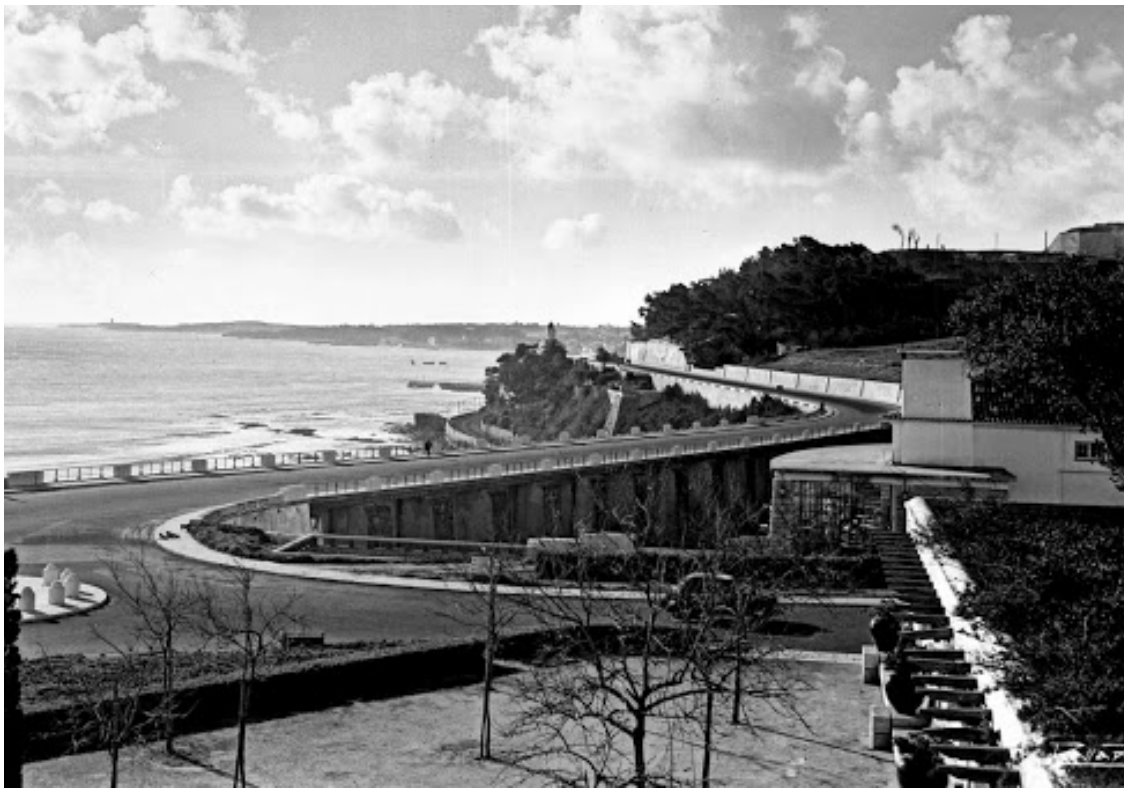


Fig.177. Estrada Marginal, Alto da Boa Viagem, 195-. Autor: PASSAPORTE, António.



Fig.178. Construção do Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos.



Fig.179. Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem junto à Capela. Autor e data desconhecidos.

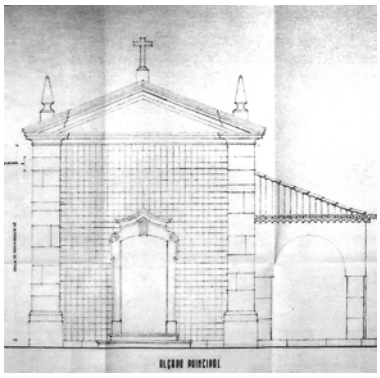


Fig.180. Alçado Principal da Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty.



Fig.181. Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem e a Construção do Miradouro. Autor e data desconhecidos.

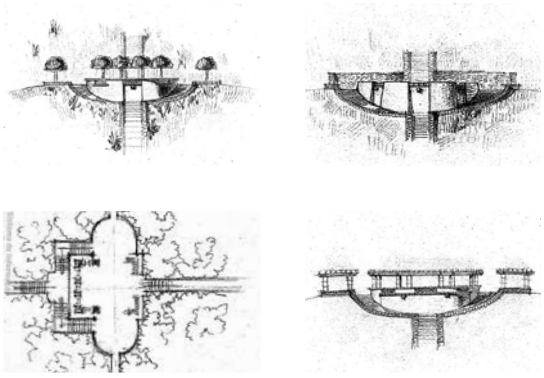


Fig.182. Esquiços de Jacobetty Rosa de possíveis miradouros, 1943. Autor:ROSA, Jacobetty.

O projeto orienta-se no sentido de criar uma continuidade que tem como base as premissas essenciais e análises do território, encaminhadas no sentido de preservar a sua identidade cultural sem, no entanto, declinarem o seu tempo.

É através do desenho urbano destes miradouros que se responde ao grande desafio que surgiu da análise do contexto do Complexo do Estádio Nacional: a valorização da paisagem urbana deste espaço. Ao longo do estuário do Tejo existe um conjunto de paisagens que fazem parte de uma enorme riqueza nacional, mas se analisarmos mais pormenorizadamente o vale do jamor, embora este esteja carregado de significado histórico, arquitetónico, paisagístico e social, em períodos mais recentes este foi relegado parcialmente ao esquecimento. "Muchos de los paisajes que atravesamos, que vivimos, se hacen invisibles al no ser capaces más que de apreciar sus primeras capas y obviando sus configuraciones más profundas"[327]. Desta forma o projeto desenha estruturas que permitam observar "el paisage" constituída por "una multiplicidade de miradas sobre el territorio"[328].

Neste sentido, e para que se assumam de facto como elementos relevantes e estruturadores da fisicalidade da cidade, é de igual importância que os mirantes (o pré-existente da Capela e os novos) possam potenciar novas conexões com os espaços que os rodeiam, prolongando-os e criando novas dinâmicas e novos diálogos, invertendo assim a tendência de se assumirem como bolsas incomunicantes. Isto só podendo ser alcançado através de um desenho de espaço público estruturado.

Julga-se ter sustentado até aqui uma postura metodológica que poderá revelar-se pertinente para a circunstância actual da cidade. Perante uma cidade dispersa, fragmentada e alheia aos seus

2004. p.58

327 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.11

328 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.16

valores paisagísticos considera-se que, enquanto antigos lugares públicos de referência, as estruturas-mirante poderão ainda servir o Vale e auxiliar na construção de um conjunto de relações com a cidade.

A demarcação dos pontos de intervenção resulta da análise das metamorfoses da paisagem do Vale, que evidenciou a existência de espaços desprovidos de qualidades urbanas que outrora foram importantes no seu contexto. Esta análise tal como se verificou no capítulo anterior, evidenciou a segregação do tecido urbano do Jamor relativamente à sua envolvente, e fez com que este perdesse relações de continuidade com o seu entorno. "Estos espacios son los que hemos denominados vacantes, lugares generados por la falta de diálogo entre la ciudad existente (…)"[329]. Isto deve-se a uma ausência de elementos articuladores entre espaços e à implantação de diversas barreiras construídas nos seus limites.

Deste modo, o projeto procura dinamizar e articular os espaços do Vale com a Cidade. Através da proposta enaltece-se a paisagem tirando partido da sua topografia. Tal como já foi referido, a demarcação dos pontos altos das colinas que servem ou já serviram como pontos geodésicos permite desenhar uma constelação tridimensional cujas intervenções propiciam a criação de platôs com ligações visuais. Constelação que resulta num projeto de paisagem de fragmentos mas que em conjunto permite-nos ler o território. Todavia, estes fragmentos também podem ser lidos individualmente, quase como se tratassem de um quadro que procura enaltecer determinado ponto de vista. "Si un paisaje es una totalidad de miradas, cada mirada como fragmento resultará compacta y dura. El proyecto de paisaje lo consideramos una mesa donde colocar esos fragmentos, todos o una parte de ellos, formando un conjunto, sin solidificar, de modo que una colocación diferente sea posible en el tiempo"[330].

Evidentemente, a contemplação está inscrita num sistema de eixos visuais.

329 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.19

330 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.20



Fig.183. "Constelação" - Marcação dos Pontos Geodésicos a proposta de Miradouros. Desenho elaborado pela autora.

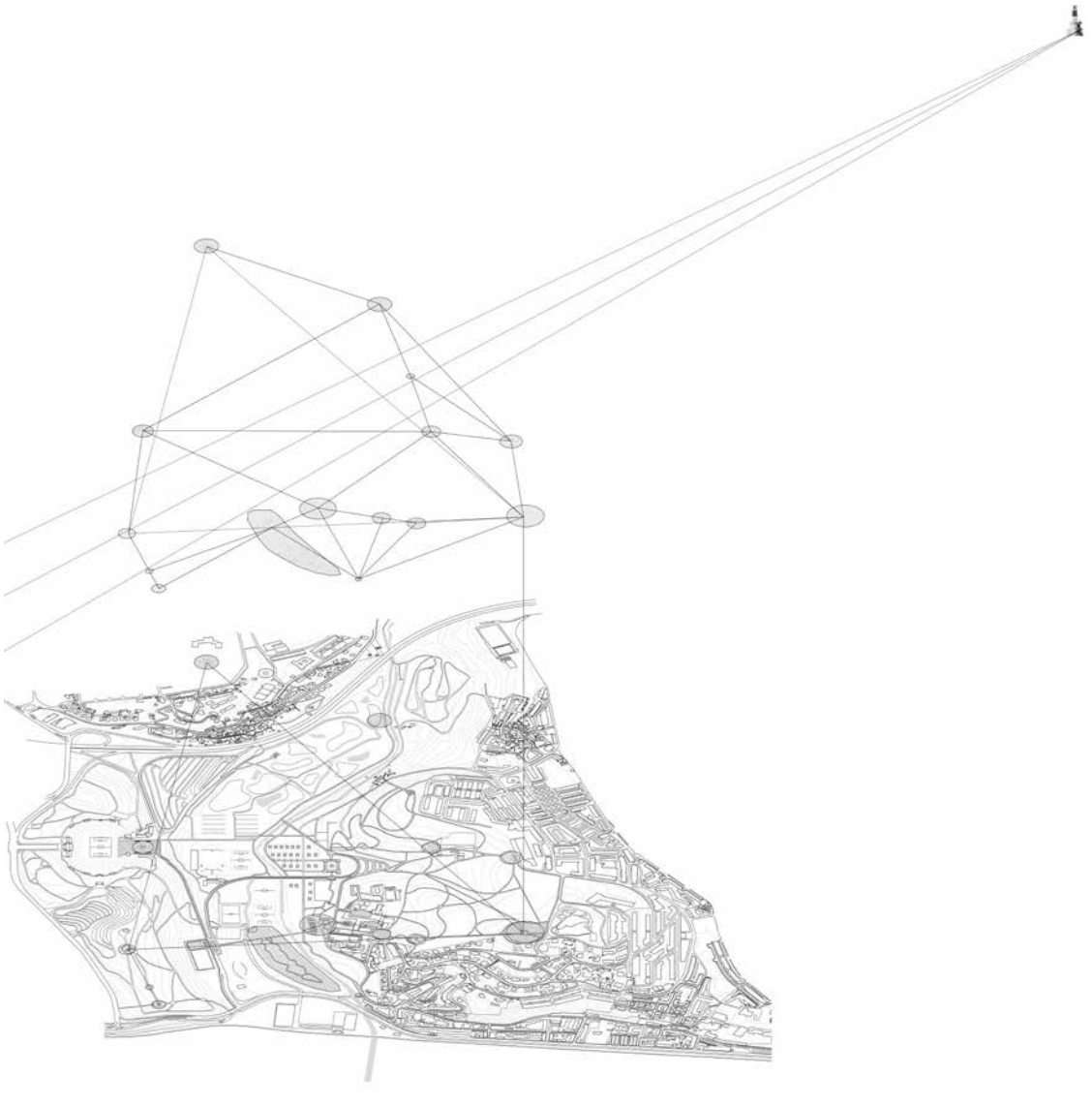


Fig.184. Proposta de "Constelação" na Área de Intervenção. Desenho elaborado pela autora.

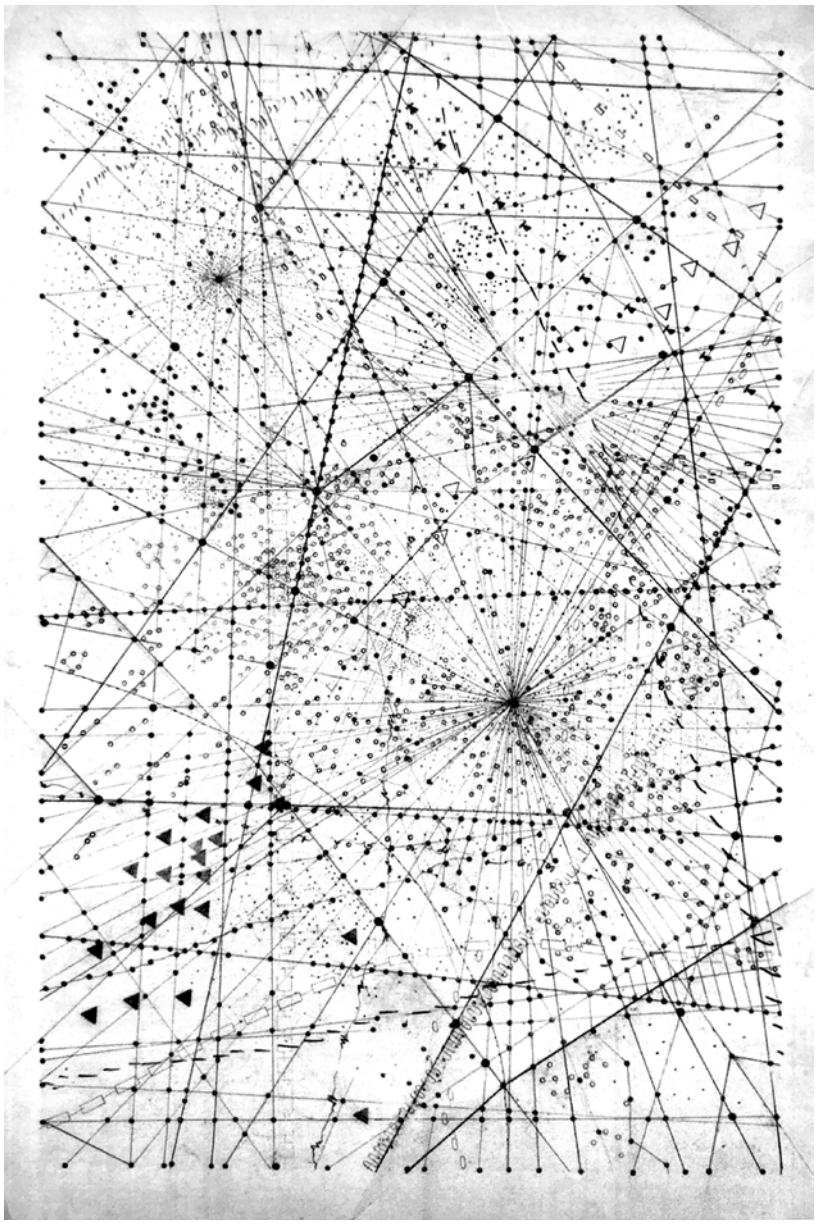


Fig.185. S12. Data desconhecida. Autor: McNALLY, Emma. Fonte: LOPES, Diogo. TAVARES, André - **A Forma da Forma.** Lisboa: Trienal de Arquitetura, 2016. p.45.

Mirantes e eixos visuais

A paisagem, como já foi referido, ao contrário das plantas ou das vistas aéreas, mostra-nos um fragmento do território que se insere num contexto espacial e temporal específico. A maneira como olhamos para a paisagem, não limita a nossa perceção do território, a paisagem tem significados diferentes, consoante o observador que a percepciona. Quer seja a contemplá-la a partir de um miradouro, ou a percorrê-la em percursos, apreendemo-la de maneiras distintas. O Miradouro constitui um ponto fixo no território que reduz a paisagem a um enquadramento, direcionando assim o nosso olhar sobre uma extenção de território mais limitada. Desta forma, permite-nos percepcionar melhor a própria paisagem e a nossa escala face à mesma.

Os mirantes propostos são interligados por percursos que contróiem uma constelação tridimensional, ou seja, eixos visuais entre as diferentes estruturas e paisagens e os caminhos que nos possibilitam percorrê-los. Isto permite que o Vale deixe de ser composto por extensões e obstruções, e passe a ser constituído por fluxos e eixos visuais.

Este conceito de topografia em rede é trabalhado pelas obras de Emma McNally, que cria cartografias artísticas de nodos imaginários - topologias de redes. Os seus desenhos, traços e dispersões modelam uma confluência poética, explorando através da sobreposição de camadas de pontos e linhas várias expressões rítmicas. Estas "composições escapam a uma leitura (…) direta para se tornarem cartografias abertas"[331].

Assim sendo, de modo a enaltecer a paisagem do Vale, tirou-se partido da sua topografia e uniram-se os já referidos pontos por meio de triangulação. Isto permite estabelecer as mencionadas ligações visuais e interligá-las com a própria cidade como um todo.

Os pontos geodésicos utilizados nos sistemas de coordenadas cartesianas retangulares, foram identificadas como oportuni-

331 LOPES, Diogo. TAVARES, André - **A Forma da Forma.** Lisboa: Trienal de Arquitetura, 2016. p.45

dades de intervenção por representarem pontos topográficos com maiores elevações. Este meio de comunicação militar baseava-se num conjunto de estações "situadas em pontos altos, cada uma com visibilidade para a seguinte, colocada a uma distância inferior a 12 km. Cada estação dispunha de um dispositivo que permitia a transmissão de sinais, obedecendo a um código"[332]. Estes formam triangulações "cujos vértices são pontos bem visíveis e fixos, tais como torres de igrejas, capelas ou outros edifícios, pirâmides ou marcos geodésicos, chaminés, etc., situados em lugares mais ou menos elevados, de modo que de cada um se avistem pelo menos dois dos outros. A partir do estabelecimento desta rede de triângulos mede-se uma linha geodésica"[333].

Segundo o texto "Memória sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal, Publicada por Ordem de Sua Magestade"[334] de Filipe Folque, os marcos geodésicos foram divididos em três secções:

"1- Triangulação de 1ª ordem, a qual depende da construção das pyrâmides de 1ª ordem, das observações dos ângulos e distancias zenitaes, e da medição de bases.
2- Triangulações secundárias, as quaes dependem da construção dos signaes secundários, da observação dos ângulos respectivos, alturas e depressões.
3- Topographia na escala 1/10000, a qual depende da planometria e configuração do terreno.

De salientar que no início desta operação foi defendida a construção de 45 pirâmides de 1a ordem, servindo às triangulações secundárias todo e qualquer objecto, que seja permanente, como moinhos, torres, zimbórios e mirantes"[335].

A constelação deriva fundamentalmente da investigação referente aos pontos geodésicos, mas também, alude a uma camada temporal anterior, densamente povoada de moinhos. Pontos

332 ARROTEIA, Jorge - **O marco geodésico de Monte Redondo e o Sistema Cartográfico Nacional.** [s.n], 2017. p.14
333 Consultado em 5/5/20 : http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/d51.html
334 FOLQUE, Filipe. **Memoria sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal in História e Memorias da Academia Real das Sciências de Lisboa: (1843 e 1851).** 2ª Série. Tomo I. Parte I. Lisboa: Na Typografia da Mesma Academia, 1843. p. 1-140
335 FOLQUE, Filipe. **Memoria sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal in História e Memorias da Academia Real das Sciências de Lisboa: (1843 e 1851).** 2ª Série. Tomo I. Parte I. Lisboa: Na Typografia da Mesma Academia, 1843. p. 57

morfologicamente altos que sinalizavam a paisagem da cidade e propiciavam referências de orientação perceptiva no espaço. Consequentemente, são locais que contribuem significativamente para a formação da "imagem do lugar", pois evidenciam as características da região onde se encontram.

O projeto contempla também a intervenção em pontos estratégicos na morfologia do território, criando mirantes e estruturas que pela sua situação irão integrar, transformar e marcar a topografia. A experiência de viver e olhar o Vale só pode ser tida segundo vistas parciais através de disposições e alinhamentos, dependendo das características da topografia e alturas dos edificados. Esta constelação que é constituída pelos percursos que conectam os diversos mirantes pretendendo ter quer uma ligação direta - que cria uma conexão visual entre os dispositivos, como também, um percurso deambulatório. Deste modo a análise cartográfica permitiu verificar a importância quer do eixo de entrada da Barra do Tejo como uma série de triangulações secundárias através dos moinhos existentes que evidenciavam uma paisagem particular deste contexto.

Deste modo, a proposta é constituída pelo desenho de estruturas mirantes que estão relacionados com o eixo referido, ou seja, o desenho dos percursos e a implantação destes mirantes resultam de traçados perpendiculares com o eixo a 45º/30º em relação a este.

Este conceito relaciona-se com o já referido projeto - La Cité d'Orion de Hannsjörg Voth que desenha uma constelação de estruturas que comunicam entre si. Construído no deserto em Marrocos pelo artista español Hannsjörg Voth. Composta por torres rectangulares que representam as sete estrelas da constelação de Orion. Uma escada sobe até ao topo das torres mais altas.

Um outro exemplo que demonstra que a topografia e a paisagem assumem-se, assim, como um instrumento de trabalho participante na concepção do projecto potenciando a criação de uma linguagem de espaços mais dialogantes com as características do lugar que reforça a experiência do mesmo, é o Stourhead Landscape Garden. Uma paisagem concebida do ponto de vista dos observadores que procura combinar as linhas de visão com elementos formais, transitórios e progressivos.

O melhor exemplo de uma composição arquitectónica paisagística que proporciona aos indivíduos vistas compostas ou "imagens" é o circuito pictórico do jardim paisagístico de Stourhead, especialmente o jardim do vale. Aqui o passeio circular é encenado como uma sequência de vistas com linhas de visão dirigidas através de um lago, terminando em pequenos edifícios colocados numa paisagem de vale. "This stroll was allegorical in nature and designed as a series of compositions dissolving into each other, and is called a pictorial circuit (Paulson, 1975). The cinematic experience is a reflection of the visual story being told; and the storyline becomes a physical construction" [336].



Fig.186. Planta do projeto Valley Garden em Stourhead, 1779. PIPER, F.M. Fonte: NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series.** Vol.2 . Netherlands: Delft University of Technology, 2011. p.128.

A composição foi concebida para ser experimentada em movimento na qual "The sequential experience of 'mo-ving pictures' also became the basis for film and cinema as beautifully illustrated by the rolled-up panoramic landscapes on translucent paper by Carmontelle, an eighteenth-century French painter and landscape designer" [337]. O projeto procura experimentar o espaço arquitectónico paisagístico através do movimento. Aqui o foco é a investigação e a concepção e relação com a paisagem, como poderá ser experimentado por um observador que se desloca pelo espaço. "Visual manifestation of three-dimensional forms and their relationship in outdoor space, expressed by its structural organisation (e.g. balance, tension, rhythm, proportion, scale) and ordering principles (e.g. axis, symmetry, hierarchy, datum, transformation)" [338].

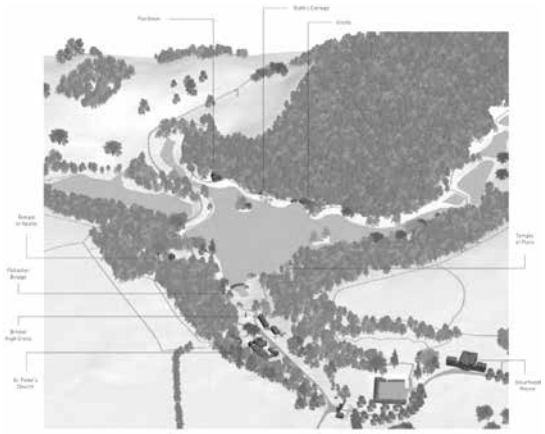


Fig.187. 3-d do projeto de Valley Garden. Fonte: NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series.** Vol.2. Netherlands: Delft University of Technology, 2011. p.128.

Estes mirantes serão referenciais paisagísticos que pre-

336 NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture in Research **in Urbanism Series**. Vol.2 (2011). p.130

337 NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture in Research **in Urbanism Series.** Vol.2 (2011). p.116

338 NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture in Research **in Urbanism Series.** Vol.2 (2011). p.109

tendem ser elementos significativos da paisagem, por indicarem vários pontos de orientação espacial e salientarem pontos de observação. Assim a constelação apresenta diversas características: podendo ser elas, pontuais (mirantes) ou lineares (eixos visuais).

Os mirantes geram enquadramentos visuais, todavia ao contrário de uma uma vista, movemo-nos através de uma paisagem e a sua forma visível muda constantemente. A interpretação de cada imagem como tridimensional que recebemos de diferentes pontos de vista não termina em si mesma, mas faz parte de uma série de imagens tridimensionais que desenham em conjunto a sua forma arquitectónica. "This kinetic experience of the observer who arrives at a 'single' image as the product of many partial images is summarised by Hoogstad (1990) as: Space = Time (+ memory) x Movement"[339].

Os pontos intervencionados funcionam ao mesmo tempo como paragens e geradores de movimento.

339 NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture in Research **in Urbanism Series.** Vol.2 (2011). p.115

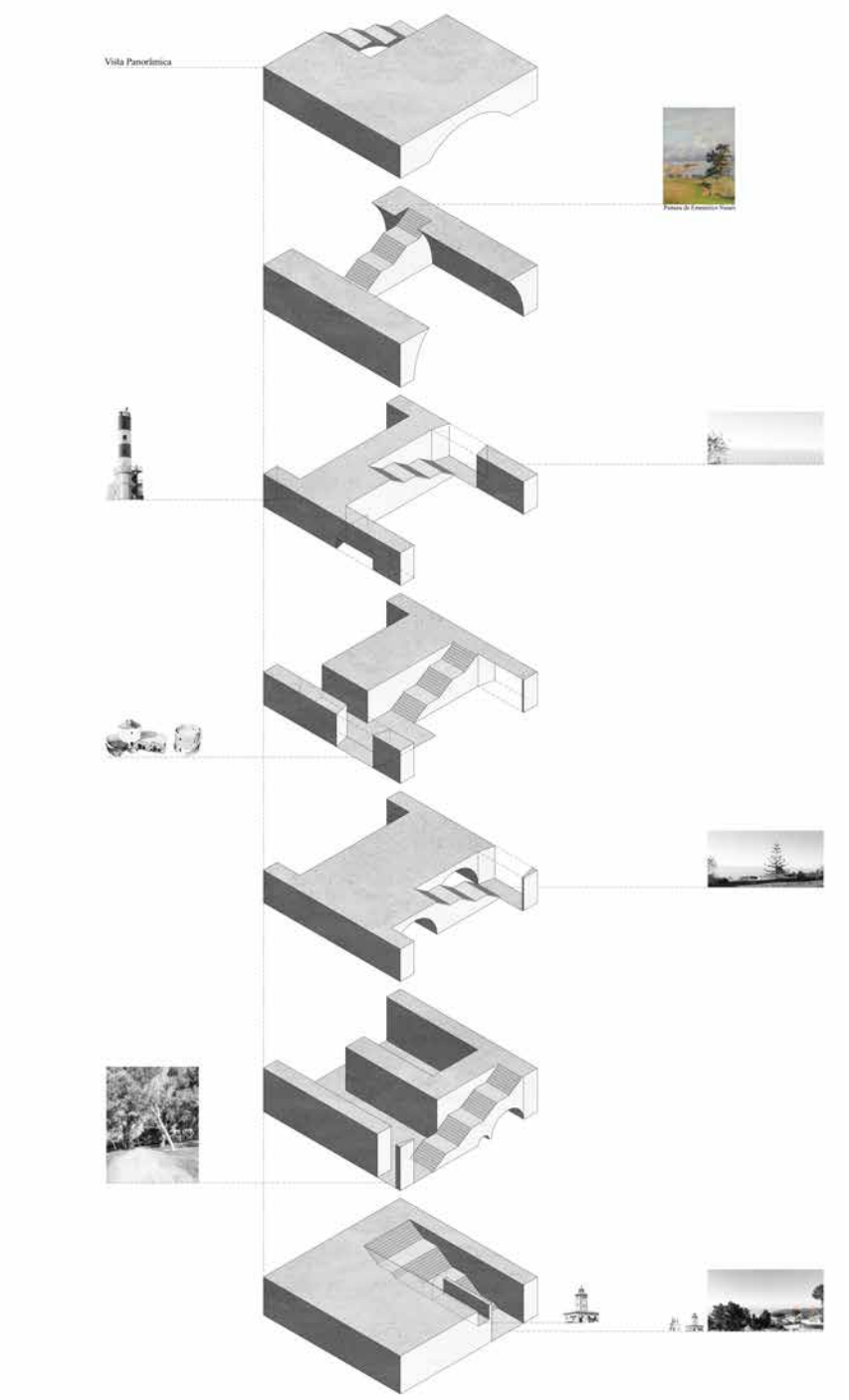


Fig.188. Enquadramentos visuais do Mirante localizado no Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

O percurso e a experiência dos sentidos

"Qualquer caminho leva a toda a parte.
Qualquer ponto é o centro do infinito (…)"[340]

340 LOPES, Teresa - **Pessoa por Conhecer - Textos para um novo mapa.** Lisboa: Estampa, 1990. p.95. Consultado em (16/4/2020). Disponível na internet: http://arquivopessoa.net/textos/785

"O caminhar mesmo sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem no espaço (...) é uma forma de transformação da paisagem que embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado de espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. Antes do neolítico e, assim, antes dos menires, a única arquitectura simbólica capaz de modificar o ambiente era o caminhar, uma acção que, simultaneamente, é acto perceptivo e acto criativo, que ao mesmo tempo é a leitura e escrita do território"[341].

O percurso permite uma outra experiência, mais próxima e mais atenta, enquanto os mirantes permitem que o observador possa sentar, observar e interagir de forma a envolver-se na paisagem.

"El paisaje es simultáneamente objeto y representación: es el lugar real que podemos recorrer o modificar y es la representación que nace desde el punto de vista del artista o del técnico"[342].

O desenho dos mirantes baseada numa geometria platónica têm relação com a análise dos pontos geodésicos existentes na área de intervenção, que por sua vez, fazem parte do eixo de entrada na Barra do Tejo.

Com a referência à paisagem, pretende-se destacar um território ou espaço apreendido e transformado pelos diversos processos complexos que constituem uma paisagem. Esta não depende apenas de alinhamentos visuais, mas também da memória e experiência sensorial que é mutante e diferente dependendo do observador. Deste modo, poderá considerar-se a paisagem como uma construção cultural.

"Para compreendê-la é necessário abandonar outro grande equívoco, o de que a paisagem em sentido estético nada mais é do que o panorama, à vista, e que se reduza ao subjetivo. É necessário chegar a pensar-se a paisagem como identidade estética dos lugares, como valor certamente não objetivo (...), mas não mera-

341 CARERI, Francesco - **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013. p. 51
342 GARRIDO, Lola - **Realidade Y Representação - Coleccionar Paisaje Hoy.** Barcelona: Fundación Foto Colectania, 2003. p. 124.











Fig.189 a 196. Formas Platônicas no Vale do Jamor.

mente subjectivo no sentido da arbitrariedade"[343].

É necessário reivindicar para a paisagem o estatuto de todos os valores estéticos, e que é o de serem valores intersubjetivos, culturais e históricos, isto é, de serem meios de identificação cultural para uma comunidade, para um povo"[344].

Também na obra "A invenção da paisagem" de Anne Cauquelin, o próprio título sugere que estamos perante uma construção humana desde a génese deste conceito, que por sua vez se foi afirmando, progressivamente, como um género importante no campo artístico[345].

Esta ideia de que a paisagem é uma complexidade de relações culturais e históricas é explorado na obra de Mary Miss. É uma pioneira da Land Art, que centra as suas intervenções na experiência do movimento individual numa paisagem específica. As suas obras criam situações onde pretende enfatizar a história do lugar. Assim sendo, nas suas instalações são normalmente evocados elementos significativos do contexto natural e construído, a história do lugar e os seus acontecimentos.

A proposta de projeto no Vale do Jamor procura uma re-interpretação e re-invenção da paisagem deste tal como se trata-se de uma "geografia afectiva"[346]. Uma "topografia sentimental"[347] que reflete "os poderes de ressonância que os locais tinham sobre a imaginação"[348], e que advém do observar e interpretar a arqueologia da paisagem do Vale, de forma a enaltecer o seu carácter multi-sensorial.

"A noção de Paisagem pode ser entendida de maneira diversa, consoante as abordagens. Entendemos a paisagem como

343 ------

344 D'ANGELO, Paolo - Os limites das teorias actuais da paisagem e a paisagem como identidade estética dos lugares **in Filosofia e da Paisagem - Uma Antalogia.** Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012. p.421.

345 CAUQUELIN, Anne - A invenção da Paisagem. Lisboa: Edições 70, 2008.

346 BESSE, Jean-Marc - Estar na paisagem, habitar, caminhar in CARDOSO, Isabel - **Paisagem e Património, Aproximações Pluridisciplinares.** Porto: Dafne Editora, 2013. p. 46.

347 PIKIONIS, Dimitri - A Sentimental Topography **in Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: a sentimental topography.** London: Architectural Association, 1989. p.82

348 BESSE, Jean-Marc - Estar na paisagem, habitar, caminhar in CARDOSO, Isabel - **Paisagem e Património, Aproximações Pluridisciplinares.** Porto: Dafne Editora, 2013. p. 46.

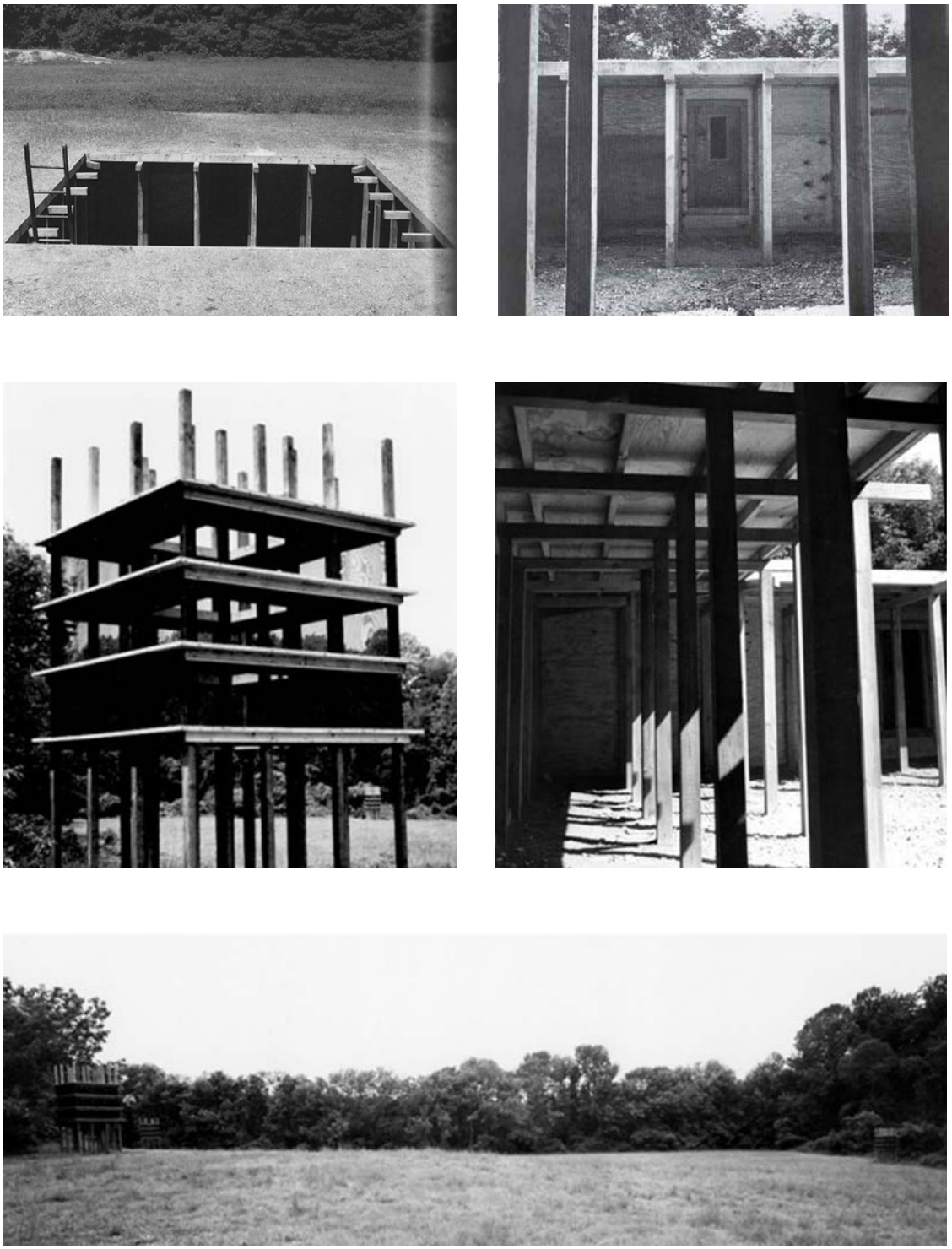


Fig.197 a 201. Perimeters / Pavilions / Decoys, 1977-1978. MISS, Mary.

uma construção conceptual, que se vai sedimentando a partir das experiências e memórias de um sujeito, na sua relação com o mundo físico do território. Resulta da mediação entre o homem e a terra, uma extensão de território que é viva e que é apreendida na profundidade das suas várias camadas, fruto de uma interpretação e construção enformada ao nível cultural e social"[349].

O modo como nos relacionamos com o território e a sua paisagem é uma narrativa que se expressa na orientação para modos de ver e sentir, para a estimulação da imersão na própria experiência dos lugares.

Este conceito de narrativa enquanto continuidade do espaço é explorado pelo artista Hans Dieter Schaal. Os seus desenhos do final dos anos 70, que sintetizam algumas das suas pesquisas sobre a continuidade do espaço, sobre a relação entre cenários naturais e estruturas humanas e o percurso como um espaço para a representação.

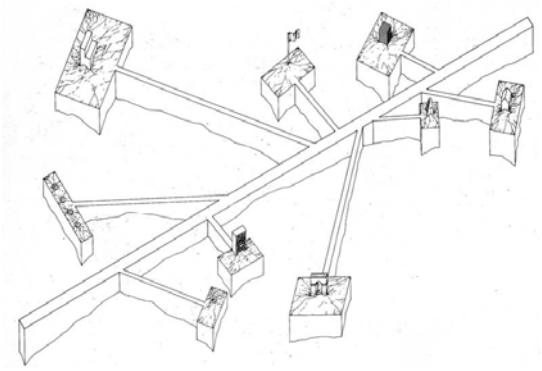


Fig.202. About the Spatial Experience: Paths, Passages and Spaces. Hans Dieter Schaal's, 1970. AUTOR: Hans Dieter Schaal's.

Outro projeto relevante é uma proposta colaborativa entre Peter Zumthor e um grupo literário em Detmold nos anos de 1998 e 1999. Foram numa primeira instância convidados poetas para analisar e desenvolver um poema a partir de um espaço perto da cidade de Bad Salzuflen, na Alemanha. Em seguida, foram convidados diversos arquitectos a visitar os locais escolhidos pelos poetas e a projetar edifícios que transparecessem esses escritos[350]. A ideia principal deste projeto era que as características do lugar fossem interpretadas tanto na forma literária como na forma arquitectónica. Estes diversos projetos estariam interligados criando assim uma "paisagem poética"[351].

"The poets have chosen - as we may see in these images - singular moments of the landscape: three trees, the contrast between a large horizontal plane full of leaves, brown and textured

349 PINA, Helena - **O Fio da Narrativa na Paisagem in Museu da Paisagem, Narrativas e Experiência do Lugar.** Lisboa: Museu da Paisagem, 2019. p.56
350 VENTURA, Susana - **Poetic Landscape.** Article of Constructed Landscapes Workshop, 2012. p.1
351 VENTURA, Susana - **Poetic Landscape.** Article of Constructed Landscapes Workshop, 2012. p.1



Fig.203. Poetic Landscape, 1998-1999. Autor: ZUMTHOR, Peter.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

and a sudden hill with a line of trees at its limit, an accentuated slope, the paths through boundaries, a soft movement of a declination... Poetry has that particular ability of transforming these properties of the landscape into matters of expressions, into sensations (…)"[352]. Os projetos que surgem destas poesias desenham uma simbiose entre a arquitetura e a paisagem. Isto pois, a poesia reage às singularidades do território, extrai da paisagem a sua própria matéria de expressões. Outro aspeto importante do projeto é o modo como apresenta uma forma diferente de olhar e compreender a paisagem.

O percurso que se pretende propor cria um deambular pelo Vale do Jamor, é como um percurso poético que desvenda a paisagem através de cenários dispostos estrategicamente para favorecer a compreensão contemplativa da mesma. O desenho destes mirantes pretende proporcionar experiências diferentes nas diversas perspectivas que as colinas oferecem, criando atmosferas que "comunicam com a nossa percepção emocional"[353].

Esta noção do deambular pelo território é abordado por Francesco Careri no seu ensaio "Do Navegar e do Parar"[354] que eleva o ato do percurso à categoria da arte descrevendo-o como um "instrumento cognitivo e criativo, capaz de transformar o espaço de forma simbólica e física"[355]. Ao analisar os diversos manifestos presentes no livro "Caminhar e Parar"[356], este procura estabelecer uma ligação de continuidade, uma "ponte", entre o percurso e a paragem. "Encara o parar como parte do caminhar, como uma acção que continua querendo ainda ser nômada, uma longa pausa em um percurso que não pode parar"[357] - um deambular pelo terrritório. O conceito de deambular originado na psicogeografia, é comparado com a metáfora do mar e do navegar[358]. "Era o nascimento daquela prática que havia levado os situacionistas a teorizar

352 VENTURA, Susana - **Poetic Landscape.** Article of Constructed Landscapes Workshop, 2012. p.2
353 ZUMTHOR, Peter - **Atmosferas.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006. p.11
354 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.31 - 38
355 CARERI, Francesco - **Caminhar e Parar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.8
356 CARERI, Francesco - **Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.
357 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.7
358 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.31

o estudo da geografia urbana por meio da dérive, esta também uma palavra náutica, capaz de expressar a ambiguidade do perder-se conscientemente, procurando dosar o desejo e o acaso, o racional e o irracional"[359].

Esta definição de deambular pelo território, de nos perdermos de um modo racional, consubstancia a relação com a paisagem no projeto. "A deriva é um dispositivo que não se opõe ao devir, mas o deixa acontecer e desdobrar-se, acompanhando-o para seus próprios fins: atravessar o mar, um território fluido em perpétuo movimento - e, portanto, um território do "aqui e agora", como tantas vezes são os fenómenos urbanos (…)"[360]. Todavia, esta deriva pela paisagem na proposta em estudo, é traçada de modo a desenvolver uma narrativa própria daquele local.

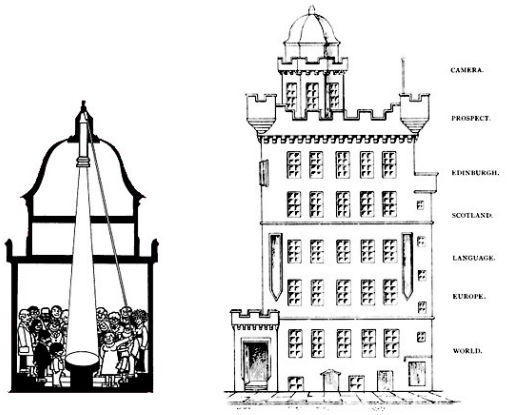


Fig.204. Outlook Tower, 1892. Patrick Gueddes.

Podemos estabelecer uma associação ao projeto "Outlook Tower" de Patrick Gueddes na qual se aprende a perder tempo para ganhar consciência do território. O objetivo do projeto era solucionar uma crise "evolutiva" percebida como uma ruptura entre o indivíduo e a sua envolvente. Ao re-articular a paisagem e a história, pretendia evidenciar o seu ciclo evolutivo, ajudando os cidadãos a desenvolver capacidades de visionar e consciencializar sobre a cidade [361]. O desenho do museu constrói uma narrativa sobre a cidade e o seu enquadramento geográfico[362], chegando ao fim desse percurso no topo do edifício atinge-se o apogeu que nos permite interagir com a paisagem da cidade como um todo.

Desta forma, a deambulação do projeto compõem-se por percursos e pontos de paragem que pretendem apresentar sequencialmente diferentes pontos de vista da paisagem para que no fim

359 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.31
360 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.32
361 GUEDDES, Patrick **- Cities in Evolucion.** London: Williams & Norgate LTD. 1949. p. 3-9
362 CUTHBERT, Michael - **The concept of the Outlook Tower in the work of Patrick Geddes.** St Andrews: University of St Andrews, 1987. p.127. Tese de Pós-graduação.



Fig.205. Mirante proposto para o Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

se possa entende-la no seu todo. "A deriva uma vez amplificado (…) leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho (…)"[363].

Os pontos de paragem (mirantes) são cruciais, pois são estes que possibilitam a descoberta de novas perspectivas e caminhos, "(…) para quem navega, o andar é tão importante quanto o parar. Quem levanta a âncora para uma longa viagem, além das velas e dos remos, leva certamente consigo também a âncora: a possibilidade de parar e conhecer de perto outros territórios(…)"[364].

Utilizando a paisagem como premissa de projeto, permite-se assim que a proposta funcione como uma câmara. Na qual a visão em câmara lenta surge através do do percurso, oferece uma percepção sequencial de descoberta gradual da envolvente à cota da própria topografia. Esta mudança gradual oferece um sentido de intricidade cénica que desperta e sustenta a curiosidade. À chegada, os pontos (estruturas) são utilizados tanto como panoramas que desvendam e evidenciam as particularidades da Paisagem do Vale, como também palcos para os restantes miradouros distribuídos na topografia.

Deste modo, a proposta do miradouro no Alto de Santa Catarina funciona como apogéu do percurso, sendo que no seu ponto mais alto oferece um panorama sobre a Paisagem de todo o Vale. Este panorama funciona como uma vista mais abrangente. Ou seja, é como se ao longo do percurso fossemos recolhendo fragmentos que podem ser lidos separadamente, e à chegada encontramos um ponto onde podemos ler a paisagem como um todo e onde todos estes fragmentos recolhidos ganham um outro sentido. "Si un paisaje es una totalidad de miradas, cada mirada como fragmento resultará compacta y dura. El proyecto de paisaje lo consideramos una mesa donde colocar esos fragmentos, todos o una parte de ellos, formando un conjunto"[365].

363 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.33
364 CARERI, Francesco - Do Navegar e do Parar **in Caminhar e Parar.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017. p.32
365 VIESCA, Carolina - **Atlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento. p.20

A própria construção dos mirantes é entendida como uma continuação do percurso que nos permite chegar a cotas mais altas e estabelecer enquadramentos visuais com os pontos geodésicos (constelação) existentes e propostos. Nesta subida procura-se que surjam novas sequências de enquadramentos visuais, vistas através de vazios que tornam evidente o distanciamento gradual do observador em relação ao contexto onde se encontra, permitindo assim estabelecer conexões à escala da cidade. Este percurso, ao permitir interligar os fragmentos recolhidos pela deambulação e incita uma crescente vontade de chegar ao seu terminus e poder percepcionar a paisagem na sua totalidade.

Podemos estabelecer uma conexão entre o vazio que nos remete a uma "janela" que procura "the desire to escape the enclosure, the opportunity to free the imagination to explore the vast regions of light"[366].

"The effect of the frame (…)" do vazio "(…) around the landscape, should accentuate the sense of distance, cultural and at the same time visual, that this outer world acquires"[367]. Podemos considerar que existe um efeito poético associado ao "distanciamento" que cria situações cénicas de acontecimentos e das pessoas.

366 ANDREWS, Malcolm - **Landscape and Western Art.** Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 110
367 ANDREWS, Malcolm - **Landscape and Western Art.** Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 111

IV| Memórias descritivas de uma Constelação de Mirantes

"A paisagem foi usualmente entendida como um fenómeno de predomínio vegetal, todavia, é agora fundada sobre uma ciência de transformação do território"[368].



Fig.206. Panorâmica do Vale in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - Jamor: O palco maior do desporto nacional. Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.183

Relativamente ao Vale do Jamor, o conceito de paisagem abordado ao longo deste ensaio, teve como ponto de partida a análise territorial deste, cujas variantes para a sua apreensão encontram-se na descrição morfológica que advém da inter-relação dos seus elementos fisiológicos. O projeto fundamentado pela análise do lugar possibilita traçar "(…) a individualidade do lugar que permite compreender a paisagem, (…) com as suas próprias características e estruturação morfológica diferenciada, mesmo contendo os mesmos elementos naturais iguais aos de outros lugares. A individualidade local seria a condição que diferencia os lugares e essa diferenciação confirma-se também a partir do entendimento do termo paisagem"[369]. Desta forma, enquadrado na leitura do território e na paisagem, o projecto pretende definir a relação que este estabelece com a envolvente.

A sua implantação está relacionada com a concepção de paisagem elaborada através de uma análise, na qual foi possível traçar um conjunto de espaços intersticiais com qualidades para gerar uma constelação de miradouros. Constelação esta que se relaciona com o seu contexto topográfico e paisagístico.

Assim sendo, entende-se que a construção da paisagem é intrínseca e resulta da construção do território, sendo ambos indissociáveis. A investigação procura demonstrar a importância do lugar para o ato de projetar. Revelando-se, desta forma, o papel fundamental da identidade do lugar, não só do ponto de vista físico e material, mas também cultural e poético. Assim sendo, "a compreensão da paisagem é indispensável para nela se poder actuar, e nessa compreensão há que entender o relacionamento entre

368 APRILE, Marcella - **Dal Giardino al paesaggio – annotazioni sul giardino, sulla città, sulla campagna.** Palermo: Flaccovio Editore, 1998. Cit. por FONSECA, Teresa. LIMA, Susana - Uma ideia de arquitetura de paisagem na obra de Fernando Távora. Conferência III CITCEM - Paisagem, (I) Materialidade. Porto: Faculdade de Arquitectura e Faculdade de Letras, 2013.p.3

369 KANT, Immanuel **- Crítica da Faculdade do Juízo.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

os diferentes que o compõem e o seu comportamento. O funcionamento global da paisagem, em cada momento, traduz-se sempre pela procura dum equilíbrio dinâmico e duma estabilidade temporal"[370].

Deste modo, relaciona-se o projeto com o "método de construir o lugar"[371], referenciado por Kenneth Frampton, na qual é possível discutir as especificidades da cultura de uma determinada região e construir uma edificação com camadas de significados, seja na sua forma, na pré-existência do local ou no passado arqueológico, porém, sem cair no sentimentalismo de repetir formas passadas[372].

Consequentemente, considera-se a concepção da paisagem através da construção do território como um elemento de continuidade temporal e espacial. Entende-se que a "paisagem de "hoje", corresponde a um produto do passado, constitui um registo de memória coletiva"[373]. O passado, enquanto repositório contínuo de evidências físicas num domínio de significado contíguo (cultura). Fundamenta-se assim a ideia de que a paisagem e o território são como entidades mutáveis e compostas por camadas temporais, nas quais os diferentes fragmentos da paisagem que compõem o território, tornam-no detentores de características especificas daquele espaço - uma identidade própria. A identidade significa que a paisagem nunca pode ser independente, por se encontrar intimamente ligada com a experiência do lugar.

Assim, o projeto surge a partir da análises das particularidades daquele lugar, tanto nas suas continuidades como também nas suas rupturas. Não só o fio condutor, mas também os seus fragmentos. Desta dualidade surge a construção de uma constelação tridimensional e no seu percorrer, de forma indelével, distingue estas duas realidades (pré e pós Estádio Nacional) que se entretecem num território com uma extraordinária diversidade

370 CABRAL, Francisco - **Fundamentos da Arquitectura Paisagista.** Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza, 2003. p.9

371 FRAMPTON, Kenneth - Toward a critical regionalism. Six points for an architecture of resistance in FOSTER, Hal. - **The anti aesthetic.** Essays on postmodern culture. Washington: Bay Press, 1983. p. 26-28.

372 FRAMPTON, Kenneth - Toward a critical regionalism. Six points for an architecture of resistance in FOSTER, Hal. - **The anti aesthetic**. Essays on postmodern culture. Washington: Bay Press, 1983. p. 26-28.

373 RIBEIRO, Orlando - **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.** Coimbra: Coimbra Editora, 1945. (Consultado em 27/2/2020). Disponível na internet: http://purl.pt/421/4/#/9.



Fig.207. (Pré-Estádio Nacional) **-** Vale do Jamor e as diversas povoações de Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 6-d);



Fig.208. (Pré-Estádio Nacional) - O Vale, Moinho de Santa Catarina e Quinta da Graça. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-d);



Fig.209. (Pós-Estádio Nacional) - Vista Aérea do Complexo Desportivo do Jamor in CORREIA, Fernando - Estádio Nacional: 62 anos depois. Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.31.

paisagística.

O desenho da intervenção procura uma adaptabilidade de modo a adequar a construção a um incontornável espaço-tempo imbuído de enorme e desconcertante dinamismo. Á semelhança da constelação de mirantes proposta que funciona simultaneamente como um todo, e em fragmentos articulados, as esculturas "Mobile" de Alexander Calder representam "uma configuração abstrata de partes articuladas na qual cada parte ou segmento está livre para descrever seu próprio movimento, é no entanto, um movimento condicionado"[374]. É possível traçar similitude com a percepção da paisagem, na medida em que a interpretação do movimento destas esculturas "neles não visa à impressão de um instante; visa, ao contrário ao que há de mais eterno, perene, imutável no conceito do dinâmico, isto é, sua perpétua e ilimitada virtualidade, e que se manifesta paradoxalmente sobretudo no repouso. O repouso contém potencialmente todas as formas ideais, desencarnadas de qualquer convenção ou representação. Se a forma é a fonte irredutível de toda ideia cinética, o movimento é o princípio latente da forma; é a origem geradora de toda forma"[375].

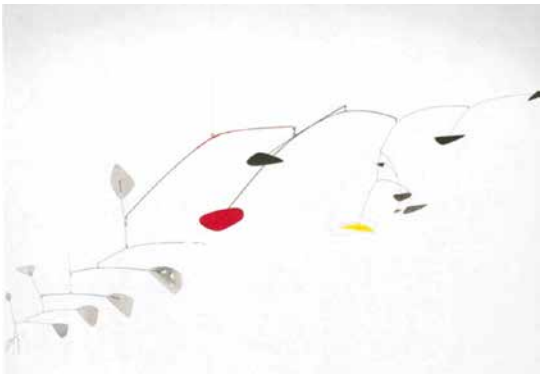


Fig.210. Mobile d' Otto 1952. Chapas de metal, arame e tinta, 533,4 x 243,8 cm. Fundação Beyeler, Riehen, Basel.

A ausência de relações visuais transforma este lugar num "qualquer", ou, por outras palavras, num lugar que, dentro daquela tipologia, poderia ser outro. A proposta no Vale do Jamor procura uma re-interpretação e re-invenção da paisagem, na qual os mirantes representam pontos fixos no território que reduzem as várias paisagem a um enquadramento, direcionando assim o nosso olhar sobre uma extensão de território mais limitada. Enquanto o percurso, permite uma experiência, mais próxima e atenta, os mirantes, por outro lado possibilitam que o observador se possa sentar, observar e interagir de forma a envolver-se na paisagem.

A proposta é composta por pontos de observação e percursos. À semelhança do projeto do Parque da Quinta da Conceição

374 BAAL-TESHUVA, Jacob - **Calder.** São Paulo: Tashen do Brasil, 2005. p.23
375 PEDROSA, Mário - Tensão e coesão na obra de Calder in SARAIVA, Roberta - **Calder no Brasil: crônica de uma amizade.** São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 132.



Fig.211. Pátio de Entrada do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. Fotografia de CURTIS, William. Data desconhecida.

de Fernando Távora, apresenta, embora de maneira distinta, formas de criar "pontos de paragem onde as pessoas podem fazer uma pausa e sentar-se para usufruir da paisagem (…) ou usufruir dos fragmentos históricos" [376]. A presença dos elementos horizontais nos muros de sustentação e os blocos de granito usados no pavimento do percurso principal, servem para "enfatizar a direcção do percurso e definir enquadramentos para amplos olhares à distância" [377]. Deste modo, "o caráter do local foi preservado como um palimpsesto quando coloca os vestígios arqueológicos "entre aspas" e os integra num esquema maior de relações espaciais através da abstração"[378].

Em suma, tal como foi possível constatar ao longo desta investigação existem uma multiplicidade de abordagens face ao modo como se interpreta a paisagem. Aliás, a variedade de significados deste conceito, desde da sua aparição há vários séculos, encoraja tanto uma diversidade de pontos de vista como também a diferentes apropriações. A perspetiva que se pretende expor parte do pressuposto de que, a arquitetura tem a possibilidade de ensaiar leituras e reconfigurações da paisagem, ancorada num imaginário renovado. A proposta que se apresenta inclui uma revalorização da paisagem do Vale do Jamor, destacando uma visualidade emergente, que através da análise do território, acrescenta um novo olhar às paisagens latentes.

"As cidades precisam de voltar a ser mais amigas das pessoas, proporcionando-lhe mais espaços de encontro e de vivência, espaços com qualidade ambiental que lhes permitam viver realmente a cidade, aumentando a sua qualidade de vida e integrando os espaços públicos nas atividades de lazer das pessoas que a habitam e a visitam"[379].

376 CURTIS, William - Memória e criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição in BANDEIRINHA, José. [et.al.] - **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2019. p. 28

377 CURTIS, William - Memória e criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição in BANDEIRINHA, José. [et.al.] - **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2019. p. 29

378 CURTIS, William - Memória e criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição in BANDEIRINHA, José. [et.al.] - **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2019. p. 28

379 FERNANDES, José - Paisagem e coesão social em Lisboa in Museu da Paisagem,



Fig.212. Esquiço do Projeto do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora.

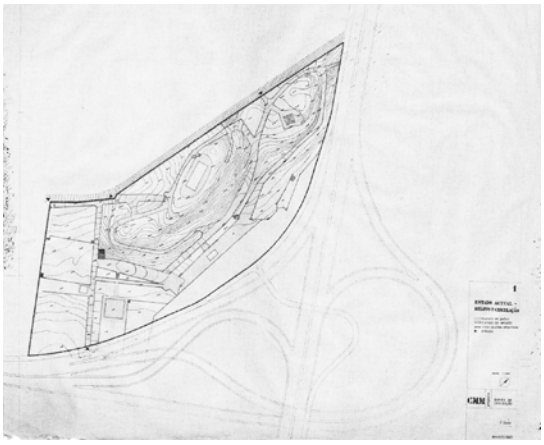


Fig.213. Planta de Relevo e Circulação do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora.

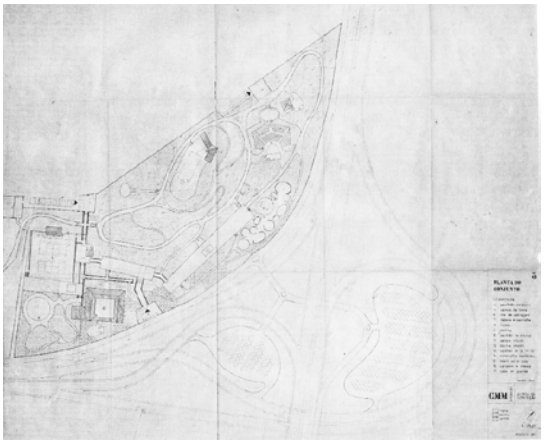


Fig.214. Planta do Conjunto do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora.

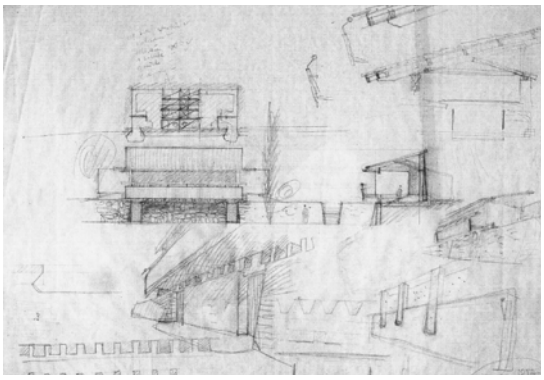


Fig.215. Esquiços do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora.



Fig.216. Pátio de Entrada do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. Autor e data desconhecidos.

Considera-se a paisagem como uma complexa rede de narrativas criadas pelas suas camadas espácio-temporais e diferentes atores do seu território. Estas narrativas coabitam e articulam-se no território, de modo a criar uma rede de linhas e pontos de observação que permitem a sua leitura. Desta forma, a fragmentação e desconexão do traçado urbano do Estádio Nacional e a restante cidade é latente. O projeto procura construir paisagem por forma a transcender estas barreiras e assim criar um processo de continuidade identitária. Sendo a paisagem não só um processo cultural e individual, mas também um meio de revelação da leitura do território, surge então a seguinte questão. Como materializar o imaterial?

Desta forma, o projeto individual pretende salientar as condições particulares da área de intervenção, possibilitando um novo olhar sobre o Vale dando-lhe uma nova vivência. Ao propor intervenções pontuais que funcionam em rede e constituem uma constelação transforma-se tanto a paisagem como a percepção que temos desta e proporciona-se uma leitura progressiva do território.

Esta reinvenção deriva da interpretação da paisagem e topografia do lugar, sendo que o seu desenho advém da análise e demarcação dos pontos altos das colinas relacionados com marcos geodésicos. Por conseguinte a narrativa que estes elementos criam no território procura oferecer uma nova visão sobre a paisagem, de modo a que nos envolvamos nela, e desta forma potenciar a relação espacial do observador com a envolvente. Contudo o desenho deste sistema de miradouros propostos ao longo do Vale procura não só a leitura do contexto que se entende por "paisagem de hoje", mas também é resultado de uma investigação do "passado", e das diferentes metamorfoses do território.

Os mirantes situados em pontos estratégicos na morfologia do território, serão estruturas propostas e que pela sua situação irão integrar, transformar e marcar a topografia - reforçando a ideia de pertença a um lugar. O uso destes pontos a cotas elevadas permitem criar platôs que estabelecem relações visuais entre os diversos pontos no Vale e permitem igualmente associa-los ao sistema de vistas dos restantes pontos geodésicos. Todavia, a ligação entre os diversos pontos não é meramente visual. Os percursos que os unem representam uma ligação física e no seu todo formam uma constelação tridimensional. Estes percursos que conectam os

Narrativas e Experiência do Lugar. Lisboa: Museu da Paisagem, 2019. p.9

diversos mirantes pretendem ter quer uma ligação direta - que cria uma conexão visual entre os dispositivos, como também, um percurso deambulatório.

O desenho dos diversos mirantes está relacionado com o eixo de entrada da Barra do rio Tejo, ou seja, o desenho dos seus percursos e a implantação destes mirantes resulta de traçados que variam entre 45º e 30º relativamente ao eixo.

Os percursos interligam os vários pontos existentes no Vale, sendo pontualmente interrompidos para que se aproveitem as vistas proporcionadas pela paisagem envolvente. Tal como se verifica no desenho, a proposta dos pontos a ser intervencionados, procura uma dialética entre os mirantes e as pré-existências, tal como o espaço da Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, os Moinhos de Linda-a-Velha e a Quinta da Graça. A diferença cromática representada no desenho simboliza a amarelo os pontos já existentes e a sépia, os que carecem de intervenção de modo a que esta constelação se concretize.

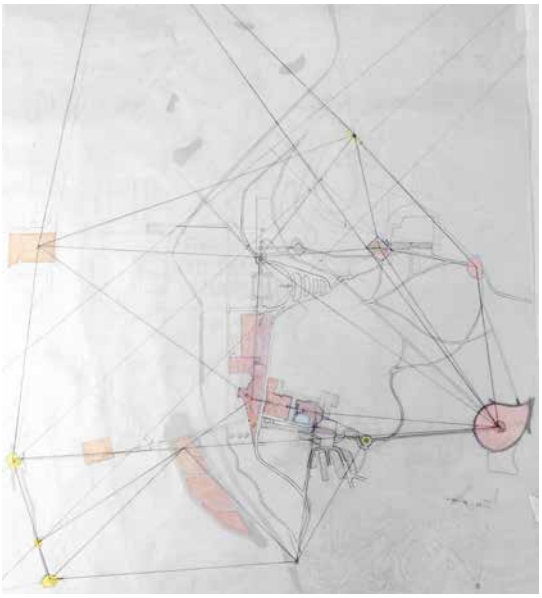


Fig.217. Proposta de "Constelação" na Área de Intervenção. Desenho elaborado pela autora.

A volumetria do projeto baseia-se numa geometria platónica resultante quer do estudo dos pontos geodésicos como também da análise das pré-existências. Nomeadamente o exemplo dos terrenos da Quinta da Graça onde se presencia um volume encastrado no terreno que contém o desenho dos arcos de volta perfeita. Um deles encontra-se vedado, enquanto o outro serve de passagem, remetendo à ideia de molduras de enquadramento da paisagem.

O percurso tal como foi referido no capítulo anterior, oferece uma percepção sequencial de descoberta gradual da paisagem e leitura do território. O miradouro no Alto de Santa Catarina funcionará como o apogeu do percurso, sendo que no seu ponto mais alto oferece um panorama sobre a Paisagem de todo o Vale. Este panorama funciona como uma vista mais abrangente, ou seja, interliga os fragmentos recolhidos ao longo da deambulação, lidos separadamente. Assim sendo, à chegada ao topo do miradouro do











Fig.218 a 225. Formas Platônicas no Vale do Jamor.

Alto de Santa Catarina encontram um ponto onde podem ser lidos como um todo e ganham outro sentido.

O miradouro no Alto de Santa Catarina encontra-se implantado a 45º, segundo a linha perpendicular do eixo da barra do Tejo que em conjunto com os vazios criados estabelecem um sistema de vistas que interliga as diversas paisagens da envolvente. A planta deste miradouro segue uma grelha de 3,45 por 3,45 metros, resultado final da compatibilização da grelha com a dimensão das escadas utilizando o retângulo de ouro.

O desnível do terreno de aproximadamente 5,11 metros, permite implantar o objeto semi-enterrado no seu embasamento criando as escadarias representadas no esquiço e alçado. Esta escadaria que antes tinha a mesma dimensão das outras, aumentou ocupando a área do retângulo de ouro, pois esta é a que faz a ligação direta que une a entrada do complexo com o percurso que leva ao moinho existente.

Volumetricamente o desenho do mirante traça um "nicho" resultante da vontade de evidenciar e criar uma relação visual direta que foque o Farol do Esteiro. O percurso antecedente e o ponto de chegada a este nicho estabelece diversas percepções sensoriais. Isto é, o percurso além de ser mais estreito e limitar o espaço apenas para passagem, é também sombreado criando um ponto de luz que nos direciona. Á medida que se percorre este percurso a paisagem vai-se revelando, e quando efetivamente chegamos ao fim pudemos então ver o Farol do Esteiro.

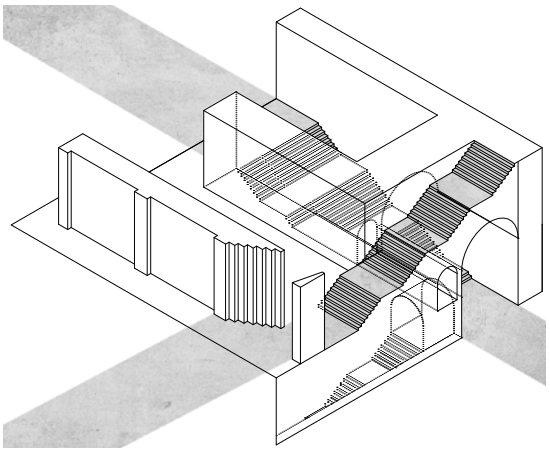


Fig.226. Pontos de acesso ao Mirante do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Desta forma tal como se verifica na figura 224, este Mirante intersecta dois percursos (o que liga o Moinho existente do Jamor e Linda-a-Velha, e o que atravessa a encosta ligando o Complexo de Ténis, a Carreira de Tiro e Linda-a-Velha). O desenho das escadarias é entendida como parte integrante do percurso permitindo atingir cotas mais altas e estabelecer enquadramentos visuais com os pontos geodésicos (constelação) existentes e propostos. Nesta subida procura-se que surjam novas sequências de enquadramentos visuais, vistas através de vazios que tornam evidente o distan-

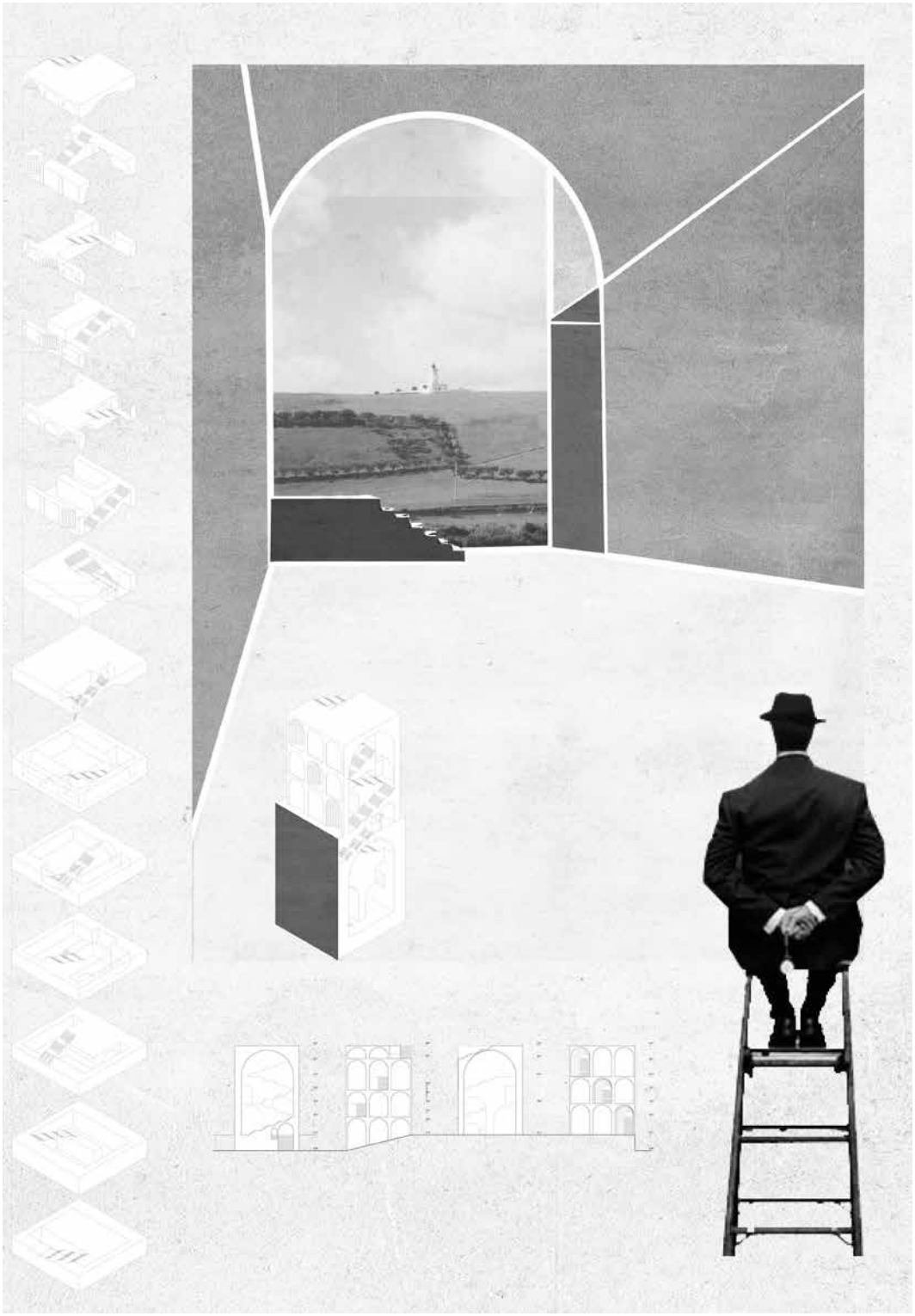


Fig.227. Proposta de Miradouro do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

ciamento gradual do observador em relação ao contexto onde se encontra, permitindo assim estabelecer conexões à escala da cidade. Este percurso, ao permitir interligar os fragmentos recolhidos pela deambulação incita uma crescente vontade de chegar ao seu terminus e poder percepcionar a paisagem na sua totalidade. O percurso inicia-se através das plantações provinientes da reflorestação prevista no Plano do Estádio Nacional. Na cota 10.9m encontramos o primeiro vazio, onde se observa o Rio Tejo, à cota 15.2m podemos observar os Moinhos de Linda-a-Velha e Linda-a-Pastora, à cota 19.5m obtemos outra perspetiva do Rio Tejo e a Trafaria, à cota 23.8m o Farol da Mama (ponto de referência do eixo da entrada da Barra do Rio Tejo), à cota 28.7m a Torre de Bélem e por fim na cota 33.7m a vista panorâmica sobre toda a Paisagem do Vale do Jamor. Abaixo da cota 0.00 é possível encontrar um criptopórtico correspondente ao espelho do volume acima. O projeto desenvolve-se assim com um positivo e um negativo, com eixo de reflexão na cota 0.00.

Existe uma similitude do projeto com o filme "Power of Ten" de Charles and Ray Eames, a análise parte de uma escala abrangente fazendo zoom-out's e zoom--in's progressivos quer a nível temporal como espacial. Assim sendo, a progressão da escala acontece em dois níveis, abaixo da cota 0.00 que corresponde ao "10" da curta-metragem, acontece uma sucessão de zoom-in's. Isto é, quanto mais se afasta do eixo de reflexão na direcção superior, maior é a noção de infinitamente grande, a paisagem move-se constantemente até revelar o limite do horizonte. Já quando se afasta do eixo de reflexão na direcção inferior, maior é a noção de infinitamente pequeno. O criptopórtico, sendo o espelho do volume acima, não estabelece relações visuais com a envolvente, todavia cria um local que poderia ser utilizado como um espaço expositivo relacionado com a Paisagem. Eventualmente, poderia acoplar tanto as exposição da paisagem e biodiversidade do Centro Interpretativo do Jamor localizado no Complexo das Piscinas, como também as exposições do Museu da Paisagem sediada na Escola

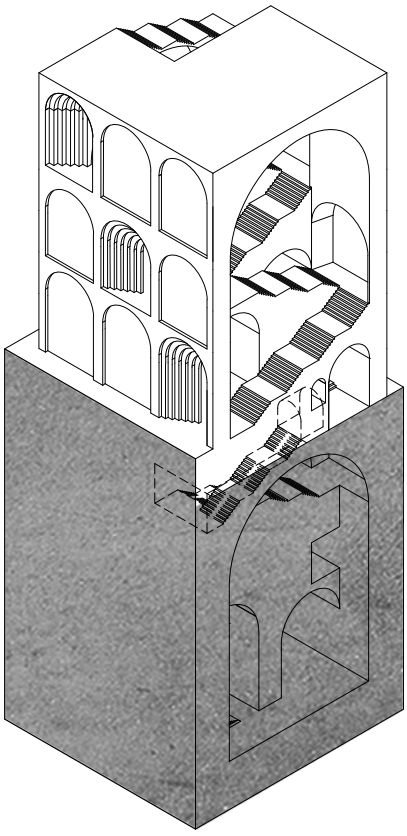


Fig.228. Mirante do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Superior de Comunicação Social do Politécnico de Lisboa.

O Miradouro próximo à Carreira de Tiro detém grandes potencialidades visuais, descobertas através da análise das memórias descritivas de Jacobetty Rosa. A sua implantação está mais uma vez relacionada com o eixo de entrada da Barra do rio Tejo, ou seja, resulta de traçados perpendiculares a 35º relativamente ao eixo. Os 35º estão também relacionados com o afinamento dos alinhamentos das perspectivas que se pretendem observar. Neste caso, o eixo perpendicular têm uma abertura equivalente que nos permite observar na mesma perspetiva o Miradouro proposto no Alto de Santa Catarina e a Torre do Gonçalo Byrne. O percurso deste mirante é menos labiríntico, mas pretende que no topo da estrutura exista uma relação peculiar com o Estádio de Atletismo. Quase como um panorama que está diretamente alinhado com o referido Estádio.

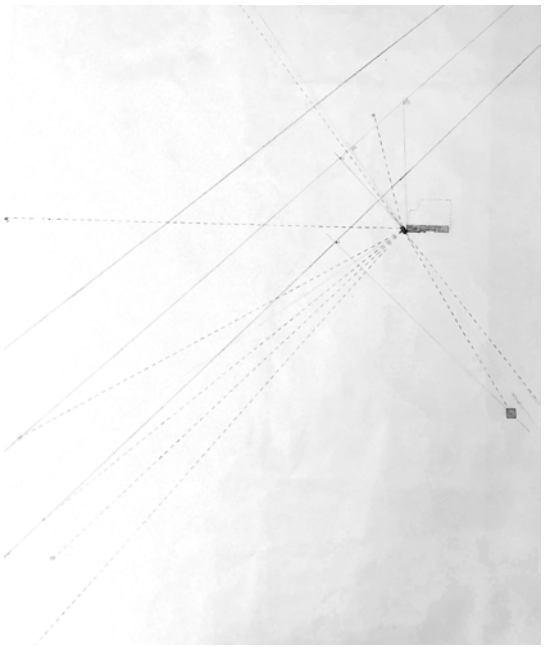


Fig.229. Ligações visuais do Miradouro próximo à Carreira de Tiro. Desenho elaborado pela autora.

A implantação deste mirante surge próximo à localização do espaço destinado à construção do Miradouro do Grande Estádio segundo o Plano do Estádio Nacional elaborado por Jacobetty Rosa.

Tal como se tinha verificado anteriormente, a proposta não responde só com um edifício, mas com um sistema tridimensional que é, simultaneamente paisagem e construção.

Propôs-se um conjunto de mirantes que têm como função ligar, articular e valorizar o património até agora construído, permitindo vários níveis de leitura e vivências, do passado, presente e futuro. Devido à escala de intervenção do projeto, optou-se por desenvolver o plano à escala de 1:2000 desenhando a proposta da constelação de mirantes e simultaneamente identificando os pontos a intervencionar. Já a uma escala mais pormenorizada (avançando desde da escala de implantação à escala construtiva) foram desenvolvidas dois dos pontos-chaves desta constelação, sendo que alguns destes pontos correspondem a estruturas já existentes que em conjunto com os pontos a ser intervencionados, procuram estabelecer uma dialética.



Fig.230. Proposta de Miradouro próximo à Carreira de Tiro. Desenho elaborado pela autora.

O projeto define-se na relação que a arquitetura estabelece com a envolvente e a paisagem, no modo em que este procura transparecer a intemporalidade atribuída ao conceito. É possível traçar um paralelo entre a obra de Luís Borges, o "Imortal"[380], o conceito de Paisagem e o projeto. Isto é, tal como é apresentado na epígrafe do texto, "Solomon saith: There is no new thing upon the earth". So that as Plato had an imagination, "that all knowledge was but remembrance"; so Solomon giveth his sentence, "that all novelty is but oblivion"[381], torna perceptível que não existe nada de novo e tudo se repete, e o se pensa que é novo, na verdade é esquecimento. Esta ideia de ciclo repetitivo comparado à evolução do território, denota que este é composto por camadas temporais e processos projectais que por vezes são repetitivos. Mais especificamente, no projeto este conceito transparece no modo como estabelece um diálogo com o território através da análise construindo uma proposta que se enquadra num processo de continuidade. Este processo evidencia os lugares de significado e locais onde o vazio e a infinitude são os principais protagonistas. Estes ambientes resistem fora do tempo, onde as sucessivas arquiteturas construídas no Vale transforma-se em paisagem, manifestando a sua intemporalidade. Panoramas de indefinido significado e identidade, de paisagens do tempo no espaço que apesar das suas variadas metamorfoses são intemporais.

Outro aspeto relevante, é a referência textual das galerias e labirintos que criam a sensação de infinitude. Apenas quando se perde a noção temporal é que "no fundo do corredor, um não previsto muro me barrou os passos, uma remota luz caiu sobre mim"[382], dando a entender o "auge" após a monotonia das galerias que se repetiam, uma arquitetura "pródiga em simetrias, está subordinada a esse fim"[383]. Verifico de certo modo, uma analogia entre dois aspetos, a sua relação com o percurso e, também, a procura volumétrica de uma arquitetura platónica.

Por fim, os mirantes através do seu desenho procuram uma impressão de infinitude que transpareça a ideia que o tempo congela, "já não posso saber se esse ou aquele traço é transcrição da realidade ou das formas que desatinaram minhas noites"[384], se poderá relacionar com a sensação de ao contemplar a paisagem

380 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007.
381 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.5
382 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
383 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8
384 BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007. p.8

tudo o resto perde importância, incluindo a noção de tempo.

Em relação à materialidade, este surge em diálogo com as premissas do projecto. Ou seja, nem a volumetria e forma, nem o material podem evoluir sem se encontrarem em consonância, pois ambos interrogam-se e alimentam-se mutuamente.

Um ponto importante na proposta foi a escolha de o executar no seu todo em tijolo maciço. Este material permite uma construção à compressão, que acentua o caráter monolítico do projeto. Esta materialidade permite criar uma sinceridade construtiva, na qual não se pretende camuflar, nem manipular a construção. Outro aspeto crucial para a escolha do tijolo está relacionado com a sua regularidade geométrica.

"Masa de arcilla en forma de paralelepípedo que, una vez cocida al sol o en um horno, se emplea como unidad construtiva en diversos trabajos de albañilería"[385].

A utilização do tijolo maciço pressupõe a construção recorrendo a diversos destes elementos que posteriormente são unidos entre si. Funcionam em sistema, inter-ligados e inter-relacionados, ou se quisermos uma unidade feita de muitos fragmentos.

"Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.
- Porém, qual é a pedra que sustenta a ponte? - diz Kublai Kan.
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra - responde Marco - mas pela linha do arco que elas formam. Kublai Kan permanece silencioso, refletindo. Então, acrescenta: - Por que tu me falas das pedras? Ora, somente o arco me importa! Polo responde: - Sem pedras não há arco"[386].

Em termos tectónicos, a utilização deste material permite várias configurações/texturas e confere uma "patine" que este pode adquirir ao longo da vida do edifício. Este aspeto coincidentemente com a volumetria contribuem para intemporalidade pretendida no projeto.

385 CHING, Francis - **Diccionario Visual de arquitectura.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015. p.189
386 CALVINO, Italo - **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.79

"If you think of Brick, you say to Brick, 'What do you want, Brick?' And Brick says to you, 'I like an Arch.' And if you say to Brick, 'Look, arches are expensive, and I can use a concrete lintel over you. What do you think of that, Brick?' Brick says, 'I like an Arch.' And it's important, you see, that you honor the material that you use. [..] You can only do it if you honor the brick and glorify the brick instead of shortchanging it"[387].

Um exemplo de articulação entre a paisagem com construções à compressão é evidente nalgumas obras de Louis Kahn. A sua obra distintamente conhecida pelo seu domínio das formas, as paisagens concebidas por Kahn são uma parte integrante da arquitectura representando uma relação reverberante entre arquitectura, materialidade e paisagem. A forma e o material interrogam-se mutuamente e desta forma, Louis Kahn pode perguntar ao tijolo "o que ele quer ser"[388], ao que, este responde "eu gostaria de ser um arco"[389].

Na obras de Louis Kahn, a forma e o material envolvem-se mutuamente, encontrando expressão através de uma disposição proporcional e equilibrada de "complementos". A justaposição destas qualidades aumenta a nossa compreensão enriquecendo a experiência do lugar. Á semelhança da proposta, as obras construídas de Louis Kahn e os seus sistema de vistas não são apenas impenetravelmente entrelaçadas com a paisagem, como também incorporam-na, tornando assim a arquitetura inerentemente uma parte constituinte da paisagem.

Embora na obra de Kahn as questões da paisagem sejam abordadas de forma desigual e de uma forma esporádica nos seus escritos e desenhos de viagem, sugere-se no entanto uma vontade crescente de pensar sobre a relação de um edifício e a sua materialidade com a paisagem[390].

387 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.14

388 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.14

389 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.14

390 ASHRAF, Kazi - Taking Place: Landscape in the Architecture of Louis Kahn **in**

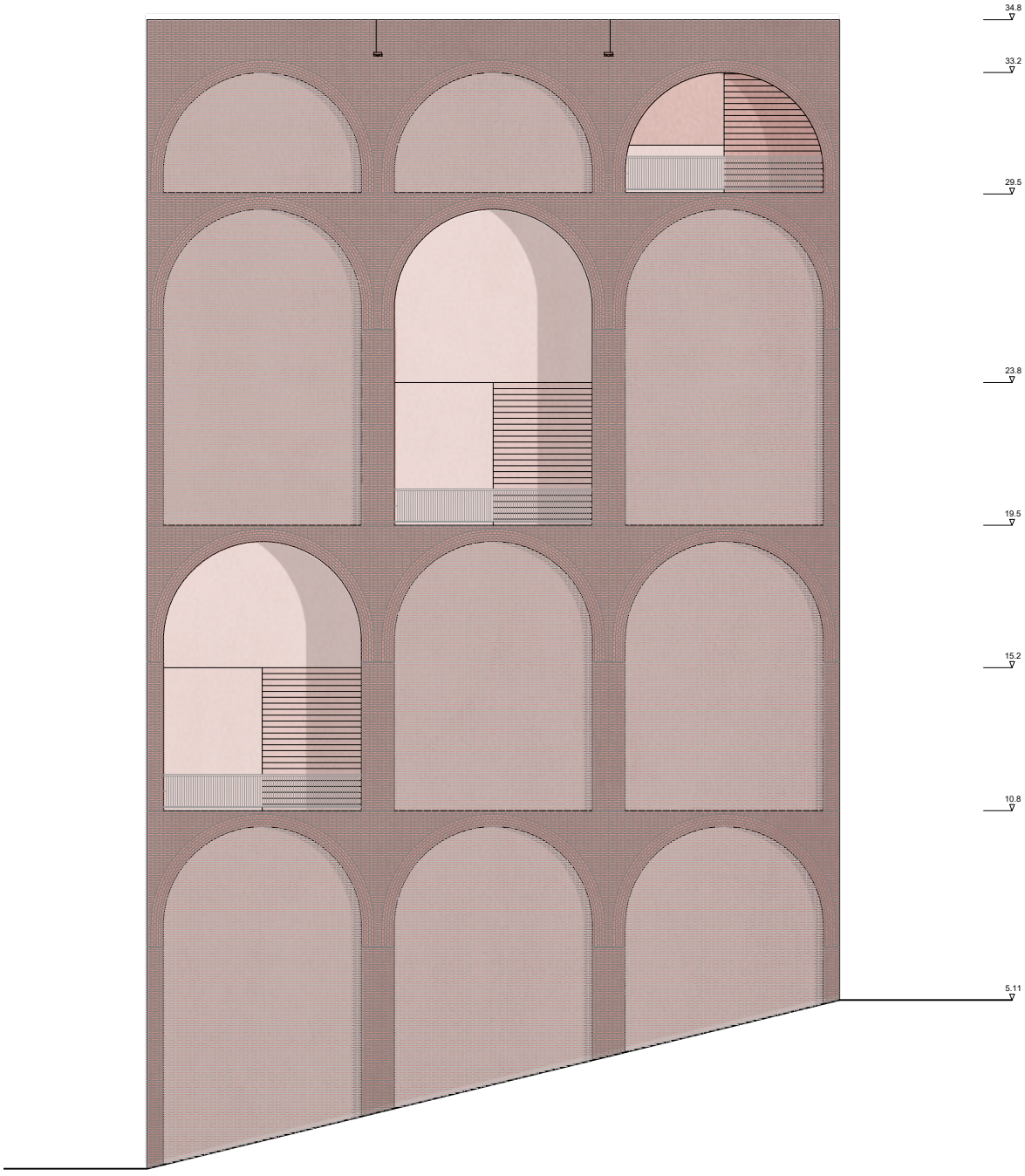


Fig.231. Alçado do Miradouro do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

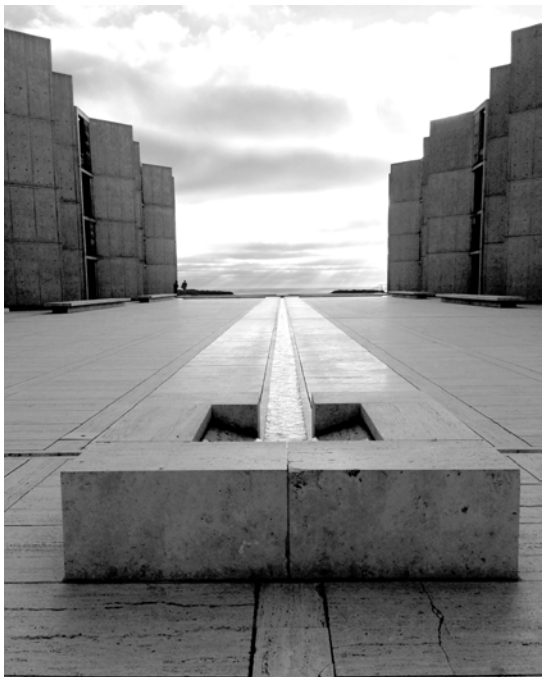


Fig.232. Salk Institute de Louis Kahn in LESSER, Wendy - Y**ou Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.36

O lugar é atribuído com fenómenos qualitativos, e a arquitectura como um "evento" de paisagem onde tem lugar como um fenómeno qualitativo [391]. Um exemplo desta relação entre o lugar, a paisagem e a arquitetura é o Salk Intitute.

O projeto constituído por uma composição de materiais (betão, metal, vidro, e pedra) complementa o rigoroso desenho geométrico da praça. Esta praça é dividida ao meio por um canal de água que a atravessa e direciona o olhar para o horizonte, o infinito ocidental, como se cortasse os penhascos em direcção ao Oceano Pacífico e ao céu. Nas propostas anteriores, Kahn apresentava o desenho de jardim central no espaço da praça. A materialidade escolhida transparece a textura da praça em travertino de modo a assemelhar-se ao betão à vista dos edifícios laterais. O projeto parece esculpido a partir da topografia, na qual a praça funciona como um espelho/fachada da paisagem envolvente.

Na extremidade do canal de água, descobre-se uma piscina rectangular anteriormente invisível. É possível percepcionar o que se encontra além da praça apenas no extremo, um panorama até então invisível, composto por uma série de colinas baixas. Através do desenho da praça e o enquadramento criado pelos edifícios cria-se a ilusão de infinito.



Fig.233. Salk Institute de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

Apesar da materialidade do projeto transpor uma sensação de massa, um sistema construtivo robusto que funciona como um todo, existe uma delicadeza tangível na construção, alcançada através das aberturas rectangulares.

"Lou [Louis Kahn] was thinking...and stated a very important thing—that the surface is a façade that rises to the sky and

Jornal of Architectural Education. Vol.61. Nº2. (2007). p.48-58

391 NORBERG-SCHULZ, Christian - **Genius Loci**. Nova Iorque: Rizzoli, 1980. p.7

unites the two as if everything else has been hollowed out"[392].

O canal de água que direciona à paisagem infinita do Pacífico e do céu interliga o complexo no contexto do lugar. A relação visual pretendida para o projeto corresponde a uma articulação de modo a que este se torne parte constituinte de um infinito perceptual. A utilização da água desmaterializa o betão e integra-o na paisagem. A praça sendo um prolongamento desta paisagem, espelha-a refletindo o céu, alterando a tonalidade da própria praça consoante as alterações e variações da envolvente. Assim sendo, o Instituto torna-se uma arte topográfica perpetuamente dependente do tempo, tornando-se a narrativa e a condição ontológica da paisagem.

A cultura da paisagem islâmica é rica em exemplos de tal experiência visual. Segundo a obra de Wiseman, o projeto do Instituto Salk foi inspirado pelos canais de água e fontes da arquitectura islâmica, como os da cidade palaciana medieval de Alhambra, em Granada, a capital de Al-Andalus [393].

Assim, a construção torna-se um tema correlacionado com paisagem. Mas também o seu inverso, na qual a paisagem da envolvente torna-se uma extensão do edifício.



Fig.234. Praça de Salk Institute de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

No projeto do Kimbell Art Museum, a relação com a paisagem desempenha um papel fundamental no projeto. Os jardins e espaços verdes são incorporados tanto no exterior como no interior do museu. Kahn concebeu o museu de forma a que a percepção da paisagem possa ser experienciada pedonalmente de uma forma directa. Este percurso tem o objetivo de que o acesso ao museu não aconteça sem experimentar o ambiente paisagístico construído. É necessário ver e ouvir a água, caminhar sobre o cascalho, mergulhar e envolver o observador de um envolvimento total na paisagem. A materialidade empregue nos projetos de Kahn procura

392 WISEMAN, Carter - **Louis Kahn: Beyond Time and Style, A Life in Architecture.** Nova Iorque: W.W. Norton, 2007. p.128
393 WISEMAN, Carter - **Louis Kahn: Beyond Time and Style, A Life in Architecture.** Nova Iorque: W.W. Norton, 2007. p.130

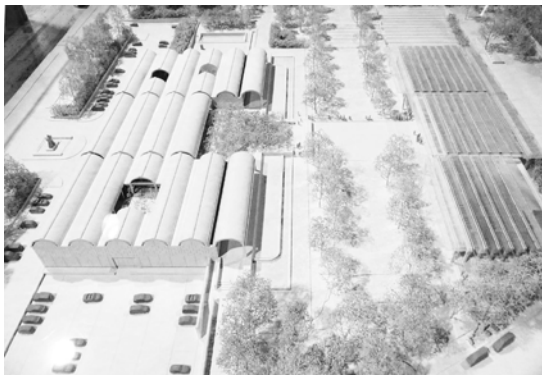


Fig.235. Maquete do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972.



Fig.236. Planta de Implantação do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972.



Fig.237. Percurso Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.238. Relação interior/exterior - Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.239. Interior do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

uma forma de envolver os seus espaços, limitando-os fisicamente através de elementos arquitetónicos construídos robustamente. Todavia, neste projeto esta robustez material é rompido através do pórtico que cria contiguidade ente o interior e exterior. A implantação não torna o edifício isolado, mas sim parte integrante de uma relação paisagística maior. A natureza expande-se para além da fisicalidade. A proporção dos espelhos de água, praticamente com a mesma largura das abóbadas repetidas, e o percurso justificam intrinsecamente a relação do edifício entrelaçada com a paisagem.

No projeto do National Assembly Building Complex, é possível mais uma vez evidenciar a relação intrínseca entre a arquitectura e a paisagem. Volumetricamente o edifício parece flutuar sobre o espelho de água, nas quais os edifícios circundantes à assembleia estão estrategicamente posicionados, dando assim a todo o local uma sensação de interacção dinâmica com o lago e a paisagem circundante. A correlação entre a água e o construído, evidência a análise e a relação com lugar. Isto é, o uso da água é predominante na paisagem da área de intervenção no Bangladesh, cria e ressalta a identidade do lugar. A fachada com grandes aberturas conectam visualmente o espaço interior aos espelhos de água. Estas aberturas são um continuum paisagístico permitindo que a paisagem entre visualmente e seja experienciada dentro do edifício.



Fig.240. National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

O desenho interior cria uma narrativa, desencadeada por diversos elementos visuais. Nas quais a luz e a sombra, por exemplo, não são apenas visíveis, mas principalmente "sensoriais"[394]. Sensorial, pois pode-se sentir o sol, ou em oposição a frescura gratificante à medida que o observador se move para a sombra. A nível auditivo, a escolha de materiais permite que na sala plenária seja possível ouvir-se a chuva, se estiver a chover[395].

394 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.709

395 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say**



Fig.241. National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

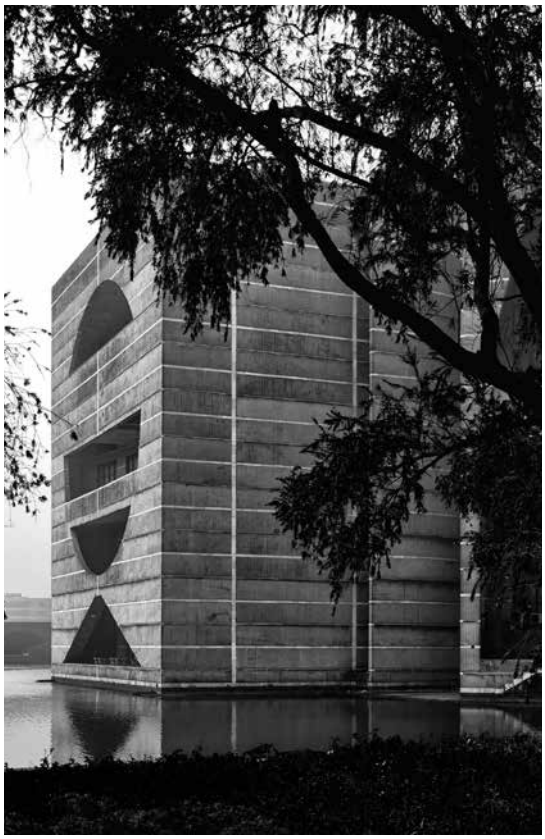


Fig.242. National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.243. National Assembly Building Complex de Louis Kahn in LESSER, Wendy - Y**ou Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.252



Fig.244. Acesso ao National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

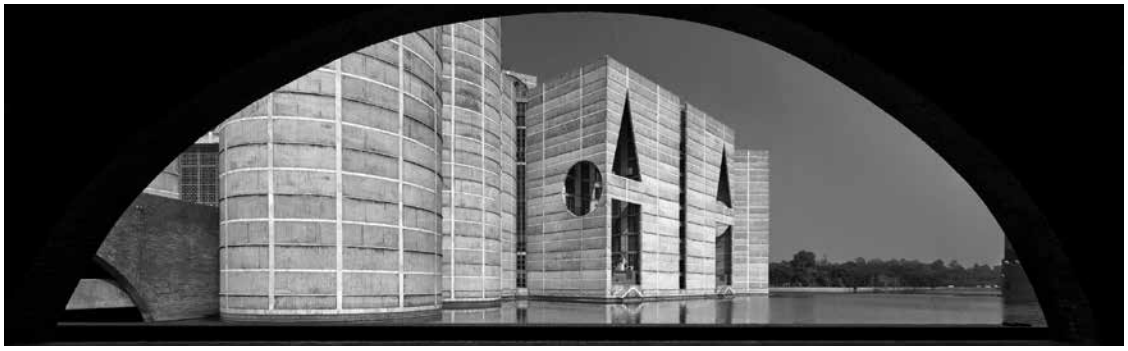


Fig.245. National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.246. Acesso ao National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

"She thinks of Kahn as: a person who felt that it was important to be close to nature. He had an idea for the environment. And also the broadness and spaciousness—that has an impact. I think there's a calmness. It is a building where there's so much hustle and bustle and argument, but within a serene context"[396].



Fig.247. Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

Por fim, o projeto do Indian Institute of Management, é construtivamente similar ao que se pretende na proposta de mirantes do Vale do Jamor. Apesar de não servir de mote projetual, existe entre este e os edifícios referidos anteriormente um equivalência. O desenho do projeto relaciona-se com a paisagem circundante. Os percursos que conectam o complexo encontram-se todos interligados de modo a conduzirem continuamente de uns para os outros. Caminhos sinuosos intersectados por pátios inesperados, e variadíssimas vistas, onde tudo finalmente se revela. O complexo foi construído em alvenaria monolítica, na qual milhares de tijolos individuais foram desenhados em geometrias primárias com arcos, círculos, semicírculos, e quadrados cortados de enormes paredes e passagens.

Construtivamente: "He wanted a thin joint," Doshi says, contrasting this to the way Le Corbusier had the workers lay a thick mortar between his bricks. And indeed, if you look at the brickwork in the City Museum, you will see how much rougher and messier it looks than the walls of the IIM. But then, Le Corbusier was going for a rougher appearance in general: his concrete often looks like something from an industrial process—almost as if it were still in its wet state, still emerging from the cement mixer—whereas Kahn's concrete is singularly smooth and fine, a finished product"[397].

to Brick: The Life of Louis Kahn. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p. 709

396 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.539

397 Louis Kahn. Transcrito a partir do documentário de 2003 'My Architect: A Son's



Fig.248. Relações visuais do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.249. Percursos do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.250. Acesso do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.251. Percursos do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.252. Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



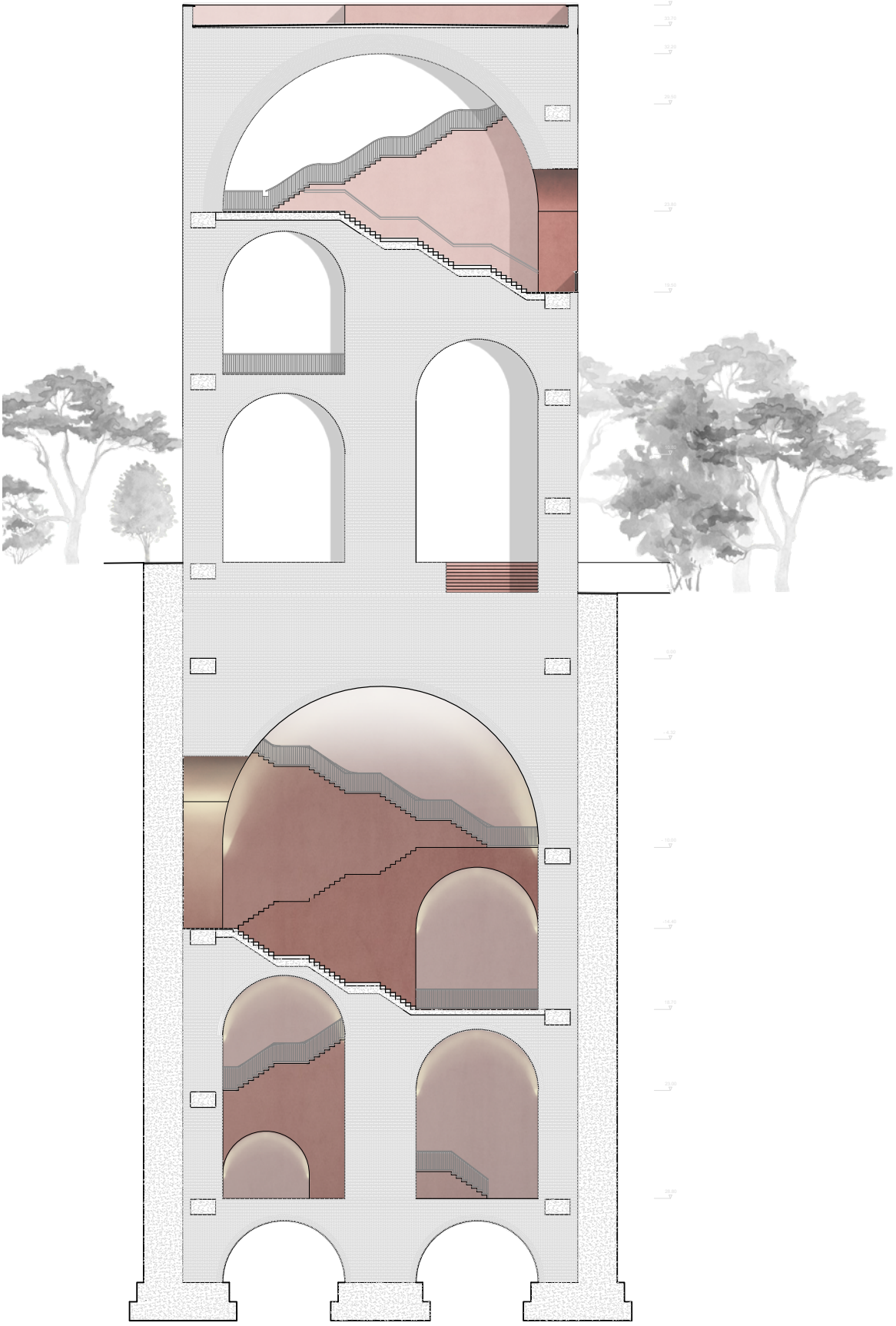
Fig.253. Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

O uso do tijolo tornou-se determinante na elaboração do projeto. Ou seja, os parâmetros de medição de 7.5 cm de tijolo e 1.27 cm de argamassa, passou a servir de modelo padrão para o desenho de todas as características arquitectónicas.

O projeto proposto referente aos mirantes procura com que os seus elementos formais e maciços não sejam concebidos em unidades absolutas (como aconteceria se fosse construído em betão) mas definidos pela medida do tijolo, proporcionado ao desenho criar um conjugação geométrica replicável mas que simultaneamente é variável. Assim sendo, o projeto aposta na incorporação do maior número possível de detalhes estruturais envolvendo tijolos, uma construção à compressão. No Mirante do Alto de Santa Catarina, tendo em atenção a sua altura (33.7 metros) e o seu comportamento sísmico, optou-se por desenvolver excepcionalmente um conjunto de elementos em betão. Tal como se verifica no esquiço, estes elementos em betão visam também possibilitar a distribuição de cargas de modo a que seja possível construir a escadaria que intersecta os meios pisos. Á primeira vista, estes pisos parecem descarregar no pilar central, todavia este não é contínuo ao projeto sendo interrompido na cota 0.00 de modo a ser possível a construção da escadaria do criptopórtico. O ato de projetar o criptopórtico como um espelho do volume superior surge relacionado com a paisagem equiparando a proposta a zoom-out's e zoom-in's progressivos quer a nível temporal como espacial. O libertar do pilar central da função estrutural permite que os volumes projectados possam ser unidos com uma rotação de 180º, formando assim um único volume continuo. Este desenho possibilita fazê-lo indefinidamente, o que significa que utopicamente, o mirante poderia ser infinito. À semelhança da paisagem, o desenvolvimento do projeto, levado ao limite, poderia ser um acumular de camadas, um objeto que apesar de não estar originalmente projectado para tal, é flexível a metamorfoses e evoluções temporais.

O projeto estruturalmente depende e assenta nas paredes laterais, onde os elementos de betão possibilitam a existência dos vazios que relacionam o projeto à paisagem envolvente. O desenho estrutural desenvolvido permite criar um sistema que possibilite a viabilidade da sua construção. Não obstante às diferenças projetuais o projecto de Louis Kahn, o Kimbell Art Museum repre-

Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971 in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.644



senta a criação de um subterfúgio ilusório respeitando as características dos materiais utilizados. Isto é, a cobertura abobada de betão que parece flutuar assente sobre uma na faixa curva de vidro e em longos painéis de vidro que correm ao longo dos extremos da galeria. Todavia estas abobadas não podem descarregar apenas sobre o vidro. Na realidade, a estrutura é suportada não só pelos cabos metálicos de pós-tensão enterrados invisivelmente dentro das conchas de betão, mas também nas quatro colunas de betão posicionados nos cantos das respetivas abóbadas.

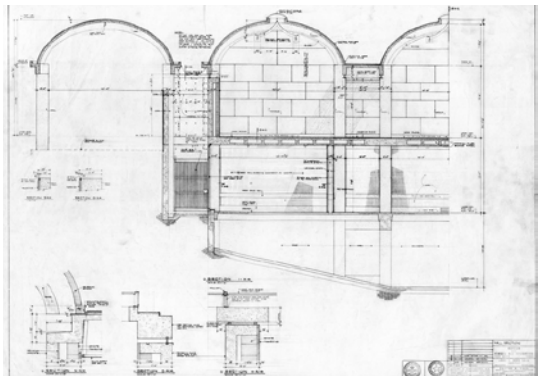


Fig.255. Corte Construtivo do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972.



Fig.256. Interior do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.



Fig.257. Abóbadas do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.

VI| Bibliografia

ANDREWS, Malcolm - **Landscape and Western Art.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

ÁLVAREZ, Darío - El Paisaje como obra de Arte total: Dimitris Pikionis y el entorno de la Acrópolis **in Revista de Arquitectura.** Pamplona: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 2011

ANDRESEN, Maria - **Para a Critica da Paisagem.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992. Tese de Doutoramento.

ANDRESEN, Teresa - O Estádio Nacional: A sua Génese e a sua Construção **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

ANDRESEN, Teresa - **Três décadas de Arquitetura Paisagista em Portugal, 1940-1970: Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ANTUNES, Alexandra - **O Veraneio da Família Anjos.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

APRILE, Marcella - **Dal Giardino al paesaggio – annotazioni sul giardino, sulla città, sulla campagna.** Palermo: Flaccovio Editore, 1998. Cit. por FONSECA, Teresa. LIMA, Susana - Uma ideia de arquitetura de paisagem na obra de Fernando Távora. Conferência III CITCEM - Paisagem, (I) Materialidade. Porto: Faculdade de Arquitectura e Faculdade de Letras, 2013.

ARROTEIA, Jorge. **O marco geodésico de Monte Redondo e o Sistema Cartográfico Nacional.** 2017.

ASCHER, Branca de Conta Colaço - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943.

ASHRAF, Kazi - Taking Place: Landscape in the Architecture of Louis Kahn **in Jornal of Architectural Education.** Vol.61. Nº2. (2007). p.48-58

AUGUSTO, José - Estádio Nacional **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº7. Vol.2. Lisboa: Redação e Administração, 1942.

BAAL-TESHUVA, Jacob - **Calder.** São Paulo: Tashen do Brasil, 2005.

BAPTISTA, I. **Cenário Urbano- A cidade e o rio como condição plástica e visual.** Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2012. Tese de Mestrado.

BARBOSA, L. de Viliena - Fragmentos de um roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa **in Arquivo Pittoresco: Seminário Ilustrado.** Lisboa: Typ. de Castro & Irmão. Vol.6, nº47. (1863).

BESSE, Jean-Marc - Estar na paisagem, habitar, caminhar in CARDOSO, Isabel - **Paisagem e Património, Aproximações Pluridisciplinares.** Porto: Dafne Editora, 2013.

BOIÇA, Joaquim - Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003.

BORGES, Jorge - **O Aleph.** Madrid: Alianza Editorial, 2007.

CABRAL, Francisco. **Novo Estádio de Lisboa.** Lisboa, 1937. Correspondência consultada no Forte de Sacavém.

CABRAL, Francisco - **Memória Descritiva e Justificativa do Projecto do Novo Estádio de Lisboa.** 16 de Março de 1938. Consultado no Forte de Sacavém.

CABRAL, Frencisco - **Fundamentos da Arquitectura Paisagista.** Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza, 2003.

CALVINO, Italo - **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARDOSO, João - Materiais Arqueológicos inéditos das Grutas de Carnaxide (Oeiras) **in Estudos Arqueológicos de Oeiras.**

Vol.5. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1995.

CARDOSO, João. Cardoso, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993.

CARERI, Francesco - **Walkscapes - O caminhar como prática estética.** Brasil: Editorial Gustavo Gili, 2013.

CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010.

CAUQUELIN, Anne - **A invenção da Paisagem.** Lisboa: Edições 70, 2008.

CHING, Francis - **Diccionario Visual de arquitectura.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2015.

CORBOZ, André - El Territorio como Palimpsesto i**n Orden disperso - Ensayos sobre arte, método, ciudad y territorio.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2015.

CORDEIRO, Pedro - **Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional de Gorongosa: Paisagem Natural versus Cultural - análise critica do território**. Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2015. Tese de Doutoramento.

CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 Anos Depois.** Lisboa: Sete Caminhos, 2006.

CORREIA, Jorge Tomás - Planta do Forte de Nossa S. da boa viagem que casa sobre num monte alto **in Livro de varias plantas deste Reino e de Castela.** 1699-1743. f.34 - Lisboa, BN, Cota: D.A. 7 A.

CRUZ, André - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado.

CRUZ, Souto – Algumas Considerações sobre o Parque Florestal de Monsanto in Revista Florestal. Lisboa: [s.n.], 1988. Cit. por GRILO, Teresa - **O Parque florestal de Monsanto: Evolução**

Histórica e Contributo para a sua Gestão. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado.

CURTIS, William - Memória e criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição in BANDEIRINHA, José. [et.al.] - **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2019.

CUTHBERT, Michael - **The concept of the Outlook Tower in the work of Patrick Geddes.** St Andrews: University of St Andrews, 1987. Tese de Pós-graduação.

D'ANGELO, Paolo - Os limites das teorias actuais da paisagem e a paisagem como identidade estética dos lugares **in Filosofia e da Paisagem - Uma Antalogia.** Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012.

DIAS, Jaime - A Serra de Monsanto: Parque Florestal da Cidade **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº20. Lisboa: Redação e Administração, Abril de 1944.

Direcção Geral do Património Cultural - **Proposta de abertura do procedimento de classificação do Estádio Nacional.** 14 de Outubro de 1939. Consultado (10/5/20). Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeaberturaearquivamento/2019/estadionacional/er3.pdf

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no Campo.** Porto: Dafne Editora, 2011.

EMINESCU, Mihai - **Revedere.** Castelo Branco: Evoramons Editores Lda., 2005.

FADIGAS, Leonel - **A Natureza na Cidade : Uma perspectiva para a sua integração no tecido urbano.** Lisboa: Faculdade de Arquitectura de Lisboa, 1993. Tese de doutoramento.

FERNANDES, José - Paisagem e coesão social em Lisboa in Museu da Paisagem, Narrativas e Experiência do Lugar. Lisboa: Museu da Paisagem, 2019.

FIGUEIRA, Francisco da Silva - **Os Primeiros Trabalhos Literarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865.

FRAMPTON, Kenneth - Toward a critical regionalism. Six points for an architecture of resistance in FOSTER, Hal. - **The anti aesthetic.** Essays on postmodern culture. Washington: Bay Press, 1983.

FRIAS, Laura - Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar **in Arquiteturarevista.** Vol.9, nº2 (2013). p.161 a 169

FOLCH, Ramon - **El Territorio como Sistema in Conceptos y Herramientas de Ordenación.** Barcelona: Diputació de Barcelona, 2003.

FOLQUE, Filipe - Memoria sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal **in História e Memorias da Academia Real das Sciências de Lisboa, (1843 e 1851).** 2ª Série. Tomo I. Parte I. Lisboa: Na Typografia da Mesma Academia, 1843. p.1-140

GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de doutoramento.

GARRETT, Almeida - **O Noivado no Dáfundo ou cada terra com seu urso, cada rosa com seu fuso in Theatro.** Vol.5. Lisboa: Escriptório do Theatro Moderno, 1858.

GARRETT, Almeida - Linda-a-Pastora **in Romanceiro.** Edições Vercial, 2014. Consultado (27/5/20). Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Romanceiro. html?id=gnGAAgAAQBAJ&redir_esc=y

GARRIDO, Lola - **Realidade Y Representação - Coleccionar Paisaje Hoy.** Barcelona: Fundació Foto Colectania, 2003.

GILBERT, Martin **- História do Século XX.** Lisboa: Dom Quixote, 2010.

GOMES, Levy - **Cruz-Quebrada - Dafundo: Património e Personalidades.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2006.

GOMES, João - **As Cidades e as Políticas da Memória.** Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2013. Tese de Mestrado.

GRILO, Teresa - **O Parque Florestal de Monsanto: Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado.

GUEDDES, Patrick - **Cities in Evolucion.** London: Williams & Norgate LTD, 1949.

GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014.

HANS, Bolling. YTTERGREN, Leif - **The 1912 Stockholm Olympics, Essays on the competition, the people, the city.** EUA: McFarland & Company, Inc., 2012. p.12 e 13 Consultado (17/1/20). Disponível em: <https://books.google.pt/books?id=EpsGxfMMpUgC&pg=PA14&lpg=PA14&dq=Ostermalms+IP+architect&source=bl&ots=FH_txKwC_Y&sig=ACfU3U0OWFVHpx7dcokgJdWpTS1XgHqbYg&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiW55Wm44X1AhWk2uAKHTQ1BMYQ6AEwAXoECAkQAQ#v=onepage&q=Ostermalms%20IP%20architect&f=false>

HASSE, Manuela - A Pedra e a Água: O desporto e o Estádio Nacional no processo de Re-significação do espaço e da Natureza, no Estado Novo **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

HELMREICH, Anne. KRYDER-REID, Elizabeth. O'MALLEY, Therese - Keywords in American Landscape Design in NIJHUIS, Steffen. Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series.** Vol.2 (2011).

HENRIQUES, Susana - **Keil do Amara: urbanista, tradição e modernidade na sua obra.** Lisboa: Instituto Superior Ciências

do Trabalho e da Empresa, 2000. Tese de doutoramento.

HOLANDA, Francisco - **Plano de Fortificação da Barra do Tejo in Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984. fl. 12v

JESUS, António - **Construção de vedação gera polémica in Notícias de Amadora.** Amadora: Semanário Popular, 13 de Março de 1999.

KANT, Immanuel **- Crítica da Faculdade do Juízo.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2017.

LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018.

LOPES, Diogo. TAVARES, André - **A Forma da Forma.** Lisboa: Trienal de Arquitetura, 2016.

LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 26 de Julho de 1999.

LOPES, Teresa - **Pessoa por Conhecer - Textos para um novo mapa.** Lisboa: Estampa, 1990. p.95. Consultado em (16/4/2020). Disponível na internet: http://arquivopessoa.net/textos/785.

LYNCH, Kevin - **A Imagem da Cidade.** Coimbra: Edições 70, 2009.

MADERUELO, Javier - **El Paisaje: génesis de un concepto.** Madrid: Abada Editores, 2005.

MARÍ, Carlos - **La cambra y el arco.** Barcelona: Fundación Caja de Arquiteto, 2005.

MATTOSO, José. DAVEAU, Suzanne. BELO, Duarte - **Portugal o Sabor da Terra.** Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

MENEZES, Eleni - **Poemar.** Consultado em (16/4/2020). Disponível na internet: https://www.pensador.com/frase/MTcxMT-

MyNw/.

MENDANHA, José - **Do Lugar à Obra: cinco equipamentos desportivos portugueses.** Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013. Tese de Mestrado.

MENDONÇA E COSTA, L. - Caminhos de Ferros Portuguezes **in O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro.** Lisboa. Empreza do Occidente. 11 de Novembro de 1889. p.251 a 253. Consulta (09/11/2019). Disponível em: http://hemeroteca-digital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1889/N392/N392_master/N392.pdf

MIRANDA, Jorge - Lenda de Nossa Senhora da Salvação do Convento de Santa Catarina de Ribamar **in Viagem pelas Lendas do Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1998.

MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997.

MONEO, Rafael - **Inmovilidad substancial in Contra la indiferencia como norma.** Chile: Ediciones ARQ, 1995.

MONTEIRO, Luís - **Reinventar a Paisagem na Era Digital.** Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016. Tese de Doutoramento.

MONTEIRO, Gilberto - **Sítio da Cruz Quebrada: Nótulas de Micro-História.** Separata de «Os "chalés" da Cruz Quebrada». Lisboa: Tipografia Ibérica, 1963.

MORGADO, Jéssica - **Construir sobre o Palimpsesto: A importância da compreensão da arquitetura como um processo para o desenho de projeto, aplicado ao território de Alenquer.** Lisboa: ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2017. Tese de Mestrado.

NEVES, António - Estádio ergue muro da discórdia **in Jornal A Capital.** Lisboa: M.Guimarães, 7 de Junho de 1999.

NEVES, António - Linda-a-Velha não aceita Jamor vedado: Ve-

dação metálica do Estádio Nacional foi instalada junto a edifícios vizinhos **in Jornal de Notícias.** Lisboa, 6 de Junho de 1999.

NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series**. Vol.2 (2011).

NORBERG-SCHULZ, Christian - **Genius Loci**. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.

OLIVEIRA, Raposo - **Guia de Portugal Artístico: Lisboa.** Tomo I. Vol.I. Lisboa: M. Costa Ramalho, 1933.

PALLASMA, Juhani - **Los Ojos de La Piel: La Arquitetura y los Sentidos.** 2ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2018.
PEDROSA, Mário - Tensão e coesão na obra de Calder in SARAIVA, Roberta - **Calder no Brasil: crônica de uma amizade.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

PESSOA, Fernando - **Poesias Inéditas (1930-1935).** Lisboa: Ática, 1955. Consultado em (16/4/2020). Disponível na internet: http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3460.pdf

PIKIONIS, Dimitri - A Sentimental Topography **in Dimitris Pikionis, Architect 1887-1968: a sentimental topography.** London: Architectural Association, 1989.

PINA, Helena - O Fio da Narrativa na Paisagem **in Museu da Paisagem, Narrativas e Experiência do Lugar.** Lisboa: Museu da Paisagem, 2019.

PINCHA, João - Vale do Jamor. O último pulmão verde de Oeiras está em risco? **in Observador.** Lisboa, 14 de Abril de 2016. Consultado em (17/7/2020). Disponível na internet: <https:// observador.pt/especiais/vale-do-jamor-ultimo-pulmao-verde-oeiras-esta-risco/>

RIBEIRO, Orlando - **Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico.** Coimbra: Coimbra Editora, 1945. Consultado em (27/2/2020). Disponível na internet: http://purl.pt/421/4/#/9.

RIBEIRO, Vitor - **Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada in Serões Revista Mensal Ilustrada.** Nº62. Lisboa: Livraria Ferreira, Agosto de 1910. p.83 à 87 - Oeiras, Biblioteca Municipal de Oeiras.

ROSA, Jacobetty - **Caracol de Santa Catarina, Miradouro: Memória Descritiva e Justificativa.** Consultado no arquivo do Museu do Desporto.

ROSAS, Fernando - O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo **in Análise Social.** Vol. XXXV (157). 2001.

ROSETA, Filipe. MORAIS, João - **Os planos da Avenida da Liberdade e seu prolongamento.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

SALDANHA, José - **Projecto Final de Arquitectura.** 2019/2020.

SANTOS, Anne - **Património desportivo e musealização: Elementos para um projeto de musealização do Estádio Nacional.** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011. Tese de Mestrado.

SILVA, Augusto Vieira da - Dispersos **in Publicações culturais da Câmara Municipal de Lisboa.** Vol.1, 2ª ed. Lisboa: Sociedade Tipográfica, 1968.

SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. Consultado em (17/7/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

SITTE, Camillo - **A Construção das Cidades segundo seus Princípios Artísticos.** New York: Random House, 1965.

SIZA, Vieira - **01 textos.** Porto: Civilização Editora, 2009.

SIZA, Álvaro - **Imaginar a evidência.** Lisboa: Edições 70, 2000.

SIZA, Álvaro - **Revista El Croquis, 95: 1995-1999.** 1999.

SOROKA, Ian - **Eroding the Palimpsest: Landscape, cinema and the site of history.** Boulder: University of Colorado, 2009. Tese de Mestrado.

TAINHA, Manuel - **Textos do Arquitecto Manuel Tainha.** Lisboa: Estar Editora, 2000.

TÁVORA, Fernando - **Da Organização do Espaço.** Porto: FAUP Publicações, 2004.

TOSTÕES, ANA - A Crítica do Lugar **in O Estádio Nacional – Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer.** Livro de actas da conferência proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999.

TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições Salamandra, 1992.

VALÉRY, Paul - **Eupalinos o el arquitecto: el alma y la danza.** Madrid: Editorial La Balsa de la Medusa, 2004.

VENTURA, Susana - **Poetic Landscape.** Article of Constructed Landscapes Workshop, 2012.

VIDAL, João - Miradouros de Lisboa **in Revista Municipal.** Vol.88, 1º trimestre. (1961).

VIESCA, Carolina - A**tlas de Paisage en el litoral: articulación de los espacios vacantes mediante proyectos de paisage.** Sevilha: Universidade de Sevilha, 2017. Tese de Doutoramento.

WISEMAN, Carter - **Louis Kahn: Beyond Time and Style, A Life in Architecture.** Nova Iorque: W.W. Norton, 2007.

ZUMTHOR, Peter - **Atmosferas.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

[s.n.] - ParqueFlorestal de Monsanto **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.55. Consultado em (2/9/2020). Disponível na internet: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

VII| Cronologia

Idade do Ferro (~700 - 218 a.C)

Vestígios arqueológicos

(...)

Calcolítico (~3000 - 1900 a.C)

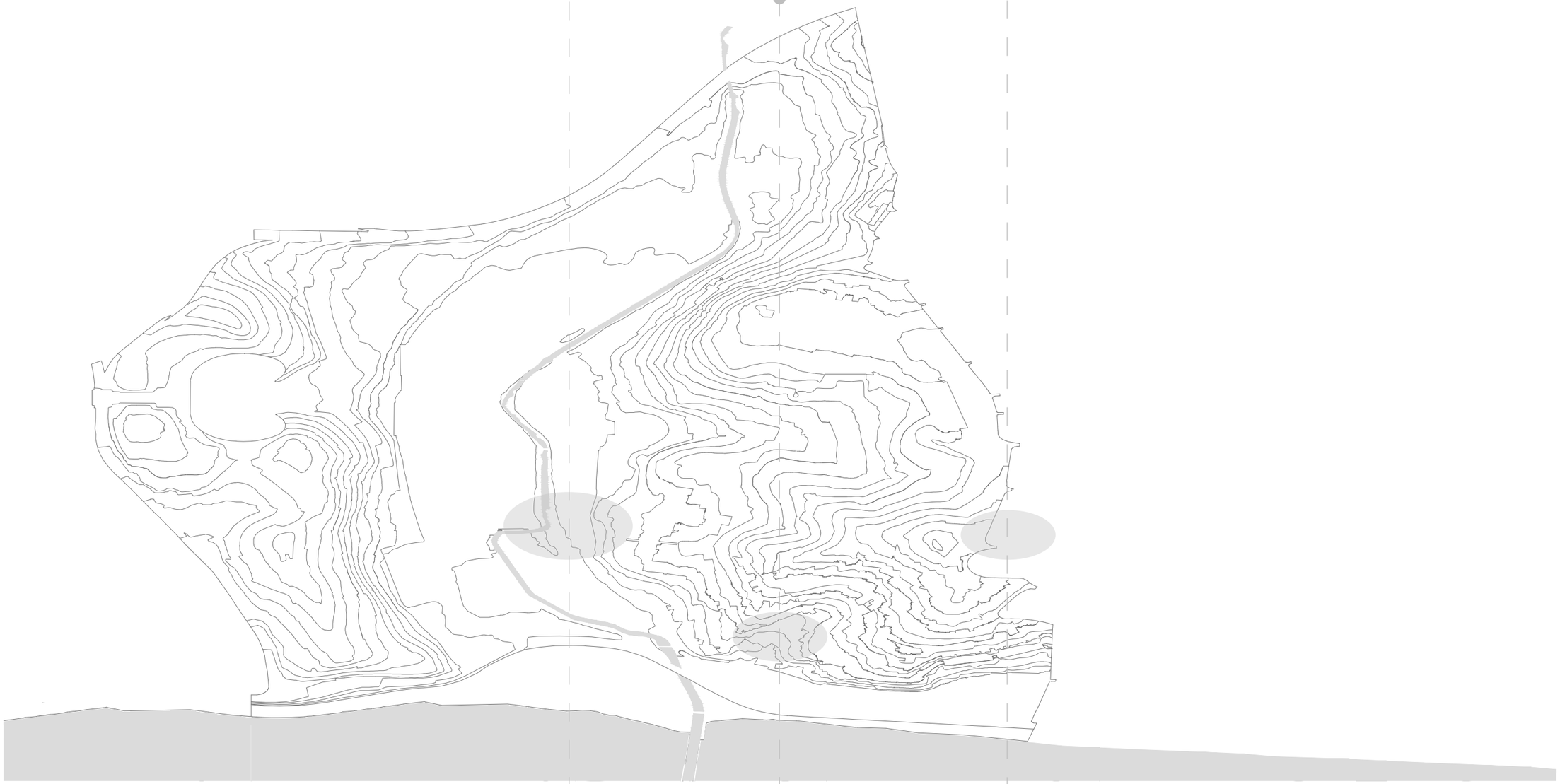
Vestígios arqueológicos

Vestígios arqueológicos

(...)

Paleolítico Inferior e/ou Médio (~1,2milhões de anos - 7000 a.C)

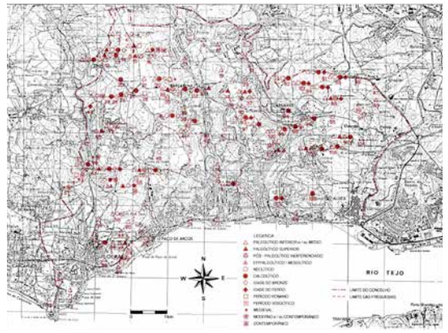
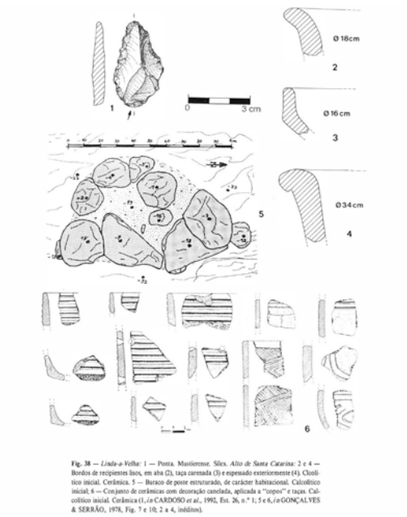
Vestígios arqueológicos



Rio de Santa Catarina

Dafundo

Alto de Santa Catarina

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
Do Paleolítico Inferior e/ou Médio à Idade do Ferro	Vestígios arqueológicos	Mapeamento do levantamento dos vestígios arqueológicos		João e Guilherme Cardoso	CARDOSO, João. CARDOSO, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.38
Paleolítico Inferior e/ou Médio (~1,2milhões de anos - 7000 a.C)	Vestígios arqueológicos	Levantamento dos vestígios arqueológicos	**109** 1 — PRAIA DO DAFUNDO 2 — Carnaxide 3 — Praia actual da margem norte do estuário do Tejo, a montante da foz do rio Jamor 4 — R 031 930 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970) 5 — Materiais líticos, de calcário, basalto, sílex, quartzo e quartzito, recolhidos à superfície 6 — Paleolítico inferior/médio 7 — ZBYSZEWSKI *et al.* (1979, p. 249)	João e Guilherme Cardoso	CARDOSO, João. CARDOSO, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.108
Calcolítico (~3000 - 1900 a.C)	Vestígios arqueológicos	Levantamento dos vestígios arqueológicos	**107** 1 — CRUZ QUEBRADA 2 — Carnaxide 3 — Margem esquerda do rio Jamor em talude de erosão do leito, junto do limite da povoação. Solos aluvionares modernos 4 — R 024 935 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970) 5 — Materiais cerâmicos muito dispersos 6 — Calcolítico; Ferro 7 — Inédita **108** 1 — ALTO DE SANTA CATARINA 2 — Carnaxide 3 — Elevação isolada com boas condições naturais de defesa, escolhida para assentamento de pequeno povoado pré-histórico, dominando toda a área vestibular do estuário do Tejo. Depósitos detrítico-carbonatados miocénicos 4 — R 035 936 (C.M.P., 430, Oeiras, esc. 1:25.000, 1970) 5 — Materiais líticos e cerâmicos, de superfície e recolhidos em estratigrafia. Vestígios de estruturas habitacionais (buraco de poste). Na cerâmica, avulta a característica decoração canelada, aplicada a "copos" 6 — Calcolítico inicial da Estremadura 7 — GONÇALVES (1979, p. 152-153; 1991, p. 224-226); GONÇALVES & SERRÃO (1978, p. 75-96)	João e Guilherme Cardoso	CARDOSO, João. CARDOSO, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.108
Calcolítico (~3000 - 1900 a.C)	Vestígios arqueológicos	Levantamento dos vestígios arqueológicos	 Fig. 38 — *Linda-a-Velha*: 1 — Ponta. Musteriense. Sílex. *Alto de Santa Catarina*: 2 e 4 — Bordos de recipientes lisos, em aba (2), taça carenada (3) e espessado exteriormente (4). Calcolítico inicial. Cerâmica. 5 — Buraco de poste estruturado, de carácter habitacional. Calcolítico inicial. 6 — Conjunto de cerâmicas com decoração canelada, aplicada a "copos" e taças. Calcolítico inicial. Cerâmica (1, *in* CARDOSO *et al.*, 1992, Est. 26, n.º 1; 5 e 6, *in* GONÇALVES & SERRÃO, 1978, Fig. 7 e 10; 2 a 4, inéditos).	João e Guilherme Cardoso	CARDOSO, João. CARDOSO, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.108

1590

1580

1570

(...)

1510

1500

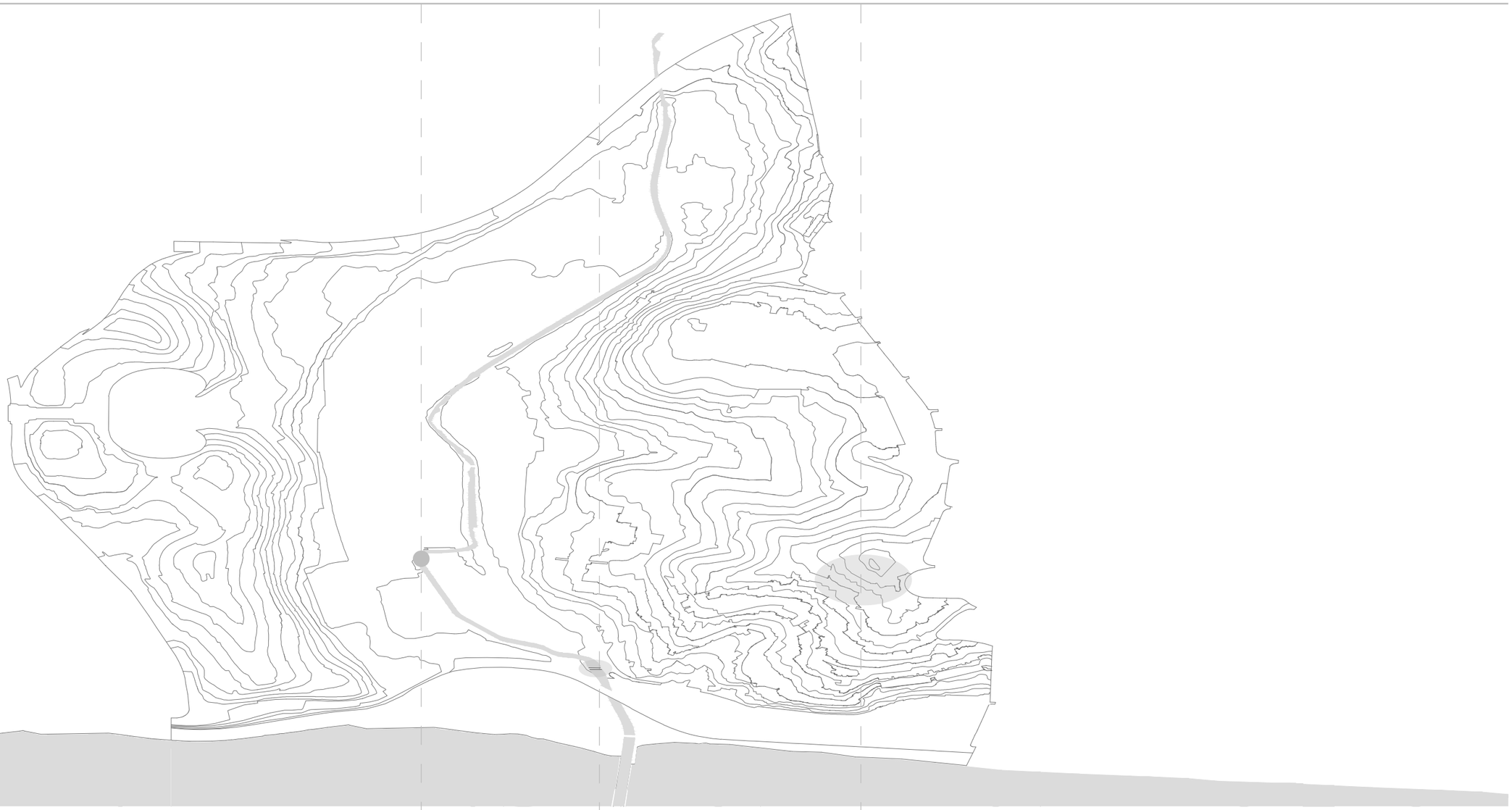
1590 - Representação do Rio de Santa Catarina de Ribamar na Cartografia em "Descrição da Boqua deste Rio"

1590 - Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar na Cartografia em "Descrição da Boqua deste Rio"

1575 - Re-construção da ponte de Santa Catarina

1571 - Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar no Plano de Fortificação da Barra do Tejo

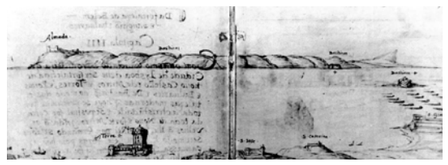
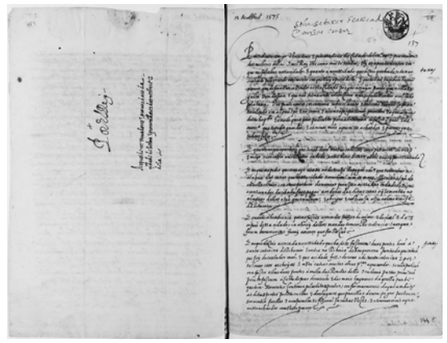
1507/1578 - Lenda de Nossa Senhora da Salvação do Convento de Santa Catarina de Ribamar



Rio de Santa Catarina

Ponte de Santa Catarina

Convento de Santa Catarina de Ribamar

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1507/1578	Referência textual do Convento de Santa Catarina de Ribamar	Lenda de Nossa Senhora da Salvação do Convento de Santa Catarina de Ribamar	"Prodigiosa era a representação pictórica de N. Sª da Salvação, segundo a tradição atribuída à autoria do evangelista S. Lucas, que a rainha-viúva D. Catarina (1507-1578) oferecera, numa demonstração de afecto e devoção, a Frei António das Chagas, virtuoso cenobita do Convento de Santa Catarina de Ribamar, a quem costumava visitar. (...)".	-	MIRANDA, Jorge - Lenda de Nossa Senhora da Salvação do Convento de Santa Catarina de Ribamar **in Viagem pelas Lendas do Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1998. p.28 - Lisboa, FAUL, Cota: CS 602
1571	Plano de Fortificação da Barra do Tejo	Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar		Francisco de Holanda	HOLANDA, Francisco - **Plano de Fortificação da Barra do Tejo in Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984. fl. 12v. - Lisboa, ISCTE, Cota: H.111 HOL*Da
1575	Referência textual da Ponte de Santa Catarina/Cruz Quebrada	Re-construção da ponte de Santa Catarina e construção da ponte de Barcarena - "(…)acerca da necessidade que há de se fazerem duas pontes, uma em Santa Catarina de Ribamar, outra na ribeira de Barcarena junto da quinta que foi do contador mór, e que a cidade fez de novo a de Santa Catarina por se levar com as cheias e haver outras muitas obras (?) a que acudir, senão podiam agora fazer à custa das rendas dela, se devia passar permissão para se fazerem à custa do povo de Cascais e dos mais lugares daquela parte que tem serventia continua pelas ditas pontes; informar-vos-ei do que ambas as ditas pontes podem custar e dos lugares que para elas devem pagar portagem e serventias por elas e a cuja custa se fizeram já outras vezes, e escrever mais o que nisso achardes com vosso parecer."		Chancelaria Régia	Chancelaria Régia, Livro 1º de consultas e decretos de D.Sebastião, doc. 87, f.144 a 145 do ano 1575 - Lisboa, CML, PT/AMLSB/CMLSBAH/CHR/010/0001/0088
1590	Cartografia	Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar e o Rio Santa Catarina - (planta legendada, assinalando-se, na área de estudo e arredores: o Rio de Paço de Arcos; o Rio de ladeira (T); a fonte de beber (S); o Rio de Santa Catarina (R); o Convento de San Joze (P); e o Rio de Pedroso (N);)		Vincenzo Casale	MASSAII, Alexandre - Descrição da Boqua deste Rio in Discripção Relação do Reino de Portugal. 1621 fl. 78. - Lisboa, BN, COD.

1690

1680

1670

1673 - Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar na Carta Náutica da Barra de Lisboa

(...)

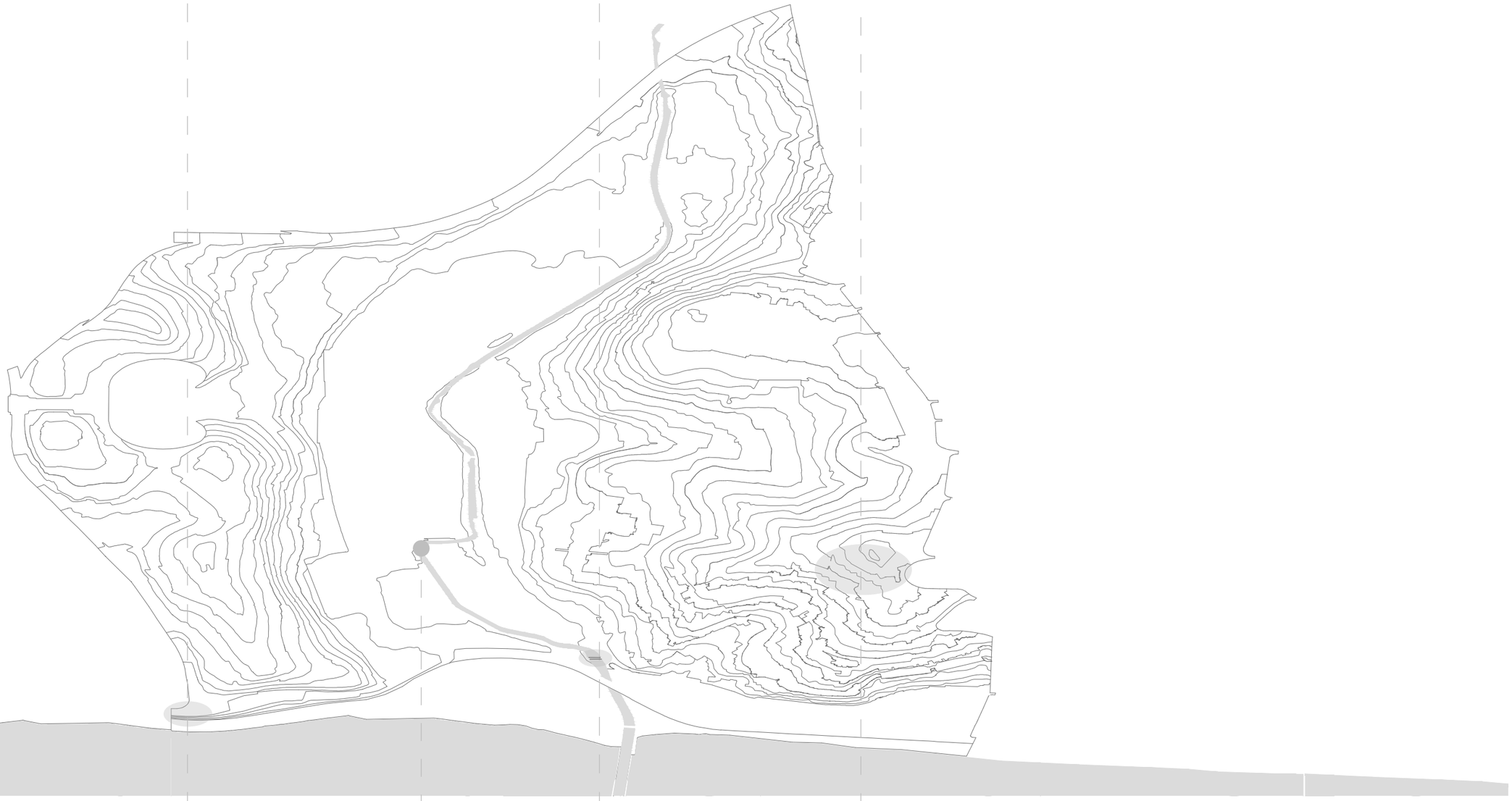
1610

1607 - Representação do Caño Viejo

1607 - Representação da ponte de Cruz-Quebrada

1607 - Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar

1600

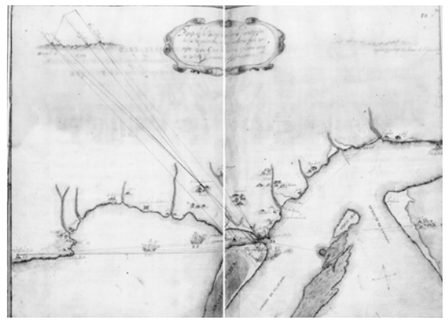


Caño Viejo

Rio de Santa Catarina

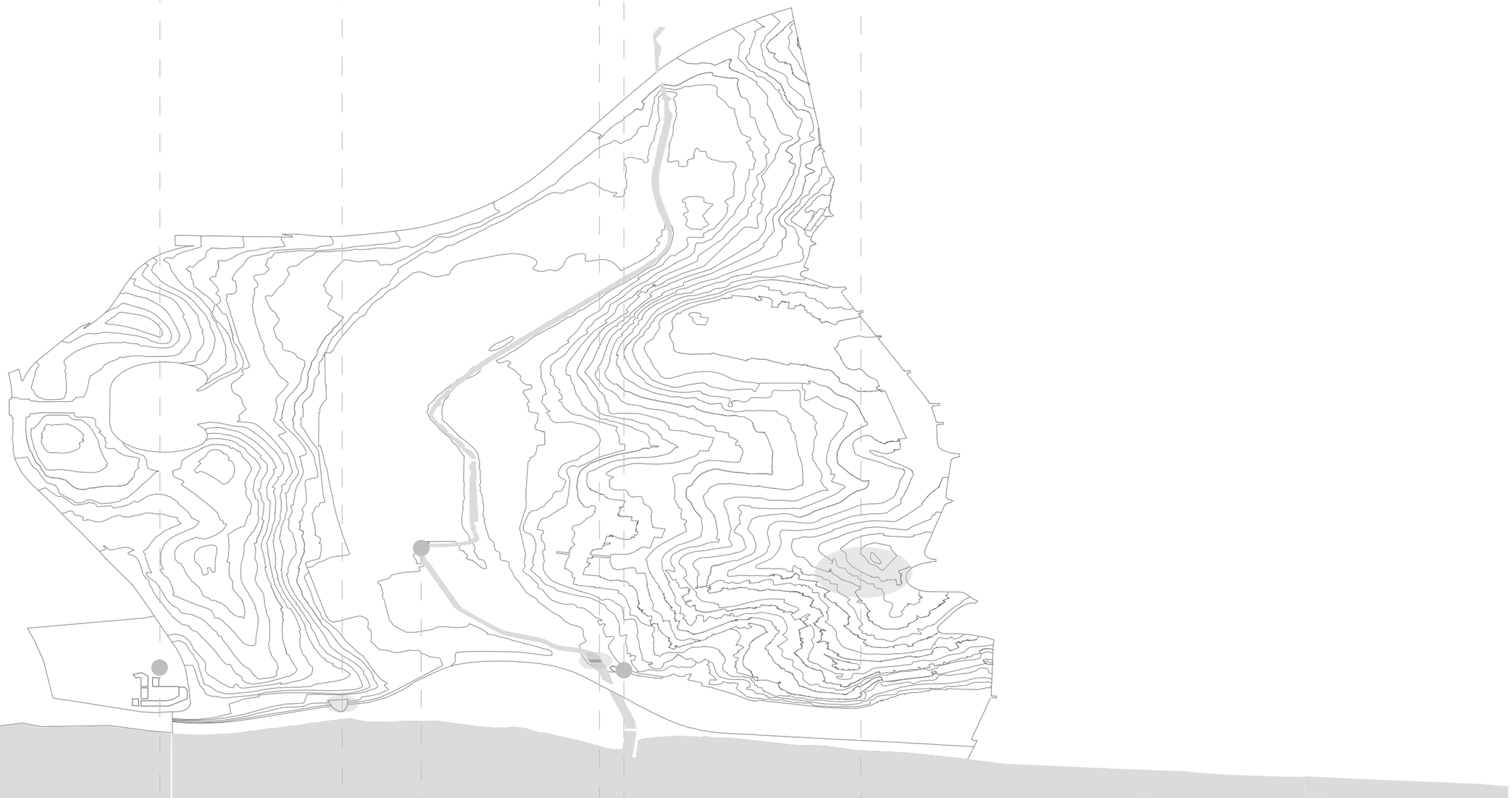
Ponte de Cruz Quebrada

Convento de Santa Catarina de Ribamar

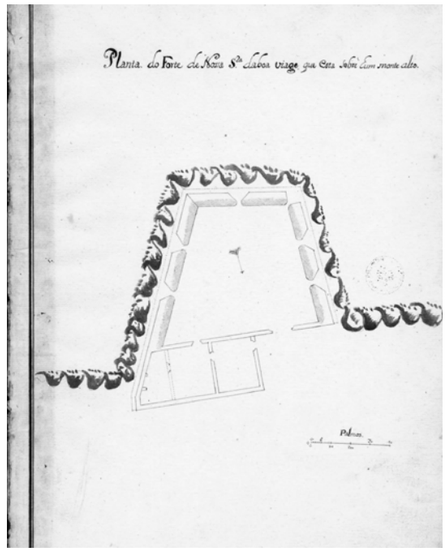
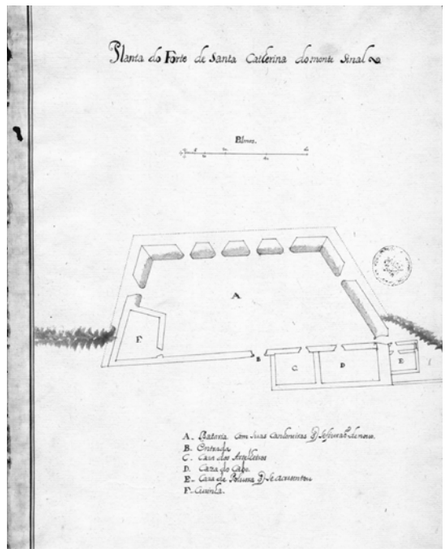
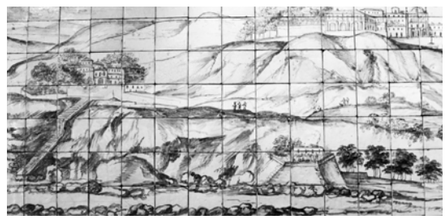
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1607	Cartografia	Representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar, a ponte de Cruz-Quebrada e de um Caño Viejo		Leonardo Turriano	TURRIANO, Leonardo - Planta de la Barra de Lisboa in Discurso de Leonardo Turriano sobre limpar la Barra del Taxo y otras barras de otros rios. 1622(?) f.79 e 80 - Lisboa, BN, COD.12892
1619	Cartografia	Representação da cidade de Lisboa e seus arredores (assinala-se a presença do moinho que marcava a paisagem dos terrenos dos arredores da cidade muralhada, nomeadamente, na área de estudo)		-	Retirado de: Biblioteca Nacional da Suécia da colecção de Count Magnus Gabriel De la Gardie; Consultado online: https://www.wdl.org/en/item/14396/view/1/1/
1673	Cartografia	Carta Náutica da Barra de Lisboa, possível representação do Convento de Santa Catarina de Ribamar		Luís Serrão Pimentel	PIMENTEL, Luís Serrão - Barra e Porto de Lisboa in Pratica da arte de navegar composta por o cosmografo mor Luis Seram Pimentel. 1673. f. 78. - Lisboa, BN, Cota: IL. 156

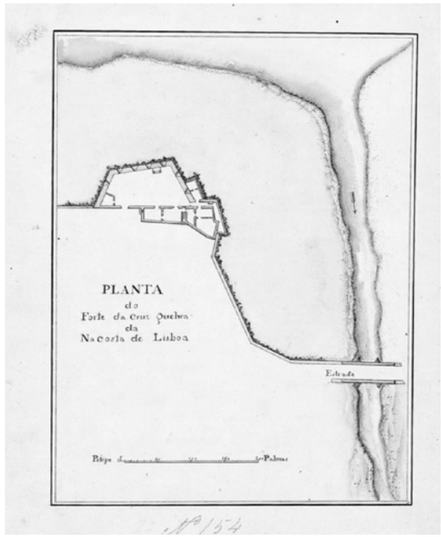
1790
1780
1770
1760
1750
1740
1730
1720
1710
1700

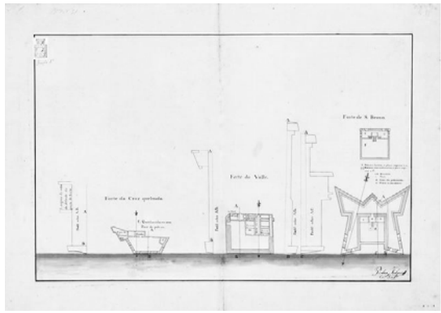
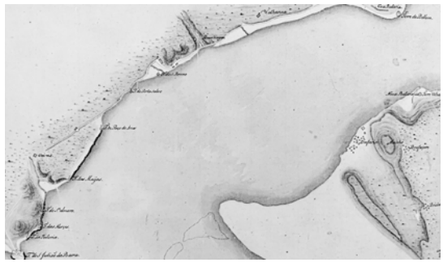
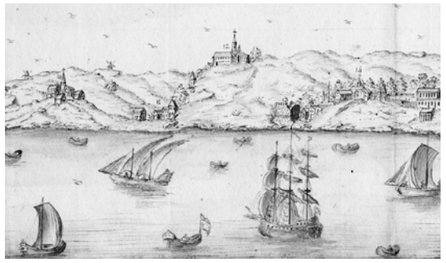
1798 - Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada
176- - Configuração da Entrada da Barra de Lisboa
176- - Configuração da Entrada da Barra de Lisboa
1756 - Representação da costa de Lisboa
1744/1848 - Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada
1729/1761 - Referenciação textual
1700/1900 - Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada
1699/1743 - Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada
1699/1743 - Planta do Forte da Boa Viagem

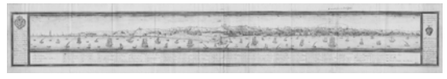
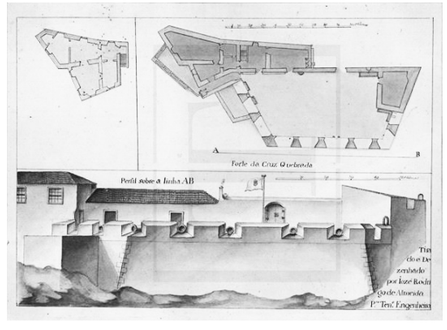


Convento da Nossa Senhora da Boa Viagem
Forte da Nossa Senhora da Boa Viagem
Rio de Santa Catarina
Ponte de Cruz Quebrada
Forte de Santa Catarina
Convento de Santa Catarina de Ribamar

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1699/1743	Planta do Forte da Boa Viagem	“Planta do Forte de Nossa S. da boa viagem que casa sobre Eum monte alto”		João Tomás Correia	CORREIA, Jorge - Planta do Forte de Nossa S. da boa viagem que casa sobre num monte alto **in Livro de varias plantas deste Reino e de Castela.** 1699-1743. f.34 - Lisboa, BN, Cota: D.A. 7 A.
1699/1743	Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada	“Planta do Forte de Santa Catarina do monte sinal”		João Tomás Correia	CORREIA, Jorge - Planta do Forte de Santa Catarina do monte sinal **in Livro de varias plantas deste Reino e de Castela.** 1699-1743. f.33 - Lisboa, BN, Cota: D.A. 7 A.
Anterior a 1755	Painel de Azulejo	Troço referente ao Vale Jamor do Painel de Lisboa anterior ao terramoto de 1755		-	Lisboa anterior ao terramoto de 1755. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Museu de Azulejo;

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1700/1900	Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada	“Planta do Forte da Cruz Quebrada na Costa de Lisboa”		-	[s.n.] - Planta do Forte da Cruz Quebrada na Costa de Lisboa.1700/1900 - Lisboa, Arquivo Militar, Cota: 1289-1A-13-17
1729/1761	Artigo de Revista sobre o Convento Santa Catarina de Ribamar	Santa Catarina de Ribamar como Escola de Canto no tempo de D.João V - “No reinado de D.João V, no de José ou mesmo no de D.Maria I, os vultos mais destacados da música (erudita ou sacra) portuguesa, ou das abadias existentes por esse país fora. D.Giovanni Giorgio natural de Veneza, foi contratado por D.João V em 1729 para dirigir a escola de canto religioso no Convento de Santa Catarina de Ribamar. (…) É autor de vários livros de solfejo, tendo composto ainda numerosos trabalhos de música sacra. (…) Admite-se que a data da morte deste compositor se situe por volta de 1761. Deixou mais de três centenas de composições.”		-	MATOS, Manuel - A música em Portugal no tempo de D. José **in Revista História.** nº 53. Março de 1983. p. 71 e 73

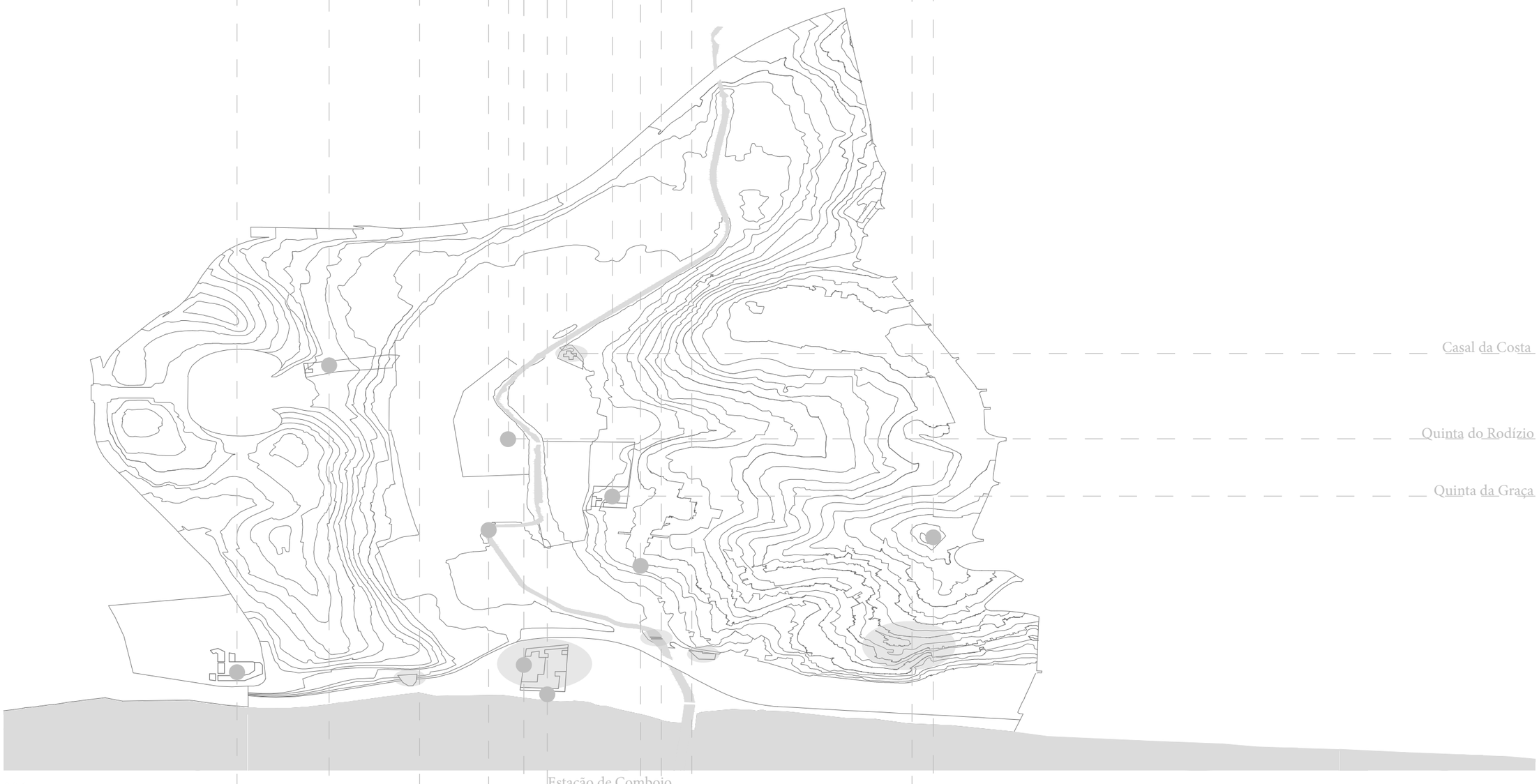
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1744/1848	Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada	“Forte da Cruz Quebrada Forte do Valle Forte de S. Bruno” - Plantas e Perfis		Pedro Folque	FOLQUE, Pedro - Forte da Cruz Quebrada Forte do Valle Forte de S. Bruno - plantas e perfis. 1744/1848 - Lisboa, Arquivo Militar, Cota: 1287-1A-13-17
1756	Cartografia	Representação da costa de Lisboa, na área de estudo, as fortificações marítimas, os conventos da Boa Viagem e Santa Catarina de Ribamar		M. Bellin	BELLIN, M. - Plan du Port de Lisbonne et des Costes Voisines - Dressé au Depot des Cartes, Plans et Journaux de la Marine.1756 - Lisboa, IGP, Cota: CA 339
176-	Cartografia	Configuração da Entrada da Barra de Lisboa	 	Luis d’Alicourt	BOIÇA, Joaquim - Configuração da Entrada da Barra de Lisboa **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1763	Vista da Cidade de Lisboa	“Vista e perspetiva da barra costa e cidade de Lisboa” (assinala-se na área de estudo os conventos da Boa Viagem e Santa Catarina de Ribamar, a Ponte de Santa Catarina e moinhos nos arredores)		Bernardo de Caula	CAULA, Bernardo - Vista e Perspetiva da Barra Costa e Cidade de Lisboa de Capitale do Reino de Portugal. 1763 - Lisboa, BN, Cota: D. 177 R.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1798	Planta do Forte de Santa Catarina/Cruz-Quebrada	Planta do Forte da Cruz Quebrada		Baltazar de Azevedo Coutinho	COUTINHO, Baltazar - Forte da Cruz Quebrada **in Fortificações do Algarve.**1798 - Lisboa, Torre Tombo, Cod: PT/TT/CRT/211

1890
1880
1870
1860
1850
1840
1830
1820
1810
1800

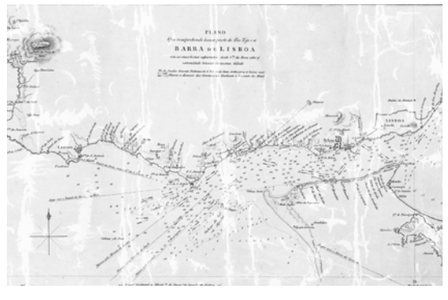
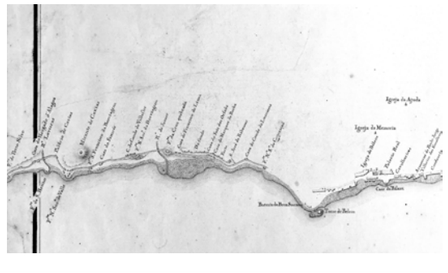
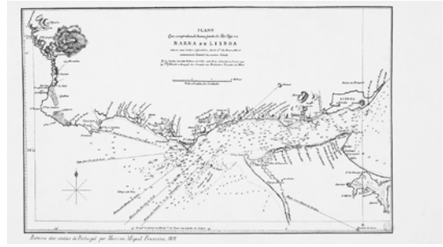
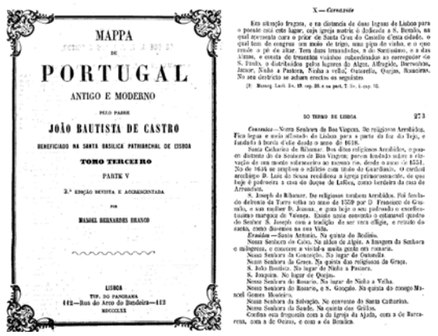
1895 - Referência fotográfica
1889 - Referenciação textual
1878/1879 - Planta Hydrographica da Barra e Porto de Lisboa
1875-Referenciação textual
1863- Referenciação textual
1824 - Referenciação textual
1821/1823 - Pinturas
1816 - Carta Topográfica Militar

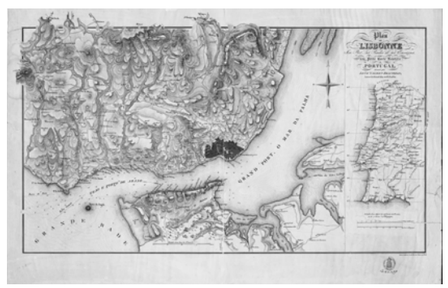
1893 - Carta dos Arredores de Lisboa
1865 - Referenciação textual
1857 - Plano Hydrográfico da Barra do Porto de Lisboa
1856/1966 - Carta Chorographica dos Terrenos em volta de Lisboa
1847/1950 - Carta das Margens Norte e Sul do Porto e Barra de Lisboa
1844 - Margem Norte do Porto e Barra de Lisboa
1833 - Representação da Barra de Lisboa
1818 - Referenciação textual
1811 - Carta Geral que compreende os Planos das principais Barras da Costa de Portugal

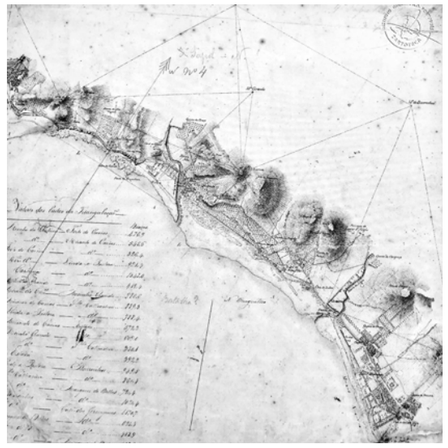
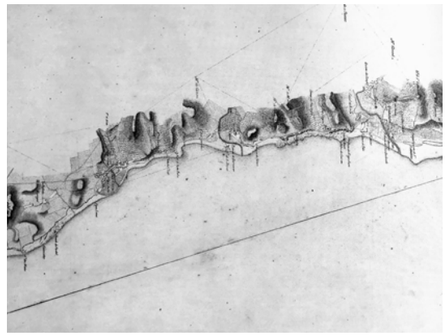


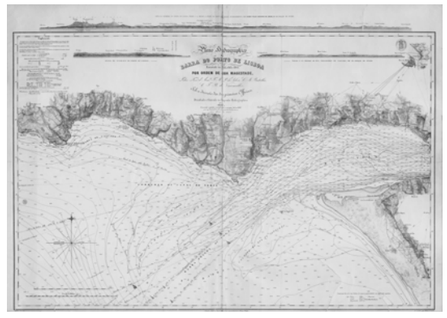
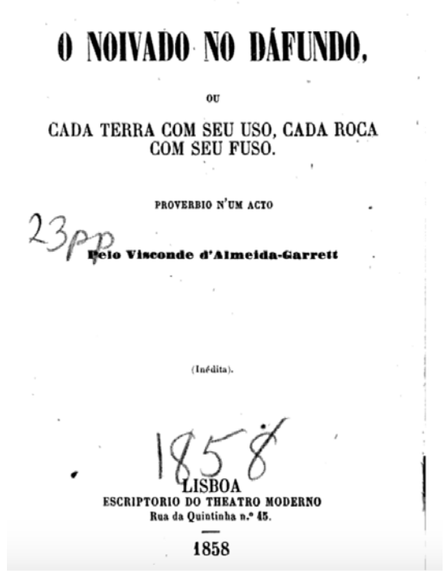
Casal da Costa
Quinta do Rodízio
Quinta da Graça

Convento da Nossa Senhora da Boa Viagem
Forte da Nossa Senhora da Boa Viagem
Quinta do Sapateiro
Rio do Jamor
Estação de Comboio
Fábrica de Cortumes
Villa Ramos
Forte de Santa Catarina
Ponte de Cruz Quebrada
Moinho de Santa Catarina
Convento de Santa Catarina de Ribamar

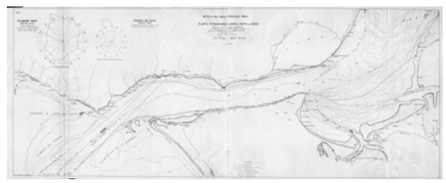
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1811	Cartografia	“Carta geral que compreende os Planos das principais Barras da Costa de Portugal”, assinala-se na área de estudo, os conventos da Boa Viagem e Santa Catarina de Ribamar, as fortificações marítimas e a existência de um mirante no Alto da Boa Viagem		Marino Miguel Franzini	FRANZINI, Marino - Carta Geral que comprehende os Planos das Principais Barras da Costa de Portugal Aqual se refere à Carta Reduxida da mesma Costa Construída por Marino Miguel Franzini - Major do Real Corpo de Engenheiros. 1811 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 1075 A.
1816	Cartografia	“Carta Topográfica Militar”, assinala-se na área de estudo, as fortificações marítimas de Cruz Quebrada e da N. S. da Boa Viagem, como também a habitação do Conde de Villa Flor		José Maria das Neves Costa	BOIÇA, Joaquim - Carta Topográfica Militar do Terreno da Península de Setúbal **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1816	Cartografia	Planta da Barra de Lisboa, assinala-se na área de estudo, os conventos da Boa Viagem e Santa Catarina de Ribamar, as fortificações marítimas, as escadas de Jacob e a existência de um mirante no Alto da Boa Viagem		Marino Miguel Franzini	FRANZINI, Marino - Plano que comprehende huma parte do Rio Tejo e a Barra de Lisboa. 1816 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 816//2 V.
1818	Referenciação textual das Irmandades em Carnaxide com os respetivos conventos e ermidas	Transcrição: - “Tem duas irmandade, a do Santissimo, e a das Almas (…) e distribuídos pelos lugares de Algez, Alfragide, Barronhos, Jamor, Ninha a Pastora, Ninha a velha, Outorella, Queijas, Romeiras.” - “Conventos - Nossa Senhora da Boa Viagem. De religiosos Arrabidos. Fica legua e meia affastado de Lisboa para a parte da foz do Tejo, e fundado á borda d’elle desde o anno de 1618. Santa Catarina de Ribamar. Dos ditos religiosos Arrabidos, e pouco distante do da Senhora da Boa Viagem; porem fundado sobre a elevação de um monte sobranceiro ao mesmo rio, desde o ano de 1551.” - “Ermidas - Santo Antonio. Na quinta do Rodisio. (…) Nossa Senhora da Graça. Na quinta dos religiosos da Graça. (…) Nossa Senhora da Salvação. No convento de Santa Catharina.”		João Bautista de Castro	CASTRO, João - Carnaxide **in Mappa de Portugal Antigo e Moderno.** (Parte V). Lisboa. Tipografia do Panorama. 1818. p.28 - Lisboa, BN, Cota: ca-613-p

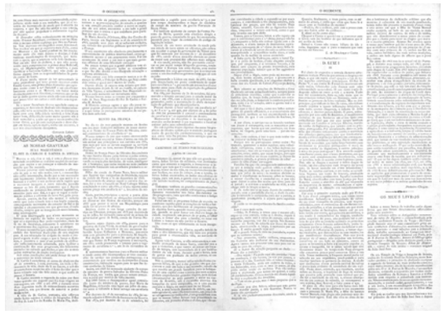
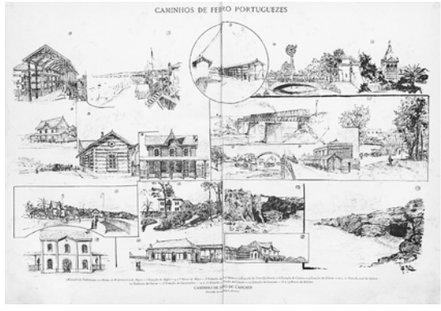
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1821/1823	Pintura	Representação de uma mulher e uma família de pescadores em Paço de Arcos e Pedrouços. Imagem 1 - “a Fisherman wife of Paço d’Arcos” Imagem 2 - “a Fisherman and his Family in the neighborhood of Pedrouços”		Marianne Baillie	BAILLIE, Marianne - Original Sketches of Portuguese Costume. 1821-1823. nr.8 e 11 - Lisboa, BN, Cota: ds-xix-282
1824	Referenciação textual da descoberta da imagem da N.S. da Conceição da Rocha	Transcrição: “Narração da Descuberta da Imagem N.S. da Conceição da Rocha em o Dia 31 de Maio de 1822 na ribeira do Jamor, freguesia de Carnaxide, Termo de Oerias, a duas Leguas de Lisboa: com a descripção do que se tem passado ate’ 29 de Agosto de 1824”, descreve a descoberta de uma gruta onde encontraram a imagem de N. S. da Conceição da Rocha, vários pedaços de louça, e algumas pedras lisas e redondas. É também descrito o processo de veneração e sucessivas intervenções no local, por exemplo, “Entra-se por huma abertura, que tem até à porta, de quinze palmos de compido, e tres e meio de largo”, ou, “As obras consistião em huma muralha na margem do mesmo rio para vedar as agoas”, ou ainda, “(…)a muralha em parte cinco a seis palmos de alto.”. A imagem da Santa foi posteriormente transferida para a Sé de Lisboa.		-	[s.n.] - Narração da Descuberta da Imagem N.S. da Conceição da Rocha. Porto: Imprensa do Gandra, 1824. 32 P. - Lisboa, BN, Cota: hg-1663-3-p
1833	Cartografia	Representação da Barra de Lisboa, na área de estudo, assinala-se as fortificações marítimas de Cruz Quebrada e da N. S. da Boa Viagem, e o convento da N.S. da Boa Viagem		Calmete Beauvoisin	BEAUVOISIN, Calmete - Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routiere du Portugal. 1833 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 1073 R.

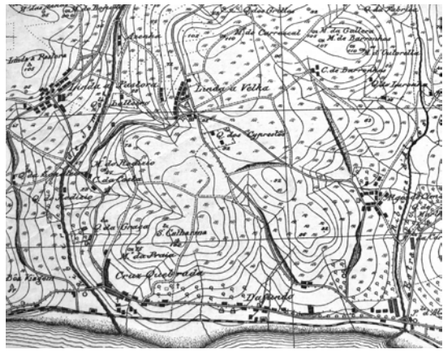
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1844	Cartografia	Margem Norte do Porto e Barra de Lisboa		José Carlos Conrado Chelmick	BOIÇA, Joaquim - 4º Papel de Prancheta da Margem Norte do Porto e Barra de Lisboa **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1847/1850	Cartografia	Carta das Margens Norte e Sul do Porto e Barra de Lisboa		Caetano Maria Batalha	BOIÇA, Joaquim - Carta das Margens Norte e Sul do Porto e Barra de Lisboa - Folha 5 **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1856/1866	Cartografia	"Carta Chorographica dos Terrenos em volta de Lisboa", onde se encontra representado o convento de Santa Catarina, a quinta dos Ciprestes e diversos edificados na área de Cruz Quebrada	 	Filipe de Sousa Folque	FOLQUE, Filipe - Carta Chorographica dos Terrenos em volta de Lisboa. 1856-1866 - Lisboa, BN, Cota: C.C. 1814 A.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1857	Cartografia	“Plano Hydrográfico da Barra do Porto de Lisboa”	 	Francisco Maria Pereira da Silva, Caetano Maria Batalha e Carlos Federico Botelho Vasconcelos	PEREIRA DA SILVA, Francisco Maria. BATALHA, Caetano Maria. VASCONCELOS, Carlos Federico - Plano Hydrográfico da Barra do Porto de Lisboa. 1857 - Lisboa, IGP, Cota: 10CP2
1858	Peça de Teatro	Peça de Teatro escrita por Almeida Garrett. Retrata uma sátira ao novo-riquismo do século XIX através da narração de um noivado. Anna Máxima, apreciadora de tudo o que é francesismo, organiza para a filha Adélia um noivado à francesa nas praias do Dafundo. Adélia, insatisfeita com um casamento por dinheiro, percebe que a falta de sentimentos do noivo é recíproca. Enquanto Antunes, empregado do pai, tem no seu coração lugar cativo por Adélia. O noivo acaba por abandonar o noivado, e Adélia acaba por agendar o casamento com Antunes. -“ANTUNES(cantando). Ulisses que tinha andado Por este e pelo outro mundo Quando quiz fundar Lisboa, Veio ás praias do Dáfundo. CORO. Veio ás praias do Dáfundo. ANTUNES. E ao cimo da Cotovia Não foi o Grego facundo Sem parar aqui primeiro N’estas praias do Dáfundo! CORO. Oh! que praias do Dáfundo!” - “PANTALEÃO. Eu que lhe heide fazer, homem? Elle esteve em Paris, sabe todas estas modas, todos estes usos que eu não sei. - E d’ahi ellas tapam-me logo a bôcca - Que em França que é assim, que se faz assado, que eu que não sei viver, que os invergonho, que os nossos costumes e usos velhos que são para jarrêtas… AUGUSTO. Os nossos usos! Mas cada terra… PANTALEÃO. Com seu uso. AUGUSTO. E cada roca… PANTALEÃO. Com seu fuso. (…)”	 THEATRO MODERNO. O NOIVADO NO DÁFUNDO, OU CADA TERRA COM SEU USO, CADA ROCA COM SEU FUSO. PROVERBIO N’UM ACTO Pelo Visconde d’Almeida-Garrett (Inédita). 1858 LISBOA ESCRIPTORIO DO THEATRO MODERNO Rua da Quintinha n.º 45. 1858	Almeida Garrett	GARRETT, Almeida - O Noivado no Dáfundo ou cada terra com seu urso, cada rosa com seu fuso **in Theatro.** (Vol.5) Lisboa: Escriptório do Theatro Moderno, 1858. 160 P. - Lisboa, Biblioteca Municipal de Mafra, Cota: 821.134.3-2 GAR

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1863	Artigo de Semanário Ilustrado sobre Cruz Quebrada	Transcrição: -"Pouco além de Santa Catarina de Ribamar está um sítio chamado o Dáfundo, baixo, porém muito aprazível, porque de um lado acompanham a estrada as praias do Tejo, resplandecentes de altura, e do outro guarnecem-n'a três casas de campo e duas lindas quintas, de cujos muros se debruçam arvores que vem contender com as que orlam a mesma estrada.(…) ficam rodeadas de jardins, ou dos arvoredos das quintas."; -"O Dáfundo é sitio muito concorrido dos habitantes de Lisboa, como logar de repoiso e de refeição no fim de um passeio campestre, ou na volta de uma caçada ou pescaria(…)"; -"Cruz Quebrada. É uma pequena povoação composta de algumas poucas casas à beira da estrada (…) Tem duas fabricas de costumes, e um forte denominado da Cruz Quebrada. Está construído este logar na extremidade de um valle, onde corre a ribeira de Jamor, que ahi entra no Tejo por baixo de uma ponte de pedra. Descobrem-se d'este logar para o norte Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide; todas as três mui graciosa e pitorescamente sentadas em terreno accidentado, e cercadas de pomares, prados e collinas bem cultivados." -"Há aqui uma curiosidade natural, a que veio juntar-se uma lenda religiosa, (…) a gruta onde appareceu a pequenina imagem da Virgem (…) Desde então a concurrencia foi cada vez a mais, não só dos logares visinhos, mas também de Lisboa, e de muitas outras terras da Estremadura. Aquele sítio deserto transformou-se n'um immenso povoado, onde se viam representadas diária e promiscuamente todas as classes da sociedade. Era um grande arraial permanente, composto de operarios, artistas, lavradores, desembargadores, militares, padres, bispos, prelados das ordens religiosas, titulares e ministros de estado."	 47 ARCHIVO PITTORESCO 369 Paço de Cintra e forte de S. Bruno FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA INEDITO ARRABALDES DE LISBOA (Vid. pag. 323) II ARRABALDES DE OESTE Na primeira parte d'este capitulo, dedicada aos arrabaldes do norte, deixamos de fallar de muitas povoações suburbanas, porque não entra no plano d'esta obra tratar de todas, como uma chorographia, mas só d'aquellas que sobresaem por seus monumentos ou memorias historicas, por quaesquer edificios ou quintas notaveis, e por bellezas de situação ou curiosidades naturaes. Esta razão nos continuará a guiar nas digressões que vamos fazer pelos outros arrabaldes; porem, como não temos a presumpção de suppor que nos não escape alguma cousa digna de menção, devemos confessar que, em tal caso, não temos d'ella noticia, ou nos falhou a memoria. Tambem nos julgámos obrigados a dar aqui uma explicação por conseguinte pelo logar de Pedrouços esta digressão, deixando Belem para traz, como bairro da cidade. Todas as capitaes, e quaesquer grandes cidades, no seu progressivo e natural crescimento, vão absorvendo em si as povoações mais visinhas. Não é necessario citar exemplos de paizes estrandos: a nossa Lisboa de hoje é um aggregado de povoações que foram arrabaldes da Lisboa antiga. Quando esta rompeu a cinta de muros com que a apertavam os mouros, absorveu *Villa Verde*, *Villa Quente*, *Villa Nova de Gibraltar*, e outras povoações; e assim que não poude para a conter a larga cerca de muros del-rei D. Fernando, trasbordou por cima d'elles, e recebeu no seu recinto *Villa Nova d'Andrade*, e muitos outros logares que pouco antes eram arrabaldes. O terremoto de 1755 foi causa de que uma grande parte dos habitantes se fossem abrigar em barracas de lona nos sitios visinhos á cidade, onde não havia edificações, nem ruinas por consequinte. As barracas de loma foram em breve substituidas por outras mais commodas de madeira, e estas foram tambem a seu turno transformadas em casas de pedra e cal. D'est'arte se encorporaram na cidade os suburbios de Buenos Ayres, d'Alvantara, grande porção do de Campolide, etc. Este ultimo nome extendia-se n'aquelle tempo até á cerca do collegio dos jesuitas da Gotovia, hoje Escholla Polytechnica; e esta cerca abrangia todo o terreno que era vemos occupado com casaria desde o pateo do dito edificio até ao chafariz do Rato, construido por el-rei D. João v no angulo do muro da mesma cêrca. O sitio da Gotovia, depois chamado *Patriarchal Queimado*, e ao presente *Praça do Principe Real*, era, com as ruas adjacentes, logar ermo, onde raras edificações se viam. Belem começou a povoar-se pela mesma occasião; porem o que trouxe mais rapido incremento á sua população, foi o estabelecimento definitivo da corte no alto d'Ajuda durante o resto do reinado del-rei D. José, e em quasi todo o da rainha D. Maria I. El-rei D. José annexou este arrabalde a Lisboa, creando por um decreto o bairro de Belem, e não foi isto para lamentar o sitio onde tinha o seu paço, mas sim porque o suburbio, crescendo, se unira á cidade, e porque deixava prevêr, por circumstancias inherentes á sua situação, que no futuro se iria prendendo cada ver mais a Lisboa. Foi isto exactamente o que se realisou. Belem creceu durante aquella epocha e depois d'ella, não obstante a corte ver-se obrigada a deixar a residencia d'Ajuda pelo incendio do palacio real. Em nosso tempo veiu a guerra civil de 1833 construir os mesmos effeitos d'este bairro a abandonal-o, para se recolherem dentro das linhas de defesa, que não poderam abrangel-o toda a cidade por falta de tropas para guarnecer tão extensa area. Avaliada a luta começou a prosar-se de novo aquelle bairro, e o que, desde então até hoje, tem crescido em edificios e popularão todos o vêm, e podem attestar. E assim ha de continuar a engrandecer-se, porque a experiencia de todos os tempos, e em todos os paizes, nos mostra que a tendencia natural das povoações no seu desenvolvimento é estenderem-se mais para oeste, pela mesma obvia de que é sempre o lado mais alegre, pois que o alluminam com maior brilho nas ultimas horas do dia os resplandores do sol, declinando para o occaso. Em taes circumstancias julgámos desarrazoada a dis-	L. de Viliena Barbosa	BARBOSA, L. de Viliena - Fragmentos de um roteiro de Lisboa: arrabaldes de Lisboa **in Arquivo Pittoresco: Seminário Ilustrado.** (Vol.6). Lisboa: Typ. de Castro & Irmão, 1863. p.371 e 372 - consulta online: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArquivoP/1863/TomoVI/N47/N47_item1/index.html (03/01/2020)
1865	Referenciação textual - trabalhos literarios	Transcrição: "Praias: Pelo que se compreende Cruz Quebrada, Dafundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés tudo ao sul da freguesia. Na Cruz Quebrada existem duas excelentes fabricas de cortumes pertencentes, uma aos empreendedores caritativos e patriotas srs. Irmãos Godinhos e outra ao também empreendedor e bemfazejo, o sr Fortunato Simões de Bono Gameiro. Cada uma d´essas fabricas ocupa mais de trinta operários, não falando dos que trabalham nas quintas e jardins e os trabalhos nas quintas dos srs Machados, muito têm feito prosperar esta povoação na qual são as quintas e palacetes do sr conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, com uma capela em que a imagem do Senhor dos Aflitos que, outrora a teve sua ermida junto ao convento de Santa Catharina, é ali hoje venerada com uma festa anual muito concorrida e muita devoção e promessas de fieis da capital e arredores: do sr. marques de Pombal, do sr visconde de Ribamar, almirante da armada portuguesa, sendo do palacete, as paredes da sala principal todas revestidas de uma pintura antiga de algum merecimento. Perto da Cruz Quebrada fica a quinta e casal do Esteiro outrora da casa de Lafões e hoje do honrado negociante de primeira ordem o sr Manuel José Machado, a quem a Cruz Quebrada muito deve, como também a seu sobrinho o sr João José Machado dono da quinta da Graça, digna d´esse nome pela formosura do palácio, um dos mais ricos dos arredores de Lisboa e beleza da quinta de bons arvoredos, jardim, estufa, lagos, pomares tudo tratado com exemplar esmero. Esta quinta em que havia uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Graça, e de que o sr Machado conserva um grande quadro dos Magos, de bastante merecimento, pertencia antigamente aos gracianos, que ali vinham residir no verão, e em cuja ermida bispos d´aquela ordem muitas vezes crismaram.	Padre Francisco da Silva Figueira	FIGUEIRA, Francisco - **Os Primeiros Trabalhos Literarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. p.44 a 46. - Oeiras, Biblioteca Municipal de Oeiras, Cota: DEP HIS-LOC 1447

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			Dafundo, é assim chamado o sitio defronte de qual no tempo da nossa gloria naval costumavam fundear as esquadras para ir fazer aguada a maruja ao chafariz, que d´ela, como a vizinha estrada, que da cruz de S. José conduz a Linda Velha, tomou o nome correndo então abundante, e hoje mui escasso. Corre este chafariz da maruja junto da residência campestre dos srs Palhas, formosa nas quintas e jardins pelos belos e bem assombrados arruamentos, e pela extensa e vistosissima varanda sobre a estrada real e Tejo; e no palácio verdadeiramente magnifico pela extensão, beleza e rica decoração das salas. (…) Alem deste forte, e do de S. José havia mais o de Nossa Senhora da Boa Viagem, que desapareceu com os cortes para o projectado caminho de ferro de Sintra, e existe ainda o de Santa Catharina ou da Cruz Quebrada, de que é comandante o sr. D. Pedro de Moscoso. Estes fortes como quasi todos entre Cascais e S. Julião e desde esta fortaleza até Xabregas, a instâncias do conde de Schomberg, foram levantados pelo fim do reinado de D. Affonso VI ou principio do de D Pedro II. A linha de Praias da freguesia de Carnaxide sem duvida as mais bellas do Tejo, e por isso muito concorridas de verão corre desde a ponte de Algés até á Boa Viagem, outrora convento, e que hoje, propriedade dos herdeiros do falecido par do reino o sr. Faustino da Gama, é uma das mais aprazíveis estações de banhos porque, mui levantada gosa bella vista de terra, e a mais surpreendente do Tejo e oceano.”		
1865	Referenciação textual - trabalhos literarios	Transcrição: -“(…)até à Cruz Quebrada à beiramar, sendo atravessado pelo rio Jamor, e formando um trato de terreno preciosissimo; (…) o de Linda Velha, apertado entre elevados montes de um terreno argillocalcareo, muito bem cultivado e de uma prodigiosa fecundidade ; o Valle de Cano, quasi da mesma natureza do de Linda Velha, e que, também apertado entre montes, vae terminar à Boa Viagem.” -“Afora 36 fogos ou famílias, dispersas em casaes, quintas e azenhas por toda a freguezia, consta esta dos logares de Carnaxide (…) Linda Velha, Linda Pastora, Queijas e Praias, que comprehende Cruz Quebrada, Dáfundo, S.José de Ribamar e Ponte de Algés. São dois os seus principaes rios, ou antes riachos, poisque de verão, aindaque não seccam de todo, é suspendida a sua corrente (…) são elles: Jamor e rio de Algés.” -“Aves tem muitas esta freguesia em suas ribeiras, sendo as mais notáveis entre as que por ahi adejam, a arvoela de peito amarello, enquanto a commum o tem branco, e o picapeixes, talvez no nosso pais a ave de mais linda plumagem; em seus bosques, povoados de muitas especies, que com seus gorgeios fazem na primavera passar horas de doce enlevo a quem as escuta; e em seus montes, em que também diversas especies alegram com seus cantos mais simples, mas de algumas temem muito estendidos e variados. Em vegetação abundantíssima esta freguezia, cujo terreno feracissmo (…) sendo admirável a quantidade de variadissimas flores de que na primavera se matizastes campos (…) fazer ampla colheita n’esses jardins naturaes, que também muito enlevam os estrangeiros que ás vezes com suas famílias por aqui vem folgar.”	Padre Francisco da Silva Figueira	FIGUEIRA, Francisco - **Os Primeiros Trabalhos Literarios.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1865. p.49. - Oeiras, Biblioteca Municipal de Oeiras, Cota: DEP HIS-LOC 1447
1875	Referenciação textual - Romanceiro	Transcrição: “Quem desce Tejo abaixo...e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitando os sítios que, depois de Sintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos de mar povoam aqueles belos ermos (...) Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. (...) À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastoado na verdura viçosa e florida da Primavera (…)“.	Almeida Garrett	GARRETT, Almeida - Linda-a-Pastora **in Romanceiro.** Edições Vercial, 2014. p.201. Consultado (27/5/20). Disponível em: https://books.google.pt/books/about/Romanceiro. html?id=gnGAAgAAQBAJ&redir_esc=y
1878/1879	Cartografia	“Planta Hydrographica da Barra e Porto de Lisboa”		João Mendes Guerreiro	GUERREIRO, João - Planta Hydrographica da Barra e Porto de Lisboa. 1678-1879 - Lisboa, BN, COTA:C.C. 998 R., consulta online: http://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=157U6AM177611.70937&profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!319469~!0&ri=1&aspect=subtab89&menu=tab19&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=barra+de+lisboa&index=.GW&uindex=&aspect=subtab89&menu=search&ri=1&limitbox_1=COL01+=+CARTOG (20/12/2019)

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1889	Artigo de Revista “O Ocidente” sobre a Estação de Cruz Quebrada	Transcrição: -“Faltavam-nos as pequenas linhas de recreio, os comboios rápidos para as estações de verão e balneares, que nos facilitassem as pequenas viagens, de algumas horas, quando menos se pensa em viajar, quando se quer fumar um charuto longe da cidade, respirando um pouco de ar puro, e voltar a casa, a tomar cha com a família, ou estar em Lisboa a tempo de não perder o theatro.” -“Mais adiante as estações do Dáfundo e Cruz Quebrada servem estas localidades, sempre junto ás principaes avenidas, coloque a convidar as famílias que, de braço dado, passeiam nas estradas ou pela praia, a tomarem o comboio para Caxias, onde é a 3.ª estação, entre a quinta real e o forte do Bruno. Até aqui a via é dupla, como nas linhas estrangeiras de grande affluenciá, e a concorrencia dos passageiros também se vae encaminhando a dar uma ideia do que é um caminho de baulieue, lá fóra.”	 	L. de Mendonça e Costa	MENDONÇA E COSTA, L. de. Caminhos de Ferros Portuguezes **in O occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro.** Lisboa: Empreza do Occidente, 11 de Novembro de 1889. p.251 a 253 - consulta online: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1889/N392/N392_master/N392.pdf (09/11/2019)
1890	Estação de Comboios de Algés	Fotografia da Estação de Comboios de Algés		Alexandre Cunha	CUNHA, Alexandre - Estação de Comboios de Algés - Lisboa, CML, Cod: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/000246
1893	Cartografia	“Carta dos Arredores de Lisboa”		M.Diniz	BOIÇA, Joaquim Manuel. Carta dos Arredores de Lisboa, Folha 2 **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1895	Fotografias	Ruína da ponte do comboio devido às cheias do Jamor		José Chaves Cruz	Ruína da ponte do comboio devido às cheias do Jamor. CRUZ, José Chaves. 1895. Consultado em:Lisboa, CML, Cod: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/CRU/000723
1899	Poema	O Mensageiro de Fez - poema de Thornaz Ribeiro	Transcrição: “São dois de Maio; do mez festivo; do mez das nupcias, do mez do amor. Prados, tão longos que a vista os perde, vestem seus mantos de seda verde, bordados todos de esmalte vivo de tanto ouro! de tanta flôr! de quantos lyrios! de quanta côr!... azul e roxo, branco e escarlata... uma loucura de tons e flores! côres que cegam, cintas de prata, vozes que riem, vozes que adoram... uns desafios! - uma bravata!...	Thornaz Ribeiro	GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.67

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

O’Maio! ó doido mez dos amores,
de ti no rio re-se a cascata.

Dos brandos trigos, dos cevadaes
compraz-se a briza nas verdes ondas.
Na encosta agreste cantam pastôres
bandos de moças cantam nas mondas;
cantam nas hortas as lavadeiras;
o arrais, na barca e o pescador;
no rio, as aves e as lavadeiras.

As verdes margens d’esse Jamor,
que são viveiros de tantas aves,
que são canteiros de tanta flôr,
beijae-as muito, brizas suaves!...

Abraçando o jardim corre o Jamor,
o rumoroso rio,
collar de per’las finas, e brilhantes,
côro ás aves, no brando murmurio.
De montante uma ponte ampla e formosa
seus braços descançando em dura penha,
a solidão contempla e ouve os segredos
das aves e do rio. Do outro lado...
vê-se e ouve-se... - Ó Deus! Sitio encantado!
a faiscante cascata d’uma azenha
entre uma densa moita de arvoredos.

De Ribamar subindo a encosta árida, Íngreme
erguida entre os marneis d’Algés e do Jamor,
no tempo em que regia o povo lusitano
e o seu encantador, prosperrimo paiz,
Sua Mercê El-Rei D.João, mestre d’Aviz,
- grande pae, grande rei, grandíssimo senhor,
nas batalhas - leão, na paz - honrado e
humano,
encontrava-se ao topo da inhospita collina
um palácio vetusto a ameaçar ruina.
D’ali via-se o Tejo, a barra e o largo oceano...

De Queluz, o Jamor, à Cruz Quebrada
deriva entre rochedos cavernosos
e, mais do que se pensa, numerosos.
No ponto mais visinho
do curral do rebanho, e da morada
da Pastora, Pacheco achou seu ninho
difficil d’encontrar, por ter entrada
só de rastos possível; irriçada
de farpados pedrões na extensa via.
E na margem do rio a brenha irsuta,
um tufo de silvedos e salgueiros,
tapava a estreita bocca d’essa gruta”.

1939
1930
1920
1910
1900

1937 - Crítica de Caldeira Cabral que posteriormente assume o projeto
1936 - Memória Descritiva de Jorge Segurado
1935 - Propostas para o Estádio Nacional
1934 - Abertura do Concurso para a construção do Estádio Nacional
1933 - Congresso dos Clubes Desportivos
1934 - Fotografia Aérea do Vale e Referência textual
1936 - Lista de Expropriações
1934 - Fotografia Aérea do Vale
1932 - Carta Corográfica de Portugal
1929 - Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa
1933 - Anúncio Publicitário
1926 -Pinturas
1925 -Postais Ilustrados
1923 -Postais Ilustrados
1920 -Postais Ilustrados
1915 -Postais Ilustrados
1910 - Referenciação textual
1910 - Postais Ilustrados
1906 - Postal Ilustrado
1900 - Postais Ilustrados
1900 - Postais Ilustrados

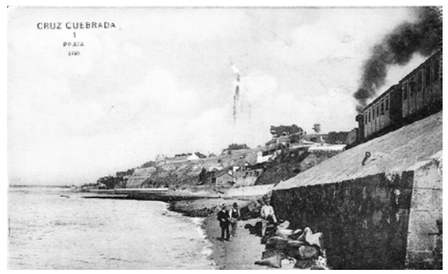


Quinta do Balteiro
Quinta das Biscoteiras
Casal da Costa
Quinta do Rodízio
Quinta da Graça
Casal do Esteiro
Casas da "Rua Fresca"
Palecete de Santa Sofia
Campo dos Ingleses/Fermentos Holandeses
Cine-Praia
Praia e Colonia Balnear Infantil

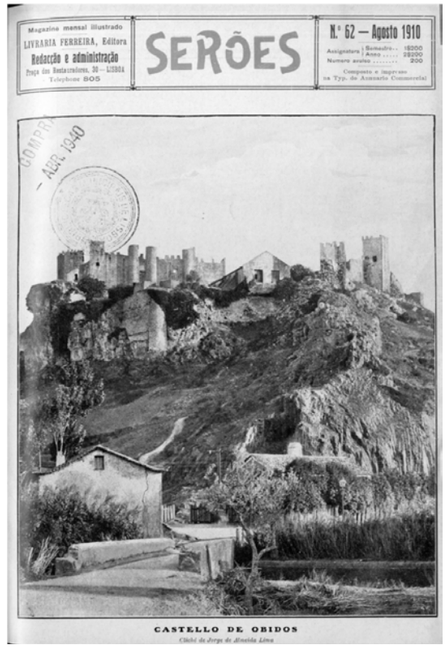
Complexo Desportivo
Villa da Boa Viagem
Quinta de S.José
Forte da Nossa Senhora da Boa Viagem
Rio do Jamor
Estação de Comboio
Fábrica de Cortumes
Villa Ramos
Ponte de Cruz Quebrada
Palácio de Santa Catarina
Moinho do Monte da Praia
Moinho de Santa Catarina

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1900	Postal Ilustrado - Ponte do Comboio	Ponte do Comboio antes da derrocada devido às cheias do Rio Jamor		-	A ver Navios. Lisboa. Paulo Guedes e Saraiva Papelaria e Typographia. 1900
1900	Postal Ilustrado - Paisagem junto ao Jamor	Carnaxide: Paisagem junto ao Jamor		-	Carnaxide: Paisagem junto ao Jamor. Union Postale Universelle. 1900.
19--/1920	Fotografias da Ponte pedonal de Algés	Linha de caminho de ferro em Algés, estação e a antiga passagem pedonal superior, removida aquando da electrificação da linha em 1926	 	José Chaves Cruz	Fig.1 - CRUZ, José - Linha de caminho de ferro. 19… - Lisboa, CML, Cód: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/CRU/000386 Fig.2 - Ponte pedonal para a praia de Algés. 1920. Consultado em (09/11/2019). Disponível online: https://lisboadeantigamente.blogspot.com/search?q=ponte+de+algés.
19--	Postal Ilustrado - Estação de Comboio Algés	"A inauguração do comboio de Cascais data de Setembro de 1889, sendo então Pedrouços uma estação terminal, devendo os passageiros com destino a Lisboa fazer transbordo para barcos a vapor"		-	MARTINS, F. A. (Eds). Algés (Arredores de Lisboa): Estação do Caminho de Ferro e Praia in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Postal Ilustrado - Cháles na Avenida Ivens	Avenida Ivens, “Foi-lhe atribuída esta denominação pelo facto de o explorador português do Continente Africano Roberto Ivens ter vivido numa vivenda que aqui fez construir, rodeada de grande jardim, onde faleceu a 28 de Janeiro de 1898. Atual Estrada Marginal.”		-	Tabacaria Rocha. Lisboa: Dafundo - Avenida Ivens in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
19--	Postal Ilustrado - Rio e Ponte	Cruz Quebrada - Rio e Ponte, “Em primeiro plano o Forte de Santa Catarina (demolido). Pertenceu ao Barão de Sabroso, João Infante de La Cerda de Sousa Tavares Pizarro. Foi depois do Dr. Bernardino Machado. Por detrás do forte vê-se o edifício da Quinta de Santa Sofia, um dos mais interessantes palacetes dos finais do século XIX no conselho de Oeiras, construído segundo projeto do arquiteto José Luiz Monteiro (1848-1942).”		-	Tabacaria Rocha. Portugal: Cruz Quebrada - Rio e Ponte in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
19--	Postal Ilustrado - Margens Rio Jamor	Cruz Quebrada - Vista Panorâmica		-	Tabacaria Rocha. Portugal: Cruz Quebrada - Vista Panorâmica in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
19--	Postal Ilustrado - Ponte do Rio Jamor	Rocha - Ponte do Rio Jamor		-	FIGUEIREDO, João. SANTOS, Sofia - **Memórias de Carnaxide : da ocupação à sobrevalorização.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2005. p.13

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1905	Postal Ilustrado - Avenida Dafundo	Dafundo (arredores de Lisboa) Avenida		-	[s.n.] - Dafundo (arredores de Lisboa) avenida. Lisboa: Postal Union Postale Universelle, 1905.
1906	Postal Ilustrado - Praia da Cruz Quebrada	Praia da Cruz Quebrada		-	[s.n.] - Cruz Quebrada 1, Praia. Lisboa: Union Postale Universelle, 1906.
1906	Postal Ilustrado - Praia da Cruz Quebrada	Cruz Quebrada, campo dos Ingleses		-	[s.n.] - Cruz Quebrada, campo dos Ingleses. Lisboa: Union Postale Universelle, 1906.

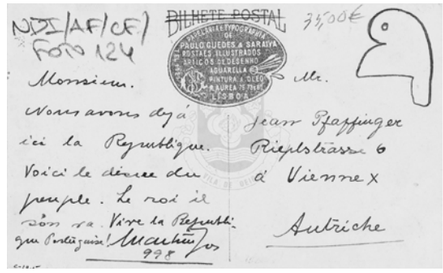
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1907	Postal Ilustrado - Chalet Ivens	Dafundo, Chalet Ivens.		-	Dafundo, Chalet Ivens. Fonte: [s.n.] - Union Postale Universelle. Bilhete Postal: 2034. Lisboa: Martins, F. A.,1907. Consultado em: Arquivo Municipal de Oeiras, ref. (PT/MOER/MO/NF/003/000131);
191-	Postal Ilustrado - Rio Jamor	Vivência do Rio Jamor		-	Pap. Typ. de Paulo Guedes & Saraiva. Portugal: Cruz Quebrada - Rio Jamor in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da Grande Lisboa.** Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
191-	Rio Jamor	Rio Jamor no atravessamento do palácio de Queluz		Casa Fotográfica Garcia Nunes	NUNES, Garcia. Rio Jamor no atravessamento do palácio de Queluz. - Lisboa, CML, Cod: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/NUN/000026
1910	Postal Ilustrado - Caminho de Linda-a-Velha para o Santuário da S. da Rocha	Caminho de Linda-a-Velha para Carnaxide.		-	Caminho de Linda-a-Velha para Carnaxide. Lisboa: Bertrand Irmãos Ld, 1910.

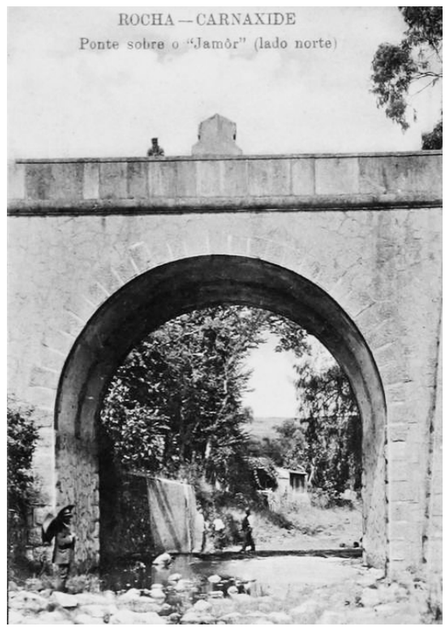
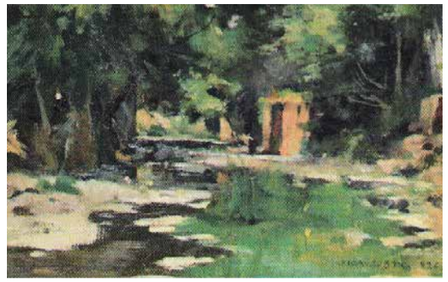
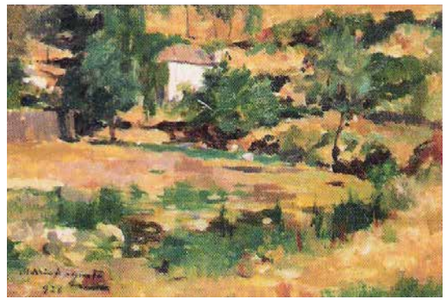
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1910	Postal Ilustrado - Vista sobre o Rio Jamor	Vista sobre o Rio Jamor - Santuário da Rocha		-	Vista sobre o Rio Jamor, Santuário da Rocha, 1910. Consultado em: Arquivo Municipal de Oeiras - ref. (PT/MOER/MO/NF/003/000115);
1910	Postal Ilustrado - Chafariz da Ponte de Cruz Quebrada	Chafariz da Ponte de Cruz Quebrada		-	Chafariz da Ponte de Cruz Quebrada. Lisboa: Edição de Paulo Guedes e Saraiva Lisboa, 1910.
1910	Artigo da Revista Serões	"Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada" - Paisagem do Vale Transcrição: -"(…) dos campos desarborizados que se estendem em volta da linda cidade do Tejo (…) surgem de longe em longe uns pequenos oásis, formosos e pittorescos, onde a arvore vetusta, o choupo de folhas ondulantes ao sopro da viração, uma ou outra quinta de vicejantes e frondosas sombras, um regato, uma fonte, uma aldeola, põem na paisagem, em geral desoladora e triste, uma nota encantadora, pittoresca e poética"; -"(…) deliciosa Linda-a-Pastora, que se reclina n'um amphiteatro ridente, até ás sombras amenas da Cruz Quebrada (…)"; -"A estrada é boa, alegra, soalheira, sem uma arvore, subindo sempre, até se deparar, à esquerda do caminho, com a pequena ermida e o seu adro (…)"; -"A industria fabril assentou arraiais na pittoresca aldeola(…)"; -"Chegando o passeante ao alto d'este cabeço, mal transpõe o fim do pequenino povoado, que panorama surprehendente se lhe depára! E um vasto horizonte, coroado ao longe pelos cabeços e lombas escalvadas (…)"; -"(…) em baixo, o curso sinuoso do Jamor, que no verão e quasi enxuto e pantanoso, serpeando entre arvores e quintas magnificas, como as da Graça e do Rodízio, coroado por singelas e velhas, e no meio a grande egreja nova da		Victor Ribeiro	RIBEIRO, Vitor - Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada **in Serões Revista Mensal Ilustrada.** Nº62. Lisboa: Livraria Ferreira, Agosto de 1910. p.83 à 87 - Oeiras, Biblioteca Municipal de Oeiras

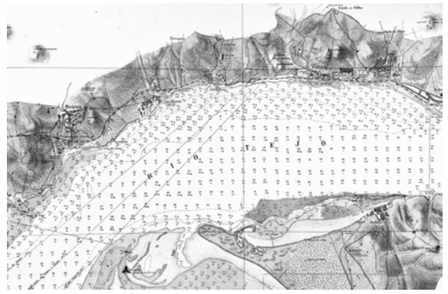
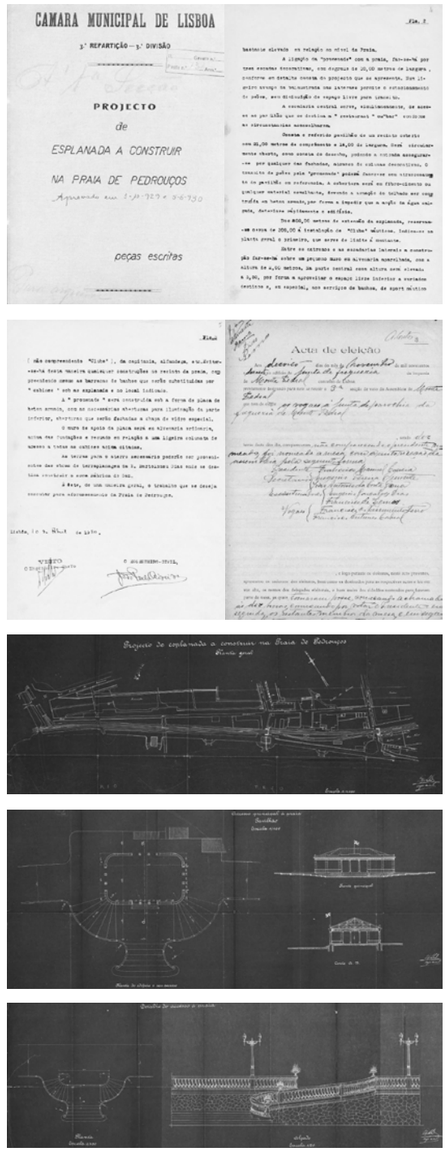
Senhora da Rocha, com sua fonte de magnifica agua, e jardimsinho tão sorridente e ameno.”;
-“Na Rocha, formou-se a lenda do apparecimento de uma imagem n’uma pequena gruta (…) o poeta Thomaz Ribeiro, quem para atender aos pedidos d’aquelles povos promoveu a edificação da Rocha ou da Senhora Apparecida. Levantou-se um templo de linhas amplas, sobre um largo e uma rampa (…). A poesia do sítio, modesta e simples, ficou tristemente quebrada com a egreja nova, construcção cujo desenho se não accomoda com a singeleza da paizagem e a poética simplicidade aldeã da lenda.”
-“Thomaz Ribeiro adorava o pittoresco do sitio, e dedicou-lhe o seu poemeto - A Rocha (…) <A Rocha, diz elle (…) na sua ermida singela e caricias, com a fonte crystallina, a sua gruta mysteriosa, o seu rio murmuro e transparente, o seu jardim que ajudei a cultivar.>”
-“(…) onde o Jamor, passando sob a ponte da estrada, contorna o pittoresco jardimsinho da capella, e onde, da parte superior, brota entre rochas, uma nascente de agua límpida e puríssima.”
-Trancrição de Almeida Garrett - “(…) mas chegando á ribeira do Jamor, parei extasiado no meio de sua ponte, porque a varzea que d’ahi se entende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma belleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até aos altos onde velejam centenares de moinhos. Arvores grandes e bellas, como rara vez se encontram n’esta província dendroclasta, rodeavam melancolicamente no mais fundo do valle, a velha mansão do Rodízio. (…) suas ruas em socalcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grande massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, pareiraes, jardimsitos, quasi pensís, e uma graça, uma simplicidade alpina.”
-“(…) na Cruz Quebrada, além da antiga ponte havia outra, sobre que passava o comboio, e que ruiu desastrosamente levada por uma impetuosa cheia do Jamor; acha-se ao presente substituída por uma magnifica e extensa ponte de ferro (…)”;
-“uma formosa vista panoramica, que de longe lhe mostra n’um saudoso e rapido perpassar, a ultima perpetiva daquelles lindos e pittorescos arrabaldes da nossa capital (…)”;
-“ Garrett, com o seu fino sentir de artista, dizia que quem desce a margem norte do Tejo, de Lisboa a Belem, Algés, Dafundo e Cruz Quebrada - <tem dado o mais bonito passeio que se póde dar nas visinhanças da capital>.”


Arredores pittorescos de Lisboa
Linda-a-Velha — Carnaxide
— Senhora da Rocha á Cruz Quebrada
ARREDORES PITTORESCOS DE LISBOA

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1914	Fotografia do Café Ribamar	“Em Julho arrancaram no Casino de São José de Ribamar, em Algés, as soirées no Foz Garden «todas as noites explêndidas sessões de animatógrafo na esplanada. Concerto por um sexteto composto de exímios professores e do qual faz parte o primeiro violinista César Lima. Restaurante de primeira ordem com jantares a 9$70 (700 réis)».”	 	Victor Ribeiro	MARQUES, Ricardo. 1914 Portugal no ano da Grande Guerra. Lisboa: Oficina do Livro, 2014. p.152
1915	Postal Ilustrado - Dafundo	Dafundo, em primeiro plano os jardins e chalé Ivens, e em segundo plano os chalés de Bello Horizonte, Bella Vista e Mario Monteiro		-	Portugal: Dafundo. Lisboa. 1910 - Oeiras, CMO, PT/MOER/MO/NF/003/000130
1915	Postal Ilustrado - Antiga Estrada Real	Postal Cruz Quebrada, antiga Estrada Real		-	Postal Nº 12 Cruz Quebrada, antiga Estrada Real. Lisboa: Edição de Paulo Guedes e Saraiva Lisboa, 1915.
1915	Postal Ilustrado - Palácio de Santa Catarina de Ribamar	Vista parcial da rua e do Palácio de Santa Catarina de Ribamar		-	Postal Nº 13 Cruz Quebrada, Palácio de St.ª Catarina. Edição Papelaria e Tipografia Paulo Guedes & Saraiva, 1915. - Oeiras, CMO, PT/MOER/MO/NF/003/000124.

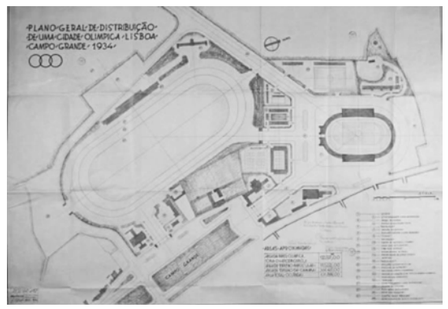
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1920	Postal Ilustrado - Rio Jamor	Cruz Quebrada, Rio Jamor		-	Postal Nº 4460 Cruz Quebrada, Rio Jamor. Lisboa: Edição Malva, 1920.
1923	Postal Ilustrado - Encosta de Santa Catarina de Ribamar	O forte e o palácio encontram-se na encosta de Santa Catarina de Ribamar, no meio de densa vegetação e rodeado por uma muralha	 	-	Castelo de Santa Catarina, Cruz Quebrada. [s.n.], 1923. - Oeiras, CMO, PT/MOER/MO/NF/003/000127

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1925	Postal Ilustrado - Rio Jamor	Vista da ponte sobre o rio Jamor		-	Vista da ponte sobre o rio Jamor, 1925. Autor desconhecido. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/003/000035)
1926	Pintura	O Rio Jamor	 	Mario Augusto	Quadro “O Rio Jamor”. AUGUSTO, Mario. 1926.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1929	Cartografia	Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa		Sob a direcção do Comandante A.F. Lopes (Rodrigues Tomaz, Alves Leite, Oliveira e Trindade, Fonseca Lourenço, Henrique de Brito, Quelhas Lima, Camacho Freitas, Ferreira de Carvalho e Zagalo Silva)	BOIÇA, Joaquim Manuel.Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1929	Projeto (não construído na totalidade e foi destruído com a construção da DocaPesca)	Projeto de Esplanada a construir em Pedrouços		João Paulo Oliveira	Desenhos do Arquivo Municipal de Lisboa

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1932	Cartografia	“Carta Corográfica de Portugal”, Folha 34-C		Instituto Geográfico e Cadastral	BOIÇA, Joaquim Manuel. Carta Corográfica de Portugal - Folha 34-C **in Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
1933	Artigos e Fotografias que relatam a concessão da construção do Estádio Nacional	Congresso dos Clubes Desportivos na qual os organizadores entregam a Salazar um conjunto de pedidos, nomeadamente a construção de um Estádio Nacional: “Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio! Com estas palavras terminou o Sr. Dr. Oliveira Salazar o seu discurso quando, numa apoteóti- ca parada em que tomaram parte todos os agru- pamentos desportivos da capital, o Terreiro do Paço se encheu de uma verdadeira multidão de atletas devidamente uniformizados e medal- hados que iam pedir ao chefe do Governo aquilo que todos os países civilizados já possuem e sem o que não pode preparar-se conveniente- mente a mocidade no que respeita à educação física: um Estádio (...).”		Sob a direcção do Comandante A.F. Lopes (Rodrigues Tomaz, Alves Leite, Oliveira e Trindade, Fonseca Lourenço, Henrique de Brito, Quelhas Lima, Camacho Freitas, Ferreira de Carvalho e Zagalo Silva)	Texto - CRUZ, Luís - O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. p.11. Imagem 1 - Congresso dos Clubes Desportivos 1933. Fonte: Arquivo do Museu Nacional do Desporto Imagem 2 - Discurso de Salazar. Fonte: O Notícias Ilustrado. Nº287. Lisboa: Diário de Notícias, 10 de Dezembro de 1933.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1933	Publicidade	Anúncio Publicitário sobre a Fábrica dos Fermentos Holandeses		-	[s.n.] - Fabrica Portuguesa de Fermentos Holandeses in Diário de Lisboa. Nº 3837, Ano 13. Lisboa: [s.n.], 19 de Julho de 1933. Consultado em: Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos, Disponível em: HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_28814 (2020-9-1)

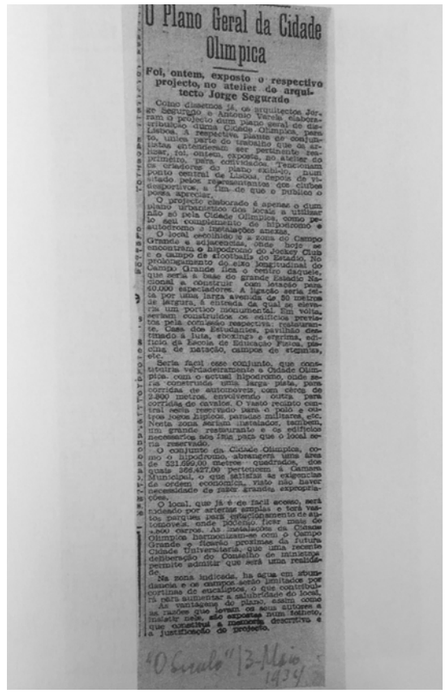
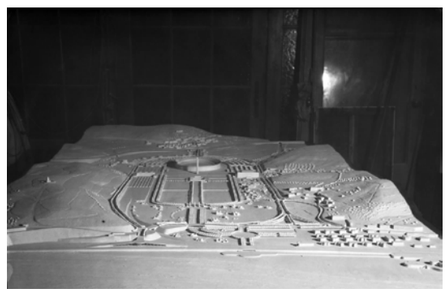
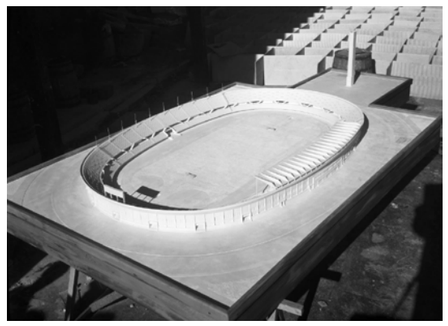
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1934	Fotografia Aérea do Vale do Jamor	Vale do Jamor antes da construção do Estádio Nacional		-	Fotografia Aérea do Vale do Jamor. 1934. Arquivo do Complexo Desportivo Nacional do Jamor.
1933/1934	Fotografia	Arquiteto Jorge Segurado e António Varela num voo de análise de forma a determinar o local de implantação do Complexo Olímpico. “Bem, não era uma cidade olímpica, isso tem uma história muito curiosa. Havia um advogado chamado Humberto Plágio, que era um rapaz novo cheio de vivacidade e muito amigo dos homens do Sporting um dia, veio ter comigo e pediu-me que lhe fizesse o projeto de um Estádio. O António Varela assistiu à conversa e entusiasmadíssimos resolvemos agarrar aquela ideia linda e fazer o ante-projeto (…) A certa altura concluímos que era preciso implantar o Estádio e o António Varela lembrou-se de fazer isso de avião”		-	Texto - FERREIRA, Fátima. VIEIRA, Pedro - Jorge Segurado: arquitecto do Modernismo em Portugal **in Jornal dos Arquitetos**. Nº79. [s.n]: Abril de 1989. Imagem - GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p. 543.
1934	Proposta referente ao Estádio Nacional	Plano Geral de Destribuição de uma Cidade Olímpica, Lisboa, Campo Grande da autoria dos arquitetos Jorge Segurado e António Varela, Lisboa Abril de 1934 O Diário de Lisboa de 18 de Abril de 1934 publica uma carta aberta de ambos os arquitetos onde é sugerido a abertura de um concurso público para a construção de uma Cidade Olímpica: “(…) 1º - O estudo por nós elaborado diz respeito unicamente a implantação dum núcleo olímpico, e não ao estudo propriamente dito do futuro Estádio Nacional,		Jorge Segurado e António Varela	Texto - Estádio Nacional. Diário de Notícias, 23 de Abril de 1934 in GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p. 544. Plano - Plano Geral de Destribuição de uma Cidade Olímpica, 1934. Consultado em: Lisboa. Torre do Tombo - Cota: Arquivo Salazar, PC-8, cx. 691, capilha 3.

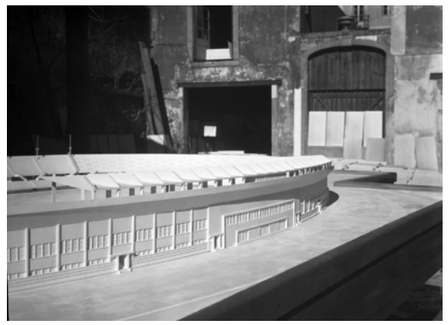
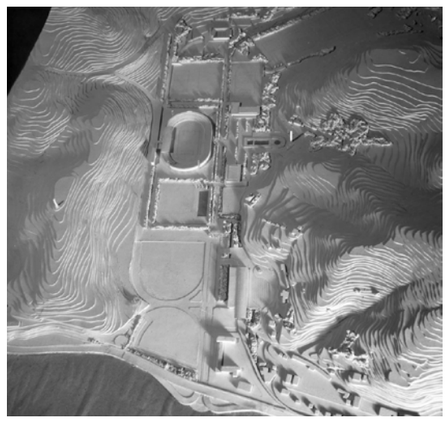
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		nem aos outros edifícios. É simplesmente a indicação de duma solução dum problema de urbanismo dentro da nossa cidade (…) 9º - Permitiria um Plano Geral, neste local, a construção gradual e progressiva das suas construções, isto é, a construção em primeiro lugar do Estádio com a abertura imediata da Alameda das Linhas de Torres e a abertura da Avenida de ligação do Campo Grande (Avenida do Estádio) poupando provisoriamente o Palácio Pinto da Cunha, (o traçado permite fazer isto, pois a abertura da Avenida coincide em parte com a atual Pateo e abrange o baixo e pequeno edifício do "restaurant" existente). Portanto com economia inicial de trabalhos, poder-se-ia criar acessos imediatos ao Grande Estádio".			
1 de março de 1934	Abertura do Concurso para a construção do Estádio Nacional e o respetivo programa	Data de publicação por portaria do concurso para o Estádio Nacional no Vale do Jamor "COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS OBRAS DO ESTADIO DE LISBOA PROGRAMA DO CONCURSO (…) Art.º 2 - O projeto do Estádio de Lisboa abrangerá o agrupamento dos edificios, campos de jogos e obras acessórias descritos no Art.º12, necessários ao adestramento fisico da mocidade portuguesa e à realização das grandes competições nacionais e internacionais, e as ampliações previstas no Art.º13. Art.º3 (…) 1º - Do conjunto fará parte integrante o prédio de moradia situado na encosta do lado do nascente, pertencente actualmente a D. Maria da Graça Machado, e assinalado na planta topográfica fornecida aos concorrentes. Este prédio destina-se à futura instalação dos Serviços de Administração e Direcção do Estádio de Lisboa, não sendo objecto do presente concurso a sua transformação arquitectónicos, mas apenas o arrojo dos terrenos que o circundam, bem como a execução de todos os trabalhos exteriores referentes a alimentação de águas, esgotos e electricidade. 2º - No arranjo geral do conjunto devem considerar-se as ligações entre o Estádio de Lisboa, as estradas de acesso, a praia e a estação de caminho de ferro da Cruz Quebrada, evitando-se na medida do possível, que a passagem dos peões se faça, exclusivamente, de nível com a estrada marginal ou com a linha do caminho de ferro do Estoril, tendo-se também em atenção as condições resultantes do desvio da linha férrea e nova estação para serviço do Estádio, cuja execução se prevê. Disposições Gerais Art,º4 - O terreno escolhido para instalação do Estádio de Lisboa, e detonado a êste fim no plano		Comissão Administrativa das obras do Estádio Nacional	Texto - Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém. Desenho - Planta dos Pomares e Jardins da Quinta da Graça. Espólio de Jacobetty Rosa. 1934. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

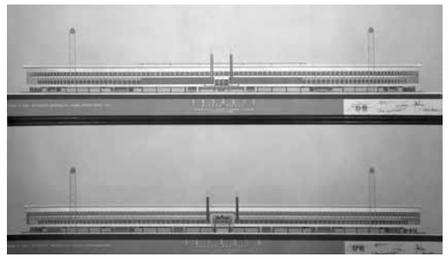
geral de Urbanização da Costa do Sol mandado elaborar pelo Govêrno, fica situado no vale do Jamôr, entre Carnaxide e o Tejo. A zona a considerar para a localização do Estádio de Lisboa é delimitada ao Norte pela auto-estrada prevista no plano geral de Urbanização de Costa do Sol; ao Sul, do lado da estrada marginal do Tejo, por uma linha convenientemente escolhida, tendo em atenção a necessidade de evitar a demolição imediata dasprincipais construções existentes; a Leste e a Oeste, por duas estradas de ligação entre aquelas as duas, traçadas pela forma que melhor se ajusta às exigências de ordem técnica e económica dos projetos.
(…) Organização do Concurso
(…) Descrição
Art.º12 - Os edificios, campos de jogos e obras acessórias do Estádio de Lisboa a executar na presente empreitada, são:
a)Estádio para Foot-Ball, Ciclismo e Atletismo;
b)Piscina coberta;
c)Campo para torneios de Ténis, com bancadas para a realização das grandes provas;
d)Campo para Hockey e Hand-Ball, com as dimensões que permitem a realização de treinos especiais de Foot-Ball Association;
e)Campo para Basket-Ball;
f)Campo para Voley-Ball;
g)Parques de estacionamento para viaturas automóveis particulares ou de serviço público;
h)Logradouros públicos e ajardinados;
i)Instalações Sanitárias;
j)Arruamentos e circulações;
k)Vedação geral dos terrenos de jogos;
l)Regularização e canalização do Jamor;
m)Redes de Esgôtos e de distribuição de águas e energia elétrica;
Art.º13 - Os espaços a reservar para futuras ampliações destinam-se a :
a)Piscina descoberta para provas de corrida Water-Polo, com as dimensões de 33,33m x 18m;
b)Piscina descoberta para creanças, com as dimensões de 18m x 6m;
c)Campo de Treinos especiais de Foot-Ball Association e Rugby, com as dimensões de cerca de 130m x 77m;
d)Campo para treinos especiais de Foot-Ball Association, Hockey e Hand-Ball, com as dimensões de cerca de 150m x 70m;
e)Campo para treinos de Atletismo, com as dimensões de cerca de 150m x 70m;
f)Campo para treinos de Basket-Ball, com as dimensões de cerca de 28,5m x 15m;
g)Campo para treinos de Voley-Ball, com as dimensões de cerca de 22m x 11m;
h)6 campos para treino de Ténnis, com as dimen-

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		sões de cerca de 36m x 18m; i)Pavilhão para esgrima, luta e outros desportos semelhantes.” Com os documentos referentes ao Programa de Concurso são anexadas as plantas referentes à Quinta da Graça. Esta quinta apesar de expropriada iria integrar-se no projeto.			
1934	Cine-Praia	A Cine-Praia foi edificada no Largo 31 de Janeiro. “À Cruz Quebrada de outros tempos não faltava um Largo com Coreto no fim da Avenida Ivens, onde havia um Cinema, um bom Restaurante, o Terminal das carreiras de camionagem e ainda sobrava espaço para as pessoas passearem ou cavaquearem. Com a construção da marginal, pelos anos quarenta do século passado, tudo acabou.”	 	Levy Nunes Gomes	Imagem 1 - Jornal O Estoril. 5 de Novembro de 1934. Imagem 2 - GOMES, Levy. Cruz-Quebrada - Património e Personalidades. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2006. - Oeiras, BN, Cota: H.G. 55398 V.

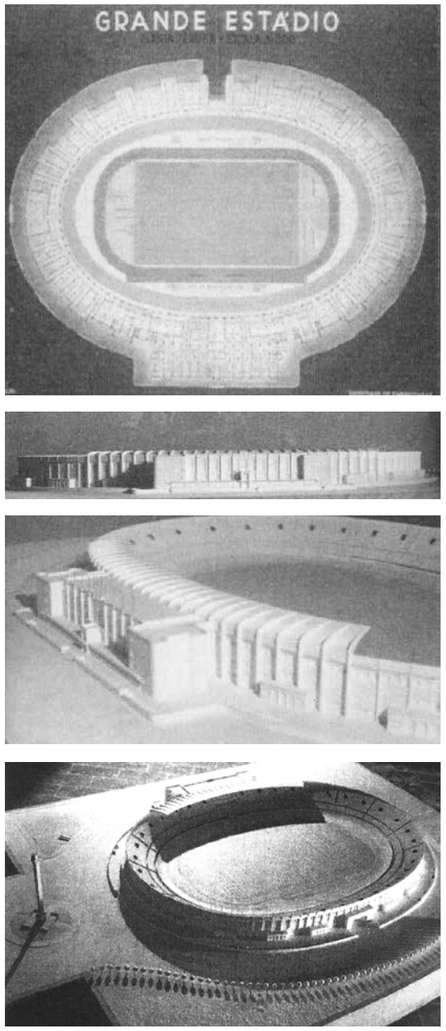
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1934		(1 de Março) Data de publicação por portaria do concurso para o Estádio Nacional no Vale do Jamor			
20 de abril de 1934	Jornal “A Voz”	O local para Estádio Nacional	 O local para o Estadio Nacional A Voz 20 Abril 1934 No artigo que ha dias publicou «A Voz» acerca do local que deve ser escolhido para o projectado Estadio Nacional, foram indicados como dignos de preferencia os terrenos na vasta planicie do Campo Grande, onde está instalado o Jockey-Club. E' de bom cumprazer que vi no Diario de Lisboa o plano da cidade olympica delineado com largueza pelos arquitectos Jorge Segurado e Antonio Varela, pequenos, exactamente naquele local. O terreno é plano, vasto, com facil accesso, pertencente em boa parte á Camara Municipal. O projecto está elaborado com larga previsão do futuro e em termos de ser gradualmente executado. E' tão interessante o estudo elaborado que transcrevemos de aquele collega a noticia descritiva. Pena é que os primordiaes caracteres da imponente exploração da planicie sejam illegiveis. A escolha do local O local escolhido, que servirá de base para o estudo, reúne, segundo se entende muito a gosto do Campo Grande, comprehendendo-se um grande numero, uma area de terreno de cerca e um pequeno area ...os terreno par... No terreno na CERCA e nos arredores encontram-se o Hippodromo e o Jockey. O primeiro pertence ao «Sport» e provem do actual Estadio do Lumiar, e passados de tres annos mantem o mesmo contracto. O segundo é propriedade do Jockey-Club, cuja concessão finda em 1938. Temos, portanto, ainda o aproveitamento deste local, com tradições desportivas, que convem manter, devendo, entretanto, estas serem tomar decisões, logo a priori, que comporta todo o terreno do Jockey, onde ainda ficaria sobejamente a parte util precisa. O plano de conjunto, no que se refere ao Ministerio da Educação Nacional, obedece a esse criterio, julgamos ao programa distribuido pelo commissão central. Considerações fundamentaes O local escolhido tem disposições naturaes muito felizes ao não impedirem, de forma alguma, nenhuma qualquer parte do plano... ...ordenação da vista e conjuncto, obedecendo ás mais importantes exigencias de orientação, e isso é fundamental para a execução do projecto. O estudo prevê, com largueza, o desdobramento futuro, sem prejuizo do centro da cidade, que é relativamente curto. A configuração e acentuação do terreno, e sua area, é uma excepção ao que é usual nestas povoações. Não temos que pensar em arte e assento. E a bella linha de horizonte, que attinge, em todo o conjuncto de cotas ao arredores, uma altitude consideravel, uma affirmação nacional, se poderia realmente avalia-la! Assim, o Estadio ficaria num conjuncto monumental, de facil accesso, a pouca distancia da Estação, permettindo a construcção das novas estradas para a praça de Espanha, sem interferencias desnecessarias, pois ficaria Gaivota a, assente, por quanto os de hoje... ...denciado a outros problemas. Descripção geral Dividimos o terreno em quatro grandes partes, e que poderiamos chamar «zonas de ...Oriente, Tiro... ...ercicio ao Hippodromo (Jockey). Esta ultima zona, de primeira zona, tem ...como fim a base e projecto alto do Campo Grande, está praticamente vai preencher-se ...terminar no actual Estadio ...ção, sendo ...ção um ...ndamento perspectivo ...ra como ...ra. Nesta zona, ...ntram a ...ter a designação ...ervando ao Estadio, com ...os ...ntros de attracção, ...ais ...ntos de entrada e comunicação ...ntes, independente ...ntico, alegrando ...ta ...ta, A avenida ...ta ...ta, ...ta ...ta ...ta

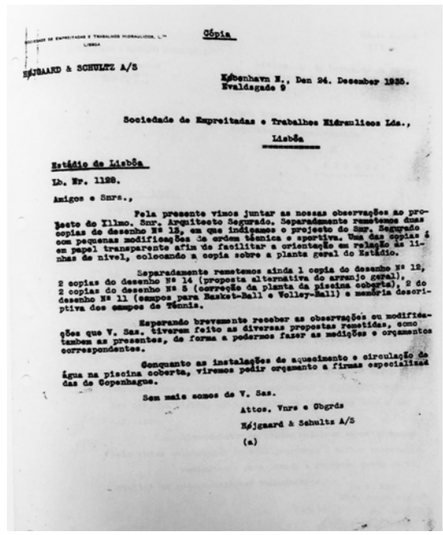
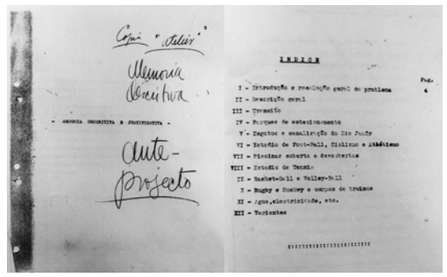
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
10 de maio de 1934	Jornal “O século”	O Plano Geral da Cidade Olímpica	 O Plano Geral da Cidade Olímpica **Foi, ontem, exposto o respectivo projecto, no atelier do arquitecto Jorge Segurado** Como dissemos já, os arquitectos Jorge Segurado e António Varela elaboraram o projecto dum vasto plano geral de Lisboa. A respectiva planta ge completa, uma parte do trabalho que os arquitectos entenderam ser permitido imprimir, foi, ontem, exposta, no atelier do seu criador, aos jornalistas, funcionando ponto central de Lisboa, capital de Portugal desportiva... a fim de que o público o possa apreciar. O projecto elaborado é apenas a um plano urbanístico dos locais a utilizar não só pela Cidade Olímpica, como pelo seu complemento do hipódromo e autódromo e instalações anexas. O local escolhido é a zona do Campo Grande e adjacências, onde hoje se encontram o hipódromo do Jockey Club e o campo de aterragem do Estádio. No prolongamento do eixo longitudinal do Campo Grande fica o centro daquele que será a base do grande Estádio Nacional a construir com lotação para 60.000 espectadores. A ligação seria feita por uma larga avenida de 80 metros de largura, sendo a planta de qual se esmera um porteio monumental. Em volta, serão: Instituto de Educação Física, piscina de natação, campos de esgrima, etc. Seria fácil esse conjunto, que constituiria verdadeiramente a Cidade Olímpica, com o actual hipódromo, onde seria construída uma larga pista, para corridas de automóveis, com cêrca de 2.500 metros, circundando outra, para corridas de cavalos. O vasto recinto central seria reservado para o jogo e outras provas atléticas, paradas militares, etc. Nesta zona seriam instalados, também, um grande restaurante e os edifícios necessários aos fins para que o local seria reservado. O conjunto da Cidade Olímpica, como se vê, abrangerá uma área de 2.115.000,00 metros quadrados, dos quais 205.427,00 pertencem à Câmara Municipal, o que justifica as vantagens de ordem económica, visto não haver necessidade de pagar grandes expropriações. O local, que já é de fácil acesso, será cedendo por artérias amplas e terá vastos parques para estacionamento de automóveis, onde poderão parar mais de 4.000 carros. As instalações da Cidade Olímpica harmonizam-se com o Campo Grande e ficarão grandemente valorizadas pela futura Cidade Universitária, que terá a sua recente deliberação do Conselho de ministros permite admitir que será uma realidade breve. Na zona judicial, ha cêrca de um quilómetro e os edifícios serão limitados por cortinas de eucaliptos, o que constituirá mais uma garantia a salubridade do local. As vantagens do plano, dizem os seus autores a razões que os levaram a escolher êste local, bastante belo e são expostas num folheto, que completará a memória descritiva e justificativa do projecto. “O Século” 13-Maio-1934	-	[s.n.] - O Plano Geral da Cidade Olímpica in Jornal “O Século”. Lisboa: [s.n.], 13 de Maio de 1934. in Espólio de Jorge Segurado. 1934. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº28.
1935	Proposta referente ao Estádio Nacional	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Cristino da Silva	 	Cristina da Silva	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Cristino da Silva , 1935. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			 		
1935	Proposta referente ao Estádio Nacional	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Antonio Ilances del Rio		Antonio Ilances del Rio	Proposta para a construção do Estádio Nacional de Antonio Ilances del Rio, 1935. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1935	Proposta referente ao Estádio Nacional	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Carlos Ramos		Carlos Ramos	Proposta para a construção do Estádio Nacional. Espólio de Carlos Ramos. 1935. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

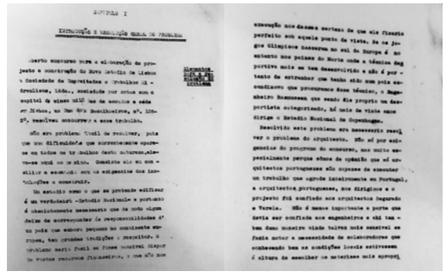
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			 		
1935	Proposta referente ao Estádio Nacional	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Jorge Segurado (projeto vencedor do concurso)		Jorge Segurado	CRUZ, Luís - **O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto: Miguel Jacobetty Rosa e a sua Época.** Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, 2005. Tese de Mestrado. GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p. 550.

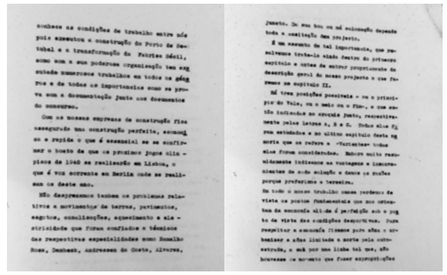
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1935	Proposta referente ao Estádio Nacional	Proposta para a construção do Estádio Nacional - Jorge Segurado (projeto vencedor do concurso): Torre da Maratona		Jorge Segurado	GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. p. 550.

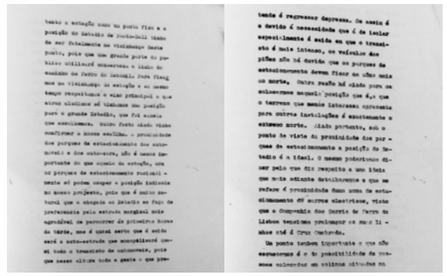


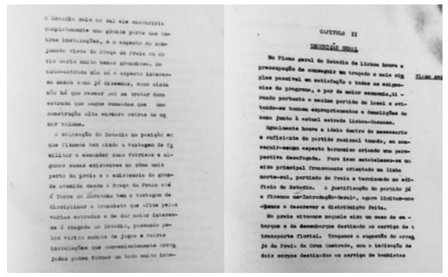
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1 de novembro de 1935	Referenciação textual - Revista Ilustração	Referência ao processo de concretização do Estádio Nacional		Salazar Carreira	CARREIRA, Salazar - A Quinzena Desportiva **in Revista Ilustração.** Lisboa: Aillaud, 1 de Novembro de 1935. p.29
24 de novembro de 1935	Correspondências do Espólio de Jorge Segurado	Carta da SETH apresentando as observações ao projeto de Segurado		-	Espólio de Jorge Segurado. 1935. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº38.
28 de novembro de 1936	Proposta de Jorge Segurado referente ao Estádio Nacional	Memória Descritiva e Justificativa da proposta ao 1ºgrau do Concurso Desportivo do Vale		Jorge Segurado	Espólio de Jorge Segurado. 1936. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº27.

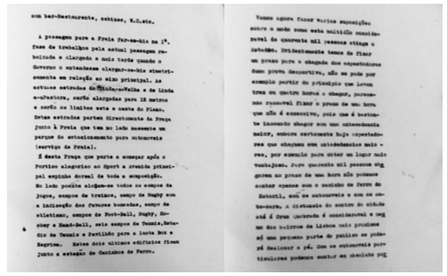
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

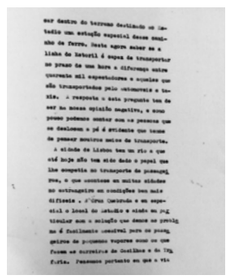
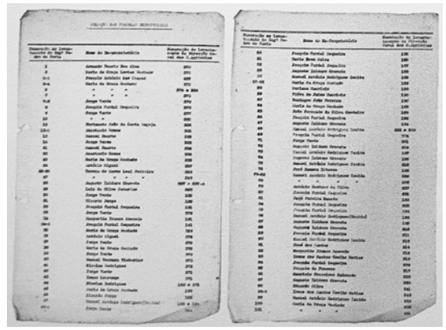
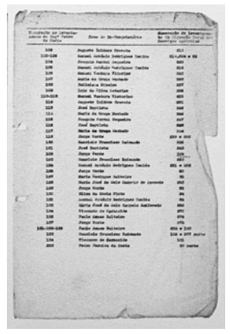


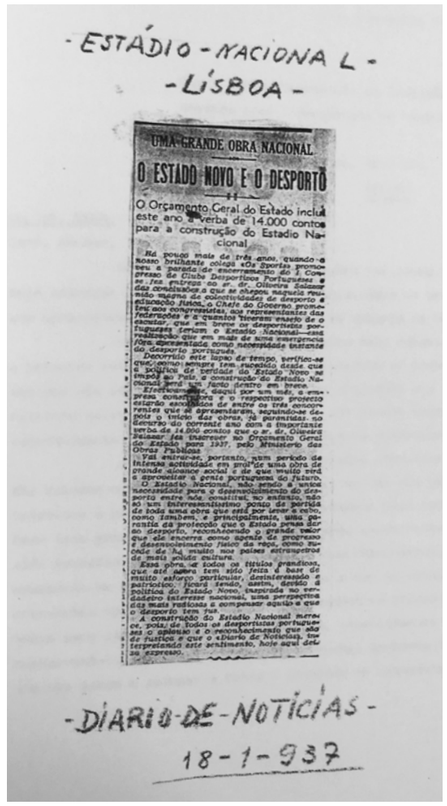
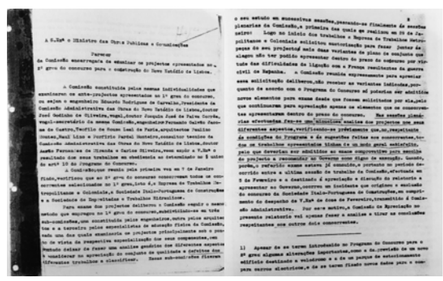
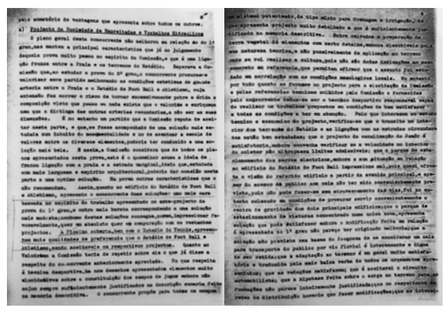




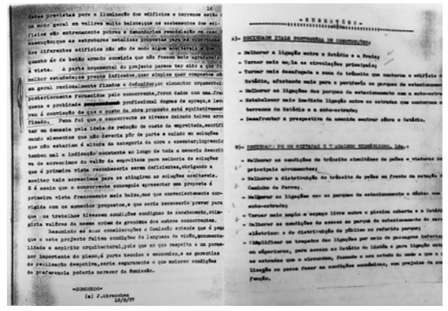




Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
30 de novembro de 1936	-	Abertura da 2ª fase de propostas apresentadas em 30 de Novembro. Na qual, a Comissão mostrou-se indecisa entre as propostas da Mecotra e da SETH, optando por não atribuir o primeiro prémio. Ficou acordado que os dois arquitectos associados às duas empresas finalistas iriam criar uma solução conjunta, a fim de que uma das empresas executasse a obra. Foi, nesta sequência, esboçado um Plano Geral, que parece ter sido uma conciliação dos dois projectos com as orientações sugeridas pela Comissão	-	-	-
1936	Lista	Lista de expropriações	 	-	Lista de expropriações, 1936. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
18 de janeiro de 1937	Jornal “Diário de Notícias”	Estádio Nacional - Uma grande obra Nacional: O Estado Novo e o Desporto		-	[s.n.] - Uma Grande Obra Nacional: O Estado Novo e o Desporto - O Orçamento Geral do Estado inclui uma verba de 14.000 contos para a construção do Estádio Nacional in Jornal “Diário de Notícias”. Lisboa: [s.n.], 18 de Janeiro de 1937. in Espólio de Jorge Segurado. 1937. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº35.
20 de fevereiro de 1937	Relatório da Comissão	Transcrição do Relatório da Comissão encarregue de examinar os projetos apresentados ao 2º grau do Concurso para a construção do Novo Estádio de Lisboa	 	-	Transcrição do Relatório da Comissão encarregue de examinar os projetos apresentados ao 2ºgrau do Concurso para a construção do Novo Estádio de Lisboa in Espólio de Jorge Segurado. 1937. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº40.

Do Desenho Sentimental à “Platea Urbs”

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1937	-	-	Caldeira Cabral é convidado a colaborar no projeto do Estádio Nacional pelo José Belard da Fonseca (diretor da SETH)	-	ANTUNES, Ana - **A influência na génese da Arquitetura Paisagista em Portugal.** Porto: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2019. Tese de doutoramento.
9 de setembro de 1937	Transcrição da correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Critica de Caldeira Cabral ao projeto de Jorge Segurado: "I Qual a parte de parque que terá de ser executada na primeira fase para não prejudicar a harmonia final do conjunto? 1.-Todas as plantações que ofereçam caracter simétrico em relação a um eixo ou a um ponto tem de ser feitas simultaneamente, e ainda os massivos que continuam uma unidade. 2.-Tem de fazer-se na primeira fase as plantações de abrigo referentes aos edificios e campos que constem dessa mesma fase. Em face destes princípios e das indicações que o plano fornece julgo necessária a realização das seguintes plantações na primeira fase: Arruamentos: plantação das filas de arvores aos lados da grande avenida N-S - 1-. O mesmo para os arruamentos - 2 e 3 - na parte tracejada do desenho. Os massiços circundantes do tenis - 4 - os massiços de - 5 -, o grupo - 6 - até onde está tracejado, para não prejudicar o conjunto da praça principal. O mesmo se diz para os restantes grupos - 7,8,9,10,11,12,13 e 15 -. 14 não se plantará visto na primeira fase não se construir êste campo. 16 não compreendi de que se tratava mas deve tambem ser realizado ao mesmo tempo. 17 será preferível só se realizar em conjunto com a arborização da clinique lhe fica acima. II Em vista do que ficou dito em - I - qual a área de terreno que tem de ficar preparada desde já? Na resposta a esta pregunta cingir-me hei exclusivamente às necessidades para a realização do que ficou exposto em - I -. É pois uma área mínima que razões de outra ordem podem aumentas mas nunca diminuir. A área a preparar abrange em primeiro lugar como é óbvio todas as superfícies a plantar. Alem destas porem quando se trate de aterros, deverá aterrar-se mais uma faixa de cerca de 5m pelo menos para alem do limite da plantação, para evitar que a drenagem excessiva provocada pelo corte do terreno vá inutilizar esta. Ao realizar a remoção de terras nas superfícies a plantar é de maior importância que se não misture a camada activa superficial com o solo virgem subjacente. Deve primeiro retirar-se a camada activa que será no fim distribuida novamente à superfície. A camada activa das áreas destinadas à construção deverá ser distribuída pela áreas a plantar. A espessura da camada activa só poderá ser indicada no local por um tecnico. Feita a remoção de terras antes das chuvas de inverno poderá a plantação realizar-se na próxima primavera	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		ou melhor ainda no outono seguinte: III Transplantações: Das plantas existentes no local poderão ser transplantadas laranjeiras e sebes de buxo. Em ambos os casos não ha qualquer dificuldade tecnica que obste ao bom resultado desta operação, no que se refere propriamente ao problema da deslocação dos indivíduos. Dadas as características das duas plantas mencionadas e caracter do solo é fácil retirar as plantas sem desmanchar o torrão. Antes do arranque devem regar-se abundante as planta. As plantas podem transplantar-se com ou sem preparação. Sempre que o tempo de que se dispõe o permita deve fazer-se a preparação, porque esta reduz consideravelmente que deve ter o torrão e por consequência as despesas de transporte. Não posso precisar as dimensões que deve ter o torrão por não ter de momento os necessários elementos de consulta. A preparação faz-se abrindo uma vala em torno da arvore na época do repouso vegetativo. O diâmetro interior da vala corresponde ao diâmetro indicado para o torrão e em assim a sua profundidade. Aberta a vala com cerca de 50cm de largo, enche-se com terra de folha e estude a que se pode juntar tambem areia. Calca-se ligeiramente a terra e rega-se. Terminando o próximo período de crescimento da planta esta está preparada para a transplantação. Lisboa, 9 de Setembro de 1937 Franciso Caldeira Cabral”		
1 de outubro de 1937	Transcrição da correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Orientações de Caldeira Cabral após a adjudicação do projeto a este: “Francisco Caldeira Cabral Lisboa, 1 de Outubro de 1937 Av. Aguiar, 100, I D. LISBOA - N Ex.mo Senhor Eng. José Belard da Fonseca MOGOFORES Ex.mo Senhor. Venho enviar-lhe como tínhamos combinado, uma nota referentes condições que lhe proponho para o nosso trabalho no Estádio de Lisboa. Entrando desde já no assunto proponho o seguinte: (…) Estive ontem nos terrenos do Estádio com o Sr. Eng. Eggest com quem troquei impressões àcerca de vários pontos que considero indispensáveis para a minha orientação na elaboração do projeto, tendo-me depois o Sr. Eng. Eggest feito entra de vários planos que estou examinando. Como V.Ex.a estará em Lisboa na próxima segunda feira, pedia-lhe o favor de me marcar em encontro onde e à hora que melhor lhe convenham para assim podermos conversar sobre a minha proposta de hoje e esclarecer diversos pontos tecnicos a que acima me refiro. Com a maior consideração sou de V.Ex.a Amigo m.to Obg. Francisco Calderia Cabral	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
8 de outubro 1937	Transcrição da correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Memória Descritiva da proposta de Caldeira Cabral: NOVO ESTÁDIO DE LISBOA A - Apreciação das condições do terreno. O relevo. O local escolhido para a construção do Estádio de Lisboa é o Vale do Jamor, entre a Cruz Quebrada e Linda a Pastora. O vale relativamente estreito, está orientado no sentido N-S nos dois terços inferiores e no sentido NE-SO no terço superior. O fundo do vale mais ou menos plano atinge a sua maior largura de 500m à cota de 8m, mais ou menos em direcção da Quinta de S.José, (…). A NE o vale é fechado passando o Jamor por uma garganta apertada. As colina que rodeiam o vale são bastante declivosas, especialmente do lado E. Para alem destas colinas os terrenos continuam-se para o lado NO e para o lado E por zonas de planalto e para o NE por uma bacia bastante extensa no fundo da qual se encontra Carnaxide. A O atinge-se uma altitude de 65m, a N e E de cerca de 100m. Quanto ao relvo, devemos observar que devido à estreiteza do fundo do vale serão necessários movimentos de terras de certas importâncias e alem disso é inevitável uma certa aglomeração dos vários campos e edificios de jogos. Os ventos. Este problema é sempre da maior importância no nosso país. De uma maneira geral em Lisboa são de considerar os ventos dos quadrantes NNE - O - SSO. (…) Antes de prosseguir convém fazer notar que ha em média na região deLisboa 32 dias de vento forte e muito forte, ou seja cerca de 9% dos dias do ano. Estas percentagens ainda sobem se considerarmos os diferente meses do ano: (…). Vejamos agora as condições de abrigo natural que o terreno nos oferece. Do exame deste conclui-se que o fundo do vale é de facto bastante batido do vento. As arvores relativamente elevadas que se encontram junto ao Jamor, formando um pequeno grupo perto da Quinta da Graça, mostram sinais evidentes da sua acção. Os ventos porem não se limitam a sua acção a uma altura de 15 a 20m mas fazem-se igualmente sentir junto ao solo, como o demonstram por um lado vários moinhos de vento e por outro a grande quantidade de sebes de abrigo de toda a orden que protegem as várias culturas do vale. (…) Sobre os ventos convém ainda dizer as possibilidades de abrigo são condicionadas pelos seguintes princípios: a) - Uma elevação são atua como abrigo quando seja suficientemente inclinada do lado de incidência do vento que se quer cortar. b) - A zona de abrigo dessa elevação estende-se a uma distância de 4 a 5 vezes a sua altura. O solo. (…) Para o fim que nos interessa a sua característica mais importante é certamente o ser argiloso e como tal difícil drenagem natural. No fundo vale não haverá de certo dificuldades para a arborização, como o comprovem amplamente os exemplares da rocha subjacente. Nas colinas circundantes nada se pode dizer pelo exame exterior pois tudo depende da estructura da rocha subjacente. A má drenagem pode ser facilmente remediada por obras convenientes. (…) B - Apreciação do projeto. Deverá o Estádio de Lisboa a construir no Vale do Jamor, ter o caracter de um parque dentro do qual estarão situados os vários edifícios e campos de jogos por forma a que os que o frequentarem ao mesmo tempo que executam ou se associam a exercícios físicos se sintam em contacto com a vida da natureza atravez da vegetação do parque. Alem desta razão fundamental a favor da criação de uma zona de vegetação em torno do Estádio outras se poderiam aduzir como protecção contra o vento, ensombramento, etc. O plano apresentado mostra uma certa aglomeração dos campos e edifícios de jogos que é sem dúvida motivada como acima se disse pelos acidentes do terreno e ainda pela posição das vias de acesso. Resulta evidentemente do facto apontado uma certa desproporção entre a área dos edifícios e campos e a área de parque. É no entanto difícil visto que ela pode ser modificada por uma judiciosa ligação entre o Estádio e	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

a zona de protecção. (…)
De todos os edifícios os únicos que apresentam condições razoáveis de abrigo são o velódromo e o estádio de ténis. O estádio grande está situado no local mais ventoso de todo o terreno o que representa grande inconveniente, embora seja boa a sua posição em relação às vias de acesso e o terreno nesse ponto seja praticamente plano o que evita grandes movimentos de terras. Devido às suas dimensões não me parece possível fazer qualquer espécie de abrigo, pois para abrigar um campo de cerca de 200m seria necessário um abrigo de pelo menos 40m de altura.
(…) - (critica da posição dos campos de ténis)

O parque de estacionamento como foi concebido e localizado tem dois grandes inconvenientes: primeiro ser de tal maneira extenso que, para quem passe na autoestrada, um dos pouco sítios de onde se tem uma vista de conjunto do Estádio, o parque de estacionamento seja um dos elementos dominantes; segundo inutilizar quasi por completo uma zona grande de terrenos que assim fica isolada do conjunto do estádio e que abrange toda a extremidade de NE do Vale do Jamor.
Talvez fosse possível arborizar parcialmente esta superfície, sem deixar de ser parque de estacionamento. Esta solução parecia-me ainda muito vantajosa para a protecção dos carros. Outra solução seria dividi-lo em vários parque distribuídos por diferentes locais.

Finalmente a grande avenida que liga a praça principal com a praia. Sendo a sua orientação no sentido N-S tem o grande defeito de encanar os ventos dominantes da região. Alem do inconveniente apontado, a avinda tal como se apresenta no projeto que tenho à vista, separa rigidamente a parte de parque do fundo Vale do Jamor da parte de encosta nascente. Dentro do conjunto da planta esta avenida, de proporções monumentais, não tem função que esteja de acordo com a sua importância. De facto não se nota qualquer preocupação de arrumar os - do plano tomando a avenida como eixo, ou tirando qualquer partido interessante da perspetiva criada. Sendo assim parece a sua função limitar-se ao trânsito de peões entre o edifício principal e o rio o que talvez não seja suficiente para justificar os inconvenientes acima apontados.

Lisboa, 8 de Outubro de 1937

Francisco Caldeira Cabral”

---

27 de novembro de 1937	Transcrição da correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Confirmação do apoio do Prof. Wiepking no projeto do Estádio Nacional:		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

“Francisco Caldeira Cabral
Berlim - W 35
Postdamerstr. 105
Pension v. Gockel

Berlim, 27 . XI . 1937

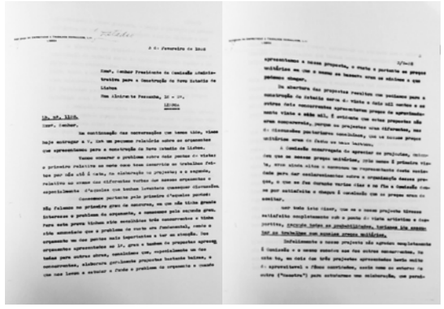
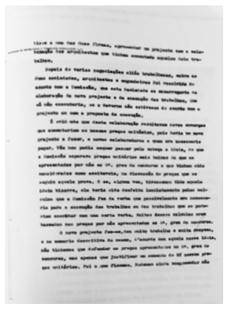
Ex.mo Senhor
Eng. José Belard da Fonseca
R. dos Bacalhoeiros 125, 2º

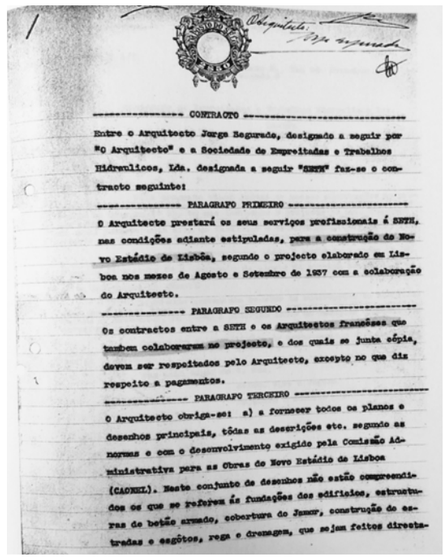
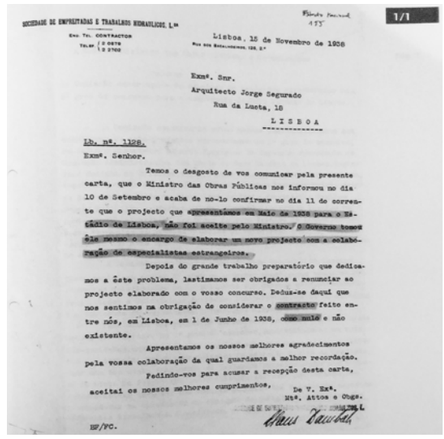
Lisboa

Ex.mo Senhor:
Conforme tínhamos combinado na nossa conversa de Lisboa, falei com o Diretor do meu Instituto, Prof. Wiepking, sobre a avaliação do parque do Estádio de Lisboa.

O Prof. Wiepking disse-me que não era possível fazer qualquer avaliação antes de existir o ante-projecto e que o usual em tais casos era combinar-se uma importância a pagar pelo ante-projecto, à conta da percentagem combinada pela totalidade do trabalho.
(…)

Esperando a resposta de V.Ex.a sou
muito At.o e Ven-or
Francisco Caldeira Cabral”

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
27 de novembro de 1937	Transcrição da correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Resposta da comissão à correspondência enviada a 27 de Novembro:	"Ex.mo Senhor Engenheiro Francisco Caldeira Cabral Postdamerstr. 105 Pension V. Gockel Berlim W E35 Lb. nº. 1128 Exmº. Senhor Recebemos a v/carta de 27 de Novembro p.p. a que só hoje respondemos porque a Comissão do Estádio ainda tem tido bastantes duvidas acerca do arranjo geral do mesmo e do que agora se fará na primeira fase dos trabalhos e nós queríamos das a V. Exª indicações mais precisas. Como o assunto ainda não está completamente esclarecido é bom não adiantar muito o vosso trabalho sem lhe enviarmos o ultimo e definitivo plano geral e da verba total que a Comissão pensa gastar com os trabalhos de urbanização que é um elemento também o pode interessar. (…) Sem outro assunto, somos com toda a consideração, De V.Exª Mto Attos eVnrs"	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1937. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
3 de fevereiro de 1938	Correspondência do Espólio de Jorge Segurado	Carta dirigida pela SETH ao Presidente da Comissão do Novo Estádio de Lisboa. Informa que a empresa MECOTRA terá tentado subornar um funcionário público envolvido no processo e, como tal, iria ficar impedida de concorrer novamente em Portugal.	 	-	Correspondência pela SETH ao Presidente da Comissão do Novo Estádio de Lisboa in Espólio de Jorge Segurado. 1937. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº36.

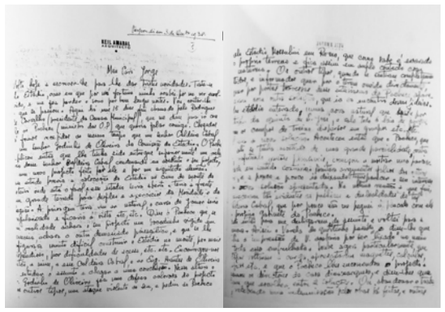
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1 de junho de 1938	Contrato	Estádio Nacional - Contrato celebrado entre Jorge Segurado, a SETH e os arquitetos franceses do Gabinete Pommier		Jorge Segurado, SETH e Gabinete Pommier	Contrato celebrado entre Jorge Segurado, a SETH e os arquitetos franceses do Gabinete Pommier in Espólio de Jorge Segurado. 1938. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº37.
15 de novembro de 1938	Correspondência do Espólio de Jorge Segurado	Estádio Nacional - Carta da Seth para Jorge Segurado comunicando-lhe a não aceitação do projeto e a respetiva recisão do contrato entre ambos.		Jorge Segurado e SETH	Carta da Seth para Jorge Segurado comunicando-lhe a não aceitação do projeto e a respetiva recisão do contrato entre ambos in Espólio de Jorge Segurado. 1938. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº39.
1938	Projeto de Variante da Linha-Férrea Lisboa-Cascais	A propósito da Estrada Marginal Lisboa-Cascais - Variante da linha férrea - "Inserimos hoje um notável estudo do distinto engenheiro António Belo acerca da variante por ele proposta para o troço da linha de Cascais até à Cruz Quebrada. Com a modificação proposta para a linha asseguram-se as relações do porto comercial com a cidade, sem a rejeição de paisagens de nível e dá-se à avenida marginal situação incomparável. Esta variante deve ser estudada antes que tome resolução acerca do traçado da estrada marginal entre Caxias e Belém."		António de Almeida Belo	BELO, António. A propósito da Estrada Marginal Lisboa-Cascais **in Gazeta dos Caminhos de Ferro.** Nº 1224. Dezembro de 1938.

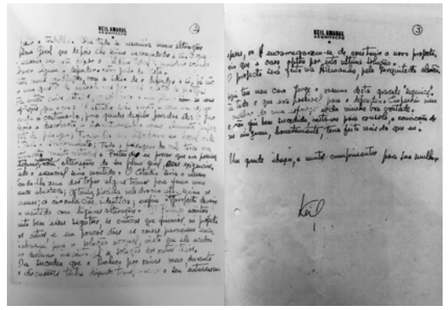
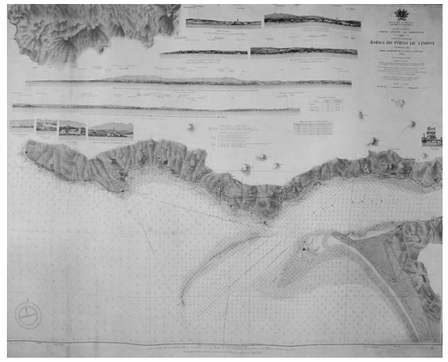
1999 - Plano de “Salvaguarda do Património”
1999 - Artigo referente às alterações no Complexo
1999 - Demolição e Inauguração do Reservatório
1990
1989 - Levantamento de Moinhos
1987- Maquete e Plano de 1987/1992 do Complexo Desportivo
1986 - Fotografia
1986 - Fotografia
1986 - Fotografia
1984/1985 - Referência textual
1983 - Fotografia
1982 - Referência textual
1980
1980 - Maquete Pré-Estádio Nacional
1980 - Fotografia Maquete
1971 - Fotografia
1970
1970 - Carta Militar de Portugal
1961 - Fotografia
1963 - Carta Topográfica de Portugal
1960
1947 - Referência Textual
1961 - Projeto e Memória Descritiva
1946 - Propaganda Estádio Nacional
1961 - Fotografia
1944 - Ato Inaugural
1943 - Propaganda à construção do Estádio Nacional;
1955 - Projeto Piscina
1950
1943/1944 - Referência Textual
Plano Geral do Complexo Desportivo do Jamor;
1944 - Fotografias
1943/1944 - Projeto
1943/1944 - Projeto
1948 - Plano de Urbanização da Costa do Sol
1944 - Fotografia Aérea
1943 - Fotografias
1943 - Projeto e Memória Descritiva
1942 - Carta Militar de Portugal
1940
1941 - Projeto
1941 - Fotografia Panorâmica
1939 - Proposta de Implantação do Complexo
1940 - Projeto
1939 - Início da Construção do Estádio Nacional
1939 - Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa

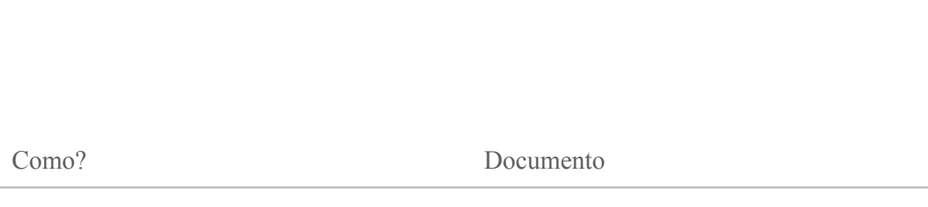


Quinta do Balteiro
Hipódromo
Quinta das Biscoteiras
Miradouro do Gande
Estádio (proposta)
Campos de Treino
Complexo de Ténis
Pira Olímpica
Piscina Olímpica (proposta)
Quinta da Graça
INEF
Plano de Urbanização de Linda-a-Velha (projeto)
Rio Jamor
Palecete de Santa Sofia
Campo dos Ingleses/ Fermentos Holandeses

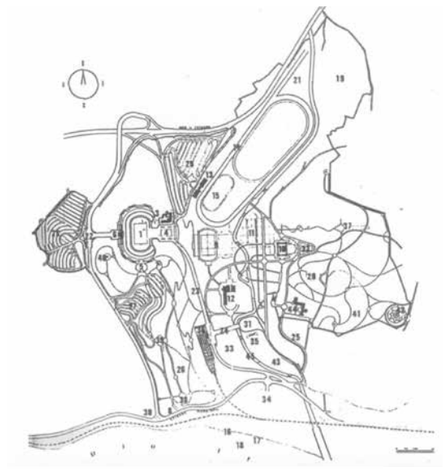
Estação de Comboio
Moinho do Monte da Praia
Capela e Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem
Fábrica da Lusalite
Palácio de Santa Catarina
Moinho de Santa Catarina
Complexo Desportivo
Parque Infantil
Ponte de Cruz Quebrada
Miradouro do Caracol de Santa Catarina
Farol do Esteiro
Casal do Esteiro
Ermida de Santa Catarina
Estádio de Atletismo
Estação de Comboio

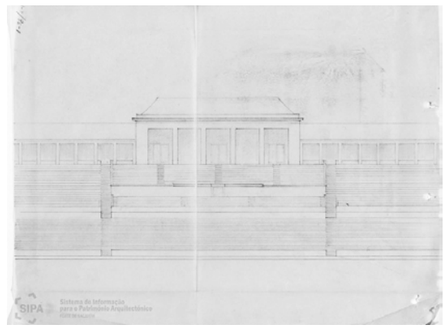
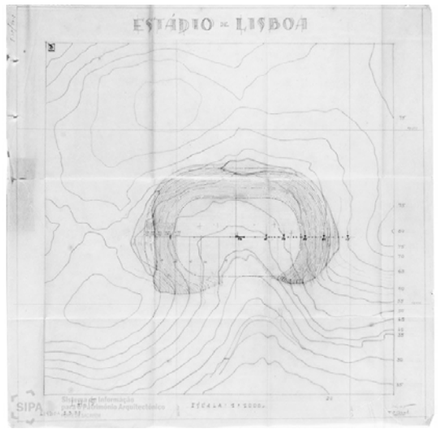
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
15 de janeiro de 1937	Correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	"Francisco Caldeira Cabral Berlim W 35 Postdamerstr 105 Pension von Gockel Meu caro Godinho de Oliveira Desde que cheguei tenho estado a trabalhar no projeto do Estádio. Como eu esperava o assunto interessa muito o Diretor do meu Instituto que me tem prestado toda a assistência. Como lhe disse êste verão durante as nossa longas conversa, foi o Prof. Wiepking que projectou a Aldeia Olímpica e que juntamente com o Arquiteto Werner March trabalhou o projeto do Estádio de Berlim. O primeiro assistente do meu Instituto está nêste momento a trabalhar no Estádio de Nurnberg. Como vê ninguem mais indicado para me aconselhar acerca do nosso projeto. Ora a verdade é que depois de estudar atenciosamente e com todo o pormenor o projeto que me foi fornecido, e de o ter submetido à critica do Prof. Wiepking, surgiram, como é natural, ainda mais objecções do que as que já lhe tinha feito êste verão, algumas delas tão sérias que reputo indispensável a minha ida a Lisboa para conversar com os arquitetos e com a Comissão antes de prosseguir no meu trabalho, e de se assentar na solução definitiva. Foi êste alias o concelho que me deu o Prof. Wiepking, com toda a insistência. Pelo mesmo correio escrevo à Sociedade de Empreitadas e Trabalhos de Hidráulica, no mesmo sentido. Esperando a sua resposta disponha sempre do ser Amigo dedicado Francisco Caldeira Cabral" ——— Resposta da Sociedade de Empreitadas e Trabalhos de Hidráulica - "não temos respondido já, porque a Comissão Administrativa tem continuado a discutir a construção do Estádio com a nossa firma, mas até à data ainda não tomou resoluções definitivas, pelo que pedimos para adiar a sua viagem até receber novas notícias e consideração (…)". ——— Carta ao Godinho de Oliveira - "(…) Recebi ha dias a resposta em que dizem que acham conveniente que adie a minha viagem visto a Comissão não ter ainda chegado a nenhuma conclusão definitiva…o que é uma resposta assaz estranha à minha carta. O prof. Wiepking achou conveniente que eu falasse com o Diretor da Reichsakademie fur Leibesiibungen, Dr.Diem, para êle fornecer todos os elementos mais modernos sobres estádios. O Dr.Diem foi, como você sabe, o organizador das Olimpiadas de 36 e está agora a organizar as próximas de Tóquio. É certamente a pessoa mais competente na Alemanha em assuntos desta natireza. Fui recebido por êle na passada segunda-feira e juntamente com um assistente do meu Instituto examinamos detidamente o problema. O Dr.Diem expôs-nos longamente as suas ideias e em especial falou-nos de variados problemas de organização fundamentando-se na sua larga experiência e nos ensinamentos do Reichsakademie de Berlim. (…)"	Berlim, 15 . I . 38	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1938. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
31 de outubro de 1938	Correspondência do Espólio de Jorge Segurado	Carta de Keil de Amaral dirigida a Jorge Segurado		Keil de Amaral	Carta de Keil de Amaral dirigida a Jorge Segurado in Espólio de Jorge Segurado. 1938. Retirado de: GALVÃO, Andreia - **Entre Rupturas Passadas e Continuidades Futuras: A Arquitetura e a Cidade na Obra de Jorge Segurado.** Lisboa: Universidade Lusíada, 2003. Tese de Doutoramento. Anexo Documental nº39.

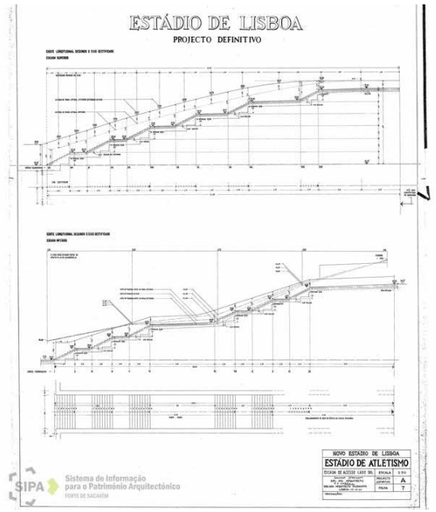
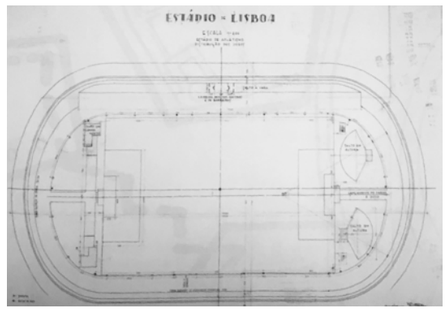
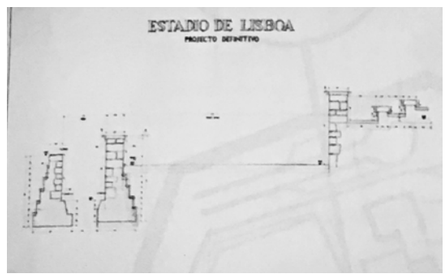
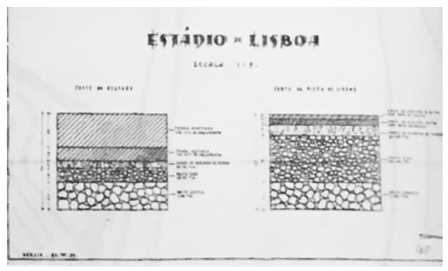
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1939	Cartografia	“Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa”		Direcção de A.F.Lopes (Rodrigues Tomaz, Alves Leite, Oliveira e Trindade, Fonseca Lourenço)	BOIÇA, Joaquim Manuel. Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa in **Cartografia de Oeiras - 4 Séculos de Representação do Território.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003. - Oeiras, Biblioteca Municipal, Cota: DEP HIS-LOC 7
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - Encosta do Esteiro		-	Encosta do Esteiro. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 3-d);
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - o Vale e os respetivos pontos geodésicos		-	Vale do Jamor e os respetivos pontos geodésicos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 6-b);

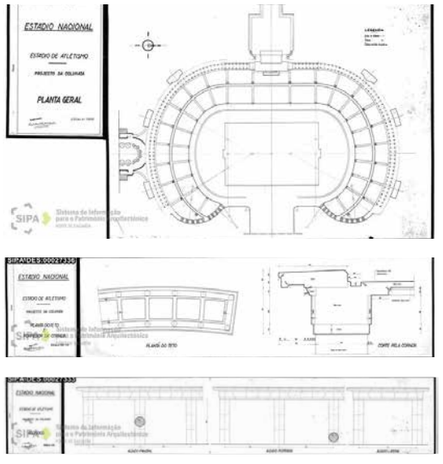
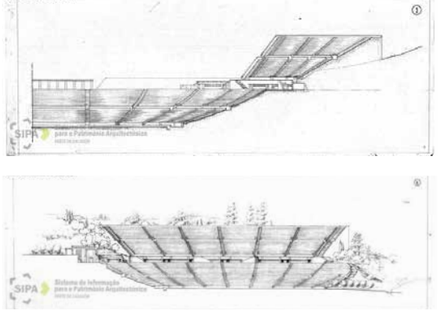
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - o Vale e as diversas povoações de Moinhos		-	Vale do Jamor e as diversas povoações de Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 6-d);
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Panorâmicas do Vale do Jamor com o Estádio ao fundo		Kurt Pinto	Panorâmicas do Vale do Jamor com o Estádio ao fundo. PINTO, Kurt in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.160 e 161
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Panorâmica do vale com a Quinta do Balteiro em primeiro plano		-	Panorâmicas do Vale do Jamor com o Estádio ao fundo in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.160 e 161
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - Quinta do Balteiro		-	Quinta das Biscoiteiras. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-a);
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Panorâmica do vale com a Quinta do Balteiro em primeiro plano		-	Panorâmicas do Vale do Jamor com o Estádio ao fundo in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.160 e 161

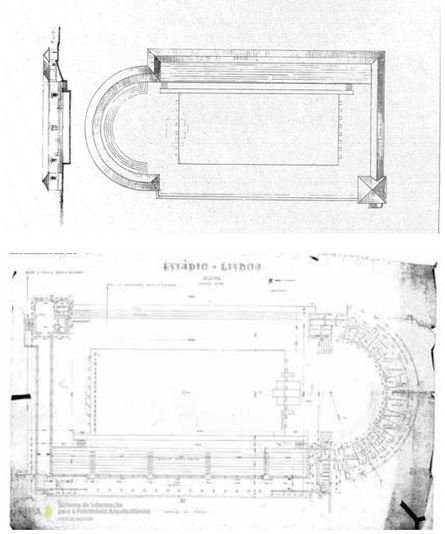
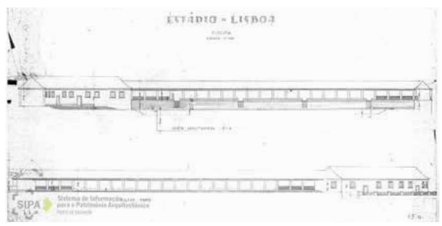
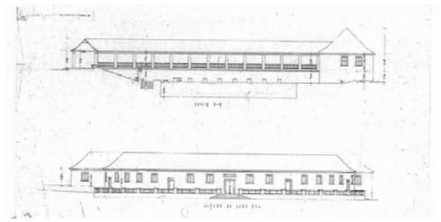
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - o Vale e Moinhos		-	O Vale e Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-g);
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - o Vale		-	O Vale e Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 38-b);
19-- (anterior a 1944)	Fotografia	Vale do Jamor anterior à construção do Estádio Nacional - encosta do Esteiro e anúncio das obras referentes às Obras do Novo Estádio de Lisboa		-	O Vale e Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 43-c);

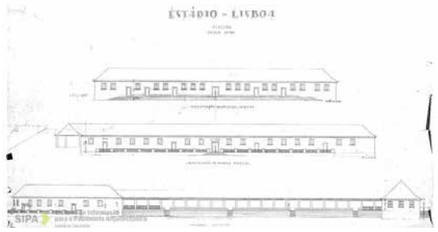
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939	Plano do Estádio Nacional	Esboço do Plano Inicial do Estádio Nacional		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
1939	Plano do Estádio Nacional	Plano Inicial do Estádio Nacional, 1939	 PLANO INICIAL — 1939 1 — ESTÁDIO DE ATLETISMO E «FOOT-BALL» 2 — BALNEÁRIOS E VESTIÁRIO 3 — BAR ANEXO 4 — PRAÇA DA MARATONA 5 — PRAÇA SUL 6 — PRAÇA POENTE 7 — PISTA 8 — MIRADOURO DA BOA-VIAGEM 9 — CAMPOS DE TREINOS 10 — PAVILHÃO DE «TENNIS» 11 — «COURTS» de «TENNIS» 12 — PISCINAS 13 — HIPÓDROMO TRIBUNA E BANCADAS 14 — HIPÓDROMO PISTAS DE CORRIDAS 15 — HIPÓDROMO CAMPO DE OBSTÁCULOS 16 — MARINAS 17 — CLUBES NÁUTICOS 18 — CAIS FLUVIAL 19 — ACAMPAMENTOS DA MOCIDADE PORTUGUESA 20 — ACAMPAMENTOS CAMPISTAS 21 — ACAMPAMENTOS ATLETAS 22 — LIGAÇÃO SUPERIOR DA AUTO-ESTRADA À ESTRADA MARGINAL 23 — LIGAÇÃO PELO VALE DA AUTO-ESTRADA À ESTRADA MARGINAL 24 — ALAMEDA DO VALE 25 — ESTRADA DA COSTA 26 — PARQUE FLORESTAL ENCOSTA DO ESTEIRO 27 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 1 ESTEIRO 28 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 2 CAXIAS 29 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 3 VALE 30 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 4 B. VIAGEM 31 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 5 ELÉCTRICOS 32 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 6 -TENNIS- 33 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 7 TAXIS 34 — PARQUE DE ESTACIONAMENTO N.º 8 PRAIA 35 — ESTAÇÃO DE CARROS ELÉCTRICOS 36 — ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO 37 — MIRADOURO DO GRANDE ESTÁDIO 38 — CAPELA 39 — FAROL 40 — DEPÓSITO DE ÁGUA 41 — ENCOSTA DE SANTA CATARINA 42 — CARACOL DE SANTA CATARINA 43 — PARQUE DE JOGOS 44 — INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (INEF) 45 — RIBEIRA DO JAMOR	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939	Plano do Estádio Nacional	Plano Inicial do Estádio Nacional, 1939		-	Plano Inicial do Estádio Nacional, 1939. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1939	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
					

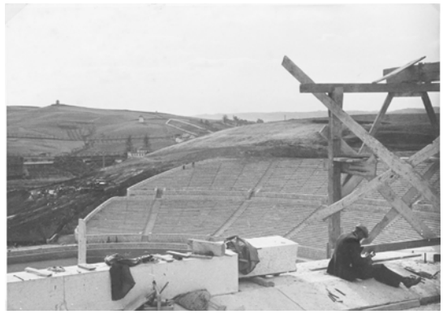
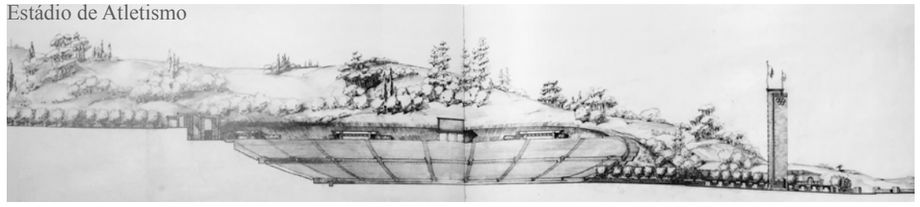
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1939	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
					
					

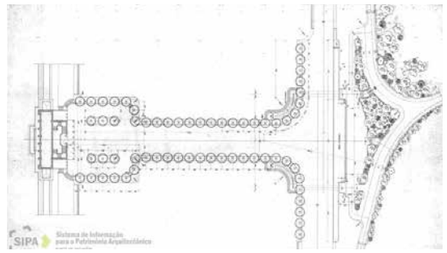
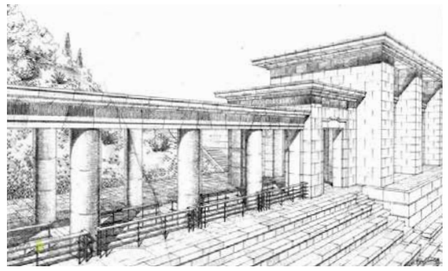
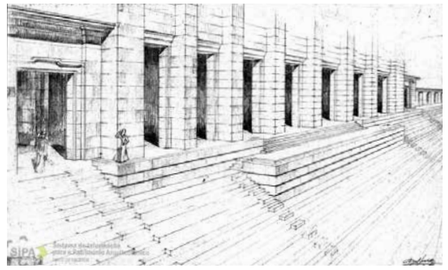
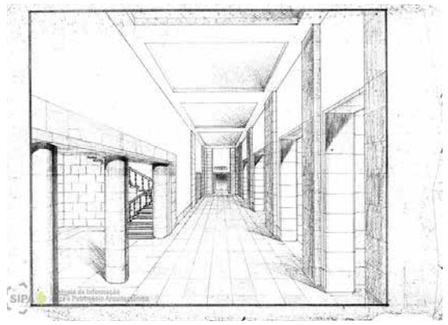
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Alterações		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
1939	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Alterações		Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

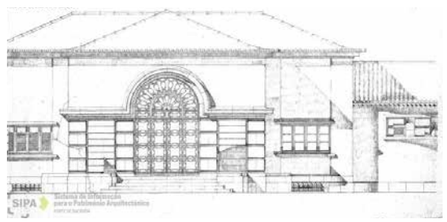
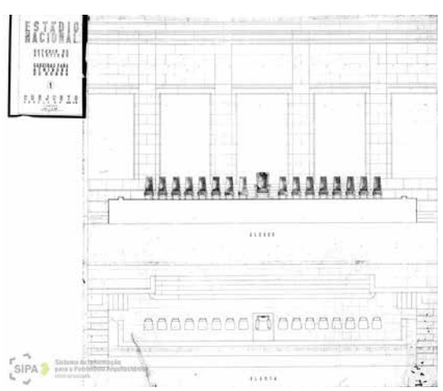
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939	Plano do Estádio Nacional	Complexo das Piscinas	    	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

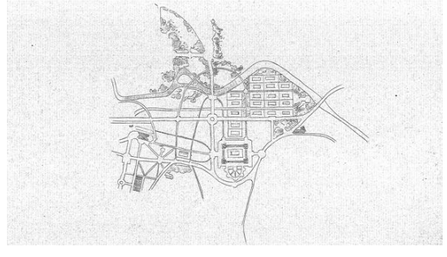
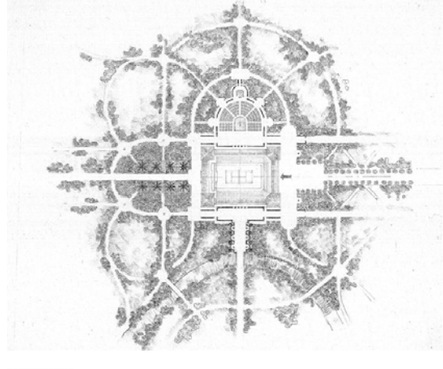
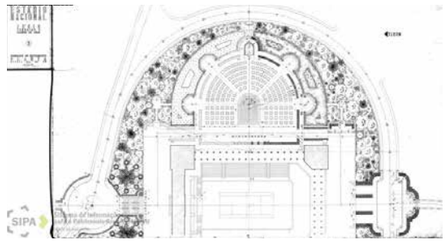
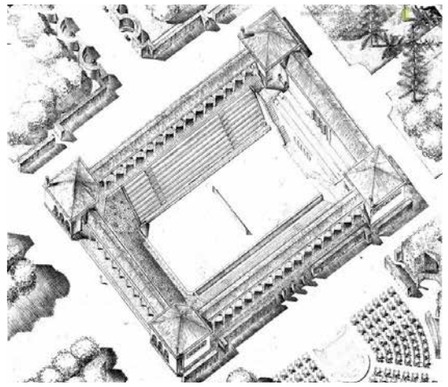
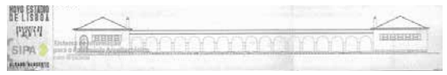
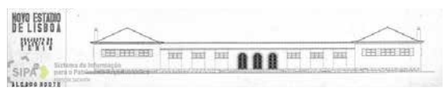
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
14 de outubro de 1939	Correspondência do Espólio de Caldeira Cabral	Memória Descritiva Definitiva do projeto do Estádio Nacional: MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJETO DEFINITIVO DAS BANACDAS DO ESTÁDIO DE ATLETISMO Foi nossa preocupação construir um estádio integrado na paisagem e do qual se pudesse estar em contacto com ele. Concebêmo-lo por isso aberto e localizamo-lo de modo a que de dentro se pudesse ver todo o Vale do Jamor. O estádio fica situado na encosta poente, no ponto de inflexão do vale. Do lado sul vem-se para norte as aldeias de Linda a Pastora, Linda a Velha e Carnaxide e os montes de Barcarena, e do lado norte vê-se o Tejo e a Trafaria. Não desejamos apenas integrar o estádio na paisagem afastada mas ligando-o aos montes e arvores próximas conseguimos alargar-lhe o Âmbito estreitando o seu contacto com a natureza. Criamos assim um recinto natural formando pelas encostas e que nos permite apreciar verdadeiramente a grandeza do vale. Devia alem disso ser possível a entrada de formações no campo do Estádio. Nas festas da Mocidade Portuguesa e outras de caracter nacional será possível ver não só a entrada das formações como o desfile das mesmas no vale. Assim como na paisagem tudo se subordina às grandes linhas também no estádio estas devem dominar todo o pormenor. Esta concepção está igualmente de acordo com a função do estádio para acomodar grandes massas humanas e com as suas dimensões. No estádio cheio domina a impressão dada pelos espectadores - no estádio vazio devem dominar as bancadas na sua simplicidade. Estas são os elementos arquitetónico primários da edificação a que todos os outros se devem subordinar. A galeria coberta constitue simplesmente o cortamento das bancadas e a separação entre o recinto e os montes que o envolvem, tal como a cimalha limita um edificio sem se poder tornar mais importante do que a fachada. O edificio central faz parte da galeria e será por isso tratado do mesmo modo. Os patamares inferior, médio e superior e as escadas que sobem radialmente constituem a estructura natural do recinto. As escadas são inteiramente simples e sobem sem interrupção de baixo a cima. Julgamos esta a melhor maneira de ordenar o edificio e ao mesmo tempo a mais conveniente para o movimento das massa. A abertura do estádio constitui enquadramento da paisagem e limita ao mesmo tempo o recinto do estádio. Não devemos considerá-la unicamente em relação ao recinto das bancadas mas devemos ter em vista que ela é o remate do recinto natural formado pelos montes. O edificio foi levado até onde o permitia o terreno e rematado por uma parede. Desta forma o recinto edificado mantem-se me contacto direto com a forma do terreno e a plantação, e o todo constitui o primeiro plano que enquadra a paisagem. A planta do estádio desenvolve-se a partir das dimensões do campo de futebol com 105 x 70m e da pista de cinzas que o envolve. Esta foi projetada segundo as normas do Comité Olímpico Internacional com o comprimento de 400m medidos a 0,30m da corda interior. A largura da pista de corridas é de 6 x 1,25= 7,50m e num troço recto de 8 x 1,25 = 10,00m. (…) Na construção procurámos, como em todo o projeto, os elementos mais simples e naturais. As fundações são de alvenaria e as bancadas de cantaria. Os passeios estreitos entre estas são de calçada à portuguesa, os passeios principais de lajedo e todos os muros de alvenaria aparelhada. Isto é tanto nas fundações como na obra em elevação utilizámos exclusivamente materiais portugueses da região. Outra vantagem desta	Caldeira Cabral	Espólio de Caldeira Cabral. 1939. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

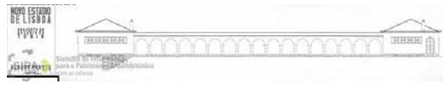
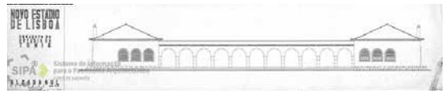
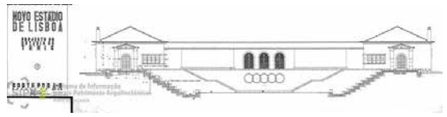
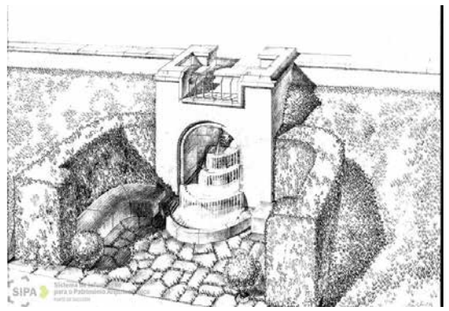
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			construção é que a sua resistência e conservação, como a experiência nos encina, são ótimas que faz prever gastos mínimos de manutenção. Pelos mesmos motivos procuramos fazer drenagem pelos meios mais simples. Esgotamos a água superficialmente e só no fundo do estádio se prevê um colector fechado com numerosas caixas de visita. Evitaremos assim as frequentes e dispendiosas reparações que teria um sistema de drenagem subterrânea, Resumindo o que dissemos podemos apontar como principal características do Estádio de Lisboa as seguintes: I - É o primeiro grande estádio moderno situado em plena natureza e que se abre sobre uma paisagem grandiosa. II - Pela primeira vez nos tempos modernos se constroem um estádio segundo a concepção grega isto é edificação integrada na paisagem e todo de pedra. III - É o primeiro grande estádio completamente construido em escavação numa depressão natural do terreno. IV - Diremos ainda que o único estádio moderno na Europa que só tem lugares sentados. Lisboa, 14 de Outubro de 1939 KONRAD WIESNER Dipl. Ing. Arquiteto FRANCISCO CALDEIRA CABRAL Eng. Agr. Arquiteto paisagista		
1939	Fotografias	Inicia-se a construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional. Autor desconhecido. 1939. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 50-a).
19--	Fotografias	Construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional . Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 16-e);

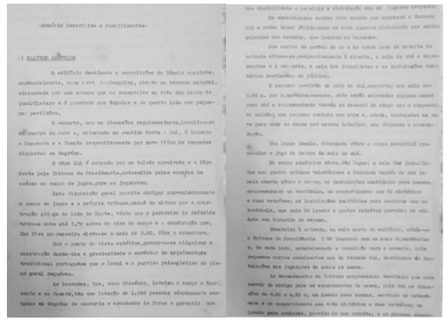
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional . Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 52-a);
1939	Fotografias	Construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional, 1939. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 33-b);
1940	Fotografias	Construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional, 1940. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 34-a);
19--	Fotografias	Vista aérea da Construção do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional . Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 17-b);
1939/1940	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo		Jacobetty Rosa	Estádio de Atletismo in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.172

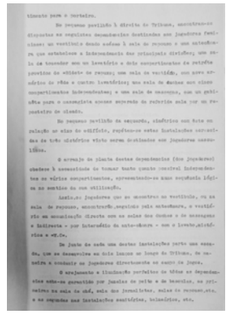
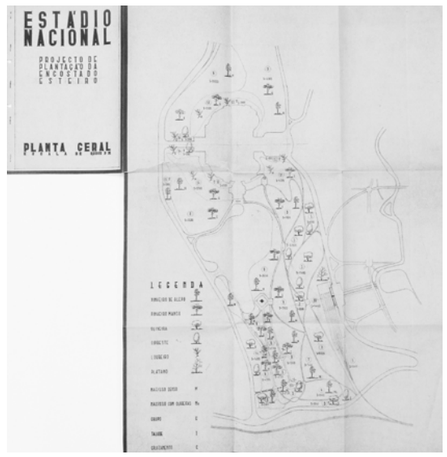
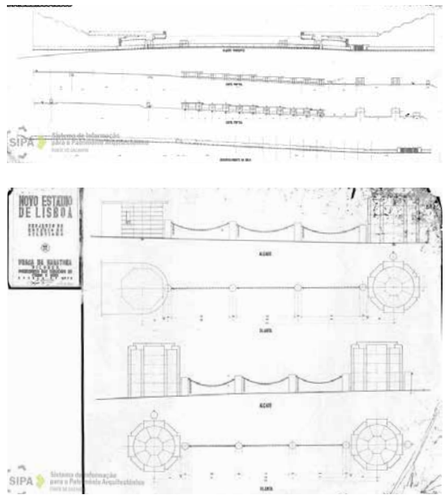
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939/1940	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Construção da Tribuna de Honra	    	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1940. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			 		
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Tribuna de Honra		-	Tribuna de Honra. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 10-a);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Construção das Estruturas Envolventes		-	Construção das Estruturas Envolventes in GUIA, Diogo [et. al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.160 e 161

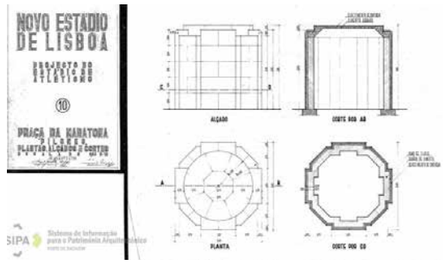
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1939/1940	Plano do Estádio Nacional	Pavilhão de Ténis	     	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1940. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

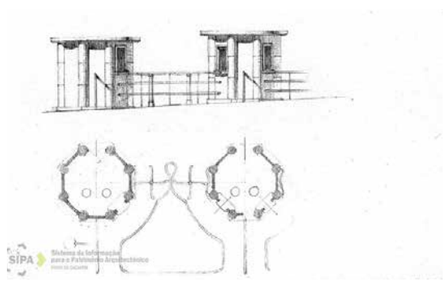
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			    		
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Construção do Pavilhão de Ténis	 	-	Construção do Pavilhão de Ténis. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 40-c, 40-d, 41-a);

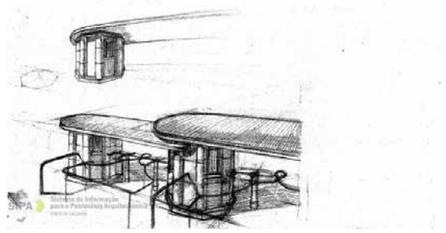
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1939/1943	Fotografias	Estádio de Atletismo - Construção do Pavilhão de Ténis	 	-	Construção do Pavilhão de Ténis, 1939-1943. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1939/1943	Plano do Estádio Nacional	Memória Descritiva do Pavilhão de Ténis		Jacobetty Rosa	Memória Descritiva do Pavilhão de Ténis de Jacobetty Rosa. 1940. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.

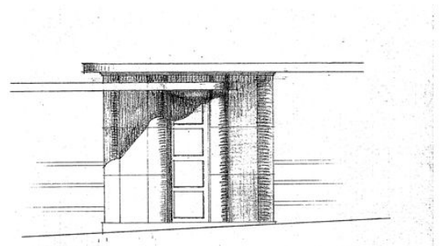
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1939/1940	Plano do Estádio Nacional	Projeto de Plantação da Encosta do Esteiro		Jacobetty Rosa	Projeto de Plantação da Encosta do Esteiro de Jacobetty Rosa. 1940. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1939/1940	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Praça da Maratona		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1940. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

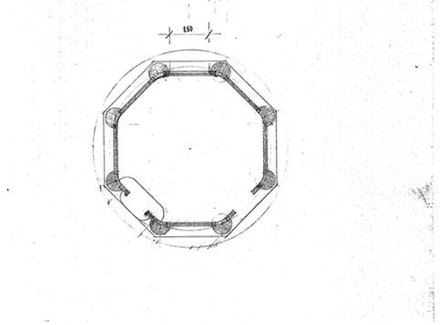
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

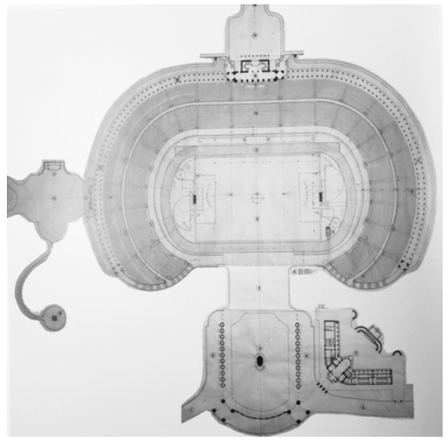
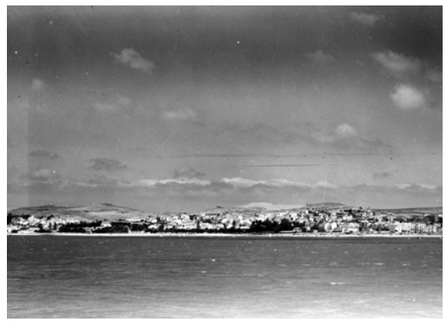


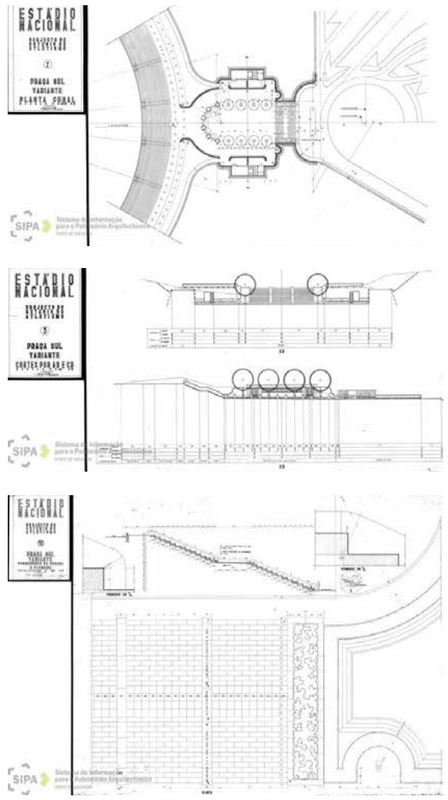


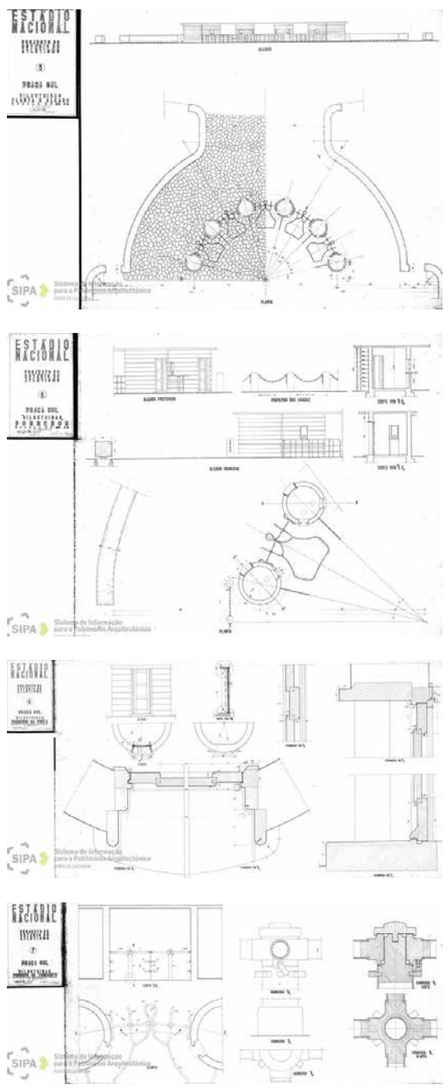




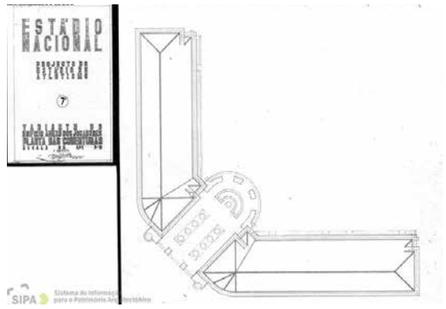
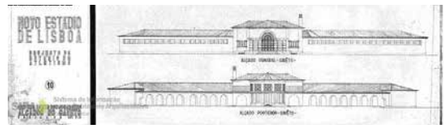
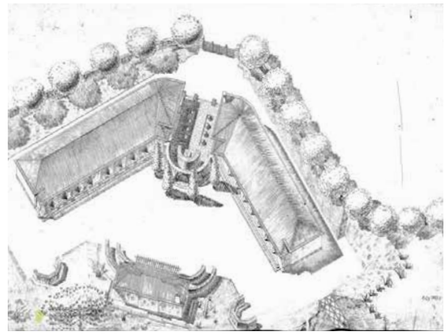
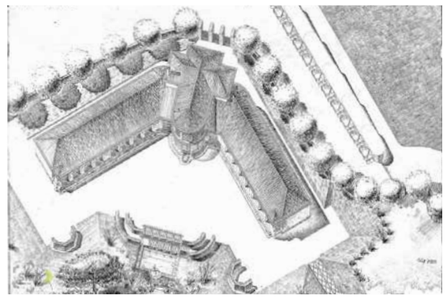
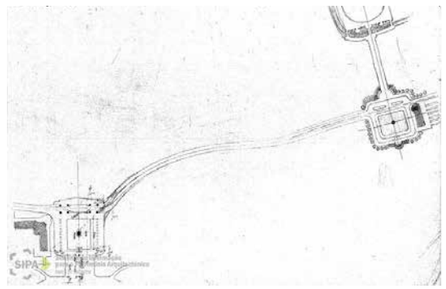


Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1940	Fotografia do Plano do Estádio Nacional	Fotografia do Projeto do Estádio Nacional		Fotografia de Kurt Pinto	Fotografia do Projeto do Estádio Nacional. PINTO, Kurt in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.76
1940	Fotografia Panorâmica	Panorâmica sobre Algés e Dafundo, tirada do rio Tejo, fotografia de Amadeu Ferrari		Amadeu Ferrani	-
1940	Fotografias	Construção da auto-estrada para o Estádio Nacional		-	Construção da auto-estrada para o Estádio Nacional, 1940. Autor desconhecido. Disponível em: AML (Cota: 2737 FDM002148 B092358).

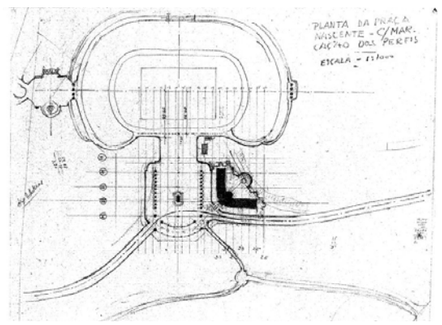
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1940	Jornal “O século”	Apresenta na 1ª página uma notícia referente à construção do Estádio Nacional		-	[s.n.] - O Estádio Nacional terá capacidade para mais de 50.000 pessoas in Jornal “O Século”. Lisboa: [s.n.], 14 de Setembro de 1940.
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Praça Sul		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

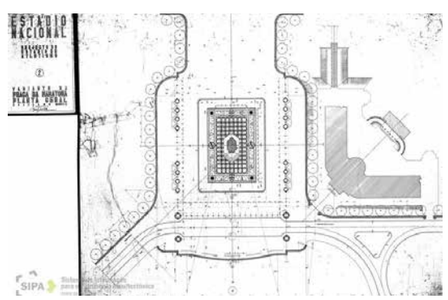
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Edifício Anexo dos Jogadores		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

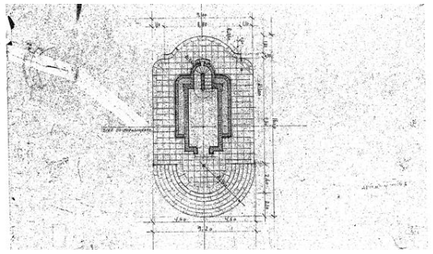
Do Desenho Sentimental à "Lisboa Urbs"

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
					
					
					
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Torre da Praça da Maratona		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

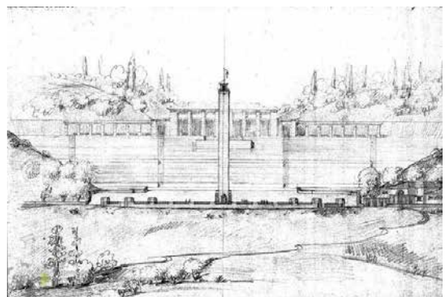
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte



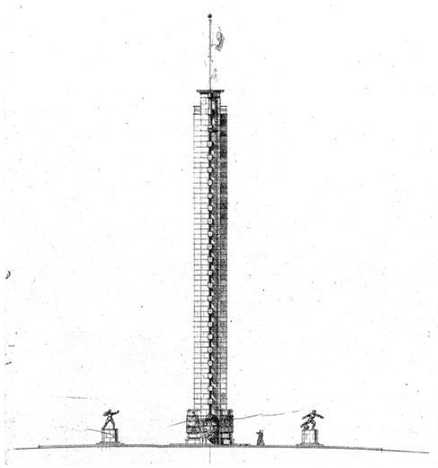


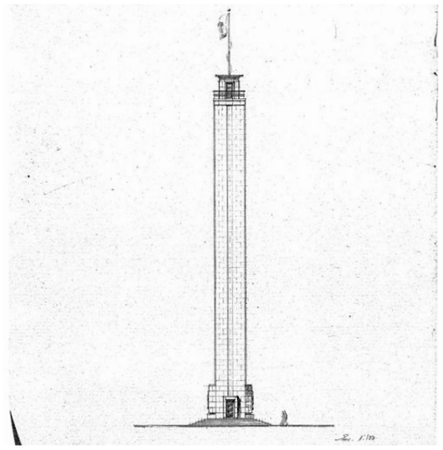


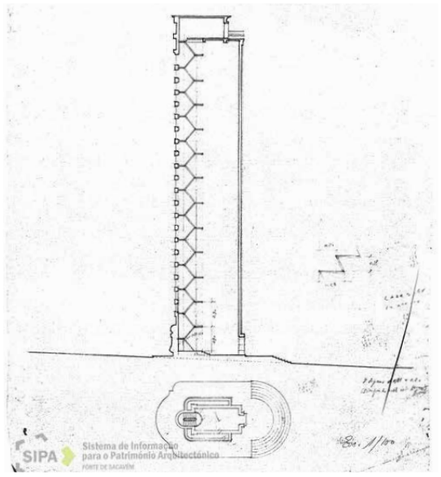


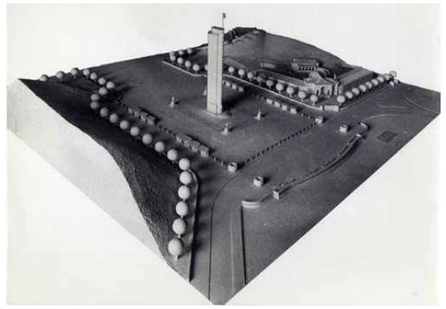
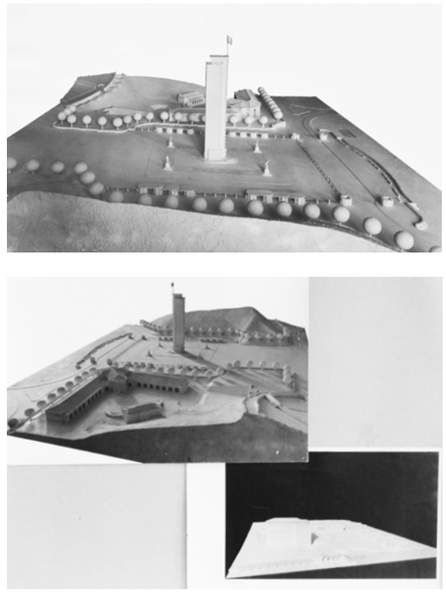
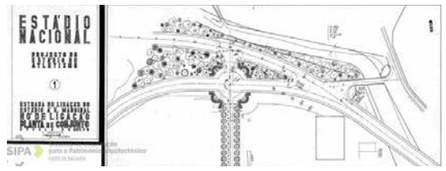


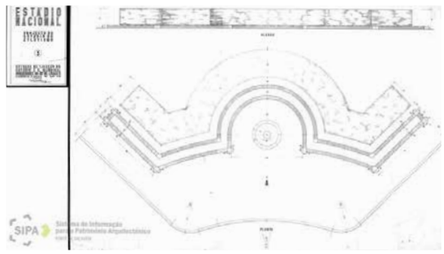
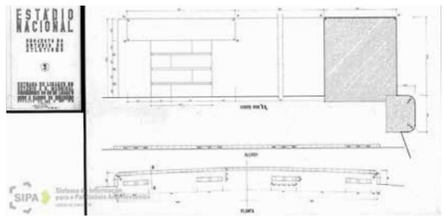
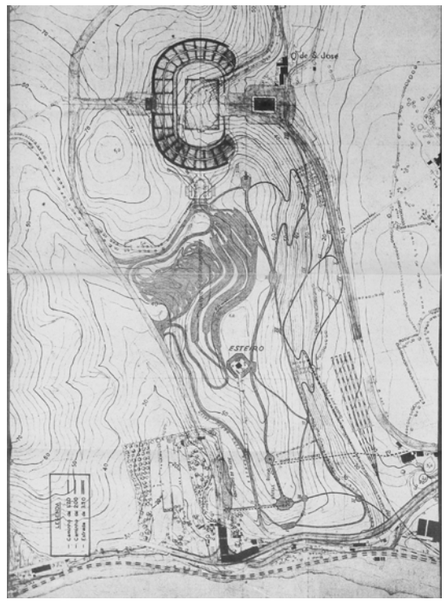
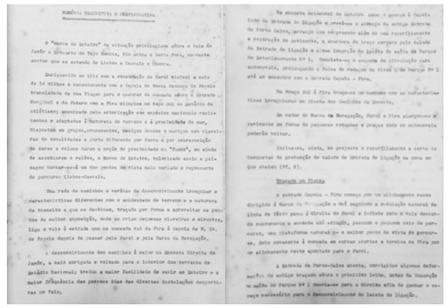
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

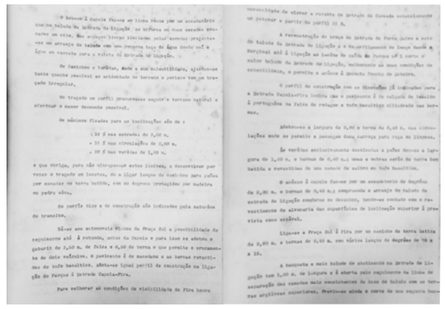
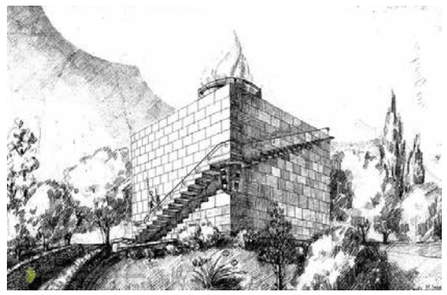
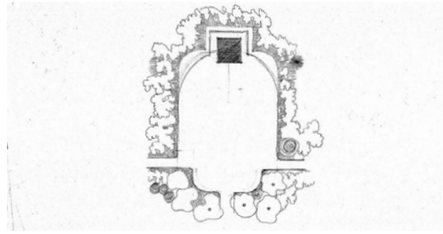
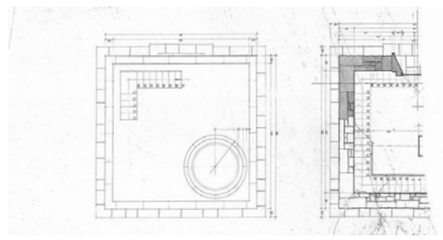
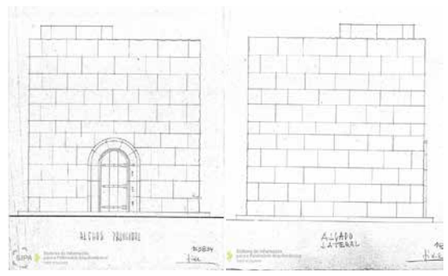




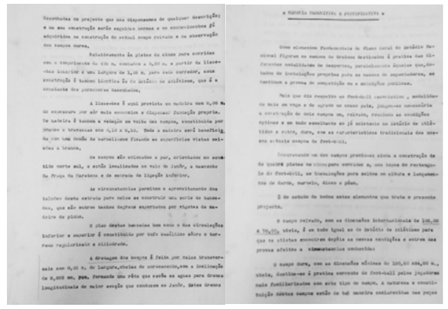
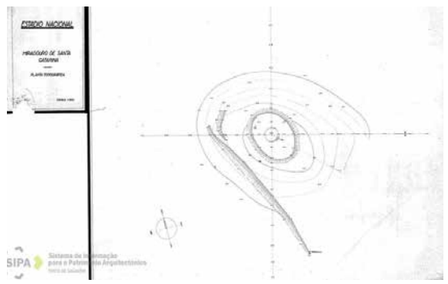
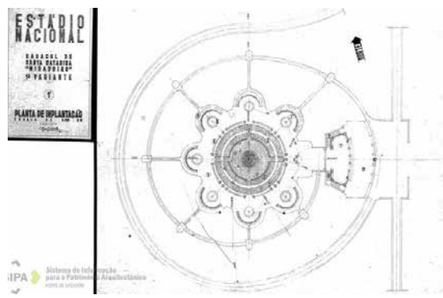
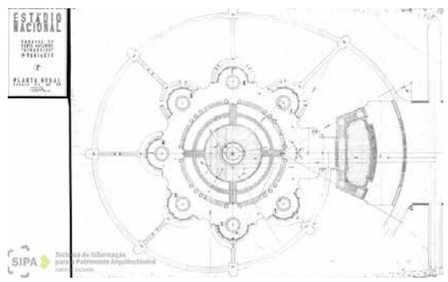


Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Maquete da Torre da Praça da Maratona (estudo sobre a possível colocação de um monumento na área do Estádio Nacional)		Jacobetty Rosa	ROSA, Jacobetty - Estudo sobre a possível colocação de um monumento na área do Estádio Nacional. 1941 - Lisboa, CML, Cód: PT/MOER/MO/NF/004/01/002385
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Maquete da Torre da Praça da Maratona e INEF		Jacobetty Rosa	Maquete da Torre da Praça da Maratona de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1941	Plano do Estádio Nacional	Estádio de Atletismo - Ligação do Estádio à Marginal	 	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

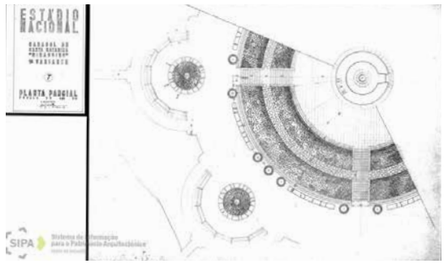
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			 		
1941	Plano do Estádio Nacional	Circulações do Esteiro		Jacobetty Rosa	Circulações do Esteiro de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1941	Plano do Estádio Nacional	Circulações do Esteiro - Memória Descritiva		Jacobetty Rosa	Circulações do Esteiro de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1941	Plano do Estádio Nacional	Pira Olímpica	   	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1941. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1942	Cartografia	Carta Militar de Portugal (Folha 430)	 	Cap. A.M. Romão	Carta Militar de Portugal. Folha 430. 1942. Disponível em: Cartoteca do Instituto Geográfico Português.
1942/1944	Fotografias	Estádio de Atletismo - Praça da Maratona		-	Praça da Maratona, 1942-1944. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1943	Cartaz	Propaganda do Secretariado da Propaganda Nacional à construção do Estádio Nacional		-	[s.n] - Aos Desportistas: Regozijemo-nos porque teremos em breve o Estádio Nacional. Lisboa: SPN, 1943. Disponível na Biblioteca Nacional: (Cota:CT. 7052 V.) - http://purl.pt/27514

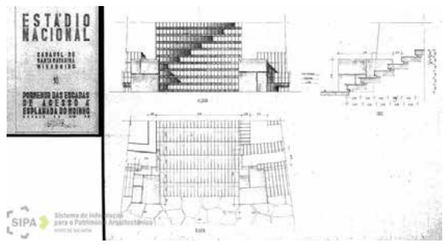
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1943	Plano do Estádio Nacional	Campos de Treino		Jacobetty Rosa	Campos de Treino de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1943	Plano do Estádio Nacional	Campos de Treino - Memória Descritiva		Jacobetty Rosa	Campos de Treino de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina	  	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

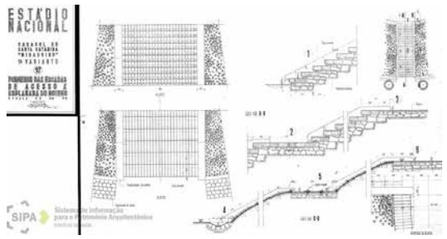
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

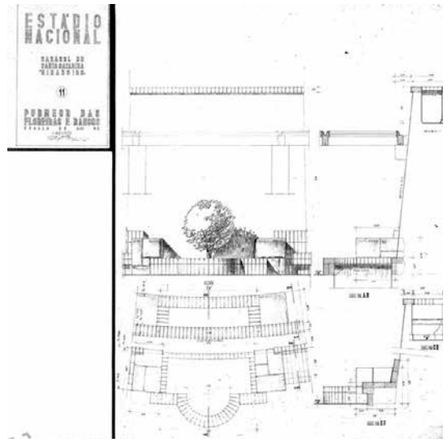


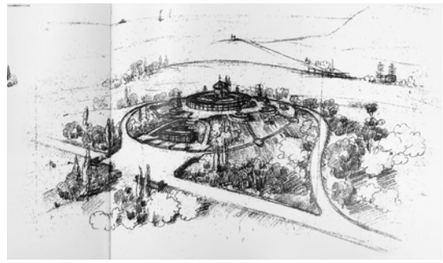
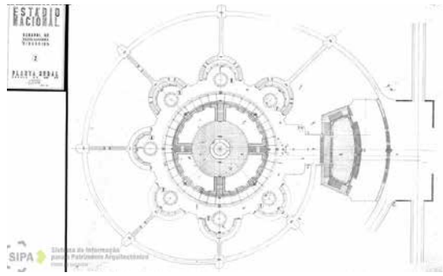
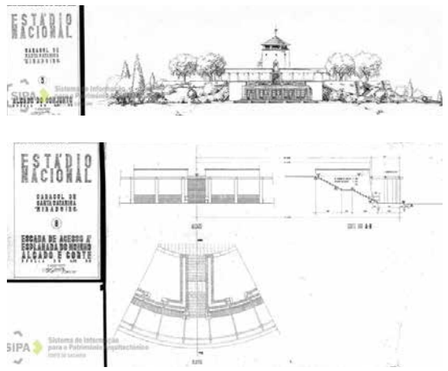
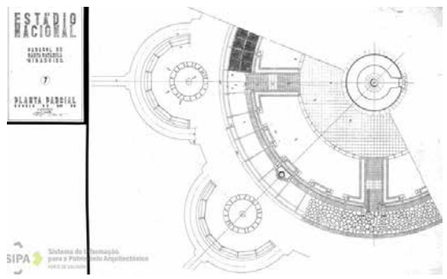


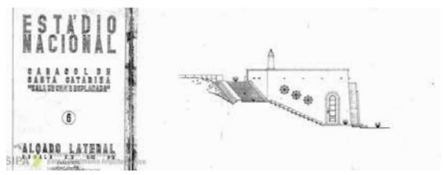
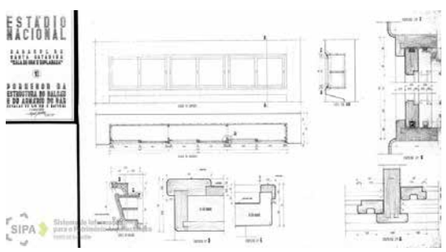
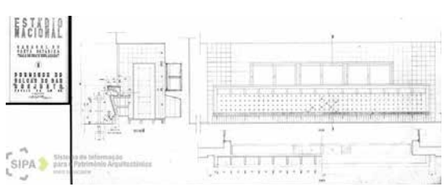
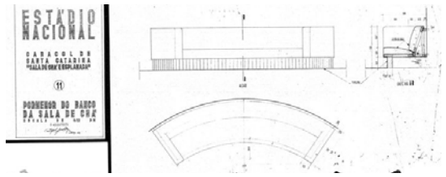
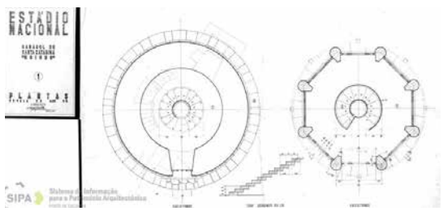
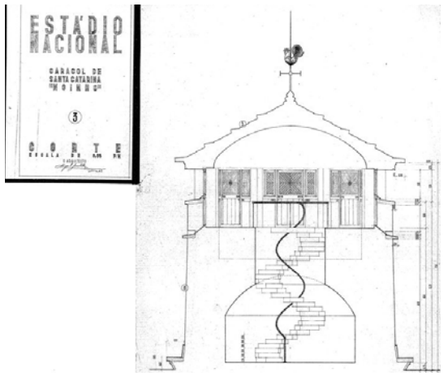


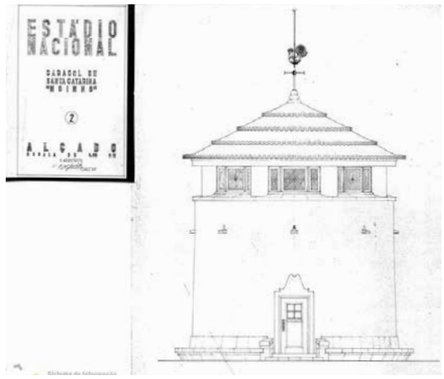
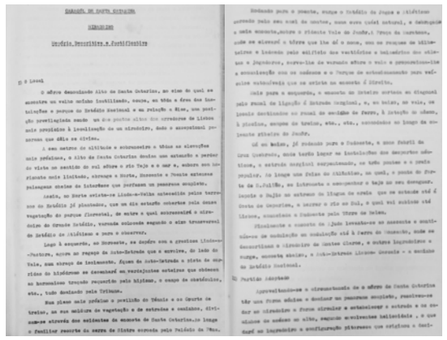
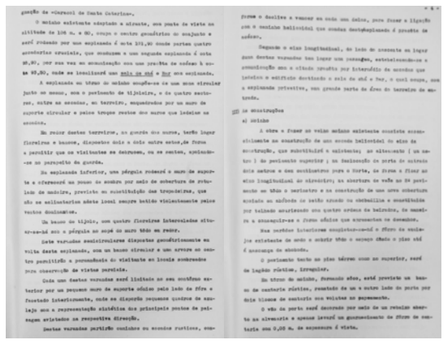
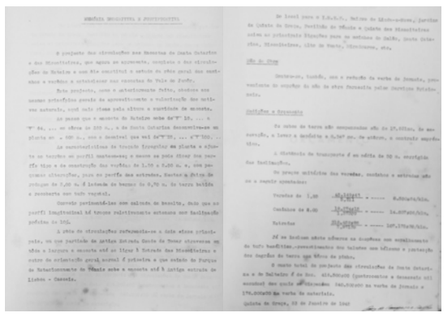


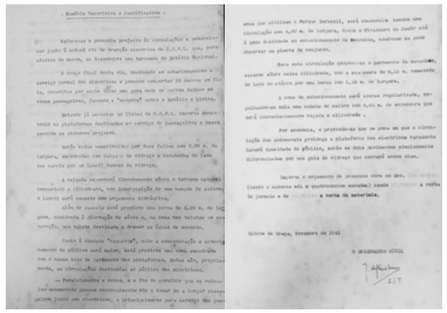
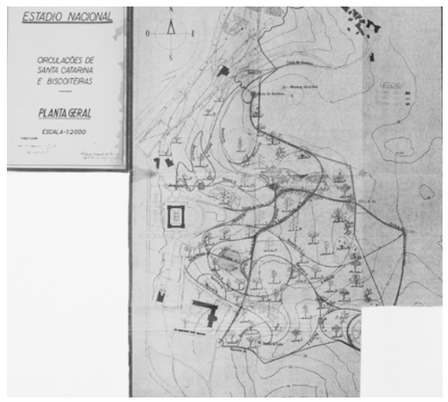
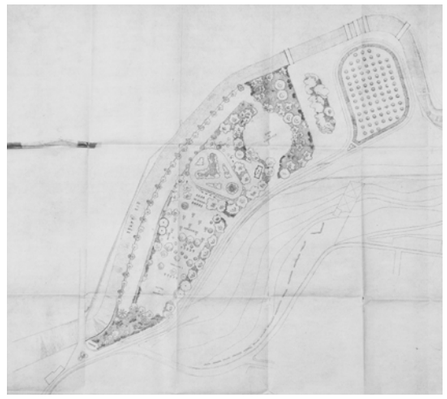


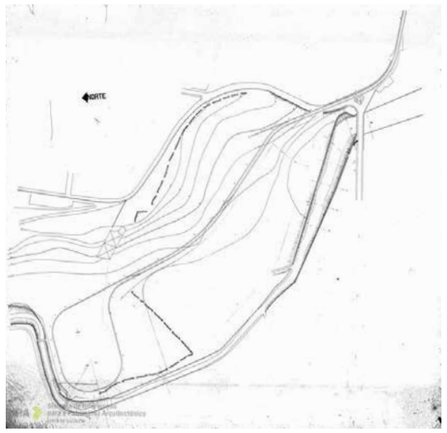
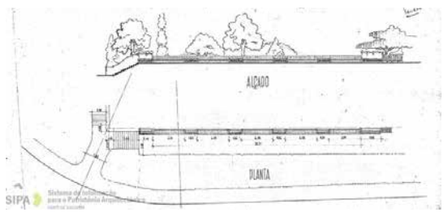
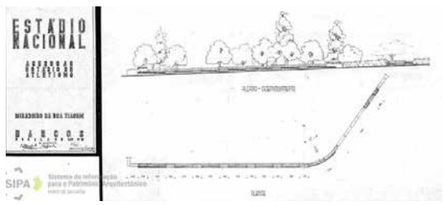
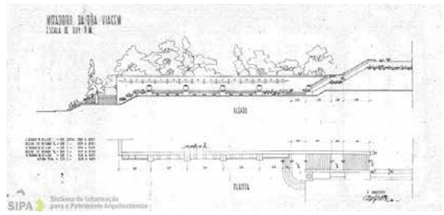


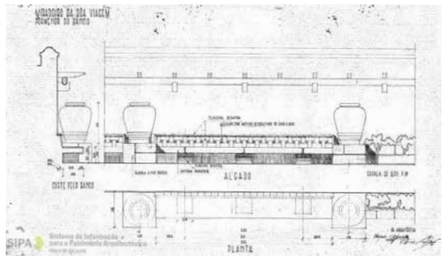
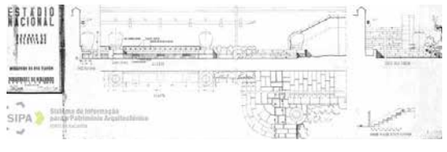
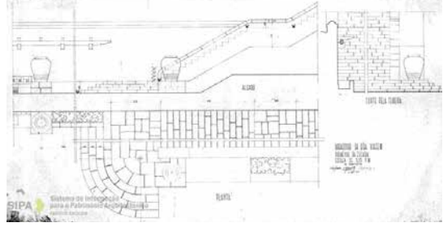
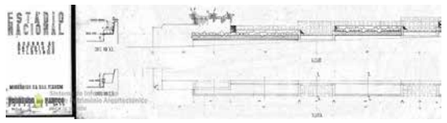
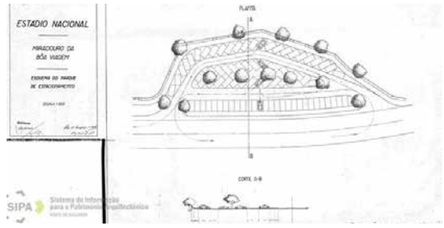
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina		Jacobetty Rosa	Miradouro do Caracol de Santa Catarina in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.191
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina (Variante)	  	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina (Sala de Chá)		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

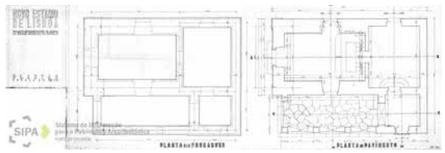
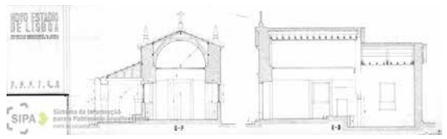
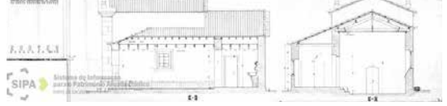
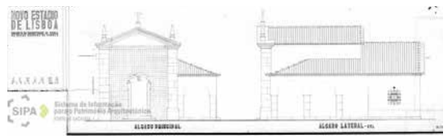
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			   		
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina (reabilitação do Moinho)	 	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

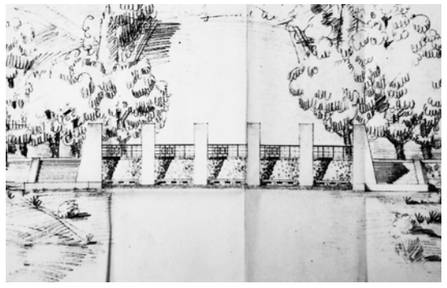
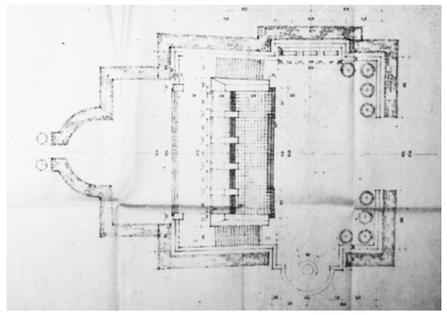
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Caracol de Santa Catarina - Memória Descritiva	 	Jacobetty Rosa	Memória Descritiva do Miradouro do Caracol de Santa Catarina de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1943	Plano do Estádio Nacional	Circulações de Santa Catarina e Biscoiteiras - Memória Descritiva		Jacobetty Rosa	Memória Descritiva das Circulações de Santa Catarina e Biscoiteiras de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.

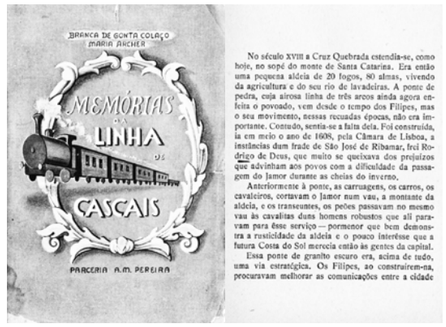
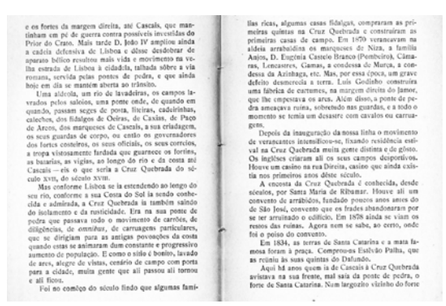
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1943	Plano do Estádio Nacional	Circulações de Santa Catarina e Biscoiteiras		Jacobetty Rosa	Memória Descritiva do Miradouro do Caracol de Santa Catarina de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1943	Plano do Estádio Nacional	Projeto das circulações junto à linha de Elétricos		Jacobetty Rosa	Projeto das circulações junto à linha de Elétricos de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.
1943	Plano do Estádio Nacional	Parque de jogos Infantis e Projeto das circulações junto à linha de Elétricos		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

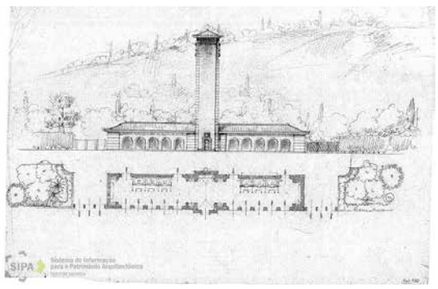
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
					
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
					
					

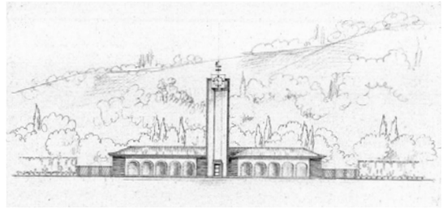
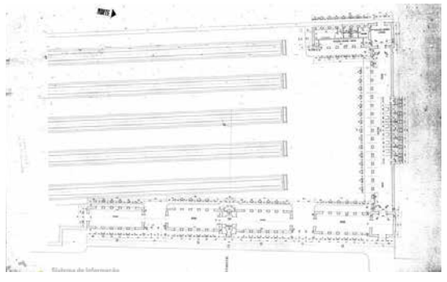
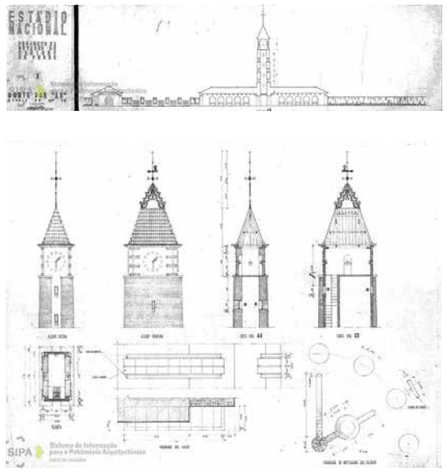
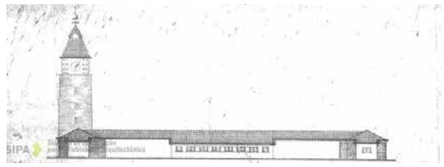
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
			    		
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem		Jacobetty Rosa	Miradouro do Caracol de Santa Catarina in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.190
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Construção do Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem 		-	Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 39-d e 39-f);

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1943	Plano do Estádio Nacional	Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem "Com a extinção das Ordens Religiosas em 1834, os Frades foram expulsos e o Convento foi confiscado, para depois ser vendido. Os imóveis foram transformados em habitações, constituindo uma Vila, como adiante se relata. Mas tudo tem o seu fim e, assim, sucedeu na década de quarenta do século passado, quando da construção do Estádio Nacional, porém, o bom senso levou a que fosse construída no local, onde restava parte do Convento demolido, uma bela Ermida. Mas aquando da construção, alguém entendeu embutir na parede sob o alpendre uma lápide com os seguintes dizeres: PN AM PI as Almas Exmo. Sr. Conde de Vila Flor mandou faser esta hermida de N.ª S.ª do Populo em agradecimento de hum milagre que lhe fes de o livrar de huma enfermidade que padecia concorrendo o grande zelo e trabalho do Irmão Fr. Bras de Jesus M.ª religioso leigo desta Província, natural da Ilha de S.Miguel o qual muito amor que sempre teve a esta imagem lhe acestiu athe o fim desta sua obra na era de 1734. Face a tais inscrições, há quem afirme que o templo (que nada tem com a arquitetura do séc.XVIII) foi edificado em honra de N.ª S.ª do Pópulo em 1734. E tudo se deve a que tal lápide, certamente foi encontrada no entulho dos restos do Convento com os do Forte e edificações próximas, vítimas do camartelo na mesma altura, sendo depois embutida na nova Ermida. E chego a esta conclusão, portanto o Conde de Vila Flor, titular que consta da referida lápide, tinha Casa junto ao Forte e seria natural que tal lápide fizesse parte da sua própria Ermida mandada	    	-	Texto - GOMES, Levy - Cruz-Quebrada - Dafundo: Património e Personalidades. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2006. p.28 e 30 Desenhos - Espólio de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

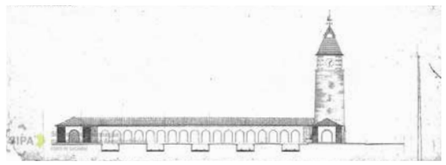
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		construir quando o Conde sofreu de grande enfermidade. Ora, deixemos o caso das inscrições não condizentes, que bom seria que, para evitar confusões a lápide fosse retirada, e prossigamos: O citado templo fechado após a sua construção e sem conservação durante mais de 60 anos, ameaçava ruína, mas graças à intervenção da Junta de Freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo e com o patrocínio da Câmara Municipal de Oeiras foram feitas as necessárias obras e em 18 de Junho de 2005 aErmida de Nossa Senhora da Boa Viagem foi aberta ao culto.”			
1943	Plano do Estádio Nacional	Miradouro do Grande Estádio		Jacobetty Rosa	Miradouro do Grande Estádio - Planta, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;
					
1943	Plano do Estádio Nacional	Plano Geral do Complexo Desportivo do Jamor		Jacobetty Rosa	Plano Geral do Complexo Desportivo do Jamor de Jacobetty Rosa. 1943. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto.

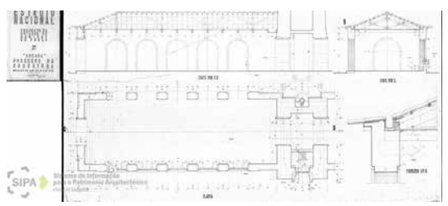
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1943	Referenciação textual - Memórias da Linha de Cascais	“No século XVIII s Cruz Quebrada estendia-se, como hoje, no sopé do monte de Santa Catarina. Era então uma pequena aldeia de 20 fogos, 80 almas, vivendo da agricultura e do seu rio de lavadeiras. A ponte de pedra, cuja airosa linha de três arcos ainda agora enfeita o povoado, vem desde o tempo dos Filipes, mas o seu movimento, nessas recuadas épocas, não era importante. Contudo, sentia-se a falta dela. Foi construída, ia em meio o ano de 1608, pela Câmara de Lisboa, a instâncias dum frade de São José de Ribamar, frei Rodrigo de Deus, que muito com a dificuldade da passagem do Jamor durante as cheias do inverno. Anteriormente à ponte, as carruagens, os carros, os cavaleiros, cortavam o Jamor num vau, a montante da aldeia, e os transeuntes, os peões passavam no mesmo vau às cavalitas duns homens robustos que ali paravam para êsse serviço - pormenor que bem demonstra a rusticidade da aldeia e o pouco interêsse que a futura Costa do Sol merecia então às gentes da capital. Essa ponte de granito escuro era, acima de tudo, uma via estratégica. Os Filipes, ao construírem-na, procuravam melhorar as comunicações entre a cidade e os fortes da margem direita (…) Mas conforme Lisboa se ia estendendo ao longo do seu rio, conforme a sua Costa do Sol ia sendo conhecida e admirada, a Cruz Quebrada ia também saindo do isolamento e da rusticidade. Era na sua ponte de pedra que passava todo o movimento de carrões, de deligências, de omnibus, de carruagens particulares, que se dirigiam para as antigas povoações da costa quando estas se animaram dum constante e progressivo aumento da população. E como o sítio é bonito, lavado de ares, alegre de vistas, cenário de campo com porta para a cidade, muita gente que ali passou tornou e ali ficou. Foi no começo do século findo que algumas famílias ricas, algumas casas fidalgas, compraram as primeiras quintas na Cruz Quebrada e construíram as primeiras casas de campo. (…) Luís Godinho construíra uma fábrica de curtumes, na margem direita do Jamor, que lhe empestava os ares. (…) Depois da inauguração da nossa linha o movimento de veraneantes intensificou-se, fixando residência estival na Cruz Quebrada muita gente distinta e de gôsto. Os inglêses criaram ali os seus campos desportivos. houve um casino na rua Direita, casino que ainda existia nos primeiros anos dêste século. A encosta da Cruz Quebrada é conhecida, desde séculos, por Santa Maria de Ribamar. Houve ali	  	Maria Archer Branca de Gonta Colaço	ASCHER, Branca de Conta Colaço - **Memórias da linha de Cascais.** Lisboa: A.M.Pereira, 1943.

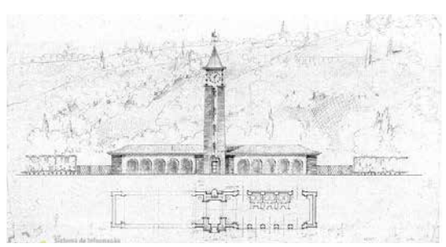
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		um convento de arrábidos, fundado poucos anos antes do de São José, convento que os frades abandonaram por se ter arruinado o edifício. Em 1878 ainda se viam os restos das ruínas. Agora nem se sabe, ao certo, onde foi o poiso do convento. Em 1834, as terras de Santa Catarina e a mata famosa foram à praça. Comprou-as Estêvão Palha, que as reuniu às suas quintas do Dafundo".			
1943	Fotografias	Construção das bancadas do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional, 1943. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/004/01/001953).
1943	Fotografias	Construção das bancadas do Estádio Nacional		-	Construção do Estádio Nacional, 1943. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/004/01/001954).
1943/1944	Plano do Estádio Nacional	Estação de Comboios - Variantes		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1944. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

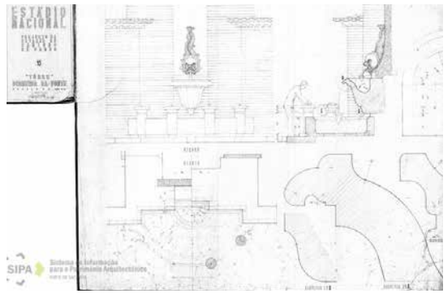
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1943/1944	Plano do Estádio Nacional	Estação de Comboios	    	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1944. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

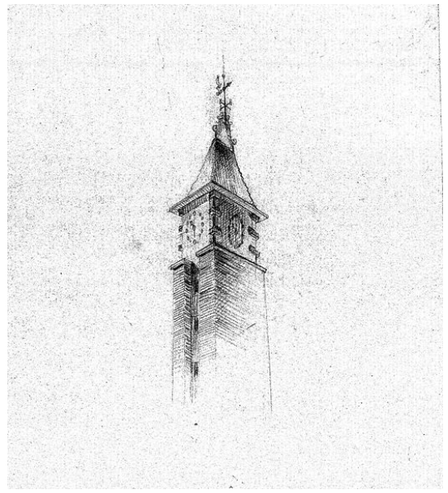
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte

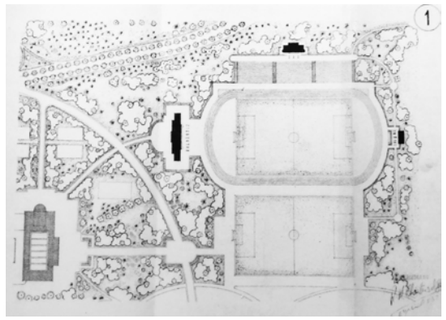
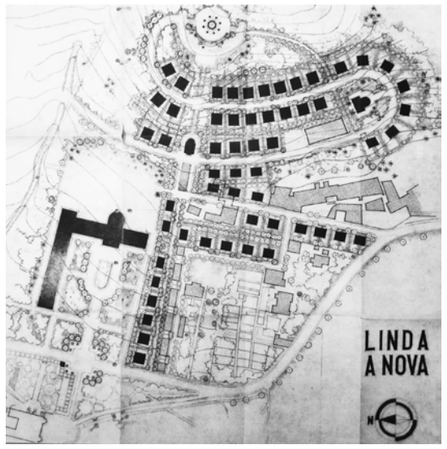


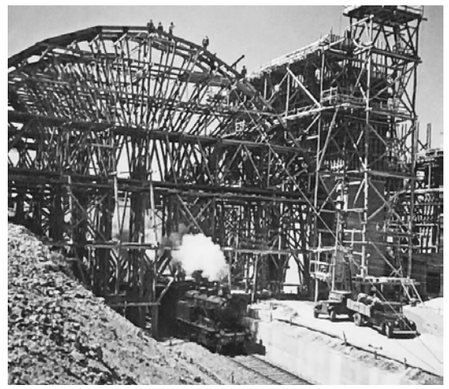
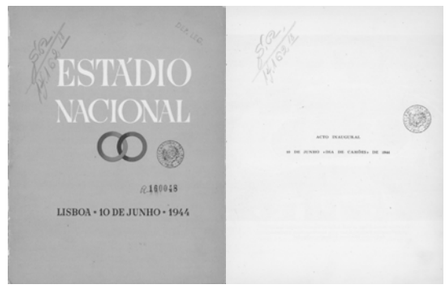


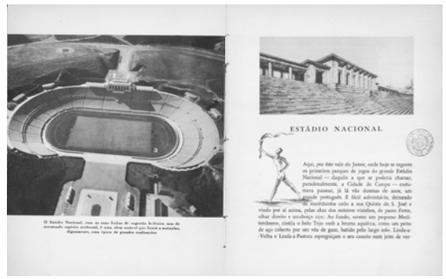




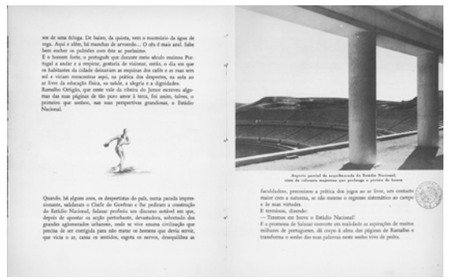


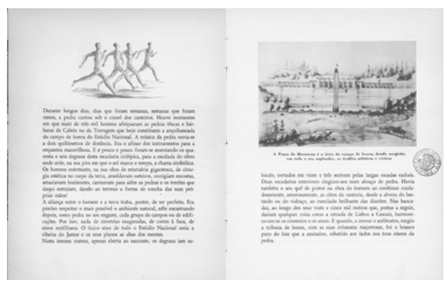
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1943/1944	Plano do Estádio Nacional	Estádios de Treino		Jacobetty Rosa	Estádios de Treino, 1943-1944. ROSA, Jacobetty. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1943/1944	Plano do Estádio Nacional	Plano Urbano de Linda-a-Nova		Jacobetty Rosa	Linda-a-Nova, 1943-1944. ROSA, Jacobetty. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

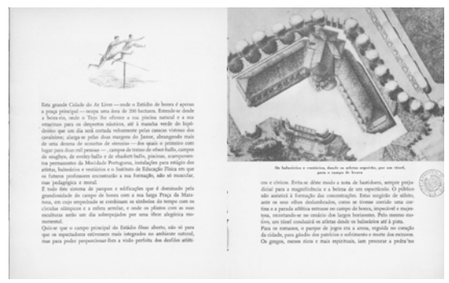
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1943/1944	Fotografias	Estádio de Atletismo - Construção da Estação de Comboios		-	Construção da Estação de Comboios, 1939-1943. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1944	Fotografias	Estádio de Atletismo - Estação de Comboios		-	Estação de Comboios, 1944. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
19--	Fotografias	Composição de um comboio estacionada na estação do Estádio Nacional		Horácio Novais	Composição de um comboio estacionada na estação do Estádio Nacional. NOVAIS, Horácio in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.117
10 de junho de 1944	Acto Inaugural	Estádio Nacional - Acto inaugural, 10 de Junho, "Dia de Camões" de 1944		-	[s.n] - Acto inaugural, 10 de Junho, "Dia de Camões" de 1944. Lisboa: Lito. de Portugal, 1944. Disponível na Biblioteca Nacional: (Cota: S.N.I. 2741 - http://purl.pt/30840

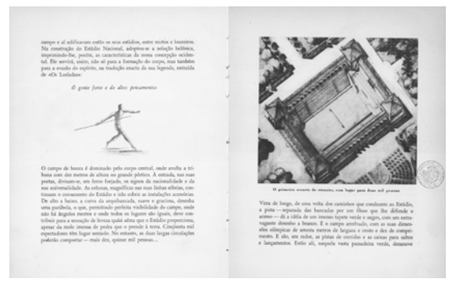


ESTÁDIO NACIONAL

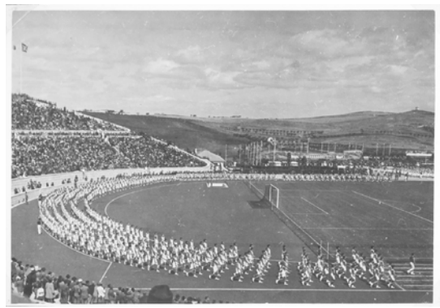


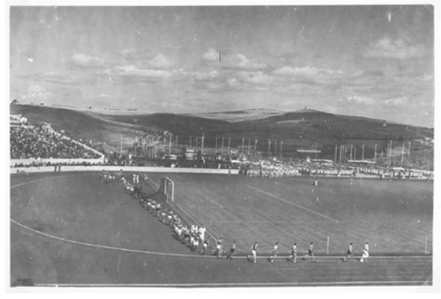






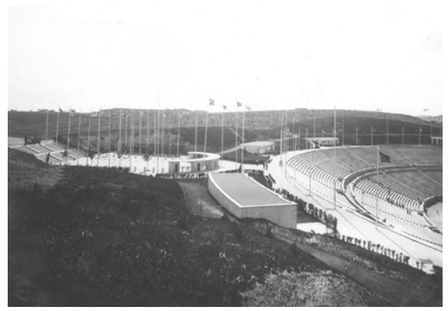
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
					
					
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 20-c);

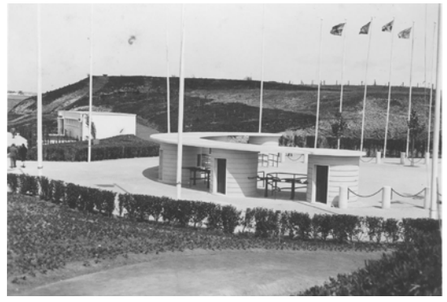
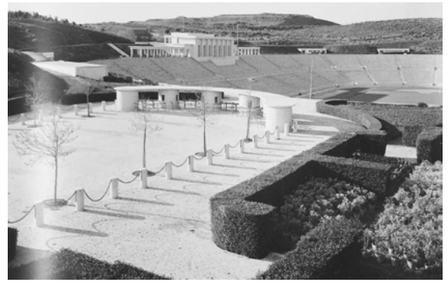
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 20-d);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 27-d);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 53-a);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 57-e);

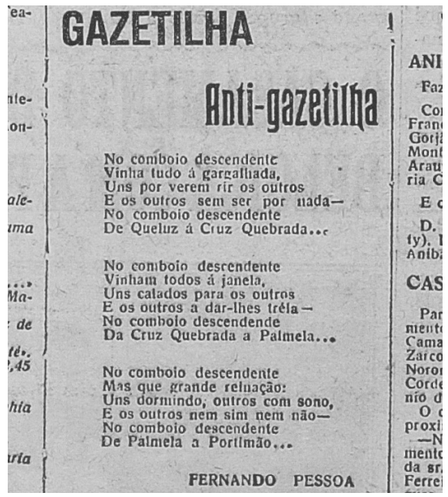
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Inauguração do Estádio Nacional		-	Inauguração do Estádio Nacional. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 60-b);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Pira Olímpica temporária		Horácio Novais	Pira Olímpica. NOVAIS, Horácio. Data desconhecida. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 30-d);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Ponte de passagem pedonal		-	Ponte de passagem pedonal. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 2-e);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Encosta de Santa Catarina e seus Moinhos		-	Encosta de Santa Catarina e seus Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 3-a (2));

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Rio Jamor		-	Rio Jamor. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 3-a);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Avenida Pierre Coubertin e Casa do Esteiro		-	Avenida Pierre Coubertin e Casa do Esteiro. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 4-i);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Ponte do Cruzeiro		-	Ponte do Cruzeiro. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 7-i);
1944	Fotografias	Estádio de Atletismo - Ponte do Cruzeiro		-	Ponte do Cruzeiro. 1944. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 10-a);

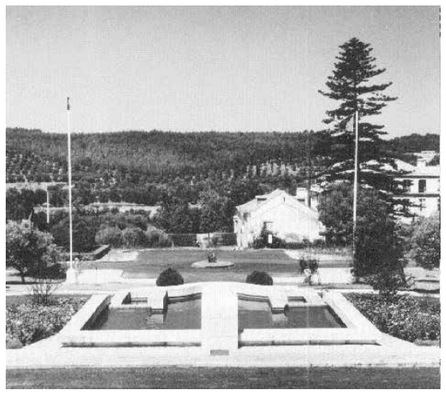
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Ponte de passagem pedonal		-	Ponte de passagem pedonal. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-a);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Ponto geodésico (Farol do Esteiro)		-	Farol do Esteiro e Estacionamento. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-c);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem		-	Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 48-d);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo		-	Estádio de Atletismo. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 35-c);

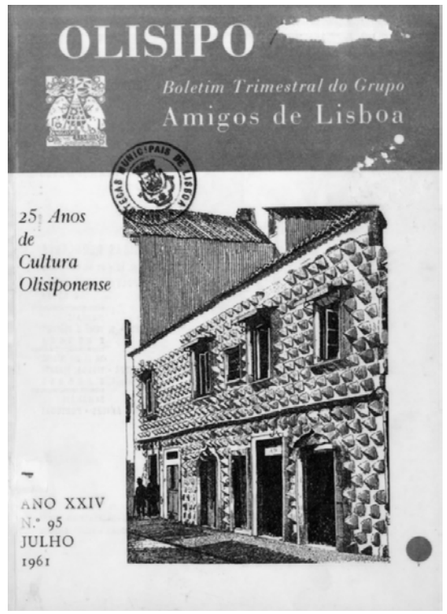
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - o Vale visto a partir do Estacionamento		-	O Vale visto a partir do Estacionamento. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 49-c);
19--	Fotografias	Panorâmica do Vale - crescimento das plantações do Complexo Desportivo do Jamor (metamorfose da paisagem)		-	Panorâmica do Vale in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.183
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Praça Sul		-	Estádio de Atletismo, Praça Sul. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 57-a);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Bilheteira da Praça da Maratona		Horácio Novais	Entrada da Praça Sul. NOVAIS, Horácio in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.78

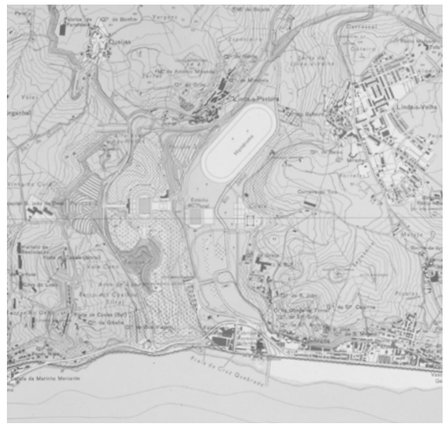
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Praça Sul		-	Estádio de Atletismo, Praça Sul. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 57-d);
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Entrada da Praça Sul		Horácio Novais	Entrada da Praça Sul. NOVAIS, Horácio in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.79
19--	Fotografias	Estádio de Atletismo - Vista Aérea do Complexo Desportivo do Jamor		-	Vista Aérea do Complexo Desportivo do Jamor in CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 anos depois.** Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.31.
1944	Fotografias	Estádio de Atletismo - Perspetiva do Estádio após a conclusão das obras		Horácio Novais	Perspetiva do Estádio após a conclusão das obras in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.77

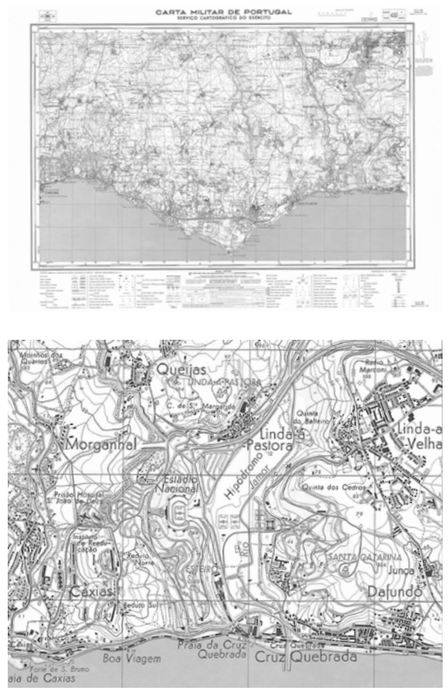
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1944	Fotografia Aérea	Fotografia Aérea do Rio Jamor		-	CASIMIRO, Jaime - **Elucidário de alguma Oeiras.** Oeiras: Gabinete de Comunicação do Município, 2010.
1944	Poesia	Poema Anti-gazetilha de Fernando Pessoa	 GAZETILHA Anti-gazetilha No comboio descendente Vinha tudo á gargalhada, Uns por verem rir os outros E os outros sem ser por nada— No comboio descendente De Queluz á Cruz Quebrada... No comboio descendente Vinham todos á janela, Uns calados para os outros E os outros a dar-lhes tréla— No comboio descendente Da Cruz Quebrada a Palmela... No comboio descendente Mas que grande relação: Uns dormindo, outros com sono, E os outros nem sim nem não— No comboio descendente De Palmela a Portimão... FERNANDO PESSOA	-	PESSOA, Fernando - **Poesias de Álvaro de Campos.** Lisboa: Ática, 1944. p.271. (Consultado em 16/4/2020). Disponível na internet: http://www.pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Anti-Gazetilha
1946	Cartaz	Cartaz de propaganda política do Estado Novo - Estádio Nacional	 A ORGANIZAÇÃO DESPORTIVA PORTUGUESA recebeu do ESTADO NOVO o maravilhoso Estádio Nacional e constroe os estádios municipais em vários pontos do País levando à mocidade de Portugal possibilidades desportivas que antes se julgavam inatingíveis. Do ESTADO NOVO recebeu também a juventude desportiva a criação dos centros de medicina próprios. o Centro de Medicina Desportivo de Lisboa é dos melhores da Europa Nada disto havia antes de 1926	-	ROSAS, Fernando - Cartazes de propaganda política do Estado Novo (1933-1949). Lisboa: SNI, 1946. Disponível na Biblioteca Nacional: (Cota:CT. 1195 R.) - http://purl.pt/27508

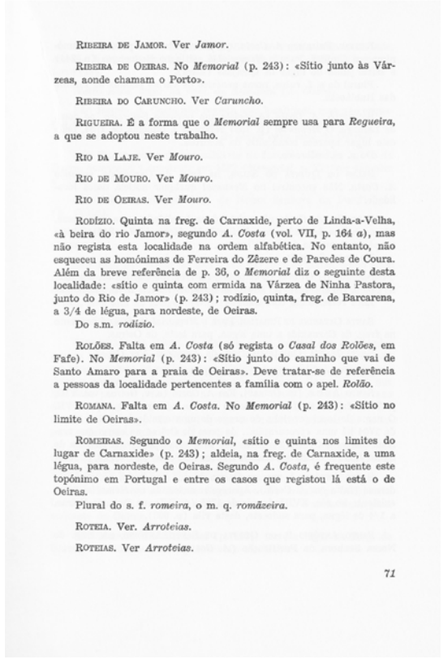
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1947	Artigo da Revista Panorama	Estádio de Atletismo - Praça Sul		-	AUGUSTO, José - Estádio Nacional **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº7. Vol.2. Lisboa: Redação e Administração, 1942.p.3 a 5
1948	Plano de Urbanização	Plano de Urbanização da Costa do Sol (planta da zona de Algés-Dafundo) - Etienne de Gröer		Etienne de Gröer	Plano de Urbanização da Costa do Sol in GUIA, Diogo [et. al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.86

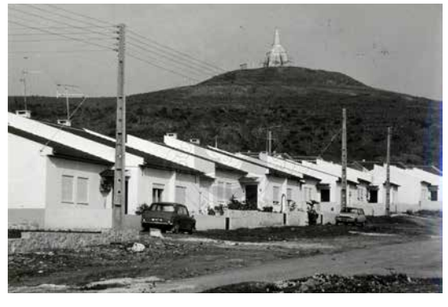
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1949	Postal Ilustrado - Alto da Boa Viagem	Alto da Boa Viagem - Marginal		-	Postal Nº 131 Alto da Boa Viagem - Marginal. Colecção DULIA. 1949. - Oeiras, CMO, PT/MOER/MO/NF/003/000122.
2 de maio de 1955	Plano do Estádio Nacional	Esboceto para as piscinas do Estádio Nacional - Planta de localização		Jacobetty Rosa	Esboceto para as piscinas do Estádio Nacional in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.324
1956	Postal Ilustrado - Alto da Boa Viagem	Alto da Boa Viagem - Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem		-	Caxias: Estrada Marginal e Alto da Boa Viagem. PASSAPORTE, António. Colecção Passaporte. 1956. - Oeiras, CMO, PT/MOER/MO/NF/005-02/000067.
1961	Fotografias	Panorama visto a partir da INEF		-	INEF, 1961. Autor desconhecido. Disponível em: CML (PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001807).

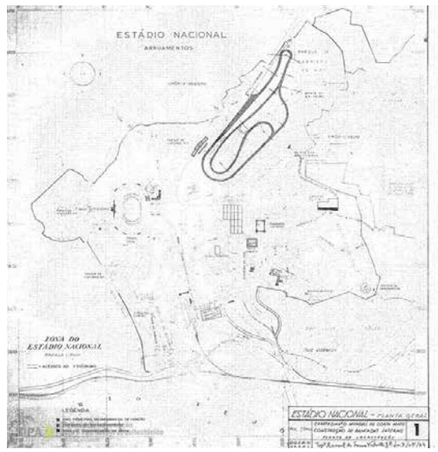
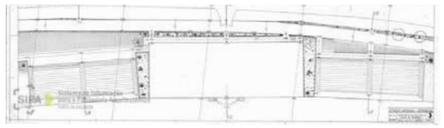
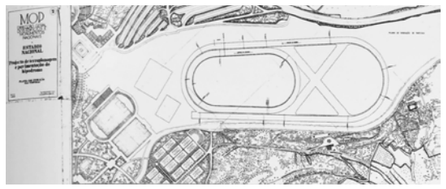
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1961	Fotografias	Acesso à praia da Cruz Quebrada visto da Avenida Ferreira Godinho		-	Acesso à praia da Cruz Quebrada visto da Avenida Ferreira Godinho, 1961. GOULART, Artur João. Disponível em: CML (PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001807).
1961	Fotografias	Estação de Cruz Quebrada		Artur João Goulart	Estação de Cruz Quebrada, 1961. GOULART, Artur João. Disponível em: CML (Cota: AJG002406 A37226 N34703).
1961	Referenciação textual - Revista Olisipo	"(…) agora descoberto vem aumentar aquela vista com o trecho da margem cistagana, entre o Convento de Santa Catarina de Ribamar e uma ponte que se observa na banda da esquerda e que julgo ser a que ainda existe sobre o ribeiro que desce de Linda-a-Pastora junto à moderna estrada marginal, na Cruz Quebrada. No alto da colina cujas abas desciam abruptamente sobre as rochas, vemos, à direita, o conjunto das edificações do Convento de Santa Catarina e do palácio que o 2.º Conde de Miranda, D.Diogo Lopes de Sousa, começou a edificar e que foi notavelmente ampliado por seu filho, D.Luís de Sousa - por antonomáxia O Cardeal - 19ºArcebispo de Lisboa e Capelão-mor de D.Pedro II. Foi também este magnífico prelado quem mandou reedificar o Convento de Santa Catarina na forma em que o vemos nos azulejos (…) A reedificarão do velho cenóbio dos franciscanos Arrábidos resultou das muitas andanças que envolveram o convento fundado na Ermida de Santa Catarina por D. Isabel e que não será inútil recordar. No utilíssimo Claustro Franciscano, do olisipógrafo Fr. Apolinário da Conceição, resume-se a história do convento da seguinte forma: <S.Catharina de Ribamar, distante da Cidade de Lisboa Occidental legoa e meia, sito em hum levantado monte sobre as margens do Rio Tejo, ao qual se deo principio no anno de 1551. na Ermida de Santa Catharina,		-	SIMÕES, J.M. - Iconografia Olisiponense em Azulejos **in Olisipo: Boletim Trimestral do Grupo Amigos de Lisboa.** Nº95. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa, 1961. p.115 a 134

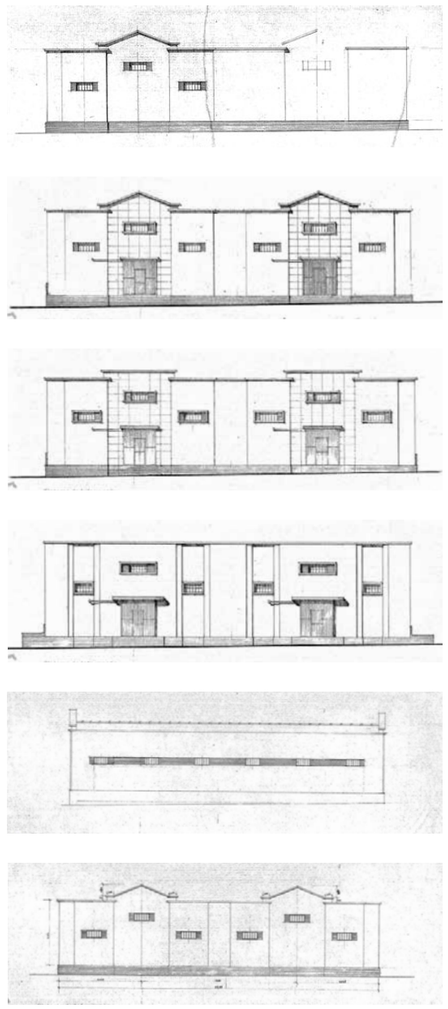
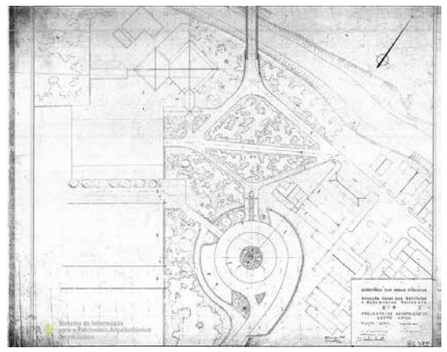
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		cujo Convento habitado até o de 1618. como este se demolisse, e sua Cõmunidade se trasladasse para o da Boa Viagem, só lhe assinamos o de 1634. em que aos 18. dias do meu do Mayo se lançou a primeira pedra ao que existe, fundado para Convalecença, e ainda que no de 1639. se deo a dignidade de Guardiania ao Prelado, pouco depois tornou a ter só o titulo de Vigario em que permanecerão até o anno de 1657. gozando desde até o presente o de Guardiaens (…).”			
1963	Fotografias	Cruz Quebrada, vista sobre o pontão para a Torre do Bugio		Jaime Santos	Cruz Quebrada, vista sobre o pontão, 1963. SANTOS, Jaime. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/004/01/000486).
1963	Cartografia	Carta Topográfica de Portugal	 	-	Carta Topográfica de Portugal. 34-C. 1963. Disponível em: Cartoteca do Instituto Geográfico Português.

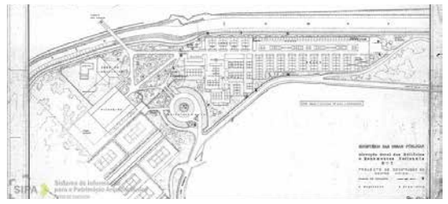
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1964	Fotografias	Estação Ferroviária do Estádio Nacional		Arnaldo Madureira	Estação Ferroviária do Estádio Nacional. MADUREIRA, Arlando in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.116
1970	Cartografia	Carta Militar de Portugal (Folha 430)		-	Carta Militar de Portugal. Folha 430. Série M 888. 1970. Disponível em: Cartoteca do Instituto Geográfico Português.
1971	Fotografias	Realização de Corridas no Hipódromo		-	Realização de Corridas no Hipódromo, 1971. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

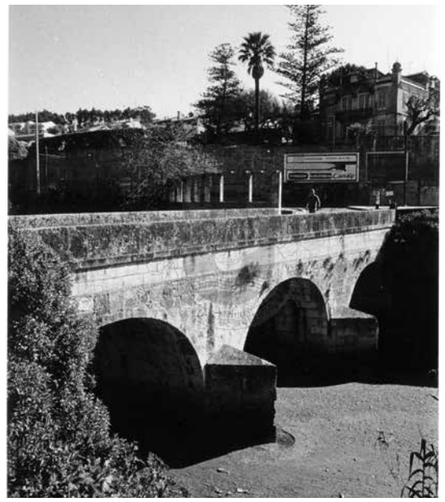
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1980	Obra literária	Quinta do Rodízio	 RIBEIRA DE JAMOR. Ver *Jamor*. RIBEIRA DE OEIRAS. No *Memorial* (p. 243): «Sítio junto às Várzeas, aonde chamam o Porto». RIBEIRA DO CARUNCHO. Ver *Caruncho*. RIGUEIRA. É a forma que o *Memorial* sempre usa para *Regueira*, a que se adoptou neste trabalho. RIO DA LAJE. Ver *Mouro*. RIO DE MOURO. Ver *Mouro*. RIO DE OEIRAS. Ver *Mouro*. RODÍZIO. Quinta na freg. de Carnaxide, perto de Linda-a-Velha, «à beira do rio Jamor», segundo *A. Costa* (vol. VII, p. 164 *a*), mas não regista esta localidade na ordem alfabética. No entanto, não esqueceu as homónimas de Ferreira do Zêzere e de Paredes de Coura. Além da breve referência de p. 36, o *Memorial* diz o seguinte desta localidade: «sítio e quinta com ermida na Várzea de Ninha Pastora, junto do Rio de Jamor» (p. 243); rodízio, quinta, freg. de Barcarena, a 3/4 de légua, para nordeste, de Oeiras. Do s.m. *rodízio*. ROLÕES. Falta em *A. Costa* (só regista o *Casal dos Rolões*, em Fafe). No *Memorial* (p. 243): «Sítio junto do caminho que vai de Santo Amaro para a praia de Oeiras». Deve tratar-se de referência a pessoas da localidade pertencentes a família com o apel. *Rolão*. ROMANA. Falta em *A. Costa*. No *Memorial* (p. 243): «Sítio no limite de Oeiras». ROMEIRAS. Segundo o *Memorial*, «sítio e quinta nos limites do lugar de Carnaxide» (p. 243); aldeia, na freg. de Carnaxide, a uma légua, para nordeste, de Oeiras. Segundo *A. Costa*, é frequente este topónimo em Portugal e entre os casos que registou lá está o de Oeiras. Plural do s. f. *romeira*, o m. q. *romãzeira*. ROTEIA. Ver. *Arroteias*. ROTEIAS. Ver *Arroteias*. *71*	José Pedro Machado	MACHADO, José Pedro - Ensaio sobre a Toponímia do Concelho de Oeiras. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1980. p.71
1980	Maquete	Vale do Jamor pré-Estádio Nacional		José Roxo	Vale do Jamor pré-Estádio Nacional. Maquete do Arquiteto José Roxo. 198-. Fotografia da Autora. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
1980	Fotografias	A primeira piscina na zona dos Esteiros		-	A primeira piscina na zona dos Esteiros in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.324

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
24 de abril de 1982	Artigo do “Diário de Notícias”	Forte da Cruz Quebrada - Forte da Cruz Quebrada foi vendido por cinco contos de réis	 Forte da Cruz Quebrada foi vendido por cinco contos de réis	Carlos Pereira Calixto	CALIXTO, Carlos - Forte da Cruz Quebrada foi vendido por cinco contos de réis **in Diário de Notícias.** Lisboa: Diário de Notícias, 24 de Abril de 1982. p.8
1982	Fotografias - Ponto Geodésico	Ponto Geodésico - Foguetão de Carnaxide		-	Bairro 18 de Maio. Stúdios Maribel, 1982. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/004/01/001036).
1983	Fotografias	Farol do Esteiro		-	Farol do Esteiro, 1983. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/004/01/001133).

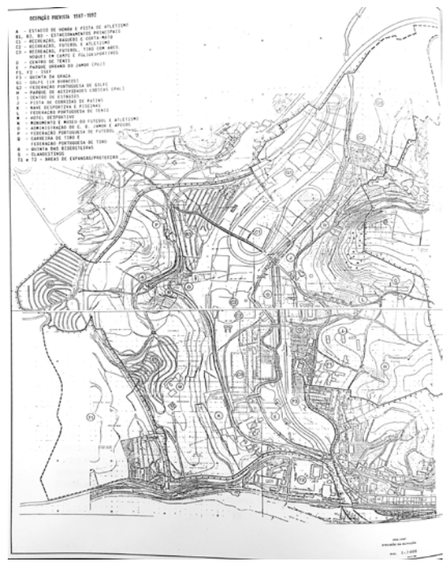
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1984/1985	Plano do Estádio Nacional	Projeto do Hipódromo	  	Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1984-1985. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
1984/1985	Plano do Estádio Nacional	Projeto de terraplenagem e pavimentação do hipódromo		Jacobetty Rosa	Projeto de terraplenagem e pavimentação do hipódromo in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et. al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.319

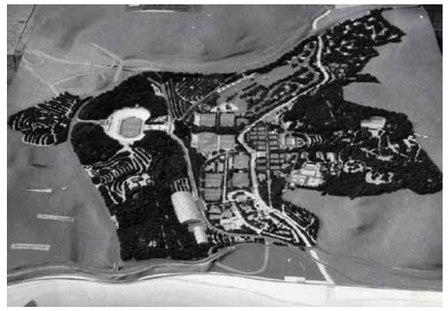
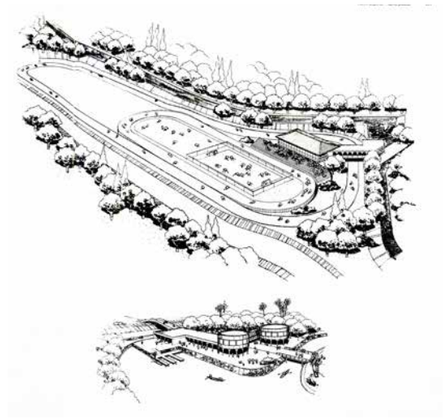
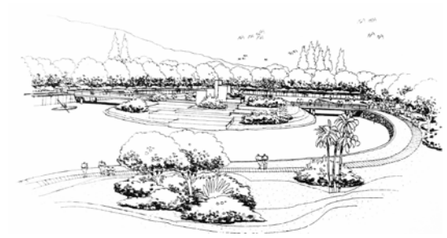
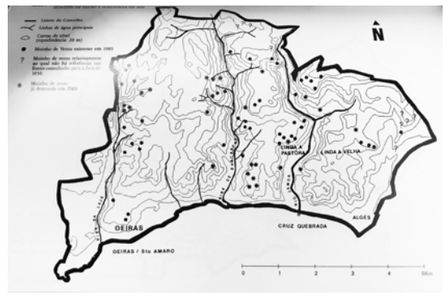
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1984/1985	Plano do Estádio Nacional	Projeto do Hipódromo - Celeiro		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1984-1985. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
1984/1985	Plano do Estádio Nacional	Projeto do Hipódromo - Centro Hípico		Jacobetty Rosa	Espólio de Jacobetty Rosa. 1984-1985. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

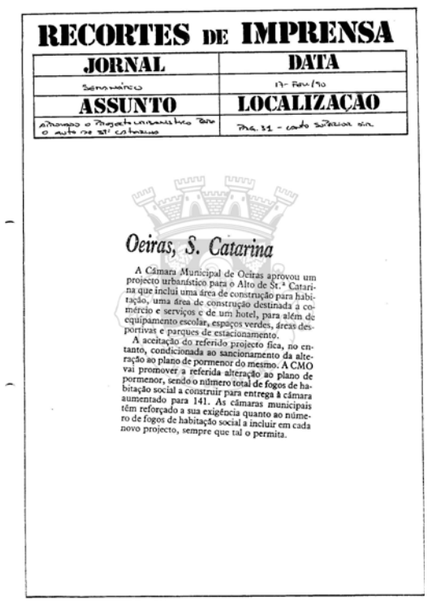
Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					
1986	Fotografias	Ermida e restos do antigo Convento de Santa Catarina de Ribamar - Perspetiva da fachada principal da Ermida , onde se encontra um registo de azulejos		Rui Cunha	Ermida de Santa Catarina de Ribamar. CUNHA, Rui. Fotografia e Audiovisuais, Lda, 1986. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000170).
1986	Fotografias	Vista parcial do Palacete de Santa Catarina de Ribamar no meio da vegetação. No jardim, encontram-se bancos de pedra revestidos a azulejos		Rui Cunha	Palácio de Santa Catarina de Ribamar. CUNHA, Rui. Fotografia e Audiovisuais, Lda, 1986. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000169).
1986	Fotografias	Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem		-	Imagem 1 - Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, 1986. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000154). Imagem 2 - Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, 1986. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000155).

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
					Imagem 3 - Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, 1986. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000156).
					
1986	Fotografias - Ponto Geodésico	Ponto Geodésico de Caxias		Rui, Cunha	Núcleo antigo de Caxias. CUNHA, Rui. Fotografia e Audiovisuais, Lda, 1986. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000227).
1986	Fotografias	Ponte da Cruz-Quebrada		-	Ponte sobre o Jamor e Palacete de Santa Sofia, 1986. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000157).

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1986	Fotografias	Palacete de Santa Sofia		-	Palacete de S.Sofia, 1986. Autor desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000162).
1 de junho de 1987	Plano de 1987-1992 do Complexo Desportivo	Complexo Desportivo do Jamor - Anteplano de ordenamento (pedido de novos programas preliminares do anteparo e do pavilhão dos desportos) Transcrição: "(…) Tal programa, que se limitava a seis novos campos de ténis, e a um bloco de balneários de apoio (…), foi levado à consideração do Sr. Ministro da Habitação e Obras Públicas, o qual determina a revisão dos estudos de implantação dos campos de ténis, e, do ordenamento (…) num plano mais global, de toda a área destinada à prática de ténis incluindo a construção de um novo pavilhão com dois campos cobertos e capacidade para 3000 espectadores (…) Parecer da DGCE em conjunto com o ISEF: (…) 3º - Definição da localização das piscinas, bem como o seu faseamento, por forma a possibilitar ao ISEF a sua utilização em curto espaço de tempo; 4º - Necessidade de considerar entre os "Esteiros" e a Quinta da Graça, um espaço, para ligação funcional entre "pólos" académicos do ISEF e, a revisão dos circuitos pedestres; Parecer da CDEN: (…) 2º - Na zona de apoio à alta competição, a inexistência de polidesportivos cobertos, de um recinto com pavimento de cimento destinado à patinagem e ao hóquei patinado, funcionando, ainda, eventualmente, como apoio a outras modalidades desportivas; 3º - Na zona de atividades de recriação, considerava insuficiente o equipamento para 50 utentes e recorda a conveniência do montar um, ou mais, parque infantis devidamente equipados humana e materialmente; 4º - (insuficiência dos campos de ténis), (…) Discorda, também, da construção do pavilhão, com 3000 lugares, cujo anteprojeto já foi aprovado e homologado superiormente, defendendo o princípio, de que, mundialmente as principais provas de ténis continuam a ser disputados ao ar livre (…); Parecer da CMO: (…) integra a análise feita no âmbito do Pelouro de Desporto daquele Município, que o considera correto no que respeita a equipamentos desportivos, observando, no entanto a ausência de oferta de matéria lúdica e desportiva infantil (…); Responsáveis pelo processo: -Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; -Eng. Fernando da Freita (CDE); -DGD, Diretor-Geral Mirandela da Costa; -Eng. Alcântara de Melo, chefe de divisão de urbanismo; -Prof. Duarte Leal, Diretor de Apoio Técnico; -Arq. Manuel Leão Miranda; -Prof. Vidal de Melo, Diretor do Estádio Nacional (…)". "Arq. Vasco Craft de Moura - elaboração dos estudos do denominado plano de ordenamento e coordenador do grupo projetista encarregue da ampliação dos campos de Ténis e suas instalações de apoio (…)".	-	Anteplano de ordenamento do Complexo Desportivo. 1987-1992. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
		"36º - Ministério da Educação Direcção-Geral dos desportos Concurso de pré-qualificação para concessão, exploração gestão de uma unidade hoteleira "SPORTHOTEL"; 35º - Macrozona M Designação - Total Desportivo "SPORTHOTEL" Área - 1.06 Ha Funções - Apoio e Turismo Quadro programático - Para além do atual Centro de Estágio de Desportistas o complexo desportivo do Jamor necessita de um equipamento hoteleiro de Qualidade para apoio à alta competição e ao turismo desportivo. Localizado numa situação privilegiada em termos de visitas sem no entanto produzir impacto na paisagem envolvente, esta unidade desenvolverá uma área bruta com a seguinte distribuição: Núcleo de Hóspedes (142 quartos e 8 suítes), Núcleo de Administração, Área Social (átrio, salões, restaurante, bar, grill, boutiques e salas polivalentes), Núcleo de Apoio aos serviços de hotelaria e Núcleo Bio-Médico. O acesso à unidade Hoteleira far-se-à pela zona B3 que constituirá o apoio de estacionamento automóvel. Está prevista a ligação desta zona à Avenida Pierre Coubertain e a zona K através de um sistema mecânico, elevador para peões. Faseamentos - Médio Prazo (1989-1992)". "Macrozona N Designação - Monumento e Museu do Futebol e Atletismo Funções - Re-creação Passiva e Turismo Quadro programático - Na atual Praça da Maratona estava prevista no Projeto de 1939 a construção de um monumento (oblisco) ao Olimpismo e ao Desporto. Trata-se de recuperar a ideia inicial com a construção em caves e anexos das instalações de um Museu do Futebol e/ou do Atletismo de forma a criar mais pontos de atração aos utentes do Complexo Desportivo do Jamor e enriquecer o conjunto com estruturas monumentais fomentadoras de qualidade. Faseamentos - Médio Prazo (1989-1992)".		
1987	Plano de 1987-1992 do Complexo Desportivo	Plano da Proposta de 1987-1992 do Complexo Desportivo		-	Plano de 1987-1992. Fonte: CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 anos depois.** Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.77.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1987	Maquete	Maquete da Proposta de 1987-1992 do Complexo Desportivo		-	Plano de 1987-1992. Fonte: CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 anos depois.** Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.75.
1989	Plano de 1987-1992 do Complexo Desportivo	Projeto do Parque Urbano do Jamor: o centro, as pistas de patinagem e centro de canoagem.		-	Projeto do Parque Urbano do Jamor: o centro, as pistas de patinagem e centro de canoagem in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.329
1989	Plano de 1987-1992 do Complexo Desportivo	Projeto do Parque Urbano do Jamor: a pista de canoagem, ilha e fonte monumental.		-	Projeto do Parque Urbano do Jamor: a pista de canoagem, ilha e fonte monumental in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.328
1989	Levantamento de Moinhos	Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras anteriores a 1989		-	Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras anteriores a 1989. Fonte: MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997. p.101

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
17 de fevereiro de 1990	Artigo do Jornal "Semanário"	Aprovação do projecto referente ao Reservatório no Alto de Santa Catarina		-	[s.n.] - Oeiras, S. Catarina **in Jornal "Semanário".** Oeiras: [s.n.], 17 de Fevereiro de 1990. p.31
1992	Cartografia	Carta Militar de Portugal (Folha 430)	 	-	Carta Militar de Portugal. Folha 430. Série M 888. 1992. Disponível em: Cartoteca do Instituto Geográfico Português.

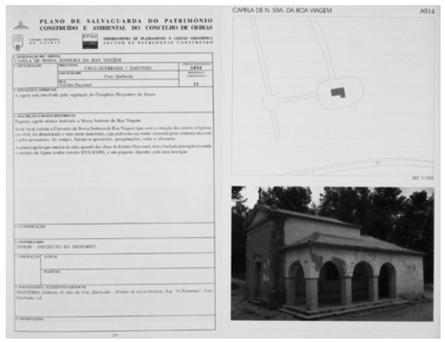
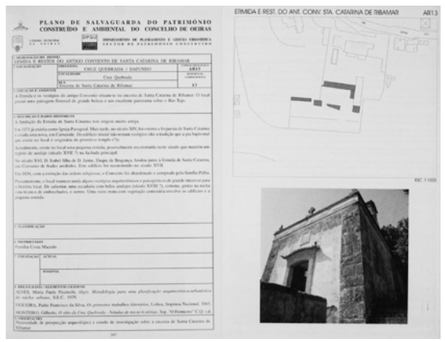
RECORTES DE IMPRENSA

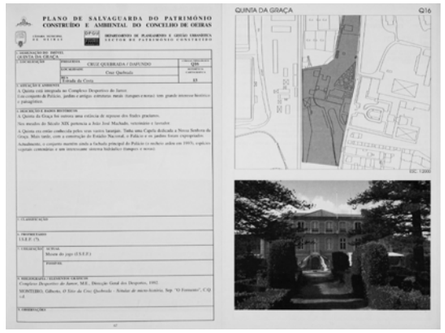
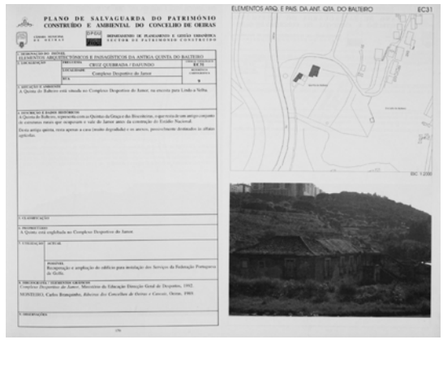
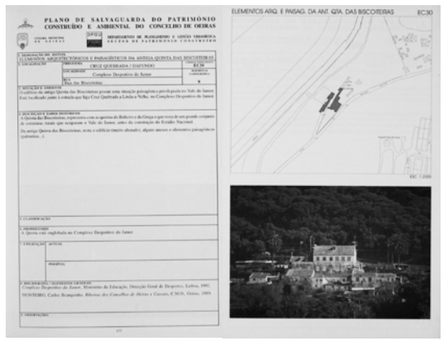
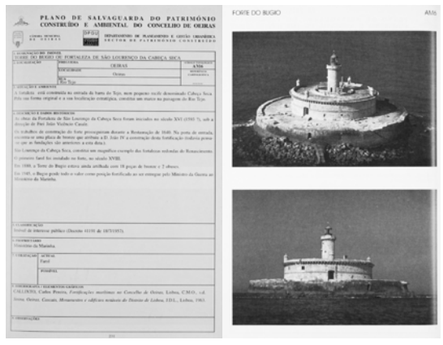
JORNAL	DATA
Semanário	17 Fev 90
ASSUNTO	LOCALIZAÇÃO
Aprovação o Projecto urbanístico para o alto de St.ª Catarina	Pág. 31 - canto superior esq.

Oeiras, S. Catarina

A Câmara Municipal de Oeiras aprovou um projecto urbanístico para o Alto de St.ª Catarina que inclui uma área de construção para habitação, uma área de construção destinada a comércio e serviços e de um hotel, para além de equipamento escolar, espaços verdes, áreas desportivas e parques de estacionamento.

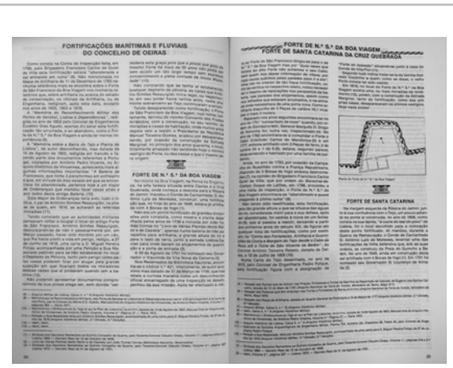
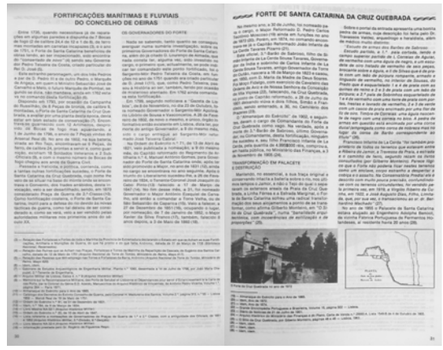
A aceitação do referido projecto fica, no entanto, condicionada ao sancionamento da alteração ao plano de pormenor do mesmo. A CMO vai promover a referida alteração ao plano de pormenor, sendo o número total de fogos de habitação social a construir para entrega à câmara aumentado para 141. As câmaras municipais têm reforçado a sua exigência quanto ao número de fogos de habitação social a incluir em cada novo projecto, sempre que tal o permita.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1998	Artigo do Jornal "O Correio da Linha"	Inauguração da Piscina Olímpica do Complexo Desportivo do Jamor após a demolição da Estação de Caminhos de Ferro da autoria de Jacobetty Rosa	 Meio Data Pág. Correio da Linha 24-7-98 23 **Piscina Olímpica no Jamor** Integrada no Reordenamento do Complexo Desportivo do Jamor, foi inaugurada a nova Piscina Olímpica. O Primeiro Ministro presidiu a esta inauguração, considerando o conclusão desta obra como um momento de felicidade, por estar a ser concretizado um sonho. Este sonho, segundo o primeiro ministro, iniciou-se em 94 quando ao visitar o Complexo Desportivo do Jamor, verificou com revolta, o estado de degradação a que estava votado, com lixo e abarracados. A partir desta data foram tomadas medidas para que este complexo desportivo se torne na mais importante e melhor infraestrutura desportiva do País. Com estas novas piscinas, e o Centro de Alto Rendimento que fica instalado no mesmo edifício, os atletas ficam com condições para uma melhor preparação, mas ainda segundo António Guterres, não importa muito as medalhas, o que conta são as melhores condições para as populações. Para o Presidente da Câmara de Oeiras esta obra é muito importante, até porque há mais de 30 anos que não são feitas obras de vulto no Jamor, mas considera que ao nível da gestão de todo o Complexo deverão ser feitas alterações, que não deixem todo o espaço do Jamor à responsabilidade de um organismo estatal, isto porque considera que seria mais fácil para a Câmara resolver por exemplo, o problema do parque urbano, que já não estaria nas condições em que se encontra, assim como os acessos e estacionamentos. A construção desta piscina insere-se numa perspectiva mais vasta, que passa pela nova iluminação do Estádio, construção de novos campos de Ténis, Golfe, modernização da pista de Atletismo e aproveitamento do Rio Jamor para desportos náuticos, que prevê o desvio do curso do Rio. *A Piscina Olímpica agora inaugurada*	-	[s.n.] - Piscina Olímpica no Jamor **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 24 de Julho de 1998. p.23
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem	 PLANO DE SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO E AMBIENTAL DO CONCELHO DE OEIRAS CAPELA DE N. SRA. DA BOA VIAGEM A014	-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Ermida e restos do antigo Convento de Santa Catarina de Ribamar	 PLANO DE SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO E AMBIENTAL DO CONCELHO DE OEIRAS ERMIDA E REST. DO ANT. CONV. STA. CATARINA DE RIBAMAR A013	-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Quinta da Graça		-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Quinta do Balteiro		-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Quinta das Biscoteiras		-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.
1999	Plano de Salvaguarda do Património	Torre do Bugio		-	SOROMENHO, Maria. RIBEIRO, Cristina. BATALHA, Elisa. [et.al.] - **Plano de Salvaguarda do Património construído e ambiental do Concelho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
19 de junho de 1999	Artigo da Revista Dia	Inauguração do Reservatório construído após a demolição do Moinho de Santa Catarina	 Meio Data Pág. Dia 19/06/99 7 Oeiras **Inaugurado reservatório de água do Alto de Santa Catarina**	-	[s.n.] - Inaugurado reservatório de água do Alto de Santa Catarina, Oeiras **in Jornal "O Dia".** Lisboa: [s.n.], 19 de Junho de 1999. p.7
25 de junho de 1999	Artigo da Revista Reta das Linhas	Inauguração do Reservatório construído após a demolição do Moinho de Santa Catarina	 Meio Data Pág. Rota das Linhas 25/06/99 23 **SMAS de Oeiras e Amadora inauguraram o novo reservatório do Alto de Santa Catarina** Durante a inauguração do reservatório no Alto de Santa Catarina **Mais água em Oeiras**	Ruben Obadia	OBADIA, Ruben - Mais água em Oeiras : SMAS de Oeiras e Amadora inauguraram o novo reservatório do Alto de Santa Catarina **in Rota das Linhas.** Porto Salvo: Rota das Linhas, 25 de Junho de 1999. p.23
26 de julho de 1999	Artigo do Jornal "O Correio da Linha"	Estádio Nacional: Opções para um Milénio - entrevista ao Diretor do Complexo Desportivo do Jamor, o arquiteto Manuel Miranda.	 Meio Data Pág. C.L. 26/06/99 4 Meio Data Pág. C.L. 26/06/99 5 Estádio Nacional - Opções para um Milénio	Gilberto Lopes	LOPES, Gilberto - **Estádio Nacional: Opções para um Milénio in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 26 de Julho de1999. p.4 e 5


2020
2020 - Jogos Olímpicos 2020 (proposta)
2014 - Fotografia
2010
2006 - Fotografia
2004 - Relatório de Obras
2002 - Referência Textual
2000
2000 - Fotografia
Quinta do Balteiro
Quinta das Biscoteiras
Campos de Treino
Complexo de Ténis
Quinta da Graça
INEF
Rio Jamor
Palecete de Santa Sofia
Fábrica dos Fermentos Holandeses
Complexo Desportivo
Capela e Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem
Farol do Esteiro
Estádio de Atletismo
Piscina Olímpica
Estação de Comboio
Fábrica da Lusalite
Mini-Golf
Casal do Esteiro
Antigo Forte de Santa Catarina (Demolido)
Ponte de Cruz Quebrada
Moinho do Monte da Praia
Depósito de àgua de Santa Catarina
Ermida de Santa Catarina

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
2000	Fotografias	Ermida e restos do antigo Convento de Santa Catarina de Ribamar		-	Perspetiva da Ermida de Santa Catarina de Ribamar, 2000. Autor Desconhecido. Disponível em: CMO (PT/MOER/MO/NF/008/000170).
2002	Referenciação textual - Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras	Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras: Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem e Forte de Santa Catarina	 	Carlos Pereira Callixto	CALLIXTO, Carlos - Fortificações Marítimas do Concelho de Oeiras. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2002. p. 28 a 31

Data	O que?	Como?	Documento	Autor?	Fonte
2004	Relatório de Obras	Designação das obras Transcrição: "(…) Memória Descritiva As grandes inundações ultimamente verificadas, fizeram-se sentir com especial acuidade no Estádio Nacional, especialmente na zona mais próxima do rio Jamor. Nessa zona, estão localizados fundamentalmente campos de treino de futebol, campos de rugby, ténis e tiro ao arco e uma pista de atletismo. Toda a zona foi inundada pelas águas, as quais na sua passagem deixaram grandes depósitos de terra e outros detritos nas zonas desportivas e vias de circulação anexas danificando gravemente as vedações e outras instalações existentes no local. O presente estudo tem em vista a limpeza das zonas mais afetadas, e a reparação das vedações e ademais instalações atingidas. Os trabalhos a realizar, estão descritos no mapa de vedações e orçamento (…). Lisboa, 3 de Janeiro de 1984"		-	Designação das obras. 2004. Consultado em: SIPA - Arquivo do Forte de Sacavém.
2006	Fotografias	Estádio de Atletismo - o Vale		-	O Vale, 2006. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.
2014	Fotografias	Estádio de Atletismo		-	Estádio de Atletismo, 2014. Autor Desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor.

VIII| Índice e Créditos de Imagens

Figura 1 | Construção do Estádio Nacional e Colina de Santa Catarina, 1940. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 52-a);

Figura 2 | Projeto Estádio Nacional de Jacobetty Rosa. 1939. Consultado em: Exposição Permanente do Museu do Desporto;

Figura 3 | Projeto La Cité d'Orion de Hannsjörg Voth. Fonte: Autor desconhecido. 1998-2003. (Consulta 11/2/20). Disponível em: https://icancauseaconstellation.tumblr.com/post/75838639313/n-architecture-stadt-des-orion-hannsjörg-voth;

Figura 4 | Desenho Mirantes. Desenho elaborado pela autora.

Figura 5 | Caminhos de Ferro. Fonte: COSTA, L.de Mendonça - Caminhos de Ferro Portugueses **in Revista O Occidente.** Vol. XII. Nº392. Lisboa: Empreza do Occidente, 11 de Novembro de 1889. p.393;

Figura 6 | Chalet Ivens. Fonte: Postais Ilustrados Coimbra e Filhas. 1915. Consultado em: Arquivo Municipal de Oeiras, ref. (PT/MOER/MO/NF/003/000130);

Figura 7 | Dafundo, Avenida Ivens. Fonte: Postais Ilustrados Coimbra e Filhas. 1926. Consultado em: Arquivo Municipal de Oeiras, ref. (PT/MOER/MO/NF/003/000014);

Figura 8 | Paisagem junto ao Jamor. Fonte: Carnaxide: Pai-sagem junto ao Jamor. Union Postale Universelle. 1900;

Figura 9 | Praia da Cruz Quebrada. Fonte: Cruz Quebrada 1, Praia. Union Postale Universelle, 1906;

Figura 10 | Rio Jamor. Fonte: Pap. Typ. de Paulo Guedes & Saraiva. Portugal: Cruz Quebrada - Rio Jamor in PASSOS, José Manuel - **O Bilhete Postal Ilustrado e a História Urbana da**

Grande Lisboa. Editorial Caminho. 1997;

Figura 11 | Panorâmica sobre Algés e Dafundo. Autor: FERRARI, Amadeu. 1940. Fonte: AML (Cota: Neg 463 FER000511 B084098 N084098);

Figura 12 | Discurso de Salazar. Fonte: **O Notícias Ilustrado.** Nº287. Lisboa: Diário de Notícias, 10 de Dezembro de 1933. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 13 | Proposta de Jorge Segurado. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 14 | Proposta de Calderia Cabral. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 15 | Imagens retiradas do filme "Power of Ten". Fonte: EAMES, Charles and Ray - "Power of Ten". 1968. Disponível em:https://medium.com/@barryvacker/powers-of-ten-honoring-the-40th-anniversary-of-the-existential-masterpiece-5c5affa46249;

Figura 16 | Planta do Projeto Original, 1939. Fotografia da Autora. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 17 | Quadro "O Rio Jamor". AUGUSTO, Mario. 1926;

Figura 18 | Quadro Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no alto de Santa Catarina. NUNES, Emmerico. 1888-1968;

Figura 19 | Vale do Jamor pré-Estádio Nacional .Maquete do Arquiteto José Roxo. 198-. Fotografia da Autora. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 20 | Carta Militar (2009). Fonte: Carta Militar, Folha 430 Oeiras: 2009. Instituto Geográfico do Exército.

Figura 21 | Planta do Vale do Jamor (1939). Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 22 | Planta do Vale. 193-. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 23 | Planta do Parque Florestal de Monsanto (1944). Fonte: TELMO, Cottinelli - Um grande Homem de Acção **in Panorama Revista Portuguesa de arte e turismo.** Nº19. Vol.4. Lisboa: Redação e Administração, Fevereiro de 1944. p.38.

Figura 24 | Projeto de Arborização do Poligno Florestal da Serra de Monsanto. Fonte: MANSO, Mário - **Diário de Lisboa.** Nº4113. Ano.14º. Lisboa: Fundação Mário Soares, 29 de Abril de 1934. p.1. (Consulta 4/8/20). Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_28470

Figura 25 | Um parque na Serra de Monsanto. Fonte: MANSO, Mário - **Diário de Lisboa.** Nº4113. Ano.14º. Lisboa: Fundação Mário Soares, 29 de Abril de 1934. p.4. (Consulta 4/8/20). Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_28470

Figura 26 | Notícia sobre o bosque de Lisboa com as fotografias dos Irmãos Mc Bride. Fonte: MANSO, Mário - Diário de Lisboa, , 4 de Fevereiro de 1925 in GRILO, Teresa - **O Parque Florestal de Monsanto: Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado. p.152

Figura 27 | Notícia sobre O Bosque de Lisboa. Fonte: C, A. - Jornal A Época, 1925 in GRILO, Teresa - **O Parque Florestal de Monsanto: Evolução Histórica e Contributo para a sua Gestão.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2014. Tese de Mestrado. p.154

Figura 28 | Auto-estrada e parque Florestal de Monsanto vistos da avenida Duarte Pacheco, 1944. Autor: FERNANDES, Salvador. Consultado em: AML (Cota: SAL000179 A27701 N25297);

Figura 29 | Proposta de rearborização do Parque Florestal de Monsanto de Forrestier, 1927. Fonte: MORAIS, João. ROSETA, Filipa - **Os Planos da Avenida da Liberdade e seu prolonfamento.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005. p.31

Figura 30 | Parque Florestal de Monsanto, planta topográfica da estação pré-historica, (ant.) a 1944. Autor: CUNHA, Fereira. Consultado em: AML (Cota: FEC000699 A5634 N5440);

Figura 31 | Fotografia aérea do Parque Florestal de Monsanto, 195-. Autor: NUNES, Abreu. Consultado em: AML (Cota: ABR000004 A17559 N15671);

Figura 32 | Fotografia do Parque Florestal de Monsanto, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio. Consultado em: AML (Cota: A18523 N16575 HNV000388);

Figura 33 | Paisagem do Parque Florestal de Monsanto, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador. Consultado em: AML (Cota: SAL000027 A18078 N16134 PT/AMLSB/SAL/000027);

Figura 34 | Paisagem do Clube de Ténis de Monsanto, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador. Consultado em: AML (Cota: SAL000033 A18084 N16140 PT/AMLSB/SAL/000033);

Figura 35 | Paisagem da Serra de Monsanto, 1939. Autor: PORTUGAL, Eduardo. Consultado em: AML (Cota: POR056845 654);

Figura 36 | Parque florestal de Monsanto, encosta poente da serra de Monsanto, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio. Consultado em: AML (Cota: A18520 N16572 HNV000385);

Figura 37 | Vale de Alcântara, avenida de Ceuta, viaduto Du-

arte Pacheco e o parque florestal de Monsanto, 1941. Autor: OLIVEIRA, Mário. Consultado em: AML (Cota: A24522 N22190 MAO000424 PT/AMLSB/MAO/000424);

Figura 38 | Miradouro dos Moinhos do Mocho, 198-. Autor: NOVAIS, Horácio. Fonte: TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitec to dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições salamandra, 1992. p.57;

Figura 39 | Planta Geral do Miradouro de Montes Claros da autoria de Keil do Amaral e Faria da Costa. Fonte: TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.204.

Figura 40 | Perspetiva do Miradouro de Montes Claros da autoria de Keil do Amaral e Faria da Costa. Fonte: TOSTÕES, Ana. MENÉRES, António. (et. al.) - **Keil do Amaral, o arquitecto e o humanista.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa - Pelouro da Cultura, 1999. p.205.

Figura 41 | Pérgula e lago do miradouro de Montes Claros, 1952. Autor: [s.n]. Consultado em: AML (Cota: A18133 N16189 SPT000097);

Figura 42 | Paisagem do Miradouro de Montes Claros, 198-. Autor: PASTOR, Arthur. Consultado em: AML (Cota: ART031907);

Figura 43 | Planta Topográfica de Lisboa 4J, 1908. Autor: PINTO, Júlio. Consultado em: AML (Cota: HNV000437 A22171 N20096);

Figura 44 | Miradouro da Luneta dos Quartéis, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador. Consultado em: AML (Cota: SAL000032 A18083 N16139 PT/AMLSB/SAL/000032);

Figura 45 | Miradouro da Luneta dos Quartéis, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio. Consultado em: AML (Cota: A18515 N16567 HNV000380);

Figura 46 | Miradouro dos Moinhos do Mocho. Autor: [s.n]. Fonte: [s.n.] - Parque Florestal de Monsanto **in Revista Municipal**. Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.54. (Consultado em: 2020-09-02) Disponível em: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm;

Figura 47 | Miradouro dos Moinhos do Mocho, 194-. Autor: NOVAIS, Horácio. Consultado em: AML (Cota: HNV000437 A22171 N20096);

Figura 48 | Panorâmica tirada de Montes Claros sobre a parte sul da cidade, 1961. Autor: SERÔDIO, Armando. Consultado em: AML (Cota: SER003757 A33452 N30950);

Figura 49 | Miradouro do Moinho do Alferes, 195-. Autor: NOVAIS, Horácio. Consultado em: AML (Cota: HNV000382 A18517 N16569);

Figura 50 | Miradouro do Moinho do Alferes, 1952. Autor: FERNANDES, Salvador. Consultado em: AML (Cota: SAL000030 A18081 N16137 PT/AMLSB/SAL/000030);

Figura 51 | Perspetiva do Club de Ténis de Monsanto de autoria de Keil do Amaral. Fonte: TOSTÕES, Ana - **Monsanto, Parque Eduardo VIII, Campo Grande: Keil do Amaral, Arquitecto dos espaços verdes de Lisboa.** Lisboa: Edições salamandra, 1992. p.59;

Figura 52 | Visita às obras municipais: Campo de Ténis, 1947. Autor: [s.n]. Consultado em: AML (Cota: 2434 FDM001576 B091506N);

Figura 53 | Planta do Conjunto do Padrão miradouro e Teatro

ao Ar-livre da autoria de Keil do Amaral. Consultado em: AML (Cota: PT/AMLSB/FKL/01/001, p.7);

Figura 54 | Planta de Implantação do Padrão miradouro da autoria de Keil do Amaral. Consultado em: AML (Cota: PT/AMLSB/FKL/01/001, p.3);

Figura 55 | Perspetiva do Padrão miradouro da autoria de Keil do Amaral. Consultado em: AML (Cota: PT/AMLSB/FKL/01/001, p.2);

Figura 56 | Planta de Implantação do Teatro ao Ar-livre da autoria de Keil do Amaral. Consultado em: AML (Cota: PT/AMLSB/FKL/01/001, p.4);

Figura 57 | Planta Parque Florestal de Monsanto. Fonte: [s.n] - **Guia do Parque Florestal de Monsanto.** Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1949.

Figura 58 | Trecho da parte Sul da Baixa, visto da esplanada do Castelo. Fonte: OLIVEIRA, Raposo - **Guia de Portugal Artístico: Lisboa.** Tomo I. Vol.I. Lisboa: M. Costa Ramalho, 1933. p.83

Figura 59 | Carta de Lisboa. Fonte: CORREIA, João - Carta de Lisboa in O Comércio do Porto**.** Porto: [s.n], 25 de Setembro de 1965. Consultado em: CMO (PT/MOER/MO/CULT-HL/01/ADMPUB/22469)

Figura 60 | Logo dos Jogos Olímpicos, 2020. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Figura 61 | Desenho da intervenção retirado do Folheto. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Figura 62 | Planta da cerca Fernandina e Moura (1856/58).

Figura 63 | Planta de Lisboa, com os limites da circunvalação (1940). Fonte: SILVA, Augusto Vieira da - Os Limites de Lisboa Notícia histórica **in Revista Municipal.** Nº6. Lisboa: Camâra Municipal de Lisboa, 1940. p.18. (Consultado em: 2020-01-17] Disponível em: http://hemerotecadigital.cm lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/RevMun.htm

Figura 64 | Desenho dos novos percursos de transportes públicos. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefanie Roman e Simão Abreu.

Figura 65 | Demarcação das Escolas. Desenho elaborado pela autora.

Figura 66 | Desenho da intervenção no Vale do Jamor retirado do Folheto. Desenho elaborado em grupo por: Carlos Félix, Leonor Andrade, Nancy Pereira, Renata Almeida, Stefani Roman e Simão Abreu.

Figura 67 | Artigo "Estádio Nacional: Opções para um Milénio" publicado pelo Jornal, O Correio da Linha. Fonte: LOPES, Gilberto - Estádio Nacional: Opções para um Milénio **in O Correio da Linha.** Oeiras: Publicações e Edições, Lda., 26 de Julho de1999. p.4 e 5

Figura 68 | Construção das vedações na Rua Bernardo Santareno. Fonte: Sem autor - Linda-a-Velha: Vedação do Estádio Nacional é muro da discórdia **in 24 Horas.** Oeiras: 7 de Junho de1999. p.13

Figura 69 | Representação da Planta referente ao projeto de 1940. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/004/01/002351);

Figura 70 | Desenho de levantamento e análise das barreiras existentes no Complexo Desportivo. Desenho elaborado pela autora.

Figura 71 | Story Board fotográfico das diversas vedações que

limitam os espaços ao longo do Vale, 2020. Fotografias da autora.

Figura 72 | Continuação do Story Board fotográfico das diversas vedações que limitam os espaços ao longo do Vale, 2020. Fotografias da autora.

Figura 73 | Continuação do Story Board fotográfico das diversas vedações que limitam os espaços ao longo do Vale, 2020. Fotografias da autora.

Figura 74 | Quinta das Biscoteiras. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-a);

Figura 75 | Vista da ponte sobre o rio Jamor, 1925. Autor desconhecido. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/003/000035);

Figura 76 | Ponte do Cruzeiro sobre o rio Jamor. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 10-a);

Figura 77 | Paisagem junto à ribeira do Jamor, 1900. Autor e data desconhecidos. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/003/000110);

Figura 78 | Planta da proposta do Estádio Nacional, 1939. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 2-a);

Figura 79 | Proposta de Calderia Cabral, 1937. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 80 | Fotografia Aérea do Estádio de Atletismo, 1941. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 17-b);

Figura 81 | Fotografia do Estádio de Atletismo. 2014. Autor desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 82 | Fotografia do Vale. 2006. Autor desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 83 | Fotografia do Vale. 2014. Autor desconhecido. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 84 | Imagem do Vale. 1941. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 4-i);

Figura 85 | Construção do Estádio de Atletismo. 1940. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 34-a);

Figura 86 | Desenho Síntese da demarcação das barreiras existentes. Desenho elaborado pela autora;

Figura 87 | Imagem retirada do filme "The hole in the sea". Fonte: FLANAGAN, Barry - "The hole in the sea", 1970.

Figura 88 | Quadro "S. Jerónimo" de Dürer. Fonte: FRIAS, Laura - Lugar y arquitetura. Reflexión de la esencia de la arquitectura a través de la noción de lugar **in Arquiteturarevista.** Vol.9. Nº2. São Leopoldo: Unisinos, 2013. p.162.

Figura 89 | Quadro "A Condição Humana" de René Magritte, 1933. (Consulta 11/2/20). Disponível em: http://imagenscomtexto.blogspot.com/2009/08/magritte-condicao-humana.html

Figura 90 e 91 | Imagem retirada do filme "Ruínas" de Manuel Mozos, 2009.

Figura 92 a 104 | Fotografias do Complexo,2020. Fotografias da

autora.

Figura 105 | Fotografia da Paisagem do Alto de Santa Catarina, 2020. Fotografia da autora.

Figura 106 | Vista para o Alto da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 3-d);

Figura 107 | Praia da Cruz Quebrada, 19--. Fonte: FERRARI, Amadeu. Consultado em: AML (Cota: Neg 414 FER000513 B084100 N084100);

Figura 108 | Panorâmica sobre Algés e Dafundo, 1940. Fonte: FERRARI, Amadeu. Consultado em: AML (Cota: Neg 463 FER000511 B084098 N084098);

Figura 109 | Desenho Síntese do Vale no Período Paleolítico e Calcolítico. Desenho elaborado pela autora;

Figura 110 | Vestígios encontrados nas escavações arqueológicas. Fonte: CARDOSO, João. Cardoso, Guilherme - **Estudos Arqueológicos de Oeiras.** Vol.4. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1993. p.107

Figura 111 | "Grande Panorama de Lisboa". Autor e data desconhecidos. Consultado em: Exposição permanente do Museu do Azuleijo;

Figura 112 | Desenho Síntese do Vale no Século XVI. Desenho elaborado pela autora;

Figura 113 | Ponte da Cruz Quebrada. Autor e data desconhecidos. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/008/000157);

Figura 114 | Desenho Síntese do Vale no Século XVIII. Desenho

elaborado pela autora;

Figura 115 | Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras anteriores a 1989. Fonte: MIRANDA, Jorge. VIEGAS, João - **Moinhos de Vento no Conselho de Oeiras.** Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997. p.101

Figura 116 | Moinhos da colina de Santa Catarina. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 52-a);

Figura 117 | Ermida de Santa Catarina, 1986. Autor desconhecido. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/008/000170);

Figura 118 | Ermida de Santa Catarina, 2000. Autor desconhecido. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/004/01/004521);

Figura 119 | Estrada marginal e Alto da Boa Viagem, 1989. Autor: PASSAPORTE, António. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/005-01/000289);

Figura 120 | Desenho Síntese do Vale no Século XX. Desenho elaborado pela autora;

Figura 121 | Chalet Ivens. Autor e data desconhecidos. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/003/000131);

Figura 122 | Estrada Marginal e variente da linha férrea - Lisboa/Cascais. Fonte: BELO, António. A propósito da Estrada Marginal Lisboa-Cascais **in Gazeta dos Caminhos de Ferro.** Nº 1224. Dezembro de 1938.

Figura 123 | Estação da Cruz Quebrada, 1961. Autor: GOULART, Artur João. Consultado em: CML (Cota: AJG002406 A37226 N34703);

Figura 124 | Praia da Cruz Quebrada, 1931. Autor desconhecido. Consultado em: Arquivo Jornal O Século. 7 de Setembro de 1931;

Figura 125 | Quadro "O Rio Jamor", 1926. Autor: AUGUSTO, Mario.

Figura 126 a 131 | Imagens do artigo publicado na Revista Serrões. 1910. Fonte: RIBEIRO, Vitor. Arredores Pittorescos de Lisboa: Linda-a-Velha - Carnaxide - Senhora da Rocha á Cruz Quebrada **in Serões Revista Mensal Ilustrada. Nº62.** Lisboa. Livraria Ferreira. Agosto de 1910. p.83 à 87. Consultado em: Oeiras, Biblioteca Municipal de Oeiras;

Figura 132 | Proposta do Estádio Nacional na Cidade Universitária, 1934. Autores: Jorge Segurado e António Varela. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 133 | Quadro Vista da Torre de Belém a partir da casa do pintor no alto de Santa Catarina, 1888-1968. Autor: NUNES, Emmerico.

Figura 134 | Proposta de Jorge Segurado, 1938. Consultado em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 135 | Planta do Vale, 193-. Autor desconhecido. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 136 | Proposta da Tribuna de Honra de Caldeira Cabral. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 137 | Proposta da Tribuna de Honra de Jacobetty Rosa. Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 138 | Esboço de Implantação do Estádio. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de

Sacavém;

Figura 139 | Estudo da proposta de implantação e desenho do Complexo. Fonte: Espólio de Jacobetty Rosa. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 140 | Proposta de Caldeira Cabral para a implantação das Piscinas. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 141 | Proposta de Caldeira Cabral da organização desportiva do Estádio de Atletismo. Fonte: Espólio de Caldeira Cabral. Consultado em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 142 | Plano de 1987-1992. Fonte: CORREIA, Fernando - **Estádio Nacional: 62 anos depois.** Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.72.

Figura 143 | Projeto do Parque Urbano do Jamor: o centro, as pistas de patinagem e centro de canoagem. Fonte: ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.329

Figura 144 | Miradouro da Senhora do Monte, 1959. Autor: MADUREIRA, Arnaldo. Disponível em: AML (Cota: ARM000157 A28655 N26264);

Figura 145 | Miradouro de Santa Luzia, 194-. Autor: NOVAIS, Horácio. Disponível em: AML (Cota: A12287 N10494 HNV000034);

Figura 146 | Alto de Santa Catarina, 194-. Autor: GUEDES, Paulo. Disponível em: AML (Cota: PAG000468 A9730 N8396);

Figura 147 | Panorâmica de Alfama tirada a partir do miradouro de Santa Luzia, 1890-1945. Autor: BARCIA, José. Disponível em: AML (Cota: BAR000308 A7638 N6443);

Figura 148 | Panorâmica tirada do miradouro da Senhora do Monte, 1946. Autor Desconhecido. Disponível em: AML (Cota: ACU002519 A8343 N7148);

Figura 149 | Panorâmica tirada do Miradouro de Santa Luzia sobre o casario de Alfama, 1944. Autor: PORTUGAL, Eduardo. Disponível em: AML (Cota: A6739 EDP002235);

Figura 150 | Miradouro de Santa Luzia, panorâmica sobre o Tejo e Santo Estevão. Autor e data desconhacidos. Disponível em: AML (Cota: ACU002523 A8347 N7152)

Figura 151 | Panorâmica tirada do miradouro da Senhora do Monte para a Costa do Castelo, 194-. Autor: PINTO, Kurt. Disponível em: AML (Cota:PT/AMLSB/KPI/000020);

Figura 152 | Castelo de São Jorge visto do jardim de São Pedro de Alcântara, 1949. Autor: Estúdio Mário Novais. Disponível em: AML (Cota: A12560 N10745 MNV000610);

Figura 153 | Panorâmica da cidade tirada do miradouro do Monte Agudo, 195-. Autor: FERNANDES, Salvador. Disponível em: AML (Cota: A21403 N19363 SAL000056);

Figura 154 | Miradouro de São Pedro de Alcântara, 194-. Autor: BENOLIEL, Judah. Disponível em: AML (Cota: JBN003653 A10588 N9121);

Figura 155 | Monge junto ao mar, 1810. Autor: FRIEDRICH, Caspar. Disponível em: https://citaliarestauro.com/wp-content/uploads/2019/08/René_Magritte_The_Human_Condition.jpg;

Figura 156 | Mirante Gijón. Data desconhecida. Autor: CHILLIDA, Eduardo. (Consulta 4/7/20) Disponível em: https://despiteeverything.typepad.com/blog/2011/10/eduardo-chillida.html;

Figura 157 | Mirante Gijón, 2015. Autor: CHILLIDA, Eduardo. (Consulta 4/7/20) Disponível em: https://twitter.com/CanetheSutter/status/637210225565634560/photo/1;

Figura 158 | Mirante Gijón, 2015. Autor: CHILLIDA, Eduardo. (Consulta 4/7/20) Disponível em: https://twitter.com/CanetheSutter/status/637209626606465024/photo/1;

Figura 159 | Memória Descritiva do Miradouro do Caracol de Santa Catarina, 1943. Fonte: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto;

Figura 160 | Fotografia da Inauguração do Estádio Nacional com os moinhos existentes em 2º plano**.** Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 60-b);

Figura 161 | Paisagem do Vale do Jamor com o Moinho do Caracol de Santa Catarina em 2ºplano. Autor e data desconhecidos. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-d);

Figura 162 | Um outro moinho próximo ao moinho no Alto de Santa Catarina. Autor e data desconhecidos. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 3-a(2);

Figura 163 | O Vale e Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-g);

Figura 164 | Esboço da implantação do Miradouro de Santa Catarina. Fonte: GUIA, Diogo. ANDRESEN, Teresa. CRUZ, André. FRIER, David. SANTOS, Carla. SEMBLANO, Ana. SILVA, Carlos. STROOBANT, Anne. & SERRADO, Ricardo - **Jamor: O palco maior do desporto Nacional.** Lisboa: Imprensa Nacional, 2014. p.191;

Figura 165 | Caracol de Santa Catarina “Miradouro” - Planta de

Implantação, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto;

Figura 166 | Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Alçado do Conjunto, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto;

Figura 167 | Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Corte Longitudinal, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 168 | Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Planta Parcial 1ªVariante, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 169 | Caracol de Santa Catarina "Miradouro" - Promenor das Escadas de Acesso à Esplanada do Moinho, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 170 | Caracol de Santa Catarina "Moinho" - Plantas, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 171 | Caracol de Santa Catarina "Moinho" - Corte, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 172 | Miradouro do Grande Estádio - Alçado, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 173 | Miradouro do Grande Estádio - Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 174 | Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Alça-

do e Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 175 | Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Alçado e Planta, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 176 | Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem - Promenor da Escada, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 177 | Estrada marginal e Alto da Boa Viagem, 1989. Autor: PASSAPORTE, António. Consultado em: CMO (Ref: PT/MOER/MO/NF/005-01/000289);

Figura 178 | Construção do Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem. Autor e data desconhecidos. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 39-d);

Figura 179 | Miradouro da Nossa Senhora da Boa Viagem junto à Capela. Autor e data desconhecidos. Disponível em: https://endurance1963.weebly.com/histoacuteria.html;

Figura 180 | Alçado Principal da Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem, 1941. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: Exposição no Centro Interpretativo do Jamor;

Figura 181 | Capela da Nossa Senhora da Boa Viagem e a Construção do Miradouro. Autor e data desconhecidos. Disponível em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 48-d);

Figura 182 | Esquiços de Jacobetty Rosa de possíveis miradouros, 1943. Autor: ROSA, Jacobetty. Disponível em: SIPA- Arquivo do Forte de Sacavém;

Figura 183 | "Constelação" - Marcação dos Pontos Geodésicos a proposta de Miradouros. Desenho elaborado pela autora.

Figura 184 | Proposta de "Constelação" na Área de Intervenção. Desenho elaborado pela autora.

Figura 185 | S12. Data desconhecida. Autor: McNALLY, Emma. Fonte: LOPES, Diogo. TAVARES, André - **A Forma da Forma.** Lisboa: Trienal de Arquitetura, 2016. p.45;

Figura 186 | Planta do projeto Valley Garden em Stourhead, 1779. PIPER, F.M. Fonte: NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series.** Vol.2 . Netherlands: Delft University of Technology, 2011. p.128;

Figura 187 | 3-d do projeto de Valley Garden. Fonte: NIJHUIS, Steffen - Visual Research in Landscape Architecture **in Research in Urbanism Series.** Vol.2. Netherlands: Delft University of Technology, 2011. p.128;

Figura 188 | Enquadramentos visuais do Mirante localizado no Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 189 a 196 | Formas Platônicas no Vale do Jamor.

Figura 197 a 201 | Perimeters / Pavilions / Decoys, 1977-1978. MISS, Mary. Disponível em: http://socks-studio.com/2014/06/22/mary-misss-1977-1978-perimeterspavilionsdecoys/

Figura 202 | About the Spatial Experience: Paths, Passages and Spaces, 1970. AUTOR: Hans Dieter Schaal's. Disponível em: http://socks-studio.com/2014/03/02/about-the-spatial-experience-hans-dieter-schaals-paths-passages-and-spaces-1970s/

Figura 203 | Poetic Landscape, 1998-1999. Autor: ZUMTHOR, Peter. Disponível em: https://www.susana-ventura.com/lectures/poetic-landscape

Figura 204 | Outlook Tower, 1892. Patrick Gueddes. Disponível

em: http://vivendodiscimus.blogspot.com/2009/11/patrick-geddes-camera-obsucra-outlook.html

Figura 205 | Mirante proposto para o Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 206 | Panorâmica do Vale in ANDRESEN, Teresa - O Vale do Jamor in GUIA, Diogo [et.al.] - **Jamor: O palco maior do desporto nacional.** Lisboa: Impensa Nacional - Casada Moeda S.A, 2014. p.183

Figura 207 | (Pré-Estádio Nacional) **-** Vale do Jamor e as diversas povoações de Moinhos. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 6-d);

Figura 208 | (Pré-Estádio Nacional) **-** O Vale, Moinho de Santa Catarina e Quinta da Graça. Autor e data desconhecidos. Consultado em: Arquivo do Museu do Desporto (Folha 12-d);

Figura 209 | (Pré-Estádio Nacional) **-** Vista Aérea do Complexo Desportivo do Jamor in CORREIA, Fernando - Estádio Nacional: 62 anos depois. Lisboa. Sete Caminhos, 2006. p.31.

Figura 210 | Mobile d' Otto 1952. Chapas de metal, arame e tinta, 533,4 x 243,8 cm. Fundação Beyeler, Riehen, Basel in CHOLLAT, Aurélie - **Calder.** Nova Iorque: Parkstone Press International, 2006. p.75.

Figura 211 | Pátio de Entrada do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. Fotografia de CURTIS, William. Data desconhecida. Fonte: CURTIS, William - Memória e criação: O Parque e o Pavilhão de Ténis de Fernando Távora na Quinta da Conceição in BANDEIRINHA, José. [et.al.] - **Fernando Távora: Modernidade Permanente.** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2019. p. 29.

Figura 212 | Esquiço do Projeto do Parque da Quinta da Con-

ceição de Fernando Távora. (Consulta 15/9/20) Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/;

Figura 213 | Planta de Relevo e Circulação do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. (Consulta 15/9/20) Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/;

Figura 214 | Planta do Conjunto do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. (Consulta 15/9/20) Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/;

Figura 215 | Esquiços do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. (Consulta 15/9/20) Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/;

Figura 216 | Pátio de Entrada do Parque da Quinta da Conceição de Fernando Távora. Autor e data desconhecidos. (Consulta 15/9/20) Disponível em: https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/06/20/1956-60-parque-municipal-quinta-da-conceicao-fernando-tavora/;

Figura 217 | Proposta de "Constelação" na Área de Intervenção. Desenho elaborado pela autora.

Figura 218 a 225 | Formas Platônicas no Vale do Jamor.

Figura 226 | Pontos de acesso ao Mirante do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 228 | Proposta de Miradouro do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 230 | Ligações visuais do Miradouro próximo à Carreira de Tiro. Desenho elaborado pela autora.

Figura 231 | Alçado do Miradouro do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 232 | Salk Institute de Louis Kahn in LESSER, Wendy - **You Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.36

Figura 233 | Salk Institute de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: http://blog.sarahledonne.com/2016/06/salk-institute-louis-kahn/;

Figura 234 | Praça de Salk Institute de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.sandiegouniontribune.com/sdut-legacy-salk-quest-science-2010jun27-story.html;

Figura 235 | Maquete do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 236 | Planta de Implantação do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 237 | Percurso Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 238 | Relação interior/exterior - Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 239 | Interior do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 240 | National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-cemal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 241 | National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-cemal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 242 | National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-cemal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 243 | National Assembly Building Complex de Louis Kahn in LESSER, Wendy - Y**ou Say to Brick: The Life of Louis Kahn.** Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux INC., 2018. p.252

Figura 244 | Acesso ao National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-cemal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 245 | National Assembly Building Complex de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-cemal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 246 | Acesso ao National Assembly Building Complex de

Louis Kahn. Autor e data desconhecidos.(Consulta 07/9/20) Disponível em: https://divisare.com/projects/396431-louis-kahn-ce-mal-emden-national-parliament-of-bangladesh;

Figura 247 | Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/805726/instituto-indiano-de-administracao-em-ahmedabad-de-louis-kahn-fotografado-por-laurian-ghinitoiu/58ab2edce58ece2d69000322-louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmadabad-photographed-by-laurian-ghinitoiu-photo?next_project=no;

Figura 248 | Relações visuais do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/805726/instituto-indiano-de-administracao-em-ahmedabad-de-louis-kahn-fotografado-por-laurian-ghinitoiu/58ab2edce58ece2d69000322-louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmadabad-photographed-by-laurian-ghinitoiu-photo?next_project=no;

Figura 249 | Percursos do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/805726/instituto-indiano-de-administracao-em-ahmedabad-de-louis-kahn-fotografado-por-laurian-ghinitoiu/58ab2edce58ece2d69000322-louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmadabad-photographed-by-laurian-ghinitoiu-photo?next_project=no;

Figura 250 | Acesso do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.ignant.com/2020/01/02/louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmedabad-is-an-architectural-classic/;

Figura 251 | Percursos do Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/805726/instituto-indiano-de-administracao-em-ahmedabad-de-louis-kahn-fotografado-por-laurian-ghinitoiu/58ab2edce58ece2d69000322-lou-

is-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmadabad-photographed-by-laurian-ghinitoiu-photo?next_project=no;

Figura 252 | Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.ignant.com/2020/01/02/louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmedabad-is-an-architectural-classic/;

Figura 253 | Indian Institute of Management de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.ignant.com/2020/01/02/louis-kahns-indian-institute-of-management-in-ahmedabad-is-an-architectural-classic/;

Figura 254 | Corte Construtivo do Miradouro do Alto de Santa Catarina. Desenho elaborado pela autora.

Figura 255 | Corte Construtivo do projeto Kimbell Art Museum de Louis Kahn. 1972. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://www.inexhibit.com/mymuseum/kimbell-art-museum-fort-worth-texas-kahn-piano/;

Figura 256 | Interior do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://archeyes.com/kimbell-art-museum-louis-kahn/;

Figura 257 | Abóbadas do Kimbell Art Museum de Louis Kahn. Autor e data desconhecidos. (Consulta 05/9/20) Disponível em: https://archeyes.com/kimbell-art-museum-louis-kahn/;

IX| Anexos

Anexo A - Enunciado de Projeto Final de Arquitetura

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa
Dep. de Arquitectura e Urbanismo



Projecto Final de Arquitectura 2019/2020 - **Turma 1**

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Projecto Final de Arquitectura 2019/2020 - Turma 1

Enquadramento

Os principais eventos desportivos internacionais têm vindo a estreitar a sua realização a cada vez menos palcos e países do Mundo, em consequência dos grandes investimentos que implicam, dificilmente ao alcance de países de menor recursos e dimensão. Se, por um lado, os Jogos Olímpicos têm aumentado o seu número de modalidades e atletas, nas competições de futebol as fases finais têm aumentado sucessivamente o número de participantes: em 1978, os Mundiais de Futebol tinham somente 16 participantes, tendo esse número dobrado até aos actuais 32, e o campeonato do Mundo de 2026, que terá lugar no Canadá, Estados Unidos da América e México terá 48 equipas. O Euro de Futebol, que em 1992 tinha apenas 8 participantes, subiu ao seu triplo actual!

Resultados desses incrementos são: a virtual falta de competitividade e relevância das respectivas fases de apuramento, que passam a formalidades onde equipas de alta-competição se confrontam com micro-estados – e a redução do número de países capazes de suportar semelhante investimento. Não por acaso, os Estados Unidos receberão em 1928 (dois anos depois do Mundial de Futebol de 1926) os seus quintos jogos olímpicos, no Memorial Coliseum de Los Angeles, que se tornará o primeiro estádio a receber três Jogos Olímpicos na história. Berlim recebeu a final do Mundial de 2006, no mesmo estádio olímpico que em 1936 ficou célebre (também) por razões controversas de ordem política, enquanto na Alemanha – dividida, após a 2ª Guerra Mundial – houve lugar ainda às Olimpíadas de 1972 (conhecidas por razões ainda piores), no mesmo estádio de Munique onde, dois anos depois, se jogou a final do Mundial de 1974, e em 1988 a final do Euro.

Paris receberá novamente, em 2024, os Jogos Olímpicos, desta feita no mesmo *Stade de France* onde teve lugar a final do Mundial de Futebol de 1998, e em que Portugal venceu o Euro 2016. A capital francesa já havia recebido, em 1938, a final do Mundial, no Stade de Colombes - onde, em 1924, haviam decorrido os segundos jogos olímpicos parisienses – tendo a cidade sido palco, por mais duas vezes, da final de um Europeu de Futebol, no Estádio dos Príncipes (para além da terceira vez, de 2016). Londres já teve três Jogos Olímpicos, o segundo dos quais teve por palco o Estádio de Wembley, que em 1966 recebeu uma final de um Mundial de Futebol e 30 anos depois a final de um Europeu de futebol.

Nos processos por detrás da escolha dos locais para estas competições, repetem-se casos de suborno juntos das entidades regionais e nacionais, abrindo lugar à sua realização em cleptocracias como a Rússia - onde ocorreu o Campeonato Mundial de Futebol de 2018 -, ou à inexplicável escolha do Qatar como palco dessa competição, que obrigará à realização dessa prova, pela primeira vez, no fim do ano civil, entre 21 de novembro e 18 de dezembro. O Qatar é um estado absolutista e hereditário, com a área de 11.437 km² (ligeiramente maior que o Distrito de Beja) onde os direitos humanos são desrespeitados. A população qatari não alcança 2 milhões de habitantes: número muito aquém do total de ingressos para as partidas dessa prova que irão decorrer nesse emirato, nos 6 novos estádios especialmente construídos, a que se somarão 2 reformulados. O arquitecto alemão Albert Speer (filho do arquitecto nazi do mesmo nome, autor do parque olímpico de Berlim de 1936, que seria Ministro do Armamento da Alemanha durante a maior parte da 2ª Guerra Mundial) esteve envolvido no projecto de

LISBOA 2020

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

candidatura, tendo um estádio sido projectado por Norman Foster e outro por Zaha Hadid - exercício ainda modesto, quando comparado com os 8 estádios construídos, e os 2 profundamente remodelados (quando o caderno de encargos da UEFA só exigia 8) do Euro 2004 em Portugal, para uma prova com metade das equipas.

Os Jogos Olímpicos de Lisboa

2020 teria os seus Jogos Olímpicos realizados em Tóquio. A capital do Japão fora seleccionada para receber os jogos de 1940 - que teriam chegado a constar que poderiam ser em Lisboa (André Cruz, p.44) – mas a 2ª Guerra Mundial impediu a sua concretização, que seria finalmente realização em 1964, na primeira vez em que a competição se realizou pela primeira vez em solo asiático. O mesmo país recebeu – agora, em parceria com a Coreia do Sul – parte dos confrontos do Mundial de Futebol de 2002 incluindo a respectiva final. Porém, uma sensibilidade surpreendente para com os direitos dos mais pequenos desenvolveu-se no Comité Olímpico Internacional, que em *volte-face* preferiu que a prova se realizasse na capital mais ocidental da Europa.

Alguns dos principais núcleos de provas serão: o Pavilhão Atlântico, na Expo, para as provas de desportos colectivos; os estádios do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, para os desportos colectivos ao ar livre; o cais da antiga Docapesca, em Algés, e a marina de Cascais, para as provas de vela; uma nova infraestrutura desportiva para a prática do remo, no esteiro da Lançada (Montijo). O epicentro da prova, contudo, estará no Vale do Jamor: onde chegou a constar que os Jogos Olímpicos de 1940 (André Cruz, p.44).

O Centro Desportivo Nacional do Jamor (CDNJ) será objecto de um plano de intervenção alargado, incluindo a adaptação dos circuitos rodoviários e pedonais. Será realizado um apeadeiro terminal ferroviário que, por retoma do antigo ramal realizado aquando da construção do estádio, no começo dos anos '40, permita receber composições chegadas do Cais do Sodré. A estação ferroviária da Cruz Quebrada será também remodelada.

O Estádio Nacional terá uma ampliação dos 37.593 lugares actuais para 57.000 lugares, eventualmente recorrendo a sistemas reversíveis. Receberá uma nova piscina olímpica, onde decorrerão as provas de natação, natação sincronizada, polo aquático e ginástica aquática, com tanque de saltos adjacente, a localizar nos terrenos da antiga fábrica da Lusalite, de frente para o Tejo.

A "Cidade do Futebol" será deslocalizada para outro lugar, sendo os seus terrenos ocupados com um refeitório, executado em sistema construtivo que permita a sua desmontagem parcial após a realização das provas, durante as quais estará aberto 24 horas/dia, com capacidade para servir 1800 refeições diárias. Será realizado um novo parque de estacionamento na sua adjacência.

Deverá prever-se alojamento residencial de 1000 atletas de natação, natação sincronizada, polo aquático e mergulho, em edifícios de apartamentos a realizar nos terrenos da antiga fábrica de fermentos holandeses (junto da fábrica da Lusalite), os quais deverão reverter para venda no mercado imobiliário, com uma população residente de sensivelmente 60% desse número, após os Jogos Olímpicos.

LISBOA 2020

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Por fim, tendo em vista o futuro do Estádio Nacional, deverá proceder-se a:

- Projecto de pavilhão polidesportivo dotado de bancada(s) para 1000 lugares, balneários e instalações separados por sexo, gabinete de administração e armazém de material desportivo.
- Reabilitação da Quinta da Graça, na estrada da Costa, com programa a colocar pelo CDNJ, como seja a sede do IPDJ e/ou Centro de Medicina Desportiva – que durante os jogos olímpicos funcionaria como centro médico da competição – e/ou Museu do Desporto.
- Projecto de reabilitação da Quinta das Biscoiteiras, na estrada do mesmo nome, para aumento do alojamento do Centro de Estágios do Centro Desportivo Nacional do Jamor, em fogos de tipologia T1 e T2, dotados de uma instalação sanitária e uma pequena cozinha.
- Projecto de reabilitação da Quinta do Balteiro, junto ao Rio Jamor, como edifício de apoio a eventos e aos transeuntes do Eixo-Verde-Azul, actualmente em realização[1], com: restaurante/snack-bar, com esplanada exterior; instalações sanitárias e balneários de apoio à pista de "cross-country", cada qual separado por sexo e dotado de 4 chuveiros.

Faseamento do trabalho

Trabalho de Grupo - Os estudantes dividir-se-ão em 2 grupo de 5 a 6 estudantes, os quais, numa primeira fase, confrontarão o programa com o contexto, através de recolha de informação gráfica de vário tipo, e investigação sobre fontes escritas relativas ao Vale do Jamor e sua transformação, o seu edificado, as actividades desportivas que deverá receber nos Jogos Olímpicos de 2020, etc. Nomeadamente, deverão articular os sistemas de acesso e circulação no Centro Desportivo Nacional do Jamor, por via rodoviária (incluindo áreas de parqueamento), ferroviária (incluindo localização e disposição do apeadeiro do estádio e da estação da Cruz Quebrada) e pedonal – no que deverá apoiar-se no Eixo Verde-Azul, que acompanha o curso do Rio Jamor, facilitando a permeabilidade de acessos interior-litoral às populações a montante, adjacentes ao Vale do Jamor, e facilitando a fruição dos terrenos do Estádio Nacional.

Deverão produzir, em grupo, um plano de intervenção onde os principais aspectos da proposta fiquem apontados com clareza.

Elementos da entrega:

- Portfólio em formato A4 (em que peças de dimensão maior serão dobradas nesse formato) integrando elementos de leitura territorial e histórica, gráfica e impressa, do local e tema de trabalho. Data de entrega: último dia de aulas do 1º semestre de aulas.

- Maquete na escala 1/1000, englobando toda a superfície do Centro Desportivo Nacional do Jamor, e suas adjacências, onde o plano proposto pelo grupo possa ser ensaiado e caracterizado.

[1] http://jamor.ipdj.pt/index.php?lang=pt&s=noticias&id=930&title=EIXO+VERDE+E+AZUL

LISBOA 2020

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Data de entrega: **20 de Dezembro de 2019**, merecendo referência classificativa por parte dos orientadores.

Trabalho Individual – Cada estudante produzirá um trabalho de investigação para Projecto, que completará a investigação realizada em grupo. Os estudantes identificarão um tema de investigação individual, que desenvolverão com acompanhamento da Prof. Paula André, do Prof. Ricardo Resende, na qualidade de orientadores, ou de outro docente que, por razões relacionadas com a investigação proposta, se adeqúe melhor a essa função especifica.

Tratando-se de uma unidade curricular que surtirá um projecto único, deverão existir convergências sensíveis entre o trabalho de projecto e investigação, dentro do **pano de fundo temático, histórico, territorial ou material comum**, como sejam (a título de exemplo): engenharia e infraestruturação de transportes; transformação natural da encosta norte do Rio Tejo, a Poente do Vale de Alcântara; património arquitectónico, existente ou pretérito, do Estádio Nacional e/ou constante da carreira dos seus autores; soluções construtivas a utilizar nos projectos a desenvolver individualmente pelos estudantes, quer para edificado novo, quer para reabilitação (grandes vãos; sistemas desmontáveis; materiais compósitos, etc.); soluções adoptadas noutros tempos, para problemas semelhantes, em estádios, teatros, anfiteatros, pavilhões desportivos – etc.

De acordo com as "Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento", o número máximo de páginas de texto para trabalhos de projecto de mestrado são 50, nas quais se incluirão aquelas correspondentes à fase de grupo a incluir na entrega. À imagem da prática de anos anteriores em PFA, recomenda-se que os textos de autoria individual não superem as 10.000 palavras.

A investigação acompanhará e informará o conhecimento contextual e/ou aplicação directa ao programa arquitectónico a desenvolver em cada grupo, em que cada membro realizará o projecto de um dos seguintes conjuntos, e sua envolvente mais próxima:

1. Ampliação do Estádio.
2. Piscina.
3. Habitações dos nadadores.
4. Refeitório.
5. Apeadeiro do Estádio + estação ferroviária da Cruz Quebrada.
6. Pavilhão polidesportivo.
7. Reabilitação Quinta da Graça, ou Quinta das Biscoiteiras, ou Quinta do Balteiro – em cada um dos casos, introduzindo um corpo novo, com área mínima de 30% daquela que o edifício já possui.

Os projectos poderão ser desenhados à mão (devendo ser em seguida fotografados para inclusão nos portfólios) ou em programa informáticos à escolha do estudante. Os estudantes que entendam desenhar os seus projectos individuais em BIM poderão apoiar-se no acompanhamento do Prof. Ricardo Resende, juntamente com o Arqº. Luís Coroado.

Elementos e datas das entregas:

a). - Inscrição do tema de projecto final e dos respectivos orientadores - **30 de Outubro de 2019**.

LISBOA 2020

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

b).- Apresentação de estudo prévio desenvolvido individualmente na escala 1/500, para todos os projectos, e na escala 1/200 para os projectos de reabilitação, suportado em texto de acompanhamento resultante da investigação individual em desenvolvimento, composto de índice, introdução, desenvolvimento e conclusões retirada à data **- 2 de Março de 2020**. Haverá lugar a uma classificação intercalar por parte dos orientadores.

c). - Apresentação de anteprojecto desenvolvido individualmente na escala mínima de 1/200 para o projecto individual, e na escala mínima de 1/100 para os projectos de reabilitação apresentados no ponto 6 acima, com plantas, cortes e alçados, assim como texto relativo à investigação desenvolvida - dia **30 de Junho de 2020**. Os estudantes que entendam proceder à defesa pública em júri antes das férias deverão proceder à entrega de acordo com as "Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento", incluindo nela a fase desenvolvida em grupo. Nos casos restantes, haverá lugar a uma classificação intercalar que apenas permitirá a prossecução do trabalho para acesso à Prova Final no caso de ambos os orientadores do estudante lhe atribuírem a valorização mínima de 10.

d). – Entrega do trabalho integralmente desenvolvido durante o ano lectivo 2019/2020, de acordo com as "Normas de apresentação e de harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projecto de mestrado ou tese de doutoramento" e a Fiche de Unidade Curricular - dias **30 de Setembro ou 30 de Outubro** (mediante pagamento de emolumento) **de 2020**.

Acompanhamento do corpo docente

As aulas correspondem ao desenvolvimento e consolidação da prática do projeto investigação, com acompanhamento da equipa docente. As aulas de 2ª e 6ª feira serão exclusivamente de prática laboratorial, enquanto nas de 4ª feira os professores Paula André e Ricardo Resende haverá lugar a:

- Visitas de estudo e apresentação de sessões de apoio teórico nos âmbitos culturais históricos, naturais, construtivos e outros, com participação pontual de convidados especialistas em âmbitos em abordagem na turma.

- Apresentação de sessões de esclarecimento metodológico do trabalho de investigação

- Acompanhamento e crítica, com todos os estudantes da turma, das investigações em curso e das suas relações com os projectos de arquitectura em elaboração nas aulas de prática laboratorial.

- Acompanhamento individual dos trabalhos de investigação em curso.

LISBOA 2020

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Bibliografia

ANDRESEN, Teresa (coord.). *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

ANDRESEN, Teresa (coord.). *O Estádio Nacional. Um Paradigma da Arquitectura do Desporto e do Lazer*. Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

BOIÇA, Joaquim (coord.). *Cartografia* de Oeiras. *4 Séculos de Representação do Território (do Século XVI ao Século XX)*. Câmara Municipal de Oeiras, 2003.

CRUZ, André. *O Estádio Nacional e os novos paradigmas do culto. Miguel Jacobetty Rosa e a sua época*. Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada, 2005. Acessível em: https://www.academia.edu/258971/O_Est%C3%A1dio_Nacional_e_os_novos_paradigmas_do_culto._Miguel_Jacobetty_Rosa_e_a_sua_%C3%A9poca.

GOSCINNY, René e UDERZO, Albert. *Astérix nos Jogos Olímpicos*. Edições Asa, 2004.

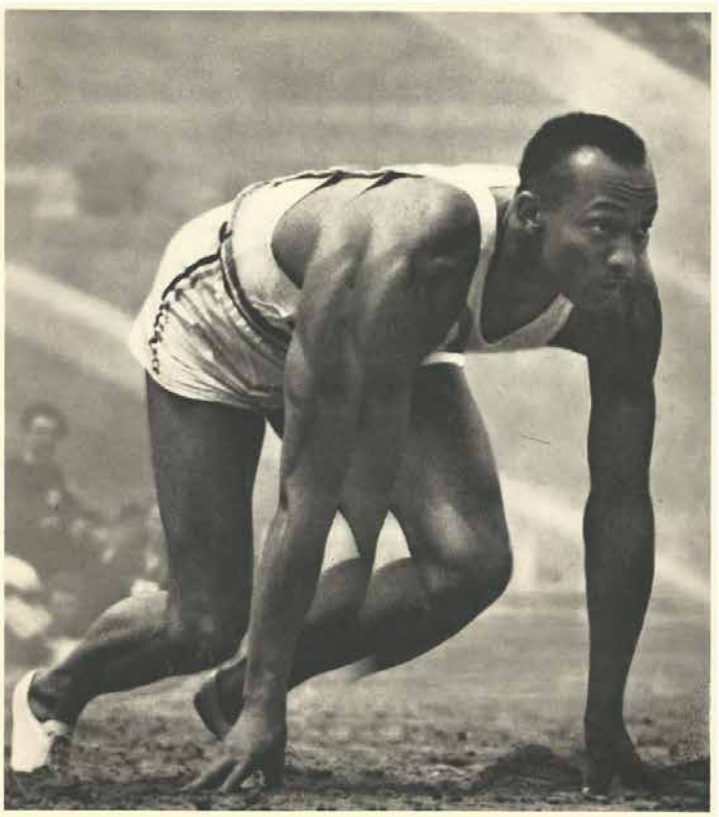
INSTITUTO PORTUGUÊS DO DESPORTO E JUVENTUDE. *Plano de Gestão e Ordenamento Estratégico do Centro Desportivo Nacional do Jamor*, 2014. Acessível em: http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/PGOE_CDNJ_2014.pdf

RIEFENSTAHL, Leni. *Schonheit Im Olympischen Kampf*. Im Deutschen Verlag. Berlim, 1937.

Filmografia

FORESTIER, F./LANGMANN, T. *Astérix nos Jogos Olímpicos*., 2008.

LISBOA 2020



Jesse Owens, der schnellste Mann der Welt
Jesse Owens, l'homme le plus rapide au monde
Jesse Owens, the world's fastest man
Jesse Owens, el hombre más veloz del mundo
Jesse Owens, l'uomo più veloce del mondo

68

LISBOA 2020

X| Apêndices

Apêndice A - Cronologia de Grupo



Termo de Lisboa em 1527, segundo A.Vieira da Silva



Termo de Lisboa em 1742, segundo A.Vieira da Silva

DATAS INTERNACIONAIS	1527	1590	1742	1756	1816
JOGOS OLÍMPICOS					
ESTADO NOVO					
EVOLUÇÃO URBANA DE LISBOA					
EVOLUÇÃO DO VALE DO JAMOR					

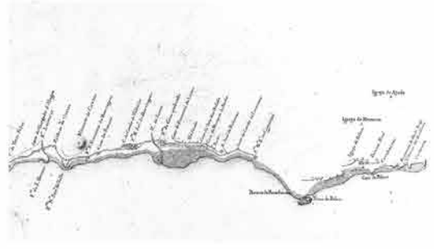
Mapa Descripção da boqua do Tejo, Vincenzo Casale



Plano do Porto de Lisboa e das Costas Vizinhas, M.Berllin



Carta Topographica Militar do Terreno da Península de Setúbal, José Maria das Neves Costa



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Exposição Universal em Londres

ão do automóvel nos EUA (melhoria ão aos de vapor)

1821

1844

1847

1851

Carta Corográfica dos Arredores de Lisboa, Guerin de Lamotte



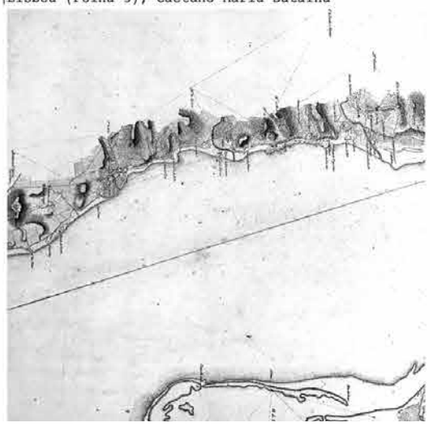
4º Papel de Prancheta da Margem Norte do Porto e Barra de Lisboa, José Carlos Conrado Chelmick



1847-1850 - Carta das Margens Norte e Sul do Porto e Barra de Lisboa (Folha 5), Caetano Maria Batalha



Carta das Margens Norte e Sul do Porto e Barra de Lisboa (Folha 5), Caetano Maria Batalha



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



1852

Decreto de 11 de Setembro que estabelecia os limites da Cidade e extinguia o Termo de Lisboa, estabelecendo que os limites, do lado de terra, seriam aqueles que seguissem o muro da circunvalação, inacabado à data. Extremo ocidental na ribeira de Alcântara e oriental na rua da Cruz da Pedra

1855

Criação da Alfândega Municipal

1856

Exposição Universal em Paris



1859

Inauguração da primeira linha de Caminhos de Ferro em Portugal, que ligava Lisboa ao Carregado



1860

Aprovação do Plano de Cerdá para Barcelona, desenho de 1864

1862

Desenvolvimento do automóvel com motores de combustão interna, na França

Exposição Universal em Londres

1866

1867

Desenvolvimento da primeira ferrovia subterrânea em Londres (as primeiras ferrovias foram desenvolvidas nos anos 20 deste séc.)

1870

Exposição Universal
em Paris



Fotografia de 1871-72

Conclusão das obras do aterro da Boavista

1873

É instalada no Palácio da Qª Nova de Stº. António (Quinta dos Ingleses), a estação do cabo submarino de Carcavelos, em conexão com Londres, Gibraltar e Porthcurno, permitindo ligações telegráficas com todos os países ligados à rede mundial de cabos submarinos. Esta quinta tornou-se uma colónia ativa de trabalhadores britânicos que fundaram o Carcavelos club e o Colégio Inglês e que introduziram algumas modalidades desportivas, como o futebol, o cricket, o golfe, o bridge e o ténis

Exposição Universal
em Viena

1875

Abertura da Primeira Linha de "Americanos", que se estendia da Linha Férrea do Norte e Leste (Sta. Apolónia) ao extremo ocidente do aterro da Boavista (Santos)

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Projeto de Roberto Arménio para uma "North tram way" de Lisboa : «os planos automotores para subir e descer todas as collinas» (Arquivo Municipal de Lisboa)

1876

Exposição Universal em Filadélfia

1877

Invenção de um helicóptero não tripulado movido a vapor, por Enrico Forlanini

1878

Exposição Universal em Paris

1880

Desenvolvimento do comboio elétrico

Exposição Universal em Melbourne

1884

Exposição internacional de Saúde de Londres, início da prática *eugénia* (que justificava cientificamente em grande parte do século as atrocidades cometidas contra "raças consideradas inferiores", foi "substituída" depois pela etologia, que justificava a violência humana e a necessidade de superioridade como sendo naturais)

1885

Desenvolvimento do primeiro automóvel a gasolina, por Daimler e Benz



Promulgada lei que reformava e alargava o Município de Lisboa, que seria delimitado pela estrada de Circunvalação que «partindo da atual (a que existia naquela data) pelo vale de Chelas vá entroncar com a estrada militar entre a Ameixoeira e o Lumiar (…) e percorrendo a margem esquerda da ribeira de Algés, termine na ponte do mesmo nome» A.Vieira da Silva, em Os limites de Lisboa, Revista Municipal, nº6, 1940, p.15. O projeto ficaria em execução sobre a direção de J.J. Matos no ano seguinte (em que se começou a construir o primeiro troço), acabando o traçado da estrada por sofrer diversas alterações

1886



Inauguração da Avenida da Liberdade

1887

Inaugurado o novo Porto de Lisboa (sobre aterro)

Inauguração do primeiro troço da Linha de Sintra (até Alcântara-Terra)

1888

Exposição Universal de Barcelona

Do Desenho Sentimental à “Platea Urbs”



Projeto do Estoril como estância de veraneio

1889



Exposição Universal em Paris







Complexo Concha - Raul Tojal (1889-1969)



Inauguração do primeiro troço férreo entre Pedrouços e Cascais

1890



Construção dos campos de tiro de Kankas, utilizados na provas de tiro dos Jogos Olímpicos de Estocolmo



Abertura à exploração pública do troço entre Pedrouços e Alcântara-Mar (Linha de Cascais).

1891

Introdução do automóvel elétrico nos EUA (melhoria em relação aos de vapor)

A linha de Sintra chega ao Rossio

Carta Cartográfica do Reino - Folha de Oeiras, José Carlos Conrado Chelmicky



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Exposição Universal
em Chicago





Jogos Olímpicos em Atenas
Desportos: ciclismo, esgrima, atletismo, luta livre, tiro, ginástica, natação, ténis e halterofilismo;
(176 participantes - 12 países)

Exposição Universal
em Bruxelas



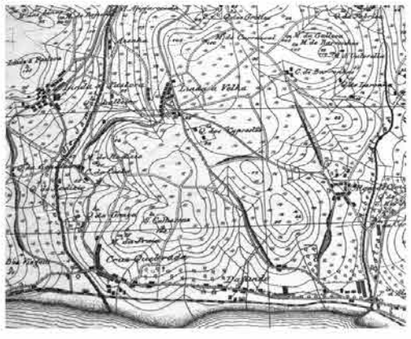
Lisboa era servida por carros americanos, elevadores, ascensores e comboios. A planta mostra o conjunto, com o último ascensor (da Bica) inaugurado em 1892

Início da criação de tanques de guerra, da comunicação telegráfica sem fios e do zepelim

Inaugurada a linha Cascais – Cais do Sodré (sobre aterro)

1893 | 1895 | 1896 | 1897 | 1899 | 1900

Carta dos Arredores de Lisboa (Folha 2), M.Diniz







Jogos Olímpicos em Paris
Novidades: tiro com arco, basque pelota, cricket, croquet, provas equestres, futebol, golf, pólo, remo, rugby, vela, cordão de força e polo aquático; (1224 participantes - 31 países)

Exposição Universal em Paris

Controlo alemão sobre províncias polacas

Decreto-lei que mandava elaborar um "plano de melhoramentos da capital" pelos serviços da CML, com encargo atribuído a Ressano Garcia

É inaugurado o serviço de elétricos (Carris)

Agitações laborais na Espanha, Bélgica, Austro-Hungria e E.U.A.

Invenção da primeira aeronave motorizada e sustentada, pelos irmãos Wright

Primeiro estabelecimento de contacto por telegrafia sem fios

1901 1902 1903



Plano do Bairro de Letchworth

Ressano Garcia entrega uma "Memória Descritiva e Justificativa" do respetivo plano que seria apreciado no ano seguinte. O plano compreendia então a Avenida das Picoas, uma transversal do centro à Luz e a Carnide e de Telheiras ao Campo Grande e um vasto parque florestal.

1904

Elaboração de um cabo americano que ligava S.Francisco às Filipinas, uma extensão de Xangai, estabelecendo comunicações por telégrafo entre a América e a Ásia

Revoltas dos povos nativos contra países colonizadores: cunhamas em Angola contra oficiais portugueses, hotentotes, witbois, hereros na África Sudoeste contra tropas alemãs, indianos contra britânicos etc.

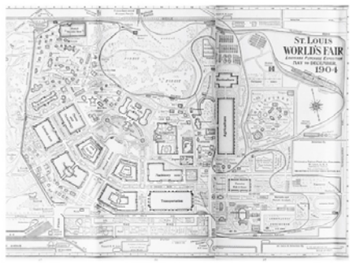
Feira Universal nos E.U.A

Abertura da câmara de Comércio e Bolsa de Valores em Nova Iorque

Invenção do primeiro Radar



Tony Garnier — a cidade industrial



Exposição Universal em Saint Louis

Jogos Olímpicos em Saint Louis
Novidades: boxe, lacrosse, roque, remo;
(650 participantes - 15 países)

Ligação assegurada das linhas férreas do Sul e Sueste

1905

Revolução anti czarista na Rússia

Surgimento da primeira carreira regular de autocarro na Inglaterra

Fim da Guerra Russo-Japonesa

Exposição Universal em Liège

1906

Primeira abertura de um estúdio de cinema e primeira emissão radiofónica (EUA)



Primeiro voo público, em Paris por Santos Dumont

Exposição Universal em Milão



Construção do Ostermalms IP, infraestrutura utilizada nas provas de esgrima e ténis dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, pela Central Assotiation of Sports , atualmente é um campo de treinos

1908

Início da ligação internacional diária pelo Sud-Expresso





Jogos Olímpicos em Londres

Novidades: hóquei em campo, patinagem artística, jogo de palma, raquetes, desportos a motor na água; (2024 participantes - 22 países)

1909

O Parlamento inglês aprova a 1ª Lei sobre o pensamento urbanístico chamado de *Town Planing in Practice*, que resultava da experiência retirada dos bairros Letchworth e Hampstead

1910

Exposição Universal em Bruxelas

Invenção do primeiro avião com motor a jato

Autonomia do domínio sul-africano que constituirá o apartheid



Construção do estádio Rasunda IP ,utilizado para as provas de futebol dos Jogos Olímpicos de Estocolmo, demolido em 1937. Entrega dos desenhos para a construção de um stand para natação

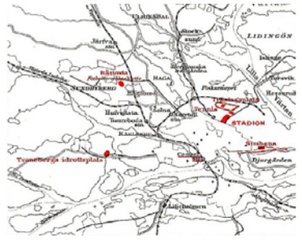
1911

Consolidação da Societé Française des Urbanistes (SFU), onde se inseria Agache, Forastier, Tony Garnier etc.



Traçado de Lisboa a partir da carta de Silva Pinto

1912



Jogos Olímpicos em Estocolmo
Novidades: pentatlo moderno(jogo da palma já não é praticado);
(2409 participantes - 29 países)
Inauguração do estádio Olímpico Athletic Grounds Estocolmo, da autoria do arquiteto Torber Grut, utilizado nas provas de atletismo, futebol, ginástica, levantamento de pesos e luta livre nos Jogos Olímpios de Estocolmo. Atualmente é utilizado para diversos eventos.

A Carris inaugura carreiras de autocarros, com 5 unidades, uma das quais ligava Sete Rios a Carnide. No entanto, a falta de manutenção e fraca afluência levaram ao seu desaparecimento passados 3 anos

1913

Invenção das linhas de produção, por Henry Ford



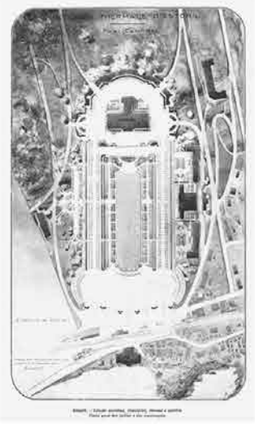


1914

Exposição Universal
em Gent

(1914 - 1926)
Início do Plano de expansão europeia da Cidade de Fez, por Henri Prost e equipa: Meckra-bel-ksiri, Petit-jean, Kenitra, Rabat-Salé (Marrocos)

(1914 - 1918)
Início da 1ª Guerra Mundial



1915

Planta geral dos jardins e das construções da Estação marítima, climaterica, thermal e sportiva do Estoril de Henri Martinet

1916

Exposição Universal
em São Francisco

1917

Interrupção dos Jogos Olímpicos

1918

Revolução Bolchevique
na Rússia

Guerra Russo-
-Finlandesa

Postal Cruz Quebrada, antiga Estrada Real - Edição Malva



Início da guerra civil na Rússia

Início da proliferação (em massa) de ideias sobre a ciência eugénia

Criação da lei Cornudet, 1ª carta de urbanismo, que impunha a obrigação de um plano para todas as cidades que tivessem mais de 10000 habitantes no âmbito da reconstrução dos estragos da guerra, organização do crescimento das cidades e renovação dos seus centros.



Construção do primeiro "Bairro" com preocupação social: Ajuda, Boa-Hora – Política de Casas Económicas

1919

Fundação da Bauhaus, em Weimar

Início da República de Weimar na Alemanha



Plano de Leon Jaussely para o Ordenamento e extensão de Paris



Construção do primeiro "Bairro Operário de Lisboa – Arco do Cego" - Política de Casas Económicas

1920

(1919 - 1920)
Formação do grupo
Nazi na Alemanha

1921

Jogos Olímpicos em Antuérpia
Novidades: hóquei em patins(desportos em demonstração - korfball);
(2677 participantes - 29 países)

1922

Fim da Guerra Civil
na Rússia

Marcha sobre Roma, início
do fascismo em Itália

1923

Lei que abolia a circunscrição fiscal, extinguindo o real da água e direitos de consumo, que se cobravam nas entradas para a cidade, definidas pelas estradas de circunvalação

Invenção da Televisão





Estádio de S.Luís, Algarve

1924



Jogos Olímpicos em Paris
Novidades: - (desportos em demostração: basque pelota, canoagem, jogo da palma, savate, voleibol e basebol. Todavia, a patinagem artística já não é praticada);
(3256 participantes - 45 países)

Postal Cruz-quebrada, Rio Jamor, vivenda da Condessa de Tomar e Forte de Santa Catarina - Edição Malva





Plano de Le Corbusier para Voisin (Restruturação do centro de Paris)







Cinema Capitólio - Cristino da Silva (1925-1931)

1925

Instauração da Ditadura Militar (1926-1933)
Revolta militar chefiada por Gomes da Costa e Salazar aceita a pasta das finanças, saindo cinco dias depois



Início da construção de Poststadion utilizado nas provas de futebol dos Jogos Olímpicos de Berlim, da autoria de George Demmler, atualmente encontra-se em reabilitação

1926

É dissolvida a Confederação Geral do Trabalho

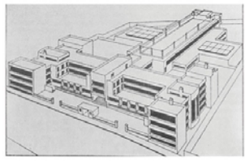




Inst. Superior Técnico - Pardal Monteiro







Pavilhão Rádio - Carlos Ramos (1927-1933)

1927

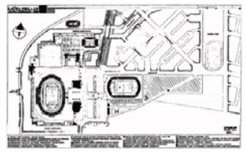
Construção dos Campos de Ténis utilizados nas provas de Basquetebol e Esgrima dos Jogos Olímpicos de Berlim, da autoria do arquiteto Konrad Wassmann

1928

Primeiro CIAM no Concurso para a Sociedade das Nações em La Sarraz e início da primeira fase dos CIAM (Frankfurt II e Bruxelas III)



Plano de Agache para o Rio de Janeiro



Jogos Olímpicos em Amsterdão
Novidades: -;
(3249 participantes - 46 países)





Campanha do Trigo

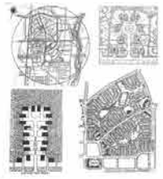
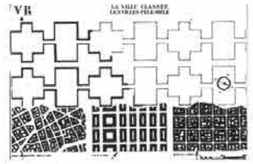
A Presidência da República é assumida pelo General Carmona. Salazar no Ministério das Finanças





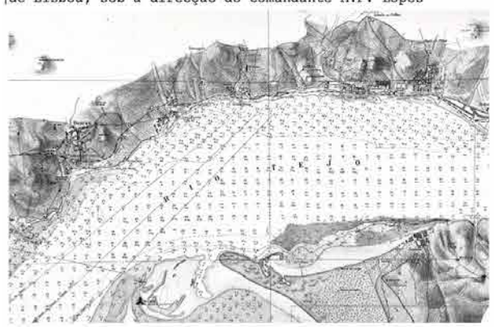
Estádio do Fontelo, Viseu

1929

Crise da Bolsa de valores em Nova Iorque	Le Corbusier dá (na presença de Agache e da Associação dos Arquitetos Brasileiros) uma conferência sobre a unidade do sistema moderno e das suas propostas, mostrando esquissos para a cidade de Rio de Janeiro, deixando as ideias que marcariam o urbanismo de Niemeyer e Lúcio Costa	 Plano de Clarence Stein para Radburn	 Plano de uma Unidade de Vizinhança de C.Perry para Hartfield (Grã-Bretanha)	Exposição Universal em Barcelona	 Plano de Gropius e Scharoun para o bairro de Siemensstadt	 Painéis para apresentação de La ville Radieuse, nos CIAM (de Le Corbusier)	 Construção de Mommsenstadion , utilizado nas provas de futebol dos Jogos Olímpicos de Berlim, um estádio multiusos desenhado por Fred Forbat (Bauhaus). Atualmente é usado para partidas de futebol e é a "casa" de Tennis Borussia Berlin e SCC Berlin

1930

(Atualizado a 1939) - Plano Hidrográfico da Barra do Porto de Lisboa, sob a direcção do Comandante A.F. Lopes



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Início da construção da Avenida Dom Henrique (sobre aterro)

A estação do caminho-de-ferro do Estoril passa a funcionar como terminal do Sud-Express, que conectava a nova Estância à cidade de Paris

1931

Perturbações no Império Colonial


SPORT
ALGÉS E DAFUNDO

FUNDADO em 15 de Junho de 1919, para se dedicar exclusivamente a Natação, o Sport Algés e Dafundo vae breve alargar o âmbito das suas actividades, inaugurando nesse desejado de exercer logar preponderante nos diversos meios desportivos. Natação, Water-Polo, Atletismo, Foot-Ball, Rugby, Basket-Ball, Ténis, Prova Desportiva, Tiro, etc.

Desde 1930 que o Sport Algés e Dafundo é campeão nacional de natação na grande maioria das provas disputadas.

No Basquetebol foi campeão regional no época de 1949-50, e ainda recentemente a sua secção de ginástica feminina conquistou um brilhantíssimo 1.º lugar, revelando excepcionais possibilidades para um futuro próximo.

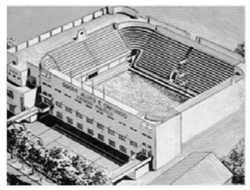
São cerca de 600 os troféus ganhos por este Clube.

O seu Estádio Náutico, inaugurado em 1933, é, ainda hoje, o único ponto de cisma [illegible]

O Sport Algés e Dafundo foi oportunamente considerado instituição de utilidade pública; possui a Comenda de Grã-Cruz e Oficialato de Beneméritia, a Medalha de Ouro do Instituto de Socorros a Náufragos; e ao prata da Câmara Municipal de Oeiras e Bombeiros Voluntários de Algés.

Pois é o Sport Algés e Dafundo uma instituição desportiva de Lisboa; mas a sua projecção é tão vasta e prestigiosa, que nos honramos incluindo o seu nome nesta série de crónicas que estamos a publicar.





Piscina do Clube Dafundo - Raul Tojal





Estádio Comendador Henrique Amorim, Santa Maria de Lamas





Estádio Dr. Machado de Matos, Margaride





Estádio Municipal Engº Manuel Branco Teixeira, Chaves


INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA





Inst. Nacional de Estatística - Pardal Monteiro





Campo Estrela, Évora

Fábrica de Fermentos Holandeses realiza a escritura para o seu estabelecimento

Fábrica de Fermentos Holandeses inicia a laboração

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

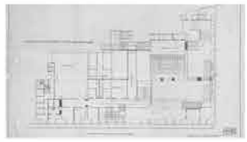


Jogos Olímpicos em Los Angeles
Novidades: - (jogos em demostração - futebol americano e lacrosse);
(1922 participantes - 47 países)

1932

Ato Colonial - criação da "União Nacional"

Publicação dos estatutos da "União Nacional"







Teatro Éden - Cassiano Branco

Fim da República de Weimar, Hitler torna-se chanceler na Alemanha (ascensão do nazismo) com o início do 3º Reich)

1933

Ínicio da segunda fase dos CIAM (marcada por Le Corbusier)

Redação da Carta de Atenas

Dissolução da Bauhaus em Berlim, pelos Nazis

Exposição Universal em Chicago

Carta Corográfica de Portugal (Folha 34-C), Inst. Geográfico e Cadastral



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Constituição do Estado Novo;
- é igualmente criado o Estatuto do trabalhador e ocorre a extinção dos sindicatos livres e dos partidos Sindicatos Nacionais
Criação da Legalização da censura prévia (PVDE)
Criação do Secretariado de Propaganda Nacional



Bairro da Serafina - Política de Casas Económicas





Instituto Pasteur - Keil do Amaral

Noite das longas facas na Alemanha



Início do Plano de Albert Speer para Berlim (até 1945)



Inicio da construção de diversos equipamentos desenhados pelo arquiteto Werner March: o anfiteatro ao ar livre Waldbuhne, o Estádio Olímpico de Berlim (Olympia Stadion) e a Hause des Deustchen Sports que atualmente continua um pavilhão multiusos

1934

1ª eleições legislativas (União Nacional)

Congresso dos Clubes Desportivos na qual os organizadores entregam a Salazar um conjunto de pedidos, nomeadamente a construção de um Estádio Nacional

"Quereis um Estádio? Haveis de ter um Estádio!

Com estas palavras terminou o Sr. Dr. Oliveira Salazar o seu discurso quando, numa apoteótica parada em que tomaram parte todos os agrupamentos desportivos da capital, o Terreiro do Paço se encheu de uma verdadeira multidão de atletas devidamente uniformizados e medalhados que iam pedir ao chefe do Governo aquilo que todos os países civilizados já possuem e sem o que não pode preparar-se convenientemente a mocidade no que respeita à educação física: um Estádio (...)."



(1 de Dezembro). Parada dos Clubes Desportivos no Terreiro do Paço

Lusalite entra em funcionamento substituido a antiga Fábrica da Sola. Neste mesmo local será proposto (em 1939) a edificação do Centro de Desportos Náuticos

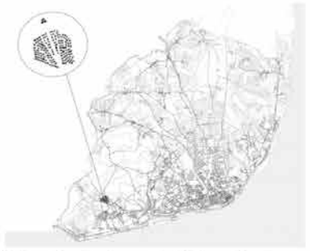
O Regime inicia a procura de terrenos para a construção do Estádio



Plano geral de distribuição de uma cidade olímpica (Campo grande), de Jorge Segurado e Antonio Vassela

(1 de Março) Data de publicação por portaria do concurso para o Estádio Nacional no Vale do Jamor

Exposição Colonial Portuguesa no Porto



Alto da Ajuda - Política de Casas Económicas







Casa da Moeda- Jorge Segurado

Leis de Nuremberg (o Estado Nazista institucionaliza o anti-semitismo)

Exposição Universal em Bruxelas



Plano de C.Van Esteren para a Cidade nova de Biljmermeer em Amsterdão



Inauguração do Deutschaland halle por Adolf Hitler

Criação da FNAT;
1ª Câmara Corporativa

1935

Comissão do Estádio Nacional anuncia os resultados da 1ªfase do concurso

Proposta - Cristino da Silva

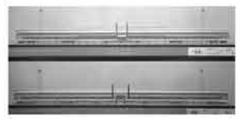


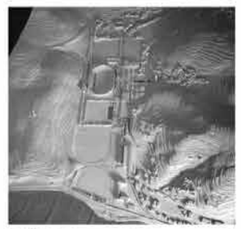






Proposta - Carlos Ramos







Proposta - Jorge Segurado



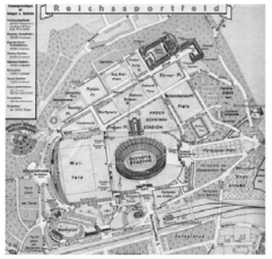




Cria-se a "Costa do Sol" por Decreto de Lei, que abrange parte dos concelhos de Cascais, Oeiras e Lisboa, que dava nome a toda a orla marítima desde Carcavelos a Cascais

1936

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Estocolmo





Jogos Olímpicos em Berlim
Novidades: canoagem, andebol e basquetebol;
(4484 participantes - 49 países)



Inauguração de vários equipamentos para os Jogos Olímpicos de Berlim, nomeadamente o Estádio aquático, que atualmente tem aparentemente a mesma função (utilizado nas provas de mergulho, pentatlo moderno, natação e polo aquático) e o Tennis Stadium (onde ocorreram as provas de Basquetebol)

Criação do campo de concentração do Tarrafal

Criação da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa

1937

Exposição Univ
em Paris

Abertura da 2ª fase de propostas apresentadas em 30 de Novembro. Na qual, a Comissão mostrou-se indecisa entre as propostas da Mecotra e da SETH, optando por não atribuir o primeiro prémio. Ficou acordado que os dois arquitectos associados às duas empresas finalistas iriam criar uma solução conjunta, a fim de que uma das empresas executasse a obra. Foi, nesta sequência, esboçado um Plano Geral, que parece ter sido uma conciliação dos dois projectos com as orientações sugeridas pela Comissão

Caldeira Cabral é
a colaborar no
Estádio Nacional
Belard da Fonsec
da SETH)

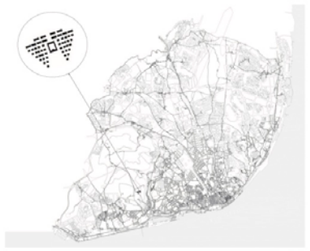
Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

A Alemanha anexa a Áustria

Pacto de Munique

Decreto de arianização do Reich

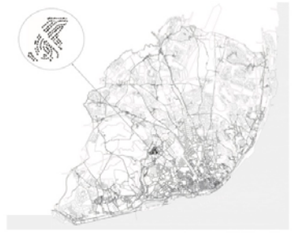
Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Helsínquia



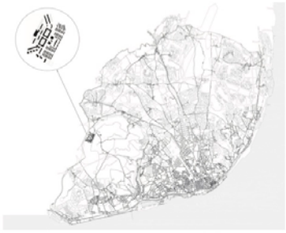
Alvito - Política de Casas Económicas



(1938-1948) Plano de Groer , o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa



Calçada dos mestres - Política de Casas Económicas



Boavista (A, B, C, D, E) - Política de Casas Económicas

1938

"Memória Descritiva e Justificativa do Projecto do Novo Estádio de Lisboa"

Adjudicação do projecto do Estádio a Caldeira Cabral e Konrad Wiesner

Data de entrega do anteprojecto, na qual o projeto definitivo foi entregue 1 mês e meio após esta data de aprovação

Envio da Carta dos Terrenos a Expropiar



Bairro do Restelo

(1939-1945)
2º Guerra Mundial

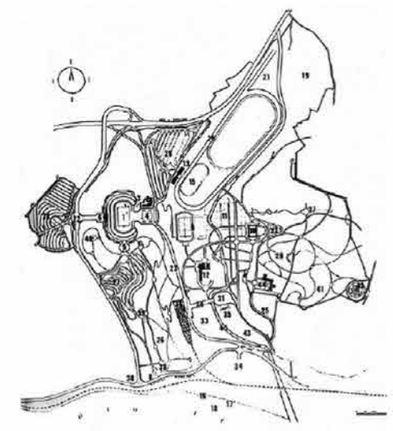
A Alemanha invade a Polónia

Exposição Universal em Nova York e Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Liège

1939

Projecto dos engenheiros civis Júlio Marques e António Brito que assenta num rebaixamento da cota do Estádio assegurando "por um lado, uma implantação dos degraus com largura e alturas constantes mas variando o gradiente da altura e, por outro, um posicionamento adequado das alvenarias ao terreno, o que favorecia o esquema de cargas atuantes"

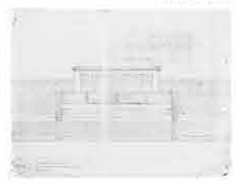
Plano Inicial

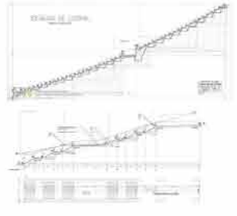




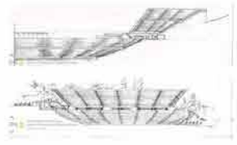
Estádio de Atletismo

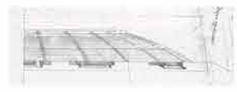






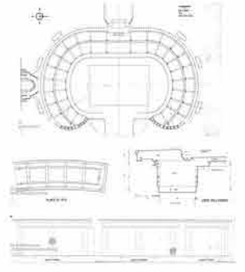
Estádio de Atletismo - Alterações



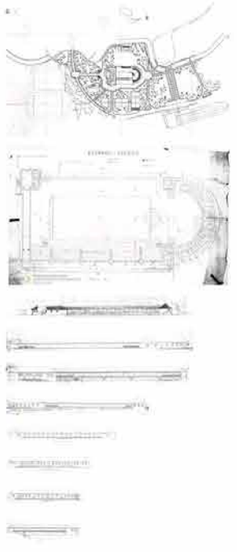




Estádio de Atletismo - Alterações



Piscina



Pomares e Jardins Quinta da Graça



Construção do Estádio Nacional







(1939/1940)
Caldeira Cabral e Konrad Wiesner são afastados do projeto e é encarregue Jacobetty Rosa de continuar o processo

Jornal "O século" apresenta na 1ª página a foto do Estádio em fase de acabamento embora sem a Tribuna de Honra, cujas obras se deviam iniciar na semana seguinte, onde notícia a sua inauguração para Maio do ano seguinte


O SECULO

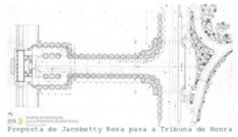
Ano das Celebrações dos Centenários: 800 anos de nacionalidade e 300 de independência, previsto para a inauguração do Estádio.

Concretização da Tribuna de Honra


Proposta de Caldeira Cabral e Konrad Wiesner para a Tribuna de Honra

"a proposta de Caldeira Cabral assentava numa linguagem mais ao gosto da dita "casa portuguesa", inspirada nos modelos de Raul Lino, revelando uma tendência mais regionalista com recurso aos beirados e ao telhado em águas"

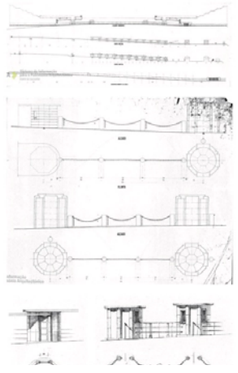



Proposta de Jacobetty Rosa para a Tribuna de Honra

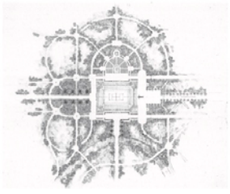
"O desenho da Tribuna é marcado por um "vocabulário historicista e regionalista" que "aposta numa narrativa de raiz clássica próxima dos modelos nazis e fascistas da época". De fac-

Estádio de Atlestismo - Praça da Maratona


Fotografia (1969)

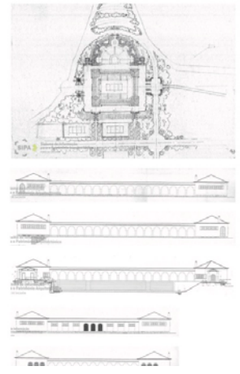


Pavilhão de Ténis



Pavilhão de Ténis


Fotografia (1950)

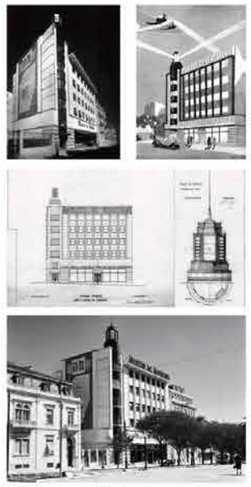




Bairro da Encarnação - Política de Casas Económicas



Planta de Lisboa em 1940, abordagem dos "limites atuais da cidade"



Edifício Diário de Notícias- Pardal Monteiro



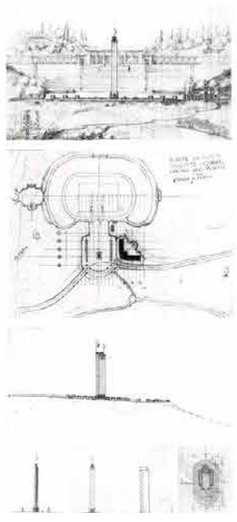
Exposição do Mundo Português

1941

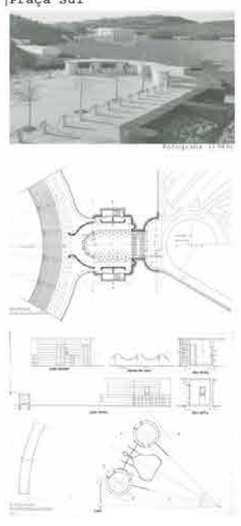
Publicação da Carta de Atenas (por Le Corbusier)

Exposição de Albert Speer em Lisboa, "Exposição da Moderna Arquitectura Alemã"

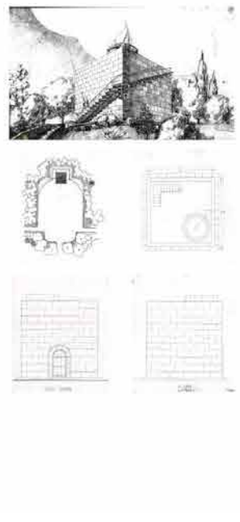
Praça da Maratona



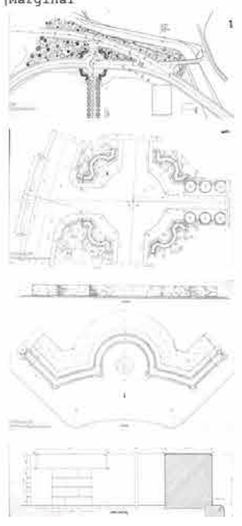
Estádio Atletismo - Praça Sul



Pira Olímpica



Ligação do Estádio à Marginal



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Conferência de Wannsee: Solução final

Descoberta da energia Nuclear

Neutralidade ibérica afirmada em Sevilha, no encontro Franco-Salazar



Bairro Madre de Deus — Política de Casas Económicas



Inauguração da estrada Marginal EN6

Inauguração do Aeroporto da Portela/Humberto Delgado

1942

1943

Edifício Anexo de Jogadores



Carta Cartográfica



Caracol de Santa Catarina - Miradouro





O Parque florestal da cidade torna-se uma realidade, incluindo também: o Parque Infantil do Alvito, o Centro de Ténis do Alvito, miradouro e Pavilhão de Chá de Montes Claros, miradouros do Moinho do Alferes, Moinhos do Mocho e Luneta dos Quartéis, ficavam apenas para concluir o Anfiteatro, o monumento Memorial a Duarte Pacheco, o Centro de Desportos, o Parque Infantil do Alto da Serafina e o conjunto de receção do parque

Interrupção dos Jogos Olímpicos



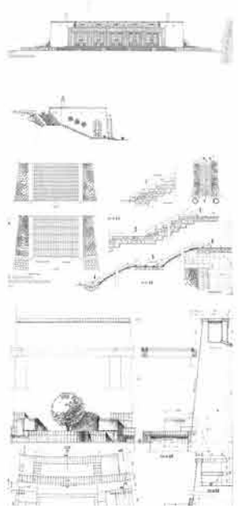
Inauguração da Autoestrada A5 (que liga Lisboa à Costa do Sol e a Cascais passando pelo Estádio Nacional)



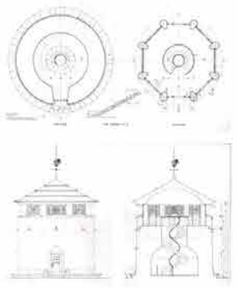
Inauguração do Viadut

1944

Caracol de Santa Catarina - Sala de Chá e Miradouro
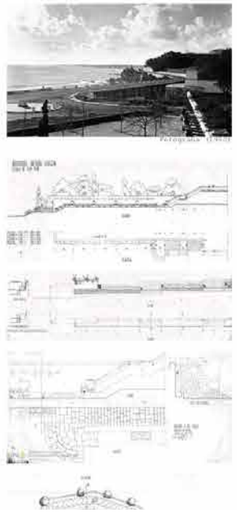


Caracol de Santa Catarina - Moinho



"(...) Outros elementos que se encontram nos terrenos: o Farol do Estoril, a Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, e moinho no Alto de Santa Catarina."

Miradouro da Boa Viagem



Director (Leal de Oliveira) do INEF, em nome do conselho escolar, dirige-se ao Presidente da Comissão Administrativa das Obras do Novo Estádio de Lisboa com um programa de instalações para o projecto do futuro INEF.

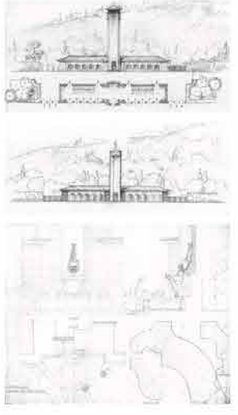
(10 de Junho)
Inauguração do Estádio Nacional

"António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional e Presidente da Comissão Organizadora da Festa do Estádio Nacional, profere aos microfones da Emissora Nacional, no mesmo dia da inauguração, as seguintes palavras:
«O que lá fora, em países de maiores recursos do que o nosso, leva seis meses, quando não um ano, a organizar, foi improvisado por nós em pouco mais de um mês. Experiência audaciosa, perigosa, alucinante, por vezes. Nunca em Portugal se realizara, ou sonhara, um espectáculo de massas de tal grandiosidade: cinquenta mil espectadores e doze mil praticantes. Mas julgo que chegámos a porto de salvamento (...). Mas a inauguração do Estádio ultrapassa os limites de uma simples festa desportiva, para atingir um significado mais alto e vivido, é o documento monumental do que se passou, sem deixar saudades, a época das promessas que não se cumpriam, que não passavam de palavras, a certeza da retórica, o juramento de pedra da nossa renascença. A festa da inauguração do Estádio não é apenas, portanto, a grande festa do Desporto Nacional, mas acima de tudo, a apoteose de Portugal Novo, a confiança no dia de hoje e a certeza do dia de amanhã.»"

Estádio Nacional - Bar e Inst. Sanitárias



Estação de Comboios - Variante



Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"





Jogos Olímpicos em Londres
Novidades: –;
(Jogos em demonstração: lacrosse);
(4396 participantes - 59 países)

1º Congresso Nacional de Arquitetura

Exposição Universal em Porto Príncipe e Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Estocolmo e Lyon

1949



Caselas - Política de casas económicas



Plano de urbanização de Luanda

1950



Planta Geral da Rede de Elétricos

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Lille

1951

Plano Costa do Sol (? - 1948)



A Comissão Administrativa do Novo Estádio de Lisboa é extinta e a Quinta da Graça é entregue à Comissão Directora do Estádio Nacional.

Ficaram por construir inúmeras instalações desportivas previstas no plano geral elaborado, entre as quais: piscina olímpica, tanque para saltos, hipódromo, pistas de corridas, campo para concurso hípico, campos de ténis, campos de futebol, campos de voleibol, campo de basquetebol e o ringue de patinagem

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

1952

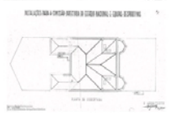
Invenção da Fibra-ótica, revolucionando o campo das telecomunicações

Proposta na Quinta da Graça para as funções administrativas da Comissão Diretora do Estádio Nacional









1953



Jogos Olímpicos em Helsínquia
Novidades: -;
(Jogos em demostração - andebol e pesapallo);
(4932 participantes - 69 países)

1954

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Roma e Jerusalém

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Nápoles

Inauguração do INEF

1955





Estádio da Luz, Lisboa

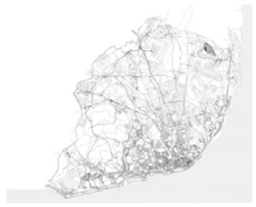


Plano de Georgio Astengo e colaboradores para o bairro Folchera (perto de Turim)

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Turim e Helsingborg

Entrada de Portugal na ONU, em bloco com outros países



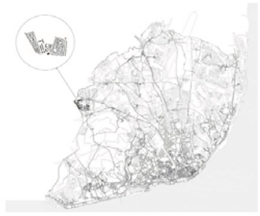
Olivais Norte - política da casas económicas

1956

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Beit Dagon



Jogos Olímpicos em Melbourne
Novidades: -;
(Jogos em demostração - futebol australiano e basebol);
(3189 participantes - 67 países)



Santa-Cruz de Benfica - Política de casas económicas



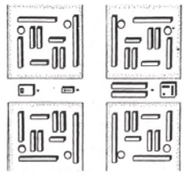


Estádio do Restelo, Lisboa (23 de Setembro)

1957

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Berlim

Exposição Universal em Bruxelas



Unidades habitacionais modernas, superquadras em Brasília (Lúcio Costa)

Eleições para a presidência da República, com grande popularidade para o general Humberto Delgado





Estádio Abel Alves de Figueiredo, Santo Tirso

Realização do último CIAM em Waterloo, com o aparecimento dos TEAM X



Bairro de Padre Cruz (Pol. de rendas mínimas, moderadas, módicas e médias)



Inauguração do metropolitano de Lisboa que ligava o Marquês de Pombal (Rotunda) a Sete Rios, Entre Campos e Restauradores

1958

1959

Os serviços da Comissão Directora do Estádio Nacional passaram a funcionar no edifício dos balneários do Estádio de Honra



Inauguração de Brasília

Jogos Olímpicos em Roma
Novidades: -;
(5351 participantes - 83 países)



Olivais Sul - Política de casas económicas)

1960

Construção do muro de Berlim

"Auge" da crítica ao Movimento moderno — *Morte e Vida das Grandes Cidades*, de Jane Jacobs

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Turim



Plano de Candilis, Josic, Woods para Toulouse le Mirail

Massacre de cerca de 3000 angolanos. Início dos combates de guerrilha no Norte de Angola.
Condenação da política portuguesa nas Nações Unidas

Condenação da política portuguesa nas Nações Unidas

1961

São construídos novos equipamentos no Complexo do Jamor entre os quais o Pavilhão «Costa» (ISEF), o Centro de Estágios, Lares de Estudantes (masculino e feminino), Escola de Instrutores (Esteiros), Piscina e Ampliação do Centro de Ténis. Esta foi a primeira grande rotura em relação ao plano inicial do Estádio Nacional

Estádio de Atletismo - Praça da Maratona



Acesso à praia da Cruz Quebrada visto da Avenida Ferreira Godinho, fotografia Artur João Goulart



1962

Exposição Universal
em Seattle

1963

Agitação e greve nas
Universidades

Abertura da 2ª circular

Carta Cartográfica



1964



Jogos Olímpicos em Tóquio
Novidades: Judo e Voleibol(Jogos em demostração - basebol e budo); (5137 participantes - 93 países)

Início da guerra pela independência de Moçambique

1965

Lançamento da obra *A Cidade não é uma árvore*, por Christopher Alexander

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Munique



Chelas

Assassinato do general Humberto Delgado



Estádio Alfredo da Silva, Barreiro (30 de Junho)

1966

Henri Lefebvre defende na revista *Architecture d'Aujourd'hui* a restituição da rua como espaço da vida social



Inauguração da Ponte Salazar (atualmente Ponte 25 de Abril)



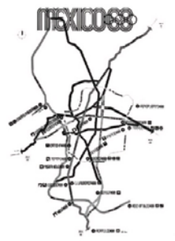
Início da exploração do troço Rossio/ Anjos, que se tornaria parte da linha verde no metropolitano de Lisboa

1967

Exposição Universal em Montreal

1968

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em San Antonio

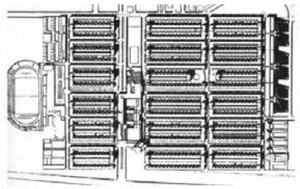


Jogos Olímpicos no México
Novidades: -;
(Jogos em demonstração: Basque, Pelota e Ténis)
(5137 participantes - 93 países);

Substituição de Salazar por Marcelo Caetano na presidência do Conselho de Ministros

1969

Chegada do Homem à Lua

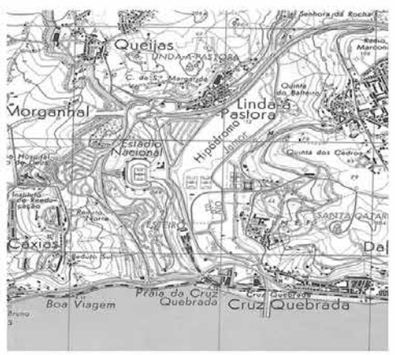


(1969 - 1972)
Plano de Vitorio Gregotti e associados para o Bairro ZEN em Palermo

Publicação da obra The Power Broker de Robert Caro, consistindo numa crítica aos projetos de renovação urbana de Robert Moses para Nova York entre as décadas de 30 e 60 que impulsionavam a gentrificação

1970

Carta Cartográfica



Exposição Universal em Osaka



(1969 - 1972)
Plano de Robert Krier para a reconstrução dos bairros destruídos pela guerra em Stuttgart



DIÁRIO DA MANHÃ
5. NOV. 1970

ARQUITECTO JACOBETTY ROSA

Morte do Arq. Miguel Jacobetty Rosa

1971

Lançamento da obra *A Vida entre os edifícios* de Jan Gehl — onde o ciclismo, o percurso pedonal e a escala humana na cidade têm especial ênfase

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Budapeste



Alto do Restelo

1972



Jogos Olímpicos em Munique

Novidades: -;
(Jogos em demostração - badminton e water skiing);
(7114 participantes - 121 países)



Telheiras Norte e Sul

1973

Golpe militar no Chile

Guerra entre Egipto, Israel e Síria - Início da 1ª crise do Petróleo (Guerra do Yom Kipur, Israel-Árabia)



Plano para a Cidade nova de Mélum Sénart — primeiro Bairro, Plessis-le-Roi

1974

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Spokane

Com a revolução de 25 de Abril são alojados no Estádio retornados das ex-colónias sendo que as suas habitações se degradaram em curto prazo. Abandona-se definitivamente a construção do Hipódromo

Início da Guerra Civil em Angola

Revolução iraniana – segundo choque do Petróleo

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Okinawa

Início da Guerra Civil em Moçambique



Jogos Olímpicos em Montreal

Novidades: -;

(6073 participantes - 92 países)

Primeira Cimeira Mundial do Clima

Início da popularização dos microcomputadores (Apple)

Fim do Estado Novo em Portugal e fim do Império Colonial Luso Revolução 25 de Abril

1975

1976

1979

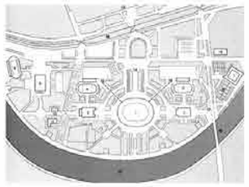
1980

Carreira de Tiro



Início do estudo de reordenamento do Complexo Desportivo do Jamor. Plano de Ordenamento do Vale do Jamor. Programa-Base. Coordenação dos Arq. Croft de Moura e Nuno Bartolo

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"



Jogos Olímpicos em Moscovo

Novidades: -;
(5259 participantes - 80 países)

1981

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Plovdiv

1982

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Knoxville

1983

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Nova Orleães

1984



Jogos Olímpicos em Los Angeles

Novidades: -;
(Jogos em demostração - basebol e ténis);
(6798 participantes - 140 países)



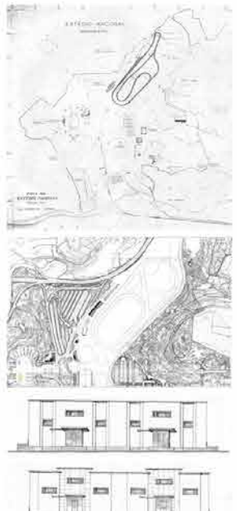


Estádio Dr.José Vieira de Carvalho, Maia

Anteplano do Ordenamento do Complexo Desportivo do Jamor

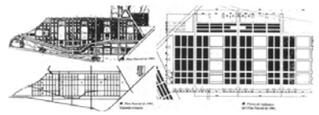
O Rio Jamor e o problema das cheias. As cheias provocam grandes prejuízos na piscina e nos pavilhões dos esteiros

Hipódromo



Centro Hípico





1985

Conferência de Villach (em torno da concentração de gases de estufa)

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Tsukuba e Plovdiv

1986

(1985 - 1988)
Plano de António Cruz e António Ortiz para o Bairro de Pino Montano, Sevilha

1987

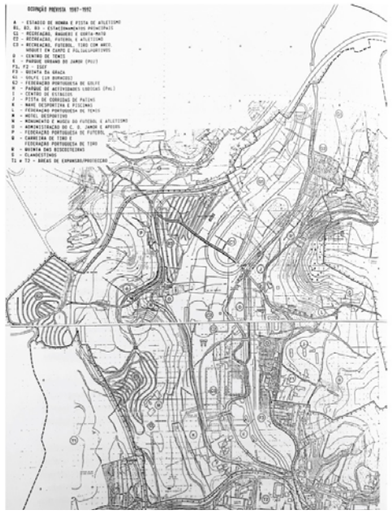
Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Vancouver

1988

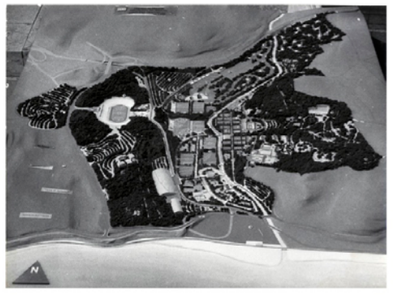
Proposta para o Estabelecimento da zona de Protecção do Complexo Desportivo do Vale do Jamor, projeto de Croft de Moura e Nuno Bartolo

Novos equipamentos. Construção dos Campos de Râguebi, do Campo de Bate-Bolas «Driving-range» para o Golfe e do Campo de Tiro com Arco

Planta Proposta do Complexo Desportivo



Maquete do Complexo Desportivo



As preocupações climáticas aumentam: realização da Toronto *Conference on changing the Atmosphere*

Criaçaão do IPPC: Painel Intergovernamental das Alterações Climáticas

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Brisbane



Jogos Olímpicos em Seul
Novidades: ténis de mesa e ténnis (Jogos em demostraçáo - badminton, basebol, bowling, judo, taekwondo, wheelchair racing);
(8454 participantes - 159 países)

1989

Queda do muro de Berlim

1990

Elaboração do Painel Inter-governamental sobre mudança climática

1991

Fim da União Soviética e da Guerra Fria

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Plovdiv

Início da construção da CRIL

1992

Fim da Guerra Civil em Moçambique

Eco 92: cada país é responsabilizado (independentemente da dimensão) pela conservação do clima

Exposição Universal em Sevilha e Exposição Internacional Reconhecida (especializada) Génova



Jogos Olímpicos em Barcelona

Novidades: badminton e basebol (Jogos em demonstração: basque pelota, roller hockey, taekwondo);

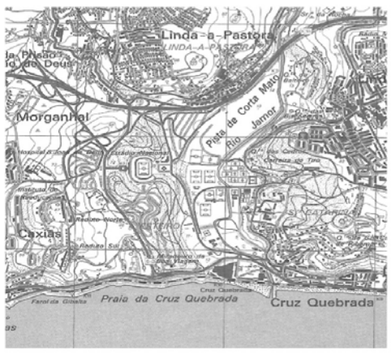
(9386 participantes - 169 países)

1993

Primeiro atentado terrorista ao WTC (World Trade Center)

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Daejeon

Carta Cartográfica

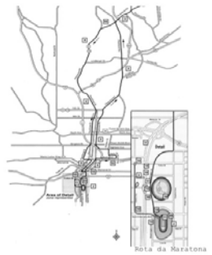


1995



É desconectado o nó da Rotunda (Marquês de Pombal) no metro, criando-se duas linhas destintas, passo imprescindível para a criação de uma rede

1996



Jogos Olímpicos em Atlanta
Novidades: softbol;
(10344 participantes - 197 países)

1997

Terceira COP (Conference of the Parties), em Quioto

É interrompida a exploração do metro entre os Restauradores e o Rossio para permitir a ligação Rossio-Baixa/Chiado, separando-se em duas linhas diferentes — azul e verde

1998

Início da World Wide Web (internet)

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Lisboa



Expo 98

Ópera Aida de Verdi no Estádio Nacional

Demolição da Estação de Comboios



Abre à exploração o troço Rossio-Baixa/Chiado-Cais do Sodré, sendo a estação da Baixa/Chiado dupla (com ligação à linha verde e azul). Como também, abre à exploração a linha vermelha, a linha do Oriente que ligaria à Expo'98.
O metropolitano passa a funcionar com quatro linhas interligadas, mas diferentes e independentes

1999

2000

Início da Ghel Architects – tentativa da realização prática da ideologia de Jan Gehl "make cities for people"

Exposição Universal em Hanover



Jogos Olímpicos em Sydney
Novidades: taekwondo, triatlo;
(10648 participantes - 200 países)

2001

A rivalidade Oriente/Ocidente é substituída pelo novo terrorismo internacional: Segundo atentado ao WTC (EUA) e Atentado terrorista ao Pentágono (EUA)

Fim do apartheid

2002

Fim da Guerra Civil em Angola

Inauguração da Piscina Olímpica do Jamor

Inauguração da Pista de Actividades Náuticas e do edifício de apoio



Estádio D.Afonso Henriques, Guimarães (25 de Julho)



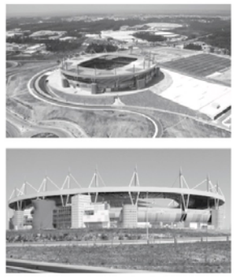
Estádio José Alvalade XXI, Lisboa (6 de Agosto)



Estádio Cidade de Coimbra (27 de Setembro)



Estádio da Luz, Lisboa (25 de Outubro)



Estádio Municipal de Aveiro (15 de Novembro)



Estádio do Dragão, Porto (16 de Novembro)



Estádio Dr.Magalhães Pessoa, Leiria (19 de Novembro)



Estádio Municipal de Braga (30 de Dezembro)



Estádio do Bessa, Porto (30 de Dezembro)

2003

2004



Jogos Olímpicos em Atenas
Novidades: -;
(10625 participantes - 201 países)

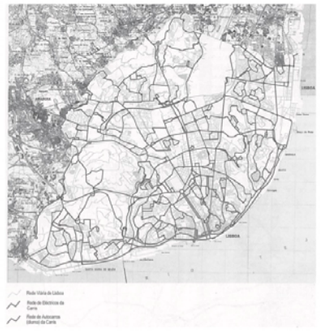




Estádio do Algarve
(1 de Janeiro)



Circulares Exterior e Interiores a Lisboa da Rede de MLS



Rede Carris

2005

Entra em vigor o Protocolo de Quioto

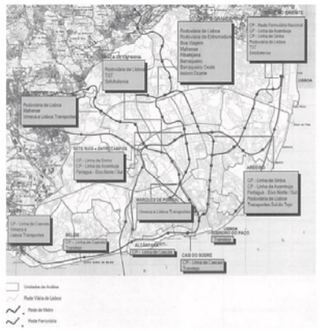
Exposição Universal em Aichi



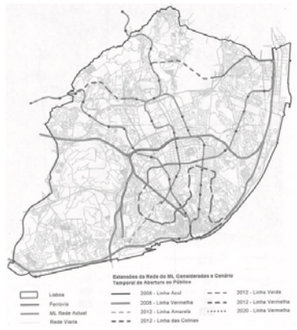
Rede Viária fundamental



Rede Viária fundamental



Principais Interfaces de Rebatimento



Rede Metropolitano de Lisboa - atual e em estudo

2007

Inaugurado o último troço do Eixo Norte Sul

2008

Início de crise económica

Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Zaragoza



Jogos Olímpicos em Pequim
Novidades: -;
(10942 participantes - 204 países)

2009

Décima quinta COP em Copenhaga



Traçado de Lisboa em 2009

2010

Metropolis for People – Jan Gehl participa no planeamento de Copenhaga,: «We will become the world's most liveable city: a sustainable city with urban space inviting people to a unique and varied urban life. We will become a metropolis for people» em *Metropolis for People*, 2015, p.2

Exposição Universal em Xagai

2011

Início da primavera Árabe, do Levante na Síria e da Crise de Refugiados

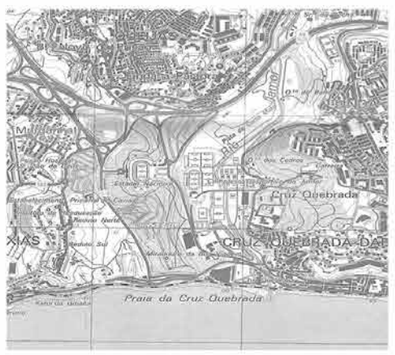
Exposição Internacional Reconhecida (especializada) em Yeosu

2012



Jogos Olímpicos em Londres
Novidades: -;
(10768 participantes - 204 países)

Carta Cartográfica





Linhas Propostas Estruturantes

2013

Início do segundo período de Vigor do Protocolo de Quioto

2014

Inaugurado o último troço da CRIL

2015

Vigésima COP em Paris — Acordo de Paris

Início de "vaga" de ataques terroristas (reivindicados pelo Daesh) — Paris e Copenhaga

2016

Ataques terroristas — Bruxelas, Nice, Berlim



Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro

Novidades: -;

(11238 participantes - 207 países)



O metro chega à Reboleira — estabilização atual do metropolitano

2017

Ataques terroristas — Estocolmo, Manchester, Londres, Barcelona, Tuku

2018

Início das greves climáticas e da influência de ativistas climáticos (Greta Thunberg)

Ataques terroristas: Carcassonne, Trebes, Liège, Estrasburgo

2019

Incêndios florestais de grandes dimensões na Amazónia e outras regiões

Início de segunda vaga da Primavera árabe

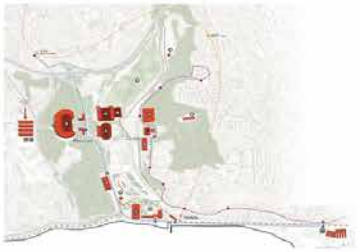


Linhas da Carris



Linhas Vimeca

Exposição Universal
em Dubai



Jogos Olímpicos de Lisboa
Novidades: surf, skate e karaté;
(206 países)

2020

Apêndice B - Painéis de Processo

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Stefani Roman

A proposta procura tirar partido da topografia do Vale do Jamor. Demarcaram-se os pontos altos das colinas que servem ou já serviram como pontos geodésicos, criando platôs que têm ligações visuais, nas quais os percursos são as ligações físicas dos mesmos, tal como se tratasse de uma constelação tridimensional. A relação visual entre os diversos pontos no Vale por sua vez interligam-se com um sistema de vistas para outros pontos geodésicos.





O desenho destes dispositivos estão relacionados com o eixo de entrada da Barra do rio Tejo, ou seja, o desenho dos percursos e a implantação deste mirantes resultam de traçados perpe diculares com a 45º/30º em relação ao eixo.
Os percursos que conectam os diversos mirantes pretendem ter quer uma ligação direta - que cria uma conecção visual entre os dispositivos, como também, um percurso deambulatório.





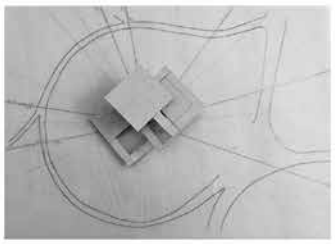
Projeto do artista visual, Hannsjörg Voth, no deserto em Marrocos chamado de La Cité d'Orion que desenha uma constelação de estruturas

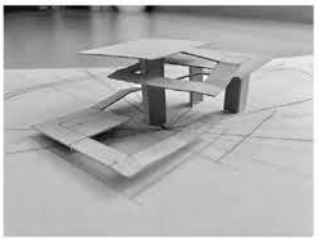


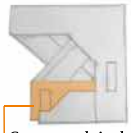


Comecei por dar seguimentos à ideia das plataformas do primeiro esboço, tendo em conta as novas direcções.

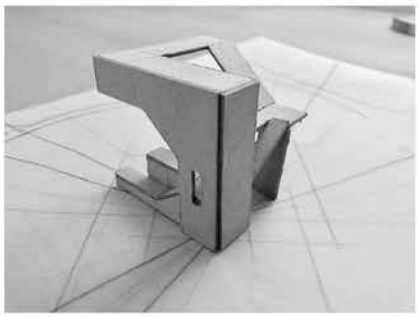
Estes mirantes situados em pontos estratégicos na morfologia do território, serão estruturas propostas e que pela sua situação irão integrar, transformar e marcar a topografia - reforçando a ideia de pertença a um lugar. Esta ideia de elementos relaciona-se também com a ideia dos "menires" que "(...) aparecem pela primeira vez na era neolítica e constituem os objetos mais simples e mais densos de significados de toda a Idade da Pedra. O seu seguimento representa a 1a acção humana de transformação física da paisagem". Estes espaços servem como lugares de en contro, repouso e contemplação da paisagem proporcionando uma nova circunstância urbana e potenciando uma nova experiência do lugar, "espaços para a espera, dispositivos visuais que nos prepararam para encontrar o outro. Cenários dispostos a favorecer a compreensão contemplativa do mundo (...)".







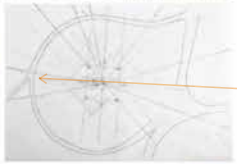
Com o evoluir do trabalho pensei que pudesse ser interessante se a estrutura fosse um percurso que ia subindo às diferentes cotas. A "parede" que criava esse percurso quando tocasse no **terreno** pudesse engrossar de modo a abarcar programa.

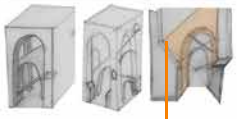












Posteriormente, ao desenhar o percurso e o mirante da Quinta da Graça, levou com que observa-se melhor os seus jardins. É interessante presenciar este volume encastrado no terreno que contém o desenho dos arcos de volta perfeita. Um deles encontra-se vedado, enquanto o outro serve de passagem, remetendo-me à ideia de molduras que poderiam enquadrar a paisagem. Como o percurso proposto pretende criar uma continuidade no seu todo, procurei redesenhar o mirante do alto do Caracol de Santa Catarina. Todavia, mantendo a ideia do percurso que sobe até revelar a panorâmica peculiar desta parte da cidade.

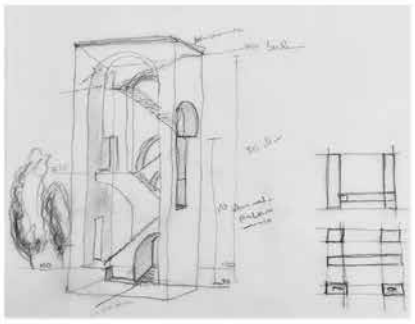








Segundo a grelha apresentada no esboço ao lado, a métrica da estrutura cria uma torre com 4 "pilares", nas quais surgiriam os vazios que enquadravam as diferentes paisagens. O percurso (à cota 0) que atravessa o volume pretendia marcar a entrada do complexo. Isto é, através do desenho dos arcos que afunilam a perspectiva a paisagem se parece-se um quadro para quem vêm de Linda-a-Velha. O percurso do mirante subiria no limite do volume, à excepção, de um momento a meio, em que o volume da escada irrompia de modo a acentuar o afunilamento da perspectiva.



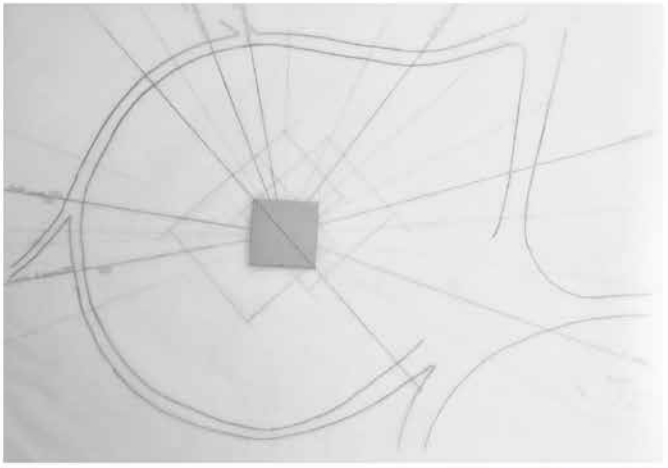


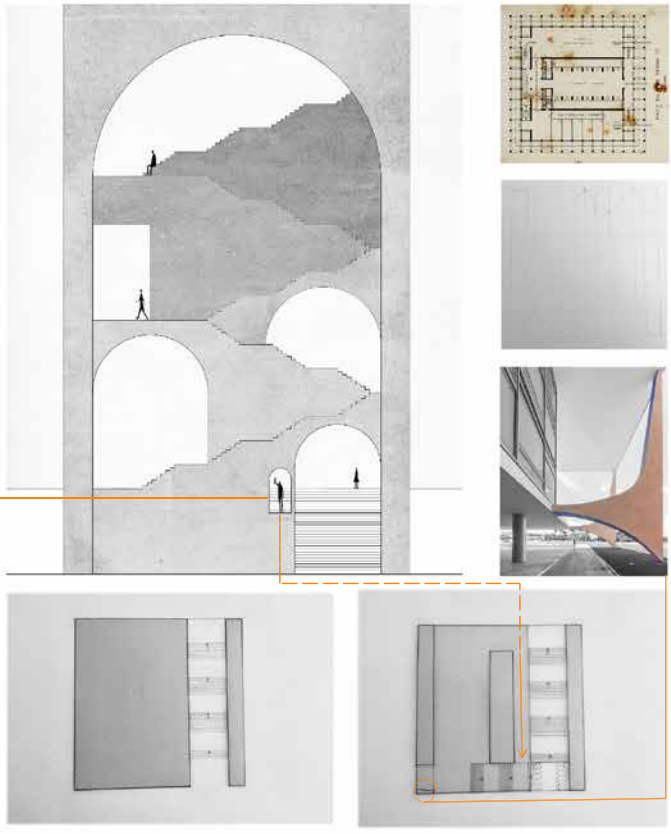
Todavia, o desenho do percurso com estes pressupostos criava intersecções pouco favoráveis. Assim sendo, inverti a lógica, deixando de ter o percurso no limite do entorno do volume passando para o centro deste.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

Stefani Roman

Esta semana procurei desenvolver melhor a estrutura já anteriormente apresentada. O primeiro desenho é referente à implantação deste objeto, que se encontra a 45º, segundo linha perpendicular do eixo da barra do Tejo. Este esboço da implantação serve também de base para o entendimento das ligações visuais que são cruciais para o desenho dos vazios que miram a paisagem. Por sua vez, também condicionam os alçados.



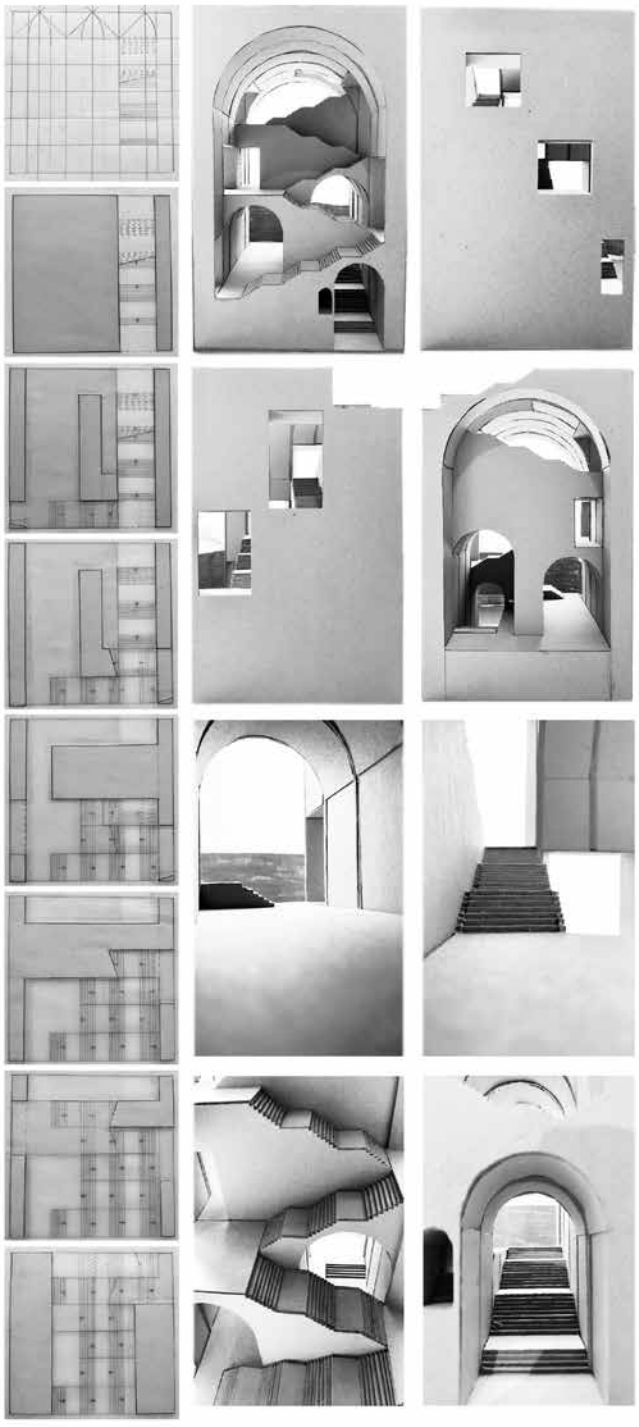


O desnível do terreno permite implantar o objeto semi-enterrado no seu embasamento que cria as escadarias representadas no esquiço e alçado. Esta escadaria que antes tinha a mesma mensão das outras, aumentou ocupando a área do retângulo de ouro, pois esta é a que faz a ligação direta entre a entrada do complexo e o percurso que leva ao moinho existente.
Já o desenho do "nicho" resultou da vontade de dar importância e focar o Farol do Esteiro. Apesar de ainda não estar resolvido, este percurso para o nicho poderia ser interessante nas percepções sensoriais provocadas. Isto é, o percurso além de ser mais estreito e limitar o espaço apenas para passagem, é também sombreado criando um ponto de luz (quase como a luz ao fundo do túnel). Á medida que nos aproximamos desse ponto de luz vai-se revelando a paisagem, e quando efetivamente chegamos ao fim pudemos ver o Farol.

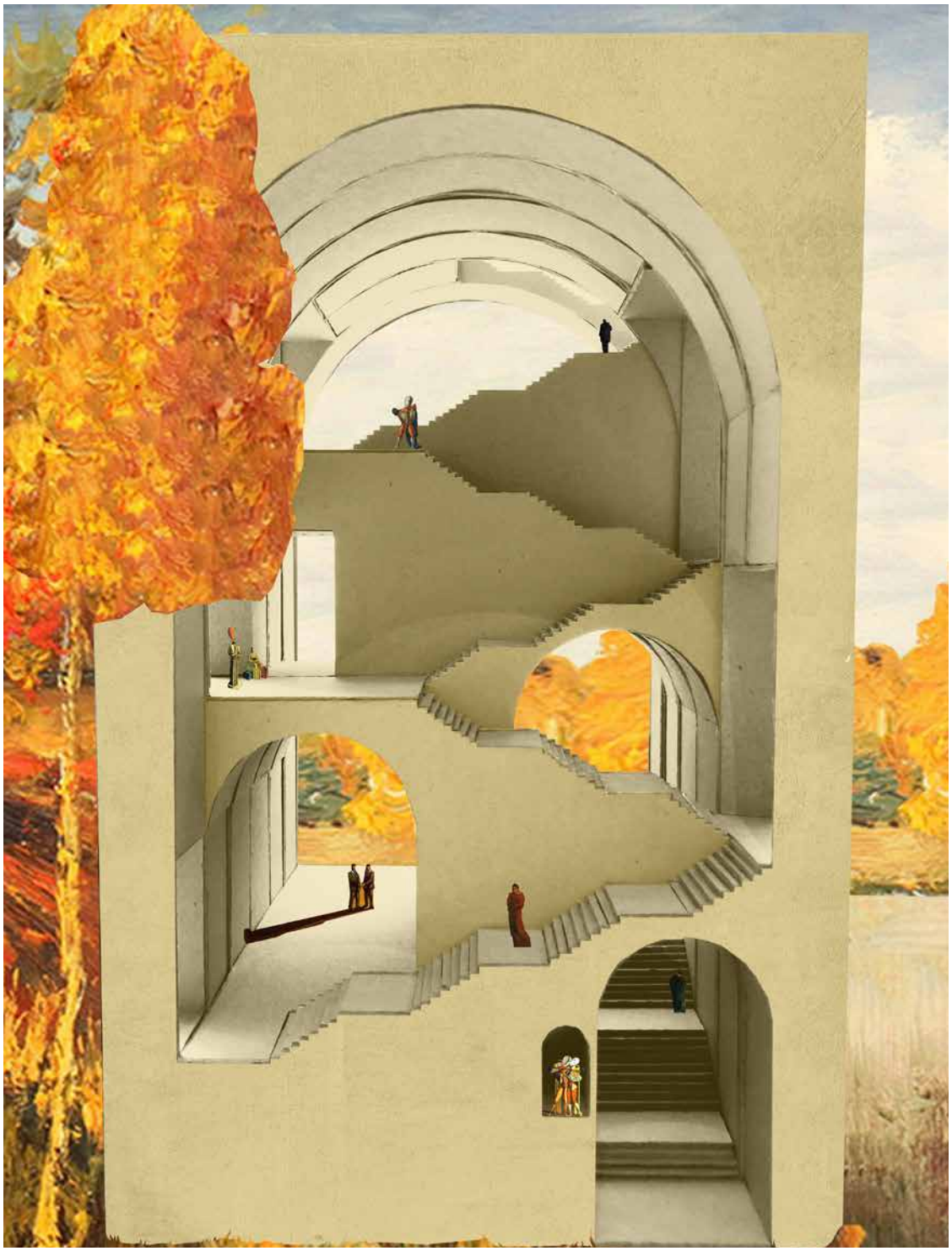
Tal como sugerido fui ver o projeto do "Palazzo della civiltà" que apesar de conhecer confesso que nunca olhei para este com olhos de ver. Por isso fui estudá-lo e achei fascinante a composição geométrica da sua estrutura, que por sua vez desenha os próprios espaços.
Isto fez-me pensar se a estrutura e o desenho do mirante não poderia também estar interligado. Assim sendo, desenvolvi a grelha do lado, em que cada quadrado têm 3,45 por 3,45. Este valor não é aleatório, mas o resultado final da compatibilização da grelha com a dimensão das escadas legalmente possíveis. Como pretendia que todo o desenho resultá-se desta geometria sem que fosse necessário delimitar paredes que ocupassem a dimensão da grelha, acabei por manipular o desenho utilizando o retângulo de ouro.

Apesar do desenho da estrutura não estar concluída, tenho pensado e pesquisado projetos que me pudessem ajudar. Neste caso, o desenho do pilar representado foi um debate interno, pois queria que o primeiro lance de escadas estivesse à face para não criar espaços intersticiais. Contudo, a passagem do percurso que liga à escada também teria que ficar à face fragilizando a percepção do arco maior que se vê no alçado (parecendo que levou uma dentada). Deste modo, fui ver o projeto "Palácio do Planalto" do Oscar Niemeyer que cria estes pilares "fictícios" em forma de seta, na qual o pilar estrutural encontra-se escondido dentro, podendo-se ver na base.
Assim sendo, desenhei o pilar da "parede" que quando encontra o vazio da passagem pudesse ser a mediação para as escadas.

Esta semana procurei desenvolver melhor a estrutura já anteriormente apresentada. Além dos desenhos elaborei uma maquete à escala 1:100 que posteriormente me permitiu observar diversos problema do projeto que terão que ser melhorados. Isto por exemplo, os vãos das fachadas por resultar da intersecção dos patamares e escadas estão metricamente desproporcionais.



A maquete permitiu resolver alguns problemas estruturais, nomeadamente os encontros entre os vãos propostos anteriormente que não possibilitavam a colocação de pilares. Deste modo, após falar com o Professor Resende percebi que era possível construir os pilares triângulares anterioemente apresentados. E assim sendo, a maquete serviu como método experimental do desenho dos respetivos pilares.

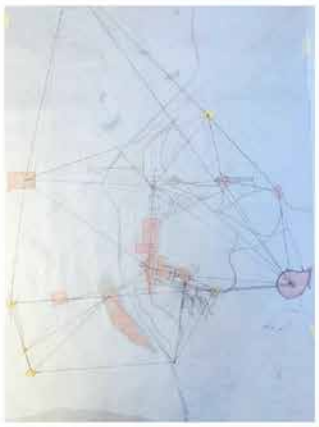


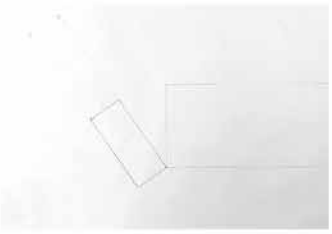
Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

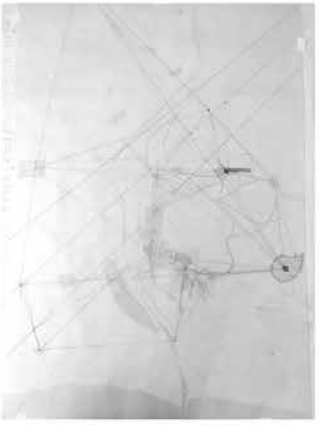
Stefani Roman

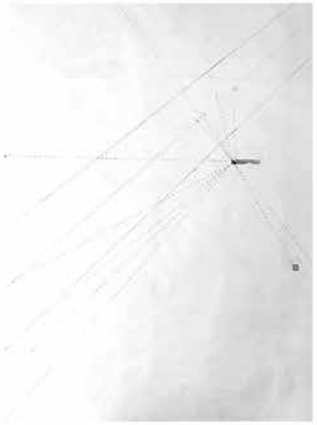
A narrativa que estes elementos criam no território procura oferecer uma nova visão sobre a paisagem, de modo a nos envolvermos nela, e potenciar a relação espacial do observador com a envolvente. Contudo o desenho deste sistema de miradouros propostos ao longo do Vale procura não só a leitura do contexto que se entende por "paisagem de hoje", mas correspondem a um resultado de uma investigação do "passado", das diferentes metamorfoses do território.

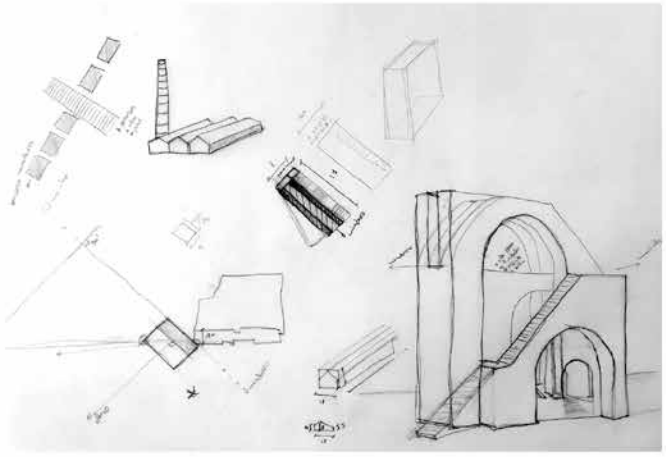
Nomeadamente, a re-ativação de espaços outrora importantes no contexto do Vale. Há uns dias, o professor perguntava-me quais os pontos que seriam intervencionados, pois alguns destes pontos já existem. Deste modo, a diferença cromática representa os amarelos enquanto pontos já existentes e a sépia, os que carecem de intervenção de modo a que se concretize esta constelação que através de diversos dispositivos permitem proporcionar experiências diferentes em cada perspetiva que o Vale oferec











Tenho desenvolvido este ponto, próximo à Carreira de Tiro, pois através da pesquisa das memórias descritivas do Jacobetty Rosa percebi que este espaço tinha grandes potêncialidades visuais. A sua **implantação** está mais uma vez relacionada com o eixo de entrada da Barra do rio Tejo, ou seja, resulta de traçados perpediculares a 35º em relação ao eixo. Os 35º estão também relacionados com o afinamento dos alinhamentos das perspetivas que se pretendem observar. Neste caso, tracei um eixo perpendicular que têm uma abertura equivalente que nos permite observar na mesma perspetiva o Alto de Santa Catarina e a Torre do Gonçalo Byrne. O percurso deste mirante é menos labirintico, mas procura que no topo da estrutura exista uma relação peculiar com o Estádio de Atletismo. Quase como um panorama que está diretamente alinhado com o Estádio.

Do Desenho Sentimental à "Platea Urbs"

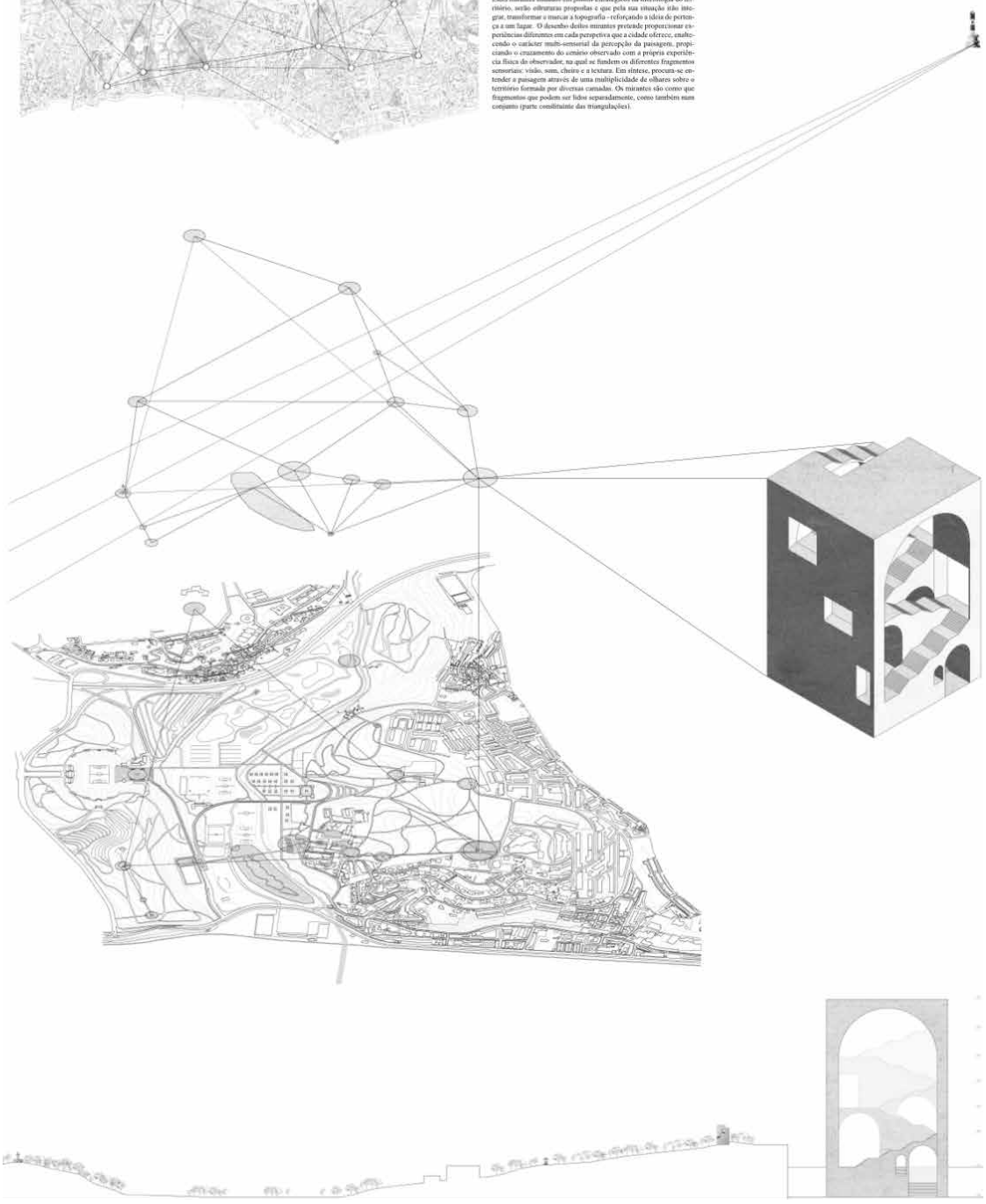
Stefani Roman

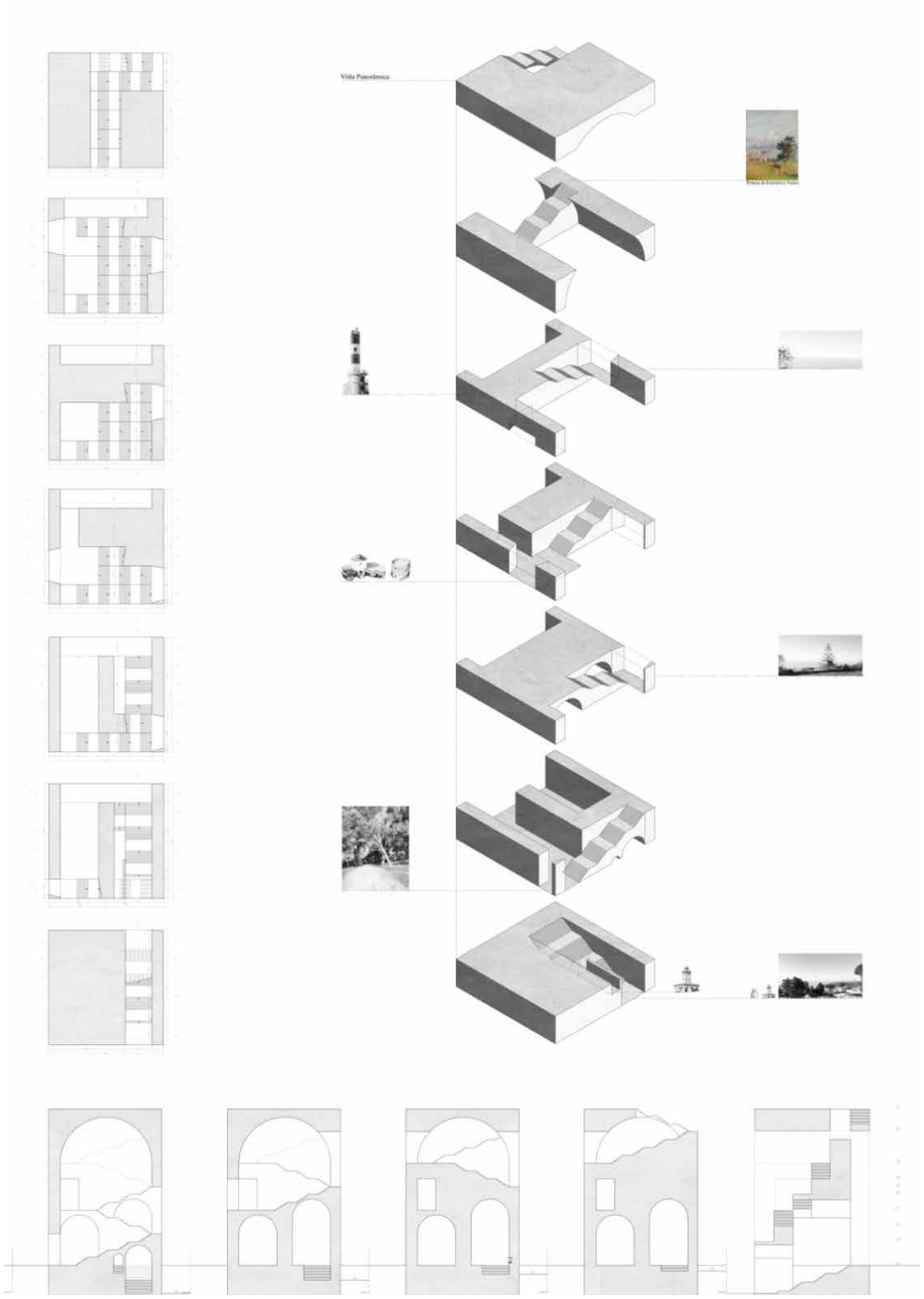


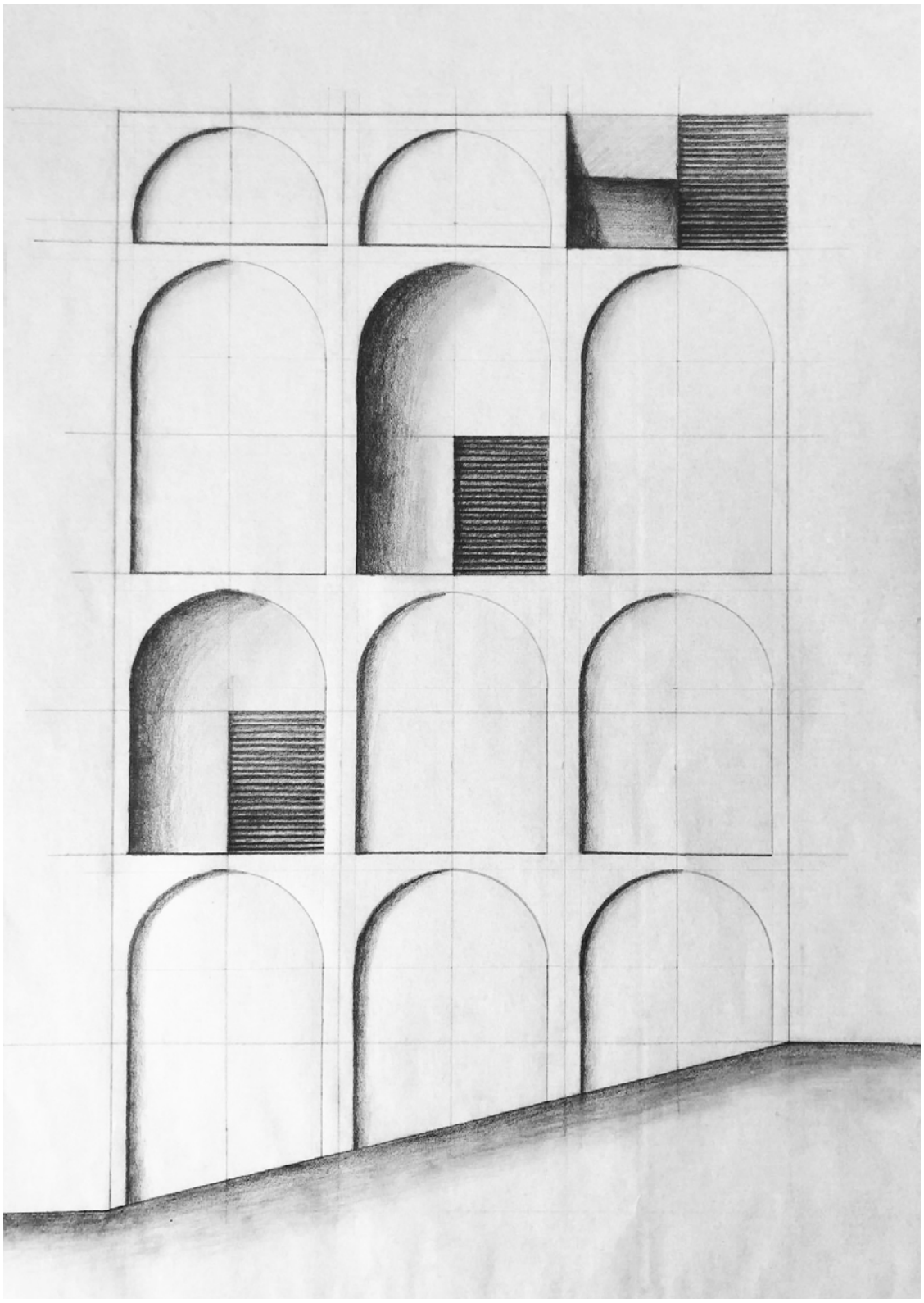
Com o intuito de desmantelar as barreiras que constringem o Complexo do Junor apresentadas no trabalho de grupo, e uma análise aprofundada da área de intervenção, escolheu-se como projeto a construção de miradouros ligados por percursos, como um sistema de cenários.

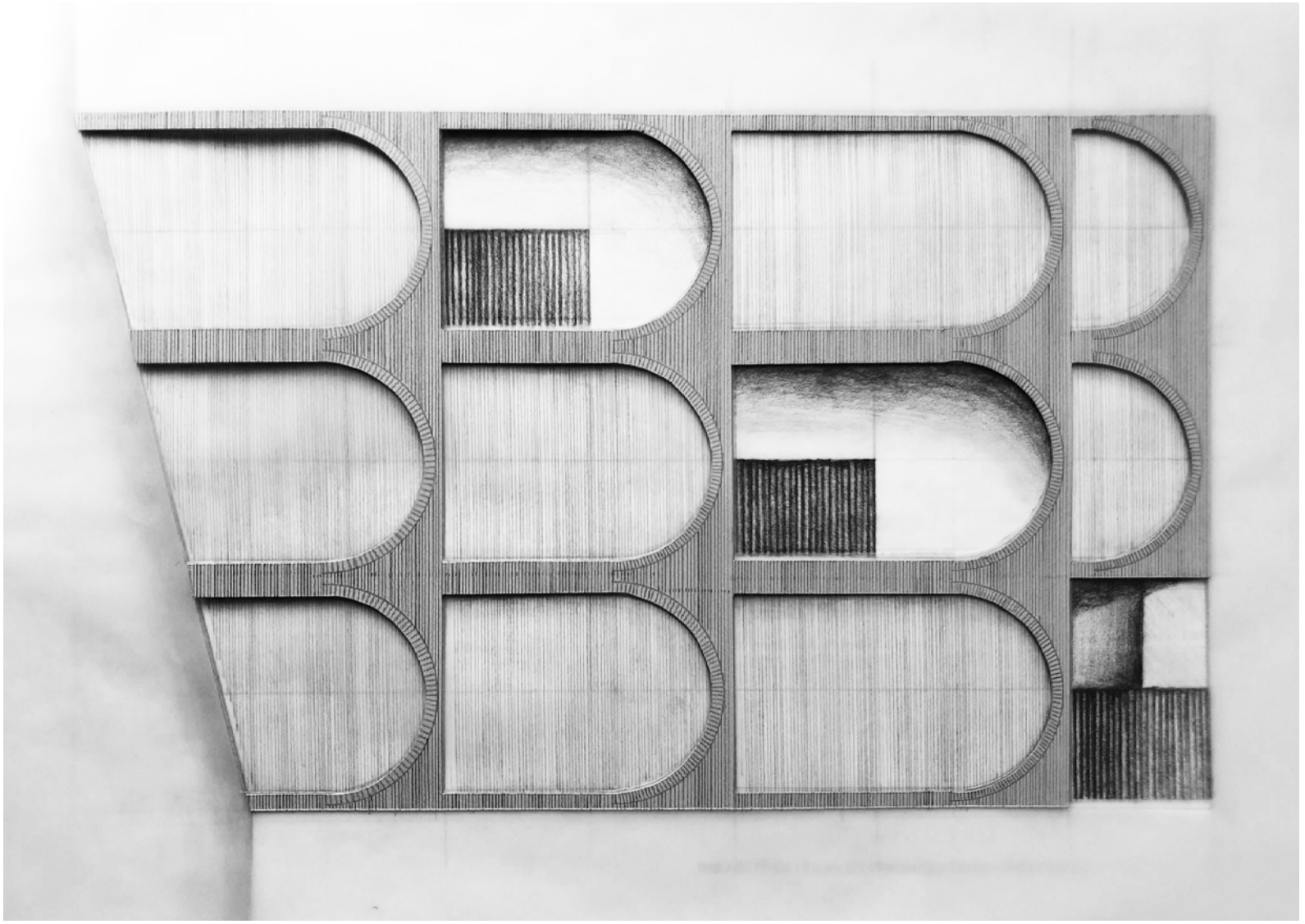
A proposta de intervenção está estritamente ligada às características muito peculiares do Vale do Junor, em relação à sua paisagem e topografia. Demarcaram-se os pontos altos das colinas que servem ou já serviram como pontos geodésicos, criando platôs que têm ligações visuais, nas quais os percursos são as ligações físicas dos mesmos, tal como se tratasse de uma conflelação tridimensional.

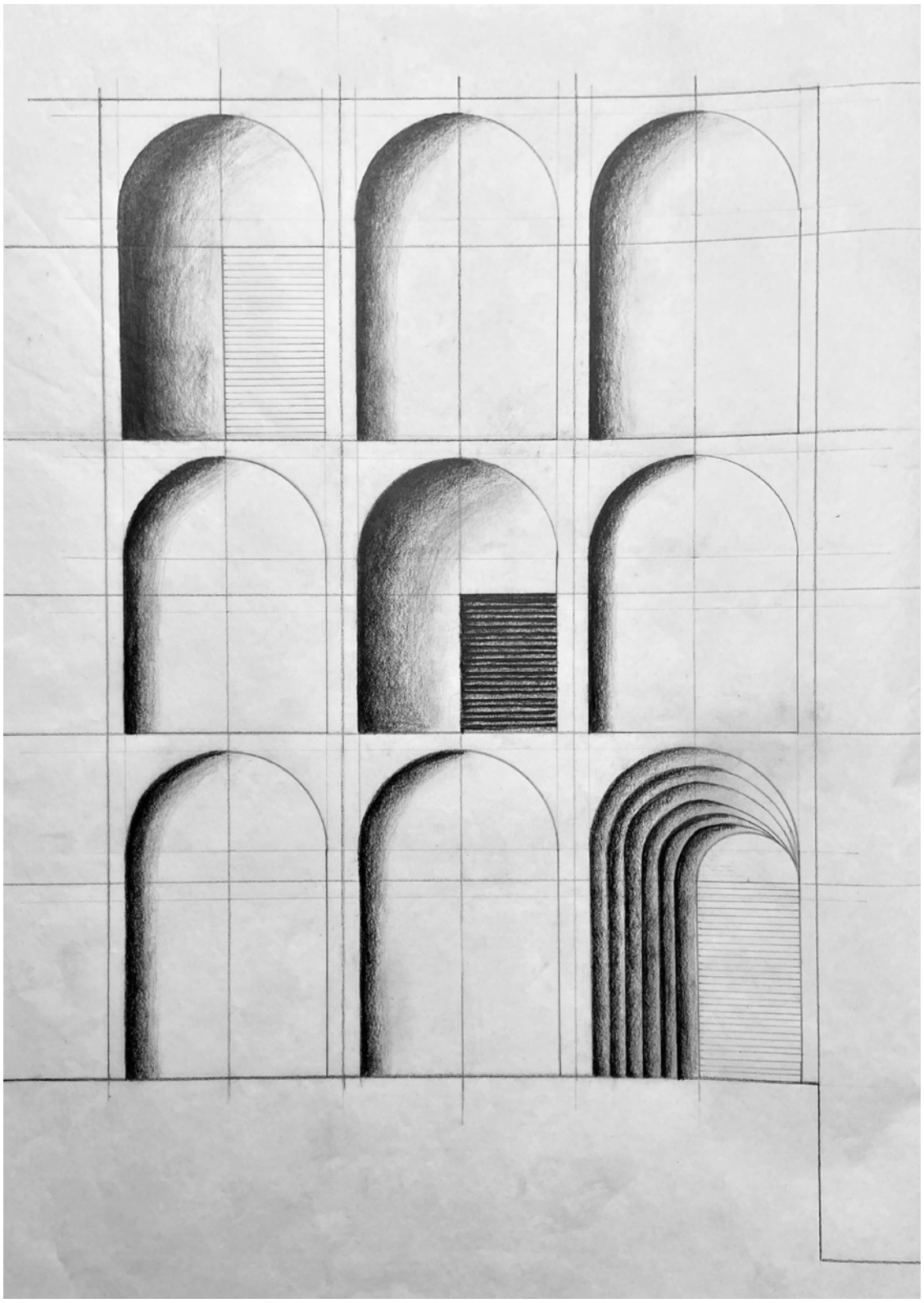
Estes miradouros situados em pontos estratégicos na morfologia do território, serão estruturas propostas e que pela sua situação irão integrar, transformar e marcar a topografia - reforçando a ideia de pertença a um lugar. O desenho destes miradouros pretende proporcionar experiências diferentes em cada perspetiva que a cidade oferece, enaltecendo o caráter multi-sensorial da perceção da paisagem, propiciando o cruzamento do cenário observado com a própria experiência física do observador, na qual se fundem os diferentes fragmentos sensoriais: visão, som, cheiro e a textura. Em síntese, procura-se entender a paisagem através de uma multiplicidade de olhares sobre o território formada por diversas camadas. Os miradouros são como que fragmentos que podem ser lidos separadamente, como também num conjunto (parte constituinte das triangulações).

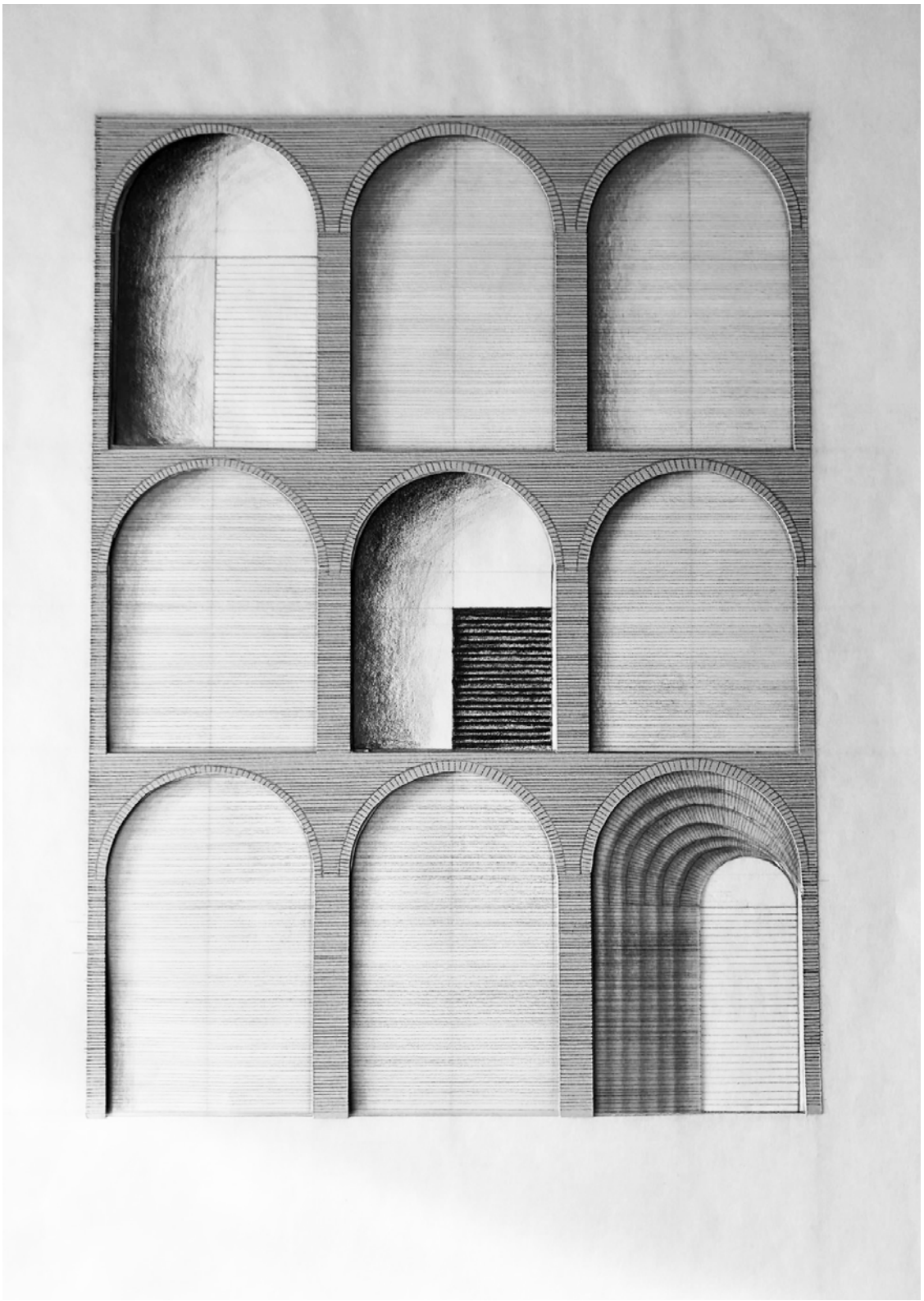



Vista Panorâmica

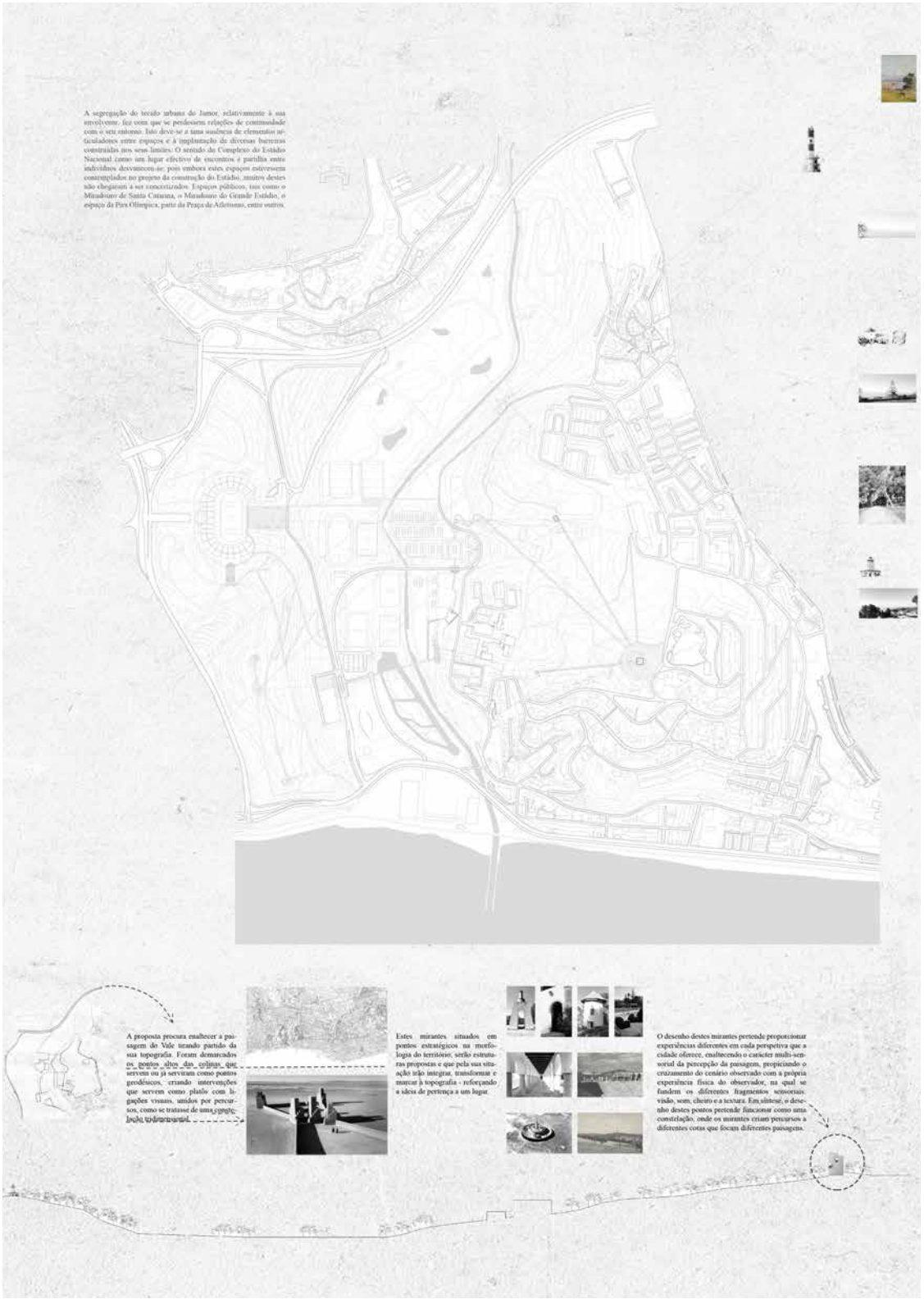









DO DESENHO SENTIMENTAL À "PLATEA URBS"
STEFANI MIHAELA ROMAN
JOGOS OLÍMPICOS | LISBOA 2020
No âmbito da Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura, no presente ano letivo de 2019/2020, do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, e com base num enquadramento teórico de realização dos Jogos Olímpicos 2020 nesta cidade, foi solicitado a adequação do Complexo atual do Jamor a este novo pressuposto. A abordagem em grupo procurou não só responder a uma estratégia para os Jogos Olímpicos, mas principalmente no que aconteceria no pós-jogos.
O desenho destas acessibilidades pretende vencer as barreiras que confinam os terrenos do Complexo do Estádio Nacional (delimitados a norte pela auto-estrada (A5), a sul pela estrada marginal e linha férrea, e a oeste, a estrada de ligação entre a A5 e a marginal), permitindo que o Complexo seja parte constituinte da cidade. Assinalaram-se as escolas existentes no bairro e desenharam-se uma série de percursos pedonais concêntricos que procuram desbloquear as barreiras existentes. Estes percursos estão conectados ao eixo verde-azul e a uma nova circulação de vai-e-vem. As novas interfaces com as referidas instituições e bairros permitirão que os equipamentos do complexo possam ser por eles utilizados.
Golfe
Rugby
Ténis
Tiro
Atletismo | Futebol
Badminton
Skate
Natação | Saltos para a água | Natação sincronizada
Centro Médico de Reabilitação Desportiva


A segregação do tecido urbano do Jamor, relativamente à sua envolvente, fez com que se perdessem relações de continuidade com o seu entorno. Isto deve-se a uma sucessão de elementos articuladores entre espaços e à implantação de diversas barreiras construídas nos seus limites. O sentido do Complexo do Estádio Nacional como um lugar efectivo de encontros e partilha entre indivíduos desvaneceu-se, pois embora estes espaços estivessem contemplados no projeto da construção do Estádio, muitos destes não chegaram a ser concretizados. Espaços públicos, tais como o Miradouro de Santa Catarina, o Miradouro do Grande Estádio, o espaço da Pira Olímpica, parte da Praça de Atletismo, entre outros.
A proposta procura enaltecer a paisagem do Vale tirando partido da sua topografia. Foram demarcados os pontos altos das colinas que servem ou já serviram como pontos geodésicos, criando intervenções que servem como plataforma com as gerações visuais, unidos por percursos, como se tratasse de uma constelação tridimensional.
Estes mirantes situados em pontos estratégicos na morfologia do território, serão estruturas propostas e que pela sua situação irão integrar, transformar e marcar a topografia - reforçando a ideia de pertença a um lugar.
O desenho destes mirantes pretende proporcionar experiências diferentes em cada perspetiva que a cidade oferece, enaltecendo o caracter multi-sensorial da percepção da paisagem, propiciando o cruzamento do cenário observado com a própria experiência física do observador, na qual se fundem os diferentes fragmentos sensoriais: visão, som, cheiro e a textura. Em síntese, o desenho destes pontos pretende funcionar como uma constelação, onde os mirantes eram percursos a diferentes cotas que focam diferentes paisagens.

